

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

STELLA FERREIRA GONTIJO

***MILITANTES QUE SON MUJERES: MARGARET RANDALL, PRODUÇÃO  
INTELECTUAL E O TESTEMUNHO DAS CUBANAS E NICARAGUENSES EM  
CONTEXTOS REVOLUCIONÁRIOS***

BELO HORIZONTE, MINAS GERAIS

2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

STELLA FERREIRA GONTIJO

***MILITANTES QUE SON MUJERES: MARGARET RANDALL, PRODUÇÃO  
INTELECTUAL E O TESTEMUNHO DAS CUBANAS E NICARAGUENSES EM  
CONTEXTOS REVOLUCIONÁRIOS***

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em  
História da Universidade Federal de Minas Gerais, como  
requisito parcial para obtenção do título de Doutora em  
História.

Orientadora: Profa. Dra. Adriane Vidal Costa

BELO HORIZONTE, MINAS GERAIS

2025

|       |                                                                                                                                                                                                                                                              |
|-------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 907.2 | Gontijo, Stella Ferreira.                                                                                                                                                                                                                                    |
| G641m | Militantes que son mujeres [recurso eletrônico] : Margaret Randall, produção intelectual e o testemunho das cubanas e nicaraguenses em contextos revolucionários / Stella Ferreira Gontijo. - 2025.                                                          |
| 2025  | 1 recurso online (525 f. : il.): pdf.<br>Orientadora: Adriane Vidal Costa.                                                                                                                                                                                   |
|       | Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.<br>Inclui bibliografia                                                                                                                                   |
|       | 1. História – Teses. 2. Feminismo - Teses. 3. Randall, Margaret, 1936-. 4. Mulheres – América Latina – Condições sociais - Teses. I. Costa, Adriane Vidal. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título. |



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

### **FOLHA DE APROVAÇÃO**

**"Milитantes que son mujeres: Margaret Randall, produção intelectual e o testemunho das cubanas e nicaraguenses em contextos revolucionários"**

**Stella Ferreira Gontijo**

Tese aprovada pela banca examinadora constituída pelos Professores:

Profa. Dra. Adriane Aparecida Vidal Costa - Orientadora  
UFMG

Profa. Dra. Tereza Maria Spyer Dulci  
UFOP

Profa. Dra. Maria da Glória de Oliveira  
UFRRJ

Profa. Dra. Elisa de Campos Borges  
UFF

Profa. Dra. Elizabeth Quay Hutchison  
University of New Mexico

Belo Horizonte, 30 de junho de 2025.





Documento assinado eletronicamente por **Maria da Gloria de Oliveira, Usuário Externo**, em 04/08/2025, às 11:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **Elisa de Campos Borges, Usuária Externa**, em 04/08/2025, às 15:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **Tereza Maria Spyer Dulci, Usuária Externa**, em 05/08/2025, às 11:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **Elizabeth Quay Hutchison, Usuária Externa**, em 11/08/2025, às 14:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **Adriane Aparecida Vidal Costa, Professora do Magistério Superior**, em 18/08/2025, às 08:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **4313992** e o código CRC **A4298852**.

---

*Para minha mãe e meu pai.*

*Para Nalu Faria e todas as mulheres latino-americanas, que lutam.*

## AGRADECIMENTOS

Primeiro, agradeço aos meus pais, Adriana e Adelmo, pela dedicação, zelo, cuidado e amor, que atravessam toda minha existência. São eles os maiores responsáveis por eu ter chegado até aqui. Foram eles que forneceram as condições emocionais, afetivas e materiais para essa travessia. E com eles compartilho este título.

Em segundo lugar, agradeço à Universidade pública, gratuita e de qualidade. Agradeço ao CNPq e ao governo brasileiro, por ter financiado quatro anos do meu trabalho. Àqueles/as lutadoras que defendem um país justo, soberano, democrático e livre. Ser pesquisadora no Brasil é um desafio e uma luta constante, por financiamento e reconhecimento pelo trabalho feito. Essa condição se potencializa quando se trata de pesquisa em humanidades e trabalhadoras da educação. Essa tese sobreviveu a uma pandemia e a um governo genocida, inimigo da ciência, da educação e da Universidade pública. Foi enquanto realizávamos essa pesquisa que passamos pelas eleições que, para minha geração, foi a eleição das nossas vidas, em que defendemos e reafirmamos a vida, a liberdade, a democracia e a soberania popular. Essas questões me atravessam enquanto sujeito e pesquisadora, e permeiam a tese, é o que me instiga enquanto historiadora comprometida com esses valores democráticos, do fazimento de uma pesquisa socialmente referenciada.

Por isso, agradeço a ANPG e a APG-UFMG, bem como meus companheiros e companheiras de jornada, pela oportunidade em ter dedicado parte da minha trajetória na pós-graduação à defesa das cientistas e pesquisadoras do nosso país, que deve ser pública, para que seja autônoma e soberana, para que esteja a serviço dos interesses do povo brasileiro, latino-americano e subalternizados de todo mundo. Aos meus companheiros e companheiras da Democracia Socialista (PT), da Marcha Mundial das Mulheres e da Casa Socialista, com quem compartilho os sonhos e lutas de outro mundo possível, agradeço por me manterem ativa, consciente e organizada coletivamente.

Agradeço a minha orientadora, mestra, exemplo de profissional e amiga, profa. Dra. Adriane Vidal Costa, pela parceria acadêmica e profissional, pelo zelo e dedicação à docência, pelo compromisso com a História, por ter me formado historiadora e professora, pelo compromisso com o meu desenvolvimento enquanto pesquisadora e com a qualidade da minha tese.

Agradeço a profa. dra. Elisa de Campos Borges por ter me orientado no mestrado e por, a partir daí, ter seguido ao meu lado nos tortuosos caminhos da pós-graduação, pelo exemplo de profissional, pela contribuição na avaliação final desta tese. Às professoras Maria da Glória

Oliveira e Tereza Maria Spyer Dulci agradeço pela disponibilidade e contribuições generosas e inspiradoras ao meu trabalho. Pelo exemplo agradeço a profa. dra. Kátia Baggio e ao prof. dr. Luiz Arnaut. Ao prof. dr. Luiz Henrique Assis Garcia, agradeço por ter sido meu primeiro orientador de iniciação científica, por ter me escutado e reafirmado a necessidade em seguir. À profa dra. Elizabeth Quay Hutchison, pela acolhida e generosa dedicação ao meu processo de pesquisa arquivístico, por ter me aberto as portas para outros olhares historiográficos e pela dedicação na etapa final de avaliação da tese. À Fulbright por ter financiado meu período de pesquisa sanduíche nos Estados Unidos. À UNM pela preservação dos acervos, incluindo toda equipe profissional do departamento de história e do CSWR. À Margaret Randall pelo trabalho de uma vida e pela disponibilidade e generosidade em me receber.

Ao meu grupo de pesquisa “História Intelectual: práticas, narrativas e circulação de ideias”, agradeço pelo espaço de troca e aprendizagem permanente. Aos meus colegas, agradeço em nome de Taciana Garrido e Isadora Vivacqua, que compartilharam comigo esse caminho de doutoramento. Agradeço ao NESTH e ao CERBRAS, em nome do prof. Dr. Juarez Guimarães, prof. Dr. Carlos Roberto Horta e a profa. Me. Flávia Assis, pela possibilidade em completar o tripé da extensão como fundamento da Universidade pública. Agradeço às minhas amigas doutoras Cristiane Ribeiro e Clarisse Paradis, por serem parceiras na vida e na produção acadêmica, nos debates sobre gênero e nas acolhidas do cotidiano.

Agradeço ao Estevão Cruz, meu companheiro, por partilhar da vida, por me instigar à inquietação, por celebrar as conquistas e dividir os desafios. À minha irmã Bárbara por tentar entender e me sugerir outras métricas para a vida. À Rita e Luísa eu agradeço por me lembrarem sempre que a vida é boa, bonita e vale a pena. Às minhas amigas de Bom Despacho por manterem as origens e as essências. Às amigas da História – Daniela Chain, Luiza Campana, Isabela Dornelas, Gabryel Real, Maira Nascimento, Ana Murta, Laura Jamal – pela amizade. Às minhas amigas/os do Rio – Luzia, Juja, Martina, Barroso, Vivalde – pelo lugar de fuga e segurança. Agradeço à Ana Flávia Matos Freire, com quem dividi a vida por uma gestação de nove meses, repartindo os perrengues e as alegrias de viver em outro país, com quem aprendi e dividi tanto. Uma tese só é escrita com muitas mãos e cada uma dessas foram fundamentais. Em especial, agradeço as mulheres, as historiadoras e educadoras, que passaram e permaneceram em meu caminho.

“Sem polícia, nem a milícia, nem feitiço, cadê poder?  
Viva a preguiça, viva a malícia que só a gente é que sabe ter  
Assim dizendo a minha utopia eu vou levando a vida  
Eu vou viver bem melhor. Doido pra ver o meu sonho teimoso, um dia se realizar.”  
(Milton Nascimento e Fernando Brant)

*No hay “post” ni “pre” en una visión de la historia que no es lineal ni teleológica, que se mueve en ciclos y espirales, que marca un rumbo sin dejar de retornar al mismo punto.*

Silvia Cusicanqui

*Aqui a descolonização refere-se ao rompimento com as formas pelas quais nossa realidade é definida e moldada pela cultura dominante, afirmando nosso entendimento dessa realidade e de nossa própria experiência.*

bell hooks

*É partindo dessa experiência de ser descendente de um povo desumanizado, submetido à servidão e à negação de si mesmo, que tentarei responder as perguntas que coloco ao feminismo regional.*

Yuderkys Espinosa Miñoso

## RESUMO

Na investigação desta tese, objetivamos analisar as vozes das mulheres latino-americanas em contextos revolucionários, a partir dos testemunhos coletados pela poeta, intelectual e ativista estadunidense Margaret Randall em Cuba e Nicarágua, entre 1972 e 1984. Como fonte, foram analisados seus livros de testemunho; publicações de opinião em livros, jornais e revistas; depoimentos transcritos em jornais e revistas; os números 22, 23, 28, 29, 30 e 31 da revista mexicana bilíngue *El Corno Emplumado/The plumed horn* (1962-1969); os dois livros de memórias da autora, *I never left home* (2020) e *My life in 100 objects* (2020); entrevistas disponíveis em diferentes plataformas digitais; e três entrevistas realizadas com Randall pela autora da tese, entre agosto de 2023 e maio de 2024, que ocorreram na casa da estadunidense em Albuquerque, no Novo México (EUA). Grande parte do material utilizado encontra-se disponível no *Margaret Randall Papers Archive*, localizado no *Center for Southwest Research* (CSWR), na Universidade do Novo México (EUA). Para alcançar nossos objetivos, fundamentamos nossa pesquisa na metodologia da História Intelectual, das/os Intelectuais, incluindo uma visão das redes intelectuais em perspectiva transnacional. A tese também se assenta no prisma teórico-metodológico dos Estudos de Gênero e da Teoria Decolonial como alternativas contra-hegemônicas para investigar os contextos revolucionários cubano e sandinista, apoiando-nos no feminismo como categoria de análise útil para observarmos e refletirmos a respeito dos referidos processos, tensionando com uma historiografia dos feminismos e das revoluções latino-americanas. Iniciamos esta tese com a análise da trajetória de vida e intelectual de Randall, com especial atenção ao período em que viveu e atuou política, artística e intelectualmente na América Latina, entre os anos de 1962 e 1984. A compreensão de sua conduta como uma intelectual mediadora e transnacional, somada à sua percepção a respeito de sua ação pública enquanto tal, foi o olhar pelo qual observamos sua síntese sobre a situação da mulher latino-americana. A partir dessas questões e dos depoimentos, questionamos a narrativa de “ondas” do movimento feminista. A investigação se debruçou sobre compreender a forma como Randall: utilizou o *testimonio* como veículo; desenvolveu uma metodologia e dotou de sentido seu trabalho com a oralidade; dialogou com um contexto mais amplo de produção testemunhal na América Latina. Essas questões são fundantes do olhar investigativo que lançamos ao interpretar os testemunhos das mulheres latino-americanas registrados por Randall, com o objetivo de identificar a forma como se deu a participação militante, de formulação política e intelectual das cubanas e nicaraguenses, nos processos insurrecionais de seus respectivos países. Os pontos centrais analisados foram: como se deu essa integração e participação feminina latino-americana na luta armada e política; qual agenda revolucionária defendiam no processo de construção da “nova sociedade”; qual projeto de revolução defendiam; quais relações estabeleceram com as organizações e governos revolucionários, e com seus líderes. Esses pontos foram observados desde o tensionamento com um debate feminista enunciado desde o Norte global, na segunda metade do século XX; e refletindo sobre o impacto dos contextos revolucionários na vida das mulheres cubanas e nicaraguenses.

**Palavras-chave:** Margaret Randall; Testemunhos; Feminismos; Estudos de Gênero; Revolução Cubana; Revolução Sandinista.

## ABSTRACT

In this dissertation, we aim to analyze the voices of Latin American women in revolutionary contexts through the testimonies collected by the U.S. poet, intellectual, and activist Margaret Randall in Cuba and Nicaragua between 1972 and 1984. As sources, we examined her testimonial books; opinion pieces published in books, newspapers, and magazines; testimonies transcribed in newspapers and magazines; issues 22, 23, 28, 29, 30 and 31 of the bilingual Mexican magazine *El Corno Emplumado/The Plumed Horn* (1962–1969); Randall’s two memoirs, *I Never Left Home* (2020) and *My Life in 100 Objects* (2020); interviews available on several digital platforms; and three interviews conducted by the author of this dissertation with Randall between August 2023 and May 2024 at her home in Albuquerque, New Mexico (USA). A significant portion of the material consulted is available at the *Margaret Randall Papers Archive* at the *Center for Southwest Research* (CSWR), at the University of New Mexico (USA). In order to achieve our objectives, our research relies on the methodology of Intellectual History and the History of Intellectuals, including a view of intellectual networks from a transnational perspective. Yet, this dissertation is also based on the theoretical and methodological frameworks of Gender Studies and Decolonial Theory as counter-hegemonic alternatives to investigate the Cuban and Sandinista revolutionary contexts, relying on feminism as a useful analytical category to observe and reflect upon these processes, engaging with the historiography of feminisms and Latin American revolutions. We began this dissertation with an analysis of Randall’s personal and intellectual trajectory, with special attention to the period in which she lived and worked politically, artistically, and intellectually in Latin America between 1962 and 1984. The understanding of her role as a transnational mediating intellectual, along with her perception regarding her public action as such, was the perspective through which we observed her synthesis on the situation of Latin American women. From these questions and the testimonies, we question the “waves” narrative in feminist historiography. This research focuses on understanding how Randall: used testimonio as a vehicle; developed a methodology and gave meaning to her work with orality; and engaged with a broader context of testimonial production in Latin America. These issues are foundational to the interpretive lens through which we analyzed the testimonies of Latin American women recorded by Randall, with the goal of identifying how Cuban and Nicaraguan women participated militantly in the political and intellectual formulation in the insurrectionary processes of their respective countries. The central points analyzed were: how this integration and participation of Latin American women in armed and political struggle happened; what revolutionary agenda they defended in the process of constructing a “new society”; what project of revolution they supported; what relationship they established with revolutionary organizations and governments, and their leaders. These points were observed since the tension with a feminist debate enunciated from the global North in the second half of the twentieth century; and reflecting on the impact of revolutionary contexts on the lives of Cuban and Nicaraguan women.

**Keywords:** Margaret Randall; Testimonies; Feminisms; Gender Studies; Cuban Revolution; Sandinista Revolution.

## RESUMEN

En la investigación de esta tesis, nos proponemos analizar las voces de las mujeres latinoamericanas en contextos revolucionarios, a partir de los testimonios recopilados por la poeta, intelectual y activista estadounidense Margaret Randall en Cuba y Nicaragua, entre 1972 y 1984. Como fuente, se analizaron sus libros de testimonio; publicaciones de opinión en libros, periódicos y revistas; declaraciones transcritas en periódicos y revistas; los números 22, 23, 28, 29, 30 y 31 de la revista mexicana bilingüe *El Corno Emplumado/The Plumed Horn* (1962-1969); los dos libros de memorias de la autora, *I never left home* (2020) y *My life in 100 objects* (2020); entrevistas disponibles en diferentes plataformas digitales; y tres entrevistas realizadas con Randall por la autora de la tesis, entre agosto de 2023 y mayo de 2024, que tuvieron lugar en la casa de la estadounidense en Albuquerque, Nuevo México (EE. UU.). Gran parte del material utilizado se encuentra disponible en el *Margaret Randall Papers Archive*, ubicado en el *Center for Southwest Research* (CSWR), en la *Universidad de Nuevo México* (EE. UU.). Para alcanzar nuestros objetivos, fundamentamos nuestra investigación en la metodología de la Historia Intelectual, de las/os Intelectuales, incluyendo una mirada a las redes intelectuales en perspectiva transnacional. La tesis también se sustenta en el prisma teórico-metodológico de los Estudios de Género y de la Teoría Decolonial como alternativas contrahegemónicas para investigar los contextos revolucionarios cubano y sandinista, apoyándonos en el feminismo como categoría de análisis útil para observar y reflexionar sobre dichos procesos, en tensión con una historiografía de los feminismos y de las revoluciones latinoamericanas. Iniciamos esta tesis con el análisis de la trayectoria de vida e intelectual de Randall, con especial atención al período en que vivió y actuó política, artística e intelectualmente en América Latina, entre 1962 y 1984. La comprensión de su conducta como una intelectual mediadora y transnacional, sumada a su percepción respecto a su acción pública en tanto tal, fue la perspectiva desde la cual observamos su síntesis sobre la situación de la mujer latinoamericana. A partir de estas cuestiones y de los testimonios, cuestionamos la narrativa de las “olas” del movimiento feminista. La investigación se centró en comprender la forma en que Randall: utilizó el testimonio como vehículo; desarrolló una metodología y dotó de sentido su trabajo con la oralidad; dialogó con un contexto más amplio de producción testimonial en América Latina. Estas cuestiones son fundantes de la mirada investigativa que adoptamos al interpretar los testimonios de las mujeres latinoamericanas registrados por Randall, con el objetivo de identificar la manera en que se dio la participación militante, de formulación política e intelectual de cubanas y nicaragüenses, en los procesos insurreccionales de sus respectivos países. Los puntos centrales analizados fueron: cómo se dio esa integración y participación femenina latinoamericana en la lucha armada y política; qué agenda revolucionaria defendían en el proceso de construcción de la “nueva sociedad”; qué proyecto de revolución sostenían; qué relaciones establecieron con las organizaciones y gobiernos revolucionarios, y con sus líderes. Estos puntos fueron observados desde el tensionamiento con un debate feminista enunciado desde el Norte global, en la segunda mitad del siglo XX; y reflexionando sobre el impacto de los contextos revolucionarios en la vida de las mujeres cubanas y nicaragüenses.

**Palabras clave:** Margaret Randall; Testimonios; Feminismos; Estudios de Género; Revolución Cubana; Revolución Sandinista.



## RÉSUMÉ

Dans la recherche de cette thèse, nous nous proposons d'analyser les voix des femmes latino-américaines dans des contextes révolutionnaires, à partir des témoignages recueillis par la poète, intellectuelle et activiste états-unienne Margaret Randall à Cuba et au Nicaragua, entre 1972 et 1984. Comme sources, ont été analysés ses livres de témoignage ; des publications d'opinion dans des livres, journaux et revues ; des déclarations transcrites dans des journaux et revues ; les numéros 22, 23, 28, 29, 30 et 31 de la revue mexicaine bilingue *El Corno Emplumado/The Plumed Horn* (1962-1969) ; les deux livres de mémoires de l'auteure, *I never left home* (2020) et *My life in 100 objects* (2020) ; des entretiens disponibles sur différentes plateformes numériques ; ainsi que trois entretiens réalisés avec Randall par l'auteure de la thèse, entre août 2023 et mai 2024, qui ont eu lieu au domicile de l'écrivaine à Albuquerque, au Nouveau-Mexique (États-Unis). Une grande partie du matériel utilisé se trouve dans *le Margaret Randall Papers Archive*, situé au *Center for Southwest Research* (CSWR), à l'*Université du Nouveau-Mexique* (États-Unis). Afin d'atteindre nos objectifs, nous avons fondé notre recherche sur la méthodologie de l'Histoire intellectuelle, des intellectuel·le·s, en incluant une réflexion sur les réseaux intellectuels dans une perspective transnationale. La thèse s'appuie également sur le prisme théorico-méthodologique des Études de genre et de la Théorie décoloniale, envisagées comme des alternatives contre-hégémoniques pour interroger les contextes révolutionnaires cubain et sandiniste. Nous nous appuyons sur le féminisme en tant que catégorie d'analyse permettant d'observer et de réfléchir sur ces processus, tout en dialoguant de manière critique avec une historiographie des féminismes et des révolutions latino-américaines. Nous commençons cette thèse par l'analyse de la trajectoire de vie et intellectuelle de Randall, en portant une attention particulière à la période durant laquelle elle a vécu et agi politiquement, artistiquement et intellectuellement en Amérique latine, entre 1962 et 1984. La compréhension de sa conduite en tant qu'intellectuelle médiatrice et transnationale, conjuguée à sa perception de son action publique en tant que telle, a constitué l'angle à partir duquel nous avons observé sa synthèse sur la condition des femmes latino-américaines. À partir de ces éléments et des témoignages, nous remettons en question la narration des « vagues » du mouvement féministe. L'enquête s'est attachée à comprendre la manière dont Randall : a utilisé le testimonio comme vecteur ; a développé une méthodologie et donné sens à son travail sur l'oralité ; a dialogué avec un contexte plus large de production testimoniale en Amérique latine. Ces enjeux constituent les fondements du regard investigatif que nous avons adopté pour interpréter les témoignages des femmes latino-américaines recueillis par Randall, dans le but d'identifier la façon dont s'est réalisée la participation militante, de formulation politique et intellectuelle des Cubaines et des Nicaraguayennes dans les processus insurrectionnels de leurs pays respectifs. Les points centraux analysés ont été : comment s'est opérée cette intégration et participation féminine latino-américaine dans la lutte armée et politique ; quel agenda révolutionnaire elles défendaient dans le processus de construction de la « nouvelle société » ; quel projet de révolution elles soutenaient ; quelles relations elles ont établies avec les organisations et gouvernements révolutionnaires, ainsi qu'avec leurs dirigeants. Ces aspects ont été examinés en relation avec les tensions suscitées par un débat féministe formulé depuis le Nord global, dans la seconde moitié du XXe siècle ; et en réfléchissant à l'impact des contextes révolutionnaires sur la vie des femmes cubaines et nicaraguayennes.

**Mots-clés:** Margaret Randall ; Témoignages; Féminismes; Études de genre; Révolution cubaine; Révolution sandiniste.

## LISTA DE SIGLAS

AMNLAE - Associação de Mulheres Nicaraguenses Luisa Amanda Espinosa / *Asociacion de Mujeres Nicaraguenses Luisa Amanda Espinosa*

AMPRONAC - *Asociación de Mujeres ante la Problemática Nacional*

ANAP - Associação Nacional de Pequenos Agricultores

CDR - Comitês de Defesa da Revolução / *Comités de Defensa de la Revolución*

CDS - Comitês de Defesa Sandinista / *Comités de Defensa Sandinista*

CEB – Comunidade eclesial de base

CENTRO - Centro de Estudos de Participação Popular

CONDECA – Conselho de Defesa Centroamericano / *Consejo de Defensa Centroamericano*

CTC – Central dos Trabalhadores de Cuba / *Central de lTrabajadores de Cuba*

FER - *Frente Estudiantil Revolucionario*

FMC - Federação de Mulheres Cubanas / *Federación de Mujeres Cubanas*

FSLN – Frente Sandinista de Libertação Nacional / *Frente Sandinista de Liberación Nacional / Organización*

GN – Guarda Nacional / *Guardia Nacional*

ICAIC - *Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos*

M26 de Julho – Movimento 26 de Julho / *Movimiento 26 de Julio*

MNR - Milícias Nacionais Revolucionárias

PCC - Partido Comunista de Cuba

PSP – Partido Socialista Popular

SINAMOS - Sistema Nacional de Mobilização Social

UJC - União da Juventude Comunista

## SUMÁRIO

|                                                                                                                 |            |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>Introdução.....</b>                                                                                          | <b>16</b>  |
| <b>1 <i>I NEVER LEFT HOME: UMA POETA TRANSNACIONAL</i>.....</b>                                                 | <b>42</b>  |
| <b>2 <i>UN PROBLEMA DE LA SOCIEDAD: FEMINISMO NA ENCRUZILHADA</i>.....</b>                                      | <b>123</b> |
| 2.1 Um olhar do Sul global para pensar as “ondas” feministas.....                                               | 124        |
| 2.2 Margaret Randall e a condição da mulher latino-americana (1972-1984).....                                   | 151        |
| <b>3 “MEDIADORA DE TESTEMUNHO”: A HISTÓRIA ORAL E O <i>TESTIMONIO</i> PARA MARGARET RANDALL.....</b>            | <b>203</b> |
| <b>4 TESTEMUNHO DAS MULHERES CUBANAS, <i>LA REVOLUCIÓN EN TODO SU ÍMPETU</i>.....</b>                           | <b>252</b> |
| 4.1 <i>Hasta la victoria</i> : as participações das mulheres da insurreição ao pós-1959.....                    | 264        |
| 4.2 <i>Gênero, educação e reorganização do mundo do trabalho</i> .....                                          | 302        |
| <b>5 NICARÁGUA: <i>PARA QUE UN DÍA NUESTRO PUEBLO SUEÑE EN COLORES</i>..</b>                                    | <b>341</b> |
| 5.1 A maternidade como identidade política.....                                                                 | 372        |
| 5.2 As três comandantes <i>guerrilleras</i> : das bases à direção revolucionária.....                           | 388        |
| 5.3 “Homem novo” e “Mulher nova” na Nicarágua sandinista.....                                                   | 402        |
| <b>6 MULHERES DA NICARÁGUA, <i>SEMILLA DE LIBERACIÓN</i>.....</b>                                               | <b>422</b> |
| 6.1 Sandinistas de verde-oliva: estamos todas despertas.....                                                    | 424        |
| 6.2 Escritoras e revolucionárias: <i>¿sentarme a escribir una novela o irme a un batallón de reserva?</i> ..... | 473        |
| 6.3 Tortura e solidariedade: <i>guerrillera, campesina-prostituta, obrera-ladrona</i> .....                     | 481        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                                                                | <b>494</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>                                                                          | <b>507</b> |

## INTRODUÇÃO

*A canção “Mujer Del Mundo Tercero”, do cubano Martín Rojas Torrente foi interpretada pelo Grupo Tema IV, para o álbum “Jornada De Solidaridad Con La Lucha Del Pueblo De Chile”, de 1974.<sup>1</sup>*



A intelectual, poeta, ativista e fotógrafa estadunidense Margaret Randall (1936) manteve intenso e constante diálogo com os diversos movimentos revolucionários latino-americanos, de outras regiões do Sul global<sup>2</sup> e com as teorias da segunda onda do movimento feminista dos Estados Unidos e europeu, em circulação na segunda metade do século XX. Ela escreveu poesias, ensaios e realizou traduções que lhe renderam mais de cento e cinquenta publicações. Randall morou no México, Cuba, Nicarágua, com passagens relevantes pelo Vietnã e Peru, onde se envolveu com as lutas sociais e as demandas políticas de cada país. A partir dessas experiências, principalmente de seu trabalho de coleta de testemunhos de mulheres,<sup>3</sup> desempenhou um papel destacado na articulação de debates políticos a partir do contexto histórico dos países nos quais viveu, em especial, sobre realidades experienciadas pelas mulheres latino-americanas nas décadas de 1970 e 1980.

Randall foi uma intelectual em circulação transnacional, que estabeleceu contato com sujeitos dos cinco continentes. Seu trabalho teve um amplo impacto ao colocar em circulação as vozes e as trajetórias de vida de diversas mulheres latino-americanas e do Vietnã. Podemos perceber esse impacto a partir das traduções de seus livros em várias línguas; dos ciclos de palestras que ofertou a respeito da temática das mulheres e das revoluções cubana e sandinista; da negação de sua cidadania estadunidense, em 1984, por seus escritos terem sido considerados uma ameaça aos valores capitalistas e liberais difundidos pelos Estados Unidos – especialmente

---

<sup>1</sup> Também no álbum *La canción, un arma de la revolución*, de 1974, produzido no contexto do *III Encuentro Juvenil de Amistad entre Cuba y la Unión de Repúblicas Socialistas Soviéticas* (URSS) e no álbum *La Mujer en la Revolución*, produzido pela Federação de Mulheres Cubanas, em 1975. Na introdução e no percurso dos três últimos capítulos, sugerimos a escuta de músicas da *nueva canción* latino-americana, algumas citadas nos registros testemunhais de Randall, outras em diálogo com o tema abordado no capítulo. Nosso objetivo ao utilizar a música como epígrafe é o de estabelecer um diálogo prévio com o clima de uma época, encontrando-nos com a realidade, valentia e sacrifício dessas mulheres reais, envoltas na libertação de seu próprio povo e de seu gênero.

<sup>2</sup> Ainda que no período o termo ainda não fosse usado na época e por Margaret Randall. Ressaltamos aqui que o uso de Norte e Sul global é um debate contemporâneo que se insere no marco da atual geopolítica do conhecimento.

<sup>3</sup> Vale ressaltar que, dentre as informações descritivas das mulheres cujo depoimento Randall colheu e publicou, encontramos apenas mulheres cisgênero, em sua maioria heterossexuais.

no contexto da Guerra Fria e do governo de Ronald Reagan (1981-1989). Esses elementos são abordados no decorrer dos seis capítulos da tese.

As ideias iniciais para a presente pesquisa surgiram ao longo de uma disciplina optativa no curso de História da UFMG, ofertado em 2013 pela prof.<sup>a</sup> dr.<sup>a</sup> Adriane Vidal Costa, em que abordava a história e a literatura latino-americana. Nesse momento, percebemos os *testimonios* como fonte capaz de trazer à tona vivências e narrativas das mulheres, vistas intrinsecamente como sujeitos históricos. Por isso, conforme afirmamos na introdução e ao longo dos capítulos, nosso objetivo principal foi contribuir para o campo de reescrita da história tendo o gênero e a decolonialidade como categorias de análise orientadoras da pesquisa. O encontro com o trabalho de Margaret Randall possibilitou que nossos objetivos fossem se lapidando em: compreender a participação das mulheres nos processos revolucionários latino-americanos em curso na segunda metade do século XX; desenvolver nossa hipótese a respeito da existência, ou não, de um feminismo latino-americano em curso na região, o que foi muitas vezes negado; em caso negativo, perceber uma agenda política e de concepção revolucionária que partisse das mulheres, em diálogo com o feminismo do Norte global e considerando a forma como essas experiências constituíram as bases para o atual debate feminista na região.

A originalidade do nosso trabalho reside na análise crítica dos testemunhos organizados por Randall, considerando o papel desempenhado por ela como “mediadora de testemunho” e a forma como ela contribuiu para a circulação dessas narrativas femininas. Além de considerar as vozes e experiências femininas nos contextos revolucionários, com um olhar para as questões de gênero. Para isso, tratamos Randall no limiar entre fonte e objeto historiográfico: se, por um lado, os testemunhos que publicou constituem as fontes empíricas da nossa pesquisa, soma-se seus artigos, a revista que editorou, fotografias, memórias e entrevistas mobilizadas como fonte. Por outro lado, sua atuação intelectual e política em si é um objeto de análise, visto que, para compreender as narrativas das mulheres cubanas e sandinistas em contextos revolucionários, registradas por Randall, exige compreendê-la enquanto sujeito ativo.

No Brasil, não encontramos estudos acadêmicos voltados especificamente à análise desses testemunhos, por isso, nossa pesquisa contribui para preencher essa lacuna, apresentando fontes inéditas oriundas do *Margaret Randall Papers Archive*, parte do acervo do *Center for Southwest Research* (CSWR), da Universidade do Novo México (UNM/EUA). A pesquisa de Jéssica M. Frazier, “Using the Randall archive: Photography, Poetry, Politics”, foi o trabalho mais amplo que tivemos acesso a respeito dos arquivos. Não encontramos outros estudos que se dedicassem aos testemunhos na forma proposta por nós. Destacamos que a maioria dos

trabalhos feitos a respeito da produção de Randall, se refere a revista *El Corno Emplumado*, dentre os quais citamos: “Poetry fate to face with History: Inadvertent Log of Margaret Randall’s visit to Mexico”, de Julio García Murillo e Regina Tattersfield; “El Corno Emplumado / The Plumed Horn: poesía, vida y resistencia”, de Yasmín Elizabeth Rojas Pérez; “Arte, contacultura y política: la Guerra Fría através de El Corno Emplumado / The Plumed Horn 1962-1969” de Gabriela Aceves-Sepúlveda; e “Texto, contexto e índices de El Corno Emplumado (1962-1969)” de Gabriela Silva Ibarguen.

O objetivo central desta tese é analisar os testemunhos de mulheres cubanas e sandinistas reunidos por Margaret Randall, compreendendo como suas experiências e narrativas colaboraram para a formulação de uma agenda revolucionária com dimensão de gênero na América Latina. Contribuindo para a nossa compreensão a respeito dos processos históricos da Revolução Cubana e Sandinista, ao incluir a trajetória e vivência das mulheres, carregadas de novos olhares e interpretações. Para isso, inicialmente, investigaremos a trajetória político-intelectual de Randall, sua articulação de comunidades de discurso e redes intelectuais transnacionais, seu papel como “mediadora de testemunho” - incluindo sua teorização sobre o assunto -, o debate sobre feminismo e revolução proposto por ela.

Também buscaremos discutir os vínculos entre feminismo, revolução e participação política das mulheres no contexto cubano e nicaraguense, em diálogo com a teoria feminista; e refletir sobre as possibilidades e os limites da prática testemunhal como ferramenta historiográfica e política, especialmente em contextos de luta por soberania e libertação. Nosso propósito com a análise dos testemunhos é o de elencar as narrativas dessas vozes femininas a respeito das revoluções, de uma agenda revolucionária que considerava o gênero como questão importante, em interlocução, ou não, com as feministas do Norte global. Buscaremos identificar como elas se integraram nos processos revolucionários; como a nova realidade revolucionária modificou a vida das cubanas e nicaraguenses; como esses debates entravam em conflito com as estratégias encabeçadas pelos governos e movimentos revolucionários; quais as questões que as mulheres apresentaram naqueles contextos que não foram apreendidos por uma historiografia marcadamente masculina.

Partindo do feminismo como categoria de análise, consideramos que os debates sobre revolução que as mulheres latino-americanas elaboraram e colocaram em suas práticas cotidianas nas décadas de 1960, 1970 e na primeira metade de 1980, relacionavam-se com a forma com que se deu a integração feminina nesses processos. Para nosso argumento, analisaremos as vozes testemunhais registradas por Randall nesse período. Sendo assim, para

compreendermos seu trabalho com os testemunhos, aprofundaremos em sua trajetória e analisaremos seu olhar sobre as mulheres e a América Latina, problematizando quatro pontos essenciais. O primeiro relaciona-se com a permanência de Margaret Randall no México como uma experiência que aprofundou sua relação com os problemas sociais e políticos da América Latina, propiciada pelo seu trabalho de editoração da revista mexicana bilíngue *El Corno Emplumado/The plumed horn* (1962-1969).

Em segundo lugar, nos chama atenção a compreensão feminista manifestada por Randall em seus trabalhos, circunstanciado pelo feminismo das esquerdas estadunidenses, colocado por nós em confronto com as críticas de autoras feministas latino-americanas — algumas reconhecidamente decoloniais — como chave de análise para a história das “ondas” feministas, atravessadas pelo diagnóstico da estadunidense a respeito da realidade da mulher latino-americana. A terceira questão que abordaremos se deu ao considerarmos a definição e a prática testemunhal empregada por Randall, observando a metodologia desenvolvida por ela em seus trabalhos, em diálogo com o papel do testemunho na América Latina nos contextos revolucionários e, conseqüentemente, na função que ela desempenhou, especialmente em Cuba e Nicarágua. O quarto ponto a ser analisado, será o trabalho com os depoimentos das mulheres coletados por Randall, dialogando criticamente com a historiografia das revoluções na América Latina, frequentemente marcada pela exclusão das experiências e vozes femininas, pela invisibilização das mulheres como sujeitas políticas e produtoras de saber. Trata-se de uma abordagem original no campo historiográfico brasileiro, tanto pela centralidade dos testemunhos de mulheres nas revoluções cubana e sandinista, quanto pela análise crítica do papel de Margaret Randall na mediação e circulação dessas narrativas.

O recorte temporal estabelecido pode ser definido a partir do período histórico a ser analisado, considerando os processos revolucionários cubano e sandinista e, principalmente, o contexto de produção de Margaret Randall enquanto vivia na América Latina. Sendo assim, a maior parte das fontes utilizadas encontram-se delimitadas entre o ano de 1962, momento em que Randall se constituiu como intelectual na América Latina, até 1984, quando ela retornou aos Estados Unidos. Contudo, o recorte temporal inclui um período mais amplo, como entrevistas realizadas com Randall em diferentes plataformas digitais; suas autobiografias publicadas em 2020; e as entrevistas feitas pela autora da tese, com Randall, entre 2023 e 2024. Essa amplitude se faz necessária diante da necessidade de compreendermos sua trajetória pessoal e intelectual.

Nesta tese, perseguiremos a hipótese de que Margaret Randall desempenhou um papel fundamental na articulação e sistematização de uma agenda para as mulheres latino-americanas, definida por ela como uma agenda feminista concebida no contexto das lutas revolucionárias e em interlocução direta com os processos teóricos e políticos dos feminismos do Norte Global. Acreditamos que tal articulação e sistematização tornaram-se possíveis graças à sua contribuição para a difusão do pensamento e das experiências de luta e de vida das mulheres latino-americanas, promovida por meio das próprias vozes e narrativas dessas mulheres, bem como por sua vasta produção poética, fotográfica, ensaística de Randall, além de palestras e correspondências.

Defenderemos a ideia de que Randall estabeleceu, por meio de sua circulação em diversos países latino-americanos ao longo da segunda metade do século XX, uma rede intelectual que se contrapunha a circulação hegemônica da arte e do debate político Norte-Sul. Apesar de não trabalharmos diretamente com a formação dessa rede, essa constatação é importante, visto que viabilizou o alcance dos testemunhos que ela organizou, traduzidos em diferentes países - Nicarágua, Costa Rica, México, Peru, Cuba, Chile, EUA, Canadá, Índia, Turquia, Alemanha, Brasil - e línguas - espanhol, português, inglês, holandês, alemão e turco.

Dessa forma, buscaremos demonstrar como ela contribuiu para o fortalecimento de zonas de contato e diálogos entre as diversas realidades de distintos lugares, como defende Bárbara Weinstein<sup>4</sup>. Randall foi traduzida e traduziu autores/as, o que reforça a característica transnacional de sua atuação a partir da circulação de sua obra, o que garantiu o trânsito de ideias e o surgimento de “comunidades de discurso”. Como afirmou Weinstein ao trabalhar com a história transnacional, são justamente essas “comunidades de discurso” que garantem que as zonas de contato não sejam geograficamente definidas<sup>5</sup>. Por isso afirmamos que Randall articulou um debate transnacional sobre os projetos das esquerdas latino-americanas, especialmente do que se passava nos contextos revolucionários, com um olhar dedicado à transformação na realidade das mulheres. Sua trajetória pessoal e a dimensão de seu trabalho intelectual será debatido no primeiro capítulo desta tese.

Outra hipótese relaciona-se com a participação política das mulheres nos processos revolucionários da América Latina e o diálogo com um debate feminista da época. As mulheres

---

4 WEINSTEIN, Bárbara. Pensando a história fora da nação: a historiografia da América Latina e o viés transnacional. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, N.14, Pp.13-29, 2013.

5 Idem.



entrevistadas por Randall expressaram críticas tanto ao modelo masculino de revolução quanto às limitações do feminismo liberal, elaborando suas próprias propostas de transformação social, ancoradas em suas experiências, contribuindo para a construção de um pensamento político e feminista latino-americano. Essa agenda teria sido proposta pelas mulheres envolvidas nesses processos. Para isso, consideramos o gênero como uma categoria de análise útil, visto que a experiência e condição feminina não pode ser separada dos papéis sociais masculinos, da estrutura machista e patriarcal das sociedades da Modernidade. Além disso, as nossas fontes nos possibilitam observar a forma como se deu a integração feminina nos processos revolucionários cubanos e sandinistas. Essas questões puderam ser observadas a partir da análise dos testemunhos que Randall coletou e organizou, pontos que serão abordados ao longo dos capítulos 2, 4, 5 e 6.

Estas hipóteses orientam nossa pesquisa, ao mesmo tempo em que o acesso e análise das fontes ampliam nossos olhares e perspectivas. Reforçamos o silenciamento da historiografia a respeito das contribuições das mulheres ao considerar os processos político-sociais e as formulações teóricas das revoluções vitoriosas no continente latino-americano ao longo da segunda metade do século XX, como pode ser observado nos trabalhos da historiadora Maria da Glória de Oliveira<sup>6</sup>. Acreditamos que o trabalho de Randall pode contribuir para a produção de uma história contra-hegemônica, inclusive como parte do projeto político e revolucionário de Cuba e Nicarágua, ao desenvolver uma metodologia de trabalho com testemunho, compreendido por ela na fronteira entre a história oral e a literatura. Esse ponto será trabalhado no capítulo 3 desta tese. Embora extrapole os alcances e objetivos do presente trabalho, ressaltamos a importância em traçar a rede intelectual formada por ela através de *El Corno Emplumado*, visto que os contatos estabelecidos ao redor da revista, foram definidores de seu papel intelectual e contribuição política para a América Latina – algo a ser explorado em trabalhos futuros.

Para entendermos sua trajetória, utilizaremos suas duas autobiografias publicadas em 2020, *I never left home* e *My life in 100 objects*, que nos serviram como fontes, combinadas com a análise de artigos e entrevistas, fontes secundárias que se encontram listadas ao final do presente trabalho, incluindo três entrevistas realizadas pela autora da tese entre agosto de 2023

---

6 Ver: OLIVEIRA, MARIA DA GLÓRIA DE. Espectros da colonialidade-racialidade e os tempos plurais do mesmo. *Esboços*, v. 30, p. 310-325, 2023; OLIVEIRA, MARIA DA GLÓRIA DE; HANSEN, P. S. Corpos, tempos, lugares das historiografias. *História da Historiografia*, v. 16, p. 1-15, 2023; OLIVEIRA, M. da Glória de. Os sons do silêncio: interações feministas decoloniais à História da historiografia. *História da Historiografia*, v. 11, p. 104-140, 2018.

e maio de 2024<sup>7</sup>. Estas fontes foram de grande valia para nosso estudo, ao nos possibilitar acesso a uma determinada época vivida a partir do olhar da autora para o passado, desde os desafios do tempo presente. Levando em conta a definição de Wander Melo Miranda sobre a escrita autobiográfica, podemos concluir que os livros de Randall sobre sua própria vida, encontram-se na fronteira entre a autobiografia e a memória, tendo em vista que a primeira diz sobre o que foi o indivíduo, e a segunda considera que “[...] a narrativa de vida do autor é contaminada pela dos acontecimentos do passado que passam a ser privilegiados”<sup>8</sup>.

Diante disso, asseguramos que compreender a trajetória da autora compõe a nossa metodologia de análise dos testemunhos produzidos por ela, contribui para que possamos definir um olhar contextualizado e historicizado do exercício de sua função como “mediadora de testemunho”. Suas vivências e sua escolha por dar visibilidade às mulheres latino-americanas, foram atravessadas por seus privilégios de raça, classe e nacionalidade, o que impactou a forma como organizou e transcreveu os *testimonios*. Foi seu envolvimento na vida pública e na política, que possibilitou o contato com discussões sobre gênero, questionando suas experiências pessoais, definidas pelas diferenças generificadas estruturais, debruçando-se em uma literatura política feminista.

Abordaremos, de maneira pontual, o papel da revista *El Corno Emplumado/The plumed horn* para o estabelecimento de Randall enquanto intelectual, analisando diretamente os números 22, 23, 28, 29, 30 e 31 da revista. Advertimos que este processo possibilitou a ela uma certa integração no cenário intelectual e político latino-americano e, em uma perspectiva transnacional, contribuiu para o diálogo entre o Norte e o Sul global. Sua integração em um debate feminista, ao longo da segunda metade do século XX, inicialmente se deu através da organização do livro de ensaios *Las mujeres* (1970). Posteriormente, ela desenvolveu seu pensamento teórico feminista e elaborou um diagnóstico da situação da mulher latino-americana, o que apreenderemos dos livros: *Sobre la situación de la mujer* (1973); *No se puede hacer la revolución sin nosotras* (1978); o capítulo *No “el problema de la mujer” sino un problema de la sociedad. Examen de la opresión y la liberación de la mujer*, parte do livro *La mujer cubana ahora* (1972); *Mujeres en la revolución, entrevistas con Margaret Randall* (1978). Os artigos e depoimentos publicados em Cuba como: *Revolución: testimonios de mujer*, na revista *Santiago* (1971); *La penetración imperialista y sus consecuencias para la mujer*

---

<sup>7</sup> Listados ao final do trabalho, nas referências bibliográficas.

<sup>8</sup> MIRANDA, Wander de Melo. A ilusão autobiográfica. *Corpos escritos*: Graciliano Ramos e Silviano Santiago. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992, p.25-42, *passim*. Grifos do autor.

*latinoamericana* (1974), publicado na *Revista de la Universidad de Oriente*; *Donde esta la mujer*, no jornal *La Demasagua* (1978). No México, como: *Una brasileña en la lucha: Adamaris Oliveira Lucena* (1971), publicado na revista *Comunidad*. Na Guatemala: *El pueblo no es solo testigo: la historia de Dominga* (1979), publicado na *Revista Cuadernos Universitarios*. Na Nicarágua: *La mujer: Especificidad de su problemática* (1982), publicado no jornal sandinista *Ventana*. Nos Estados Unidos e Canadá: a entrevista *Women in Cuba. An interview with Margaret Randall*, no jornal *Plexus. A bay area women's newspaper* (1974); *You can't make a revolution without them!*, na revista *Lawg Letter* (1975/1976).

Para considerar as definições de Randall sobre testemunho e história oral analisaremos seu livro *Testimonios* (1979) e outros artigos em que abordou o tema. Para isso, trabalharemos também com seu manual publicado em inglês no Canadá como *Testimonios: a guide to oral history* (1985). Os artigos, publicados por ela, sobre o assunto, foram: *Escritura y testimonio femininos*, na revista mexicana *Plural* (1981); *Power, politics and gender awareness. Some notes on oral history with women in Latin America*, na estadunidense *Women & Language* (1988); *On oral history: becoming the conscious protagonista o four lives*, na estadunidense *Cultural Democracy* (1989) e como *On oral history/El redescubrimiento de la voz del pueblo*, na estadunidense *The undegroun/La selva subterránea* (s/d); *¿Qué es, y como se hace un testimonio?*, na *Revista de Crítica Literaria Latinoamericana* (1992). As entrevistas utilizadas foram: *Oral history and memory: a personal journey* (2015); *Revolution doesn't die, it Simply changes with time* (s/d); *Avatares del testimonio en América Latina: tensiones, contradicciones, reelecturas* (2015); *Discussion with Gioconda Belli and Margaret Randall* (2020); *El feminismo, una herramienta para pensar el poder* (2020).

Os testemunhos cubanos são analisados por meio de seu livro de depoimentos *La mujer cubana ahora* (1972). Somando os artigos publicados em Cuba: *Los dias y la sangre de Iverna Codina* na revista *Revista Revolucion y Cultura* (1979), escrito em parceria com Victor Rodríguez Núñez. Os artigos publicados no Canadá: *You can't make a revolution without them!*, na revista *Lawg Letter* (1975/1976); *Venceremos: Women in the new Cuba* em *Canadian Dimension* (1975); *Appendix C: "We need a government of men and women...!"* no informativo *Cuba information* (1975); *Family code update. Communique from Cuba* na revista *The Other Woman. Canadian feminist* (1976). Utilizamos a entrevista *Women in Cuba. An interview with Margaret Randall*, publicada nos Estados Unidos, no jornal *Plexus. A bay area women's newspaper* (1974). Como documentos secundários, utilizaremos materiais produzidos por Fidel Castro e Che Guevara, devidamente listados ao final da tese.

Por fim, os testemunhos das nicaraguenses investigados, se encontram no manuscrito do livro *Somos millones* (1975) e nos livros: *No se puede hacer la revolución sin nosotras* (1978), *Todas estamos despiertas. Testimonio de la mujer nicaraguense hoy* (1980), *Risking a somersault in the air: conversations with nicaraguan writers* (1984) e *Cristianos en la revolución: Del testimonio a la lucha* (1985). Incluindo os artigos e depoimentos publicados por ela nos seguintes jornais e revistas: *Barricada*, jornal oficial da Frente Sandinista de Libertação Nacional; *En Rojo*; na revista literária estadunidense *Sunbury*; na revista estadunidense *Mother Jones* e *earthkeeping/earthshaking*; a cubana *Revolución y Cultura*; a mexicana *Plural*; a nicaraguense *Ya Veremos*.

Grande parte do material utilizado na presente pesquisa foi obtido a partir do que se encontra disponível no arquivo *Margaret Randall Papers* (CSWR/UNM/EUA), no qual fizemos uma seleção do que foi analisado como fonte na tese, como seus livros e artigos, justificado pelo volume de documentos disponíveis, do tempo e objetivos da presente investigação. O referido arquivo conta com 34 caixas de documentos manuscritos disponíveis para consulta, que datam de 1954 até 2000 - com exceção dos diários e documentos pessoais de Margaret Randall, que serão disponibilizados trinta anos após sua morte. Dentre os documentos encontrados, ressaltamos os manuscritos de seus trabalhos; correspondências pessoais que trocou com amigos/as, familiares, artistas e intelectuais ao redor do mundo; cartas trocadas com editores/as; fotografias; vídeos; jornais e revistas com artigos publicados por ela, ou que ela preservou por considerar relevantes; livros; rascunhos; cartazes de palestras e ações nas quais apresentou seus trabalhos; os documentos de seu caso de deportação; roteiro de um filme-documentário sobre sua vida. O acervo é dividido em oito partes: *Immigration case*, *Correspondence*, *Published Manuscripts*, *The Publicity series*, *Publications*, *The Miscellaneous series*, *The Oversize series* and *The Women's Studies series*.<sup>9</sup> Lamentamos a ausência das transcrições ou dos áudios coletados por ela ao longo da década de 1970 e 1980, assim como dos documentos auxiliares levantados por ela para a editoração e montagem da versão final dos testemunhos.

Dentre o material utilizado ao longo da tese, destacamos aqui as três entrevistas realizadas entre 2023 e 2024 pela autora desta tese. A oportunidade de entrevistá-la foi parte do estágio de doutorado sanduíche realizado na Universidade do Novo México, nos Estados Unidos, fruto do financiamento conquistado através da premiação com o *Doctoral Dissertation*

---

9 Informações disponíveis em: <<https://nmarchives.unm.edu/repositories/22/resources/1841>>

*Award*, concedido pela *Fulbright*. A organização das entrevistas não se ateve a metodologia adotada na História Oral, visto que muitas vezes extrapolaram o roteiro e o tema a ser abordado, bem como escaparam de um distanciamento pretensiosamente neutro. Antes de um primeiro contato para entrevistá-la, houve uma visita de ambientação e apresentação na casa de Randall, junto com a profa. Elizabeth Hutchison, que possui uma estreita relação com a autora.

As perguntas a serem feitas foram construídas pela autora da tese e posteriormente discutidas com a orientadora, profa. Adriane Vidal, e com a supervisora do período sanduíche, profa. Hutchison. As perguntas eram divididas em temáticas, como: vida pessoal; atuação intelectual; feminismo latino-americano; Revolução Cubana; Revolução Sandinista. Ao longo de cada entrevistas e da descoberta do acervo que estava sendo explorado no *Margaret Randall Papers Archive*, novas questões foram surgindo e foram sendo colocadas nas conversas. Após serem marcadas por e-mail as entrevistas foram realizadas na casa de Randall, na cidade de Albuquerque, devidamente gravadas. A primeira e terceira entrevista foram realizadas na sala, espaço compartilhado com o ateliê artístico da esposa de Randall, Bárbara Byers; quadros com fotografias tiradas por Randall; e uma coleção de objetos artísticos de diversas partes do mundo, incluindo a América Latina e o Oeste dos Estados Unidos. A segunda entrevista foi realizada no escritório de Randall, onde um computador compartilhava o espaço com uma série de fotografias tiradas por ela, quadros de Byers e a extensa obra bibliográfica publicada por Randall, incluindo a coleção completa de *El Corno Emplumado*.

Neste processo de investigação muitas questões surgem e são reinterpretadas. Se de início tínhamos certeza de que deveríamos chamar as mulheres latino-americanas de revolucionárias, aqui consideramos o feminismo como categoria de análise, sem designar tais mulheres como feministas, argumentamos que essas experiências se dão em diálogo com o debate feminista do Norte global, e foram fundamentais para a conformação de práticas e teorias feministas latino-americanas. A partir dos testemunhos coletados por Randall, levantaremos alguns dos debates teóricos e das agendas políticas formuladas pelas mulheres no interior dos movimentos e governos revolucionários de Cuba e Nicarágua. Nesse processo, identificaremos duas críticas fundamentais.

Primeiro, uma afirmação constante das cubanas e sandinistas dizia respeito a negação ao feminismo, afastando-se das pautas do feminismo estadunidense, considerado por elas como liberal, burguês, insuficiente para lidar com as demandas das mulheres latino-americanas e responsável por práticas imperialistas que as violentavam e mantinham-nas subordinadas. Segundo, faziam uma crítica mais sutil ao modelo masculino de revolução e a uma política

marxista ortodoxa, que consideraria a pauta das mulheres como secundária, no contexto de construção de uma nova sociedade. As formulações dessas mulheres latino-americanas devem ser compreendidas em diálogo com uma discussão mais ampla entorno dos temas, de caráter transnacional, que colocou em contradição os debates, programas e plataformas políticas a respeito de uma agenda política transformadora para as mulheres e sociedades, nesses territórios. É importante ponderar a esse respeito sobre o compromisso dessas mulheres com os processos em curso, o que limitava seus olhares ou seus discursos mais críticos ao que estava sendo implementado. Essa última questão também pode ter orientado as perguntas e os recortes definidos por Randall ao entrevistar as mulheres.

Para isso compreender esses processos, nos debruçaremos sobre a análise da atuação política e intelectual de Margaret Randall a partir de uma perspectiva transnacional e como intelectual mediadora<sup>10</sup> no interior das esquerdas da América Latina, contribuindo para divulgação da transformação na realidade das mulheres, forjada no seio dos governos e projetos revolucionários de Cuba e Nicarágua. Randall colocou as políticas e narrativas desses diversos países em diálogo e defendeu uma agenda feminista e revolucionária comum para a região a partir do olhar das mulheres. Também buscou exportar essas narrativas e suas percepções ao redor do mundo, rompendo com um bloqueio de informações, imposta pelos Estados Unidos. Acreditamos que o contexto dos movimentos revolucionários e de esquerda na América Latina, na segunda metade do século XX, foi também um momento de emergência de um feminismo numa circunstância de resistência, fosse na luta insurrecional, fosse contra as ditaduras militares/civis instauradas na região, o que colocava desafios de implementação da agenda feminista do Norte global. Essas discordâncias às propostas e narrativas desse feminismo hegemônico é, como veremos, um dos fatores para que as latino-americanas buscassem se afastar do rótulo de feminista, estabelecendo uma perspectiva que conflitava com os anseios das mulheres no Norte global. Essas considerações garantem a originalidade da nossa pesquisa, em conjunto com o ineditismo das nossas fontes e do objeto de pesquisa.

Diferentemente das mulheres que reivindicavam o feminismo desde as democracias liberais dos EUA e da Europa, para Sônia Alvarez *et al.*, a prática feminista latino-americana foi moldada a partir não só da denúncia do patriarcado e do machismo, mas “[...] juntavam forças com outras correntes de oposição, ao denunciarem a exploração e a opressão social,

---

<sup>10</sup> Discutido nos capítulos 1, 2 e 3.

econômica e política”<sup>11</sup>, assim, foram elas guerrilheiras ou militantes estudantis, em contraposição às feministas do Norte, consideradas “damas burguesas”. Nesse sentido, “[...] ao contrário das feministas radicais norte-americanas, as latino-americanas mantiveram firme o compromisso com a mudança radical nas relações sociais de produção — e de reprodução — enquanto continuavam a combater o sexismo no seio da esquerda”<sup>12</sup>.

Luciano Fabbri propôs uma leitura a partir dos processos emancipatórios e da diversidade latino-americana, recuperando a visão do “feminismo nuestroamericano” – como sugeriu Gloria Anzaldúa –<sup>13</sup>, na qual as mulheres foram em busca da construção teórica e prática de um feminismo não-colonizado, contestando a visão universal de mulher do feminismo Ocidental, denunciando a realidade das mulheres submetidas ao capitalismo patriarcal e racializado. Para Fabbri, “[...] en este marco es que ‘nuestro feminismo’ se reconoce formando parte del espectro antiimperialista y anticapitalista del movimiento social”<sup>14</sup>. O feminismo que se constituiu na América Latina não buscava apenas a emancipação e a conquista de direitos para as mulheres, mas incluía reivindicações revolucionárias profundas, o que, para Femenías, “[...] hace manifiesto que las ‘mujeres de América Latina’ somos también nosotras en la doble subalternidade de latinoamericanas y de mujeres y en el privilegio de tener conciencia de que somos Las Otras de los discursos hegemónicos.”<sup>15</sup>

Por isso, pensamos que a luta das mulheres latino-americanas deve ser entendida de maneira imbrincada com a luta pela transformação da sociedade e da política. Flavia Biroli e Luis Felipe Miguel destacaram como o feminismo, quando em diálogo com o socialismo, lida com a questão de gênero e das estruturas de classe: “[a] luta feminista foi e, segundo acreditamos, deve ser também por transformações que levem a sociedade mais justas do ponto de vista de suas estruturas econômicas, sem perder de vista as especificidades de gênero.”<sup>16</sup> A teórica brasileira Helleieth Saffioti ressaltou que o caminho para libertação das mulheres foi um ponto que perpassou o pensamento socialista, a partir da ideia de que “[...] a mulher, assim

---

11 ALVAREZ, Sonia. et.al. Feministas na América Latina: de Bogotá a San Bernardo. *Estudos Feministas*. n. 2, 1994, *passim*.

12 Idem.

13 ANZALDÚA, Gloria. La conciencia de la mestiza/Rumo a uma nova consciência. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, Vol. 13, N.3, setembro-dezembro/2005, p. 704-719.

14 FABBRI, Luciano. *Apuntes sobre feminismo y construcción de poder popular*. Santiago: Proyección editores, Tiempo Robado, 2017, *passim*.

15 FEMENÍAS, María Luisa. Esbozo de un feminismo latinoamericano. *Revista Estudos Feministas*, Santa Catarina: UFSC. v. 15, n. 1, 2007, p. 15.

16 BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. *Feminismo e política: uma introdução*. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 09.

como o próprio homem, só atingirá a verdadeira liberdade no regime socialista”<sup>17</sup>. Dentro do pensamento socialista, a “[...] emancipação econômica da mulher [seria] condição *sine qua non* de sua total libertação”<sup>18</sup>, reforçando a diferente realidade da opressão vivida por mulheres de classes distintas, denunciando a relação entre sexo e classe. Dessa forma, Saffioti concluiu que não é possível um feminismo autônomo e individual, desvinculado de uma perspectiva de classe, assim, não devemos entender o problema da mulher apenas “na dependência do desenvolvimento econômico”<sup>19</sup>.

Muitas vezes, a militância feminista se centrava em mostrar como os papéis sexuais e de gênero tradicionais moldavam a participação política das mulheres no interior das organizações de esquerda, o que fez com que essas mulheres criassem uma identidade política distinta da esquerda revolucionária masculina, empreendendo atividades especializadas e aprofundando uma visão de política, cultura e sociedade, baseadas nas questões de gênero. Começaram a “[...] redefinir e expandir o conceito predominante de luta revolucionária, conclamando a uma revolução na vida diária, afirmando que uma transformação social radical tem de abranger mudanças não apenas nas relações de classe, mas igualmente nas de poder.”<sup>20</sup> A partir deste debate, sobre como parte dos feminismos latino-americanos se moldaram desde as organizações de esquerda e das experiências revolucionárias na região, consideramos fundamental compreender a ideia de revolução defendida pelas mulheres, quais demandas apresentavam, qual ideia de “nova sociedade” estavam debatendo, qual agenda propunham para os governos revolucionários, quais as contradições e aproximações com os projetos defendidos oficialmente pelas organizações e as práticas adotadas.

Randall, ao colocar em circulação a experiência e a formulação das mulheres latino-americanas a partir dos testemunhos registrados por ela, se inseriu no meio intelectual contribuindo para a tentativa de construção de uma nova hegemonia, o que numa perspectiva gramsciana seria fundamental para transformação da sociedade, da política e da cultura. Além disso, estabeleceu estreitas relações com os governos revolucionários de Cuba e Nicarágua, e contribuiu com o governo do General Velasco Alvarado no Peru: “[...] percebemos o quanto a ação do intelectual orgânico e do partido político são importantes (e, até mesmo, indispensáveis)

---

17 SAFFIOTI, Heleieth. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. São Paulo: Expressão Popular, 2013, *passim*.

18 Idem.

19 Idem.

20 ALVAREZ, Sonia, et.al. *Feministas na América Latina: de Bogotá a San Bernardo*. *Estudos Feministas*. n.2, 1994, p. 264.



na preparação da contra-hegemonia.”<sup>21</sup> Por isso, em nosso aporte teórico-metodológico, contamos com os debates e teorias propostas desde a História Intelectual e das/os Intelectuais<sup>22</sup>. Como afirmou Edward Said, o/a intelectual é aquele/a que causa desconforto, que representa um ponto de vista e articula essas representações a um público, como um perturbador do status quo, portando-se ao lado de grupos marginalizados e desempenhando um papel fundamental na sociedade moderna<sup>23</sup>.

Essa posição foi reafirmada por Carlos Altamirano, para quem os/as intelectuais estão produzindo, distribuindo e incluindo significados e bens simbólicos na sociedade em que estão inseridos, sem se restringir a um círculo pequeno de letrados, com variação da influência que exercem de acordo com o momento, área geográfica e tradição na qual se encontram<sup>24</sup>. Expandindo essa percepção, Adriane Costa defendeu que na América Latina, os/as intelectuais “[...] foram ocupando espaço na esfera pública como sujeitos produtores de discursos e como criadoras de debates que alimentam polêmicas fecundas no século XX”, atuando “[...] em posições de destaque no campo social, político e cultural”<sup>25</sup>. O olhar e interpretação de Randall a respeito da América Latina, sua compreensão acerca de seu papel político e social, são o que dão o tom nas entrevistas feitas por ela, assim como definiram os recortes escolhidos para que esses registros se tornassem públicos e circulassem o mundo. Este entendimento é cabal para pensarmos o debate revolucionário e feminista a partir das vozes das mulheres latino-americanas.

O campo da História Intelectual, para Carlos Altamirano, ganhou importância com a erosão de um saber privilegiado e de um discurso científico universal. Como documentos da história as palavras passaram a ser interpretadas a partir de seu lugar simbólico, com os/as intelectuais inseridos em grupos culturais e relações específicas, seja em tradições literárias, seja em redes de sociabilidades, “[...] en conexión con su ‘exterior’, con sus condiciones pragmáticas”<sup>26</sup>. Maria Elisa Noronha de Sá resumiu esse conceito a partir da preocupação com o contexto articulado com as ideias, visando “[...] inserir o estudo das ideias e atitudes no

---

21 SCHLESENER, Anita Helena. *Hegemonia e cultura*: Gramsci. Curitiba: Ed. UFPR, 2007, p. 41.

22 Ver autores ligados à Escola de Cambridge: Quentin Skinner, John Pocock. Ver : Jean-François Sirinelli e René Rémond.

23 SAID, Edward W. *Representações do intelectual*. As Conferências Reith de 1993. São Paulo: CIA das Letras, 2005.

24 ALTAMIRANO, Carlos. *Intelectuales*: Notas de investigación. Bogotá: Editora Norma, 2006.

25 COSTA, Adriane Vidal. Debates intelectuais na esfera política/pública latino-americana no século XX. ARAÚJO, Maria Paula; PIMENTEL, Izabel; ARAÚJO, Rafael. *História política da América do Sul nos séculos XX e XXI*. Rio de Janeiro, RJ: Autografia, 2024, p. 569-600, *passim*.

26 ALTAMIRANO, Carlos. *Intelectuales*: Notas de investigación. Bogotá: Editora Norma, 2006, *passim*.

conjunto das práticas sociais”, reconhecendo a importância da História Intelectual para valorização de atores, circulação de ideias e formulações propriamente latino-americanas<sup>27</sup>.

Por isso, conforme proposto por Carlos Henrique Armani, devemos também pensar a intencionalidade do/a autor/a e seus contatos: “[...] son contextos en los cuales la escritura de una obra o de un conjunto de obras se temporaliza.”<sup>28</sup> A partir daí buscaremos compreender a finalidade daquela escrita, considerando onde vivia a autora, de onde e por que fala, como articula ideias e constrói discursos. É a História dos/as Intelectuais que nos auxilia nesse sentido, balizando nossa interpretação da trajetória de Randall, partindo do contexto em que ela se encontrava. Foi desde onde ela se encontrava, extrapolando os limites geográficos, que se envolveu nos debates sobre as mulheres e a revolução latino-americana. A atuação da intelectual propicia a criação de comunidades de discurso, que podem ser reforçadas por uma atuação transnacional, de “trânsitos de pessoas, intercâmbios culturais, práticas intelectuais e circulação de ideias”, como afirmou Adriane Vidal Costa: “O repertório discursivo dessas redes intelectuais apelava para as contradições sociais e culturais na América Latina, o comportamento literário e extraliterário do escritor e as tensões entre o local e o global.”<sup>29</sup>

Nesse sentido que devemos considerar a função do trânsito continental de Margaret Randall. Para Alexandra Pita González, “[...] la práctica de los intelectuales se articula para conformar lo que Devés llama ‘espacios metanacionales (mas allá del Estado-nación)’, y que éstos pueden articular espacios periféricos con centrales”<sup>30</sup>. Neste caso, compreendemos Randall como uma intelectual fundamental para internacionalização das fronteiras do debate sobre a revolução e sobre o gênero no interior das esquerdas, dos governos revolucionários e progresistas e entre as mulheres: “[...] es necesario referirse a nuevas fronteras en el campo intelectual para superar el énfasis geográfico y remitirse más al ámbito simbólico que construyen los intelectuales, al flexibilizar las formas de observar la construcción de

---

27 NORONHA DE SÁ, Maria Elisa. Apresentação: História intelectual latino-americana: itinerários, debates e perspectivas. NORONHA DE SÁ, Maria Elisa (Org). *História intelectual latino-americana: itinerários, debates e perspectivas*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio, 2016, p. 11.

28 ARMANI, Carlos Henrique. Historia Intelectual, contextos de las escrituras y redes. COSTA, Adriane; MAÍZ, Cláudio. *Nas tramas da “cidade letrada”: sociabilidade dos intelectuais latino-americanos e as redes transnacionais*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2018, p. 207.

29 COSTA, Adriane Vidal. Uma proposta teórico-metodológica para o estudo de redes intelectuais latinoamericanas formadas nos exílios nas décadas de 1960 e 1970. COSTA, Adriane; MAÍZ, Cláudio. *Nas tramas da “cidade letrada”: sociabilidade dos intelectuais latino-americanos e as redes transnacionais*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2018, *passim*.

30 PITA GONZÁLEZ, Alexandra. Introdução. PITA GONZÁLEZ, Alexandra. *Redes intelectuales transnacionales em América Latina durante la entreguerra*. Colima: Universidade de Colima. Cidade do México: Miguel Ángel Porruá, 2016, *passim*.

territorialidad”<sup>31</sup>. Segundo Eduardo Devés-Valdés, ao teorizar sobre as redes intelectuais transnacionais, devemos considerar formas de relações variadas estabelecidas por e entre pessoas que se comunicam devido a uma produção e difusão de conhecimento, propiciando trocas e intercâmbios<sup>32</sup>. Além disso: “A la hora de pensar la horizontalidad Sur-Sur, las redes intelectuales permiten descubrir circulaciones con mayor eficacia que la noción de ‘influencia’, cargada tantas veces con la verticalidad Norte-Sur.”<sup>33</sup>

Alejandro Paredes reforçou o caráter da rede como um grupo preocupado com a produção e difusão do conhecimento – além do caráter geográfico que rompe com as barreiras do Estado-Nação –, em relação com outros processos sociais<sup>34</sup>. Nessa pesquisa, essa questão nos conduz aos movimentos feministas e de mulheres, aos governos revolucionários e progressistas, sendo que a atuação em rede permite a veiculação de ideias, que se tornam híbridas e, consequentemente, a elaboração de uma “[...] representação da América Latina condensada em uma série de imagens e hipóteses para o projeto da história cultural e política latino-americana”, como afirmou Adriane Costa<sup>35</sup>.

Para as mulheres, os meios de atuação político-intelectual foram historicamente os ditos “não-oficiais”, como a literatura e as artes. Para Sandra Jatahy Pesavento a produção literária deu espaço legítimo para essa atuação, sendo o imaginário um “[...] sistema produtor de ideias e imagens que suporta, na sua feitura, as duas formas de apreensão do mundo: a racional e conceitual, que forma o conhecimento científico, e a das sensibilidades e emoções, que correspondem ao conhecimento sensível”<sup>36</sup>. Dessa forma, a história e a literatura podem ser compreendidas como narrativas explicativas do real, a partir do momento em que historiadores/as transformam a literatura em fonte, num “[...] jogo transdisciplinar e interdiscursivo das formas de conhecimento sobre o mundo, onde a história pergunta, e a

---

31 Idem.

32 DEVÉS-VALDÉS, Eduardo. *Hacia la constitución de una comunidad intelectual*. Santiago: Instituto de Estudios Avanzados, Universidad de Santiago de Chile, 2007.

33 Idem, p. 33.

34 PAREDES, Alejandro. De los cuasi-grupos a los colegios invisibles: distintos modos de pensar la interacción entre intelectuales latinoamericanos durante el siglo XX. COSTA, Adriane; MAÍZ, Cláudio. *Nas tramas da “cidade letrada”: sociabilidade dos intelectuais latino-americanos e as redes transnacionais*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2018, p. 24.

35 COSTA, Adriane Vidal. Uma proposta teórico-metodológica para o estudo de redes intelectuais latino-americanas formadas nos exílios nas décadas de 1960-1970. 2018, COSTA, Adriane; MAÍZ, Cláudio. *Nas tramas da “cidade letrada”: sociabilidade dos intelectuais latino-americanos e as redes transnacionais*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2018, p. 156.

36 PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & literatura: uma velha-nova história. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, n. 6, abr. 2006, *passim*.

literatura responde.”<sup>37</sup> O texto literário traz, consigo, significados e leituras inscritas no tempo e no espaço, dando acesso a um local privilegiado do imaginário, de um certo “conhecimento de mundo”. Como afirma Letícia Malard, a História e a Literatura se contaminam, estando uma a serviço da outra. A partir do *testimonio*, considerado por Randall no limiar da história oral e da literatura, ela contribuiu para esse registro histórico das mulheres, utilizado por nós como fontes que aprofundam nossa compreensão a respeito da segunda metade do século XX, da Revolução Cubana e da Revolução Sandinista.

Patrícia Hill Collins e Sirma Birge defenderam que, por meio do testemunho, “[...] as colaboradoras recuperam e regeneram a tradição da construção do conhecimento com base em realidades vividas, politizando identidades e promovendo possibilidades dialógicas com outras tradições de conhecimento subordinadas.”<sup>38</sup> Em uma perspectiva mais profunda, a teórica aymara Silvia Rivera Cusicanqui, argumenta que a história oral tem o potencial epistemológico de decolonizar a história, visto que “[...] no sólo se fundamenta una posición crítica frente a la historiografía oficial, sino que se descubre la existencia de racionalidades históricas diversas, que cumplen funciones legitimadoras de las respectivas posiciones en conflicto.”<sup>39</sup> A partir daí, pode-se repensar os marcos a historiografia linear e documental, incluindo outras formas de compreender o tempo e a história, reconfigurando a ordem colonial que opera na Modernidade ocidental.

En este sentido, la historia oral india es un espacio privilegiado para descubrir las percepciones profundas sobre el orden colonial, y la requisitoria moral que de ellas emana: a pesar de los cambios de gobierno, de los mecanismos diversos de dominación y neutralización, se descubren las constantes históricas de larga duración, encarnadas en el hecho colonial, que moldean tanto el proceso de opresión y alienación que pesa sobre la sociedad colonizada, como la renovación de su identidad diferenciada.<sup>40</sup>

Assim, sujeitos historicamente silenciados – no caso trabalhado por Rivera Cusicanqui, indígenas aymara –, através da oralidade, estabelece-se outra forma de fazimento da história, uma outra prática historiográfica que parte da coletividade, produzindo um processo histórico

---

37 Idem.

38 HILL COLLINS, Patrícia; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. São Paulo: Boitempo, 2021, p. 100.

39 RIVERA CUSICANQUI Silvia, El potencial epistemológico y teórico de la historia oral: de la lógica instrumental a la descolonización de la historia. *Revista Temas Sociales*, No. 11, IDIS/UMSA, La Paz, 1987, p. 49-64, p. 56.

40 Idem.

autônomo que abre brecha para que esses povos retomem o controle sobre seu destino histórico. Dessa forma, propõe uma metodologia da História Oral, em que

La historia oral en este contexto es por eso mucho más que una metodología "participativa" o de "acción" (donde el investigador es quién decide la orientación de la acción y las modalidades de la participación): es un ejercicio colectivo de desalienación, tanto para el investigador como para su interlocutor. Si en este proceso se conjugan esfuerzos de interacción consciente entre distintos sectores: y si la base del ejercicio es el mutuo reconocimiento y la honestidad en cuanto al lugar que se ocupa en la "cadena colonial", los resultados serán tanto más ricos en este sentido.<sup>41</sup>

Na América Latina, o testemunho foi amplamente utilizado pelas esquerdas, como afirma Verónica Rueda Estrada, visto como espaço para se fazer a disputa narrativa da história e construir uma memória coletiva acerca dos acontecimentos; como forma de resistência e espaço de elaboração encontrado pelos subalternizados/as, com destaque para as mulheres; além de ser um compromisso assumido pela intelectualidade latino-americana como um tipo de literatura de compromisso<sup>42</sup>. Segundo Márcio Seligmann-Silva, há uma convergência entre política e literatura de testemunho, sendo este o gênero “[...] mais apto para ‘representar os esforços revolucionários’ dos oprimidos [...] Daí porque Cuba teve um papel-chave na institucionalização desse gênero. [...] O regime sandinista na Nicarágua também foi responsável nos anos 1980 por um boom de testemunhos naquele país.”<sup>43</sup> No nosso caso, consideramos Margaret Randall como “mediadora de testemunho”, o que nos coloca alguns limites e considerações:

[...] a questão do mediador do testemunho (ou do “gestor”), que complexifica a “voz” testemunhal e traz em si a aporia do “complexo de dominação” do estudioso das culturas latino-americanas. Na medida em que essa literatura muitas vezes apresenta a “voz” de indivíduos analfabetos, essa transcrição, essa passagem para cultura da escrita, já implica uma “redução” e “domesticação” do “outro”.<sup>44</sup>

Assim, essa “verdade do sujeito”, essa “voz”, que necessita da escrita para se legitimar e difundir, passa por uma mediação externa a sua realidade, que não necessariamente suplanta a voz que enuncia. Para Camilo Pena o importante é o foco no sujeito coletivo do testemunho,

---

41 Ibidem, p. 59.

42 RUEDA ESTRADA, Verónica. *Testimonio y confesion*. Epica y memoria de la Revolucion Sandinista en la Marca del Zorro, Confesion de amor y adios muchachos de Sergio Ramirez Mercado. (Tesis de Maestría). Universidad Nacional Autónoma de México, México, 2005, 276p.

43 SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, memória e literatura: O testemunho na era das catástrofes*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003, *passim*.

44 Idem.

assim, há um “‘engajamento solidário’ com esse ‘outro’, que é pensado nos estudos latino-americanos como representante do ‘subalterno’.”<sup>45</sup> Devemos ter cuidado com uma definição que tenda a colocar os/as sujeitos como passivos/as para, em contrapartida, pensarmos o testemunho como resistência, como espaço de produção narrativa contra-hegemônica, como veículo que cria espaços de enunciação. Esse se torna terreno fértil para percebermos a visão feminina sobre os processos revolucionários, de maneira integrada aos debates colocados no Ocidente, principalmente se considerarmos que grande parte dos testemunhos publicados, o foram através do trabalho de militantes de classe média, que circulavam na Europa e nos EUA, como é o caso de Margaret Randall.

Argumentamos que Randall tinha consciência de seu papel enquanto “mediadora de testemunho”, agindo como intermediária dessas vozes historicamente silenciadas ao mesmo tempo em que reconhecia seus privilégios de classe, raça e nacionalidade que a possibilitavam desempenhar tal função. Dessa forma, ao contrário de sujeitos que assumiram a voz do outro, “falando por eles/as”, Randall construiu espaços de fala para que essas mulheres latino-americanas pudessem se expressar, ampliando o alcance de suas vozes a partir de sua rede intelectual articulada de maneira transnacional e de seus já mencionados privilégios, dentre os quais destacamos a sua língua materna, como mecanismo que possibilitou uma maior circulação dos testemunhos registrados por ela.

Devido a seu trabalho com testemunhos, Margaret Randall pode ser entendida como uma “intelectual mediadora”, desde onde produziu novos significados ao se apropriar desses saberes desenvolvidos nos testemunhos coletados, ampliando seu contato com outros atores sociais. Nesse sentido, Ângela de Castro Gomes e Patrícia S. Hansen, definem o/a “intelectual mediador” como aquele que atribui sentido a bens e práticas sociais, que pode ser um mediador cultural, e serve também como ponte de comunicação para outros públicos externos à sociedade de onde fala ou com públicos não-especializados<sup>46</sup> – papel que Randall desempenhou muito tanto a partir da revista *El Corno Emplumado*, quanto a partir da circulação de suas obras ensaísticas, poéticas e testemunhais.

---

45 *Apud* SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, memória e literatura: O testemunho na era das catástrofes*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

46 CASTRO GOMES, Ângela; HANSEN, Patrícia Santos. “Intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para delimitação do objeto de estudo”. CASTRO GOMES, Ângela; HANSEN, Patrícia Santos [org.]. *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2016, p.07-40.

Para fundamentar nosso trabalho e análise do material de pesquisa, também recorremos a dois eixos teórico-metodológicos a fim de sustentar a originalidade da nossa pesquisa, além dos já citados aportes da História Intelectual, História dos/as Intelectuais, dos debates teóricos sobre feminismo e o testemunho. São eles os Estudos de Gênero e a Teoria Decolonial. Podemos, assim, propor a releitura da historiografia oficial e a construção de um novo imaginário simbólico, ao buscarmos compreender o passado por meio dos depoimentos das mulheres latino-americanas, responsáveis pela construção de uma memória e de uma identidade coletiva.

A partir dos Estudos de Gênero e da Teoria Descolonial, propomos uma revisão da historiografia produzida até então, nos opondo a uma noção de verdade totalizante, contra a existência de um sujeito universal. Esse sujeito conhecidamente masculino, excluiu as mulheres, ainda mais as mulheres subalternizadas, da narrativa da História, negando-lhes o papel de sujeito e atoras políticas, a partir de um discurso supostamente neutro e universal. Partindo dessa compreensão, o trabalho intelectual desenvolvido por Margaret Randall registrado nos testemunhos, contribui para a revisão da narrativa da História cerca da vida das mulheres da América Latina no interior das esquerdas, assim como para uma revisão geral da história latino-americana na segunda metade do século XX. É uma fonte útil para uma discussão a respeito de uma teoria política feminista na região, contrapondo-se as formulações hegemônicas a respeito do tema. Assim, nos propomos a repensar a discussão teórica acerca das revoluções e dos feminismos, a fim de inserir o debate que estava sendo gestado pelas mulheres latino-americanas, alinhadas com essas propostas teórico-metodológicas para repensar a historiografia.

O gênero, compreendido como uma categoria de análise histórica, conforme desenvolvido por Joan Scott, propõe uma forma de abordagem que compreende as categorias de sexo e gênero de maneira relacionais, o que implica inscrever as mulheres na história, redefinindo e alargando “noções tradicionais do que é historicamente importante”<sup>47</sup>. O gênero é, então, compreendido como relação fundamental na sociedade, na política e na cultura, não apenas como um conjunto de relações sociais estereotipadas, mas como forma primeira de significar as relações de poder na sociedade Ocidental. Dessa forma, “a história é construída como se essas posições normativas fossem o produto de um consenso social e não de um conflito.”<sup>48</sup> A epistemologia feminista, desenvolvida por Margareth Rago, visa construir novas

---

47 SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995.

48 Ibidem, *passim*.

formas de conhecimento científico, considerando a experiência histórica e cultural das mulheres como diferente da masculina, “que se expressa na busca de uma nova linguagem, ou na produção de um contradiscurso”, denunciando o caráter particularista, racista, sexista e ideológico que opera no conhecimento científico Ocidental, incapaz de refletir a partir das diferenças<sup>49</sup>. Compreender as mulheres latino-americanas a partir de sua diversidade, nos leva à epistemologia decolonial e a crítica ao feminismo hegemônico, que nega a interseccionalidade de gênero/raça/classe/sexualidade, ao considerar a existência de uma mulher universal. Como afirma Patrícia Hill Collins e Sirma Bilge,

Acadêmicas feministas que fazem estudos pós-coloniais encontraram na interseccionalidade importantes entendimentos teóricos que lhes permitiram avaliar a influência da filosofia pós-estruturalista continental em campo e usar as estruturas interseccionais para refletir sobre as realidades colonial e pós-colonial. Mais importante, elas fizeram isso destacando as experiências de mulheres, pessoas negras e latinas, pobres e outros grupos negligenciados nos estudos existentes. [...] A interseccionalidade não é simplesmente um método de fazer pesquisa, também é uma ferramenta de empoderamento das pessoas.<sup>50</sup>

Para Luciana Ballestrini, “decolonizar a teoria, em especial a teoria política, é um dos passos para decolonização do próprio poder”, o que abre novas perspectivas de análises que podem corroborar com pesquisas acadêmicas nas ciências humanas produzidas no Brasil, buscando inserir novos atores na historiografia<sup>51</sup>. Para isso, recorreremos à desobediência epistêmica desenvolvida por Walter Mignolo, que rompe com essa perspectiva universal e totalizante, sem negar o saber e as teorias ocidentais institucionalizadas através do “pensamento de fronteira”, que confronta as categorias de pensamento do Ocidente a medida em que novas abordagens e análises são desenvolvidas no Sul, desconstruindo discursos hegemônicos, e questionando os modelos de conhecimentos, “redescobrimos e problematizando a partir de nossa América Latina”<sup>52</sup>. A perspectiva decolonial surge para nós como uma prática acadêmica, já que as análises de gênero, em sua grande maioria, estão inseridas na “economia política

---

49 RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. PEDRO, Pedro, Joana; GROSSI, Miriam. (Orgs.) *Masculino, feminino, plural*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998, p. 03.

50 HILL COLLINS, Patrícia; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. São Paulo: Boitempo, 2021, p. 57.

51 BALLESTRINI, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº11. Brasília, 2013, p. 109.

52 CYPRIANO, Breno. Construções do pensamento feminista latino-americano. *Revista Estudos Feminista*. Florianópolis, v. 21, n. 1, 2013, p. 33.



global do conhecimento” e, para romper com essa perspectiva, faz-se necessário que tenhamos as teóricas e teóricos do Sul, descolonizando o método científico das humanidades<sup>53</sup>.

Concordamos com a afirmação de Jéssica M. Frazier, segundo quem “O trabalho e análises de Randall contribuem para essa discussão feminista transnacional e seus artigos e outros materiais disponíveis, abrem uma janela para esse debate e discurso.”<sup>54</sup> Com essa compreensão, da relevância e impacto do trabalho desenvolvido por Randall na sua busca com romper com a hegemonia dos debates intelectuais de uma época, de compilar de colocar em circulação as vozes das mulheres latino-americanas, apresentaremos as reflexões da presente tese.

Como afirmou Nilma Lino Gomes, toda pesquisa é uma prática “contextualmente localizada e subjetivamente produzida”, dando origem a um conhecimento politicamente posicionado<sup>55</sup>. Por isso, vale afirmarmos que o presente trabalho é escrito por uma mulher, brasileira, latino-americana, branca, feminista, comprometida com a justiça social, orientado e apoiado por uma série de outras mulheres. Produzida no interior do Sul global, em um conceituado programa de pós-graduação, de uma das maiores Universidades do país, com quase cem anos de constante luta e resistência por sua permanência, em defesa da universalização do ensino, da pesquisa e da extensão, como chave para transformação do mundo e da vida do povo brasileiro. Tendo estabelecido esses parâmetros, sonhamos que tal pesquisa contribua para a permanente batalha pela emancipação das mulheres e dos povos subalternizados, em especial de *nuestra américa*. Ou, ao menos, que nos ajude a aprofundar nossa compreensão sobre uma tradição e uma permanente história de luta por soberania e liberdade, incluindo a participação, formulações e projetos políticos feministas e antipatriarcais.

Para abranger as discussões propostas, dividimos a tese em seis capítulos. Com o capítulo 1, “*I never left home: uma poeta entre dois hemisférios*”, objetivamos compreender a trajetória de Randall na América Latina, desde sua chegada no México em 1961 até seu retorno para os EUA em 1984. Abordaremos sua passagem pela América Latina de maneira imbricada

---

53 SEGATO, Rita. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. *e-cadernos CES [Online]*, n.18, 2012, s/p.

54 FRAZIER, Jéssica M. Using the Randall archive: Photography, Poetry, Politics. Mesa de debate no evento *Retrieving the real history: exploring the Margaret Randall Archives at UNM*. Universidade do Novo México, 2020.

55 LINO GOMES, Nilma. Intelectuais negros e produção do conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade brasileira. SOUZA SANTOS, Boaventura de [Org] *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 492-516.

com a conjuntura da segunda metade do século XX, considerando-a como uma intelectual que atuou em consonância com uma época.

No Capítulo 2, “*Un problema de la sociedad: feminismo na encruzilhada*”, analisaremos de que forma o debate feminista e a prática intelectual se encontraram na trajetória da autora, perpassando por dois pontos. Primeiro, como se deu o encontro de Randall com o feminismo, e qual a relação que estabeleceu entre a teoria feminista do Norte global e a prática e os debates feministas no qual estava inserida na América Latina. Incluímos aqui, um debate crítico a respeito da história do feminismo dividido na concepção de “ondas”, considerando outras leituras sobre esse movimento. Segundo, qual o diagnóstico construído por ela, a partir de sua vivência na América Latina, o diálogo intelectual que estabeleceu com as teóricas do Norte global e a escuta das mulheres latino-americanas.

Há aqui também os depoimentos de mulheres latino-americanas – excluídas as cubanas e nicaraguenses –, que foram colhidos e divulgados por Randall, cujos relatos contribuem para o diagnóstico e defesa apresentada pela estadunidense. O encontro de Randall com o debate e a prática feminista ocorreu concomitante com o início de seus trabalhos com testemunho. Assim como outros/as intelectuais sua atuação “[...] se funda na elaboração de discursos que são postos em evidência através de um conjunto de textos que circulam no espaço público, como artigos, romances, ensaios, manifestos e cartas abertas.”<sup>56</sup> Julgamos importante a definição teórica e política de feminismo adotado pela autora, inserindo-a em um contexto de discussões mais amplas a este respeito. Para isso, dividimos o capítulo em duas partes: “2.1. Um olhar do Sul global para pensar as ‘ondas’ feministas” e “2.2. Margaret Randall e a condição da mulher latino-americana (1972-1984)”.

No terceiro capítulo, “Mediadora de testemunho: a história oral e o *testimonio* para Margaret Randall”, mapearemos a metodologia de trabalho desenvolvida por Randall ao assumir o testemunho como ferramenta investigativa capaz de contribuir na interpretação de processos históricos de uma época. Incluindo o debate conceitual e teórico sobre o sentido do testemunho no contexto latino-americano da segunda metade do século XX. Nesse capítulo consta a análise da estrutura de seus livros de *testimonio*: *La mujer cubana ahora* (1972); o manuscrito do livro *Somos millones* (1975); *No se puede hacer la revolución sin nosotras*

---

56 COSTA, Adriane Vidal. Darcy Ribeiro e o Centro de Estudios de Participación Popular (CENTRO) em Lima: redes intelectuais e circulação de ideias. COSTA, Adriane Vida; PALTÍ, Elías J. [Org.] *História intelectual e circulação de ideias na América Latina nos séculos XIX e XX*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2021, p. 84, nota de rodapé.

(1978); *Todas estamos despiertas: testimonios de la mujer nicaraguense hoy...* (1980); *Risking a somersault in the air. Conversation with nicaraguan writers* (1984); *Cristianos en la revolución. Del testimonio a la lucha* (1985). Para isso, observaremos a estrutura dos mesmos, em diálogo com a metodologia proposta pela autora.

Os três últimos capítulos da tese terão como base a análise dos testemunhos das cubanas e sandinistas que foram registrados e colocados em circulação por Randall, produzidos entre 1970-1984. Ao trabalharmos esses capítulos e a estrutura da tese dessa forma, reafirmaremos a posição de Randall no limiar entre fonte e objeto. Aqui, a conexão entre os três primeiros capítulos se faz fundamental: sem compreender sua trajetória intelectual e política, sua concepção de feminismo — como conceito e movimento, e sua abordagem teórica e metodológica do testemunho, não teríamos as bases necessárias para analisar os testemunhos publicados por ela. Se primeiramente construiremos o quadro de atuação e pensamento de Randall, posteriormente analisaremos as fontes testemunhais produzidas e mediadas por ela. Assim, buscaremos demonstrar que esse duplo estatuto de Randall não é apenas teórico, mas se concretiza na estrutura analítica da tese.

A partir do capítulo 3 centraremos nosso trabalho com as fontes testemunhais, e objetivaremos compreender as narrativas e as experiências vividas das mulheres, tanto militantes quanto trabalhadoras, como fontes imprescindíveis para a história. Para essa análise é importante nossa compreensão da metodologia desenvolvida por Randall para a compilação dos testemunhos em livros, assim com o tratamento que ela deu à cada um dos livros, conforme será tratado no capítulo 3. Levaremos em consideração as perguntas feitas; a quantidade de mulheres que deram os depoimentos; a seleção dos depoimentos transcritos aos livros; a classe social a qual pertenciam; e a presença de Margaret Randall atravessando a versão final dos testemunhos. Para isso, partilhamos das concepções dos olhares e saberes localizados desenvolvidas por Donna Haraway<sup>57</sup>. Pela diversidade das mulheres, perceberemos a intenção de Randall em destacar que a participação feminina como algo que não era excepcional, sem buscar colocá-las no lugar de heroínas. Também observaremos como ela buscou vinculá-las a uma perspectiva histórica de resistência que remetia às lutas anticoloniais do século XVI.

Acreditamos que esses registros são uma importante fonte de acesso ao passado por nos dar indícios do envolvimento feminino nos processos revolucionários que ocorreram nesses

---

57 HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*. N.05, 1995, p. 07-41.

países da América Central, duas experiências vitoriosas da luta armada da esquerda latino-americana. Além disso, nos oferece fragmentos do que elas almejavam com a “nova sociedade” e o “novo sujeito” que emergiria da construção revolucionária das novas nações soberanas, inspiradas pelos debates das esquerdas no contexto global da Guerra Fria, salvaguardadas das especificidades de cada local e processo. Mais do que acesso ao passado, em consonância com o ofício do/a historiador/a, contribui para as demandas e perguntas do nosso tempo, do contexto em que escrevemos esta tese. Como aprofundaremos no capítulo 2, para o movimento feminista e as esquerdas latino-americanas, esses debates precisam ser reformuladas a partir de uma perspectiva histórica que supere o silenciamento dos sujeitos subalternizados, rompendo com uma história hegemônica, pretensamente universal que impera ainda atualmente.

Com esses objetivos, trataremos das narrativas das cubanas no capítulo 4, “Testemunho das mulheres cubanas: *La revolución en todo su ímpetu*”, dividido em duas partes. Em “4.1. *Hasta la victoria*: as participações das mulheres da insurreição ao pós-1959”, vamos trabalhar com as diversas nuances e conflitos da integração feminina na Revolução Cubana. No “4.2. Gênero, educação e reorganização do mundo do trabalho”, abordaremos com os desafios identificados por elas, com a construção da “nova sociedade”, do “homem novo” e da “mulher nova”. Veremos como se incluía na agenda prioritária colocada na década de 1970, centrada na incorporação no trabalho produtivo, uma série de políticas públicas de reorganização do trabalho reprodutivo, uma reorientação da família, questões em diálogo com o que foi apontado anteriormente.

Já os testemunhos das nicaraguenses serão investigados nos capítulos 5 e 6, respectivamente “Nicarágua: *para que un día nuestro pueblo sueñe en colores*” e “Mulheres da Nicarágua, *semilla de liberación*”. Neles, vamos abordar o papel da juventude, da maternidade e da religião no contexto sandinista, que atravessou as experiências femininas. O capítulo 5 está dividido em: “5.1. As três *comandantes guerrilleras*: das bases à direção revolucionária”, onde aprofundaremos as relações entre juventude e maternidade como eixo mobilizador e dotador de sentido para as mulheres se integrarem à revolução, abordando como se configurava o “sacrifício feminino pela revolução”. No “5.2. ‘Homem novo’ e ‘Mulher nova’ na Nicarágua sandinista”, discutiremos sobre a formação do “novo sujeito” revolucionário diante dos desafios enfrentados na Nicarágua sandinista e o processo de integração delas em diferentes funções e com diferentes papéis políticos.

O capítulo 6 divide-se em “6.1. Sandinistas de verde-oliva: estamos todas despertas”, em que debateremos as diversas formas de integração feminina no processo revolucionário,

com especial atenção à participação na luta armada, diante dos desafios impostos pelo contexto de reconstrução nacional. No “6.2. Escritoras e revolucionárias: *¿sentarme a escribir una novela o irme a un batallón de reserva?*”, refletiremos sobre o entendimento das mulheres escritoras a respeito da contribuição intelectual no contexto de reconstrução nacional. No “6.3. Tortura e solidariedade: *guerrillera, campesina-prostituta, obrera-ladrona*”, trabalharemos com os depoimentos que abordaram as diferentes formas de tratamento das militantes nicaraguenses, como vinculavam o sacrifício revolucionário as diversas estratégias de sobrevivência e o viés generificado da violência somozista e da tortura.

## 1. *I NEVER LEFT HOME: UMA POETA TRANSNACIONAL*

Neste capítulo, abordamos a trajetória de vida e a atuação intelectual de Margaret Randall, no período compreendido entre 1961, ano em que se mudou para o México, e 1984, ano que retornou para os Estados Unidos. Consideramos essa abordagem crucial para compreendermos o seu interesse pela América Latina e pelos testemunhos das mulheres que habitavam a região, em particular das cubanas e nicaraguenses, como veremos nos capítulos 4, 5 e 6. Seu olhar para América Latina e sua interpretação do seu papel político e social deram o tom nas entrevistas feitas por Randall, assim como definiram os recortes escolhidos para que esses registros se tornassem públicos e circulassem por várias partes mundo. Este entendimento contribui para pensarmos o debate revolucionário e feminista a partir das vozes de mulheres latino-americanas no século XX.

O encontro de Randall com o debate e a prática feminista ocorreu concomitante ao início de seus trabalhos com os testemunhos das mulheres latino-americanas. Assim como outros/as intelectuais sua atuação “[...] se funda na elaboração de discursos que são postos em evidência através de um conjunto de textos que circulam no espaço público, como artigos, romances, ensaios, manifestos e cartas abertas.”<sup>58</sup> Para isso, analisamos a coletânea de textos feministas que Randall traduziu em 1972, intitulado *Las mujeres*, além de uma série de artigos que diagnosticavam a realidade da mulher latino-americana.

Para alcançarmos os objetivos propostos, utilizamos a metodologia da História Intelectual e da História dos/as Intelectuais<sup>59</sup>. O campo da História Intelectual, para Carlos Altamirano, ganhou importância com a erosão de um saber privilegiado e de um discurso científico universal. Como documentos da história, as palavras passaram a ser interpretadas a partir de seu lugar simbólico, com os/as intelectuais inseridos em grupos culturais e relações específicas, seja em tradições literárias, seja em redes de sociabilidades, “[...] en conexión con su ‘exterior’, con sus condiciones pragmáticas”<sup>60</sup>. Maria Elisa Noronha de Sá resumiu esse conceito a partir da preocupação com o contexto articulado com as ideias, visando “[...] inserir

---

58 COSTA, Adriane Vidal. Darcy Ribeiro e o Centro de Estudios de Participación Popular (CENTRO) em Lima: redes intelectuais e circulação de ideias. COSTA, Adriane Vida; PALTÍ, Elías J. [Org.] *História intelectual e circulação de ideias na América Latina nos séculos XIX e XX*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2021, p. 84, nota de rodapé.

59 Para aprofundar sobre os debates da História das Ideias e da História Intelectual, ver autores ligados à Escola de Cambridge: Quentin Skinner e John Pocock.

60 ALTAMIRANO, Carlos. *Intelectuales*: notas de investigación. Bogotá: Editora Norma, 2006, *passim*.

o estudo das ideias e atitudes no conjunto das práticas sociais”<sup>61</sup>, reconhecendo assim a importância da História Intelectual para valorização de atores, circulação de ideias e formulações propriamente latino-americanas.

Por isso, conforme aponta Carlos Henrique Armani, devemos também pensar a intencionalidade do autor e seus contatos: “[...] son contextos en los cuales la escritura de una obra o de un conjunto de obras se temporaliza.”<sup>62</sup> A partir disso, propomos compreender a intencionalidade da escrita de Randall, considerando onde vivia, com quem se relacionava, de onde e por que (ou por quem) falava, e como articulava ideias e construía discursos. A História dos Intelectuais<sup>63</sup> nos auxilia nesse sentido, balizando nossa interpretação da trajetória de Randall, partindo do contexto em que se encontrava. A atuação da intelectual de Randall propiciou a criação de comunidades de discurso, que podem ser reforçadas por uma atuação transnacional, de “trânsitos de pessoas, intercâmbios culturais, práticas intelectuais e circulação de ideias”, como afirmou Adriane Vidal Costa.”<sup>64</sup>

Quando observamos a trajetória e atuação intelectual de Randall, podemos afirmar que ela foi, e ainda é, uma intelectual transnacional. Além de ter vivido e atuado em diversos países da América Latina, ela publicou seus livros na Costa Rica, México, Peru, Cuba, Chile, Brasil, EUA, Canadá, Índia, Turquia, Alemanha. Foi traduzida e traduziu autores/as, o que reforça a característica transnacional de sua atuação, a partir da circulação de sua obra, que garantiu o trânsito de ideias e o surgimento de “comunidades de discurso”. Como afirmou Bárbara Weinstein, ao trabalhar com a história transnacional, são justamente as “comunidades de discurso” que garantem que as zonas de contato não sejam geograficamente definidas. Nesse sentido, desvia o foco da esfera política e econômica como descolada da cultura: “[...] o

---

61 NORONHA DE SÁ, Maria Elisa. Apresentação: História intelectual latino-americana: itinerários, debates e perspectivas. NORONHA DE SÁ, Maria Elisa (Org). *História intelectual latino-americana: itinerários, debates e perspectivas*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio, 2016, p. 11.

62 ARMANI, Carlos Henrique. Historia Intelectual, contextos de las escrituras y redes. COSTA, Adriane; MAÍZ, Cláudio. *Nas tramas da “cidade letrada”*: sociabilidade dos intelectuais latino-americanos e as redes transnacionais. Belo Horizonte: Fino Traço, 2018, p. 207.

63 Ver SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Ed. FGV, 2003, p. 231-270 e DOSSE, François. *La marcha de las ideas*: historia de los intelectuales, historia intelectual. Valencia: Universitat de Valencia, 2006.

64 COSTA, Adriane Vidal. Uma proposta teórico-metodológica para o estudo de redes intelectuais latinoamericanas formadas nos exílios nas décadas de 1960 e 1970. COSTA, Adriane; MAÍZ, Cláudio. *Nas tramas da “cidade letrada”*: sociabilidade dos intelectuais latino-americanos e as redes transnacionais. Belo Horizonte: Fino Traço, 2018, *passim*.

argumento é a impossibilidade de entender os desdobramentos políticos sem uma consideração mais cuidadosa dos intercâmbios culturais, e o papel da cultura nos projetos interamericanos”<sup>65</sup>.

Nesse sentido, consideramos a função do trânsito continental de Margaret Randall como parte central de sua trajetória intelectual. Para Alexandra Pita González, “[...] la práctica de los intelectuales se articula para conformar lo que Devés llama ‘espacios metanacionales (más allá del Estado-nación)’ y que éstos pueden articular espacios periféricos con centrales”. Neste caso, compreendemos Randall como uma intelectual fundamental para internacionalização das fronteiras do debate sobre a Revolução e sobre o gênero no interior das esquerdas, dos governos revolucionários e progressistas. Portanto, se faz necessário, nesta tese, “[...] referirse a nuevas fronteras en el campo intelectual para superar el énfasis geográfico y remitirse más al ámbito simbólico que construyen los intelectuales, al flexibilizar las formas de observar la construcción de territorialidad”<sup>66</sup>.

A partir de seu trabalho realizado através de *El Corno*, com as traduções, com os testemunhos e as conferências, analisamos a trajetória de Randall também compreendendo-a como “intelectual mediadora”. Consideramos que ela própria, ao se definir como “ponte”, se colocava nessa posição de mediação. Como definiram Ângela de Castro Gomes e Patrícia S. Hansen, o/a “intelectual mediador/a” é aquele/a que atribui sentido a bens e práticas sociais, que atua como mediador/a cultural, como ponte de comunicação entre públicos externos à sociedade de onde sujeitos estão enunciando a fala, ou com públicos não-especializados<sup>67</sup>.

Randall reivindicava sua função, de intelectual, a partir de seu lugar e de sua realidade, das subjetividades impostas a seu gênero. Por isso, acreditamos poder incluir as mulheres na perspectiva definida por Cláudia Gilman, segundo quem, as décadas de 1960 e 1970 foram um período importante para a conversão do escritor em intelectual na América Latina. No contexto dos movimentos revolucionários, democráticos, de resistência aos regimes autoritários, os/as artistas e intelectuais que se estabeleceram na esfera pública, como aqueles e aquelas que

---

65 WEINSTEIN, Bárbara. Pensando a história fora da nação: a historiografia da América Latina e o viés transnacional. *Revista da ANPHLAC*, n.14, 2013, p. 17.

66 PITA GONZÁLEZ, Alexandra. Introdução. PITA GONZÁLEZ, Alexandra. *Redes intelectuales transnacionales en América Latina durante la entreguerra*. Colima: Universidade de Colima. Cidade do México: Miguel Ángel Porruá, 2016, *passim*.

67 CASTRO GOMES, Ângela; HANSEN, Patrícia Santos. “Intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para delimitação do objeto de estudo”. CASTRO GOMES, Ângela; HANSEN, Patrícia Santos [org.]. *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2016, p. 07-40.



contribuíram para vincular a cultura e a política, produzindo “representações de mundo social” de uma “época”. Uma “época” compreendida aqui como “[...] el campo de posibilidad de existencia de un sistema de creencias, de circulación de discursos y de intervenciones”<sup>68</sup>.

Cláudia Gilman caracterizou o “compromisso intelectual”, nesse período, como uma forma de expressão da politização desses/as atores/as, presente nas obras e no sujeito, que reverberava na esfera pública, nas ideias e estratégias diante do “inimigo”, implicando “siempre alguna clase de intervención intelectual que *excedía* la producción literario o artística en cuestión”<sup>69</sup>. Assim, rompeu-se a membrana que separava a obra da vida de seu autor, tendo esses intelectuais sua legitimidade medida pela sua atuação e compromisso ideológico, ou, como afirmou Adriane Costa, sentiam que “tinham uma enorme responsabilidade diante da História”<sup>70</sup>.

Podemos aproximar a ideia defendida por Randall sobre o papel e função intelectual com a perspectiva sartreana do intelectual como aquele que se “rebela” contra a hegemonia, permeado por contradições, de esquerda e revolucionário, fruto do contexto em que é forjado. Sendo assim, esse sujeito que contesta “verdades”, teria como obrigação se portar no espaço público para criticar a hegemonia. Apesar dessas aproximações, Randall afastou-se dessa compreensão sartreana no que diz respeito à negação de uma agência intelectual a sujeitos comuns e das camadas populares, como afirmou Weffort<sup>71</sup>. Nesse caso, ela pode ser colocada por nós em diálogo com Foucault, para quem “[...] o que [esses] intelectuais descobriram recentemente é que as massas não necessitam deles para saber; elas sabem perfeitamente, claramente, muito melhor do que eles; e elas o dizem muito bem. Mas existe um sistema de poder que barra, proíbe, invalida esse discurso e esse saber”<sup>72</sup>.

Aproveitamos para reiterar a crítica a respeito da ausência de estudos que investigam as discussões do tema que levem em conta os debates feitos pelas mulheres a respeito das definições do ser e da função do/a intelectual. Consideramos que as referências consolidadas

---

68 GILMAN, Claudia. *Entre la pluma y el fusil*. Debates y dilemas del escritor revolucionario en América Latina. Buenos Aires: Siglo XXI, 2003, *passim*. Grifos da autora.

69 Idem.

70 COSTA, Adriane Vidal. *Intelectuais, política e literatura na América Latina*: O debate sobre revolução e socialismo em Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa. São Paulo: Alameda, 2013, p.67

71 WEFFORT, Francisco C. Apresentação. SARTRE, Jean-Paul. *Em defesa dos intelectuais*. São Paulo: Editora Ática, 1994, p.09

72 FOUCAULT, Michel. Os intelectuais e o poder: conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze. MACHADO, Roberto [org.] *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979. Para aprofundar na discussão, ver o debate na íntegra.

no campo da História Intelectual são fundamentais e partem de sujeitos reconhecidos em seu tempo e, na grande maioria dos casos, na atualidade, contudo, são conceituações muitas vezes limitadas e que não dão conta da diversidade de sujeitos que cumpriam o papel de intelectuais na América Latina e, principalmente quando pensamos nas mulheres latino-americanas e de cor<sup>73</sup>. Abel Pedreros, ao abordar o tema do surgimento de uma classe média colombiana concomitante ao surgimento do setor de serviços na primeira metade do século XX, ou seja, o momento em que emergiu um tipo de trabalho que se contrapunha ao trabalho braçal da fábrica, nos apresentando algumas reflexões que, apesar de não tratarem do trabalho intelectual nos moldes que trabalhamos aqui, acreditamos que podem nos ajudar. Para ele, a consolidação de uma alternativa ao trabalho físico e manual reforçou as diferenças de gênero e classe a partir desse “trabalho mental”. Nesses novos espaços das *oficinas*, as mulheres foram relegadas ao papel de “ajudantes” dos “verdadeiros homens que trabalhavam”,

Ellas eran "mujeres excepcionales" que "detrás" de los empleados se encargaban de la limpieza de la casa, la nutrición, la moral y la rectitud de los hijos, la armonía y la coordinación de las relaciones sociales dentro del hogar. Sólo si las esposas hacían su trabajo y cumplían sus obligaciones a cabalidad, los empleados podrían sentirse y actuar como "hombres de verdad."<sup>74</sup>

Para abordar a trajetória intelectual de Margaret Randall, recorreremos às suas duas autobiografias lançadas em 2020, de grande valia para nosso estudo, servindo também como acesso a uma determinada época vivida a partir do olhar da autora para o passado, desde os desafios do tempo presente<sup>75</sup>. Tendo em vista que, quando iniciamos esta pesquisa, em fins de 2019, nenhuma das duas haviam sido publicadas e, com isso, tínhamos poucas e esparsas informações dos acontecimentos da sua vida, sobre onde viveu, sobre seus trabalhos, trajetória intelectual, vida pessoal e familiar e, apesar de não termos o objetivo de analisá-las como fonte primária da nossa investigação, as consideramos como um espaço importante de acesso à trajetória da autora. No entanto, não sem considerar os desafios que a escrita autobiográfica nos

---

<sup>73</sup> Mulheres de cor é uma forma utilizado por teóricas e feministas estadunidenses que se contrapunham ao feminismo hegemônico protagonizado pelas mulheres brancas, assim elas buscaram estabelecer uma coalizão entre as realidades periféricas que viviam as mulheres negras, *chicanas*, indígenas, latinas. Frances Beal, importante referência de Randall, bem como Glória Anzaldúa, foram referências teóricas para o estabelecimento deste conceito. Posteriormente, o uso deste termo foi tensionado pelas ativistas e teóricas feministas da América Latina, visto como uma imposição do Norte global e como forma de apagamento de identidades específicas e situadas.

<sup>74</sup> PEDREROS, Abel Ricardo López. Empleadas, mujeres de oficina y la construcción de las identidades de media en Bogotá, 1930-1950. *Anuario Colombiano de Historia Social y de la Cultura*. N.30, 2003, p. 264.

<sup>75</sup> Margaret Randall também escreveu um livro de memórias referente a sua passagem por Cuba: *To Change the World: My Years in Cuba*, New Brunswick, New Jersey, Rutgers University Press, 2009; *Cambiar el mundo: mis años en Cuba*, Matanzas, Cuba, Editorial Matanzas, 2017.

coloca, a fim de evitarmos um olhar romantizado do passado de Randall e de sua atuação nos processos históricos que nos interessa.

Levando em conta a definição de Wander Melo Miranda, podemos concluir que a escrita autobiográfica de Randall encontra-se na fronteira entre a autobiografia e a memória, tendo em vista que a primeira diz sobre o que foi o indivíduo, e na segunda “[...] a narrativa de vida do autor é contaminada pela dos acontecimentos do passado que passam a ser privilegiados”<sup>76</sup>. Diante disso, não temos a intenção de dissociar uma interpretação da outra. Como veremos, a escrita autobiográfica nos coloca diversos desafios teórico-metodológicos, mas permanece sendo um objeto importante para pensarmos a História e construirmos uma narrativa sobre o passado, em especial quando tratamos de sujeitos historicamente silenciados pela historiografia.

Partimos do pressuposto de Wander Miranda, para quem a autobiografia é um “ato de discurso *literariamente* intencionado”, o que nos aponta perspectivas teórico-metodológicas adotadas por parte de quem a escreve, estabelecidos em diálogo com o campo literário e como “ponto de cruzamento” com outras áreas do conhecimento. Com uma autointerpretação, ele apontou como um dos motivos para a escrita autobiográfica o processo de “transformações internas” provocadas por “eventos externos”, o que nos é útil para pensar a escrita autobiográfica de Randall, como veremos neste capítulo:

[...] a transformação interna do indivíduo provocada por eventos externos proporciona material para uma narrativa que tem o *eu* como sujeito e como objeto, sendo que a importância da experiência pessoal, aliada à oportunidade de oferecer o relato dela a outrem, estabelece legitimidade do *eu* e a autoriza-o a tomar como tema sua existência pretérita.<sup>77</sup>

Para essa leitura não perdemos de vista as diferenças entre o *eu* que narra e o *eu* que é narrado, o que incide na leitura que se tem dos acontecimentos vividos, reordenando o passado e buscando “dar-lhe um sentido”<sup>78</sup>. Ao propor contar a história de uma época fundamentada em sua trajetória, Randall partiu de sua experiência atravessada por sua condição de mulher, intelectual, poeta, lésbica e estadunidense<sup>79</sup>. Essas questões reforçam as transformações

---

76 MIRANDA, Wander de Melo. A ilusão autobiográfica. *Corpos escritos*: Graciliano Ramos e Silviano Santiago. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992, p. 25-42, *passim*. Grifos do autor.

77 Idem.

78 Idem.

79 Randall teve vários relacionamentos com homens ao longo de sua vida, contudo, em meados da década de 1980, após retornar aos Estados Unidos, assumiu-se como lésbica e se casou com a artista estadunidense Bárbara Byers.

presentes na escrita autobiográfica que foram apontadas por Philippe Lejeune, cuja produção deixou de ser monopólio das elites masculinas e passaram a ser meio de expressão e registro de vozes silenciadas ao longo da história, apresentando novas formas de registro e novos olhares.

Ela mesma deixou algumas questões bem definidas para nós, leitoras e leitores, ao expressar seu objetivo com a escrita de suas memórias: relacionar sua trajetória pessoal e os acontecimentos históricos contemporâneos e vividos por ela,

[...][*I never left home*] no se compone únicamente de los rumores de una mujer que nació en la primera mitad del siglo XX, sino de las memorias involucradas en momentos históricos importantes, pues yo tuve la suerte de haber vivido en Nova York con los abstractos expresionistas y poetas *beat* durante la década de los años 1950; en México en los sesenta donde, con Sergio Mondragón, fundamos y editamos *El corno emplumado*, una revista bilingüe y sin igual; en Cuba durante los setenta, o sea, la década, la segunda década de una revolución social triunfante; y en Nicaragua durante el verdadero experimento social sandinista, que tuvo lugar en la primera mitad de los ochenta.<sup>80</sup>

Como afirmou Leonor Arfuch, as “escritas de si” abrem “[...] el camino de lo individual a lo colectivo: la memoria como paso obligado hacia la Historia.” Por isso consideramos relevante compreender a relação entre autora e personagem contida nas escritas autobiográficas. Já que o fato narrado só se torna um fato quando falado ou escrito, nós temos o desafio de refletir sobre a imagem que a autora constrói de si e de sua vida nesse processo de registro:

[...] se tratará siempre de una construcción, en la que el lenguaje o la imagen – o ambos – imprimen sus propias coordenadas según las convenciones del género discursivo elegido – y sus posibles infracciones –, un devenir donde otras voces hablan – inadvertidamente – en la propia voz, sujeto a las insistencias del inconsciente y a la caprichosa asociación de los recuerdos.<sup>81</sup>

Nesta construção do narrar Randall, a todo tempo, ela apontou suas escolhas entre o que lembrar e esquecer, demonstrando sua consciência desse ato, mesmo que não pudesse controlá-lo. Ao inserir o que lembrava como parte de uma releitura dos acontecimentos que partiram das demandas tempo presente, ela reconheceu um exercício de reinterpretação dos fatos e estabeleceu um “pacto” com as/os leitoras/es. Philippe Lejeune definiu esse “pacto” como o

---

80 SALAZAR, Fernando. *La Palabra Compartida*. Cidade do México: DGEST Media TV; Revista literária Taller Igtur; Revista de poesía Delírio; Congregación Literária de la Ciudad de México. 12 de maio de 2020. Entrevista com Margaret Randall.

81 ARFUCH, Leonor. *Memoria y autobiografía: exploraciones en los límites*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2013, p.77-81, *passim*.

que “[...] cabe ao autor declarar sua intenção, não ao leitor, fazer suposições para que haja autobiografia”<sup>82</sup>, e Margaret Randall assim o faz. Esse debate a respeito da escrita autobiográfica e sua função histórica nos permite considerar as publicações de Randall como importantes para nosso trabalho.

Tomando em conta a discussão proposta pela autora entre o que lembrar e o que esquecer, retomamos as reflexões propostas por Paul Ricoeur quando abordou a questão da memória e o esquecimento<sup>83</sup>. Para o filósofo francês apesar de o lembrar ser um “não esquecer”, aquilo que é esquecido está ligado a experiência coletivas perturbadoras. Nesse sentido, Randall demonstrou dificuldade em contar sobre o período traumático em que viveu na Nicarágua. Para Ricoeur, essa “memória impedida” não está apagada e pode ter sido manipulada,

[...] por causa da função mediadora da narrativa, os abusos de memória tornam-se abusos de esquecimento. [...] As estratégias do esquecimento enxertam-se diretamente nesse trabalho de configuração: pode-se sempre narrar de outro modo, suprimindo, deslocando ênfases, refigurando diferentemente os protagonistas da ação assim como os contornos dela.<sup>84</sup>

Esse esquecimento, segundo Ricoeur, pode ser passivo ou ativo. É importante para nós, enquanto historiadoras/es, identificar o que não se quer lembrar e o porquê desse esquecimento, afinal, pode ter sido uma estratégia, ou algo não intencional, “pode-se perceber que esqueceu, e nota-se isso num dado momento”<sup>85</sup>. Por isso Ricoeur reivindica uma falsa simetria entre a memória e o esquecimento. Devemos reconhecer que há uma permanente relação entre o vivido, o presente e o que é transmitido, o que coloca a nós enquanto pesquisadoras/es a responsabilidade de nos atentarmos para as armadilhas entre o dito e o não dito, seja ele proposital ou inconsciente. Em diálogo com Pierre Nora<sup>86</sup>, essa perspectiva de Ricoeur reforça os diferentes lugares ocupados pela história e pela memória: a primeira é como uma operação intelectual que busca reconstruir o que não existe mais; a segunda como algo do presente, em constante atualização, transitando entre a lembrança e o esquecimento, podendo ser individual ou coletiva.

---

82 LEJEUNE, Philippe. O pacto autobiográfico, 25 anos depois. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Organização Jovita Maria Gerheim Noronha. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 87.

83 RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. São Paulo: Editora UNICAMP, 2007, p. 455-508.

84 Idem, *passim*.

85 Idem.

86 NORA, Pierre. Entre memória e história: A problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo, n.10, 1993.

Pierre Nora também abordou o tema da memória a partir de seu desenvolvimento na contemporaneidade sob a ótica do vínculo da história a da memória, identificando como a história, que produz arquivos e tem uma necessidade de deixar registrado as experiências, muitas vezes o faz através da escrita de Memórias. Contudo, em dissonância com Nora, que reivindicou um processo de individualização da história através do surgimento de “homens-memória”, da busca por uma verdade a partir de um distanciamento de um tempo que acabou, Randall colocou sua trajetória a disposição para construção de uma narrativa coletiva a respeito de uma época.

A historiadora Margareth Rago, ao propor a autobiografia como uma estratégia de resistência a ser adotada por sujeitos silenciados/as pela historiografia hegemônica, defendeu que esse é “[...] um modo de transformar o vivido em experiência, marcando sua própria temporalidade e afirmando sua diferença na atualidade”<sup>87</sup>. Assim, buscou compreender o passado individual, mas também o coletivo. Podemos considerar que Randall, como afirmou Rago, “[...] visava marcar a diferença do olhar feminista na leitura do passado”<sup>88</sup>. Ao trazer à tona sua individualidade, deu sentido a ela a partir de uma perspectiva coletiva e em diálogo com os acontecimentos históricos em que estava imersa: “[...] entre o eu e o seu contexto não há propriamente diferença, mas continuidade”<sup>89</sup>. Ou seja, não só a memória está a serviço da reescrita da história, mas também acontece o caminho inverso, como aponto Rago ao interpretar Ricoeur: “[...] a historicização da memória significa que a história [também] tem como tarefa ajudar a corrigir e a ampliar a memória, fazendo com que esta, entre em contato com dimensões mais profundas de si mesma e se conheça melhor”<sup>90</sup>.

Compreender a trajetória da autora nos é importante para termos uma compreensão contextualizada e para historicizarmos o exercício de sua função como “mediadora de testemunhos”<sup>91</sup>. Suas vivências e sua escolha por dar visibilidade às mulheres latino-americanas, a partir de seus privilégios de raça e nacionalidade, impactou a forma como organizou os *testimonios* de mulheres latino-americanas. Durante o período em que viveu no México,

---

87 RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se*. Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2013, p. 56.

88 RAGO, Margareth. Autobiografia, gênero e escrita de si: nos bastidores da pesquisa. AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso. *O que pode a biografia*. São Paulo: Letra e Voz, 2018, p. 211.

89 RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se*. Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2013, p. 52.

90 RAGO, Margareth. Autobiografia, gênero e escrita de si: nos bastidores da pesquisa. AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso. *O que pode a biografia*. São Paulo: Letra e Voz, 2018, p. 214-215.

91 Sua relação como intelectual e os testemunhos, será discutida no capítulo 3.

Randall se incorporou em um cenário político e artístico latino-americano e deu início ao seu envolvimento na vida pública. A partir de então, manteve contato com discussões sobre gênero, questionou suas experiências a partir dessa diferença e passou a ler uma literatura política feminista. Essa fundamentação teórica a respeito dos feminismos foi constituída a partir de muitos diálogos e múltiplas experiências que sustentaram seu olhar direcionado às mulheres latino-americanas.

Margaret Randall, em sua juventude, optou por viver na América Latina, o que impactou diretamente sua trajetória pessoal, suas posições políticas e seu entendimento sobre o papel da/o intelectual. Viveu e atuou por tanto tempo nos países latino-americanos que atualmente se considera não como uma cidadã estadunidense, mas sim uma “cidadã de toda a América Latina”, reivindicando uma identidade latino-americana<sup>92</sup>. Contudo, mesmo diante da afirmação de Randall, não podemos desvincular sua produção política e intelectual da sua origem estadunidense, com sua consciência forjada no interior de uma racionalidade Ocidental, do Norte global; dotada de privilégios de raça, cor, classe e língua.

Partimos da compreensão de Norte e Sul global não como categorias meramente geográficas<sup>93</sup>. Na presente tese, tratamos também da relação da América Latina com os Estados Unidos, e, portanto, devemos levar em conta as relações de poder historicamente estabelecidas entre o país e as outras nações do continente americano. O lugar de origem, onde nascemos, crescemos e nos formamos, impacta diretamente em nossa postura diante da sociedade e em nossa visão de mundo. O que não foi diferente com Margaret Randall, mesmo ela tendo, como veremos, vivenciado a realidade e processos político-sociais na América Latina, o que impactou na sua trajetória e forma de compreender e se portar diante do mundo e da sociedade, ela estava marcada por seu lugar de origem. Como afirmou Bourdieu, devemos considerar o *habitus* que, como produto da história, socialmente situado, “[...] produz as práticas, individuais e coletivas”, a fim de garantir as práticas e suas constâncias, como “esquemas de percepção, de pensamento e ação” que perpetua práticas sociais: “[...] o *habitus* tende a engendrar todas as condutas ‘razoáveis’, do ‘senso comum’”, criando homogeneidade<sup>94</sup>. Dentre as condições objetivas

---

92 VALBUENA, Jorge. Programa Entre amigos. Poetas en Vela. *Revista Latinoamericana de Poesía la Raíz Invertida*. Colombia: Colectivo Casa Desnuda. 14 de junho de 2020. Entrevista com Margaret Randall.

93 Ressaltamos que a autora não utilizava essas categorias, mas adotava a concepção de “terceiro mundo” em voga no período da Guerra Fria em que escrevia. WALLERSTEIN, Immanuel. O que era mesmo o Terceiro Mundo? *Le Monde Diplomatique*, agosto de 2000, 20p. Disponível em: <<https://fsiufabc.wordpress.com/wp-content/uploads/2015/11/wallerstein-20002.pdf>> Acesso: 07/03/2025.

94 BOURDIEU, Pierre. Estruturas, *habitus*, práticas. BOURDIEU, Pierre. *O senso prático*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009, p. 86-107, *passim*.

dotadas de um mesmo *habitus*, ele chamou atenção para a classe social, como grupo com acesso à lugares, bens, esquemas de concepção, etc., influenciando na definição de diferentes costumes.

Randall passou a infância e adolescência no estado do Novo México, fronteira ao México, para onde se mudou com sua família aos dez anos, o que influenciou na forma como estabeleceu sua relação com a América Latina e sua população historicamente subjugada pela política externa dos EUA. Os sujeitos do Norte e do Sul global, compartilham elementos histórico-culturais com clara predominância da visão de mundo imposta pelo Norte global. Dessa forma, parte da história, cultura e percepção de mundo próprias do Sul global foram sistematicamente subalternizadas e silenciadas a partir das relações de poder estabelecidas com a Modernidade, pois ocupam lugares distintos no Sistema Mundo Moderno Colonial de Gênero. Essa diferenciação teria como base duas questões iniciais e fundamentais: a raça e o gênero.

Partindo de uma classificação social racializada advinda da invenção da raça como categoria social hierarquizante, que se deu com a chegada dos europeus no território americano, como afirma Aníbal Quijano, produziu-se uma hierarquia racial determinante para organização do sistema capitalista, e criou-se um padrão de poder hegemônico em que os povos latino-americanos, dentre outros, foram considerados inferiores e, conseqüentemente, subjugados a uma relação de poder exploratória. Posteriormente, a antropóloga argentina Maria Lugones, em crítica à teoria de Quijano, inseriu o gênero como categoria que configura a colonialidade do poder, seguido da sexualidade heteronormativa, chamando-o de Sistema-Mundo Moderno Colonial de Gênero<sup>95</sup>. Contribuiu assim, para a complexificação dessa teoria ao apontar a realidade do lugar de violência que foi atribuído forçosamente às mulheres de cor.

Ao localizarmos nossa pesquisa a partir das relações de poder estabelecidas de maneira estrutural nesse Sistema Mundo, ressaltamos que devemos compreendê-las de maneira relacional. Quando abordamos a exploração e a violência exercidas pelo Norte global em direção ao Sul global, é fundamental historicizarmos essas relações. Assim, o exercício de poder instituído entre os Estados Unidos e a América Latina, mesmo que partindo da chave de leitura da colonialidade do poder, do saber e do ser, não pode ser entendido como similar a quando pensamos a relação entre a Europa e a América Latina<sup>96</sup>. Além de diferenças de processos

---

95 LUGONES, María. Colonialidad y Género. *Tabula Rasa*. Bogotá, Colômbia, No.9, 2008, p. 73-101.

96 VER: MIGNOLO, Walter. La descolonialidad del vivir y del pensar: deprendimiento, reconstitución epistemológica y horizonte histórico de sentido. QUIJANO, Aníbal. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2019, p. 11-46. BALLESTRINI, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº11. Brasília, 2013, p. 89-117.



históricos de dominação, colonização e formação do estado nacional, posteriormente o imperialismo estadunidense exerceu outras formas de violência política sobre o continente latino-americano, principalmente no período abordado nesta tese, a segunda metade do século XX.

Inserida nesse contexto, Randall refletiu e buscou se recolocar diante das hierarquias e relações de poder determinadas. Contudo, como afirmamos, são questões estruturais no sistema sócio-histórico, o que impõe certa dificuldade e limite nessa capacidade individual de transgressão. A respeito da produção do conhecimento, como formulou Walter Mignolo, estamos diante de uma estrutura de poder que estabelece uma “linha imaginária” em que o Norte produz a teoria, enquanto o Sul oferece a experiência<sup>97</sup>. Para Aníbal Quijano estabeleceu-se, assim, relações binárias que se dividem entre: primitivo X civilizado, mágico X mítico-científico, irracional X racional, tradicional X moderno. Assim,

Não seria possível explicar de outro modo, satisfatoriamente em todo caso, a elaboração do eurocentrismo como perspectiva hegemônica de conhecimento, da versão eurocêntrica da modernidade e seus dois principais mitos fundacionais: um, a ideia-imagem da história da civilização humana como uma trajetória que parte de um estado de natureza e culmina na Europa.<sup>98</sup>

Em sua infância, Randall destacou a frequência com que ia ao México acompanhada de seus pais, o que a aproximou daquela geografia e cultura, colocando-a em trânsito entre ambos os países e regiões geopolíticas<sup>99</sup>. Na fronteira física em que vivia Randall, a diferença colonial permanecia e, quiçá, era ainda mais intensa, por ser uma região limítrofe onde se expunha as contradições, as desigualdades e os conflitos. Apesar da divisão do Sistema Mundo entre Norte e Sul global não se tratar de categorias geográficas, a vizinhança muitas vezes, em vez de contribuir para uma aproximação escancara a diferença colonial, aquela “[...] diferença entre o centro e a periferia, entre a crítica eurocêntrica do eurocentrismo e a produção de conhecimento por aqueles que participaram na construção do mundo moderno/colonial e aqueles que foram excluídos do debate”, como nos chamou atenção Mignolo<sup>100</sup>.

---

97 MIGNOLO, Walter. A geopolítica do conhecimento e a diferença colonial. *Revista Lusófona de Educação*, n.48, 2020, p. 187-224.

98 QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. LANDER, Edgardo [Org.]. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas*. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, 2005, p. 122.

99 RANDALL, Margaret. *My Life in 100 Objects*. Nova Iorque, EUA: New Village Press, 2020B.

100 MIGNOLO, Walter. A geopolítica do conhecimento e a diferença colonial. *Revista Lusófona de Educação*, n.48, 2020, p. 194.

Sendo assim, mesmo diante do trânsito de Margaret Randall entre os EUA e a América Latina, o fato dela ser uma mulher intelectual do Norte global é algo que não podemos negligenciar ou subestimar. Até porque, o controle sobre a cultura e a produção do conhecimento é uma das principais ferramentas da colonialidade. A esse respeito, Santiago Castro-Gómez afirmou que o estabelecimento e sustentação da modernidade se dá através da manutenção do controle absoluto sobre a produção do conhecimento. Castro-Gómez, assim como Walter Mignolo, teceu duras críticas ao pensamento moderno e pós-moderno entendendo que eles, mesmo quando formulados por pensadores/as considerados/as transgressores/as, progressistas, de esquerda e das margens, continuam a obedecer a uma normativa eurocêntrica. Assim, esses/as autores/as do pós-colonial/decolonial nos colocam um desafio: a tarefa urgente de considerar a diferença colonial a partir de sua dimensão epistêmica, para avançarmos na produção de um conhecimento contra-hegemônico<sup>101</sup>.

Nesse sentido, consideramos a produção e a trajetória de Randall em diálogo com essa premissa, e que, portanto, temos essas dificuldades e contradições no centro de nossa análise. Propomos uma reflexão que considere até que ponto Randall reproduziu essa lógica Ocidental ao deter a escrita diante das trajetórias silenciadas das mulheres latino-americanas; e se, a partir disso, ela conseguiu romper com esse estigma ao colocá-las como protagonistas de uma história em curso. Randall, quando colocou as vozes das mulheres em circulação transnacional, rompeu as do Estado-nação através dos livros e publicações assinadas por ela, processo potencializado através de suas palestras e artigos, baseados em seu trabalho com os testemunhos. Ela o fez através da história oral e da produção de testemunhos com as cubanas, nicaraguenses, vietnamitas, peruanas, dentre outras.

Ao mesmo tempo, apesar de considerarmos que Randall contribuiu para o registro e circulação das experiências das mulheres latino-americanas, e para a conformação de um pensamento feminista na região, a partir de sua atuação política e intelectual, veremos que sua narrativa tem como base uma racionalidade eurocêntrica, sustentada em discursos, conceitos, perspectivas e estratégias teórico-metodológicas hegemônicas. Não consideramos que este apontamento desqualifique ou diminua sua contribuição, não queremos negar o que foi produzido até aqui, mas devemos evidenciar essa constatação. Dotadas de um olhar crítico e de responsabilidade, originado em uma teoria crítica da sociedade, intencionamos colaborar para

---

101 Ibidem, p. 187-224.

um movimento de “[...] ‘descolonização’ das ciências sociais e da filosofia. E ainda que este não seja um programa novo entre nós, do que se trata agora é de nos livrar de toda uma série de categorias binárias com as quais trabalharam no passado”<sup>102</sup>. Só decolonizando a teoria, a produção do conhecimento e a academia, teremos condição de alterar a ordem vigente.

É principalmente em uma de suas autobiografias, *I Never Left Home: Poet, Feminist, Revolutionary*, que Randall deu destaque à narrativa de sua trajetória com a intenção de transbordar o relato de vida pessoal e - na expectativa de poder contar mais do que sua própria história - abordar a história de uma época a partir de suas experiências, a partir do que viu e viveu. Ao descrever os acontecimentos da sua própria vida, ao mesmo tempo em que contou a história de um período, trouxe a leitura dos acontecimentos desde seu lugar como mulher lésbica e feminista. Essa visão, expressa em suas memórias, reflete anos de trabalho com *testimonios*, o que resultou em um acúmulo de experiências na transformação da palavra oral em escrita, através dos testemunhos orais das mulheres latino-americanas, que falavam sobre seu tempo e os processos coletivos dos quais fizeram parte. É notória a compreensão da autora de que a narrativa e experiência de sujeitos contra-hegemônicos provocam outras perspectivas históricas, trazem outros pontos de vista, definem os acontecimentos de uma outra forma, a partir de olhares ignorados.

“Pode a subalterna falar?” Foi a pergunta feita pela indiana Gayatri Chakravorti Spivak, em 1985<sup>103</sup>. A partir de seu entendimento da mulher colonizada como o sujeito subalterno<sup>104</sup> em sua versão mais “completa”, concluiu que não, a subalterna não pode falar, pois a fala do “Outro” não é inteligível por aqueles que detém o poder, seu conhecimento e narrativa são desclassificadas e substituídas pela perspectiva hegemônica masculina, apresentada como

---

102 CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da “invenção do outro”. LANDER, Edgar [Org.]. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Colección Sur Sur, CLACSO: Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. 2005, p. 177.

103 SPIVAK, Gayatri Chakravorti. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

104 Consideramos o conceito de “grupos sociais subalternos” ou “classe subalterna” de Antonio Gramsci, para pensar o papel desempenhado e o lugar relegado às mulheres latino-americanas, mulheres “de cor”, mulheres “não brancas”. Superando o uso do termo subalterno a partir de seu significado como “ser inferior”, mas como um grupo amplo e complexo, que reúne diversos grupos sociais, dotadas de uma cultura e de senso comum que deve ser modificado a partir da ação dos intelectuais comprometidos, conectando a superação da subalternidade como condição para superação da hegemonia. Para Gramsci: “As classes subalternas unificadas em torno de uma perspectiva autônoma propõem uma nova hegemonia, uma nova ordem social [...] a emancipação do subalterno supõe que a unificação passe também pela emancipação cultural [...]” Gramsci vincula essa discussão ao papel dos/as “intelectuais orgânicos” como essenciais para superação da subalternidade. VER: DEL ROIO, Marcos. Gramsci e a emancipação do subalterno. *Revista de Sociologia e Política*, n.29, 2007, p. 63-78; GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995 e SCHLESENER, Anita Helena. *Hegemonia e cultura*: Gramsci. Curitiba: Ed. UFPR, 2007.

universal. Dessa forma, “[s]e, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade”<sup>105</sup>.

Adotaremos aqui, na contramão de Spivak, um ponto de vista mais otimista, acreditando que seja possível se contrapor à fala hegemônica, já que ao “decolonizar o conhecimento” pluralizamos as perspectivas a partir do rompimento com as “normas disciplinares” do “imaginário conceitual das epistemologias coloniais”<sup>106</sup>. Por isso, acreditamos, sujeitos historicamente excluídos da produção do conhecimento criaram estratégias para tornarem-se agentes da produção do conhecimento e, para isso, é necessário, como afirma Ochy Curiel, “[...] uma etnografia dos sujeitos e das práticas sociais considerando-se os lugares e as posições da produção dos privilégios” para, a partir daí, “[...] fazer uma etnografia das lógicas de cooperação internacional, da intervenção social, dos próprios lugares de produção do conhecimento, das teorias que usamos e legitimamos, e dos propósitos pelos quais o fazemos”<sup>107</sup>.

Por ser uma mulher, sabemos que Randall não ocupa o lugar mais alto nas estruturas do poder do Sistema-Mundo Moderno Colonial de Gênero, mas seria Maragret Randall subalterna? Para responder a essa pergunta precisamos localizá-la a partir de certos “privilégios epistêmicos”<sup>108</sup>, detidos por seu lugar no mundo, por sua raça, classe, nacionalidade, língua e acesso ao conhecimento, que lhe conferiram certa autoridade e alcance. Acreditamos que, como intelectual, ela colocou esses privilégios a serviço dos povos e, principalmente, das mulheres latino-americanas. Além de se posicionar ao lado das lutas anti-imperialistas e por soberania nacional empreendidas no Sul global ao longo da segunda metade do século XX<sup>109</sup>. Como mulher - apesar de branca, letrada, estadunidense, falante e redatora do inglês como língua

---

105 SPIVAK, Gayatri Chakravorti. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 85.

106 OLIVEIRA, Maria da Glória de. A história disciplinada e seus outros: reflexões sobre as (in)utilidades de uma categoria. AVILA, Arthur Lima de; NICOLAZZI, Fernando; TURIN, Rodrigo (orgs.). *A História (in)Disciplinada: teoria, ensino e difusão de conhecimento histórico*. Vitória: Editora Milfontes, 2019, p. 53-72.

107 CURIEL, Ochy. Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial. HOLLANDA, Heloísa Buarque de; VAREJÃO, Adriana [et.all.] *Pensamento feminista hoje: perspectiva decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020, p. 135.

108 VER: COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. Tradução Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019 e CURIEL, Ochy. Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial. HOLLANDA, Heloísa Buarque de; VAREJÃO, Adriana [et.all.] *Pensamento feminista hoje: perspectiva decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

109 Ressaltamos que as lutas por soberania nacional empreendidas pelos povos latino-americanos, não são uma novidade da segunda século XX.

materna - significa que compõe a metade da população excluída enquanto sujeita e enquanto agente da escrita da História<sup>110</sup>. Foi desse local que ela abordou as décadas de 1960, 1970 e 1980. Por isso, sua escrita autobiográfica e suas contribuições intelectuais também se pretendem transgressoras.

Em seu outro livro autobiográfico, *My Life in 100 Objects*, Randall optou por um formato incomum. Ela selecionou cem objetos a partir dos quais contou sua história e abordou sua subjetividade, tendo como ponto de partida o significado e as lembranças suscitadas por estes itens, cada qual correspondendo a pequenos capítulos, organizados de forma não linear. Alguns dos objetos retratados são lugares e paisagens que considerou como fundamentais em sua trajetória, capazes de trazer à tona sentimentos e remeter a acontecimentos constituidores do vivido. Em entrevista concedida à Ana Cláudia Brefe, Pierre Nora definiu esses “lugares de memória” como o contrário de um “objeto material”, “[a] noção é feita para liberar a significação simbólica, memorial – portanto, abstrata – dos objetos que podem ser materiais, mas na maior parte das vezes não o são”<sup>111</sup>. Esses “lugares de memória” surgem quando a memória é ignorada ou subjugada pela história, passam a ideia de “testemunhos de outra época”, dotados de um sentimento nostálgico: “Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos [...] porque essas operações não são naturais. [...] *Sem vigilância comemorativa, a história deprime os varreria*. São os bastiões sobre os quais se escora”<sup>112</sup>.

Os “lugares de memória” coexistem com suas características de serem materiais, simbólicos e funcionais, a partir do momento que são dotados de uma “aura simbólica” e/ou “parte de um ritual” sendo que: “Na falta dessa intenção de memória os lugares de memória serão lugares de história. [...] os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações.” Randall partiu de alguns desses “lugares de memória” que remetem diretamente ao nosso recorte temporal e geográfico, através dos quais abordou diferentes aspectos que contribuem para compreensão de sua trajetória, reconstruída a partir do presente. Devemos observar que o “[...] lugar de memória é um lugar duplo; um lugar de excesso, fechado sobre

---

110 SOIHET, Rachel. PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero. *Revista brasileira de história*, São Paulo, v. 27, n. 54, 2007, p. 281-300.

111 Pierre Nora, ou o historiador da memória. Entrevista concedida a Ana Cláudia Fonseca Brefe. *Revista de História Social*, Campinas: SP, n.6, 1999, p. 30.

112 Idem.

si mesmo, fechado sobre sua identidade, e recolhido sobre seu nome, mas constantemente aberto sobre a extensão de suas significações”, como afirmou Nora<sup>113</sup>.

Em referência às mulheres que marcaram sua vida e a partir das quais ela apresentou reflexões de gênero, destacamos sua reivindicação de ascendência, expressa por sua referência a outras mulheres, que “vieram antes”, ideia que, como veremos marcará as narrativas dos testemunhos e de seus artigos a respeito das mulheres latino-americanas<sup>114</sup>: o retrato de Hannah Pollak (Fig. 1) representa um familiar que lembrava ter visto em sonhos e remete a força das mulheres que a antecederam, que foram ativas na resistência ao patriarcado:



Figura 1: *Portrait of Hannah Pollack*

FONTE: RANDALL, Margaret. *My Life in 100 Objects*. Nova Iorque, EUA: New Village Press, 2020, p. 15.

Uma estátua da cidade de Albuquerque (Fig. 2), nos Estados Unidos, onde ela cresceu, demonstra sua identificação com um passado que perpassava a maternidade e a colonização. A obra retrata uma mulher jovem amamentando uma criança:




---

<sup>113</sup> Ibidem, *passim*.

<sup>114</sup> Capítulos 2, 5, 6 e 7.

Figura 2: *Madonna of the Trail*

FONTE: RANDALL, Margaret. *My Life in 100 Objects*. Nova Iorque, EUA: New Village Press, 2020, p. 40.

Através dessa estátua, Randall abordou a questão da maternidade e da colonialidade por meio do uso da palavra *madonna*, uma alusão religiosa que não lhe importava na época, já que o que chamava sua atenção era a trajetória feminina à qual o monumento se referia: “Como uma mulher jovem, eu já sentia restrições impostas ao meu gênero. Qualquer gesto que parecia referenciar as mulheres que me antecederam, e que eu sabia que tinham enfrentado obstáculos dolorosos apenas para sobreviver, me inspiravam um orgulho íntimo”<sup>115</sup>. Documentou também um livro de receitas (Fig. 3), como um produto da “geração de mulheres” da qual faz parte, reforçando a pressão dos estereótipos de gênero em sua criação:

Figura 3: *The joy of cooking*

FONTE: RANDALL, Margaret. *My Life in 100 Objects*. Nova Iorque, EUA: New Village Press, 2020, p. 96.

Estabelecendo o diálogo com a América Latina, recuperou um *huipile* (Fig. 4), instituindo, no livro, seu vínculo com as mulheres da região. Essa vestimenta de origem indígena das mulheres mexicanas e guatemaltecas “[...] não é apenas uma peça de arte, ele nos dá informações sobre as mulheres que os utilizam: de onde é, se é casada, viúva ou solteira; quantos filhos têm. É um mapa em que histórias de vida estão tecidas em fios coloridos”<sup>116</sup>:

---

115 “As a young woman, I already sensed the restrictions placed on my gender. Any gesture that seemed to revere those women who preceded me, and who I knew had faced painful obstacles simply in order to survive, inspired an intimate pride.” RANDALL, Margaret. *My Life in 100 Objects*. Nova Iorque, EUA: New Village Press, 2020. p. 40-41. Tradução nossa.

116 “These items of clothing are not simply works of art; they tell us something about the women who wear them: where they are from; whether they are married, widowed, or single; how many children they have. Maps upon which the stories of a life are woven in colored threads.” Ibidem, p. 24. Tradução nossa.



Figura 4: *Huipil*

FONTE: RANDALL, Margaret. *My Life in 100 Objects*. Nova Iorque, EUA: New Village Press, 2020, p. 24.

Em 1975, Randall apresentava seu trabalho com as mulheres cubanas em uma série de eventos no Canadá, quando conheceu uma mulher chilena exilada que a presenteou com uma tapeçaria do seu país (Fig. 5), feita em homenagem ao dirigente do Movimento de Esquerda Revolucionário (MIR), Lumi Videla, morto em combate em 1974. Esta obra foi trazida por Randall para suas memórias com o objetivo de estreitar suas relações com os movimentos revolucionários latino-americanos e demonstrar como as mulheres foram os vínculos principais através dos quais ela estabeleceu relações políticas e intelectuais com os movimentos revolucionários na América Latina.



Figura 5: *Lumi Videla Tapestry*

FONTE: RANDALL, Margaret. *My Life in 100 Objects*. Nova Iorque, EUA: New Village Press, 2020, p. 98.

A respeito de sua trajetória intelectual, Randall recuperou a imagem de sua primeira máquina de escrever (Fig. 6); reproduziu a capa de seu primeiro livro de poesia (Fig. 7), *Giant of Tears*, lançado em 1959, quando tinha vinte e dois anos, vivia em Nova Iorque e trabalhava para construir um caminho como poeta:



Alguns dos meus poemas foram aceitos em pequenas revistas. Logo eu fui convidada para ler em cafês em Greenwich Village. Vários de meus amigos/as pintores/as se ofereceram para ilustrar, com seus desenhos já reconhecidos desenhos, minha primeira coletânea de poemas autorais. [...] Esse pequeno livro me define, eu querendo ou não. Ele existe no mundo, marcando o início da minha jornada poética.<sup>117</sup>



Figura 6: *Royal Portable Typewriter*, 1940

FONTE: RANDALL, Margaret. *My Life in 100 Objects*. Nova Iorque, EUA: New Village Press, 2020, p. 17.



Figura 7: *First Poetry Collection*

FONTE: RANDALL, Margaret. *My Life in 100 Objects*. Nova Iorque, EUA: New Village Press, 2020, p. 36.

Apesar de não se orgulhar dessa obra, Randall a considerou como um importante feito em sua trajetória, por recordar o exercício constante da busca pelo aperfeiçoamento através da disciplina e do trabalho. Foi esse processo que lhe possibilitou o caminho da poesia, da construção de uma revista, que abriu portas para sua atuação enquanto intelectual pública. A

---

117 “A few of my poems were accepted by the little magazines of the day. Soon I was invited to read at one of the Greenwich Village coffee houses. Several of my painter friends offered to illustrate my first self-published collection with their already accomplished drawings. [...] This little book defines me whether I want it to or not. It exists in the world, marking the beginning of my poetic journey.” Ibidem, p. 36-37. Tradução nossa.

obra de arte *Appalachian Wooden Apple* (Fig. 8) e o retrato de Randall, ambas feitas pela pintora estadunidense Elaine de Kooning (Fig. 9), são presentes que marcaram essa sua crescente atuação intelectual e sua relação com a geração *beat*<sup>118</sup>, representado através de sua amizade com de Kooning. O quadro foi pintado quando ambas viviam em Nova Iorque e fez parte de uma série de obras, que tiveram diferentes usos ao longo do tempo:

Eu usei um dessa série no frontispício do meu segundo livro de poemas, *Ecstasy is a Number*. Elaine me deixou escolher um dos originais, deu outro para os meus pais e um acabou fazendo parte da coleção permanente do *National Museum of Women in the Arts*, em Washington, DC. Anos depois, quando estive envolvida na luta por recuperar minha cidadania estadunidense, ela tinha um outro impresso em pôster de alta qualidade. Ela doou a imagem e nós vendemos o pôster para arrecadar dinheiro para minha defesa.<sup>119</sup>



Figura 8: *Appalachian Wooden Apple*

FONTE: RANDALL, Margaret. *My Life in 100 Objects*. Nova Iorque, EUA: New Village Press, 2020, p. 42.



118 Alguns nomes conhecidos da geração *beat*: Jack Kerouac, Allen Ginsberg, William S. Burroughs, Lawrence Ferlinghetti, John Clellon Holmes, Robert Creeley.

119 “I used one from this series as a frontispiece in *Ecstasy is a Number*, my second book of poems.1 Elaine let me choose one of the originals, gave another to my parents, and one eventually ended up in the permanent collection of the National Museum of Women in the Arts in Washington, DC. Years later, when I was involved in the struggle to regain my US citizenship, she had yet another made into a high-quality poster. She donated the image, and we sold the posters to raise money for my defense.” Ibidem, p. 55. Tradução nossa.

Figura 9: *Portrait of Margaret* by Elaine de Kooning

FONTE: RANDALL, Margaret. *My Life in 100 Objects*. Nova Iorque, EUA: New Village Press, 2020, p. 54.

Uma bolsa da livraria *City Lights*, em San Francisco, na Califórnia (Fig. 10), foi utilizada para reforçar seu vínculo com a geração *beat*, afinal a loja publicou importantes poetas desse grupo no formato de bolso, para que as obras tivessem maior circulação, chegassem em mais pessoas e contribuíssem com a resistência ao *McCarthyismo*. Também recuperou uma tesoura e uma fita (Fig. 11) que representavam o encontro *Beat & Beyond*, que, em 2016, reuniu poetas *beat* e uma geração de jovens poetas que se inspiravam nessa tradição:



Figura 10: *Book Bag from City Lights*

FONTE: RANDALL, Margaret. *My Life in 100 Objects*. Nova Iorque, EUA: New Village Press, 2020, p. 183.



Figura 11: *Scissors and Ribbon*

FONTE: RANDALL, Margaret. *My Life in 100 Objects*. Nova Iorque, EUA: New Village Press, 2020, p. 226.

No contexto do pós-Segunda Guerra Mundial, marcado pela bipolarização da Guerra Fria, vimos o estabelecimento de uma ideologia social conservadora que buscava controlar principalmente a juventude e, mais ainda, as mulheres, com o estabelecimento do *McCarthyismo*

como uma prática política legalizada de perseguição. Nesse período, os *beats*<sup>120</sup> surgiram como uma geração artística que se colocava contrária aos padrões morais e culturais impostos pelos *McCarthistas*, contra a bipolarização, contra as guerras travadas pelos Estados Unidos no Sul global, com destaque para a guerra do Vietnã. Muito mais do que produzir arte - filmes, poesias, fotografias, esculturas etc. – criaram círculos sociais de contracultura, “[...] daí a definição do crítico literário Claudio Willer, que afirma que a característica mais marcante da Geração *Beat* é a amizade. [...] [e, o] ‘espontaneísmo *beat*’, técnica bastante similar ao fluxo de consciência”<sup>121</sup>.

Queriam romper com a velha moralidade imposta e, por isso, muitas vezes foram criticados, censurados e perseguidos. Assim, na contramão do que gostaria a sociedade e o governo estadunidense, os *beatniks* caracterizaram uma juventude que buscava um outro modo de vida, enfrentavam os valores do *American way of life*, dos quais não se sentiam pertencentes. São considerados por Cláudia Gilman como uma semente revolucionária que se manifestava através das artes<sup>122</sup>. Os/as *beatniks*, *hippies* e *xipitecas* eram antiguerra, estavam desencantados/as com o governo dos EUA e expressavam este descontentamento de diversas maneiras. Muitos abandonam o “país dos sonhos” rumo ao país vizinho latino-americano, o México. Levavam consigo uma expectativa romantizada desses lugares que, para muitos, eram vistos como “intocados”, distantes do “cotidiano capitalista” estadunidense, muito vinculados aos povos tradicionais – expectativa essa que foi compartilhada por Randall:

[...] el destino al garete, la falta de oportunidades, la indiferencia y oposición de los jóvenes a un mundo burgués que ya no les pertenecía [...] [O nome] resume la forma como se veían a sí mismos estos muchachos, su condición de víctimas de una sociedad incapaz de comprenderlos. [...] En su constante enfrentamiento con el sistema, los *beatniks* gustaban de huir hacia lugares exóticos, sitios en los cuales la vida salvaje aún estuviese, en su opinión, a flor de piel. Para ellos, México cumplía estas condiciones.<sup>123</sup>

---

120 Aqui optamos por usar apenas o artigo masculino a fim de dar importância a dificuldade que as mulheres tinham de entrar e ocupar essas escolas artísticas que, apesar de buscar transgredir a ordem vigente e de apontar críticas a algumas questões de gênero, reproduziam uma lógica de exclusão das mulheres, questão que, como veremos, aparece na perspectiva de Randall a partir de suas falas atuais. Para Ariane Ribeiro Santana “[...] a ausência de mulheres nessas listas [de membros da geração *beat*] é algo que chama a atenção: além de não serem devidamente reconhecidas na história da literatura, também tiveram suas produções obscurecidas.” SANTANA, Ariane Ribeiro. “De todo modo, era a minha revolução”: Silenciamento de vozes femininas na Geração Beat. *Revista Mafuá*, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, n. 35, s/p., 2021.

121 SANTANA, Ariane Ribeiro. “De todo modo, era a minha revolução”: Silenciamento de vozes femininas na Geração Beat. *Revista Mafuá*, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, n. 35, s/p., 2021.

122 GILMAN, Claudia. *Entre la pluma y el fusil*. Debates y dilemas del escritor revolucionario en América Latina. Buenos Aires: Siglo XXI, 2003.

123 VOLPI, Jorge. *La imaginación y el poder*. Una historia intelectual de 1968. México: Ediciones Era, 2006, p. 89-90.

Em diferentes relatos, Randall colocou em dúvida se realmente fez parte do grupo, ou se compunha a zona de influência do movimento<sup>124</sup>. Em uma entrevista concedida a Jorge Valbuena em 2020, ela afirmou que apesar de ser mais nova do que os poetas *beat*, sentia-se pertencente àquele meio, já que ali se conformava um espaço de troca, de leituras e, consequentemente, de produção artística. Já em *I never left home*, publicado no mesmo ano da entrevista, fez a seguinte reflexão, demonstrando suas inseguranças a esse respeito:

Como eu me encaixei nessa comunidade? Eu era quase duas décadas mais jovem do que Elaine e a maioria de seus amigos. Eu era independente e tinha um espírito aventureiro, mas também tinha uma educação empobrecida e, francamente falando, não era qualificada para muita coisa além de ser garçonne, modelagem, secretariar sessões de galeria, digitação ou arquivamento.<sup>125</sup>

Apesar de serem mais velhos que Randall podemos considerá-los parte de uma mesma geração. Esses/as artistas foram suas principais relações intelectuais e influências no momento de sua integração e formação intelectual<sup>126</sup>. Nesse caso, entendemos “geração”, para se pensar a história intelectual, a partir de parâmetros não biologizantes, como foi defendido pelo teórico francês François Dosse<sup>127</sup>. Para ele, a geração deve ser olhada além da data de nascimento, como um grupo que compartilhou/a de um mesmo tempo, dos mesmos processos históricos: “Así pues, se hablará de una generación a partir de un acontecimiento de cristalización del

---

124 Em alguns trabalhos sobre as mulheres e a geração *beat* que encontramos e consultamos, não constam o nome de Margaret Randall. São os trabalhos: 1. ADELMAN, Miriam; GARRAFFONI, Renata Senna. *Fora e dentro do círculo Beat: Escritoras e o Mo(vi)mento Beat*. 2016. Disponível em: <https://litcult.net/2016/04/01/fora-e-dentro-do-circulo-escritoras-e-o-movimento-beat-miriam-adelman-e-renata-senna-garaffoni/>. Acesso em: 04/05/2022. 2. CREMONESE, Bárbara. *Vozes silenciadas: As mulheres da Geração Beat*. 2018. 87f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Goiás, Catalão. 2018. 3. GAZOLA, Marina Bertani. *De prostituta a escritora: Considerações sobre a participação das mulheres na Geração Beat a partir das memórias de Bonnie Bremser*. 2017. 175f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 4. KEELING, Megan R. *On the margins of cool: Women poets of the Beat Generation*. 2011. 70 f. Monografia (Bachelor in Arts: English). Faculty of Arts and Sciences, William & Mary, Williamsburg.

125 “How did I fit into that community? I was almost two decades younger than Elaine and most of her friends. I was independent and had an adventurous spirit, but also poorly educated and, practically speaking, unqualified for much beside waitressing, modeling, gallery sitting, typing, or filing.” RANDALL, Margaret. *I Never Left Home: Poet, Feminist, Revolutionary*. Durham, EUA: Duke University Press Books, 2020. Tradução nossa.

126 Em 2016 fizeram uma reunião de poetas *beat* ainda vivos, em Nova Iorque, dentre eles, Michael McClure, Hettie Jones, com exceção de Ferlinghetti que, com a idade avançada e adoecido, não pode comparecer. VALBUENA, Jorge. *Entre amigos*. Colômbia, Poetas en Vela; Colectivo Casa Desnuda; Revista Latinoamericana de Poesía la Raíz Invertida. 21 de junho de 2020. Entrevista com Margaret Randall Parte 2. Para mais informações: *Beat and beyond: a gathering* <<http://www.margaretrandall.org/BEAT-AND-BEYOND-A-GATHERING-Group>> e <<https://www.howlarts.org/event/beat-beyond-a-gathering/>>

127 DOSSE, François. *La marcha de las ideas*. Historia de los intelectuales, historia intelectual. Valência: Universidade de Valência, 2007.

recuerdo colectivo y, en general, en la edad del despertar político”<sup>128</sup>. Essa “comunidade geracional” não necessariamente necessita de ter opiniões unânimes, contudo, deve apresentar “[...] respuestas plurales a unas preguntas comunes de un tiempo compartido, de un ‘espíritu del tiempo’.”<sup>129</sup> A partir dessa definição, podemos inserir Randall como uma poeta pertencente a “comunidade geracional” dos *beatniks*.

Nesse debate, Santiago Espinosa considerou Randall como uma das poucas vozes femininas dentre os poetas *beat*, diante de um silenciamento das mulheres que fizeram parte do grupo<sup>130</sup>. Segundo ele, elas também foram “esquecidas” pela história escrita sobre o movimento. Mas, de acordo com Randall, havia uma certa ausência feminina no círculo dos *beatniks*, avaliada por ela como uma contradição que só percebeu anos depois quando, ao se aproximar do pensamento feminista e repensar seu passado notou que, ao mesmo tempo em que defendiam a transformação do *status quo* e a liberdade sexual das mulheres, no geral estes artistas, majoritariamente homens, reprimiam e inviabilizavam a criatividade das mulheres. Faziam isso ao sobrecarregá-las com tarefas domésticas e de cuidados, tornando-as reféns de seus manuscritos, com tarefas de secretariado e negando o crédito às suas contribuições. Com a reprodução da divisão sexual do trabalho nas relações pessoais e intelectuais no círculo *beatnik*, eram os homens que tinham tempo para se dedicar, desenvolver e produzir sua arte, levando Randall a pensar sobre essas contradições e o sentido da liberdade defendida pelo grupo: “[...] era un poco irónico, no? Un movimiento que canta la libertad que a la vez afataba a las compañeras.”<sup>131</sup>

A influência da geração *beat* em sua vida não se restringiu ao comportamento e à possibilidade do uso político da poesia. Foi ouvindo a declamação de poemas de Allen Ginsberg, publicados no livro *Howl* de 1956, um dos mais famosos da *beat generation*, que se identificou e sentiu o primeiro despertar pela poesia, justamente pelo sentido dado pelo poeta à literatura: “[...] ele estava falando de uma forma que era tão real e oposta a hipocrisia que eu estava inserida nos anos cinquenta que eu entendi, pela primeira vez, que a poesia talvez seria para mim, que eu poderia falar através da poesia.”<sup>132</sup> Este momento marcou sua trajetória artística

---

128 Ibidem, p. 47.

129 Idem.

130 ESPINOZA, Santiago. *La escuela de poesía de Colombia: XIV Festival de Poesía en Pereira*. 27 de agosto de 2020. Entrevista com Margaret Randall.

131 Margaret Randall *apud* ESPINOZA, Santiago. *La escuela de poesía de Colombia: XIV Festival de Poesía en Pereira*. 27 de agosto de 2020. Entrevista com Margaret Randall.

132 “[...] he was speaking in a way that was so real and oppositional to the hypocrisy of the 50s that I was living in that I understood for the first time that poetry could be for me, that I could speak through poetry.” CAPLES,

de forma permanente e a transformou em poeta, já que até os vinte anos não gostava e não se identificava com este gênero literário.

Todos estes contatos e experiências só foram possíveis porque saiu do Novo México e foi para Nova Iorque, o que permitiu que estabelecesse esses diálogos intelectuais e artísticos com outros/as poetas e intelectuais, com outras visões de mundo função da arte. Segundo Ibarguen,

En aquella ciudad dio sus primeros pasos firmes en el terreno de la poesía. No sólo se mantuvo cerca de los poetas del Black Mountain College (como Charles Olson, Robert Creeley y Joel Oppenheimer) y mantenía amistad con Jerome Rothenberg, Robert Kelly, George Economou, Bill Ward y Rochelle Ratner, sino que publicó dos pequeños poemarios por su cuenta, hizo su primera declamación de poesía en un café y participó esporádicamente en publicaciones literarias y artísticas.<sup>133</sup>

Ali, em um ambiente cosmopolita, ela teve maiores condições materiais, emocionais e de acesso a discussões políticas em voga no período, principalmente através de sua aproximação com os círculos da contracultura, expresso pela sua relação com a geração *beatnik*. Este clima contribuiu para que desenvolvesse sua arte, participasse de diversas leituras públicas e coletivas em diferentes cafés novaiorquinos, além de conhecer e conviver com artistas que se tornam referências de movimentos importantes para a arte de resistência que se estabeleceu no período, e, também, para que se inserisse em redes intelectuais de arte contestatória<sup>134</sup>. Como ela mesma afirmou, “[...] ser próxima de Elaine [de Kooning] e de seus amigos me deu a plena inserção a um mundo que me abriu portas e expandiu minha consciência.”<sup>135</sup>

Em Nova Iorque, Randall, que na época era mãe solo, trabalhou em diversas ocupações para sustentar a ela e a seu filho, muitas vezes sem opção de escolher um emprego digno ou

---

Gorret. *City Lights Live*. San Francisco, EUA: City Lights Foundations. 30 de novembro de 2021. Entrevista com Margaret Randall. Tradução nossa.

133 IBARGUEN, Gabriela Silva. *Texto, contexto e índices de El Corno Emplumado* (1962-1969). El Colégio de San Luis, San Luis Potosí, 2017, p. 51.

134 Em *I Never Left Home* ela cita: os escultores Eddie Johnson, Mark di Suvero; a pintora Anthe Zacharias; os escritores e poetas Paul Goodman, Robert Kelly, Jerome Rothenberg, Hettie Jones, Allen Ginsberg, Jacobo Glantz, Joel Oppenheimer, David McReynolds, Bill Ward, Alan Kapelner, Philip Lamantia; ativistas Ammon Hennacy, Nancy Macdonald; o pintor Leon Golub, Milton Resnick, Bill de Kooning, Franz Kline; artistas como Esteban Vicente, José Bartolí, Michelle Stuart, Marisol, Conrad Marca-Relli, Pat Passlof, Al Leslie, Al Held, George Sugarman, Jason Harvey, Ronald Bladen, Robert Mallery, Joop Sanders; o crítico literário Seymour Krim; os livreiros Harold Briggs, Ted Willentz. Escreveu críticas de livros para a revista *Kulchur*, frequentava o *Artists Club* que se reunia na 39 East Eighth Street, fundada por Philip Pavia.

135 “[...] being close to Elaine and her friends gave me full membership in a world that opened doors and expanded my consciousness.” RANDALL, Margaret. *I Never Left Home: Poet, Feminist, Revolutionary*. Durham, EUA: Duke University Press Books, 2020. Tradução nossa.

que se aproximava de suas expectativas. Foi no *Nancy Macdonald at Spanish Refugee Aid*<sup>136</sup> que viu ampliar as portas para sua atuação política - além de ser um centro de refugiados da Guerra Civil Espanhola, o que já dotava o local com um tom político. Trabalhando ali, Randall participou de sua primeira manifestação política de rua, um ato em defesa de portugueses/as fugitivos/as do salazarismo, e que a inspirou a escrever um poema de cunho político que considera como seu primeiro poema decente, chamado *The Gloves*. A própria fundadora do centro, Nancy Macdonald, era uma figura com uma trajetória de ativismo de esquerda que, após desconfiar e discordar do Stalinismo, acabou se afastando desse círculo. Macdonald foi uma das incentivadoras para que Randall atuasse politicamente na esfera pública.

Convivendo neste ambiente intenso, de vida intelectual e trabalho, Randall percebeu que a arte não precisava ser algo meramente secundário em sua vida, pelo contrário, poderia ser sua atividade principal, deslocando o trabalho remunerado apenas para subsistência sua e de Gregory, seu filho. Nesta atmosfera dos *sixties* que ela se forjou como poeta<sup>137</sup>. Num ambiente que defendia a liberdade sexual, que acreditava na possibilidade de se transformar o mundo a partir da arte e da cultura, que tinha “convicção de que a arte em si, e por si mesma – quando ela é boa e vai até o fim – pode ser transformadora.”<sup>138</sup> Apesar de tudo, sentia que aquele lugar não tinha mais novidades para oferecer ao seu desenvolvimento artístico, tendo esgotado as possibilidades de contatos e de alimentos para sua imaginação e subjetividade. Por isso, junto com outras motivações, em determinado momento decidiu sair da cidade, um movimento

---

136 Centro de refugiados da Guerra Civil Espanhola, fundado e coordenado por Nancy Macdonald, uma anarquista da elite estadunidense: “From her office on Union Square, Mrs. Macdonald attracted money and support from intellectual friends like Hannah Arendt, James T. Farrell, Alfred Kazin and Barbara Tuchman, while Pablo Casals and Francine Faure, the wife of Albert Camus, distributed the aid in France.” VER: <https://www.nytimes.com/1996/12/16/world/nancy-macdonald-dies-at-86-aided-spain-s-loyalist-exiles.html>.

137 Para Randall, em sua conversa com Gioconda Belli, *the sixties* foi um tempo de transformação, em que se acreditava que se podia mudar o mundo. Para Cláudia Gilman, *the sixties* caracteriza uma época que vai de 1959 até 1973 ou 1976, sendo, 1968 o ano que consagra esse período de revolução: “[...] la caracterización del período es la misma: el intenso interés por la política y la convicción de que una transformación radical, en todos los órdenes, era inminente. [...] Prácticamente todos los abordajes disciplinarios que se han ocupado de interrogarlo sugieren más o menos implícitamente que las ideas, conceptos, acontecimientos, prácticas, discursos, etc., configuraron el perfil histórico particular del período en torno de la noción de cambio radical (costumbres, mentalidades, sexualidad, experiencias, regímenes políticos).” GILMAN, Claudia. *Entre la pluma y el fusil*. Debates y dilemas del escritor revolucionario en América Latina. Buenos Aires: Siglo XXI, 2003, p. 39.

138 “And their conviction that art in and of itself - when it is good and goes all the way - can be life-changing.” RANDALL, Margaret. *I Never Left Home: Poet, Feminist, Revolutionary*. Durham, EUA: Duke University Press Books, 2020. Tradução nossa.



importante em sua vida: “[...] mudando-me para o México me salvei do tédio poético que se abateria sobre mim se eu continuasse nos EUA.”<sup>139</sup>

A partir de 1961, Randall passou a viver no México e se integrou a sociedade e à política dos povos do “terceiro mundo”. Em 2017, como reconhecimento por sua atuação, recebeu o prêmio *Poet of Two Hemispheres* em Quito, no equador, que ficou registrado em suas memórias através da imagem da estatueta do prêmio (Fig. 12). Neste ano, também recebeu um prêmio de mérito literário mexicano, recuperado através da medalha com a qual foi condecorada (Fig. 13), como forma de reafirmação de sua contribuição artística e intelectual para o México e a América Latina.



Figura 12: *Poet of Two Hemispheres Prize*

FONTE: RANDALL, Margaret. *My Life in 100 Objects*. Nova Iorque, EUA: New Village Press, 2020, p. 129.



Figura 13: *Medal for Literary Merit*

FONTE: RANDALL, Margaret. *My Life in 100 Objects*. Nova Iorque, EUA: New Village Press, 2020, p. 185.

---

<sup>139</sup> “By moving to Mexico, I saved myself from the poetic tedium I might have inherited had I remained in the United States.” Idem. Tradução nossa.

Parte do prestígio que têm na América Latina foi resultado de seu trabalho como editora da revista *El Corno Emplumado/The plumed horn*, registrada como objeto de sua história, através da capa da edição de número 26 (Fig. 14). Já o diploma de doutorado “honorário” que recebeu da Universidade do Novo México, em 2019 (Fig. 15), marcou o reconhecimento de parte dos Estados Unidos por seus trabalhos. Acreditamos que, através desses objetos, ela buscou demonstrar a forma como sua atuação transnacional foi validada em diferentes lugares, reafirmando seu papel de intelectual público e como “ponte”, já que nunca chegou a concluir estudos formais: “[...] estavam reconhecendo minha arte, minha contribuição política e para a comunidade, para o estado e para o mundo.”<sup>140</sup>



Figura 14: *El Corno Emplumado* #26

FONTE: RANDALL, Margaret. *My Life in 100 Objects*. Nova Iorque, EUA: New Village Press, 2020, p. 179.



Figura 15: *Honorary Doctorate in Letters*

FONTE: RANDALL, Margaret. *My Life in 100 Objects*. Nova Iorque, EUA: New Village Press, 2020, p. 204.

---

140 “[...] was acknowledging my art, my politics, and my contribution to the community, state, and larger world.” Ibidem, p. 206. Tradução nossa.

No México, na casa do poeta *beat* Philip Lamantia, Randall conheceu o poeta mexicano Sergio Mondragón, estudante da *Escuela de Periodismo Carlos Septién García*, com quem fundou a revista bilingue *El corno emplumado / The plumed horn*, publicada entre 1962 e 1969<sup>141</sup>. A publicação totalizou 31 edições trimestrais<sup>142</sup> que saíram entre janeiro de 1962 e julho de 1969. Os dois primeiros números da revista contaram com um trio editorial composto por Margaret Randall, Sergio Mondragón e o poeta *beat* estadunidense Harvey Wolin. Mais do que uma revista, *El Corno* foi uma experiência intelectual que buscava romper com a normatividade hegemônica da circulação da cultura e das artes do Norte para o Sul global, questionava a hegemonia do inglês como língua padrão e contribuiu para o estabelecimento de uma rede das “pequenas revistas nas Américas”.<sup>143</sup>

Uma característica marcante da trajetória da revista foi a forma como a vida privada, intelectual e artística de Randall e Mondragón se misturavam com sua própria casa, materializando o ponto de encontro que a revista significava. Além disso, o endereço doméstico era o local onde editavam e faziam a revista acontecer. Esse imbricamento se dava de diversas formas: com o trabalho cotidiano e como um ponto de encontro, hospedagem e acolhimento de artistas do mundo todo, configurando-se como um ponto de encontro físico e de debates. Por isso, Aceves-Sepúlveda afirma que *El Corno* era “[...] un lugar donde la política formal y la vida cotidiana eran coproducidas”<sup>144</sup>, o lar era uma manifestação material do que significava a revista como ferramenta de circulação de ideias, enquanto movimento de contracultura, contra-hegemônico e como ferramenta de decolonização. Nesse sentido, Randall lembrou que o museólogo e analista cultural Robert Schewerter considerava que a revista era “[...] o elo e a linha de vida que ligava o Norte ao Sul de maneiras que ajudariam a romper com a divisão intelectual e criativa que caracterizou a longa história de desequilíbrio e arrogância perpetuada

---

141 Todos os 31 números de *El Corno Emplumado/The plumed horn* estão digitalizados e disponíveis no acervo virtual *Open door archive*, que pode ser acessado em <<https://opendoor.northwestern.edu/archive/items/browse?collection=5>>

142 Desde o segundo número, deixou de circular apenas no México e nos EUA e se expandiu para América Latina, Estados Unidos, Canadá, Inglaterra e França, sendo que, no seu último número contava com representantes em vinte países, sendo estes: Alemanha, Argentina, Austrália, Brasil, Canadá, Chile, Costa Rica, Cuba, Equador, Inglaterra, Guatemala, Índia, Paraguai, Peru, Porto Rico, Suécia, Uruguai, Venezuela, Estados Unidos e Espanha.

143 Harris Feinsod afirma, na abertura da exposição da revista disponível no *Open door archive*, que “[...] the magazine served to ‘tune the world in a network’ of little magazines across the Americas.” Tradução nossa.

144 ACEVES-SEPÚLVEDA, Gabriela. Arte, contracultura y política: la Guerra Fría através de *El Corno Emplumado / The Plumed Horn 1962-1969*. *Revista de Estudios Globales y Arte Contemporáneo*. Vol.05, n.01, 2017, p.33

pelo Norte”<sup>145</sup>, o que, na prática, percebia-se pelo próprio ambiente em que se forjava a revista: “[...] Nossa casa estava sempre cheia de poetas estadunidenses ou canadenses a caminho do Sul, poetas latino-americanos indo para o Norte, ou poetas da Europa e de outras partes do mundo que foram atraídos/as para o México como se este fosse um ímã.”<sup>146</sup>

Dessa forma o espaço doméstico, cotidiano e privado, se misturava com o espaço institucional e público da revista, o que se manifestava nas cartas trocadas entre intelectuais, publicadas após uma seleção editorial de conteúdo e trechos. O editorial da revista número 22, de abril de 1967, abordou o papel da casa como local de encontro e trocas intelectuais, tornando-se também um espaço público<sup>147</sup>, o que nós consideramos que não pode ser pensado sem o atravessamento do gênero, estando o papel de Randall no centro da existência e desenvolvimento deste projeto editorial.

Por meio da experiência de *El Corno*, Randall - e os outros editores - contribuíram para a configuração de uma nova lógica para circulação das artes e para o diálogo intelectual, que propunha caminhar para uma decolonização das artes e da cultura ao romper com o tráfego hegemônico do trânsito das artes e dos debates públicos intelectuais. A revista era uma ponte entre culturas, ideologias, gerações, línguas e formas de construção poética<sup>148</sup>. Ao falar sobre a revista, o editor Sergio Mondragón ressaltou que, mais do que conectar, *El Corno* proporcionou uma linguagem de rebeldia numa conjuntura conflituosa e conservadora<sup>149</sup>. Como surgiu no intento de estabelecer um canal de diálogo entre artistas e intelectuais do Norte e do Sul global, principalmente entre Estados Unidos e América Latina, *El Corno* buscava propiciar um contato em que as culturas e as referências artísticas de cada lugar pudessem ser conhecidas e compartilhadas. Rompia, assim, com uma lógica colonial que privilegiava a produção do Norte global e com fluxos hegemônicos entre gerações.

---

145 “[...] it was the link and lifeline connecting North to South in ways that would help shatter the intellectual and creative divide that characterized the long history of imbalance and arrogance perpetuated by the North.” (RANDALL, Margaret. *Remembering El Corno Emplumado*, 2015, s/p. Tradução nossa)

146 “As *El Corno*’s fame spread, poets came to see us. Our house was always full of US or Canadian poets on their way south, Latin poets going north, or poets from Europe or some other part of the world who were drawn to Mexico as if by a magnet.” (Ibid. Tradução nossa)

147 MONDRAGÓN, Sergio; RANDALL, Margaret. “El corno emplumado 22”, *Open Door Archive*, abril 1967

148 Randall afirma em *Remembering El Corno Emplumado* (2015).

149 “[...] the poetry of *El Corno*, of those “two worlds,” the North American and the Latin American, gave birth to a language of rebellion, and at the same time it was a legacy bequeathed us by the great masters of the past and of the Vanguard.” (MONDRAGÓN, Sergio. *Remembering El Corno Emplumado*, 2015, s/p. Tradução nossa)

Compreendemos essa intenção através das características da revista: o fato de ser bilíngue, com traduções em sua grande maioria feitas por Randall e Mondragón. A tradução linguística e cultural tinha por objetivo contestar e desconstruir a lógica colonial e imperialista de circulação artística e intelectual ao romper com o inglês como língua universal, com ênfase na poesia. Nesse debate, aproveitamos a afirmação de Claudio Maíz a respeito de outras experiências editoriais modernistas, quando compreende que a revista, como “[...] introductora de corrientes culturales ignoradas en su entorno, asigna a la traducción un lugar privilegiado [...]”, entendendo a tradução como “[...] medio dinámico del intercambio intelectual y la difusión de las ideas, pero también, [...] como la expresión más cabal de actualizar o modernizar las expresiones culturales.”<sup>150</sup>

Com intenção de marcar sua passagem pela América Latina, Randall recuperou outros objetos, além da revista, como uma peça que ganhou de presente da arqueóloga francesa Laurette Sejourne em 1961, no seu primeiro ano no México. Era uma pequena cabeça de barro, como um pedaço simbólico do povo e da cultura mexicana (Fig. 16). Interessante como Randall demarcou, através dessa imagem, sua relação com esse país, mas também a usou como referência aos povos tradicionais latino-americanos e ao papel que esta arqueóloga teve para a sua integração na região. Recuperou ainda, um búfalo de cerâmica peruano (Fig. 17) que ganhou de seus pais após uma viagem que eles fizeram ao país em 1952, remeteu à sua infância atravessada por viagens que repercutiram em suas decisões na vida adulta; em sua escolha em migrar para o México e em sua curiosidade em saber mais sobre outros povos e culturas.



Figura 16: *Small Clay Head from Teotihuacán*

FONTE: RANDALL, Margaret. *My Life in 100 Objects*. Nova Iorque, EUA: New Village Press, 2020, p. 29.

---

150 MAÍZ, Claudio. Las re(d)vistas latino-americanas y las tramas culturales. Redes de difusión en el romanticismo y el modernismo. COSTA, Adriane; MAÍZ, Cláudio. *Nas tramas da “cidade letrada”*: sociabilidade dos intelectuais latino-americanos e as redes transnacionais. Belo Horizonte: Fino Traço, 2018, p. 141.



Figura 17: *Ceramic Roof Bull*

FONTE: RANDALL, Margaret. *My Life in 100 Objects*. Nova Iorque, EUA: New Village Press, 2020, p. 67.

Em sequência, selecionou uma espécie de lança utilizada por indígenas no Peru (Fig. 18), que não se lembrava da origem, mas era uma recordação de sua viagem para aquele país em 1973, onde, como veremos, fez importantes trabalhos. Junto com este objeto, ela apresentou um poncho peruano (Fig. 19) de sua ida a Cuzco, vinculando sua atuação com uma recuperação histórica dos povos da região: “[...] quando eu comecei a pensar nos 100 objetos que definem minha vida, esse poncho foi uma das primeiras coisas que me veio a mente. Seus inúmeros fios abrangem todas as cores daquela região acidentada e sua tecelagem especializada é uma das mais antigas formas de arte conhecida.”<sup>151</sup>

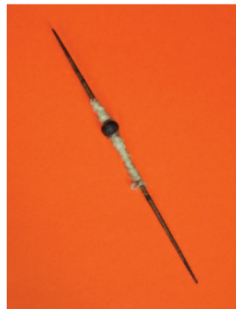


Figura 18: *Peruvian Weaving Spindle*

FONTE: RANDALL, Margaret. *My Life in 100 Objects*. Nova Iorque, EUA: New Village Press, 2020, p. 69.

---

151 “[...] when I began thinking about the 100 objects that define my life, this poncho was one of the first to come to mind. Its myriad threads span every color in that rugged region and its expert weaving is one of the oldest artforms known.” Ibidem, p. 72. Tradução nossa.



Figura 19: *Woven Poncho*

FONTE: RANDALL, Margaret. *My Life in 100 Objects*. Nova Iorque, EUA: New Village Press, 2020, p. 71.

Para Randall, essas imagens não são meras ilustrações, mas compõe a narrativa de maneira complementar ao texto, rompendo com uma forma de escrita autobiográfica que se pretende formal, burocrática, linear e focada nos fatos. Ela traz uma outra dimensão e uma outra proposta de “escrita de si”, subvertendo os padrões literários da narrativa autobiográfica, rompendo com padrões masculinos tradicionais da biografia que, como afirma Rago, historicamente remete a grandes fatos para comemorar e memorar grandes feitos de grandes homens, ou para a confissão em busca da pureza da alma. Coube às mulheres, e outros sujeitos subalternos, subverter a escrita autobiográfica e, nesta obra, Randall faz isso muito bem: tratou de “[...] assumir o controle da própria vida, tornar-se sujeito de si mesmo pelo trabalho de reinvenção da subjetividade possibilitado pela ‘escrita de si’.”<sup>152</sup> É um livro marcado por uma imersão mais pessoal e individual, sem tanta conexão direta com acontecimentos históricos como pretendeu na outra obra já mencionada, sendo marcadamente mais afetivo. Em ambas as publicações, como já dissemos, ela entende que a escrita autobiográfica tem como seu constituidor o fazer escolhas, a tarefa de selecionar o que se quer dizer, afinal, “[...] a memória constrói, portanto, narrativas referenciadas por experiências e desejos atuais”.<sup>153</sup>

São nestes dois livros, *I never left home* e *My life in 100 objects*, em toda complexidade e contradições expostas por este gênero de escrita, que nos baseamos para compreender, mesmo que com fissuras, a trajetória de Margaret Randall: onde esteve, de onde atuou, por que se moveu, quais acontecimentos pessoais e coletivos a marcaram, e, o que nos interessa aqui, de

---

152 RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se*. Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2013, p. 52.

153 RAGO, Margareth. Autobiografia, gênero e escrita de si: nos bastidores da pesquisa. AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso. *O que pode a biografia*. São Paulo: Letra e Voz, 2018, p. 213.

que forma se colocou a serviço das revoluções e da história latino-americana a partir da perspectiva das mulheres. A partir de seus relatos, podemos assumir de que forma suas relações familiares foram permeadas de conflitos e contradições no que diz respeito às questões de gênero e mais progressistas. Nos chamou atenção um certo distanciamento da mãe e a boa relação com o pai, identificado por ela como local de encontro afetivo, como uma influência e um primeiro contato com a defesa da justiça social. Apesar da presença e proximidade com a família nuclear, existiu um certo afastamento em relação a família mais ampla, principalmente de seus avós. Randall se via apartada de uma cultura familiar que remetia à ostentação do ambiente no maior quino da casa dos avós. Mas, parte desse afastamento foi uma opção de seus pais quando se mudaram para o Oeste dos EUA e alteraram o sobrenome da família, com a intenção de ocultar a origem judaica<sup>154</sup>. Outro motivo foi a relação abusiva que seu avô mantinha com ela, da qual posteriormente conseguiu identificar com clareza as origens: resultado de um estupro que narrou em sua memória *I never left home* e em seu livro *This is About Incest*, publicado em 1987.

Com relação a sua família e sua identidade, seu retorno aos EUA na década de 1980 foi marcado por duas reflexões importantes. Primeiro, tomou consciência, já na vida adulta, da mencionada violência sexual que sofreu por parte de seu avô materno, algo que ela identificou como o que lhe gerou um sentimento inconsciente de injustiça, que reverberou em suas escolhas de vida<sup>155</sup>. Ela só conseguiu enfrentar essa realidade ao retornar aos EUA na década de 1980, após passar por um processo analítico de retorno às suas origens. Em segundo lugar, e sem conexão direta com a descoberta anterior, trata-se da sua sexualidade: se descobriu lésbica e assumiu um relacionamento com a pintora estadunidense Bárbara Bayers, com quem se casou há mais de trinta anos. Ao refletir sobre o porquê de ter tido dificuldade em lidar com questões subjetivas em outros momentos de sua vida, concluiu que sua condição de militante impunha prioridades colocadas pela dinâmica coletiva que viveu na América Latina e pelo compromisso assumido por ela diante dos processos vividos na região:

---

154 Seu primeiro sobrenome foi Reinthal, posteriormente alterado para Randall: “It was just before Dad’s death that she [sua mãe] began talking about the real motivation for the act, adding that I couldn’t imagine how horrible it was to be hated like that. ‘I didn’t want you to have to suffer like I did’, she said.” RANDALL, Margaret. *I Never Left Home: Poet, Feminist, Revolutionary*. Durham, EUA: Duke University Press Books, 2020. Em seus relatos Randall afirma que, apesar de se entender como parte de uma comunidade histórica judaica, nunca professou dos ritos e da religiosidade. Não encontramos documentos que digam ou demonstrem o contrário.

155 *Two poets, revolutionaries, two friends: Gioconda Belli and Margaret Randall Converse*. Willard Lecture series. Albuquerque, EUA, UNM University Libraries Chanel. 28 de outubro de 2020. Programa de TV/Youtube.



Olhando para trás, eu acredito que as demandas colocadas pela luta revolucionária me impediram de questionar minha identidade sexual. Quando você está envolvida por anos numa batalha que te consome por inteiro, principalmente, e talvez especialmente, quando você integra um grupo de lutadores Davids, contra um Golias muito mais poderoso, gastar tempo em reflexões e exames pessoais não é uma opção real. [...] Nós todas/os priorizávamos o coletivo, enquanto desenvolvíamos formas familiares de amor e nos permitindo ser amadas/os.<sup>156</sup>

Após a mudança para o Novo México e a distância da relação abusiva do avô, Randall relatou que teve uma infância sem grandes tumultos, crescendo na companhia de seus pais e irmã/o, em um ambiente familiar rodeado de arte<sup>157</sup>. Sua mãe era tradutora e chegou a contribuir com Randall em *El Corno Emplumado*; seu pai era músico e constantemente enchia a casa com pequenos grupos musicais. Como resultado, teve uma educação cercada de pintores/as, escritores/as e músicos/as no ambiente doméstico, que indiretamente influenciou seu desejo por se tornar escritora e poeta. Reconheceu que essa convivência favoreceu o desenvolvimento de suas intenções artísticas, facilitando sua descoberta como escritora desde a primeira vez em que tocou numa máquina de escrever, despertando um desejo de possuí-la quando tinha cerca de oito ou nove anos de idade. Apesar de ter demorado a se alfabetizar, logo se identificou com a função da escrita: “[...] assim que eu aprendi, eu soube que eu queria ser uma escritora. E, como um bom produto da classe média Americana, eu acreditava que escritores tinham máquinas de escrever.”<sup>158</sup>

Seus pais, fiéis a cultura meritocrática típica do liberalismo estadunidense, propuseram que ela trabalhasse para pagar metade do equipamento, o que ela fez vendendo doces e entregando jornal na vizinhança. Apesar de seu esforço, naquele tempo, esses trabalhos não eram bem-vistos para uma menina. Ao adquirir um curso de datilografia pelo correio também descumpriu com a expectativa imposta ao seu gênero, afinal de contas, não pretendia seguir a profissão de secretária, mas sim, a de escritora, negando-se a desempenhar um trabalho

---

156 “Looking back, I believe the demands of unequal revolutionary struggle were what prevented me from questioning my sexual identity. When one is involved in years of all-consuming battle, and perhaps especially when one is part of a group of Davids fighting a much more powerful Goliath, spending time on self-examination isn’t really an option. [...] We all prioritized the collective, while engaging familiar forms of loving and allowing ourselves to be loved.” RANDALL, Margaret. *I Never Left Home: Poet, Feminist, Revolutionary*. Durham, EUA: Duke University Press Books, 2020. Tradução nossa.

157 Tem uma irmã, Ann, nascida em 1939 e um irmão mais novo, John, provavelmente nascido em 1946. Relata uma relação distante e competitiva com a irmã, enquanto seu irmão ela identifica como sendo seu parente mais próximo.

158 “It took me no longer than my contemporaries to master reading and writing, but from the time I learned, I knew I wanted to be a writer. And, as a typical product of middle-class America, I believed writers had typewriters.” RANDALL, Margaret. *My Life in 100 Objects*. Nova Iorque, EUA: New Village Press, 2020, p.17. Tradução nossa.

meramente auxiliar e se colocando como protagonista da própria escrita. Em *I never left home*, Randall identificou que, apesar do discurso muitas vezes progressista em sua casa, recaía sobre ela uma expectativa de que deveria seguir os caminhos tradicionais impostos às mulheres, vinculado ao casamento e estabilidade a partir da constituição de uma família nos moldes estabelecidos, desempenhando trabalhos tradicionalmente associados ao universo feminino. Fora criada para ser esposa, mãe, e cuidar da casa. Seus pais, apesar de muitas vezes professarem opiniões avançadas e polêmicas para a década de 1950 a respeito de direitos civis - como a defesa da igualdade racial e de classe -, tinham um limite quanto à publicidade que davam a essas opiniões numa vizinhança de classe média, idealizadora do “sonho americano” e do progresso capitalista:

A tensão entre os valores que meus pais professavam a seus filhos, e o medo que eles tinham de se colocarem ao lado desses valores, me fez crescer imaginando quais eram realmente suas crenças. O limite sempre pareceu ser o de não criar eventos, não fazer nada que pudesse perturbar ou afetar a vida de classe média alta que eles cuidadosamente construíram.<sup>159</sup>

Foi este o ambiente doméstico em que cresceu: regido pela normatividade de gênero hegemônica, que delegava as funções de cuidados e sustentabilidade da vida à sua mãe que, trabalhando fora de casa, vivia submetida a dupla jornada de trabalho que recaía sob a maioria das mulheres. Randall reagiu a essa situação imposta às mulheres: “[...] a cozinha [...] provavelmente evocava a escravidão doméstica.”<sup>160</sup> Esse ambiente, permeado por relações patriarcais constitutivas da sociedade Ocidental, foi um dos motivos que a levou ao casamento com o estadunidense Sam Jacobs, quando tinha apenas dezoito anos. Essa era a única alternativa oferecida ao seu gênero para que pudesse sair da casa dos pais e seguir seu próprio caminho. Sobre isso, as contradições que enfrentou entre seus desejos e a realidade imposta às mulheres de sua classe ficaram explícitos:

Minha vida em casa, amorosa e com todo apoio que era, me parecia restritiva e superficial. Desonesta. Até fraudulenta. A escola não me excitava. Eu sabia que queria ser uma escritora, mas não acreditava que a educação formal era o caminho para alcançar esse objetivo. Eu queria sair de casa, escapar das mentiras. A única forma de uma mulher jovem, da minha classe social e cultura, alcançar algum grau de independência, era trocar a casa dos pais para uma casa com um marido. Casei-me

---

159 “This tension between the values my parents articulated to their children and their fear of standing up for those values caused me to grow up wondering what their beliefs really were. The bottom line always seemed to be don’t make waves, don’t do anything to disrupt or affect the upper middle-class life they’d so carefully constructed.” RANDALL, Margaret. *I Never Left Home: Poet, Feminist, Revolutionary*. Durham, EUA: Duke University Press Books, 2020. Tradução nossa.

160 “The kitchen, as it does for many women, must have evoked household slavery.” Idem. Tradução nossa.

com um jovem problemático de Cincinnati quando tinha acabado de fazer dezoito anos.<sup>161</sup>

Logo após o casamento, passaram um tempo na Europa, onde viveram situações precárias de trabalho para garantir a sobrevivência e para conseguir retornar aos EUA. Foi nesse ambiente de dificuldades que viveu sua primeira “situação militante”, traficando diafragma para a Espanha franquista a pedido de um “farmacêutico com ideias socialista e feministas”. Ciente de seus privilégios de raça e classe topou a empreitada, já que “[...] com uma aparência inocente de mulher dos Estados Unidos, não teria problemas realizando aquele trabalho.”<sup>162</sup> Através desse trecho de sua autobiografia, *I never left home*, Randall reivindicou ter, já nesse período, dimensão de seus privilégios de classe e raça, pois sabia utilizar sua condição de mulher estadunidense a favor de uma causa. Contudo, não reconheceu nesse ato o seu momento de encontro com o feminismo, o que, como veremos mais a frente, só ocorreu em fins da década de 1960, mais de dez anos após esse episódio.

Apesar de não ter se descoberto feminista nesse período, já sabia que não ansiava corresponder aos papéis de gênero socialmente estabelecidos. Não buscava ser a esposa de sucesso que aguardava o marido enquanto cuidava das responsabilidades domésticas, ela queria transgredir a “ordem natural” desses estereótipos. Ao retornar com seu marido para EUA, após quatro anos vivendo na Europa, Randall decidiu romper com seu casamento. Esse foi o primeiro de muitos relacionamentos de Margaret Randall, e, diferentemente dos outros, foi o que menos vinculou e envolveu sua vida pessoal com uma prática intelectual e militante. Também abandonou a educação formal após um ano e meio na Universidade do Novo México, onde foi aluna entre 1954 e 1955, onde conheceu a pintora expressionista e intelectual, Elaine de Kooning (1918-1989). De Kooning marcou a trajetória intelectual e de vida de Randall, que a considerava como sua mentora artística e amiga. Para ela, de Kooning representava o ideal da mulher forte do ponto vista sexual, intelectual e criativo<sup>163</sup>, uma das mais importantes

---

161 “My home life, loving and supportive as it was, seemed restrictive and shallow. Dishonest. Even fraudulent. School didn’t excite me. I knew I wanted to be a writer but didn’t believe I needed a formal education to reach that goal. I wanted to leave home, escape the lies. The only way a young woman of my class and culture could achieve a degree of independence was to trade her parental home for one with a husband. I married a troubled young man from Cincinnati when I’d just turned eighteen.” Idem. Tradução nossa.

162 “I immediately agreed that I, an innocent-looking woman from the United States, would have no trouble doing the job.” Idem. Tradução nossa.

163 *Two poets, revolutionaries, two friends*: Gioconda Belli and Margaret Randall Converse. Willard Lecture series. Albuquerque, EUA, UNM University Libraries Chanel. 28 de outubro de 2020. Programa de TV/Youtube.

influências da autora, que lhe “abriu as portas” para uma outra realidade e para outras possibilidades de vida.

Pouco tempo depois, vivendo em Nova Iorque, enfrentou as convenções sociais e decidiu assumir uma maternidade solo após engravidar do poeta *Black Mountain*, Joel Oppenheimer. Randall recorrentemente recorda desse momento como uma escolha política, como uma forma definida por ela de enfrentar a sociedade e de corromper sua imagem de mulher da classe alta, de romper com as expectativas impostas ao seu gênero, criando uma mistificação do acontecimento a esse serviço. Esse entendimento de sua gravidez foi registrado em *I never left home*, onde afirmou que a gravidez não foi um acidente, mas planejada. Contudo, em uma entrevista de 1990, sua amiga Elaine de Kooning apresentou uma outra dimensão do acontecido:

De certa forma eu convenci a Margaret de que não seria uma questão tão horrível, então eu sempre me senti como a madrinha do Gregory. [...] Eu sei que se eu tivesse falado “Oh meu deus, faça um aborto. É demais.”, é provável que ela teria feito, então eu me sinto crucial nesse momento, e Margaret já me falou que ela assim o sente.<sup>164</sup>

Gregory nasceu após 36 horas de trabalho de parto, em seguida a uma gestação marcada pelas dificuldades enfrentadas por ser uma “mulher solteira”. Segundo Randall, “[a]s atitudes em relação a uma mulher que teve um filho fora de um casamento convencional e a dificuldade imposta àquelas mulheres que queriam se livrar de uma gravidez indesejada, refletiam as normas hipócritas da sociedade na época.”<sup>165</sup> Para o seu próprio pai, era preferível que ela tivesse feito um aborto, diante do fato dela ter se tornado uma mulher sem marido, separada e grávida. Isso porque o aborto passaria despercebido aos olhos da vizinhança e da sociedade, ao contrário da gravidez. Assim a escolha pela maternidade sola escancarou as contradições entre o discurso progressista e a prática de sua família que, apesar de ter dado a ela uma educação

---

164 “I kind of convinced Margaret that it wouldn’t be such a horrendous deal, so I always felt like the godmother of Gregory. [...] I know that if I had also said “Oh my god, have an abortion. It’s too much”, that she probably would have, so I do feel I was crucial there, and Margaret told me she felt I was.” DE KOONING, Elaine. *Film Script and Interviews for Randall Documentary*. Entrevista com Elaine the Kooning. Manuscrito, 1990. Disponível em *Margaret Randall Papers Archive*, CSWR, UNM. Tradução nossa.

165 “The attitudes toward a woman having a child outside of conventional marriage and the difficulty of getting rid of an unwanted pregnancy both reflected society’s hypocritical norms back then.” RANDALL, Margaret. *I Never Left Home: Poet, Feminist, Revolutionary*. Durham, EUA: Duke University Press Books, 2020. Tradução nossa.

baseada na liberdade sexual, reproduzia a lógica da moral sexual que organizava as relações de gênero de sua época e permeava o imaginário hegemônico.

Nesse período turbulento, acompanhando Elaine de Kooning em Nova Iorque, ela buscou investir em seus interesses artísticos, relacionar-se outras pessoas e estilos de vida. Foi quando conheceu e conviveu intensamente com outros/as jovens, transgressores da cultura dominante, que tiveram um papel central para a ampliação de sua perspectiva artística e de sua consciência política, como a já mencionada geração *beat*. Também estabeleceu contato com outros grupos que se propunham ir na contramão da moral social estabelecida no pós-guerra, como o *Black Mountain College*<sup>166</sup>. Imersa neste cenário, ganhou consciência da necessidade de transformação do *status quo* e do papel da arte para esta mudança, como um instrumento de ação política:

La Generación Beat se interesó por muchas problemáticas, pero la central fue el anhelo de representar la vida de los seres venidos a menos, esos seres que, por su apariencia, oficio o circunstancia, incomodaban al norteamericano comodino y feliz en su existencia rutinaria. De esta manera, los escritores beat ofrecieron la otra cara del supuesto “sueño americano”: la de la pesadilla o bien la del sueño no realizado. Ayudaron, al reconocer una realidad atroz, si bien negada por las buenas conciencias, a crear una visión más crítica en la sociedad norteamericana. Es por ello que muchas obras de estos escritores fueron censuradas. [...] A finales de los años cincuenta, habrían de surgir grupos sociales inspirados en los escritores beat. Son los jóvenes rebeldes de la posguerra, llamados “Beatnicks” por el crítico Herb Caen [...] No fueron un grupo literario, sino un grupo de jóvenes en busca de un mundo alterno al que vivían. Estos muchachos intentaron, mediante su comportamiento, adoptar una visión distinta a la que imperaba en el momento. [...] Esta subcultura de la segunda mitad de los cincuenta será la que fragüe el movimiento hippie de la década de los sesenta, a la que Margaret Randall conocerá en forma directa.<sup>167</sup>

Além da necessidade de mudança e do bloqueio criativo, um outro fator para sua decisão de deixar os EUA foi a sobrecarga do “trabalho feminino” não remunerado e o sentimento de abandono em relação a serviços públicos no país. Considerava que a vida no capitalismo estadunidense dificultava que uma mulher, jovem e mãe solo, pudesse trabalhar e criar seu filho numa “metrópole”. Nos EUA faltava estrutura para os trabalhos de cuidado e de

---

166 “John Andrew Rice, Theodore Dreier, Frederick Georgia e Ralph Lounsbury [...] Esse grupo insubordinado desenvolveu o conceito para a Black Mountain College, então fundamentado em três pilares: ‘autogoverno democrático pleno, trabalho intensivo nas artes criativas e estudo interdisciplinar’. Assim, eu diria que uma atitude de insubordinação já está inscrita nos mitos e estruturas ideológicas da Black Mountain College. [...] Nessa perspectiva, as escolas são vistas como formas de políticas culturais que refletem, mediam e potencialmente transformam a ordem social na qual existem.” RICHTER, D. Revisitando Black Mountain College: Ensinando a Transgredir. *Revista Farol*, v. 16, n. 23, 2020, p. 214-215.

167 PÉREZ, Yasmín Elizabeth Rojas. *El Corno Emplumado / The Plumed Horn: poesía, vida y resistencia*. 2018. Instituto de Investigaciones Lingüístico-Literarias Universidade Veracruzana, Xalapa, México, p. 34-35.

sustentabilidade da vida, como creches, restaurantes acessíveis, lavanderias. Destacou também a ausência de companheirismo e compreensão da sociedade com o papel e os trabalhos que envolviam a maternidade. Somado a isso, tinha as dificuldades do mundo do trabalho e a má remuneração, que fazia com que passasse grande parte do seu dia em diversos empregos precários para ter dinheiro suficiente para sustentar sua família, impossibilitando-a de passar um tempo de qualidade com o recém-nascido Gregory.

Ao migrar para o México, a expectativa com a realidade latino-americana ficou ainda mais evidente quando consideramos o contexto em que ela viveu naquele país. Randall se mudou para o México no final do mandato presidencial de Adolfo López Mateos (1958-1964), conhecido como responsável pelo “milagre mexicano” na “economia” e na “sociedade”. Contudo, na maior parte do tempo Randall vivenciou o período presidido por Gustavo Díaz Ordaz (1964-1970), que teve seu governo conhecido como o “auge da repressão priista”, entre outros motivos, pelo massacre na Plaza de Tlatelolco em 1968. O Partido Revolucionário Institucional (PRI), com o lema “democracia e justiça social”, é considerado o partido da Revolução Mexicana<sup>168</sup>, consolidando-se, ao longo de sua história e diferentes configurações, como partido hegemônico no país. Segundo Héctor Aguilar Camín e Lorenzo Meyer, com o PRI, instaurou-se um sistema político sustentado pelo tripé retórico do nacionalismo, da democracia e da justiça social<sup>169</sup>. Na mesma linha, os presidentes mexicanos priistas são considerados como os legítimos “herdeiros da Revolução”. Para Fábio Baião, o PRI “[...] foi desenhado para ganhar eleições e resolver conflitos entre os distintos grupos sociais, controlando, de cima para baixo, os processos políticos e eleitorais. Além disso, foi o pilar de um regime autoritário e égide de um sistema eleitoral pouco competitivo.”<sup>170</sup>

O aumento da repressão no governo de Díaz Ordaz iniciou uma nova fase do PRI, evidenciando as debilidades do partido e do chamado “presidencialismo mexicano”, que centralizava poderes nas mãos do presidente<sup>171</sup>, e rompendo com o “monólogo institucional do

---

168 Surgiu em 1929, com o nome de Partido Nacional Revolucionário (PNR). Em 1938, passou a se chamar Partido da Revolução Mexicana (PRM). Em 1946, ganhou sua atual nomenclatura.

169 AGUILAR CAMÍN, Héctor; MEYER, Lorenzo. *A sombra da Revolução Mexicana: História mexicana contemporânea 1910 – 1989*. São Paulo: EDUSP, 2000.

170 BAIÃO, Fábio Eduardo de Araújo. *“Arautos da revolução”*: Os presidentes mexicanos e os usos da história nacional (1940 – 1994). 2016. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, *passim*.

171 Idem.

PRI”<sup>172</sup>. Com um perfil presidencial autoritário e que buscava afastar o México das disputas impostas pela dinâmica da Guerra Fria: “Simplesmente arvorou seu tradicional princípio de não-intervenção e evitou levar sua política anticomunista interna ao campo internacional. Para que o nacionalismo sobrevivesse, era preciso manter uma distância, pelo menos mínima, dos Estados Unidos.”<sup>173</sup> Nesse momento, é importante observarmos a cultura política consolidada pelo governo priista, na qual Randall se viu inserida e que, segundo Aline Maria Pagotto, se configurou como um “instrumento político de legitimação do PRI”, que afastava a população do governo e imprimia uma lógica mais centralizada e autoritária. Além disso,

A formação dessa cultura política alicerçou-se na ideia de que as principais reivindicações e valores promulgados durante a Revolução Mexicana haviam sido assimilados pelas instituições do Estado. Ela passou, portanto, a anunciar uma nova etapa do processo revolucionário, na qual afirmava que a revolução havia sido institucionalizada. Ao unir termos antagônicos, acabou adquirindo uma dupla legitimação: a Revolução Mexicana e ao Estado moderno.<sup>174</sup>

A chegada de Randall coincidiu com um momento em que:

[...] aumentaram-se os questionamentos em relação à estabilidade política priista e ao crescimento econômico, que não havia encaminhado a um desenvolvimento pleno, como se imaginava. Os antigos problemas sociais persistiam e, muito pior, agregavam-se outros novos, sendo resultado da modernização induzida a qualquer preço.<sup>175</sup>

Antes de se mudar para o México, imersa nos movimentos de contracultura nos Estados Unidos, Randall estava alheia a essa realidade político-social que vivia o país vizinho. Enquanto isso, ela idealizava uma paisagem e cultura mexicana marcada pela presença e cultura dos povos indígenas: “como outras nações de populações indígenas, o México é uma nação de artistas.”<sup>176</sup> Chegando lá, de fato houve uma transformação estrutural em sua vida cotidiana, mas isso se deu menos pelas expectativas que tinha, e mais pelas contradições impostas às desigualdades, vinculadas as relações de raça e classe, sustentadas pelas diferenças das relações sociais

---

172 AGUILAR CAMÍN, Héctor; MEYER, Lorenzo. *A sombra da Revolução Mexicana: História mexicana contemporânea 1910 – 1989*. São Paulo: EDUSP, 2000.

173 Ibidem, p. 255.

174 PAGOTTO, Alice Maria. *Forjando a revolução: a cultura política priista (1946-1988)*. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. 2015, *passim*.

175 Idem.

176 “Like others significant indigenous populations, Mexico is a nation of artists.” RANDALL, Margaret. *I Never Left Home: Poet, Feminist, Revolutionary*. Durham, EUA: Duke University Press Books, 2020. Tradução nossa.

racializadas e generificadas no Sul global. O que a possibilitava ter acesso a uma empregada doméstica que cuidava de seu filho era justamente a desigualdade que ela criticava e combatia:

Sentia-me culpada por tal comportamento. A grande razão pela qual deixei Nova Iorque foi porque queria passar mais tempo com meu filho. No México, em vez de ter que remendar várias possibilidades insuficientes de cuidados infantis, eu podia contar com uma empregada doméstica que cuidava dele sempre que eu precisasse sair.<sup>177</sup>

Outro fator relevante em sua decisão de se mudar dos Estados Unidos foi a “sombra do *McCarthyismo*”. Período sombrio da história dos EUA, o *McCarthyismo* marcou o país que se reivindicava como o berço da democracia e das liberdades plenas. Em 1950, através do senador republicano Joseph McCarthy no Comitê de Investigação de Atividades Antiamericanas do Senado, criou-se um ambiente de perseguição e de abusos de violação de direitos civis contra aqueles e aquelas que eram considerados como opositores da ideologia capitalista estadunidense, imposta nos tempos da Guerra Fria. Nesse contexto, a ideologia comunista era a grande inimiga dos Estados Unidos e, por isso, deveria ser severamente combatida, utilizando-se dos aparatos oficiais do Estado para reprimir qual indício de seu surgimento no país. Randall se sentia pessoalmente afetada pelo que caracterizou como um momento terrível da história estadunidense, principalmente pela prática de “caça às bruxas”, ou perseguição daquelas/es que se identificavam com ideais de esquerda/comunistas. Considerava que essa política estadunidense impunha limites a seus anseios pessoais e artísticos, cerceando sua liberdade criativa e de se posicionar diante dos acontecimentos de uma época<sup>178</sup>. A esse respeito, Randall afirmou em entrevista à autora desta tese, que:

Ir para esses outros países [México, Cuba, Peru, Vietnã, Nicarágua] primeiramente expandiu meus horizontes, me abriu para pessoas, para outros lugares, culturas e movimentos políticos. No caso da minha poesia foi muito importante, porque eu cresci em um tempo marcado pelo Mccarthismo, e mesmo que eu fosse muito jovem para ser diretamente afetada pelo Mccarthismo, eu fui muito afetada pelo clima criado e deixado no país mesmo depois de já ter acabado [enquanto política oficial do Estado], o que afetou especialmente pessoas que utilizavam as palavras. Então, definitivamente havia um sentimento na minha geração, entre as pessoas que conheci nos Estados

---

177 “I was guilty of such behavior. A big reason I left New York was that I wanted to spend more time with my son. In Mexico, rather than patch together childcare possibilities, I could count on a live-in maid who would care for him whenever I needed to work or to go out.” Idem. Tradução nossa.

178 Décadas depois é novamente afetada pela política de “caça às bruxas” e anticomunista do McCarthyismo. Em 1985, ao decidir voltar para os EUA, é condenada a deportação pela Lei McCarran-Walter (ou The McCarran-Walter Act / The Immigration and Nationality Act of 1952 disponível em: <<https://history.state.gov/milestones/1945-1952/immigration-act>>), que negava nacionalidade sob pretexto de ameaça comunista. Assim, Randall só consegue permanecer no país através de uma mobilização de uma rede de intelectuais e da sociedade em defesa dos direitos civis, contra sua deportação. VER: MIZRAHI, Ana Maria. InfoTNU. Montevideo, TNU Uruguai. 2014. *Entrevista com Margaret Randall*.



Unidos, de que o Mccarthismo realmente deixou uma sombra e afetou a forma como escreviam. E teria afetado a forma como eu escrevia. Mas, eu me mudei para a América Latina quando era muito jovem, então escapei disso. Eu conheci poetas e escritores que escreviam sobre tudo, que não tinham essa barreira, e isso foi muito importante para mim. Viver nesses outros países, aprender sobre outras culturas, conhecer outros escritores de diferentes lugares, que escreviam de diferentes maneiras e estilos, que se expressavam de formas variada, tudo isso me abriu para o mundo. E, claro, *El Corno Emplumado* teve muito a ver com isso, porque foi o veículo que me permitiu conhecer muitos e muitos poetas e escritores do mundo todo e que me permitiu me comunicar com eles.<sup>179</sup>

Segundo Pérez, Randall estava em busca de “[...] encontrar un espacio editorial para expresar con libertad sus ideales.”<sup>180</sup> Desde criança, afirmou sentir o avanço do conservadorismo no reforço aos papéis tradicionais de gênero, como apontou ao lembrar sua exclusão das aulas de ciência e matemática, quando era obrigada a cumprir uma carga horária reservada para as meninas aprenderem tarefas domésticas, bordado, etc<sup>181</sup>. Esse contexto se sustentava em uma organização sociocultural patriarcal, racista e heteronormativa, somada a um

[...] anticomunismo ferrenho, [que] juntamente com o fim da Segunda Guerra Mundial, contribuiu para criar um padrão social no qual o homem deveria ser o provedor de toda a família (EHRENREICH, 1983, p. 7), sob o risco de ser considerado ‘infantil’ caso rejeitasse esse modelo (EHRENREICH, 1983, p. 24), e a mulher deveria cuidar da casa e dos filhos.<sup>182</sup>

A trajetória e o impacto dessa política estadunidense afetaram sua forma de fazer e pensar a arte por muito tempo, fazendo-a crer que esta não poderia ser politizada e que deveria

---

179 “Going to these other countries first of all just expanded my horizons, it opened me up to people and other places, cultures, political movements. In terms of my poetry it was very important to me because I grew up at a time when McCarthyism was ramped in this country and even though I was too young to be directly affected by McCarthyism I was very much affected by the chill that it put on, that it left even after it was over with, especially with people who used words. So, there was definitely a sense in my generation in the United States people I knew, that McCarthyism really left this shadow and affected the way they wrote, and it might had affected the way I wrote, but I moved to Latin America when I was very young. So, I escaped that, I met poets and writers who wrote about everything, who didn't have that barrier, and that was very important to me. Living in those other countries, learning about other cultures, meeting other writers from all different kinds of places, who wrote in different styles and ways, that expressed themselves differently, and experimented with different kinds of writing, it opened me to the world. And of course, *El Corno Emplumado* had a lot to do with that because that was a vehicle, that enabled me to know many many poets and writers from all over the world and communicate with them.” RANDALL, Margaret. *Entrevista concedida à Stella Ferreira Gontijo* em 29 de março de 2024, Albuquerque, Novo México. EUA. Transcrição e tradução nossa.

180 PÉREZ, Yasmín Elizabeth Rojas. *El Corno Emplumado / The Plumed Horn: poesía, vida y resistencia*. 2018. Instituto de Investigaciones Lingüístico-Literarias Universidade Veracruzana, Xalapa, México, p. 09.

181 VALBUENA, Jorge. *Entre amigos*. Colômbia, Poetas en Vela; Colectivo Casa Desnuda; Revista Latinoamericana de Poesía la Raíz Invertida. 14 de junho de 2020. Entrevista com Margaret Randall.

182 SANTANA, Ariane Ribeiro. “*De todo modo, era a minha revolução*”: Silenciamento de vozes femininas na Geração Beat. Mafuá, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, n. 35, s/p., 2021.

ser supostamente neutra. Sobre isso, afirmou que, “exceto em lugares como [na revista] *El Corno*, pessoas criativas estavam hesitantes em debater a ligação entre poesia e política”<sup>183</sup>, o que a fez refletir e se contrapor a tal postura conservadora em busca de mudança. Considerava-se “[...] uma jovem sincera e livre, na beira de um mundo que eu esperava absolutamente ser capaz de mudar.”<sup>184</sup> Foi nessa atmosfera tradicional e conservadora, de censura e perseguição, que limitava os seus anseios artísticos, que decidiu: “[...] yo tenía veinte años entonces, empezaba a escribir poesía y la sombra de esas historias anticomunistas me habían afectado duramente, pero tuve la suerte de ir a México entonces, donde conocí poetas de todo el mundo y así escapé de las garras de ese malo.”<sup>185</sup>

Randall foi em busca de novas experiências e vivências pessoais, de construir uma vida em outra sociedade, de ter experiências com outras culturas, de expandir suas relações artísticas e intelectuais. Ela sabia que no México não estaria sozinha, pois já tinha organizado contatos de artistas conhecidos que viviam naquele país<sup>186</sup>, reconhecido por sua tradição de acolher exilados/as, como aqueles/as oriundos/as da Espanha franquista e, mais tarde, das ditaduras latino-americanas. Apesar de internamente o PRI não ter se furtado da censura e da repressão para garantir narrativas sobre o que ocorria no país, e de ter dificultado a atuação de exilados/as em assuntos de política interna, historicamente, apresentavam uma postura de acolhimento como forma de fortalecer a imagem de um país comprometido com a democracia, com os direitos humanos e os princípios fundamentais da Revolução Mexicana, além de terem interesse em acolher uma mão de obra qualificada<sup>187</sup>.

Com a Guerra Fria e a posição de não-alinhamento do governo mexicano, que defendia “el derecho de asilo diplomático y político”, o México se converteu no destino comum de militantes e intelectuais da esquerda da época<sup>188</sup>. Ao mesmo tempo, muitos o escolhiam como destino pela localização geográfica, pelas condições econômicas do período, e pelo ponto de

---

183 “Except in places such as *El Corno*, creative people were hesitant to discuss the fabricated closh between poetry and politics.” RANDALL, Margaret. *Remembering El Corno Emplumado*, 2015, s/p. Tradução nossa.

184 “I was a free spirited outspoken young woman, on the cusp of a world I absolutely expected to be able to change.” Idem. Tradução nossa.

185 SALAZAR, Fernando. *La Palabra Compartida*. Cidade do México: DGEST Media TV; Revista literária Taller Igtur; Revista de poesía Delírio; Congregación Literária de la Ciudad de México. 12 de maio de 2020. Entrevista com Margaret Randall.

186 Além do estadunidense poeta *beat* Philippe Lamantia, tinha o contato de Arnaldo Orfila Reynals e da exilada francês Laurette Sèjourné.

187 YANKELEVICH, Pablo. Mexico, tierra de exilios: a manera de presentación. *México, país de refugio*. La experiencia de los exiliados en el siglo XX. México: CONACULTA, INAH, 2002, p. 09-16.

188 LIDA, Clara Eugenia. *Caleidoscópico del exilio*: actores, memorias y identidades. México: El colégio de México, Centro de Estudios Historicos, 2009, p. 162.

encontro com outros/as intelectuais, artistas e políticos. Para Randall “[...] a longa tradição mexicana de acolher pessoas com problemas, que posteriormente se estendeu na acolhida de fugitivos/as das ditaduras latino-americanas da década de 1970 e 1980, deu origem a um milieus em que a criatividade floresceu.”<sup>189</sup> Assim, conformou-se naquele país um ponto de encontro de intelectuais de várias partes do mundo.

As vítimas do *McCarthyismo* estão inscritas nessa tradição, já que o México recebeu um grupo de exilados/as, não muito numeroso e pouco estudado, que saiu dos Estados Unidos como vítima das perseguições do governo estadunidense. O exílio *McCarthyista* caracterizou uma geração de dissidentes políticos que fugiram dos EUA em fins da década de 1940 e 1950, segundo Dana Anhalt<sup>190</sup>. Randall, apesar de não se considerar como uma exilada desse grupo, e embora não haja registros de que tenha estabelecido uma rede de contatos no México com seus conterrâneos dessa geração, pode ser compreendida como parte deste movimento. Isso, porque as suas motivações para emigrar para o México, em uma onda decrescente da geração da década de 1950, foi fruto de um sentimento compartilhado de constrangimento e cerceamento de ideias e posições políticas, visto que não podia expressar através de sua produção artística. Diferentemente da geração *McCarthyista*, explicitamente perseguida, e de migrantes em que os/as exilados/as eram vítimas do aparato repressivo de seus estados nacionais, a violência velada identificada por Randall, imposta pelas reminiscências de um *McCarthyismo* em decadência, fez com que sair do seu país de origem soasse mais como uma escolha individual, do que como resultado da “caça às bruxas”.

Dentre os/as estadunidenses exilados/as no México, muitos mantiveram uma postura de superioridade em relação ao povo e cultura do país receptor, considerando-se como maduros e racionais, em contraposição a uma sociedade mexicana primitiva, reproduzindo a visão colonial sobre os povos latino-americanos. Contudo, outros/as viveram a experiência do exílio com uma lente transformadora do discurso de dominação aos quais foram involucrados pela cultura imperialista estadunidense<sup>191</sup>. A partir de um olhar sobre a trajetória de Randall, podemos

---

189 “I believe that Mexico’s long tradition of sheltering people in trouble, which latter extended to it’s embrace of Latin Americans fleeing the brutal dictatorship of the 1970’s and 1980’s, created a milieu in which creativity flourished.” RANDALL, Margaret. *Remembering El Corno Emplumado*, 2015, s/p. Tradução nossa.

190 ANHALT, Diana. El exilio desconocido: expatriados políticos estadunidenses en México (1948-1965). In.: YANKELEVICH, Pablo. *México, país de refugio*. La experiencia de los exiliados en el siglo XX. México: CONACULTA, INAH, 2002, p. 167-180.

191 DELPAR, Helen. Exiliados y expatriados estadunidenses en México (1920-1940). In.: YANKELEVICH, Pablo. *México, país de refugio*. La experiencia de los exiliados en el siglo XX. México: CONACULTA, INAH, 2002, p. 141-153.

afirmar que ela se aproximava deste grupo, mesmo que não estivesse propriamente na condição de exilada. Randall evidenciou o quanto se pode vivenciar um México iluminado política e culturalmente, na contramão da visão neocolonial que inferiorizava os povos abaixo da fronteira dos EUA, aprendendo também sobre o papel de seu país nas relações com aqueles povos, e com sentimento de vergonha por “[...] pertencer a nação que havia devastado tanto a nação que eu estava conhecendo agora.”<sup>192</sup>

O clima pujante daquele país latino-americano com presença de artistas e intelectuais do mundo todo, criava um ambiente em que, segundo Randall, florescia a criatividade, se contrapondo aos anos de boicote criativo que viveu nos EUA da “caça às bruxas”, abrindo novas perspectivas, haja vista que “[...] yo tenía veinte años entonces, empezaba a escribir poesía y la sombra de esas historias anticomunistas me he afectado duramente, pero tuve la suerte de ir al México entonces, donde conocí poetas de todo el mundo y así escapé de las garras de ese malo.”<sup>193</sup> Ali, ela se deparou com uma diversidade de sujeitos de diferentes lugares do mundo, pensando, atuando politicamente e escrevendo, o que possibilitou que adentrasse uma rede de intelectuais que lhe deu acesso a pessoas espalhadas por todo o mundo. O “México se ha caracterizado por lo que podríamos llamar un palimpsesto de exilios: la superposición, capa sobre capa, de expatriaciones que desde tiempos atrás se habían ido sumando gracias a las políticas de asilo de este país después de la Revolución”, afirma Clara Eugenia Lida<sup>194</sup>.

Randall se inseriu em um círculo cultural internacional que se reunia no apartamento do poeta *beat* estadunidense Philippe Lamantia na Cidade do México, onde conheceu e conviveu com diversos intelectuais de diferentes partes do mundo<sup>195</sup>. Dentre esses contatos estabelecidos ali, conheceu seu amigo, poeta e futuro Ministro da Cultura do governo revolucionário sandinista na Nicarágua, Ernesto Cardenal. Como afirmou Randall esse

---

192 “My shame, I suppose, at belonging to a nation that had so ravaged the one I was now coming to know.” RANDALL, Margaret. *I Never Left Home: Poet, Feminist, Revolutionary*. Durham, EUA: Duke University Press Books, 2020. Tradução nossa.

193 SALAZAR, Fernando. *La Palabra Compartida*. Cidade do México: DGEST Media TV; Revista literária Taller Igtur; Revista de poesía Delirio; Congregación Literaria de la Ciudad de México. 12 de maio de 2020. Entrevista com Margaret Randall.

194 LIDA, Clara Eugenia. *Caleidoscópico del exilio: actores, memorias y identidades*. México: El colegio de México, Centro de Estudios Historicos, 2009, p. 14.

195 Em *I never left home*, ela destaca o contato com: Arnaldo Orfila Reynal, Laurette Séjourné, Victor Serge, Agustí Bartra, Ana Bartra, Anita Brenner, Leonora Carrington, Ruth Stavenhagen, Nicolás Bodek, Raquel Jodorowsky, Homero Aridjis, Ernesto Mejía Sánchez, Francisco Valle, Beltrán Morales, Howard Frankl, Harvey Wolin, Juan Bañuelos, Juan Martínez, Felipe Ehrenberg, Martha Hellion, Carlos Coffeen Serpas, Sergio Mondragón. Roberto Matta, Dennis Brutus, Hilda Gadea, Roy Brigham, Robert Cohen, Miguel Grinberg, Thelma Nava, Jaime Carrero Roque Dalton, grupo de poetas venezuelanos *Techo de la Ballena*, Edmundo Aray, Rafael Squirru, Miguel Donoso Pareja, Judith Gutiérrez.

ambiente propiciou acesso à “[...] vários poetas latino-americanos que não foram queimados pelo *McCarthyismo* e que estavam escrevendo sobre todos e qualquer assunto.”<sup>196</sup> Também na casa de Lamantia conheceu o poeta, intelectual, idealizador e editor de *El Corno Emplumado*, que viria a se tornar seu marido e pai de duas das suas filhas, o mexicano Sérgio Mondragon.<sup>197</sup> A partir desse momento, sua vida pessoal e intelectual estiveram entrelaçadas. O que, como veremos, tornou-se um padrão em sua trajetória.

Os oito anos de sua vida no México marcou seu encontro com a cultura, com o povo latino-americano e o início de sua trajetória na região. De lá, seguiu para Cuba, uma mudança que não foi pacífica, mas sim resultado da perseguição violenta que sofreu do governo mexicano, o que rendeu um capítulo completo em sua autobiografia, *I never left home* (2020)<sup>198</sup>. Iniciou-se aí o seu exílio, já que era oficialmente cidadã mexicana. Em 1967, havia adquirido a nacionalidade do país ao sul do Rio Grande por motivos econômicos, pois lhe daria maior facilidade em conseguir um emprego. Randall não tinha a intenção de renunciar a sua nacionalidade estadunidense, essa decisão não foi um manifesto contra as políticas adotadas pelos governos de seu país de origem. Contudo, no México não era autorizado ter duas cidadanias, o que levou a um interstício em seu vínculo formal com seu país natal.

Ao ser perseguida pelo governo mexicano no fim da década de 1960, ela teve seus documentos confiscados sob uma falsa alegação de fraude trabalhista. A partir daí iniciou um período tumultuado em que Randall, no puerpério de sua quarta filha, Ana, teve que entrar para a clandestinidade. Refém dessa situação sentia-se como “evitada” e “impedida de sair do país”, “desterrada”, refletindo o impacto do México em sua vida, significando sua casa naquele momento:

Nesse momento eu não tinha tempo para uma resposta emocional, nem sequer compreendia as implicações do que estava acontecendo. O México era minha casa pela maior parte de uma década. Provavelmente meu filho não tinha nenhuma memória consciente de um tempo vivido antes de lá. Minhas três filhas tinham nascido naquele país.<sup>199</sup>

---

196 “[...] for me it was very fortunate that I moved to Latin America in 1961 and got to read so many latin american poets who were not burned by McCarthyism and were writing about everything and anything.” CAPLES, Gorret. *City Lights Live*. San Francisco, EUA: City Lights Foundations. 30 de novembro de 2021. Entrevista com Margaret Randall. Tradução nossa.

197 Suas filhas são Sarah e Ximena, nascidas em 1963 e 1964, respectivamente.

198 No capítulo II aprofundaremos nos motivos que levaram ao fechamento da revista editorada por ela, *El Corno Emplumado*, e à perseguição a levou ao exílio em Cuba.

199 “In this case there was no time to allow for full emotional response, nor did I even grasp the implications of what was happening. Mexico had been my home for the better part of a decade. It was probable that my son had

Sua expulsão do México resultou do posicionamento adotado por ela e Sérgio Mondragón em *El Corno*, ao assumirem uma postura contrária ao governo mexicano, enfrentando a narrativa da grande mídia do país, saindo em defesa dos/as estudantes durante os conflitos de 1968, que se desdobraram no Massacre de Tlatelolco, ocorrido na Praça das Três Culturas, na Cidade do México, no mesmo ano<sup>200</sup>. Em um contexto de repressão institucional, Díaz Ordaz tinha a intenção de emudecer todos/as aqueles/as que teriam condição, ou visavam rebater a “verdade oficial” sobre o ocorrido na Praça das Três Culturas e “[...] para lograrlo se emplearon todos los métodos que fueron necesarios, de la represión directa a las campañas de desprestigio.”<sup>201</sup> Passados à categoria de inimigos do Estado – e consequentemente inimigos da Revolução Mexicana –, Randall e Mondragón foram perseguidos violentamente pela polícia, tiveram o apoio financeiro dado a revista retirado pelo governo, que também passou a dificultar o acesso as gráficas de impressão, ameaçando as editoras de fechamento.

Randall reivindicava aquele como seu papel enquanto intelectual: incidir na prática cotidiana através do poder transformador da escrita; contribuir para conformação de uma opinião pública nacional e internacional; interpretar os acontecimentos e apresentar uma reflexão crítica à população. Como afirmou, em 2015, em uma entrevista concedida à Gema Saéz, com o tempo ela passou a acreditar que a literatura tinha um papel importante nas disputas políticas, mesmo quando não era feita de maneira explícita:

Muito antes, e muito depois, das Revoluções Cubana e Nicaraguense, a literatura teve um papel na mudança social. A literatura sempre foi uma parte vital da luta e das transformações. Uma literatura séria geralmente não é escrita para provocar uma transformação social; ela simplesmente o faz porque eventos, protagonistas, culturas, problemas, perigos e possíveis soluções.<sup>202</sup>

---

no conscious memory of a time before living there. My three daughters had been born in the country.” RANDALL, Margaret. *I Never Left Home: Poet, Feminist, Revolutionary*. Durham, EUA: Duke University Press Books, 2020. Tradução nossa.

200 VER: RIBERTI, Larissa Jacheta. La noche de Tlatelolco: literatura de testemunho, construção narrativa e representação do movimento estudantil mexicano de 1968. *Revista Contemporânea: Dossiê de História e Literatura*, v. 2, n. 4, 2013; AGUILAR CAMÍN, Héctor; MEYER, Lorenzo. *À sombra da Revolução Mexicana: História mexicana contemporânea 1910 – 1989*. São Paulo: EDUSP, 2000; HERRERA, María del Carmen Collado. La guerra fría, el movimiento estudiantil de 1968 y el gobierno de Gustavo Díaz Ordaz: La mirada de las agencias de seguridad de Estados Unidos. *Secuencia: Revista de historia y ciencias sociales*, México, n. 98, 2017.

201 VOLPI, Jorge. *La imaginación y el poder*. Una historia intelectual de 1968. México: Ediciones Era, 2006, p.311

202 “Long before the Cuban and Nicaraguan revolutions, literature had a role in social change, and long after. Literature has always been a vital part of social struggle and change. Serious literature is generally not written to effect social change; it simply does so because it reflects events, protagonists, cultures, issues, dangers, and possible solutions.” (RANDALL, Margaret; SAÉZ, Gema Palazón [En.]. Revolution doesn’t die, it simply changes with the time. Entrevista com Margaret Randall. BLANES, Jaume Peris; SÁEZ, Gema Palazón. [Org.] *Avatares*

Logo após perder seus documentos, com medo da repressão, Randall reuniu suas filhas, Cohen deixou seu emprego e estabeleceram contato com amigos/as que tinham na embaixada cubana. Seu filho, Gregory, então com oito anos, estava viajando para fora do México quando Randall teve seus documentos confiscados, por isso, quando retornava ao país, ele foi detido por uma noite antes de ser enviado para casa. Diante dessa situação, compreenderam, Randall e Cohen, que não seria possível reconstruir suas vidas no México. Decidiram, então, se mudar para Cuba, onde já tinham o interesse de viver em algum momento, o que foi expresso por Randall após algumas visitas à ilha ao longo da década de 1960. Na tentativa de recuperar seu passaporte e organizar sua saída, Randall mobilizou uma rede de intelectuais influentes, como Arnaldo Orfila Reynal<sup>203</sup>, que pessoalmente entrou em contato com o secretário de relações exteriores mexicano. Lidia Murray entrou em contato com Luis Echevarria, secretário do governo mexicano e próximo presidente do México (1970-1976). Após tentativas fracassadas, ela se viu obrigada a permanecer na clandestinidade, momento marcado por dificuldades de seu puerpério e pelas crianças pequenas. Então, precisou organizar sua saída ilegal do país, visto que estava indocumentada.

Nesse período, Randall se escondeu com sua família em algumas casas, com Laurette Sèjournè e Arnaldo Orfila Reynal, Payán, de Maru<sup>204</sup>, da escritora estadunidense Rita Siegel/Pomade. As crianças, com dificuldade de se adaptarem à clandestinidade, foram enviadas em companhia de oficiais do governo cubano de antemão à Cuba, onde se acreditava que estariam seguras<sup>205</sup>. Essa decisão foi tomada após uma negativa dos pais de Randall em receber as netas e neto. Ela, sem justificativa, não quis enviá-los/as aos cuidados de Mondragón nos Estados Unidos: “Eu tentei que meus pais, em Albuquerque, recebessem meus filhos temporariamente, mas eles disseram não. A gente deveria ter confiado eles a Sergio, que estava chateado e furioso que não o fizemos.”<sup>206</sup>

---

*del testimonio en América Latina: tensiones, contradicciones, reelecturas. Número especial de Kamchatka: Revista de Análisis Cultural*, 2015, p.442. Tradução nossa)

203 Editor e intelectual argentino-mexicano, dirigiu o grupo editorial *Fondo de Cultura Económica*, entre 1948 e 1965, fundador do editorial *Siglo XXI*, em meados da década de 1960.

204 Não conseguimos identificar quem seriam Payán e Maru.

205 Essa prática do governo Cubano em receber crianças não foi uma novidade no caso de Randall. Ver: COSSE, Isabella. Childhood, Love and Politics: The Montonero “Nursery” in Cuba during the Cold War. *Journal of Latin American Studies*. N.55, vol. 1, 2023, p. 1-26.

206 “I had tried to get my parents in Albuquerque to receive my children temporarily; they said no.1 We might have entrusted them to Sergio, who was hurt and angry that we didn’t.” RANDALL, Margaret. *I Never Left Home: Poet, Feminist, Revolutionary*. Durham, EUA: Duke University Press Books, 2020. Tradução nossa.

O período de ausência de suas filhas e filho foi retratado como emocionalmente conturbado. Em *My life in 100 objects*, um fantoche que pertencia ao seu filho Gregory (Fig. 20) foi utilizado como referência a esse período e ao de adaptação a realidade cubana. Ao apresentar o significado o objeto lembrou dos três meses que viveu longe dos filhos durante seu processo de fuga: “Eu guardo esse fantoche por quase meio século. Ele está coberto com a sujeira de lugares e situações, clima e movimentos. Todas as vezes que eu olho para ele, lembro-me da maravilha da imaginação de uma criança, criatividade desencadeada mesmo nas circunstâncias mais restritivas.”<sup>207</sup>



Figura 20: *Gregory's Puppet*

FONTE: RANDALL, Margaret. *My Life in 100 Objects*. Nova Iorque, EUA: New Village Press, 2020, p. 115.

Sem documentos oficiais, não era cidadã nem dos EUA nem do México, período em que teve seu direito de ir e vir restringido pelas políticas alfandegárias de diversos países. Uma das saídas encontrada por Randall foi a de modificar sua aparência e fugir escondida num caminhão frigorífico de carne até chegar aos Estados Unidos, portando um passaporte falso, um dos 100 objetos que narram a sua trajetória de vida (Fig. 21). Ao fim da longa viagem, acabou não utilizando o passaporte falso, mas o registrou como símbolo desse processo difícil de sua vida.

---

207 “I have kept this puppet almost half a century. It is coated with the grime of places and situations, weather and moves. Each time I look at it I am reminded of the wonder of a child’s imagination, creativity unleashed even in the most restrictive circumstances.” RANDALL, Margaret. *My Life in 100 Objects*. Nova Iorque, EUA: New Village Press, 2020, p. 116. Tradução nossa.





Figura 21: *Fake Mexican Passport*

FONTE: RANDALL, Margaret. *My Life in 100 Objects*. Nova Iorque, EUA: New Village Press, 2020, p. 75.

Nos EUA, ela pegou um ônibus rumo ao Canadá, de onde partiu com destino a Paris, posteriormente para Praga, onde um avião cubano a levaria para a ilha: “Dezenove dias depois eu estava em Havana, reunida com meus filhos. Robert, que tinha viajado legalmente de El Paso para Nova Iorque e Madri, tinha chegado na semana anterior.”<sup>208</sup> As características de sua fuga, e do que ocasionou em sua partida para Cuba, nos permite configurar esse processo como de partida para o exílio, condição que ela mesma reivindicou quando da revisão do passado suscitada pela escrita autobiográfica.

Randall chegou em Cuba em 1969, encontrando terreno fértil para seus anseios enquanto intelectual feminista, afinal a ilha “[...] funcionó, en la década de los sesenta, como un curioso religador de la vida intelectual dispersa de la América hispanohablante”<sup>209</sup>, o que combinou com seu trabalho intelectual e reflexões iniciadas no México em fins da década. Consideramos Cuba como fecunda para as intenções de Randall apesar de ter chegado na ilha em um momento crítico da política cultural do governo cubano e da forma como a Revolução Cubana se negava a adotar uma agenda intitulada feminista, questão que debateremos de maneira mais aprofundada ao longo dos capítulos 2 e 4<sup>210</sup>. Ela chegou à ilha no momento de maior tensionamento entre a Revolução e os/as intelectuais, desde a vitória de janeiro de 1959. Esse acirramento não era totalmente uma novidade, como já vinha acontecendo desde a

208 “Nineteen days later I was in Havana, reunited with my children. Robert, who had traveled legally from El Paso through New York and Madrid, had arrived the week before.” Idem, p. 78. Tradução nossa.

209 RAMA, Ángel. La riesgosa navegación del escritor exiliado. In.: *Revista Nueva Sociedad*, n.35, março-abril 1978, p. 03.

210 Em 2021 Randall declarou que considera que o Partido Comunista Cubano, e até as mulheres cubanas, eram anti-feministas, por esta ter se dado uma década antes do que considera a “chegada” da segunda onda do movimento feminista estadunidense no Sul global. Essa discussão será tratada no capítulo 2.

proibição da exibição do “Documentário P.M.” em 1961. O estopim se deu com o Caso Padilla e o lançamento de seu livro *Fuera del juego* em 1968, que desembocou num período de censura e perseguição a artistas e intelectuais em Cuba entre 1971 e 1976, conhecido como *Quinquenio Gris*<sup>211</sup>. O tensionamento entre o governo cubano e intelectuais fez com que várias pessoas rompessem oficialmente com a Revolução Cubana como resposta à política cultural implementada. Segundo Silvia Miskulin: “O caso Padilla foi o evento mais significativo do fechamento cultural da Revolução”<sup>212</sup>, o poeta foi “[...] utilizado como bode expiatório pelo governo cubano para provar o alinhamento de Cuba com a política cultural soviética, além de abafar qualquer pretensão de uma política cultural mais aberta e eclética na ilha.”<sup>213</sup>

Em entrevista concedida a autora desta tese, ao ser questionada a respeito do ambiente em que se encontrava e do impacto do *Quinquenio Gris* em sua função e produção intelectual, Randall respondeu que não sentiu grande implicação, visto que naquele momento ela estava totalmente comprometida com as diretrizes da revolução:

Quando o caso Padilla aconteceu... Eu conhecia o Padilla, nós éramos amigos, eu o publiquei em *El Corno*, no México, antes de ir para Cuba. Mas quando o caso Padilla aconteceu [...] eu ainda estava muito comprometida, eu estava comprometida com a Revolução Cubana de uma maneira cega. De uma forma um pouco ingênua. Se a Revolução Cubana disse que ele era aquele tipo de revolucionário, eu aceitei. Anos depois eu revi essa posição. Eu era e sou totalmente contra a censura sobre o Padilla. Em primeiro lugar eles o transformaram em um herói, o transformaram em um excelente poeta. Ele era um bom poeta, mas não excelente. Toda sua reputação foi moldada por esse acontecimento, e que o colocou sob o olhar daqueles contrários a Revolução Cubana.<sup>214</sup>

---

211 Heberto Padilla foi preso em 1971, acusado de “atividades subversivas contra a revolução”. A repercussão foi internacional e acabou levando a uma crise cultural em Cuba e abriu uma discussão a respeito do papel dos intelectuais e a Revolução Cubana, dividindo opiniões. Contudo, “A intelectualidade cubana não seguiu os colegas estrangeiros e continuou com o seu apoio quase irrestrito à revolução [...] No início de abril de 1971, as autoridades cubanas divulgaram uma carta de Padilla, dirigida ao governo revolucionário, na qual ele assumia os seus desvios político-ideológicos e pedia para ser novamente incorporado à revolução.” Vários intelectuais romperam com a Revolução Cubana e deu-se início ao período que ficou conhecido como *Quinquenio Gris* (1971-1976), marcado pelo tensionamento entre o governo e os/as intelectuais. MARQUES, Rickley Leandro. O papel dos intelectuais na revolução cubana – o caso Padilla. *Revista Em Tempo de Histórias*, PPGHIS/UnB, n.13, Brasília, 2008, *passim*. VER: COSTA, Adriane Vidal. *Intelectuais, política e literatura na América Latina: O debate sobre revolução e socialismo em Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa*. São Paulo: Alameda, 2013.

212 MISKULIN, Sílvia Cezar. A política cultural na Revolução Cubana: as disputas intelectuais nos anos 1960 e 1970. *Caderno CrH*, v. 32, n.87, Salvador, 2019, p. 537-548.

213 MISKULIN, Silvia Cezar. O ano de 1968 em Cuba: mudanças na política internacional e na política cultural. *Revista Esboços*, n.20, UFSC, 2008, p. 60.

214 “When the Padilla affair happened... I knew Padilla, we were friends, we published him in *El Corno*, in Mexico, before I went to Cuba. But when the Padilla affair happened [...] I was still very much committed, I was committed to the Cuban Revolution in kind of a blind way. A little bit in a naive way. If the Cuban Revolution said that Padilla was this kind of a revolutionary I accepted that. In subsequent years I came to reverse that position. I was and am very much against their censorship over Padilla. In the first place it made a hero out of him, it made a great poet out of him. He was a god poet, but he wasn't a great poet. His hole reputations were shaped by this thing that Cuba did and that really thoroughly him into the line light especially to people who was against the

Houve, a partir desse momento, um “endurecimento no campo cultural”, junto de uma tentativa de se “direcionar a conduta dos intelectuais” de acordo com os “interesses da Revolução”. Randall aportou em Cuba em meio a essas discussões e conflitos que marcaram o fim da “lua de mel” entre intelectuais do mundo todo e a Revolução Cubana, segundo Silvia Miskulin<sup>215</sup>. E, mais do que isso, para Adriane Costa esta pode ter sido “uma das principais razões para o fim da rede intelectual latino-americana de esquerda em torno de Cuba”<sup>216</sup>. Para Rickley Marques, “[...] a ilha, que fora a vanguarda intelectual e artística da América Latina encerrou-se em seus próprios muros”, exercendo censura e perseguição àqueles considerados/as dissidentes<sup>217</sup>. Apesar desse cenário, foi em Cuba que Randall teve condições de atuar como intelectual pública, pôde dar vazão ao seu projeto intelectual e político de entrevistar as mulheres cubanas com o objetivo de entender de que forma a revolução impactou, ou não, suas vidas. Reforçou sua relação ambígua com a Revolução Cubana ao afirmar, na mesma entrevista, que: “Eu nunca me senti censurada pelos cubanos. Eu não acho que tenha sido censurada em algum momento. Na verdade, eles chegaram a publicar um livro meu em Matanzas, um muito crítico à revolução, e mesmo assim o publicaram e nunca me pediram para trocar nada.”<sup>218</sup>

Contudo, com essa afirmação Randall mistura os momentos históricos. Apesar de reivindicar não ter sido censurada pelo governo cubano ao longo da década de 1970, o livro ao qual se refere, lançado em Matanzas, foi publicado em Cuba em 2017, intitulado *Cambiar el mundo: mis años en Cuba*. Esse é o motivo pelo qual devemos relativizar seu sentimento com relação à sua experiência na ilha em meados do século XX. Acreditamos que sua confiança na liberdade de escrita ao longo da década que viveu em Cuba, se deu pelo seu alinhamento com

---

Cuban Revolution.” RANDALL, Margaret. *Entrevista concedida à Stella Ferreira Gontijo* em 23 de janeiro de 2024, Albuquerque, Novo México. EUA. Transcrição e tradução nossa.

215 VER: MISKULIN, Silvia Cezar. A política cultural na Revolução Cubana: as disputas intelectuais nos anos 1960 e 1970. *Caderno CrH*, v. 32, n.87, Salvador, 2019, p. 537-548 e MISKULIN, Silvia Cezar. O ano de 1968 em Cuba: mudanças na política internacional e na política cultural. *Revista Esboços*, n.20, UFSC, 2008, p. 60.

216 COSTA, Adriane Vidal. *Intelectuais, política e literatura na América Latina: O debate sobre revolução e socialismo em Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa*. São Paulo: Alameda, 2013, p. 189.

217 MARQUES, Rickley Leandro. O papel dos intelectuais na revolução cubana – o caso Padilla. *Revista Em Tempo de Histórias*, PPGHIS/UnB, n.13, Brasília, 2008.

218 “I never felt censored by the Cubans. I don't think I ever was censored by the Cubans. In fact they published my book in Matanzas, it is very critical of the revolution, and still they published it and they never asked me to change anything.” RANDALL, Margaret. *Entrevista concedida à Stella Ferreira Gontijo* em 23 de janeiro de 2024, Albuquerque, Novo México. EUA. Transcrição e tradução nossa. Sobre esse lançamento em Matanzas, acreditamos que ela se referiu ao seu livro de memórias a respeito de seu período em Cuba, publicado em inglês com o título *To Change the World: My Years in Cuba*, pela *Rutgers University Press* em 2009; e em espanhol como *Cambiar el mundo: mis años en Cuba*, publicado em Cuba, pelo Editorial Matanzas em 2017.

o discurso revolucionário e sua referência nos discursos e condução política de Fidel Castro, como observamos ao trabalhar com os testemunhos ao longo do capítulo 4.

Randall, quando decidiu fugir para Cuba, já tinha tido outros contatos com o país e com a revolução. Quando ainda morava nos EUA, no início da década de 1960, Fidel esteve em Nova Iorque e ela tentou entregá-lo uma *paella* no hotel em que ele estava hospedado. Nesse mesmo período, ela foi convidada a uma viagem a ilha, organizado pelo *Fair Play for Cuba Committee*, na qual não pode comparecer devido ao estado avançado de sua gravidez de Gregory. Randall também já havia se posicionado em defesa da revolução e em oposição as iniciativas militares dos EUA contra este país. Em suas memórias, ela relatou como, junto de “Elaine de Kooning, LeRoi Jones, Lawrence Ferlinghetti, Norman Mailer, Marc Schleifer, escrevi uma carta de protesto contra a invasão da Baía dos Porcos em 1961; centenas de artistas e escritores assinaram e a carta que foi publicada na *Monthly Review*.”<sup>219</sup>

Sua primeira viagem à ilha foi uma ação direta com o projeto revolucionário em curso. A convite de Haydée Santamaría, em nome da instituição *Casa de las Américas*, Randall participou do encontro de poetas em comemoração ao centenário do poeta nicaraguense Ruben Dário, em 1967. Assim, desde logo estabeleceu uma relação próxima tanto pessoal, quanto intelectual, com outros/as intelectuais e artistas que ali viviam, além da própria Santamaría. Em sua autobiografia, Randall lembrou que: “Quando eu e minha família nos mudamos para Cuba em 1969, Haydée se tornou uma amiga e mentora. Ela era uma das três ou quatro mentoras que eu tive muita sorte de poder contar em minha vida, uma grande honra e privilégio.”<sup>220</sup> Para recordar dessa questão Randall recuperou a medalha “Haydée Santamaría” (Fig. 22) que recebeu da *Casa de las Américas*, considerada por ela como a maior honraria desta instituição, um reconhecimento por sua trajetória e por sua relação próxima com Cuba e com a *Casa*:

---

219 “Elaine de Kooning, LeRoi Jones, Lawrence Ferlinghetti, Norman Mailer, Marc Schleifer (later Abdallah Schleifer), and I wrote a strong letter protesting the 1961 Bay of Pigs invasion; hundreds of artists and writers signed on and it was published in *Monthly Review*.” RANDALL, Margaret. *I Never Left Home: Poet, Feminist, Revolutionary*. Durham, EUA: Duke University Press Books, 2020. Tradução nossa.

220 “When my family and I moved to Cuba in 1969, Haydée became a friend and mentor. She was one of three or four mentors I’ve been fortunate enough to have in my life, a great honor and privilege.” RANDALL, Margaret. *My Life in 100 Objects*. Nova Iorque, EUA: New Village Press, 2020, p. 236. Tradução nossa.



Figura 22: *Haydée Santamaría Medal*

FONTE: RANDALL, Margaret. *My Life in 100 Objects*. Nova Iorque, EUA: New Village Press, 2020, p. 233.

Essa honraria havia sido entregue a apenas 66 escritores/as e intelectuais até 2019<sup>221</sup>: “Uma família de escritores/as, artistas e atores/as, que acreditavam que podiam ajudar a trazer justiça para um mundo que acabou traindo nossos sonhos. Alguns viveram para ver essa traição. Outros não.”<sup>222</sup> A relação com Haydée ajudou em sua integração política, cultural, social e intelectual na ilha caribenha, num cenário em que não devemos subestimar seu lugar simbólico naquele país: Randall era uma mulher branca da classe média estadunidense, o que fez com que muitas de suas contribuições e opiniões não fossem compreendidas e/ou aceitas, por partirem de uma outra racionalidade, diferente da cultivada na Cuba revolucionária. Assim como, para ela, criada no seio do liberalismo estadunidense, nem tudo era inteligível e decifrável. Contudo, apesar das dificuldades e do choque cultural, foi bem acolhida.

Recuperando sua relação com a ilha caribenha, Randall reproduziu a imagem de uma bandeira e um colar da Santería (Fig. 23), para abordar a questão patriótica, religiosa, racial, em diálogo com as diversas nuances dessas relações no interior da revolução:

A bandeira é um símbolo patriótico, e o colar da Santería é representativo das religiões africanas que, naquele período, eram vistas como conflituosas com a ideologia

221 Cita os que considerava como seus amigos/as: Alicia Alonso, Mario Benedetti, Frei Betto, Juan Bosch, Ernesto Cardenal, Eduardo Galeano, Gabriel García Márquez, Juan Gelman, Oswaldo Guayasamín, Armando Hart, Roberto Matta, Arnaldo Orfila, Gerard Pierre-Charles, Silvio Rodríguez, Mercedes Sosa, Stefano Varese, Daniel Viglietti, Idea Vilariño.

222 “A family of likeminded writers, artists, and performers who believed we could help bring justice to a world that would betray our dreams. Some lived to see that betrayal. Others didn’t.” RANDALL, Margaret. *My Life in 100 Objects*. Nova Iorque, EUA: New Village Press, 2020, p. 235. Tradução nossa.

marxista. Ao colocar esses objetos juntos, estou abordando uma complexidade que está sempre presente quando uma transformação social duradoura é o objetivo.<sup>223</sup>



Figura 23: *Cuban Flag and Santería Tool Necklace*

FONTE: RANDALL, Margaret. *My Life in 100 Objects*. Nova Iorque, EUA: New Village Press, 2020, p. 109.

Em seguida, ela nos apresentou um identificador (Fig. 24) utilizado por seu amigo cubano Martín, ao longo de uma missão militar que ocorreu em apoio à Angola, contra as investidas imperialistas dos EUA, reforçando o internacionalismo da revolução. A medalha era como um “[...] talismã do compromisso [revolucionário] em um mundo cada vez mais dado ao lucro e a ganância.”<sup>224</sup> O terceiro objeto dessa sequência foi o prédio da instituição cubana *Casa de las Américas*, em Havana (Fig. 25), representando um espaço onde, para ela, a revolução vivia e resistia na prática cotidiana. Aproveitou o edifício para relembrar Haydée Santamaría, que considerava como uma “feminista antes do termo chegar ao léxico espanhol”.



223 “The flag is a patriotic symbol, the Santería necklace representative of the African religions which, back then, were looked upon as conflicting with Marxist ideology. By placing these objects together, I am speaking of the complexity that is always present when enduring social change is the goal.” Ibidem, p. 109. Tradução nossa.

224 “[...] talisman of commitment in a world ever more given to profit and greed.” Ibidem, p. 111. Tradução nossa.

Figura 24: *Martín's Dog Tag*

FONTE: RANDALL, Margaret. *My Life in 100 Objects*. Nova Iorque, EUA: New Village Press, 2020, p. 110.



Figura 25: *Casa de las Américas*

FONTE: RANDALL, Margaret. *My Life in 100 Objects*. Nova Iorque, EUA: New Village Press, 2020, p. 112.

Randall viveu em Cuba entre 1969 e 1980, período em que publicou as seguintes obras, que partiram de sua vivência compartilhada ali: *La mujer cubana ahora* (1972) e *Sueños y realidades de un guajiricantor* (1979). Nesse tempo, também desenvolveu um trabalho de campo com as mulheres trabalhadoras do Peru, do Vietnã do Norte e da Nicarágua, o que rendeu a publicação, em diversas línguas, dos títulos: *¿Como vive la mujer trabajadora en el Perú?* (1974), *Spirit of the People: Vietnamese Women Two Years from the Geneva Accords / El espíritu de un pueblo* (1975), *"Somos millones": la vida de Doris María, combatiente nicaragüense* (1976), *No se puede hacer la revolución sin nosotras* (1978) - que conta com depoimentos de mulheres do Brasil, Nicarágua, Cuba e Perú -, *El pueblo no sólo es testigo: la historia de Dominga* (1978) – testemunho de uma mulher portorriquenha.

Também realizou trabalhos de tradução de obras do inglês para o espanhol e vice-versa, assim como fazia na revista *El Corno*, com o objetivo de “[...] poder ofrecer novos trabalhos empolgantes, escritos em uma língua e traduzidos para outra”<sup>225</sup>, dando continuidade ao seu projeto de colocar em diálogo e divulgar artistas que até então não circulavam entre os hemisférios, fossem por questões da língua ou pelo desconhecimento imposto por dinâmicas e questões culturais. A tradução, além de colocar em circulação um conteúdo, possibilitava que

---

225 “We often worked together and loved being able to offer exciting new work written in one language in translation in the other.” Ibidem, p. 189. Tradução nossa.

as referências culturais que forjaram diversos povos passassem a ser conhecidas, permitindo o trânsito de intelectuais, o debate político e ampliando uma rede de contatos transnacional. Reconhecida e inserida na dinâmica da intelectualidade latino-americana em 1970, Randall foi convidada a participar duas vezes, junto de seu amigo poeta salvadorenho Roque Dalton, como jurada do prêmio *Casa de las Américas*, um dos mais importantes da cena cultural latino-americana no período<sup>226</sup>, o que demonstra o reconhecimento de seu papel na região desde as décadas trabalhas aqui até a atualidade, como vimos com sua condecoração com a medalha “Haydée Santamaría” em 2019.

Ela trabalhou, entre os anos de 1969 e 1975, como escritora e editora no Instituto Cubano de Livros. De 1976 a 1980 atuou como escritora e jornalista independente. Ao longo dessas duas décadas, ela investiu e intensificou seu trabalho com produção de literatura de testemunho. Como escritora e poeta, era uma militante comprometida não só através de sua ação intelectual e, por isso, integrou-se a dinâmica dos Comitês de Defesa da Revolução (CDR)<sup>227</sup>, participando ativamente das atividades de seu bairro. Ao relembrar a passagem por Cuba, Randall relatou um sentimento de gratidão por ter vivido cotidianamente o que ela considera como os tempos áureos da revolução, reforçando nossa percepção de que, ainda hoje, Randall tem uma visão comprometida com a Revolução Cubana.

Em 1973, como já apontamos, ela visitou o Peru presidido pelo general Juan Velasco Alvarado (1968-1975) a convite do *Centro de Estudios de Participación Popular* (CENTRO), instituição vinculada à Organização Internacional do Trabalho (OIT) e dirigida pelo brasileiro Darcy Ribeiro, exilado no Peru entre 1972 e 1976<sup>228</sup>. Adriane Costa mostra que ali, Randall se inseriu em projeto promovido pelo governo peruano por meio do CENTRO que,

---

226 Em 2011 foi novamente jurada na categoria de História Oral.

227 Os CDRs são comitês populares que se organizam nos bairros de cada cidade cubana, com o objetivo de defesa da revolução: “os CDR são entidades não governamentais, de caráter voluntário, e que trabalham pelo bem-estar social através do autofinanciamento e da realização de eleições democráticas e periódicas envolvendo os moradores de cada bairro, em cada uma das cidades cubanas. Segundo o próprio Fidel, o ‘caráter territorial’ seria um atributo específico desta organização de massas, se comparada a todas as outras. [...] em diferentes momentos *el comandante* salientou o papel dos CDR na preservação da ordem político-social e, implicitamente, na repressão aos opositores do governo.” RODRIGUES, B. R. A mão visível do Estado: representações dos Comitês de Defesa da Revolução nos discursos de Fidel Castro (1961-1977). *Revista Crítica Histórica*, v. 12, n. 23, 2021, p. 361–377, *passim*.

228 “Em Lima, em 1972, idealizou e dirigiu um projeto vinculado à Organização Internacional do Trabalho (OIT), o chamado PER. 71/550, que deu origem ao Centro de Estudios de Participación Popular (CENTRO). Para sua realização, foi firmado um convênio entre a OIT, o governo do General Velasco Alvarado (1968-1975) e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Sua execução prática estava a cargo do Sistema Nacional de Apoyo a la Movilización Social (SINAMOS), na esfera nacional, e da OIT, na esfera internacional.



[...] tendo Darcy Ribeiro como uma figura fundamental, organizou uma rede de intelectuais que colocou ideias em circulação em um contexto de implementação de reformas estruturais elaboradas pelo governo do General Velasco Alvarado no Peru (1968-1975) que executou um programa de reformas que visava ampliar a participação popular nesse processo de mudanças.<sup>229</sup>

Nessa viagem Randall trabalhou com a coleta de testemunho das mulheres trabalhadoras peruanas, coordenando uma equipe de pesquisa, na tentativa de captar a realidade dessas mulheres. Essa sua passagem pelo Peru rendeu a publicação, em 1974, dos livros: de testemunho das peruanas, a SINAMOS publicou *¿Como vive la mujer trabajadora en el Perú?*; e a coletânea de ensaio publicado pelo CENTRO *La situación de la mujer*. Participou, ao lado de outros intelectuais latino-americanos do seminário *Estudios de Sintesis* com trabalho intitulado *La mujer trabajadora*, como apontou Adriane Costa. O seminário tinha como objetivo receber “[...] investigadores/especialistas para discutirem as possibilidades globais de temas com grande relevância social”<sup>230</sup>. Ao final do seminário, Randall também ofertou um ciclo de palestras no CENTRO, que deu origem, em 1973, a publicação de seu livro *Sobre la situación de la mujer*.

Em resumo, Randall registrou que “o novo governo convidou especialistas para ajudar a determinar o que era necessário fazer no país a fim de realmente promover transformações sociais [...] Eu ficava em Lima, mas viajei o país todo entrevistando mulheres, ouvindo suas necessidades e fazendo recomendações.”<sup>231</sup> Seu trabalho era levantar quais seriam as principais pautas para transformação social do Peru a partir da perspectiva das mulheres. Segundo Adriane Costa, com essas iniciativas o governo peruano buscava apoio e legitimidade para a implementação de “[...] reformas de caráter revolucionário para reformular um novo projeto

---

Tudo isso fez com que os anos de exílio de Darcy Ribeiro fossem, do ponto de vista intelectual, frutíferos e intensos.” COSTA, Adriane Vidal. Darcy Ribeiro e o Centro de Estudios de Participación Popular (CENTRO) em Lima: redes intelectuais e circulação de ideias. COSTA, Adriane Vida; PALTÍ, Elias J. [Org.] *História intelectual e circulação de ideias na América Latina nos séculos XIX e XX*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2021, p. 85-86. VER: COSTA, Adriane Vidal. Darcy Ribeiro: exílio e reforma universitária na América Latina. COSTA, Adriane Vidal (Org.) *Darcy Ribeiro: intelectualidade e pensamento crítico latino-americano*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2023. 229 COSTA, Adriane Vidal. Darcy Ribeiro e o Centro de Estudios de Participación Popular (CENTRO) em Lima: redes intelectuais e circulação de ideias. COSTA, Adriane Vida; PALTÍ, Elias J. [Org.] *História intelectual e circulação de ideias na América Latina nos séculos XIX e XX*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2021, p. 85-86.

230 Para mais informações sobre o Projeto PER71/550, ver: COSTA, Adriane Vida; PALTÍ, Elias J. [Org.] *História intelectual e circulação de ideias na América Latina nos séculos XIX e XX*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2021.

231 “The new government invited experts to help determine what needed to be done in order to promote effective social change and I was asked by the United Nations’ International Labor Office to work for three months at a research center. I was based in Lima but traveled the country interviewing women, listening to their needs and making recommendations.” RANDALL, Margaret. *I Never Left Home: Poet, Feminist, Revolutionary*. Durham, EUA: Duke University Press Books, 2020. Tradução nossa

de sociedade”, contribuindo para a finalidade central do projeto de “[...] promover a participação popular nos programas governamentais de transformação social.”<sup>232</sup>

Com esta finalidade Randall entrevistou uma diversidade de mulheres de várias idades, do campo e da cidade, falantes de várias línguas como Quechua e Aymara. O estudo sobre a *Situación y aspiraciones de la mujer trabajadora en el Perú*, publicado em 1973, recebeu atenção especial do governo peruano: “O interesse do projeto era ‘conhecer o grau de consciência’ da mulher peruana e de sua situação e quais eram as projeções de seu trabalho dentro do ‘processo revolucionário’ que vivia o país.”<sup>233</sup> Segundo pesquisa de Adriane Costa, como coordenadora do projeto os objetivos que deveriam ser alcançados a partir do trabalho de Randall eram:

1. Obtener información casuística y representativa de la situación de la mujer trabajadora y de su participación en el proceso.
  2. A través del estudio capacitar a algunos promotores e investigadores del SINAMOS en una técnica de estudio y de participación.
  3. Implementar líneas de acción del SINAMOS para dinamizar la participación de la mujer en el proceso revolucionario.
- (Investigación, n. AI-4-73, p. 02)<sup>234</sup>

Sua atuação intelectual e militante transnacional se deu também quando ofertou aulas de inglês para militantes vietnamitas, a fim de contribuir para que a mensagem da rádio *Voice of Vietnam*, com base em Cuba, alcançasse mais pessoas, rompendo com a censura estadunidense. Randall considerava que “esse programa permitia que os vietnameses falassem diretamente com os ouvintes nos Estados Unidos, e o Phuc queria aprender a linguagem das ruas, uma linguagem que fosse o mais acessível possível para quem estivesse ouvindo.”<sup>235</sup> Esse projeto acabou levando-a ao Vietnã como colaboradora em 1974, a convite da “Associação de Mulheres do Vietnã do Norte”, o que rendeu a publicação do livro de *testimonio* das vietnamitas:

Eu tinha escrito um livro sobre as mulheres cubanas, e os/as vietnamitas queriam que eu escrevesse um sobre suas heroicas mulheres, muitas das quais estavam sustentando

---

232 COSTA, Adriane Vida; PALTÍ, Elias J. [Org.] *História intelectual e circulação de ideias na América Latina nos séculos XIX e XX*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2021, p. 86.

233 Idem.

234 Ibidem, *passim*.

235 “These broadcasts allowed the Vietnamese to speak directly to listeners in the United States, and Phuc wanted to grasp US street lingo, a language as accessible as possible to those to whom they were speaking.” RANDALL, Margaret. *I Never Left Home: Poet, Feminist, Revolutionary*. Durham, EUA: Duke University Press Books, 2020. Tradução nossa.

o peso da luta. [...] Foi uma experiência inesquecível. Disseram-me que eu fui uma, entre apenas nove estrangeiros/as no Vietnã do Norte naquele período.<sup>236</sup>

O trabalho de entrevistas orais não só reforçou o seu papel transnacional como também garantiu sua contribuição, enquanto intelectual, ao projeto internacionalista da Revolução Cubana, como afirmou em conferência que ofertou em 2015<sup>237</sup>. Por esta colaboração, ao fim da guerra, em 1975, com a vitória vietnamita e a reunificação do país, Randall recebeu a medalha *Ho Chi Mi* em Havana: “Eu não fui a única que recebeu este exemplo de gratidão. Muitos de nós, envergonhadas/os com as agressões de nosso país na guerra, fez o que podia: pequenas tarefas como escrever, traduzir, ensinar inglês. Não esperávamos nada em troca.”<sup>238</sup> Em *My life in 100 objects* deixou registrado sua passagem pelo país através dessa medalha (Fig. 26):



Figura 26: *Ho Chi Minh Medal*

FONTE: RANDALL, Margaret. *My Life in 100 Objects*. Nova Iorque, EUA: New Village Press, 2020, p. 93.

Com essas “pequenas tarefas” identificamos, mais uma vez, qual o poder conferido pela poeta ao trabalho intelectual que, como afirmou em seu livro autobiográfico, ela achava que junto de sua “família intelectual” de artistas e escritores/as poderia trazer justiça ao mundo<sup>239</sup>.

236 “I had written a book about Cuban women, and the Vietnamese wanted me to write about their heroic women, many of whom were shouldering the brunt of the struggle. [...] It was an unforgettable experience. I was told I was one of only nine foreigners in North Vietnam at the time.” RANDALL, Margaret. *My Life in 100 Objects*. Nova Iorque, EUA: New Village Press, 2020, p. 90. Tradução nossa.

237 RANDALL, Margaret. *Writing Peace in a Time of War*. Lecture Series. Albuquerque, EUA: University of New Mexico, International Studies Institute. Conferência. 9 de novembro de 2015.

238 “I wasn’t the only one to receive this example of their gratitude; many of us, ashamed of our country’s war of aggression, had done what we could: small tasks such as writing, translating, teaching English. We never expected anything in return.” RANDALL, Margaret. *My Life in 100 Objects*. Nova Iorque, EUA: New Village Press, 2020, p. 93. Tradução nossa.

239 “A family of likeminded writers, artists, and performers who believed we could help bring justice to a world that would betray our dreams.” Ibidem, p. 235. Tradução nossa.

Essas experiências e práticas não só reforçaram sua atuação enquanto intelectual transnacional, como contribuiu para consolidação e ampliação uma rede de intelectuais advinda de suas relações estabelecidas desde *El Corno*. Para ela, foi a revista que a colocou em contato com poetas de “todo o globo”<sup>240</sup>, assim, o impacto e centralidade da sociabilidade ali criada não findou com a revista. Pelo contrário, *El Corno* levou a poeta ao exílio e configurou grande parte das relações políticas, intelectuais e pessoais que asseguraram sua atuação em outros países latino-americanos. Em Cuba, ela manteve sua prática de criar espaços de sociabilidade intelectual, utilizando o lugar doméstico da casa com esta finalidade, dotando a atmosfera privada com debates públicos e políticos. Em Havana, recebia grupos de poetas e intelectuais para leituras coletivas, para compartilharem seus trabalhos e discussões políticas, reproduzindo o que vivenciara, primeiramente na casa de Lamantia, depois em sua casa com Mondragón, ambas as experiências vividas no México.

Para Sirinelli, essas relações intelectuais “a atração e a amizade, *ao contrário*, a hostilidade e a rivalidade, a ruptura e o rancor desempenham igualmente um papel às vezes decisivo.” Muitas vezes essas sociabilidades e relações pessoais influem no afetivo e no ideológico, “as ‘redes’ secretam, na verdade, microclimas à sombra dos quais a atividade e o comportamento dos intelectuais envolvidos frequentemente apresentam traços específicos.”<sup>241</sup> Randall afirmou a importância desse convívio que, segundo ela: “[...] me transformaram, me deram acesso a uma perspectiva [sobre a revolução] desde dentro que eu não poderia ter tido acesso lendo ou ouvindo falar.”<sup>242</sup> Essa prática, de manter o ambiente doméstico como um ponto de encontro, foi uma de suas formas de atuação enquanto intelectual, momentos memoráveis que moldaram aqueles e aquelas que estavam envolvidas nesses encontros, replicados em todas as casas em que viveu, inclusive em Cuba<sup>243</sup>.

A partir da revista *El Corno Emplumado*, Randall e Mondragón compartilhavam o espaço público da revista e o doméstico do lar, ambos como espaços de socialidade, misturando

---

240 RANDALL, Margaret. *Remembering El Corno Emplumado*, 2015, s/p

241 SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 231-270. *Passim*. Grifos do autor.

242 “These relationship taught me, changed me, provided an insider view I could not have obtained from reading or hearsay,” RANDALL, Margaret. *I Never Left Home: Poet, Feminist, Revolutionary*. Durham, EUA: Duke University Press Books, 2020. Tradução nossa.

243 Relembra alguns nomes que se reuniam em sua casa: Arturo Arango, Víctor Rodríguez Núñez, Norberto Codina, Bladimir Zamora, Alex Fleites, Leonardo Padura. Outros, que passavam por lá em visita à Cuba e frequentavam sua casa, como: Ernesto Cardenal, Roque Dalton, Claribel Alegria, Julio Cortázar, Juan Gelman, Mario Benedetti, Eduardo Galeano, Pablo Carlevaro, Efraín Huerta, Thelma Nava, Arnaldo Orfila e Laurette Séjourné. *Ibidem*.

a vida familiar, a criação dos filhos/as, com debates político-intelectuais e a editoração dessa publicação. Essa experiência reforça a tese de Dosse de que as revistas são “[l]ugares de compromisso, medios de vida, las revistas constituyen uno de los soportes más evocadores de las afinidades electivas que tejen la vida de las ideas.”<sup>244</sup> Para isso, levamos em conta encontros que se deram em lugares físicos, ou em lugares como revistas e manifestos, como afirmaram Sirinelli e Dosse. Ao abrir sua casa, esta se tornou também esse local físico e do imaginário. Nesse cenário, compreendemos o papel desempenhado por Margaret Randall como de quem provocava esse agrupamento coletivo.

Nesse “espaço de sociabilidade”, também doméstico, que confundia a tradicional divisão entre o público e o privado, junto com artistas e intelectuais, as figuras políticas que passaram por sua casa tiveram um impacto profundo em sua trajetória pessoal, intelectual e militante. Para Randall não só ela, mas todas as/os envolvidas/os nos encontros dessa época, foram “moldados” por esses momentos, como os que ocorriam nos sábados pela manhã na Universidade de Havana, inicialmente batizado de *El rincón de los cabezones* e, após o assassinato do poeta/guerrilheiro salvadorenho Roque Dalton em 1975, chamado de *El taller Roque Dalton*.

Mas, foi esse ambiente de encontro e debate em sua casa, constitutivo de sua prática e sociabilidade intelectual, o motivo determinante para sua saída de Cuba entre 1979-1980. Em suas memórias, *I never lef home*, Randall narrou seu último período na ilha como um momento conturbado, em que se sentiu perseguida por parte do governo cubano, a princípio sem ter tido explicação das motivações para tal. Compreendia que aquilo que lhe acontecia não era algo excepcional, mas, ao mesmo tempo, não entendia as motivações por trás daquele isolamento que lhe fora imposto. Foi demitida de seu emprego, no Instituto Cubano de Livros, de forma repentina, mas continuou recebendo salário. Começou a ser ignorada por amigas/os, intelectuais, revistas e editoras. O clima foi se acirrando e até seu filho Gregory percebeu o tensionamento, o medo e o constrangimento que os rodeavam, e sugeriu que a mãe deixasse a ilha.

Ela demorou décadas para ter maiores indícios do motivo pelo qual se tornou “*persona non grata*” e “perigosa” em Cuba, sem nunca ter tido uma justificativa oficial do governo cubano. Inicialmente, supôs que se devia a seu: “[...] feminismo e pensamento independente

---

244 DOSSE, François. *La marcha de las ideas*. Historia de los intelectuales, historia intelectual. Valência: Universidade de Valência, 2007, p. 60.

ou o fato de que algumas pessoas da política e intelectuais que” hospedava na sua “casa apresentavam visões divergentes da linha política do regime cubano.”<sup>245</sup> A esse respeito, em entrevista concedida a autora desta tese, Randall, lembrando esse período décadas depois, afirmou que após procurar uma série de superiores/as em busca de respostas, não recebeu uma explicação que considerasse suficiente:

A revolução continuou pagando meu salário então, sempre que eu tentava descobrir por que tinha sido demitida me falavam que eu deveria estar feliz, que eu estava recebendo meu salário, que eu podia escrever ou fazer qualquer coisa que eu quisesse. Então, eu não conseguia uma resposta satisfatória de ninguém até eu procurar um homem chamado Raúl Roa, que era Ministro de Estado na época, um grande amigo meu e que foi a primeira pessoa honesta comigo. Ele me falou: “algo está acontecendo, tem alguma razão para isso estar acontecendo, mas eu não fui capaz de descobrir”. Então eu continuei tentando descobrir, não tive resposta e os anos foram passando. Ainda me publicavam em algumas revistas cubanas, consegui um trabalho *freelancer* escrevendo trabalhos sobre cultura para a revista do Ministério da Cultura, o que eu fiz até sair de Cuba. Havia muitas evidências de que eu estava bem [com o governo], exceto pelo fato de ter sido demitida. Era uma situação muito contraditória. Eu estava muito deprimida com esta situação, estava deprimida por ter perdido meu trabalho, mas também estava deprimida porque tentava descobrir o motivo e acabava sempre de cara em uma parede de pedras, de novo e de novo. Então meu filho começou a dizer “você deveria sair de Cuba, vá para Nicarágua, vá para um lugar onde você seja valorizada, não fique aqui.” Mas eu sempre senti que se eu soubesse eu estaria admitindo que tinha algo errado e eu não tinha feito nada de errado, então eu decidi ficar até ter algum tipo de explicação.<sup>246</sup>

Ela destacou três motivos para seu isolamento político, apesar de afirmar ter preservado certo prestígio intelectual: a amizade com um casal de canadenses expulsos do país; o

---

245 “It may have been my feminism and independence of thought, or that some of the writers and political people I hosted held views that differed from Cuba’s political line.” Ibidem. Tradução nossa. Randall não cita quais intelectuais considerados como uma “ameaça” à Revolução, ou que não eram bem-vindos a Cuba, ela recebeu em sua casa e que poderiam ter suscitado a desconfiança do governo cubano com relação a ela. Ver: Two Poets, Revolutionaries, Two friends: Gioconda Belli and Margaret Randall Converse. Willard Lecture series. Albuquerque, EUA, UNM University Libraries Channel. 28 de outubro de 2020. Randall não mencionou quais seriam esses/as intelectuais considerados “perigosos”, que conviviam em sua casa.

246 “The revolution continued to pay my salary so whenever I would try to find out why I had been fired they would say that I should be happy, that I was getting my salary, “you can write, you can do anything you want”. So I couldn’t get any satisfaction from anybody until I went to a man named Raúl Roa, who was the Secretary of State at that time and he was a good friend of mine and he was the first person who was honest with me. He said that “something has going on, there is some reason why this happens, but I have been unable to find out what that reason is”. [...] So I kept trying to find out, I couldn’t, a couple of years passed, they still published me in Cuban magazines and then was given kind of a freelance job writing cultural pieces to a magazine that belonged to the Minister of Culture. I did that until I left Cuba. So, in many ways the evidence said that I was fine, except that they had fired me from my job, which said that I wasn’t fine. Was a very contradictory situation. [...] I was very depressed about this, I was very depressed about having lost my job, but I was also depressed about trying to find out why and just coming up against a stone wall over and over again. So, my soon [...] he kept saying “you should just leave Cuba, go to Nicaragua, go someplace where you are valued, don’t stay”. But I always felt that if I left it would be like admitting that was something wrong and I didn’t think I have done anything wrong, so I decided not to leave until I got some kind of an explanation.” RANDALL, Margaret. *Entrevista concedida à Stella Ferreira Gontijo* em 23 de janeiro de 2024, Albuquerque, Novo México. EUA. Transcrição e tradução nossa.

tensionamento com a *Federación de Mujeres Cubanas* (FMC) e o debate público feminista que fazia; a diversidade de pessoas que reunia e recebia em sua casa, conformando um “espaço de sociabilidade” considerado perigoso pela revolução. Em suas palavras:

Eu era amiga de um casal do Canadá que foi expulso de Cuba porque ele foi acusado de ser um espião. Minha amizade com eles pode ter tido algo a ver com essa situação. Meu feminismo pode ter alguma relação com essa situação, minha atuação pública, as discussões que fazia com as pessoas sobre feminismo pode ter sido visto como algo negativo. O terceiro motivo eu descobri muitos anos depois [em 2018]. Arturo Arango e Victor Rodríguez, ambos foram jovens poetas que se reuniam na nossa casa em Havana. Quase toda noite tínhamos leituras de poesia e música em nossa casa, e esse pequeno grupo de poetas cubanos, que era muito jovem na época, tinham entre 17 e 18 anos, eles iam toda noite ler suas poesias e escutar a dos outros. Nós tínhamos todo tipo de pessoa visitando a casa, algumas delas aprovadas pela revolução, outras não, alguns trotskistas, intelectuais de todo tipo e de todos os lugares do mundo. Esses dois homens me contaram histórias de terem sido chamados pela *Juventud Comunista*, onde lhes disseram para não frequentar a minha casa, porque eu era perigosa, muita gente circulava por ali.<sup>247</sup>

Segundo Silvia Miskulin, este período em que se sentiu constrangida pelo governo cubano, apesar de alguns considerarem que já estava arrefecendo o período do *Quinquenio Gris*, outros/as defendem que foi marcado pelo “autoritarismo e dogmatismo cultural” que durou até 1983. Contudo, para essa historiadora, a partir do Segundo Congresso do Partido Comunista Cubano, em 1980, mudanças começaram a acontecer e “muitos intelectuais que tinham visto suas obras perseguidas foram, pouco a pouco, ganhando espaço novamente”, apesar de não terem, ainda hoje, alcançado uma “liberdade de criação e expressão que seja plena”<sup>248</sup>. Nesse contexto de maior constrangimento pessoal, intelectual e político, Randall passou a buscar novas alternativas. Em 1979, Randall esteve na Nicarágua a convite do recém-instalado governo revolucionário sandinista, devido ao reconhecimento de seu trabalho feito com as mulheres cubanas, peruanas e vietnamitas. Nessa visita, ela ofertou uma oficina de *testimonios* e realizou

---

247 I had been friends with a couple from Canada who was thrown out of Cuba because he was accused being a spy. [...] My friendship with then may have something to do with this. My feminism may have something to do with this, [...] my public appearances, my discussions with people about feminism may have been seeing as not good. And then the third thing, that I found out many years ago [...] [2018] Arturo Arango and Victor Rodríguez, both of them had been young poets who had gathered in our house in Havana. Almost every night we had poetry readings and music at our house and this small group of Cuban writers who were very young at the time, they were 17, 18 years old, they would come every night to read their poetry and listen to other people poetry. We had all kinds of people visiting the house, some of them were very much approved by the revolution, some of them were not approved, some of them were Trotskyist, they were all kinds of intellectuals from throughout the world. Both these men told stories about having been called by the Union of Young Communist and told not to visit us anymore, that my apartment shouldn't be visited, that it was dangerous, because all kind of people went there. RANDALL, Margaret. *Entrevista concedida à Stella Ferreira Gontijo* em 23 de janeiro de 2024, Albuquerque, Novo México. EUA. Transcrição e tradução nossa.

248 MISKULIN, Sílvia Cezar. A política cultural na Revolução Cubana: as disputas intelectuais nos anos 1960 e 1970. *Caderno CrH*, v. 32, n.87, Salvador, 2019, p. 537-548, *passim*.

o trabalho de campo para o livro *Todas estamos despiertas: testimonios de la mujer nicaraguense hoy*, publicado em 1980. O convite foi feito pela vice-Ministra da Cultura, a poeta sandinista Daizy Zamorra, em nome do Ministro da Cultura, seu amigo e poeta sandinista Ernesto Cardenal. Randall retornou para Cuba, onde fez a montagem da obra e, pouco tempo depois, em fins de 1980, se viu impelida a se mudar para a Nicarágua.

Esse processo de mudança não foi um processo “natural”. Assim como sua saída do México, foi marcado por diversos tipos de violência. Mas, a oportunidade de se mudar para a Nicarágua foi vista por ela com bons olhos, afinal, poderia dar continuidade ao seu trabalho testemunhal com as mulheres, além de acompanhar e contribuir com a reconstrução daquele país. À diferença de Cuba, no país centro-americano ela acompanharia de perto a gestação do governo revolucionário, em um local onde tinha relações políticas, pessoais e intelectuais mais próximas. Isso porque, ela conhecia alguns/algumas das lideranças sandinistas desde *El Corno Emplumado* – muitos/as eram poetas – e das visitas, ou período de exílio, que passaram em Cuba.

Nesse processo, uma questão nos chamou atenção: a maternidade. Quando fugiu do México para Cuba enviou seus filhos anteriormente, como já abordamos. Contudo, era um afastamento rumo a um reencontro. No caso de sua mudança para a Nicarágua, se deu uma separação que a colocou diante de uma encruzilhada com seu papel materno: diferentemente do costume em que os/as filhos/as deixam a “casa” para tomar novos rumos, ela que escolheu sair em direção a outro país e a reconstrução da vida em outro lugar. Acreditamos que esse conflito tenha contribuído para as angústias que ela viveu no país da Revolução Sandinista. Para Nicarágua, em um primeiro momento apenas sua filha Ana a acompanhou, pois tinha apenas dez anos na época. Gregory e Sarah, já na universidade, optaram por ficar em Cuba. Ximena ficou na ilha até finalizar o ensino básico e posteriormente foi ao seu encontro na Nicarágua. Ana e Ximena se integraram à dinâmica revolucionária, somaram-se aos esforços coletivos de defesa da Revolução Sandinista, participaram dos *Comités de Defensa Sandinista* (CDS)<sup>249</sup>, de ações militares e dos batalhões femininos do exército nicaraguense.

---

249 Os CDS surgiram dos Comitês de Defesa Civil do período insurrecional, em que forneceram o apoio logístico nas cidades, com distribuição de alimentos, água, primeiros-socorros. Após julho de 1979 se tornaram organizações de massa nos quarteirões e bairros, em sua maioria liderado por mulheres. Foram inspirados nos Comitês de Defesa da Revolução (CDR) que existiam em Cuba. Segundo Van Eeuwen, “Los CDS [...] ‘garantizan la vigilancia permanente por ‘vigías revolucionarios’, participan en la constitución de las Milicias Populares, facilitan el acceso a los servicios sociales o administrativos, participan en la distribución de viviendas, de vacunas,



Como poeta, militante e intelectual, Randall considerou que o meio intelectual foi o espaço que melhor conheceu nos países por onde passou e viveu, o que não foi diferente com a Nicarágua. Afirmou em uma entrevista para TV UNAM em 2015<sup>250</sup>, que um dos projetos do Ernesto Cardenal, então ministro da Cultura, era criar uma rede de poetas ao redor do país, reforçando a tradição da Nicarágua como um país de poetas. Em um cenário de efervescência política e social, o compromisso nicaraguense com as artes e a cultura, a riqueza artística dos povos originários – que se aproximava, segundo ela, da realidade mexicana –, a relação imbrincada entre arte, e fundamentalmente da poesia, com a revolução, tudo isso aproximou Randall daquele país. Além disso, como ocorreu em Cuba, chegou com perguntas, e muitas delas diziam respeito a vida das mulheres e as aproximações e distanciamentos entre ambos os processos de libertação nacional – o cubano e o sandinista:

A mudança social na Nicarágua tinha bases bem menos materialistas. Era baseada no nacionalismo de Sandino, no humanismo do Vaticano II, e numa série de ideias que emergiram da própria luta. Minha amizade com sandinistas na ilha [Cuba] também me nutriu de amor pelo seu país.<sup>251</sup>

Além da proximidade com nicaraguenses que viviam em Cuba, que a colocou em contato direto com os sandinistas, Randall tinha muita curiosidade sobre o processo revolucionário que ocorria na Nicarágua. Em seu período vivendo no país, pôde explorar o processo revolucionário em curso ouvindo a população, o que foi possível através de seu trabalho de história oral. Sua contribuição para a Revolução Sandinista foi oficialmente reconhecida em 1989, no décimo aniversário da vitória revolucionária, quando, já de volta aos Estados Unidos, recebeu um certificado de “legítima sandinista” (Fig. 27), objeto que utilizou para registrar sua passagem pelo país em *My life in 100 objects* (2020):

---

e incluso de 'buena conducta' y, sobre todo, de las tarjetas de abastecimiento.” VAN EEUWEN, Daniel. Nicaragua. In: ROUQUIÉ, Alain (Coord.). *Las fuerzas políticas en América Central*. México: Fondo de Cultura Económica, 1994, p. 185-186.

250 DE LA GARZA, Amanda; ESCOTO, Daniel. El feminismo, una herramienta para pensar el poder. La batalla del arte feminista. *Vindictas*. Cidade do México, TV UNAM, 28 de junho de 2020.

251 “Social change in Nicaragua was much less materialistically based. It drew on the nationalism of Sandino, the humanism of Vatican II, and a series of ideas that emerged from the struggle itself. My friendship with Sandinistas on the island had also imbued me with a love for their country.” RANDALL, Margaret. *I Never Left Home: Poet, Feminist, Revolutionary*. Durham, EUA: Duke University Press Books, 2020. Tradução nossa.



Figura 27: *Sandinista Certificate*

FONTE: RANDALL, Margaret. *My Life in 100 Objects*. Nova Iorque, EUA: New Village Press, 2020, p. 166.

Apesar do que reconheceu como uma memória positiva de seu tempo vivido na Nicarágua, Randall também recordou este período como uma experiência atravessada por contradições, como ficou claro em sua narrativa construída através dessa memória ilustrada:

[...] [Oferecido] aquelas/es que deram apoio e tiveram participação neste grande esforço revolucionário. [...] O certificado é agri-doce. Me traz à memória Sandinistas genuínos que eram amigos próximos e que morreram antes de ver a vitória. Evoca memórias de uma luta honesta travada por muitos e que me faz pensar sobre legítimos/as sandinistas que hoje trabalham isolados/as numa nação controlada por tiranos. Tristemente, nós que lutamos por justiça ainda temos que desenvolver um modelo capaz de enfrenta a pressão imperialista e a erosão internacional. Esse certificado é uma lembrança palpável desta trágica realidade.<sup>252</sup>

Enquanto vivia na Nicarágua, entre 1980 e 1984, Randall publicou os seguintes títulos de literatura de testemunho: *Todas estamos despiertas: testimonios de la mujer nicaraguense hoy* (1983), *Cristianos en la revolución nicaragüense* (1984), *Risking a Somersault in the Air: Conversations with Nicaraguan Writers* (1984). Assim como em Cuba, também exerceu outras funções, tanto de trabalho remunerado, quanto integrando-se ao trabalho voluntário. A princípio ela migrou para este país a convite de Glória Carrión, dirigente sandinista, para um trabalho na Associação de Mulheres Luísa Amanda Espinoza (AMNLAE), mas com o acirramento da investida estadunidense contra a revolução e a necessidade de priorizarem a defesa armada do

---

252 “[...] to those of us who had lent our support and participation to that great revolutionary effort. [...] The certificate is bittersweet. It brings to mind genuine Sandinistas who were close friends and died before they could see victory. It evokes memories of honest struggle by so many and makes me think of the legitimate Sandinistas who today work in isolation in a country ruled by tyrants. [...] Sadly, we who fight for justice have yet to develop a model capable of withstanding imperialist pressure and internal erosion. This certificate is a palpable reminder of that tragic reality.” RANDALL, Margaret. *My Life in 100 Objects*. Nova Iorque, EUA: New Village Press, 2020, p. 166-167. Tradução nossa.

processo em curso, outras funções, principalmente ligadas às organizações sociais, se tornaram de atividades voluntárias. Por necessidades financeiras ligadas ao sustento de seus filhos/as, Randall não podia aceitar apenas um trabalho não remunerado, o que a levou a trabalhar com Ernesto Cardenal no Ministério da Cultura. Lá, presenciou e contribuiu com um projeto de reconstrução nacional que tinha em seu centro a recuperação da cultura popular e dos povos originários; projetos que possibilitaram que os/as artistas pudessem viver de seu trabalho; incentivaram o consumo popular da arte. Como afirmou Randall, Cardenal criou um movimento poético, ou mais: “Acredito que ele [Cardenal] criou a revolução poética.”<sup>253</sup>

Ao recordar deste período, Randall afirmou que o trabalho no Ministério da Cultura era insatisfatório, por ser, muitas vezes, meramente burocrático. Por isso, assumiu uma outra função com a poeta e intelectual sandinista Gioconda Belli na cadeia televisiva nacional, onde tinham o desafio de pensar uma forma de “impregnar ideologicamente” as mídias de massa, para alcançarem o desafio posto de “[...] reformular os valores endêmicos da comunicação de massa convencional, valores expressos em tudo, desde seriados até notícias”<sup>254</sup>. Os “valores da sociedade” é uma das formas sustentadoras da colonialidade do poder e, por isso, essa tarefa que desempenhou com Belli era fundamental para o futuro do processo revolucionário. Questão que também pode ser analisada sob a ótica gramsciana da necessidade de superação da “hegemonia cultural” burguesa<sup>255</sup>. Nesse sentido que, sem ser de maneira impositiva, deveriam criar estratégias para que os valores revolucionários sandinistas, inclusive a superação da desigualdade de gênero, fossem incorporados na cultura e no pensamento social, inserindo-os na cultura popular e cotidiana: “Os valores por si só precisavam ser transformados para refletir os valores da Revolução. Nosso trabalho não era impor esses novos valores de cima para baixo, mas fazer com que roteiristas, diretores e atores viessem até eles a partir de suas próprias convicções.”<sup>256</sup>

No sentido de atuar através da formulação de opiniões, operou para alcançar este objetivo a partir de outra trincheira, ao publicar uma coluna no jornal oficial sandinista

---

253 “I believe he created a poetry revolution.” RANDALL, Margaret. *I Never Left Home: Poet, Feminist, Revolutionary*. Durham, EUA: Duke University Press Books, 2020. Tradução nossa.

254 “We were charged with reshaping the values endemic to conventional mass communication, values expressed in everything from sitcoms to the news.” Ibidem. Tradução nossa.

255 GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995. VER: SCHLESENER, Anita Helena. *Hegemonia e cultura: Gramsci*. Curitiba: Ed. UFPR, 2007.

256 “The values themselves needed to change to reflect those of the Revolution. Our job wasn’t to impose those new values from above but to get script writers, directors, and actors to come to them out of their own convictions.” Ibidem. Tradução nossa.

*Barricada*, sob o pseudônimo Ana Herrera<sup>257</sup>. Usava o nome da amiga uruguaia, que também era uma referência de feminista latino-americana, como uma tentativa de se passar por uma mulher intelectual latino-americana, o que para nós reflete uma tentativa de atuar sem ser através dos “olhos de uma imigrante” e mais do que isso, de estadunidense: “Eu nunca soube quantos leitores/as, se alguém, suspeitou da minha nacionalidade. Nessa coluna eu promovi o que eu considerava como valores revolucionários, muitos deles naturalmente feministas. Eu tinha orgulho desses textos e eles receberam muitos elogios.”<sup>258</sup>

As críticas ao governo sandinista emergiram para Randall em meados da década de 1980, quando passou a identificar certa “corrupção dos valores revolucionários” por parte da direção da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN). Concomitante a isso, viveu um período difícil no país que, ainda em recuperação da guerra que levou a vitória sandinista, se viu envolto com a contrarrevolução financiada pelos Estados Unidos, que queria manter seu poder imperialista sob o país centro-americano<sup>259</sup>:

Os vulcões se tornaram o símbolo da América Central para mim: uma dramática, as vezes violenta, cadeira de cones que percorrem o comprimento daquela estreita faixa de terra que liga o Norte e o Sul da América. Sua turbulência me lembra da história da região, de tumulto social e político, muito como resultado à interferência dos EUA e as pessoas responsáveis por esta interferência.<sup>260</sup>

Os Estados Unidos articularam uma investida militar contra o recém-instalado governo sandinista, o que teve reação por parte dos/as sandinistas que defendiam a revolução recém-vitoriosa. Apesar da guerra contrarrevolucionária ter se intensificado a partir de 1987, em 1984,

---

257 Em *I never left home*, ao falar sobre seu pseudônimo Ana Herrera, conta que a escolha do nome foi um tributo a amiga uruguaia com quem compartilhou os últimos anos em Cuba, que vivia em estado vegetativo como consequência de um acidente automobilístico em que colocou seu corpo para proteger seu bebê. Relembrou que: “She was a Uruguayan political refugee who worked for the news agency Prensa Latina. Ana was the first Latin American feminist I knew, and brilliant in her thinking.”

258 “I never knew how many readers, if any, suspected my national origin. In those columns I promoted what I considered revolutionary values, many of them feminist in nature. I was proud of those texts and they received quite a few compliments.” RANDALL, Margaret. *I Never Left Home: Poet, Feminist, Revolutionary*. Durham, EUA: Duke University Press Books, 2020. Tradução nossa. Não tivemos acesso a outras informações sobre o seu uso de pseudônimo e nem aos textos publicados na coluna do jornal. O *Barricada* não pode ser encontrado digitalizado.

259 VER: KRUIJT, Dirk. *Guerrilla: guerra y paz en Centroamérica*. Guatemala: F & G Editores, 2009 e ZIMMERMANN, Matilde. *A Revolução Nicaraguense*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

260 “Volcanoes came to symbolize Central America for me: a dramatic, sometimes violent string of cones running the length of that narrow strip of land linking North and South America. Their turbulence reminded me of the region’s history of social and political turmoil, much of it the result of US interference and people’s response to that interference.” RANDALL, Margaret. *I Never Left Home: Poet, Feminist, Revolutionary*. Durham, EUA: Duke University Press Books, 2020. Tradução nossa.

Randall já sentia seus efeitos, tanto em um sentido amplo do impacto político-social da situação, quanto em sua vida pessoal. Em nossa dissertação de mestrado, defendida em 2019, discutimos de que forma essa guerra levou ao enfraquecimento da política feminista e voltada para as mulheres, dentre outras, além de ter sido um dos elementos centrais para derrota sandinista em 1989: “As dificuldades de construção de uma nova Nicarágua, somadas ao terror e à destruição da guerra contrarrevolucionária, mudam os rumos da Revolução, como afirma Belli em suas memórias.”<sup>261</sup> Ao abordar o trauma, Randall conectou duas cenas emblemáticas, que marcaram sua chegada e sua saída do país, tentando reproduzir uma imagem que transmitisse para nós leitoras o seu sentimento em relação a esse momento de sua trajetória: quando chegou em Manágua uma das primeiras coisas que fez foi ajudar a mover os corpos dos combatentes da guerra de libertação para covas dignas; já quando saiu, sua última atividade foi a de fotografar os corpos de combatentes caídos na guerra contrarrevolucionária.

Estas imagens, impressas em suas memórias, de certa forma, incidem na lembrança de quando, desde Cuba, celebrou a vitória a sandinista “como se todos fôssemos irmãos”, ou seja, com um sentimento de pertencimento as lutas e história do povo latino-americano que, em certa medida, reivindicava para si. Em conjunto a guerra contrarrevolucionária, a carga de trabalho, a convivência com uma geração diferente da sua, a diferença de língua e cultura, somado ao desejo de viver da escrita, levaram Randall de volta aos Estados Unidos. Essa decisão refletiu no próprio título de sua autobiografia e no sentido que deu a sua trajetória: estar na América Latina não a retirou dos EUA, este era o seu local de encontro com suas raízes do qual ela nunca saiu, com o qual nunca rompeu. Ao reivindicar uma identidade latino-americana, não renunciou a sua nacionalidade estadunidense. Esse vínculo se materializa, por exemplo, quando só consegue expressar sua voz poética em inglês:

Como resultado disso, havia um buraco entre meu eu artístico e meus amigos mais próximos, meus contemporâneos. Eu não podia nem compartilhar meus poemas com minhas filhas e filho. Essa disjunção provavelmente foi parcialmente responsável pela minha vontade de aprender fotografia: uma linguagem criativa que não dependia de palavras.<sup>262</sup>

---

261 GONTIJO, Stella Ferreira. *"Hasta que seamos libres": feminismo e Revolução Sandinista nas obras de Gioconda Belli (1972 – 1993)*. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019, p.71.

262 “As a result, there was a gulf between my artist self and my closest friends and contemporaries. I couldn’t even share my poems with my childrens. This disjuncture may have been partly responsible for my desire to learn photography: a creativty language that didn’t depend on words.” RANDALL, Margaret. *My Life in 100 Objects*. Nova Iorque, EUA: New Village Press, 2020, p.117. Tradução nossa.

É essa relação dual, as vezes conflituosa, a marca de sua forma de ver o mundo e interpretar a América Latina. Primeiramente, moldada pela cultura estadunidense, em seguida, impactada por décadas vividas ao sul do Rio Grande. Randall retornou aos Estados Unidos em 1984, com a intenção de voltar ao seu território, cultura e língua de origem. Para transformar em arte tudo aquilo que via e vivia, encontrou na fotografia uma forma de se expressar, superando a barreira da linguagem tão presente ao longo de sua vida em trânsito. O desejo de ser fotógrafo surgiu quando ainda vivia em Cuba, o que registrou com a imagem de sua primeira máquina fotográfica (Fig. 28):



Figura 28: Pentax K1000 Camera

FONTE: RANDALL, Margaret. *My Life in 100 Objects*. Nova Iorque, EUA: New Village Press, 2020, p. 126.

A fotografia surgiu como alternativa à poesia, por ser uma expressão artística que não necessita de uma linguagem falada ou escrita, é inteligível a quem vê. Para marcar esse significado, em *My life in 100 objects* reproduziu duas de suas fotografias. Primeiro, uma cena cotidiana de crianças em Havana (Fig. 29), a primeira fotografia da qual sentiu orgulho, presente para documentar o papel da fotografia como alternativa de manifestação artística. Em segundo, em referência ao seu período na Nicarágua, recuperou um registro fotográfico de crianças mascaradas no carnaval de 1983 (Fig. 30), demonstrando sua admiração pelas idiossincrasias culturais do país, o que lhe remetia a ideia de criatividade e da esperança:

Eu comecei a tirar foto de sandinistas em diferentes esferas da vida. Eles/as tinham todo o tipo de ideia sobre como refazer seu país. Mas eu continuei aprendendo no cotidiano. A maioria das minhas imagens icônicas refletem a intensidade daqueles primeiros anos da revolução na Nicarágua. Essa permanece sendo uma das minhas favoritas.<sup>263</sup>

---

263 “I began shooting pictures of Sandinistas in many walks of life. They had all sorts of ideas about how to remake their country. But I continued to learn on the ground. Most of my iconic images reflect the intensity of those first years of revolution in Nicaragua. This remains one of my favorites.” Ibidem, p.165. Tradução nossa.



Figura 29: *Girl with Plastic Shoes*, Havana, p.117

FONTE: RANDALL, Margaret. *My Life in 100 Objects*. Nova Iorque, EUA: New Village Press, 2020, p. 117.



Figura 30: *Masks*

FONTE: RANDALL, Margaret. *My Life in 100 Objects*. Nova Iorque, EUA: New Village Press, 2020, p. 163.

Ela também reconhecia a necessidade de fotografar por sentir que, em seus livros de testemunho, ter a fotografia feita por outra pessoa não expressaria, o significado daquele momento vivido, não captaria a essência que buscava demonstrar através desse recurso imagético. Assim, a fotografia se tornou uma aliada de sua produção testemunhal, presente não apenas como uma forma de ilustrar as pessoas que testemunhavam, mas de ser parte do relato escrito.

Além da língua, ficou marcado em sua trajetória a dificuldade de superar e romper com as amarras sociais, culturais e interpretativas impostas pela sua criação estadunidense. Sentia-se esgotada, num país em guerra, numa revolução protagonizada por uma juventude ameaçada pelos EUA, e com sentimento de culpa por abandonar companheiras e companheiros. Decidiu-se:

Eu tinha quarenta e sete anos, era uma quarentona física e psicologicamente exausta. A acolhida de casa e da família era ofuscada pela culpa de deixar meus/minhas camaradas para trás em um país em plena guerra. [...] Eu tinha ido para casa buscando refúgio no país agressor que também era meu país, onde a paisagem, a língua e a cultura – incluindo as interações e o humor do dia a dia – me eram todos familiares.<sup>264</sup>

De volta aos EUA, esteve casada por um breve período com o poeta estadunidense Floyce Alexander, se reaproximou de sua família e se envolveu do “movimento de mulheres” de Albuquerque/Novo México, cidade para onde retornou. Readaptou-se não só ao seu país, mas a cultura capitalista estadunidense. Ao buscar um trabalho, teve dificuldade de encontrar algo que soubesse fazer e que correspondesse as expectativas de uma outra lógica de mundo do trabalho em que “[a]queles/as com experiência em trabalhar para mudar a sociedade, não tinham muita demanda”<sup>265</sup>, também os/as poetas não eram bem apreciados/as e remunerados/as. De volta aos EUA não abandonou imediatamente sua produção de *testimonios*, publicando nos Estados Unidos obras resultantes de trabalhos realizados na Nicarágua: *Risking a Somersault in the Air: Conversations with Nicaraguan Writers* (1984) e *Sandino's Daughters Revisited* (1994).

Apesar do título de sua autobiografia “eu nunca saí de casa”, não foi esta a visão das autoridades do governo estadunidense, que não devolveram sua cidadania facilmente. Ao optar por retornar para o país governado por Ronald Reagan, após várias tentativas para recuperar sua cidadania, deparou-se com um pedido de deportação, por exclusão ideológica baseada no *McCarran-Walter Immigration and Nationality Act*,<sup>266</sup> reminiscência do já citado *McCarthyismo*, em que a justificativa era: “O governo alegou que minha escrita ia ‘contra a boa ordem e a felicidade dos Estados Unidos’<sup>267</sup>:

Em outubro de 1985 chegou, finalmente, a ordem de deportação. Era um documento de onze páginas, escrito pelo diretor Alfred Giugni, da *Southwest Regional Immigration and Naturalization Service* (INS), que terminava com as seguintes palavras: “Seus escritos, vão muito além do que o mero dissenso, desacordo ou crítica

---

264 “I was forty-seven years old, a physically and psychologically exhausted forty-seven. The embrace of home and family was offset by the guilt I felt at having left my comrades behind in a country careening toward war. [...] I had come home seeking refuge in the aggressor nation that was also my own, one in which landscape, language, and culture—including everyday interactions and humor—were all familiar.” RANDALL, Margaret. *I Never Left Home: Poet, Feminist, Revolutionary*. Durham, EUA: Duke University Press Books, 2020. Tradução nossa.

265 “Those with experience working to change society weren’t in high demand.” Idem. Tradução nossa.

266 “The McCarran-Walter clause used against me has also been used against such international figures as Farley Mowat, Dario Fo, Carlos Fuentes, Gabriel García Márquez, and Hortensia de Allende.” Idem. Tradução nossa.

267 “The government claimed that my writing went ‘beyond the good order and happiness of the United States.’” Idem. Tradução nossa.



com os Estados Unidos e suas políticas... Seu pedido de regularização de seu status cidadão que estava pendente está NEGADO.<sup>268</sup>

Neste processo, ficou explícito que sua atuação política e intelectual foi o que motivou a violência perpetrada pelo governo estadunidense, que utilizava como justificava a sua escrita que denunciava a política externa estadunidense contra outros povos. Para superar esse momento, ela contou com uma mobilização ampla de sua rede intelectual forjada em seus anos na América Latina. Por isso,

[...] no lograron expulsarme exactamente pero cuando yo volví a mi país después de 23 años en América Latina mi ordenaron deportada por el contenido de algunos de mis libros, opiniones en contra de la política exterior norteamericana hacia el sudeste de Asia, hacia América Central, y en cuanto a políticas internas del país también. Entonces, tuve una lucha de varios años, de casi cinco años, pero logré ganado la lucha con la ayuda de mucha gente y no pudieron me expulsar. Yo pienso que es más porque yo había vivido en Cuba, había vivido en Nicaragua sandinista, viví en lugares que no eran exactamente favorecidos en EUA por así decirlo. Y yo, como escritora, insistía en escribir sobre esos lugares, yo quería que la gente de mi país supiera lo que pasaba ahí, cosas que nunca salían en la prensa norteamericana. Entonces agarraron de los libros como un pretexto.<sup>269</sup>

A partir daí, Randall iniciou uma árdua batalha que demandou a mobilização de diversos atores e atrizes da cena política e intelectual dos Estados Unidos e do mundo, além da sociedade civil, da sua família e da comunidade universitária no geral<sup>270</sup>: “Com a ajuda de meus advogados, e com o suporte generoso de centenas de escritores/as, artistas, acadêmicos/as, membros do movimento de mulheres, entre outros/as, eu me preparei para uma longa batalha”, sem nunca ter pensado em desistir<sup>271</sup>. Além da declaração de apoio, foram montados vários comitês de defesa ao redor do país que nos seus registros somaram vinte e seis iniciativas, que arrecadaram dinheiro para o processo, buscaram divulgar e educar a população acerca dos

---

268 “In October 1985 the deportation order finally arrived. It was an eleven-page document written by the Southwest Regional Immigration and Naturalization Service (INS) director, Alfred Giugni, and ended with these words: ‘Her writings go far beyond mere dissent, disagreement with, or criticism of the United States or its policies.... Your pending application for adjustment of status is hereby DENIED.’” Idem. Tradução nossa. Grifo da autora.

269 MIZRAHI, Ana Maria. InfoTNU. Montevideo, TNU Uruguai. 2014. Entrevista com Margaret Randall.

270 Dentre destaca: escritores/as Adrienne Rich, Audre Lorde, Sonia Sanchez, Kurt Vonnegut, Arthur Miller, Grace Paley, Susan Sherman, Alice Walker, William Styron e Mailer; cantoras/es Ronnie Gilbert, Holly Near e Pat Humphries; historiadoras/es Gerda Lerner e Howard Zinn; biólogos/as Ruth Hubbard e George Wald; pintoras Elaine de Kooning e Jane Norling; políticos/as Barney Frank e Ron Dellums; ícone cultural Jessica Mitford. Instituições como PEN International e o National Lawyers Guild. Professoras/es universitários de todo o país. Figuras internacionais como Mario Benedetti, Eduardo Galeano, Carlos Fuentes e Roberto Fernández Retamar.

271 “With my lawyers’ help, and with the generous support of thousands of writers, artists, academics, members of the women’s community, and others, I prepared myself for a long fight.” RANDALL, Margaret. *I Never Left Home: Poet, Feminist, Revolutionary*. Durham, EUA: Duke University Press Books, 2020. Tradução nossa.

abusos perpetrados pelo governo estadunidense. Sobre esse período, registrou como parte dos cem objetos que marcaram sua trajetória, os papéis do seu processo de deportação dos EUA em meados da década de 1980 (Fig. 31), e uma tirinha produzida por Nicole Hollander para arrecadar fundos para sua defesa (Fig. 32):

Nicole Hollander produziu essa tirinha que foi impressa no formato de cartão-postal e a vendeu para arrecadar dinheiro. As referências [na tirinha] à Kurt Vonnegut, Norman Mailer e Alice Walker são porque eles, juntos/as com William Styron, Grace Paley e Arthur Miller, entraram com uma ação com uma ação alegando que minha deportação negaria a eles o direito de interagir comigo.<sup>272</sup>

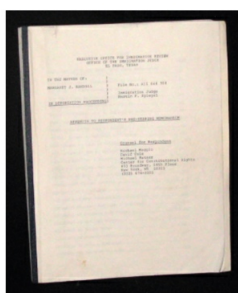


Figura 31: *Deportation Hearing Papers*

FONTE: RANDALL, Margaret. *My Life in 100 Objects*. Nova Iorque, EUA: New Village Press, 2020, p. 79.



Figura 32: *Nicole Hollander Cartoon*

FONTE: RANDALL, Margaret. *My Life in 100 Objects*. Nova Iorque, EUA: New Village Press, 2020, p. 81.

---

272 “Nicole Hollander produced this cartoon which was printed as a postcard and sold to raise money. The references to Kurt Vonnegut, Norman Mailer and Alice Walker are because they, along with William Styron, Grace Paley, and Arthur Miller, brought a countersuit claiming that my deportation would deny them the right to interact with me.” RANDALL, Margaret. *My Life in 100 Objects*. Nova Iorque, EUA: New Village Press, 2020, p. 81. Tradução nossa.

As mobilizações surtiram efeito e, em 1989, Randall recuperou sua cidadania. Após seu processo passar por todas as instâncias judiciais estadunidenses, ela venceu na *Court of Immigration Appeal*, sem precisar entrar em disputa na esfera federal: “Eles concluíram, como eu havia afirmado, que eu havia me tornado mexicana motivada por questões econômicas e, portanto, nunca deveria ter perdido minha cidadania americana. Todas as outras questões tornaram-se irrelevantes.”<sup>273</sup> Randall chamou atenção para o caráter misógino de todo o processo, com destaque para o seu julgamento, momento em que seus acusadores, ou seja, o Estado, reivindicara questões do âmbito privado a fim de desqualificá-la a partir da sua condição de mulher. Por exemplo, a acusaram negativamente por ter filhos/as de diferentes homens, como se isso fizesse dela uma mulher de baixo calão, que não deveria ser respeitada ou levada a sério, reduzindo sua existência ao seu corpo e sua sexualidade: “O julgamento foi uma reminiscência de meados de 1950, quando o *McCarthyismo* estava com toda sua força, provando mais uma vez que, apesar dos nossos esforços, para não permitir o retorno do conservadorismo, períodos repressivos se repetem ao longo da história.”<sup>274</sup>

A mesma lógica misógina e patriarcal utilizava contra ela, foi o a que orientou seus trabalhos desde fins dos anos 1960, até os dias atuais. Essa foi a motivação para trabalhar com as mulheres latino-americanas, voltando-se para as revoluções das esquerdas latino-americanas em busca de compreender o que outra forma de organizar o mundo poderia provocar de mudança nas relações de gênero e na vida das mulheres. Para isso, se voltou para a trajetória e existência das mulheres, registrando suas vidas e suas narrativas a respeito dos acontecimentos na América Latina, e no mundo, na segunda metade do século XX. Esse processo contou com diversas contradições entre o que era socialmente imposto às mulheres da época e o que optou por fazer ao lado de outras que considera suas companheiras: “[...] são típicas das mulheres revolucionárias de sua geração; por razões óbvias as crianças culpam suas mães, mais do que seus pais, pelo que pareceu um abandono ou negligência.”<sup>275</sup>

Randall foi perseguida e acusada pelo governo estadunidense por ter contribuído, através das suas publicações de testemunhos de mulheres latino-americanas, para a contestação

---

273 “They found, as I’d claimed, that I had become a Mexican motivated by economic duress and therefore should never have lost my US citizenship. All other issues were rendered irrelevant.” Idem. Tradução nossa.

274 “The trial was reminiscent of the mid-1950s when McCarthyism was in full force, proving once again that, despite our vows not to allow them to return, repressive periods repeat themselves throughout history.” Idem. Tradução nossa.

275 “I know those tensions are typical for the revolutionary women of my generation; for obvious reasons the children have blamed their mothers more than their fathers for what has felt like abandonment or neglect.” Idem. Tradução nossa.

da narrativa oficial e hegemônica da segunda metade do século XX. Rompeu com o bloqueio cultural dos Estados Unidos sobre Cuba e o que ocorria ali. Desenvolveu um trabalho relacional entre escrita, memória, consciência e resistência política, ao produzir uma memória histórica dessas mulheres como sujeitos de consciência coletiva que, acreditamos que não deva ficar limitado à História das Mulheres. É um trabalho que tem condições de contribuir para uma revisão historiográfica acerca dos processos históricos e do pensamento político revolucionário e feminista. Afinal de contas, como afirmou Mohanty, quando uma mulher testemunha sobre sua trajetória ela fala por uma comunidade:

[...] os testemunhos são surpreendentemente não-heroicos e impessoais. O sentido primário é documentar e registrar a história das lutas populares, conhecimentos experimentais e “verdades” históricas que foram apagadas ou reescritas pela história hegemônica, elitizada ou imperialista, cúmplice e que não altera a regra de opressão estabelecida. Assim, o testemunho não foca em descobrir a consciência de uma mulher no singular; ao contrário, a estratégia é falar por e através de um coletivo, as participantes das lutas revolucionárias, e falar com o objetivo expresso de alcançar a transformação política e social.<sup>276</sup>

Dessa forma, o lembrar e o escrever se configuram como uma prática de resistência, uma forma de permanecer nas fissuras das narrativas hegemônicas, demonstrando que os silenciamentos e ausências dizem muito. Escutar e politizar esses silêncios é uma estratégia de romper com a colonialidade do saber, é uma estratégia de sobrevivência e de reprodução de outras histórias. Assim, ao analisar a contribuição de Randall, identificamos que ela continuou (e continua) reproduzindo de uma racionalidade colonial, o que não nos deixa esquecer de seu lugar no Sistema Mundo, expondo as dificuldades de superação das estruturas normativas do Ocidente. A aparente contradição desta condição com seu ato de reivindicar uma “cidadania latino-americana” – justificada em sua imersão social, cultural, ideológica e linguística na região - não coloca em dúvida a sua contribuição, mas é algo que não podemos perder de vista ao refletirmos sobre a sua produção enquanto intelectual.

A Colonialidade do saber é um conceito desenvolvido por pensadoras/es decoloniais, em relação com o que Walter Mignolo definiu como “diferença colonial” e “geopolítica do conhecimento”<sup>277</sup>, caracterizada como a negação do “outro” a partir da anulação de seu

---

276 MOHANTY, Chandra Talpade. *Feminism without border: decolonizing theory, practicing solidarity*. Durham: Duke University Press, 2003, p. 81. Tradução nossa.

277 Silvia Cusicanqui (2010) critica este conceito de Mignolo e sugere a “economia global do conhecimento”, reforçando como a estrutura material é fundamental para manter a lógica da produção, difusão e circulação do conhecimento ainda hoje.

conhecimento, do “racismo epistêmico” sustentada pelo eurocentrismo. Podemos interpretar como a “matriz racial de poder é um mecanismo pelo qual não somente as pessoas, mas as línguas e as religiões, conhecimentos e regiões do planeta são racializados.”<sup>278</sup> Ou seja, a ideia de que o Sul global oferece experiências, fontes, objetos – ou seja, matéria-prima – enquanto o Norte oferta a teoria que será recebida e integrada pelos atores do Sul global – ou seja, o pensamento manufaturado. Por isso, Luciana Ballestrin afirmou que a “[...] diferença colonial epistêmica é cúmplice do universalismo, sexismo e racismo.”<sup>279</sup>

Por isso, quando Randall assumiu a narrativa de que os movimentos feministas latino-americanos foram impulsionados por teóricas e ativistas do Norte, percepção mantida mesmo depois de sua vivência e trabalho com as mulheres latino-americanas, percebemos como será longa a trajetória de desconstrução de uma racionalidade que subordina as/os sujeitos do Sul global. Na atualidade, Randall reproduz a “economia política do conhecimento”, problema que, segundo Silvia Cusicanqui, é tão denso que, “la ‘geopolítica del conocimiento’ de signo anticolonial es una noción que no se lleva a la práctica, y que más bien se contradice a través de gestos de recolonización de los imaginarios y las mentes de la intelectualidad del sur.”<sup>280</sup>

Para ambos, Cusicanqui e Mignolo,<sup>281</sup> um dos principais sustentáculos do Sistema mundo moderno colonial de gênero é o controle sobre o conhecimento que é produzido, reconhecido e que circula entre a sociedade. Por isso, Mignolo defendeu a necessidade de sermos “epistemologicamente desobedientes”, em busca de romper com a estrutura colonial e transformar a realidade. Sendo assim, “opção descolonial é epistêmica, ou seja, ela se desvincula dos fundamentos genuínos dos conceitos ocidentais e da acumulação de conhecimento”:

Ao ligar a descolonialidade com a identidade em política, a opção descolonial revela a identidade escondida sob a pretensão de teorias democráticas universais ao mesmo

---

278 “Eurocentrismo não dá nome a um local geográfico, mas à hegemonia de uma forma de pensar fundamentada no grego e no latim e nas seis línguas européias e imperiais da modernidade; ou seja, modernidade/ colonialidade.” MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção decolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*, n.34, 2008, *passim*.

279 BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº11. Brasília, 2013, p.89-117. p. 104.

280 CUSICANQUI, Silvia Rivera. Ch'ixinakax utxiwa. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores. *Ch'ixinakax utxiwa: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores*. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010, p. 65.

<sup>281</sup> Aqui nos atrevemos a colocar em diálogo Mignolo e Cusicanqui, ambos com uma disputa importante no campo da Teoria Decolonial e dos saberes subalternos. A disputa entre os termos “geopolítica do conhecimento” e “economia global do conhecimento” foi um eixo dos tensionamentos entre os dois teóricos, bem delimitado por Cusicanqui no arquivo citado.

tempo que constrói identidades racializadas que foram erigidas pela hegemonia das categorias de pensamento, histórias e experiências do ocidente (mais uma vez, fundamentos gregos e latinos de razão moderna/ imperial).<sup>282</sup>

Quando Randall reproduz a colonialidade do saber partindo de uma perspectiva que se pretende universal, mas que na realidade mantém as relações hierárquicas de uma racionalidade racializada, ela nega às mulheres sujeitas do Sul global sua autonomia e capacidade ativa, reproduz a divisão global do trabalho intelectual, estimulando e mantendo um processo de subordinação e dependência. Apesar dessa postura, marcada por complexidades e contradições inerentes a incidência no mundo e a seu papel enquanto intelectual pública estadunidense atuando na América Latina, reconhecemos a relevância de sua contribuição. Foi através de sua trajetória de circulação entre diversos países, regiões e contextos, a partir de sua inserção em diversos espaços intelectuais distintos, que Randall criou formas de atuar como uma intelectual transnacional no seio das revoluções latino-americanas e da emergência de um debate feminista. Discussões que ocorriam em consonância com os debates em voga na época, e que em Cuba e Nicarágua revolucionárias se vinculavam aos processos de reconstrução nacional, agora soberanos – ao menos pensavam ser.

---

282 MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção decolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*, n.34, 2008, p.290-297, *passim*.

## 2. *UN PROBLEMA DE LA SOCIEDAD: FEMINISMO NA ENCRUZILHADA*

Margaret Randall propôs - através de artigos, palestras, conferências, entrevistas, poesias e fotografias - um diagnóstico da realidade das mulheres da América Latina. Sua percepção a respeito da região, assim como a teoria feminista que elaborou, partiram de seu trânsito por países latino-americanos, onde teceu redes político-intelectuais e estabeleceu diálogo com as mulheres, através da convivência e dos testemunhos que registrou. Também manteve diálogos permanentes com teóricas e militantes feministas dos Estados Unidos. As percepções e reflexões gestadas e defendidas por Randall é importante para nossa análise dos testemunhos publicados por ela, além de ter um significado relevante em um contexto de circulação transnacional de ideias e de seu papel enquanto intelectual. Devemos nos atentar para não cairmos em anacronismo, considerando a complexidade do uso do “feminismo” enquanto categoria política e identidade para as mulheres latino-americanas. Por isso ressaltamos que entendemos o feminismo como uma categoria de análise útil, um instrumento utilizado para formular nossos questionamentos, que orienta nosso olhar para a participação política e formulação teórica dessas mulheres, imersas nos contextos e movimentos revolucionários na América Latina da segunda metade do século XX.

Para compreender melhor o feminismo e o diagnóstico feito por Margaret Randall a respeito da situação das mulheres da América Latina, utilizamos alguns artigos publicados por ela entre 1970 e 1984. As fontes analisadas aqui foram aquelas em que a autora abordou a temática das mulheres do continente em uma perspectiva geral, propondo uma leitura generalizante da condição feminina na América Latina, ainda que destacando especificidades locais, regionais e nacionais. Também utilizamos os testemunhos de mulheres que não pertenciam a Cuba nem a Nicarágua - nos concentraremos no testemunho delas nos capítulos 4, 5 e 6 desta tese -, que nos forneceram informações, trajetórias e narrativas de outras regiões da América Latina. Elas são oriundas do Brasil, Peru e Porto Rico. As obras selecionadas estão, em sua maioria, disponíveis no *Margaret Randall Papers Archive*, parte do acervo do *Center for Southwest Research* da Universidade do Novo México (EUA). Os artigos utilizados foram: *Una brasileña en la lucha: Adamaris Oliveira Lucena* (1971), publicado na revista mexicana *Comunidad*; *La penetración imperialista y sus consecuencias para la mujer latinoamericana* (1974), em Cuba na *Revista de la Universidad de Oriente*; *You can't make a revolution without them!* (1975/76), publicado na revista canadense *Lawg Letter*; *El pueblo no es solo testigo: la historia de Dominga* (1979), publicado na *Revista Cuadernos Universitarios*, Guatemala; *La*

*mujer: Especificidad de su problemática* (1982), publicado no jornal sandinista *Ventana*. Além dos livros: *Las mujeres* (1970); *Sobre la situación de la mujer* (1973); *No se puede hacer la revolución sin nosotras* (1978); o capítulo *No “el problema de la mujer” sino un problema de la sociedad. Examen de la opresión y la liberación de la mujer* parte do livro *La mujer cubana ahora* (1972). Também foram importantes para a escrita deste capítulo, os dois livros de memória publicados por Randall em 2020: *My Life in 100 Objects* e *I never left home*. Por fim, nos baseamos em três entrevistas que realizamos com Margaret Randall, entre agosto de 2023 e maio de 2024, todas feitas pela autora da presente tese presencialmente na casa de Randall em Albuquerque, no Novo México.

## 2.1. Um olhar do Sul global para pensar as “ondas” feministas

Para uma discussão a respeito de uma teoria feminista latino-americana, propomos um questionamento à tradicional divisão da história do movimento em “ondas”. Consideramos que os marcos utilizados para essa definição partem de uma narrativa Ocidental, que considera apenas a trajetória do feminismo europeu e estadunidense, omitindo, muitas vezes de maneira consciente, a realidade, lutas, trajetórias e formulações das mulheres do Sul global. Na contramão dessa prática universalista, propomos uma leitura localizada, que abarque um determinado período histórico e grupo político-social. Tivemos acesso a essa perspectiva a partir de nossas fontes, reconhecendo o que elas nos possibilitam e o que nos limitam. Como afirmou Carla Akotirene, por meio do conceito de interseccionalidade podemos lançar mão de uma teoria e metodologia com condições para rejeitar a “[...] brancura das ondas feministas, que não passaram experiências de colonização e nem sequer compuseram o projeto intelectual emocionado, manifesto de força teórica negra, sem estar preso às correntes eurocêntricas de saberes narcísicos.”<sup>283</sup> Assim, defendemos que a história dos feminismos seja múltipla e plural, que considere diálogos transnacionais, construída por e a partir de sujeitos históricos diversos.

Essa hegemonia das experiências ocidentais universais não é exclusiva da história do feminismo, mas se insere em um projeto colonial que se projeta como história neutra, linear e evolutiva, característica do projeto político da Modernidade através do exercício da “Colonialidade do Saber”, responsável pelo apagamento de saberes, conhecimentos, racionalidades, cosmologias, provocando um epistemicídio. Essa prática é, segundo Ramón

---

283 AKOTIRENE, Carla. Cruzando o Atlântico em memória da interseccionalidade. In.: RIBEIRO, Djamilia (Org). *Interseccionalidade*. Carla Akotirene. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020, p. 35.



Grosfoguel, uma outra “prática de genocídio”, que vai além da eliminação física de sujeitos e povos: é o apagamento de povos e culturas inteiras por meio da eliminação de uma cultura, de uma forma de interpretar o mundo <sup>284</sup>. Apagaram-se comunidades no processo de estabelecimento do conhecimento e da racionalidade Ocidental como pensamento hegemônico universal.

Para Santiago Castro-Gomez, a modernidade exclui a ambiguidade, a multiplicidade, já que o controle absoluto do “homem” parte também do controle sobre o conhecimento, que legitima as normas sociais e as relações de poder estabelecidas<sup>285</sup>. Por isso, como afirmou Yuderkys Espinosa Miñoso: “[...] a produção de uma voz e interpretação próprias aparecem como uma das tarefas mais importantes para esses movimentos [continentais e anticolonialistas] e para o feminismo decolonial”<sup>286</sup>, denunciando que a epistemologia feminista é parcial, fruto de experiências históricas e interesses concretos:

Em seu convencimento, as feministas desenvolveram uma agenda global para a liberação e igualdade das mulheres que pregam e impõem ao resto do mundo e, em particular, às mulheres dos países que consideram menos avançados, através de diferentes meios. É isso que tem sido denunciado pelas mulheres do Terceiro Mundo como um “desejo salvacionista” que não nada além de imperialista. [...] [Mas] Aos poucos, vamos costurando novas narrativas e interpretações que permitem descentralizar o sujeito normativo clássico do feminismo, enquanto rompemos o quadro teórico-conceitual e argumentativo produzidos por ele. Através desses rompimentos, a imagem das condenadas do mundo vai se formando, essas cujas vidas e histórias foram ocultadas pela estrutura femininas eurocêntrica.<sup>287</sup>

O conceito “ondas” pode ser compreendido através da percepção de que houve momentos de maior expressão e mobilização do movimento, contrastando com momentos de maior retração. Contudo, corroboramos com a definição de Alejandra Ciriza que as caracteriza a partir da ideia de um centro irradiador e periferias receptoras. Na Modernidade colonial, isso significa o Ocidente que pensa e executa, enquanto o Sul global, as “outras”, reproduzem algo dado. Em contrapartida a esse centro irradiador de ideias universais, Ciriza propõe as leituras e

---

284 GROSGOQUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios ao longo do século XVI. *Sociedade e Estado*, v.31, n.1, p. 25-49, 2016.

285 CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da “invenção do outro”. LANDER, Edgar [Org.]. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 169-186.

286 MIÑOSO, Yuderkys Espinosa. Fazendo uma genealogia da experiência: o método rumo a uma crítica da colonialidade da razão feminista a partir da experiência histórica na América Latina. In.: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020, p. 106.

287 Ibidem, p.111; 115.

as categorias que as mulheres latino-americanas mobilizam, partindo “[...] del suelo de sus experiencias personales y políticas”, o que demanda de nós um olhar diferenciado e a busca por fontes históricas que viabilizem um olhar e uma leitura dessas experiências<sup>288</sup>. Essa é a perspectiva que adotamos para compreender os testemunhos das mulheres latino-americanas no presente capítulo e ao longo da tese. Dessa forma, acreditamos que estamos contribuindo para uma narrativa da história que tenha essas experiências teóricas e práticas como centro, sem perder o diálogo com as contribuições e realidades das mulheres do “Ocidente”, em especial as estadunidenses, buscando aplicar o pensamento fronteiriço proposto por Walter Mignolo<sup>289</sup>. Contudo, para isso, precisamos compreender a visão defendida por Randall que entrevistou e registrou as vozes e trajetórias de algumas dessas mulheres da América Latina.

O recorte que tratamos aqui compreende a segunda metade do século XX, momento que Ciriza caracterizou como marcado pela organização política das mulheres do Sul global a partir das esquerdas, fosse na luta armada revolucionária, no envolvimento em movimentos políticos propriamente de esquerda ou democráticos, ambos de resistência à governos ditatoriais e autoritários<sup>290</sup>. Elas ingressaram no espaço público sob essas condições, mesmo que “[...] erizadas de dificultades de las que dan cuenta debates y críticas internas a la tradición”<sup>291</sup>. Nessas circunstâncias, consideramos oportuno expor algumas das provocações que instigaram o trabalho desta tese: as mulheres revolucionárias da América Latina podem ser observadas tendo o feminismo como categoria de análise? Seria o feminismo um movimento global ou do Ocidente? É permitido as mulheres do Sul global a identidade de feminista?

Randall reproduziu a divisão temporal das ondas – que criticamos aqui – para se localizar no interior do debate feminista. Esse ponto de partida é importante para compreendermos o olhar que ela lançou às mulheres com as quais compartilhou desafios e o cotidiano, em um período que ela reiterava como de “segunda onda” do movimento feminista. Como afirmou Luciano Fabbri, essa divisão está “[...] casi siempre ligado a reivindicaciones de mujeres

---

288 CIRIZA, Alejandra. Genealogías feministas, radicalización política e izquierdas en la Argentina de los años 70. *Revista Nomadías*. N.29, 2020, p.190

289 MIGNOLO, Walter. Border thinking and the colonial difference. In.: *Local histories/Global designs: Essays on the Coloniality of Power, Subaltern Knowledges and Border Thining*. Princeton: University Press, 2012, p.49-90.

290 Essas mulheres não representavam o todo da população feminina latino-americana, pelo contrário. Havia na região mulheres organizadas, algumas em um movimento feminista que desde princípios do século XX respondia as agendas colocadas pelas mulheres do Norte global, muitas eram conservadoras, defensoras ou participantes de movimentos políticos de direita.

291 CIRIZA, Alejandra. Genealogías feministas, radicalización política e izquierdas en la Argentina de los años 70. *Revista Nomadías*. N.29, 2020, p.190

blancas, de clases media-altas y heterosexuales”<sup>292</sup>. Chandra Mohanty radicalizou essa crítica ao afirmar que a história das “ondas” é uma narrativa da história da branquitude, que extrapolou a construção de uma consciência de gênero politizada. Sendo assim, essa narrativa só pode ser alterada se assumirmos o desafio analítico de pensar a história das mulheres, em toda sua diversidade, a partir de uma perspectiva interseccional. Para isso, precisamos levar em conta os efeitos do sistema de dominação racial, de classe e gênero nas mulheres do “terceiro mundo”, visto que as lutas dessas mulheres estão localizadas nessas intersecções, entendidas como organizativas do Sistema-Mundo Moderno-colonial de Gênero: “É a partir dessas intersecções que podemos explorar questões de consciência e de agência, sem naturalizar questões individuais ou estruturais”<sup>293</sup>.

Margaret Randall localizou sua aproximação com o movimento e teoria feminista em fins da década de 1960, quando estabeleceu diálogo com as feministas das esquerdas estadunidense. Ou seja, essas concepções defendidas por ela são posteriores ao seu trabalho como editora de *El Corno Emplumado*, onde teve uma atuação que objetivava de superar a hegemonia da circulação das artes, da cultura e do debate político na direção Norte-Sul. Mesmo após décadas de sua vida dedicada à América Latina, com participação e envolvimento direto com movimentos políticos, revolucionários, culturais e intelectuais, permaneceu resquícios de sua educação e formas de interpretar o mundo que foram forjados nos EUA. Afirmamos isso a partir de seu próprio discurso:

O pensamento, a formulação e a ação feminista explodiram na cena estadunidense, e acho que também na França, apesar de que eu não leio francês e não estava em contato com as feministas francesas, mas, eu comecei a receber esses documentos, artigos, ensaios etc., dos Estados Unidos em 1969, é quando isso começa a acontecer. Então eu usei vários destes como documentos representativos em *Las Mujeres*, mas não havia nenhuma latino-americana que eu conhecesse escrevendo desde uma ideologia feminista naquele momento, elas vieram um pouco mais tarde. Agora, havia latino-americanas, até desde antes na década de 1920, como Victoria Ocampo em Argentina, ou Marta Portales no Peru, tinham muitas delas, mas eu não sabia que elas existiam, e elas não tinham a publicidade que as mulheres tinham nos Estados Unidos, só tiveram um tempo depois. Foi quando essas mulheres da América Latina começaram a ler sobre o que estava acontecendo nos Estados Unidos que elas começaram a desenvolver grande parte de [um movimento], mesmo que algumas mulheres estivessem fazendo algo antes como eu disse, elas não eram parte de um movimento,

---

292 FABBRI, Luciano. *Apuntes sobre feminismos y contrucción de poder popular*. Santiago: Tiempo Robado editores, Proyección editores, 2017, p.111

293 MOHANTY, Chandra Talpade. *Feminism without border: decolonizing theory, practicing solidarity*. Durham: Duke University Press, 2003, p.56. Tradução nossa.

eram iniciativas individuais, enquanto nos Estados Unidos havia um grande movimento.<sup>294</sup>

Analisando essa passagem, percebemos como, para ela, mesmo tendo existido mulheres comprometidas com uma agenda feminista na América Latina desde os anos 1920, ou da convencionalmente chamada “primeira onda”, o movimento feminista fora forjado na região apenas após a explosão do movimento nos EUA, que, posteriormente, teria influenciado e contribuído para que se forjasse algo similar na América Latina. Assim, Randall reconhecia as especificidades do movimento nos países latino-americanos, mas reforçava uma visão colonial e imperialista, ao afirmar que esse movimento só foi possível no “terceiro mundo” a partir de um contato com a teoria e a prática forjada nos Estados Unidos. Interessante como ela reivindicou o papel da “publicidade” e do fluxo de teoria e conhecimento para justificar o protagonismo das feministas estadunidenses em sua formação. O que Silvia Cusicansqui, na atualidade, chamou de “economia política do conhecimento” e Walter Mignolo classificou como “geopolítica do conhecimento”, ou seja, como a circulação do conhecimento está relacionada com a colonialidade e as relações de poder estabelecidas a partir daí.<sup>295</sup>

Em entrevista concedida a autora desta tese, Randall se identificou como uma “feminista da segunda onda”. Contudo, ao ser questionada sobre o significado das “ondas”, justificou que essa afirmação se resumia a um conceito de geração, uma divisão temporal relacionada as demandas de cada tempo histórico, que impunha agendas políticas distintas para cada geração de mulheres feministas.<sup>296</sup>

A ‘primeira onda’, pelo menos nos Estados Unidos e na Inglaterra é considerada como as mulheres dos anos 1920 e início de 1930 que lutavam pelo voto, pelo sufrágio feminino e etc., então quando minha geração surgiu começamos a usar como referência ‘segunda onda’ apenas como forma de nos diferenciar da ‘primeira onda’ porque estávamos lidando com problemas que eram mais relevantes para gente naquele período.<sup>297</sup>

---

294 Randall, Margaret. Entrevista concedida à Stella Ferreira Gontijo em 29 de março de 2024, Albuquerque, Novo México. EUA. Transcrição e tradução nossa.

295 CUSICANQUI, Silvia Rivera. *Ch'ixinakax utxiwa: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores*. Buenos Aires: Tinta limón, 2010 e MIGNOLO, Walter. *Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad*. Buenos Aires: Ediciones del signo, 2010.

296 Posteriormente, segundo ela, houve a emergência de uma “terceira geração” de feministas estadunidense, que se rebelou contra a “geração feminista” da qual faz parte, a geração da “segunda onda”.

297 Randall, Margaret. Entrevista concedida à Stella Ferreira Gontijo em 08 de novembro de 2023, Albuquerque, Novo México. EUA. Transcrição e tradução nossa.

Não pretendemos aqui - por razões de espaço, tempo e objetivo da tese -, fazer um resgate histórico do debate sobre as “ondas feministas”, que conta com pensadoras que reforçaram essa divisão, assim como uma gama de críticas que, desde a década de 1980, tem questionado esses marcos. Por isso, o apresentaremos de forma geral, partindo de algumas autoras e sinalizando alguns pontos que consideramos relevantes dessa discussão. Nancy Fraser é umas das destacadas teóricas que emprega esse marco temporal e teórico. Sua interpretação do movimento feminista inicialmente se concentrou nos Estados Unidos e na Europa, desatenta à participação das mulheres latino-americanas mesmo em se tratando de uma agenda de lutas defendidas pelo Ocidente. Apesar de adotar uma abordagem que, supostamente, seja do movimento feminista como um todo, essa autora nos apresentou uma visão parcial da organização e atuação política das mulheres em diferentes períodos. Na contramão do que Fraser propôs, consideramos que as mulheres latino-americanas tinham uma agenda política e teórica que partia de suas vidas e realidades, com pontos de convergência, mas também com distanciamentos das pautas defendidas pelas feministas do Norte global.

De toda forma, trazemos a divisão teórica das “ondas”, sistematizada por Fraser, para compreendermos o que esse marco temporal propõe e representa, para então embasarmos nossa crítica. Para Fraser, a “primeira onda” compreende o fim do século XIX e início do século XX, marcada pelo protagonismo das sufragistas e suas reivindicações por direitos civis, principalmente pelo direito ao voto. Na sequência, a chamada “segunda onda”, contemporânea do recorte temporal estabelecido, e no qual nos concentraremos, foi dividida em três diferentes momentos. Para sua explicação sobre a “segunda onda”, Fraser permaneceu com o olhar orientado apenas para a agenda das feministas do Norte global, inclusive excluindo o a América Latina de algumas dessas fases, como a de emergência dos novos movimentos sociais e do surgimento de uma “política de identidade”:

[...] a primeira fase (novos movimentos sociais) alcançou os feminismos da América do Norte e da Europa Ocidental – e possivelmente correntes em outros lugares. A segunda fase (política da identidade) foi mais expressiva nos Estados Unidos, apesar de ter tido ressonância em outras regiões. Finalmente, a terceira fase é mais desenvolvida, como seu nome sugere, em espaços políticos transnacionais, paradigmaticamente associados à “Europa”.<sup>298</sup>

---

298 FRASER, Nancy. Mapeando a imaginação feminista: da redistribuição ao reconhecimento e à representação. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 15(2):240, 2007, p.294

Marlise Matos resumiu as “três fases” da “segunda onda” proposta por Fraser, ressaltando a ausência da América Latina como palco do movimento feminista:

[...] a dos anos 1960, marcados pela efervescência dos “novos” movimentos sociais (instalando-se uma ampliação do “imaginário feminista” por meio da exposição pública de aspectos da dominação masculina); a fase relativa à “política de identidades” (com a incorporação, a partir do arrefecimento tanto do vigor utópico da Nova Esquerda quanto dos insights antieconomicistas, de um “imaginário culturalista” que reinventa a política como reconhecimento); e a fase do feminismo transnacionalizado (que ocupou vários espaços de articulação política no contexto da globalização). É nesse mesmo texto que a autora [Nancy Fraser] “adverte” que a segunda fase teria sido especialmente desenvolvida pelos feminismos da América do Norte, e a terceira, pelos feminismos na Europa Ocidental.<sup>299</sup>

Margaret Randall se encontrava na América Latina no contexto convencionalmente chamado de “segunda onda”, fazia parte da geração da Nova Esquerda, de uma juventude politicamente engajada contra a Guerra do Vietnã<sup>300</sup>. Seu envolvimento político dialogava com a definição de Fraser, que afirmou que o movimento feminista mobilizou, na conjuntura do pós-II Guerra, uma juventude indignada com a segregação racial e as guerras imperialistas travadas com o protagonismo estadunidense, defendendo uma luta contra a moral capitalista repressiva, materialista, sexista e heteronormativa. Para Randall o feminismo se desenvolveu como um movimento plural, não-monolítico, inclusive na América Latina, de onde observou as aproximações e distanciamentos entre as realidades em cada país, pois, segundo ela, cada cultura estaria sujeita a formas de opressão próprias e, por isso, produziam vozes feministas intrínsecas àquela realidade, que buscavam responder aos problemas e desafios aos quais estavam submetidas.

Nesse sentido, ao reafirmar a relação das “ondas” com a luta das mulheres na América Latina, Randall considerou que as mulheres se envolveram politicamente de formas diferentes em cada país. Para ela, as mulheres latino-americanas estavam envolvidas politicamente não só na luta por direitos civis, mas por salário, direitos trabalhistas específicos, cuidados com as

---

299 MATOS, Marlise. Movimento e teoria feminista: é possível reconstruir a teoria feminista a partir do Sul global? *Revista Sociologia Política*, Curitiba, v.18, n.36, 2010, p.73

300 Ver: ZOLOV, Eric. La nueva izquierda en Estados Unidos y América Latina: miradas de Eric Zolov. *Entrevista por Nicolás Dip*. Universidade Nacional Autónoma do México, 1 de setembro de 2019 e 31 de agosto de 2020. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/343240028\\_La\\_nueva\\_izquierda\\_en\\_Estados\\_Unidos\\_y\\_America\\_Latina\\_miradas\\_de\\_Eric\\_Zolov](https://www.researchgate.net/publication/343240028_La_nueva_izquierda_en_Estados_Unidos_y_America_Latina_miradas_de_Eric_Zolov)> Acesso: 26/04/2025.

crianças, direito ao aborto, acesso a educação, dentre outras demandas que partiam das realidades diversas em que se encontravam<sup>301</sup>. Como veremos, a partir dessas diferenças Randall buscou traçar um diagnóstico comum da realidade, da opressão e das lutas das mulheres latino-americanas, partindo de um olhar atravessado pelas categorias de gênero, raça e classe, além das relações de poder estabelecidas pela modernidade Ocidental, marcada pelo imperialismo estadunidense.

Nas décadas de 1960 e 1970, período caracterizado como da “segunda onda” pelas teóricas do Norte, na contramão de uma agenda liberal por direitos e costumes individuais, parte das mulheres latino-americanas estavam participando ativamente das disputas políticas revolucionárias contra governos autoritários<sup>302</sup>. Buscaram contribuir com a inclusão de um olhar que se originava na realidade de opressão ao qual estavam submetidas, construindo propostas e demandas generificadas ao se inserirem nas discussões a respeito de outros formatos de sociedade e de mundo, refletindo sobre questões, desafios, teorias e formas de ação que, em muitos momentos, passavam pela garantia básica da sobrevivência. Não procuramos, portanto, negar a existência e organização de mulheres que estavam alinhadas com a agenda feminista liberal, de direita ou conservadora na América Latina. Contudo, nossa análise está concentrada no movimento contra-hegemônico das mulheres de esquerda inseridas nos processos de libertação nacional que envolviam a luta armada.

Dialogamos, neste trabalho, com a afirmação de Marlise Matos: “[p]arece demasiado limitador problematizar a dinâmica dos feminismos na contemporaneidade, partindo de sua necessária subjugação à chave capitalista liberal e a partir das referências ao Norte globalizado”<sup>303</sup>; e com Clarisse Paradis, que sintetizou:

[...] a segunda onda feminista emergiu durante os anos 70 e 80, em um contexto específico da América Latina, a partir da resistência e luta das mulheres contra o autoritarismo de Estado, as violências e a falta de cidadania no interior dos regimes militares. Grande parte das componentes dos movimentos era oriunda das

---

301 RANDALL, Margaret. Entrevista concedida à Stella Ferreira Gontijo em 08 de novembro de 2023, Albuquerque, Novo México. EUA. Transcrição e tradução nossa.

302 Muitas mulheres na América Latina apoiavam as ditaduras militares. No Chile, por exemplo, a *Secretaría Nacional de la Mujer* (SNM) e da EMA-Chile, presidida por Lucía Hiriart de Pinochet, congregavam centenas de mulheres na defesa da ditadura. Ver: HINER, Hillary. Responsabilidad y desafío: Lucía Hiriart y las mujeres de derecha frente el plebiscito y la constitución de 1980 en Chile. *Historia* 396, Valparaíso v. 13, n. 2, pp. 51-82, jul-dic. 2023.

303 MATOS, Marlise. Movimento e teoria feminista: é possível reconstruir a teoria feminista a partir do Sul global? *Revista Sociologia Política*, Curitiba, v.18, n.36, 2010, p.73

organizações de oposição vinculadas à esquerda e à luta contra o capitalismo e pela democracia.<sup>304</sup>

São justamente essas experiências silenciadas que procuramos analisar aqui. Não podemos restringir a história do movimento feminista à experiência do Norte global e as lutas institucionais, por direitos constitucionais. Por isso, reafirmamos a problemática em torno da divisão temporal das “ondas”, que se pretende universal. Fazemos este movimento sem, contudo, negar as conexões e cooperações entre as mulheres do Norte e do Sul global, e compreendendo que o movimento feminista nos Estados Unidos era composto por uma multiplicidade de visões e práticas, não se restringindo àquelas das mulheres liberais. Havia um diálogo estabelecido que conectou (e conecta) a luta por direitos e libertação, conformando um diálogo feminista global, sobre o qual Margaret Randall reivindicou ter atuado como “ponte” entre as regiões. Nesse sentido, o trabalho desenvolvido por Randall é profícuo para a História.

Acreditamos que essa narrativa histórica hegemônica dos feminismos negou as mulheres latino-americanas a historicidade de suas lutas e a agência de suas ações e reflexões, colocando-as como meras reprodutoras de um movimento que basicamente não respondia a suas realidades e demandas. Seguindo nosso diálogo com Marlise Matos, concordamos que:

[...] [os] feminismos latino-americanos têm suas próprias vicissitudes e idiosincrasias históricas e não foram (ou são) utilizados ou recrutados (não por inteiro) pelas estratégias de cunho neoliberal, pois, conforme é sabido, a força do Sul global surgiu exatamente a partir daí: da sua negação, sua reação e oposição aos avanços do neoliberalismo.<sup>305</sup>

O uso do termo feminismo foi durante muito tempo evitado para se referir às lutas das mulheres na América Latina, apesar de consolidado na contemporaneidade. Também era ativamente rejeitado pelas militantes das esquerdas, por vincularem esse termo ao projeto imperialista e à agenda liberal estadunidense, com o qual estavam em enfrentamento político-militar direto. Nesse sentido, retomamos a pergunta: podemos nos referir às mulheres latino-americanas como feministas? Quando questionada a esse respeito, Margaret Randall afirmou,

---

304 PARADIS, Clarisse Goulart. *Entre o Estado patriarcal e o feminismo estatal: o caso dos mecanismos institucionais de mulheres na América Latina*. Dissertação. FAFICH (Departamento de Ciência Política), UFMG, Belo Horizonte, 2013, p.44

305 MATOS, Marlise. Movimento e teoria feminista: é possível reconstruir a teoria feminista a partir do Sul global? *Revista Sociologia Política*, Curitiba, v.18, n.36, 2010, p.74



em entrevista concedida a autora desta tese, que, mesmo que elas não se considerassem feminista, tinham pensamentos e ações que ela considerava como tal<sup>306</sup>. Para isso, Randall utilizou o exemplo da dirigente e heroína cubana Haydée Santamaría. Para Randall a década de 1970 era “cedo” para se identificar um debate feminista em Cuba, já que foi o período de uma “explosão” do movimento nos Estados Unidos, que posteriormente alcançaria a América Latina – narrativa coerente com sua visão das “ondas” feministas<sup>307</sup>.

Randall relatou que Santamaría questionava o uso de pronomes masculinos como categorias universais, algo que a estadunidense considerou como um comportamento excepcional naquele contexto. Outro acontecimento destacado por Randall, foi quando Santamaría, “furiosa com a discriminação contra as mulheres” em Cuba, participou de uma reunião do Comitê Central do Partido Comunista Cubano (PCC), do qual fazia parte, vestida com roupas consideradas masculinas – o famoso uniforme verde-oliva - como forma de manifestar sua indignação e causar constrangimento naquele ambiente propriamente masculino. Randall considerou esses atos e questionamentos como expressões feministas concretas, mesmo que rejeitassem o conceito, o que era complementado por outras reivindicações: “Falam disso [de feminismo] em termos de pagamento igual por trabalho igual, eles/as [os/as cubanos/as] falavam em termos de educar as mulheres em áreas onde antes as mulheres não eram educadas, eles falam disso de várias formas”<sup>308</sup>.

Randall defendia que, ao contrário do que aconteceu com a vitória cubana em 1959, o momento de vitória da revolução na Nicarágua, vinte anos depois, ocorreu quando o feminismo já tinha se estabelecido como um fenômeno global, mesmo que a agenda feminista dependesse do contexto local, independente se aderiam ao rótulo “feminismo”. No caso cubano e nicaraguense, em que as mulheres estavam formulando sobre a construção da sociedade revolucionária e a soberania popular, Randall se opôs ao uso do termo “problema da mulher” em substituição ao de “feminismo”. Para ela, o “problema da mulher” não era individual, não se restringia as mulheres enquanto grupo social, mas eram “problemas da sociedade”, em uma perspectiva geral e estrutural, que afetava a todos em diversos níveis. Isso acabava submetendo

---

306 RANDALL, Margaret. Entrevista concedida à Stella Ferreira Gontijo em 29 de março de 2024, Albuquerque, Novo México. EUA. Transcrição e tradução nossa.

307 No capítulo 4, apresentamos e tratamos com mais profundidade da trajetória de Haydée Santamaría.

308 Idem.

os interesses de superação da desigualdade de gênero a outras demandas sociais, políticas e econômicas<sup>309</sup>.

A experiência das mulheres do Norte global pela ótica das “ondas feministas” desconsiderava a atuação política e agenda das mulheres latino-americanas, refletindo no apagamento histórico e historiográfico de um feminismo latino-americano, seja como teoria ou como movimento, fruto de um domínio epistemológico da colonialidade. Por isso nos chama atenção a contradição expressa por Randall em suas ações e a concepção defendida por ela: ao mesmo tempo em que se colocava ao lado das lutas por libertação nacional dos povos latino-americanos, reproduzia uma racionalidade hegemônica que contribuía para a manutenção das estruturas de poder mundiais. A resistência em se identificarem como feminista esteve mais marcada entre as cubanas do que entre as nicaraguenses. Isso se deu não apenas por uma questão temporal ou de agenda, mas devido aos debates sobre o significado desse conceito e desse movimento, entendido como uma estratégia para manutenção do *status quo*, que reproduzia a universalidade Ocidental, mantendo relações de classe, raça e imperialistas.

Além disso, como mostraremos no capítulo 4, havia uma relação específica entre o movimento de mulheres cubanas e a liderança de Fidel Castro. Margaret Randall ressaltou a dificuldade das mulheres cubanas em usar o termo feminismo, motivado, em parte, pela relação com o movimento de mulheres comunistas:

Em Cuba era bem diferente [da Nicarágua] porque o Partido Comunista Cubano era parte de um movimento comunista internacional dirigido pela União Soviética e a Federação Democrática Internacional de Mulheres (FDIM), que é uma organização comunista que começou após o fim da II Guerra Mundial. Elas desqualificavam a ideia de feminismo, elas na verdade a desprezava. Então, em Cuba era muito mais difícil e, nos anos em que eu estava lá, era impossível para as mulheres cubanas se identificarem como feministas. E eu lembro de falar com várias mulheres e as entrevistar para os meus livros em Cuba, que eu considerava como feministas. Eram mulheres incrivelmente fortes, exigiam respeito por suas ideias, trabalhavam em áreas em que os homens não trabalhavam, algumas eram cortadoras de cana-de-açúcar vencedoras de prêmios por seus trabalhos, e elas lutavam pelos direitos das mulheres em todos os níveis da sociedade. Para mim elas eram feministas, eu as descreveria como feministas, mas elas não se descreviam como feministas porque era uma palavra “suja” para elas, era um termo ao qual elas foram ensinadas a não se identificar, porque era contra as ideias defendidas pelo movimento de mulheres comunista internacional que colocava a revolução social e a questão econômica à frente e considerava as outras questões como secundárias.<sup>310</sup>

---

309 RANDALL, Margaret. Entrevista concedida à Stella Ferreira Gontijo em 29 de março de 2024, Albuquerque, Novo México. EUA. Transcrição e tradução nossa.

310 RANDALL, Margaret. Entrevista concedida à Stella Ferreira Gontijo em 23 de janeiro de 2024, Albuquerque, Novo México. EUA. Transcrição e tradução nossa.

A partir dessa afirmação de Randall, reafirmamos três questões que consideramos relevantes para a relação das mulheres revolucionárias em Cuba e Nicarágua com o uso do termo “feminismo”: a relação entre o feminismo e a agenda liberal-burguesa; o papel do movimento comunista internacional e do marxismo ortodoxo; a relação entre os governos revolucionários, as organizações de massa e os partidos que dirigiam os processos revolucionários – o Partido Comunista Cubano, o Movimento 26 de Julho e a Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN). Não era de forma isolada que essas mulheres das esquerdas latino-americanas propunham uma outra concepção de mundo, cultura, sociedade, mentalidade e costumes.

Elas davam centralidade à independência de seus povos e países desde suas especificidades de gênero que, em intersecção com raça, classe e sexualidade, imprimiam questões e desafios específicos a elas. Para isso, mantinham diálogo entre si e compartilhavam suas reivindicações e formulações com teóricos dos processos revolucionários. A nova condição idealizada para a mulher era vista a partir da concepção de construção da “nova sociedade”, do “homem novo” e da “mulher nova” – conceitos que aprofundaremos nos capítulos 4, 5 e 6. Nesse contexto, incluíram a luta por mais direitos para as mulheres, por igualdade de condições e superação de desafios generificados nas agendas revolucionárias. Compreendendo os limites históricos, contextuais e de acesso as fontes para o que nos propusemos realizar, buscamos romper com uma narrativa hegemônica tanto da luta das mulheres, quanto das revoluções e das esquerdas latino-americanas.

Resultado da complexidade de seu lugar no mundo e do papel de intelectual comprometida com as lutas dos povos latino-americanos, Randall organizou uma coletânea de textos em espanhol, intitulado *Las mujeres* (1970), com a intenção de divulgar o pensamento feminista estadunidense na América Latina. Ela buscou expressar nesse livro a “formulação feminista de uma época”, que serviria de base e orientação para as “mulheres de todo o mundo”. Em especial, Randall acreditava contribuir para a inserção do pensamento feminista na América Latina. Seu objetivo principal era claro: traduzir, transferir e dessa forma influenciar a “emergência” de um feminismo na região. Assim, ao mesmo tempo que reproduziu a percepção de que as ideias e teorias partem do Norte global rumo ao Sul global, Randall assumiu o que acreditava ser seu papel enquanto intelectual: colocar ideias em circulação, ensinar e inspirar as mulheres latino-americanas. O resultado foi a tradução para o espanhol de textos de

feministas com as quais estabeleceu contato, escrito por ativistas e teóricas com as quais estava em diálogo em fins de 1960 e no início da década de 1970. Esta obra foi publicada pela editora mexicana *Siglo XXI*<sup>311</sup>.

Este livro, que marcou sua trajetória intelectual e política, foi rememorado pela autora em um discurso proferido em 2017, quando recebeu a *Medalla al Mérito Literario* em Chihuahua, México:

O representante do governador de Chihuahua, que colocou a medalha em meu pescoço [...] lembrou de um velho livro meu, *Las mujeres*, e falou sobre como aquela introdução ao feminismo ajudou gerações de mulheres mexicanas a se tornarem fortes e terem o entendimento sobre o que é o gênero e a resistir contra a violência.<sup>312</sup>

Podemos perceber como ela permanece reivindicando o legado dessa publicação, tanto como contribuição para o movimento feminista latino-americano, quanto para o impacto em experiências individuais e, principalmente, para o que ela considerou como seu papel de “ponte” que conectou saberes, culturas, processo históricos, realidades etc. Com isso, Randall reforçou seu sentimento de agir como “agente de troca” em duas direções – Norte-Sul e Sul-Norte, ou como definimos, seu papel enquanto intelectual mediadora. Foi nessa relação que desenvolveu sua compreensão da realidade dos povos latino-americanos, contemporânea à sua descoberta do feminismo, em fins da década de 1960, resultado dos debates político-intelectuais que chegavam até ela desde os Estados Unidos e de Paris.

Para Randall, esse momento foi um marco em sua trajetória política, intelectual e pessoal, definindo seu para o que havia produzido até então, e para a sociedade, transformando grande parte dos problemas que enfrentava em seu dia-a-dia em questões coletivas e sociais, contribuindo para que se superasse tendências individualistas. Através de *Las mujeres* (1970), considerou ter agido como “ponte” ao divulgar o que considerava os principais escritos feministas da época. Os textos selecionados para essa coletânea eram de diversas vertentes

---

311 A *Siglo XXI* foi uma importante editora que surgiu em meados da década de 1967, fundada pelo intelectual e editor argentino, exilado no México, Arnaldo Orfila Reynal. O livro organizado por Randall, *Las mujeres*, faz parte da *Colección Mínima*, que contém outros títulos com breves ensaios e antologias, como o título *El aprendizaje de brujo* (1969) de Sergio Mondragón.

312 “The representative of the governor of the state of Chihuahua, who had placed the medal around my neck [...] remembered an old book of mine, *Las mujeres*, and talked about how that introduction to feminism helped generations of Mexican women become strong in their understanding of gender and resistance to violence.” RANDALL, Margaret. *My Life in 100 Objects*. Nova Iorque, EUA: New Village Press, 2020B, p.186. Tradução nossa

feministas, buscando distanciar-se de um discurso universal. Foram traduzidos para o espanhol a serviço da divulgação teórico e do movimento em território latino-americano:

E foi realmente a introdução do feminismo na América Latina. Muita, muitas, muitas mulheres me escreveram por anos, falando como aquele livro [*Las Mujeres*] tinha sido importante e tinha mudado suas vidas, suas mães começaram a me escrever, filhas e netas me escreveram falando como o livro tinha mudado a vida de suas mães e avós. Então, claro que tiveram muitos e muitos livros sobre feminismo por feministas na América Latina desde então, e tiveram muitas e muitas feministas latino-americanas importantes, mas naquele tempo o livro [*Las Mujeres*] serviu como uma introdução, então eu tive a oportunidade de oferecer aquelas ideias ao Sul, assim como tinha estado oferecendo ideia do Sul ao Norte.<sup>313</sup>

Para Alejandra Ciriza, essa foi uma obra emblemática desde o momento em que foi lançada pela “feminista socialista Margaret Randall”, tornando-se um dos livros mais lidos do período que, não por acaso, havia sido publicado pela editora *Siglo XXI*, na qual o editor embarcava “[...] en la aventura de la publicación de *readers* en los cuales circulaba lo más desafiante de las teorías recientes, producidas al calor del *Women’s Lib* en Estados Unidos”, afinal, “ubicar los debates feministas en el sur fue un denominador común a los *readers* publicados por aquellos años”. Ao analisar a repercussão do livro de Randall na revista argentina *Persona*, Ciriza, afirmou que se tratava de “testimonios claros de mujeres que luchan por superar su enajenación y descubren maneras de ser nuevas y creadoras, a veces con mucho humor”<sup>314</sup>.

Apesar do olhar crítico que empreendemos à intencionalidade de Randall, reconhecemos sua contribuição para a circulação transnacional dos debates de uma época, a partir da importância da tarefa da tradução, contribuindo para o fluxo de ideias e para a possibilidade de se estabelecer um diálogo que, como vimos, foi uma função da qual tinha ciência, que compunha o entendimento de seu papel enquanto intelectual. As traduções feitas por Randall tiveram um papel fundamental no seu estabelecimento como intelectual transnacional e mediadora, para sua função de “ponte” entre culturas e povos distintos, assim como para a dimensão da rede intelectual que organizou. Apesar dos limites da autora, ressaltamos como que, a partir do seu envolvimento e maior comprometimento com os movimentos revolucionários e agendas feministas na América Latina, o seu papel enquanto

---

313 RANDALL, Margaret. Entrevista concedida à Stella Ferreira Gontijo em 08 de novembro de 2023, Albuquerque, Novo México. EUA. Transcrição e tradução nossa.

314 CIRIZA, Alejandra. Genealogías feministas, radicalización política e izquierdas en la Argentina de los años 70. *Revista Nomádias*. N. 29, 2020, p. 195-197, *passim*.

intelectual transnacional foi se consolidando, viabilizando um diálogo e uma troca maior das realidades e teorias produzidas por sujeitos do Sul global no Norte global, rompendo com o fluxo hegemônico de Norte à Sul, e contribuindo para o estabelecimento de um diálogo feminista transnacional.

Na resenha anônima da contracapa, o livro *Las mujeres* (1970) foi apresentado como uma compilação de textos que versam sobre a marginalização da mulher e a consciência pioneira das estadunidenses para “[...] inminente destrucción de un orden”, como “[...] parte fundamental de la lucha humana por la libertad”<sup>315</sup>. A partir daí, podemos perceber a forma como algumas questões foram abordadas na obra. Primeiro, a crença no que é produzido nos Estados Unidos como algo com a capacidade de “salvação” coletiva do restante do mundo, que, por isso, deveria ser exportado. Segundo, sua aproximação com um feminismo vinculado às esquerdas, a ideia de revolução, a um discurso contra hegemônico. Terceiro, o uso do termo mulher no singular, uma reprodução de uma leitura universal de mulher branca e de classe média, que conforma o sujeito feminino universal e a-histórico. Quarto, o lugar da estadunidense como “pioneira”, a “feminista em si”, a exímia protagonista na luta pela libertação da mulher, detentora da ação e formulação feminista.

Essas primeiras impressões colocam em evidência uma concepção teórica supostamente neutra e universal, que submetia as experiências, trajetórias e existência de diversas outras mulheres a um segundo plano, apagadas e silenciadas da narrativa e ação hegemônica do movimento de mulheres. Essa produção monolítica da mulher pelo eurocentrismo não corresponde ao sujeito histórico das mulheres, pelo contrário, responde a uma perspectiva singular e hegemônica que, como destacou Chandra Mohanty, faz com que:

[...] a suspeita do privilégio e da universalidade etnocêntrica por um lado, e uma autoconsciência inadequada sobre os efeitos do pensamento ocidental sobre o Terceiro Mundo, num contexto de um sistema mundo dominado pelo Ocidente, por outro lado, caracteriza uma grande quantidade de trabalhos feministas ocidentais sobre as mulheres do terceiro Mundo.<sup>316</sup>

Essa perspectiva universalizante adotada por Randall, nesse primeiro momento, contribui para que possamos identificar os limites da autora imbrincados em seu lugar na

---

315 RANDALL, Margaret. *Las mujeres*. México: Siglo XXI, 1970, contra capa.

316 MOHANTY, Chandra Talpade. *Feminism without border: decolonizing theory, practicing solidarity*. Durham: Duke University Press, 2003, p. 19. Tradução nossa.

sociedade. Ela mesma localizava seu lugar no mundo como uma mulher branca, de classe média alta estadunidense e foi capaz de perceber como essas suas características influenciaram e definiram sua forma de ver o mundo que, mesmo impactada pela sua vivência e dedicação aos povos latino-americanos, não pode ser totalmente superada ou ignorada, sendo parte constituinte de sua consciência e, conseqüentemente, presente em seu trabalho artístico e intelectual. Em entrevista concedida a autora da tese, ela reconheceu a importância de *El Corno* nesse processo:

*El Corno* me educou para o mundo real porque, como eu já disse, eu fui criada nos Estados Unidos, em uma região de classe média em Albuquerque, em uma escola de educação pública como era na época, nunca fui para Universidade nem nada. Então eu fui educada nos mesmos preconceitos e pensamento tendenciosos que todo mundo aqui [nos Estados Unidos] têm, eu não estava isenta disso.<sup>317</sup>

Com essa formação tradicional, Randall reproduziu uma prática hegemônica que, historicamente, colocou as mulheres da América Latina como receptoras de uma teoria gestada na civilização ocidental, como sujeitos sem agência e sem autonomia, que rejeitou teorias e ações gestadas no Sul global. Ao mesmo tempo, como veremos, seu pensamento não é monolítico e atemporal, mas foi sendo reestruturado com suas leituras, trocas e vivências compartilhadas com as mulheres e o povo do “terceiro mundo”, com destaque para o tempo em que viveu em Cuba e na Nicarágua, para suas passagens pelo Vietnam e Peru.

Em *Las mujeres* (1970), Randall selecionou textos de diferentes autoras/es com diferentes abordagens feministas, vinculadas/os ao progressismo ou às esquerdas, e que perpassam por debates em torno do mundo do trabalho, maternidade, consumismo, exploração econômica das mulheres, tomada de consciência e papel desempenhado nas experiências revolucionárias em curso. Muitas das formulações apresentadas ali, aproximavam o gênero do debate socialista, vinculando a transformação político-econômica como parte da luta das mulheres, o que possibilitava um maior diálogo com a realidade das mulheres latino-americanas. Em sua seleção, Randall optou por autoras que considerava como referências no debate feminista de esquerda estadunidense de fins da década de 1960, e que, em sua visão, propuseram debates mais próximos dos interesses das mulheres da América Latina, o que possibilitaria um diálogo naquela realidade. Foram elas: Naomi Weisstein, psicóloga e neurocientista, fundadora

---

317 RANDALL, Margaret. Entrevista concedida à Stella Ferreira Gontijo em 08 de novembro de 2023, Albuquerque, Novo México. EUA. Transcrição e tradução nossa.

do grupo *Chicago Women's Liberation Rock Band*; Ellen Willis, jornalista, escritora e crítica cultural, fundadora do grupo de feministas radicais *Redstockings* e do grupo de teatro de rua e protesto *No More Nice Girls*<sup>318</sup>; Irene Peslikis, artista, educadora e ativista, construiu o *New York Feminist Art Institute*, uma das criadoras da revista *Women & Art* e integrante do grupo feminista radical *Redstockings*<sup>319</sup>; Pat Mainardi, além de uma das criadoras da revista *Women & Art*, foi pintora, historiadora da arte e parte do grupo de feministas radicais *Redstockings*; Roxanne Dunbar, historiadora, militante do *American Indian Movement*, dirigente feminista e editora da publicação *No more fun and games: a journal of female liberation*; Joan Jordan era uma militante feminista<sup>320</sup>; Diane di Prima era amiga pessoal de Randall e uma das mais importantes poetisas *beatniks*; Marge Piercy, poeta e escritora, fazia parte do grupo *Students for a Democratic Society*, ativista contrária a guerra do Vietnã e se identificava com o feminismo marxista; Juliet Mitchell foi uma intelectual britânica influente da *New Left*, além de escritora e psicanalista<sup>321</sup>. Além delas, traduziu textos de dois homens: William Hinton, marxista e maoista; e Jorge Risquet Valdés, Ministro do Trabalho na Cuba revolucionária.

Os textos de Joan Jordan, William Hinton e Jorge Risquet Valdés respectivamente intitulados *La situación de la mujer norteamericana. La explotación económica de las mujeres*, *La Liberación de las mujeres en la China revolucionaria* e *La mujer y el desarrollo en Cuba*, inseriu uma perspectiva internacionalista e estabeleceu um diálogo transnacional ao abordar os casos específicos dos Estados Unidos, da China e de Cuba. Através deles, Randall apresentou experiências concretas da busca por transformar a realidade das mulheres e a relação entre “os sexos”<sup>322</sup>, demonstrando seu interesse em compreender de que forma esses movimentos revolucionários impactaram a vida das mulheres. A perspectiva transnacional pode ser percebida também na dedicatória do livro as “mis hermanas de Vietnam”, compreendidas como “nuestras hermanas que ya son ‘nuevas mujeres’ y que están creando un nuevo mundo con su valor casi sobrehumano en la lucha”<sup>323</sup>. Randall assumia uma perspectiva teórica feminista que

---

318 Mais informações em: <<https://www.nytimes.com/2006/11/10/arts/10willis.html>>

319 Mais informações: <<https://archives.lib.duke.edu/catalog/peslikisirene>>

320 Não encontramos mais informações a seu respeito.

321 Mais informações: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u5053.shtml>>

322 Randall, assim como outras autoras do período, usam o termo “sexo” e não o conceito de “gênero”. Contudo, ao usar “sexo” e “diferença sexual”, acreditamos que considera não apenas questões biológicas e físicas, mas sim as diferenças dos papéis sociais impostos a cada sujeito na cultura Ocidental, de maneira genericada, sendo este um conceito *cultural, histórico e relacional*. Por isso, nós optamos por usar o termo “gênero”, compreendendo que tem o sentido similar ao adotado pela autora ao usar o “sexo” como conceito, e dialogando com os conceitos e termos já estabelecidos entre estudiosas e estudiosos de gênero e sexualidade na historiografia e nas ciências sociais.

323 RANDALL, Margaret. *Las mujeres*. México: Siglo XXI, 1970, *passim*



era também revolucionária, em que as mulheres, através de uma participação ativa na luta por libertação nacional, teriam condições de transformar seu lugar na sociedade, tornando-se as “nuevas mujeres”<sup>324</sup>. Essa abordagem nos chamou atenção e definiu de antemão o olhar que orientou a interpretação de Randall sobre a América Latina, a relação que constituiu com os processos revolucionários, principalmente o cubano e o sandinista<sup>325</sup>.

Para teóricos/as decoloniais, mesmo as teorias progressistas e revolucionárias produzidas no Norte global, não romperam completamente com o eurocentrismo, incluindo o pensamento marxista e feminista. Dessa forma, as feministas negras e *chicanas* teriam limites políticos e de consciência para interpretar e compreender a realidade do Sul global. Como afirmou Edgardo Lander, estes pensamentos continuaram se baseando em saberes e racionalidades Ocidentais, muitas vezes reproduzindo pretensões universais: “o marxismo, a crítica mais radical a sociedade capitalista não escapa do eurocentrismo e do colonialismo característico dos saberes modernos hegemônicos.”<sup>326</sup> Nancy Fraser, ao observar as teóricas estadunidenses progressistas e das esquerdas, considerou que elas se mantinham dentro do espectro hegemônico, ao mesmo tempo em que propunham um debate divergente do discurso dominante:

Transgredindo uma cultura política que privilegiava atores que se colocavam como classes definidas nacional e politicamente domesticadas, eles desafiaram as exclusões de gênero dentro da social-democracia. Problematicando o paternalismo do Estado do bem-estar social e a família burguesa, os feminismos expuseram o profundo androcentrismo da sociedade capitalista. Politizando “o pessoal”, expandiram as fronteiras de contestação para além da redistribuição socioeconômica – para incluir o trabalho doméstico, a sexualidade e a reprodução.<sup>327</sup>

A partir da análise do prefácio, da biografia das autoras e da leitura dos textos contidos em *Las mujeres*, consideramos que a seleção teórica e política feita por Randall acerca do que traduziu para suas “irmãs latino-americanas”, foi uma tentativa de se afastar das teóricas feministas liberais, que dominavam a cena da política feminista internacional na época. Para

---

324 Debate relacional com a perspectiva de “Homem novo” desenvolvida por Che Guevara no texto intitulado *El socialismo y el hombre en Cuba* (1965).

325 Como já vimos, Randall também se envolveu com outros projetos revolucionários, principalmente devido a sua atuação transnacional e internacionalista. Destacamos aqui seu trabalho no Peru de Velasco Alvarado e com as mulheres chilenas vinculadas ao MIR.

326 LANDER, Edgardo. Marxismo, eurocentrismo e colonialismo. In.: *A teoria marxista hoje*. Problemas e perspectivas. Buenos Aires: CLACSO, 2007, p.222-260, p.229

327 FRASER, Nancy. Mapeando a imaginação feminista: da redistribuição ao reconhecimento e à representação. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 15(2):240, 2007, p.295

isso, Randall concentrou o debate na relação entre gênero e classe como uma questão fundamental para se pensar a realidade das mulheres. Este não era um movimento isolado dela, conforme demonstrou Luciano Fabbri:

La interrelación entre género y clase, si bien subestimada por el feminismo liberal burgués que construyó agenda en función de las experiencias de las mujeres de clase media, ha sido objeto de problematización teórica por parte de las feministas socialistas, marxistas y anarquistas, al menos desde fines del siglo XIX y principios del XX, y cobró mayor fuerza a partir de la segunda ola del feminismo en la década del setenta, con los aportes de feministas radicales y materialistas.<sup>328</sup>

Nos limites expressos em sua função de “ponte” e “tradutora” do feminismo estadunidense para a América Latina, através do qual ela acreditava possibilitar o florescimento do feminismo ao sul do Rio Grande, Randall se aproximava das feministas socialistas na década de 1970. Segundo Chandra Mohanty, essas mulheres criticavam uma “teoria marxista masculinizada”, que chamamos de patriarcal, mantendo um alinhamento com um “feminismo imperialista”, porque se mantinha pretensamente universal mesmo que socialista ou radical. Na década de 1960, elas não romperam com as questões raciais e heteronormativas do movimento de mulheres da “segunda onda” estadunidense. Posteriormente, principalmente na década de 1980, houve a inclusão da dimensão racial, de cor, etnia, classe e sexualidade por parte das “feministas de cor estadunidenses” como Angela Davis, bell hooks, Patrícia Hills Collins, Audre Lorde e Glória Anzaldúa - as duas últimas com quem Margaret Randall estabeleceu algum nível de diálogo, que podemos observar por meio de cartas pessoais trocadas com Lorde e artigos publicados nas mesmas revistas que Anzaldúa, ao longo da década de 1980<sup>329</sup>.

Essas mulheres, lidas e traduzidas por Randall, reivindicaram os temas da produção/reprodução feminina, da família e do trabalho doméstico de maneira mais complexa e relacional a economia e a sociedade capitalista: “Essas pensadoras [feministas socialistas] trouxeram à tona a intrincada relação entre produção e reprodução, o lugar da ‘família’ e do ‘trabalho doméstico’ na economia e nas relações sociais capitalistas, e a relação do capitalismo para o patriarcado”<sup>330</sup>. *Las Mujeres* foi a primeira produção feminista de Randall, posicionando-

328 FABBRI, Luciano. *Apuntes sobre feminismos y contrucción de poder popular*. Santiago: Tiempo Robado editores, Proyección editores, 2017, p.118

329 Documentos que encontramos em pesquisa de campo no *Margaret Randall Archive*, disponíveis no *Center for Southwest Research*, Universidade do Novo México, EUA.

330

Chandra Talpade. *Feminism without border: decolonizing theory, practicing solidarity*. Durham: Duke University Press, 2003, p.04. Tradução nossa.

MOHANTY,

a ao lado do que acreditava ser um discurso contra hegemônico, pois se opunha ao movimento liberal e suas agendas nos marcos da democracia burguesa. Como veremos na análise dos artigos e ensaios publicados por Margaret Randall, o feminismo que defendia e sobre o qual formulava foi se alterando a medida em que se intensificavam suas relações, diálogos, práticas e vivências com as mulheres da América Latina, ao mesmo tempo em que manteve permanente diálogo com as feministas estadunidenses.

Na introdução de *Las mujeres*, Randall finalizou o texto colocando o horizonte de perspectiva da libertação das mulheres como viável apenas a partir da construção da alternativa revolucionária. Para Ciriza, ela “[...] deja fuera de duda la proximidad entre su perspectiva y la de las izquierdas revolucionarias del continente”, defendendo que “[s]i los países socialistas no han logrado un avance significativo, la revolución sexual sin conciencia política no las emancipará”<sup>331</sup>. Para isto, utilizou o conceito da “mulher nova” e demonstrou suas expectativas em relação à Revolução Cubana, tecendo uma crítica ao feminismo liberal<sup>332</sup> que, por si só, não teria condições de provocar mudanças permanentes, estruturais e coletivas, apenas individuais. No contexto em que escrevia, a estadunidense não estava isolada com sua defesa. Pelo contrário, com esta primeira publicação de caráter feminista, Randall se colocou em diálogo direto com o que outras autoras e revistas estavam produzindo e divulgando sobre o tema:

Se inscribe en un horizonte de radicalización política, impregnado por una sensibilidad de izquierda. [...] Los debates, más bien, con énfasis diferentes desde luego, apuntan a pensar los obstáculos del capitalismo, la división sexual del trabajo, las limitaciones sexistas en la percepción de la sexualidad, las dificultades que produce la racialización, las tensiones en los procesos revolucionarios, los límites del marxismo como tradición teórica.<sup>333</sup>

Desde que se colocou como uma intelectual comprometida com a luta pela transformação social e das relações de gênero, Randall se posicionou a partir das esquerdas e do debate marxista, relacionando a libertação das mulheres com a revolução, postura que pode

---

331 CIRIZA, Alejandra. Genealogías feministas, radicalización política e izquierdas en la Argentina de los años 70. *Revista Nomadías*. N.29, 2020, p.199

332 “O chamado ‘feminismo liberal’, que nasceu no século XVIII, desenvolveu-se ao longo do século XIX e teve exatamente Wollstonecraft e Stuart Mill como principais expoentes, é acusado com frequência de possuir um marcado viés de classe. [...] É evidente que as determinações sobrepostas das desigualdades de gênero, classe e raça não aparecem no feminismo do século XVIII e XIX da forma como foram desenvolvidas por parte das feministas posteriores.” (MIGUEL, Luis Felipe. *O feminismo e a política*. BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. *Feminismo e política: uma introdução*. São Paulo: Boitempo, 2014, p.22)

333 CIRIZA, Alejandra. Genealogías feministas, radicalización política e izquierdas en la Argentina de los años 70. *Revista Nomadías*. N.29, 2020, p.202

ser compreendida ao observarmos sua trajetória que, como vimos, foi de aproximação com as esquerdas revolucionárias latino-americanas. Mas esse trajeto foi marcado por contradições e controvérsias, visto que encontrou dificuldades para romper com seus privilégios epistêmicos.

Assim como outras pensadoras/es de sua época, sua análise marxista da situação das mulheres na sociedade contemporânea tinha como uma de suas principais referências o livro de Engels, *A origem da família e da propriedade privada*, publicado em 1884<sup>334</sup>. Segundo Luis Felipe Miguel, essa publicação teve um importante impacto na época “[...] para vincular a organização da esfera doméstica à sociedade mais ampla”<sup>335</sup>. Engels considerava a sustentação da opressão de gênero a partir da divisão sexual do trabalho e da organização da família burguesa, por isso inseriu a redistribuição do trabalho doméstico no centro do debate da transformação da sociedade e das relações de gênero, como parte constitutiva para a superação do sistema capitalista. Como afirmou Randall na introdução de *Las mujeres*, Engels colocou “[...] en tela de juicio la teoría completa de la familia como núcleo”.

A divisão sexual do trabalho foi um conceito aprofundado e utilizado pelas feministas marxistas para demonstrar a forma como o sistema capitalista dividiu o mundo do trabalho a partir da interseccionalidade do gênero, da raça e classe. Entendiam que o homem se colocou como único como responsável pelo trabalho remunerado, feito fora de casa. Enquanto isso, as mulheres foram responsabilizadas pelo trabalho doméstico, de reprodução e sustentabilidade da vida, feitos em sua grande maioria no espaço privado do lar, sem ser reconhecido e não-remunerado. Com isso, elas garantiam a manutenção da vida o funcionamento da dinâmica do trabalhador remunerado, e asseguravam que a engrenagem do sistema capitalista continuasse funcionando ao permitir que “[...] o homem” fosse “liberado para atender a exigências profissionais que lhe” permitissem “maior remuneração e a construção de uma carreira, assim como para usufruir o tempo livre – livre da rotina profissional, mas também das exigências da vida doméstica.”<sup>336</sup> Helena Hirata, apresentou a discussão de forma que nos ajuda a compreender o conceito:

Na teoria da divisão sexual do trabalho enquanto conflito, a dimensão opressão/dominação está fortemente presente. Segundo Danièle Kergoat, que

---

334 Alejandra Ciriza (2020), cita outros textos da mesma época, de outras autoras e autores, que levam como referência a obra de Engels

335 MIGUEL, Luis Felipe. O feminismo e a política. BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. *Feminismo e política: uma introdução*. São Paulo: Boitempo, 2014, p.23

336 BIROLI, Flávia. O público e o privado. BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. *Feminismo e política: uma introdução*. São Paulo: Boitempo, 2014, p.35

conceitualizou essa modalidade de divisão social, divisão social e técnica do trabalho são acrescidas de uma hierarquia nítida do ponto de vista das relações sexuais de poder. Há “consustancialidade” ou “coextensividade”, segundo essa autora, entre relações de sexo e relações de classe, e, mais recentemente na sua teorização, entre relação de sexo/ classe/ “raça” (ou etnia). Há também, segundo ela, dois princípios da divisão sexual do trabalho: a hierarquia (o trabalho masculino tem sempre um valor superior ao do trabalho feminino) e a separação (trabalho masculino e trabalho feminino são distintos).<sup>337</sup>

Segundo Silvia Federici,

Ao negar um salário ao trabalho doméstico e transformá-lo em um ato de amor, o capital matou dois coelhos com uma cajadada só. Primeiramente, ele obteve uma enorme quantidade de trabalho quase de graça e assegurou-se de que as mulheres, longe de lutar contra essa situação, procurariam esse trabalho como se fosse a melhor coisa da vida. Ao mesmo tempo, o capital também disciplinou o homem trabalhador, ao tornar-se ‘sua’ mulher dependente de seu trabalho e de seu salário, e o aprisionou nessa disciplina, dando-lhe uma criada, depois de ele próprio trabalhar bastante na fábrica ou no escritório.<sup>338</sup>

Somou-se a isso a dimensão racial, que complexificou essa relação de gênero e trabalho, ao evidenciar que as mulheres negras e de cor historicamente estiveram no trabalho produtivo, mas submetidas a “dupla jornada” em que acumulavam o trabalho de “reprodução da vida” não-remunerado, com o “trabalho produtivo” precariamente remunerado. Além disso, como denunciado pelas feministas negras, assumiram o trabalho doméstico e de cuidados na casa das mulheres brancas e de classe média para que estas pudessem sair do espaço privado do lar para ocupar postos de trabalho ou a militância feminista – o mundo público. Trabalho este em condições de extrema precariedade.

Para a socióloga feminista e marxista brasileira, Heleieth Saffioti, as mulheres trabalhadoras das camadas baixas da população sempre estiveram ocupadas na produção de bens e serviços e historicamente contribuíram para subsistência da família e criação de riqueza social. Contudo, com o estabelecimento do capitalismo, elas sofreram uma “desvantagem social de dupla dimensão”: no nível superestrutural, a respeito da desvalorização de suas capacidades a fim de se sustentar o mito da supremacia masculina; e no nível estrutural, sendo colocadas na periferia do sistema produtivo. Nesse contexto, a retirada das mulheres burguesas do sistema

---

337 HIRATA, Helena. Mundialização, divisão sexual do trabalho e movimentos feministas transnacionais. *Cadernos de crítica feminista*. Ano III, N. 2, 2009, p. 83.

338 FEDERICI, Silvia. *O ponto zero da revolução*: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2019, p.44

de produção, e a superexploração das mulheres das “camadas inferiores”, se deu de forma simultânea, colocando-as em relações trabalhistas desiguais aos homens e às mulheres das “camadas mais altas”. Assim, segundo Saffioti, no caso das mulheres trabalhadoras, “sua força de trabalho ora se põe no mercado como mercadoria a ser trocada, ora se põe no lar enquanto mero valor de uso que, no entanto, guarda uma conexão com a determinação enquanto mercadoria da força de trabalho do chefe da família.” Define assim, a divisão sexual do trabalho como um elemento profundo que mantém as desigualdades de gênero e sustenta a lógica do capitalismo<sup>339</sup>.

Randall defendia que, além da divisão sexual do trabalho, o conceito de “propriedade privada” sedimentou uma ideia de direito de posse de bens materiais por indivíduos que, posteriormente, foi transferida para as relações de gênero. Ou seja, a “propriedade privada”, somada à submissão das mulheres no sistema capitalista, impôs a elas a condição de propriedade dos homens. Essa perspectiva diverge de algumas outras análises marxistas da historicidade da questão de gênero, como a proposta por Gerda Lerner para quem a apropriação da função sexual e reprodutiva da mulher é anterior e alicerce da ideia de “propriedade privada”<sup>340</sup>. De toda forma, essa condição de “propriedade” no interior da cultura patriarcal, que excluiu as mulheres do espaço público e as relegou ao espaço privado/doméstico, foi a mesma que as responsabilizou exclusivamente pelo trabalho invisível dos cuidados e do trabalho doméstico, vinculado a uma identidade de “boa mãe” e “boa esposa” submetendo-as a uma sobrecarga dupla, as vezes tripla, de jornada de trabalho, somado a não remuneração e, conseqüentemente, prejuízo material e dependência econômica.

Um conceito chave para a presente tese é o de “patriarcado”. Para defini-lo, aproximando-o da discussão proposta por Randall, nos baseamos em três autoras: a socióloga brasileira Heleieth Saffioti,<sup>341</sup> a historiadora estadunidense Gerda Lerner<sup>342</sup>, e a historiadora italiana Silvia Federici<sup>343</sup>. Para Saffioti o patriarcado pode ser resumido, baseando-se em Carole Patman, em relações específicas de gênero que estabeleceu o “direito político dos homens sobre

---

339 SAFFIOTI, Heleieth. Trabalho feminino. In.: *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. São Paulo: Expressão Popular, 2013, p.61-107, *passim*

340 LERNER, Gerda. *A Criação do Patriarcado: História da Opressão das Mulheres Pelos Homens*. São Paulo: Cultrix, 2019 [1986]

341 SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero, patriarcado e violência*. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

342 LERNER, Gerda. *A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens*. São Paulo: Cultrix, 2019.

343 FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, 2017.

as mulheres”, com hierarquias exercidas no espaço público e privado. Saffioti e Lerner reivindicam o caráter histórico da dominação masculina e do patriarcado, para reafirmá-lo como um fato social, desnaturalizando-o. Para Saffioti, é a “economia doméstica” que sustenta a “ordem patriarcal”, assim como o “contrato sexual” e a violência, relações complexificadas a partir das categorias de classe e raça. De acordo com Lerner, o patriarcado mantém sua estrutura fundamentalmente através da “família patriarcal” que “[...] espelha a ordem do Estado e educa os filhos para que a sigam, mas também cria e sempre reforça essa ordem [...]”<sup>344</sup>. Somado a isso, essa estrutura se sustenta a partir da cooperação das mulheres, garantida através da:

[...] doutrinação de gênero, carência educacional, negação às mulheres do conhecimento da própria história, divisão das mulheres pela definição de “respeitabilidade” e “desvio” de acordo com suas atividades sexuais; por restrições e coerção total; por meio de discriminação no acesso a recursos econômicos e poder político e pela concessão de privilégios de classe a mulheres que obedecem.<sup>345</sup>

Como percebemos a partir do diagnóstico de Randall a respeito da situação da mulher latino-americana, todos esses mecanismos de cooperação eram garantidos pelo Estado nacional sob a égide do imperialismo. Discordando dessas origens históricas do patriarcado, que para Saffioti e Lerner remetem as sociedades coletoras e caçadoras, a historiadora italiana Silvia Federicci, vinculou à emergência do patriarcado ao capitalismo, no período de constituição da sociedade Moderna<sup>346</sup>. Para ela, a separação da esfera pública e privada, com o advento da família burguesa, foi um complemento do mercado, “[...] instrumento para privatização das relações sociais e, sobretudo, para a propagação da discriminação capitalista e da dominação patriarcal [...]”<sup>347</sup>. Assim, condenou a mulher a esfera privada, reproduzindo o Estado no seio da família, também acrescentou o “poder moral” dos homens sob as mulheres. Nessa “nova forma histórica” de dominação, o poder sobre os corpos e a “caça as bruxas”, que negou violentamente o acesso das mulheres aos saberes, foram fundamentais para o estabelecimento do patriarcado. Para Federicci, é o patriarcado que, através da divisão sexual do trabalho, garante as engrenagens do sistema capitalista, não podendo se desvincular um sistema de dominação do outro.

---

344 LERNER, Gerda. *A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens*. São Paulo: Cultrix, 2019, p. 266.

345 Ibidem, p. 267.

346 FEDERICCI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, 2017.

347 Ibidem, p. 193.

Ressaltamos que a desigualdade de gênero é uma questão relacional (entre homens e mulheres) e, por isso, foi necessário reconhecer que atinge não só as mulheres, afinal “[l]a deformación de media humanidad necesariamente acarrea la deformación de toda la humanidad”<sup>348</sup>, o que, para Randall, assim como para as teóricas e militantes feministas de esquerda, só uma revolução que repensasse essas relações de gênero em um viés estrutural, seria de fato transformadora. Diferenciavam-se da ideia da “revolução sexual” das estadunidenses liberais que, segundo Randall, era um movimento despolitizado, por não propor uma transformação real da sociedade. Essa sua visão reflete o tensionamento de uma época, do contexto da Guerra Fria e das revoluções, no qual ela estava imersa. A partir desse meio, Randall se afastava das narrativas hegemônicas produzidas nos Estados Unidos, ou seja, se distanciava do feminismo liberal e conservador, que ela classificou como despolitizado. Contudo, sabemos que este tinha uma agenda política bem definida.

Para as feministas que se consideravam de esquerda, como Randall, a transformação da realidade das mulheres e a superação da desigualdade de gênero não se daria a partir de uma luta genérica por “direitos iguais”, mas deveria considerar as diferentes situações em que se encontravam as mulheres, em busca de romper com a cultura patriarcal<sup>349</sup> e de fortalecer as mulheres enquanto irmãs, e não inimigas. A partir da compreensão da diferença de gênero como algo estrutural, que fora social e culturalmente estabelecido, mudariam o mundo ao superar uma compreensão Ocidental de que as mudanças deveriam ser pontuais e as transformações individuais. A luta contra a desigualdade de gênero era, para Randall, algo que andava junto com o compromisso revolucionário, pois “[d]esde esa posición [que] las mujeres pueden examinar su compleja realidad como el único grupo oprimido que es absolutamente necesario en la historia”, aderindo assim, a uma perspectiva biologizante que reivindicava o lugar das mulheres como indispensáveis para a continuidade da vida humana<sup>350</sup>.

Para Randall, as mulheres eram o maior grupo social oprimido por serem metade da população mundial, o que continha maior potencial de tomada de consciência revolucionária pela situação de desigualdade opressão ao qual era submetido. Na introdução de *Las mujeres*, ela sistematizou o debate político que acontecia naquele momento<sup>351</sup>, dividindo o movimento de mulheres em três grupos que, a partir da reprodução da lógica colonial, tinha os EUA como

---

348 RANDALL, Margaret. Introducción. *Las mujeres*. México: Siglo XXI, 1970

349 Randall não utiliza o termo “patriarcado” na introdução de *Las mujeres*.

350 RANDALL, Margaret. Introducción. *Las mujeres*. México: Siglo XXI, 1970

351 Assina o texto da Introdução, desde a Cidade do México, datado em agosto de 1969.



lugar nato da tomada de consciência feminista: “[...] donde la Liberación de las Mujeres ha explotado en la cara de la Nueva Izquierda”. Defendia que de lá, quando saturado o alcance e as conquistas das mulheres estadunidenses, a discussão partiria para outros territórios e adentraria as sociedades latino-americanas, árabes e socialistas, o “terceiro mundo”. Os três grupos eram: 1: as mulheres que trabalhavam para a conscientização de outras mulheres e que escreviam sobre a luta política – que podemos chamar de intelectuais orgânicas; 2: as “mais revolucionárias”, vinculadas as ações práticas e algumas vezes violentas, que consideravam a “educação” praticada pelo primeiro grupo como de elite; e 3: as “reformistas” que atuavam em grupos políticos mistos, como partidos e sindicatos.

Devido as contradições presentes no interior das esquerdas, os dois primeiros grupos se distanciaram dos partidos e coletivos considerados como vanguarda dos movimentos revolucionários. Elas passaram a organizar exclusivamente a luta das mulheres, partindo do princípio de que a revolução necessitava, primeiramente, de mudar as práticas e costumes que mantinham a subjugação feminina. Randall não negou essas contradições e afirmou que “[e]n el Movimiento [das esquerdas], el chauvinismo masculino es fuerte y dominador”. Para explicar o porquê dessas tensões, remeteu a opressão de gênero a época anterior ao capitalismo e, por isso, não facilmente superado nas sociedades que propunham transformações revolucionárias, assim, o fim do sistema capitalista não seria suficiente para o fim da exploração de gênero. Randall defendia que os “países libertados” até aquele momento, Cuba e China, tinham a tarefa de incorporar as questões de gênero no projeto de construção de outro mundo e novos sujeitos<sup>352</sup>, sendo que esta deveria ser uma questão central na construção das novas sociedades que deveriam estar “[...] basadas em una nueva forma de pensar y de sentir nacida de una situación nueva y liberada.”<sup>353</sup>

O terceiro grupo, o das reformistas, foi caracterizado por ela como “menos radicalmente comprometido com a luta das mulheres”, por colocar as pautas feministas no interior de grupos políticos mistos – compostos por homens e mulheres. Era com este grupo que ela se identificava, pois, “[a]quí están incluidas las mujeres que ven la Revolución, correctamente, como una lucha de clases (mi tesis), pero que ven como parte integral de la lucha la necesidad de una verdadera liberación de su sexo”. O que tinha em comum os três segmentos do movimento era a

---

352 Usamos aqui “novos sujeitos” fazendo referência ao “homem novo” de Che, e a “mulher nova”, trazida por Randall e outras autoras.

353 RANDALL, Margaret. *Las mujeres*. México: Siglo XXI, 1970

necessidade de popularizar a luta feminista, de se contraporem ao feminismo branco, de classe média e liberal, ou basicamente o feminismo hegemônico que dominava a cena no período, invisibilizando a realidade da mulher trabalhadora. Apesar de usar o termo mulher, no singular, e não no plural - o que reforçava semanticamente uma não diversidade da realidade das mulheres -, Randall chamou atenção para essas diferenças, ao mesmo tempo em que afirmou: “[...] hay una verdade particular y común a cada mujer”<sup>354</sup>.

Para Mohanty, esta prática discursiva adotada por Randall, de tratar as mulheres no singular, mantinha a reprodução das categorias do Norte global sobre sujeitos não-ocidentais, padronizando a diversidade das mulheres do “terceiro mundo”:

A conexão entre mulheres como sujeitas historicizadas e a representação da Mulher produzida pelos discursos hegemônicos não é uma relação de identidade ou uma relação de correspondência ou uma simples implicação. [...] Eu gostaria de sugerir que os discursos feministas que eu analisei colonizam discursivamente a heterogeneidade histórica e material das vidas das mulheres do Terceiro Mundo, deste modo produzindo/reproduzindo, uma “mulher do Terceiro Mundo” no singular.<sup>355</sup>

Esta prática reflete o privilégio etnocêntrico e universalista do Ocidente que, a partir da colonialidade patriarcal, reduziu os sujeitos “Outros” a sujeitos monolíticos e homogêneos e, por isso, a-históricos<sup>356</sup>. Mohanty considera que esse exercício foi crucial para que o feminismo ocidental pudesse exercer seu poder sobre as mulheres do “terceiro mundo”, ao transformar realidades localizadas em um padrão universal, criando uma falsa ideia de que existe um grupo coeso e único: a “Mulher” que sofre uma opressão comum. Esta perspectiva impôs um binarismo produzido pelo lugar de privilégio ocidental do eurocentrismo: a “Mulher ocidental” educada, moderna, independente etc. *versus* a “Mulher do Terceiro Mundo” ignorante, pobre, mal-educada, vitimizada, ligada às tradições etc. Reproduziu-se, assim, o clássico discurso eurocêntrico da civilização *versus* barbárie<sup>357</sup>. Essa “denúncia” epistêmica de Mohanty demonstra, segundo Marlise Matos, que há uma

[...] necessidade de identificar nessas estratégias, que aparentemente seriam apenas de enunciação, como os feminismos ocidentais estariam se apropriando e efetivamente “colonizando” (portanto, oprimindo ou suprimindo), as complexidades fundamentais e os conflitos que seriam inerentes e que marcam a vida das mulheres de classes, raças,

---

354 Idem.

355 MOHANTY, Chandra Talpade. *Feminism without border: decolonizing theory, practicing solidarity*. Durham: Duke University Press, 2003, p.19. Tradução nossa.

356 O que Mohanty (2003) chama da configuração de uma “Third World difference”.

357 Ver: SAID, Edward. *Orientalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007

religiões, culturas e castas tão diferentes, em prol de uma visão binária e reducionista, e alocando-as invariavelmente na categoria de “as outras”.<sup>358</sup>

Compreender e localizar Randall a partir dessa discussão teórica é importante, como já afirmamos, para analisarmos o seu olhar sobre o “terceiro mundo”. No momento da publicação de *Las mujeres*, vivendo no México, Randall confiava totalmente na capacidade de transformação em curso em Cuba. Chegou a afirmar nesse livro: “Me apasiona una Revolución en la que sean esenciales tanto un hombre nuevo como una nueva mujer”<sup>359</sup>. Mas, com o tempo, ela percebeu e refletiu sobre os limites de transformação da realidade das mulheres nos contextos revolucionários em que esteve. Sua vivência no curso da Revolução Cubana e Sandinista, seu permanente questionamento aos sujeitos envolvidos a respeito do lugar da mulher nesses projetos, foi o eixo de suas reflexões e trabalhos desde a década de 1970 – e arriscamos dizer que até os dias atuais.

Analizamos seus artigos escritos entre 1972 e 1984, posteriormente à publicação de *Las mujeres*, centrados em sua leitura mais ampla a respeito das sociedades latino-americanas. Ressaltamos que esses textos estão alinhados com seu compromisso com o feminismo, com a revolução e com os povos da América Latina, o que impactou em sua leitura do que acontecia ao seu redor. Alguns artigos foram publicados em mais de uma revista e traduzido para mais de uma língua, como o inglês e o holandês, circulando em outros países da América Latina, nos Estados Unidos, no Canadá etc<sup>360</sup>. Esse trânsito reforça nosso argumento do papel da autora enquanto intelectual transnacional e mediadora, seu papel de “ponte”, que interligava debates, além de denunciar o imperialismo e buscar romper o bloqueio imposto pela grande mídia estadunidense, que controlava a narrativa sobre o que acontecia nos países latino-americanos.

## **2.2. Margaret Randall e a condição da mulher latino-americana (1972-1984)**

No início da década de 1970, Randall aprofundou sua discussão a respeito da relação entre o capitalismo e a opressão das mulheres, de que a libertação das mulheres estaria atrelada à revolução socialista. Em seu livro de 1972, *La mujer cubana ahora*, desenvolveu esse assunto

---

358 MATOS, Marlise. Movimento e teoria feminista: é possível reconstruir a teoria feminista a partir do Sul global? *Revista Sociologia Política*, Curitiba, v.18, n.36, 2010, p.75

359 RANDALL, Margaret. *Las mujeres*. México: Siglo XXI, 1970, p.29

360 Alguns textos foram traduzidos para outras línguas e publicados em outros países, como nos Países Baixos, mas, devido ao nosso limite de leitura, abordaremos as produções em espanhol e inglês.

no primeiro capítulo, *No el problema de la mujer sino un problema de la sociedad*, demonstrando os avanços na vida das mulheres nas sociedades revolucionárias do período, especialmente Cuba, China e URSS, além da atuação político-militar das vietnamitas. Randall estava comprometida com esses processos, o que fez com que a defesa dessas experiências revolucionárias fosse elemento central em sua formulação teórica feminista. Essa postura fazia parte do entendimento que tinha a respeito de seu papel enquanto intelectual, compreendendo que deveria divulgar essas experiências ao redor do mundo por meio de artigos, poesia, conferências, fotografias e testemunhos. O objetivo seria o de organizar uma visão diferente da que circulava na época na mídia hegemônica, controlada por interesses imperialistas, locais e coloniais do Ocidente. Como método, também recuperou falas e registros de lideranças políticas e de teóricos da esquerda global, como Marx, Lenin, Che Guevara e Ho Chi Min.

Para Randall, as transformações que o socialismo e a revolução haviam provocado – ou que poderiam provocar – na realidade de muitas mulheres nesses países, e seus processos revolucionários, não eram fruto de uma concessão masculina, mas sim um produto da participação feminina direta nos processos de luta e nas formulações teóricas e políticas da época. Partindo de sua experiência concreta, com uma visita ao Vietnã do Norte em 1973, ela registrou a participação ativa das vietnamitas na luta por libertação nacional, colocando-as como um exemplo a ser seguido pelas mulheres latino-americanas, visto que a experiência cubana não foi marcada pela inserção massiva das mulheres na luta armada<sup>361</sup>. Concentrou parte de seus argumentos em demonstrar a mudança na condição feminina a partir da experiência cubana, ressaltando o papel da Federação de Mulheres Cubanas (FMC)<sup>362</sup>.

No início da década de 1970, recém-chegada a Cuba, Randall considerava que a FMC tinha um papel importante para a mudança do *status* social das mulheres e das relações de gênero, como organização que contribuía para que as mulheres fossem protagonistas em ações do governo revolucionário. Apesar dessa visão defendida por Randall nesse momento, há divergências na historiografia a respeito do papel da organização, ressalvas feitas a partir de uma crítica ao vínculo e submissão da Federação ao Partido Comunista de Cuba (PCC) e, principalmente, à figura de Fidel Castro. Nesse sentido, nos interessa apontar que a própria

---

361 Visita que teve como consequência a publicação do livro de testemunho das vietnamitas: em inglês *Spirit of the People: Vietnamese Women Two Years from the Geneva Accords* (1975) e em espanhol *El espíritu de un pueblo* (1975).

362 Aprofundaremos a respeito da FMC em Cuba, seu papel na revolução e a relação com Fidel Castro, no capítulo 4.

Margaret Randall adotou, posteriormente, uma posição crítica em relação a FMC. Segundo afirmou em entrevista a autora da presente tese, diferentemente do que idealizava e romantizava em princípios de 1970, a FMC não desenvolveu práticas e formulações realmente feministas, de um real compromisso com a superação da desigualdade de gênero, pois estavam submetidas ao limite da redistribuição do “poder” frente a hegemonia masculina da Revolução Cubana<sup>363</sup>.

Randall elencou algumas das ações da FMC de mobilização da participação feminina nas tarefas da revolução. Primeiro, as campanhas de erradicação do analfabetismo, em que atuaram como professoras, além de serem o setor social mais atingido com a campanha, assim, contribuíram com a melhoria da educação no campo e implementação de escolas integrais. Segundo, a preparação das mulheres para integração no trabalho produtivo da fábrica e no trabalho voluntário, com o incentivo para que mais mulheres ingressassem em cursos de formação universitária em profissões diversas e não apenas em cursos tradicionalmente ocupados por mulheres – como a educação e outras profissões ligadas ao cuidado. Somou-se a isso uma maior inclusão delas como dirigentes revolucionárias e oficiais militares. Através do plano de reeducação de prostitutas, estas foram reinseridas no mercado de trabalho. Houve campanhas para consolidação de leis trabalhistas que proporcionasse essa incorporação feminina ao trabalho produtivo, nos termos de direitos para as mulheres trabalhadoras. Destacou ainda a participação ativa das mulheres jovens, que compunham mais da metade da União da Juventude Comunista (UJC), além das mulheres adultas que faziam parte do Comitê Central do PCC, e desempenhavam outras posições de direção política no país, nos *Comités de Defensa de la Revolución* (CDR) e com a participação ativa no exército, experiência que, naquele momento, Randall considerou como excepcional.

Na visão de Randall, a revolução significava, para as mulheres, a superação de uma condição de "cidadã de segunda classe" a partir de uma tomada de consciência ilimitada. Ao mesmo tempo, reconhecia alguns limites do processo revolucionário, como a dificuldade de socialização do trabalho doméstico e como essa condição garantia a reprodução da moralidade burguesa e mantinha a mulher numa condição de propriedade privada, condenando “metade da raça humana”, consolidando-se como um obstáculo para o estabelecimento da sociedade comunista. A “nova vida” proposta pela “nova sociedade”, pelo “homem novo” e a “mulher nova”, deveria romper com os velhos moldes, substituindo-os por liberdades plenas, deveria

---

363 RANDALL, Margaret. *Entrevista concedida à Stella Ferreira Gontijo* em 29 de março de 2024, Albuquerque, Novo México. EUA.

transformar “la vida cotidiana para proyectar gradualmente nuevos valores. Debemos pensar más conscientemente todo esto en relación con las mujeres.”<sup>364</sup>

O “homem novo” e a “mulher nova” foram categorias mencionadas por nós ao longo da tese<sup>365</sup>. Aqui, vale recuperamos essa discussão a partir de dois textos fundamentais para as esquerdas da América Latina na segunda metade do século XX: *El socialismo y el hombre en Cuba*, escrito por Che Guevara em 1965, e dois discursos de Fidel Castro, de 1968 e 1974, publicados no Brasil pela Editora Global, em 1979, sob o título de *O homem novo e a nova mulher em Cuba*. Em síntese, a concepção de “homem novo” defendida por Che Guevara fundava-se em um ideal de guerrilheiro que, em sua dedicação e compromisso revolucionário, indicava as características do “homem do futuro”, que se reeducava na revolução, sendo parte fundamental para a continuidade e consolidação desta. Mantivemos aqui o conceito de “homem” conforme fora utilizado por Guevara porque temos dúvidas se ele de fato incluía as mulheres em sua conceituação. O “homem novo” de Che também se construía na inter-relação entre a massa, o indivíduo e seus dirigentes, responsáveis pela edificação do socialismo, visto por Guevara em duas dimensões: a do indivíduo e da comunidade. Para ele, essa transformação da “nova sociedade” e formação do “homem novo” era um processo que envolvia o desenvolvimento da “[...] consciência na qual os valores adquiram categorias novas. A sociedade em seu conjunto deve se transformar em uma gigantesca escola.”<sup>366</sup> Dessa forma, o “homem novo” surgiria de um processo de autoeducação emanado da necessidade de se adequar à “nova sociedade”:

[...] o indivíduo recebe continuamente o impacto do novo poder social e percebe que não está completamente adequado a ele. Sob a influência da pressão que supõe a educação indireta, ele trata de acomodar-se a uma situação que sente como justa e cuja própria falta de desenvolvimento o tinha impedido de fazê-lo até agora. Ele se auto-educa.<sup>367</sup>

---

364 RANDALL, Margaret. No el problema de la mujer sino un problema de la sociedad. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p.84

365 Abordamos esse tema em outros capítulos da tese. Iniciamos essa discussão em 2019 em uma comunicação apresentada no “Seminário Internacional 60 anos da Revolução Cubana: perspectivas históricas e desafios atuais”, que deu origem ao capítulo “Homem novo e Mulher nova: a tomada da consciência revolucionária em Cuba e na Nicarágua” publicado no livro *Revolução Cubana: perspectivas históricas e desafios atuais* (2021).

366 GUEVARA, Che. O Socialismo e o Homem em Cuba, *Semanário Marcha*, Montevideo. Março de 1965. Reproduzido de GUEVARA, E. *El socialismo y el hombre en Cuba*. *Casa de Las Américas*. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/guevara/1965/03/90.pdf> Acesso: 22/03/2025.

367 Idem.

Guevara admitiu que esse processo era marcado por contradições inerentes aos processos coletivos, em que as vanguardas muitas vezes andavam a frente das massas e tinham que retroceder a fim de manter o vínculo, para que avançassem conjuntamente; também a revelia dos reveses da condição humana: “As vanguardas têm os olhos voltados para o futuro e sua recompensa, mas esta não é vista como algo individual; o prêmio é a nova sociedade, na qual os homens terão características diferentes: a sociedade do homem comunista.”<sup>368</sup> A juventude era um setor importante por ser maleável, por estar em processo de formação moral, no qual o trabalho era considerado fundamental para constituição do “homem novo”: “O trabalho em certos casos é um prêmio, em outros um instrumento de educação, mas nunca um castigo. Uma nova geração nasce.”<sup>369</sup>

Em entrevista a autora da tese, em 2024, Randall, afirmou, acerca dessa temática, que acreditava que Che incluía as mulheres em sua concepção de “homem novo”, tendo utilizado o termo “homem” em decorrência do uso hegemônico do masculino na comunicação e na linguagem. Para ela, Guevara, assim como Castro, apesar de não ser um “homem feminista”, tinha ideias avançadas a respeito da participação feminina, inclusive incorporando mulheres em espaços de liderança. Na entrevista, defendeu que ambos, Fidel e Che, não podem ser compreendidos fora da época em que cresceram e foram educados, isto é, em sociedades machistas e sexistas, mas que, ainda assim, estiveram dispostos a mudar de opinião e a avançar na discussão das transformações dos papéis de gênero<sup>370</sup>. Porém, em 1992, não pensava exatamente isso, pois uma das grandes críticas de Randall à Revolução Cubana era o afastamento das mulheres dos espaços de poder<sup>371</sup>.

O livro *O homem novo e a mulher nova em Cuba*, apresenta esses dois conceitos a partir de dois discursos de Fidel Castro: “A grande tarefa da Revolução é formar o Homem Novo”, proferido em 1968 no ato em comemoração ao 15º aniversário do ataque ao quartel Moncada; e “A mulher cubana e a Revolução”, proclamado no encerramento do segundo congresso da FMC em 1974. Ao falar da construção do “homem novo” como o sujeito de consciência verdadeiramente revolucionária e socialista, Fidel Castro fazia referência direta ao que tinha

---

368 Idem.

369 Idem.

370 RANDALL, Margaret. *Entrevista concedida à Stella Ferreira Gontijo* em 23 de janeiro de 2024, Albuquerque, Novo México. EUA.

371 Ver: RANDALL, Margaret. *Gathering Rage: The Failure of Twentieth Century Revolutions to Develop a Feminist Agenda*. New York: Monthly Review Press, 1992.

proposto Che Guevara. Para ele, era na juventude que repousava a maior expectativa a esse respeito, seriam os jovens *per si* o futuro da revolução. Futuro este que estava atrelado não apenas a capacidade de defesa militar, mas se encontrava fundamentalmente “[...] no grau em que penetrou as suas consciências, pelo tão elevado grau em que se transformou na consciência do povo. E quando uma causa, uma ideia, se torna a consciência do povo, não existe força no mundo capaz de a destruir.”<sup>372</sup> Somente o homem<sup>373</sup> com mais alto grau de consciência social seria capaz de conquistar a construção da sociedade realmente comunista que, segundo ele, não tinha sido alcançada em lugar algum até aquele ano de 1968:

[...] uma sociedade comunista significa que o ser humano foi capaz de adquirir o nível de compreensão e de confraternização e fraternidade que o homem alcança por vezes no estreito círculo da família. Viver numa sociedade comunista, é viver numa sociedade verdadeiramente de irmãos; viver numa sociedade comunista é viver sem egoísmo, viver entre o povo e com o povo, como se realmente cada um dos nossos concidadãos fosse o nosso irmão mais querido.<sup>374</sup>

Ao reproduzir essa ideia de família como local da igualdade e da solidariedade, Castro expressou uma leitura generificada da família, em que não considerou a submissão feminina historicamente marcada nesse espaço privado do lar. O que também revela os limites impressos na concepção de “homem novo”, discussão balizada pelo sujeito masculino, na superação de sua realidade e atribuições na sociedade capitalista. Ao mesmo tempo, buscava superar uma visão do marxismo ortodoxo da necessidade de dar prioridade as questões materiais, para, posteriormente, se ocuparem da cultura. Castro colocava o comportamento e pensamento social no mesmo grau de superação para construção da sociedade comunista. Nesse sentido, afirmou: “[...] na mesma medida em que as forças produtivas se desenvolvem, cada passo em frente das forças produtivas tem de ser acompanhado por um passo em frente na consciência dos revolucionários, na consciência do povo.”<sup>375</sup> Além do papel da juventude, Fidel Castro colocava o trabalho como meio para integração do indivíduo a sociedade como força coletiva, o que se fazia indispensável para o desenvolvimento da consciência revolucionária até que alcançassem uma mentalidade e atitudes comunistas:

---

372 CASTRO, Fidel. O homem novo e a mulher nova em Cuba. São Paulo: Editora Global, 1979, p. 16.

373 Mantivemos aqui o uso do substantivo masculino “homem” e das palavras no gênero masculino porque foi dessa forma que Fidel se expressou nesse discurso. Acreditamos que o gênero expresso no discurso é um elemento marcador de sentido e não apenas o senso comum do uso do masculino no sentido do universal.

374 Ibidem, p. 17-18.

375 Ibidem, p. 19.



Há o heroísmo do combate nos momentos de perigo, do jovem que generosamente oferece a vida e há o heroísmo do trabalho revolucionário, criador, do jovem que oferece o seu suor, os seus braços, o seu tempo, que é capaz de ir para a frente, travar essa batalha pelo futuro da pátria. Felizmente compreendemos o que fazemos, compreendemos o que queremos e porque queremos. E por isso, na mesma medida em que a consciência do povo se desenvolve, a marcha da Revolução será mais rápida, a marcha da Revolução será mais vitoriosa.<sup>376</sup>

No discurso de encerramento do congresso da FMC, Castro iniciou tratando das mulheres a partir de uma perspectiva universal. Ao saudar as delegações estrangeiras, caracterizou as mulheres como partícipes de uma mesma realidade de exploração, o que produzia uma “comunidade de ideais” baseada em “desejo de justiça”, inserindo os “problemas da mulher cubana” como similar aos problemas da maioria das mulheres do mundo. Foi nesses termos que inseriu a luta feminina no interior do processo de libertação nacional: após a vitória revolucionária “[...] as mulheres devem continuar lutando pela sua própria libertação, dentro da sociedade humana”<sup>377</sup>. Portanto, reconhecia dois níveis de problemas a serem superados: material e de consciência, ou problemas objetivos e subjetivos. No nível da consciência, do subjetivo, que podemos aproximar seu reconhecimento da desigualdade que afligia as mulheres cubanas e do mundo todo, com a discussão do “homem novo”. Para essa tarefa, a FMC deveria desempenhar uma função primordial: “[...] é necessária uma organização de massas como esta, uma vez que a mulher tem que enfrentar numerosas tarefas no seio do processo revolucionário.”<sup>378</sup> Deveria alterar o nível político e de desenvolvimento cultural feminino, em contraposição ao isolamento cultural e político ao qual estavam submetidas no interior da sociedade capitalista.

Em seu discurso, Fidel Castro colocou a luta pela igualdade e libertação feminina como uma batalha histórica que deveria ser enfrentada a partir daquele ano de 1974. Essa batalha para transformar a consciência de ambos os sexos, deveria ser de toda sociedade e não apenas das mulheres. Enquanto isso não ocorresse, a revolução não estaria completa. Para alcançar esse propósito, a integração no trabalho produtivo era primordial, porque reorganizava as relações sociais e o trabalho reprodutivo. Contudo, apesar do reconhecimento da necessidade de superação de questões materiais e morais, ao afirmar a importância da contribuição feminina para o processo revolucionário, Fidel afirmou que se entendia como: “[...] um apoio, é uma

---

376 Ibidem, p. 38.

377 Ibidem, p. 48.

378 Ibidem, p. 51.

ajuda que tem um importante significado material. Todavia, tem uma importância maior do ponto de vista moral. Chama-se isso de consciência política, chama-se de consciência revolucionária, chama-se de aprofundamento ideológico!”<sup>379</sup>

A ideia de “mulher nova” não era uma novidade do discurso do Fidel Castro ou do processo revolucionário cubano. Já havia sido desenvolvida pela teórica russa Alexandra Kollontai na primeira metade do século XX, que, assim, definiu a “mulher nova”:

[...] “tipo de heroína” desconhecido anteriormente; heroínas que se presentan a la vida con exigencias propias; heroínas que afirman su personalidad; heroínas que protestan de la servidumbre de la mujer dentro del Estado, en el seno de la familia, en la sociedad; heroínas que saben luchar por sus derechos. Representan a un nuevo sexo. Son mujeres “célibes”, denominación la más apropiada que podemos dar a este nuevo tipo de mujer.<sup>380</sup>

No ponto de vista de Kollontai, as “mulheres novas”, em uma concepção ideal, deveriam ser de todas as idades, classes sociais e nacionalidades. Deveriam ser trabalhadoras, lutadoras, produtoras de arte e sonhadoras de um mundo diferente, rompendo, assim, com o papel tradicional que lhes era conferido até então, reafirmando sua existência e a capacidade feminina. Não deveriam se iludir com a ideia romântica do casamento e nem aceitar serem convertidas à “sombra do marido”. Mesmo reconhecendo as dificuldades para superação dessas “programações seculares”, Kollontai afirmava que:

[...] es muy difícil librarse de esta facultad de la mujer, formada en el transcurso de centenares de siglos, de asimilación al hombre que el destino le da dado por “amo”. ¡Cuán difícil es convencerse de que para la mujer es también un crimen renunciar a sí misma, aun en favor del hombre amado, en nombre del amor!<sup>381</sup>

Por isso, ela concluiu que a única forma de suplantar as configurações dos papéis de gênero e de fato emancipar a “mulher nova”, seria através da superação da sociedade capitalista, visto que a “mujer moderna”, denominada “célibe”, era “hija del sistema económico del gran capitalismo”. Kollontai reconhecia que um modelo de feminilidade, emergia da vida das mulheres que passaram a integrar as massas de trabalhadores/as que, da dependência do marido foram “aprisionadas de novo a dependência econômica do capital”. Essas mulheres foram

---

379 Ibidem, p. 78.

380 KOLLONTAY, Alejandra. *La mujer nueva y la moral sexual*. Madrid: Ediciones Hoy, 1931, p. 30.

381 Ibidem, p. 50-51.

obrigadas a superar a moral sexual que as inculcou com “virtudes femininas” que não lhes eram úteis, como a doçura, a submissão e a passividade, assumindo virtudes consideradas masculinas, como a firmeza, a decisão e a energia:

Gradualmente, de una manera inevitable y poderosa, se desarrolla el proceso de la acumulación de nuevos caracteres morales y espirituales de la mujer obrera, caracteres que le son indispensables como representantes de una clase determinada. [...] Al arrancar del hogar, del lado de la cuna, a millares de mujeres, convierte el capitalismo a estas naturalezas sumisas y pasivas, a las esclavas obedientes del marido, en un ejército que lucha por sus propios derechos y por los derechos y los intereses de la comunidad humana; hace que se despierte el espíritu de protesta y educa la voluntad.<sup>382</sup>

Dessa forma, Kollontai vinculou a realidade da mulher trabalhadora com sua tomada de consciência revolucionária, atrelando a luta por direitos e libertação feminina ao estabelecimento da sociedade comunista, à criação de um novo tipo de vida, à uma transformação na estrutura socioeconômica da sociedade. Podemos vincular essa nova realidade idealizada por Kollontai à “nova sociedade” debatida pelas revoluções latino-americanas, na segunda metade do século XX.

Retomando os trabalhos de Randall, em 1973, como já apontamos, ela avançou em seu diagnóstico da condição da mulher latino-americana, extrapolando a experiência cubana em seu livro *Sobre la situación de la mujer*, publicado pelo *Centro de Estudios de Participación Popular* (CENTRO)<sup>383</sup>, instituição peruana para qual foi contratada para realização de um trabalho com as mulheres durante o governo do general Velasco Alvarado (1968-1975). A partir de sua vivência no país, e de seu acúmulo anterior, realizou entrevistas com diversas mulheres peruanas, publicadas em *¿Como vive la mujer trabajadora en el Perú?* (Sinamos, 1974). Sem conter as entrevistas, o livro publicado pelo CENTRO continha artigos que Randall escreveu para uma série de palestras que promoveu no país a convite da mesma instituição. Nessas conferências ela apresentou uma “visión crítica del movimiento feminista y su significado para la mujer trabajadora latino-americana”<sup>384</sup>. O intelectual, ativista, antropólogo peruano e

---

382 Ibidem, p. 100-101.

383 Também publicado como: RANDALL, Margaret. La penetración imperialista y sus consecuencias para la mujer latinoamericana. In.: *Santiago*. Revista de la Universidad de Oriente, nº15, julho-setembro de 1974, p.227-247

384 RANDALL, Margaret. *Sobre la situación de la mujer*. Lima, Peru: Sistema Nacional de Apoyo a la Movilización Social; Centro de Estudios de Participación Popular, 1973.

membro do CENTRO, Stefano Varese, na introdução ao livro, resumiu Margaret Randall como uma ativista política e patriota de “uma só América”<sup>385</sup>.

No Peru e na América Latina grande parte da massa de trabalhadores/as e camponeses/as participava da luta pela reforma agrária, influenciando seus filhos/as a se somarem a essa luta que poderia transformar a condição de vida no campo: “[...] asombrado al hombro defendiendo el derecho a asentar su miseria en algún arenal”. Nesse contexto, segundo Randall, as mulheres compreendiam a necessidade de superação dos papéis “biológicos” impostos pela sociedade dependente e subdesenvolvida, reflexo das formas de integração das mulheres à luta política. Entendiam que se a revolução não as integrasse e não as considerasse como sujeito político, social e econômico, seria uma revolução pela metade: “porque una revolución, siendo un cambio social radical, es un cambio en la vida cotidiana, una subversión de los valores y de las normas que regían la sociedad anterior.” Randall, nesse sentido, defendia que a revolução deveria ter em seus objetivos a superação da divisão sexual do trabalho, projetando as mulheres como parte das atividades criadoras e produtivas. Assim, a libertação das mulheres configurava como parte integral da luta revolucionária<sup>386</sup>.

Com sua visão crítica a respeito do movimento feminista hegemônico Randall propôs, em seu livro *Sobre la situación de la mujer*, uma reflexão sobre o significado desse movimento, nos marcos de sua configuração universal, para a mulher trabalhadora e camponesa da América Latina. Essa revisão em sua leitura do feminismo surgiu ao perceber como as mulheres latino-americanas estavam submetidas ao mais alto grau de exploração capitalista e que, por isso, cada

---

385 VARESE, Stefano. Presentación. RANDALL, Margaret. *Sobre la situación de la mujer*. Lima, Peru: Sistema Nacion al de Apoyo a la Movilizacion Social; Centro de Estudios de Participación Popular, 1973, p.1-3

386 Apesar de Randall e o próprio governo de Velasco Alvarado usarem o termo revolucionário, devemos considerar que, segundo Adriane Vidal Costa: “Em 1968, o General Velasco Alvarado chegou ao poder por um golpe de Estado com a missão de instituir um governo revolucionário das Forças Armadas e com o objetivo de derrotar as oligarquias e levar a cabo grandes transformações sociais em benefício de amplos setores populares. Não há consenso na historiografia na definição do governo Velasco Alvarado que, de modo geral, é caracterizado como reformista, corporativista, nacionalista e revolucionário. Grande parte das reformas foi implementada pelo governo por meio de decretos e leis, o que levou Dirk Kruijt (1991) a definir essa experiência como ‘revolución por decreto’. [...] Darcy Ribeiro (1971) considerava o governo de Velasco Alvarado dentro da categoria analítica dos regimes nacionalistas modernizadores que, de um modo geral, tinham como principal característica a de integrar econômica, social e culturalmente “as massas marginalizadas da população” ao sistema por meio da realização de profundas reformas. No entanto, no caso do Peru, essas reformas, segundo Darcy Ribeiro (1972, p. 06), assumiram o caráter de uma revolução político-social protagonizada pelos militares, pois, nesse processo, as elites tradicionalmente dominantes foram destituídas do poder ao serem desarticuladas as antigas bases de uma ordenação socioeconômica fundada no latifúndio e na submissão às empresas estrangeiras. Além do mais, foi uma experiência de caráter revolucionário por forjar uma clara orientação [anti-imperialista e nacionalista.]” COSTA, Adriane Vida; PALTÍ, Elias J. [Org.] *História intelectual e circulação de ideias na América Latina nos séculos XIX e XX*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2021, p. 87-88.

vez mais estavam integradas às lutas por libertação nacional. Para construção de um outro feminismo, ela reivindicou o legado e vida de algumas mulheres latino-americanas, a fim de reivindicar uma ascendência de luta das mulheres na região. Por isso, lembrou, no referido livro, de Tamara Bunke, guerrilheira argentina; Michelle Firk, guatemalteca; Urselia Díaz Baez, cubana, considerada como a primeira mulher mártir da luta clandestina do Movimento 26 de Julho; Nora País, sandinista; Ana María Villarreal de Santucho, argentina; Epifania Zuñiga, mexicana; Mónica Ertl, alemã guerrilheira na Bolívia, conhecida por ter participado de uma ação de vingança ao assassinato de Guevara; as mulheres tupamaras do Peru, que reivindicavam ser descendentes de Micaela Bastidas, resistente indígena do século XVIII que comandou tropas na “revolução de Tupac Amaru II”, considerada uma das heroínas da luta pela independência do Peru; e a religiosa Sor Juana Inés de la Cruz, escritora e filósofa mexicana do período colonial, considerada por alguns como a primeira escritora de língua espanhola na América.

Para compreender a situação imposta às mulheres latino-americanas, Randall recorreu a uma perspectiva histórica, retomando as relações de gênero desde o momento que considerou como o “início da civilização”, localizando a “condição da mulher” no longo prazo, e não como uma novidade do século XX. Com o marco temporal da “civilização” fazia referência ao surgimento da sociedade capitalista Ocidental, que teria imposto uma série de relações desiguais, de exploração e contradição, advindas com o estabelecimento da “sociedade de classes”. Frente a essa realidade, a alternativa para libertação feminina residia na sociedade socialista. Para Randall, antes do sistema capitalista, nas sociedades indígenas anteriores à Conquista e a colonização, as mulheres eram “iguais aos homens”, caracterizando a colonização como marco histórico da “conquista das mulheres”, que introduziu uma organização e mentalidade generificada nessas sociedades.

Essa é uma discussão recorrente nos estudos decoloniais, protagonizado pelas teóricas Maria Lugones e Rita Segato. A defesa de Randall sobre a ausência de diferença de gênero se aproxima do que defendeu Lugones. Para essa teórica argentina o estabelecimento das diferenças de gênero como marcador de hierarquia social foi elemento fundante do mundo Colonial/Moderno nos termos propostos por Aníbal Quijano. Nesse caso, o gênero esteve atravessado pelas categorias de raça e classe no estabelecimento da submissão e da violência de gênero, marcado pela disputa pelo controle do “acceso sexual, sus recursos y productos”. Mas, além disso, também foi definidor do “trabajo como racializado y engenerizado simultáneamente.

Es decir, reconocen una articulación entre trabajo, el sexo, y la colonialidad del poder.”<sup>387</sup> Na modernidade houve uma organização racializada das relações de gênero que subordinou e desproveu de poder as mulheres, instituindo-se as relações patriarcais da Modernidade. Nesse sentido que Lugones defendeu a dicotomia homem/mulher, a heterossexualidade e o patriarcado como construções das organizações coloniais/modernas. Essa autora percebeu a colonialidade como responsável pela inserção de diferenças de gênero nas sociedades que habitavam o território posteriormente chamado de América, tendo sido a colonização um processo de dupla inferiorização para as mulheres ameríndias e não-brancas - de raça e de gênero – com a implantação do estado colonial racista, heteronormativo e patriarcal:

Como el capitalismo eurocentrado global se constituyó a través de la colonización, esto introdujo diferencias de género donde, anteriormente, no existía ninguna. [...] el alcance de las diferencias de género era mucho más abarcador y no se basaba en lo biológico. [...] la inferiorización de las mujeres indígenas está íntimamente ligada con la dominación y transformación de la vida tribal. [...] Para nosotros/as, es importante pensar en estas colaboraciones cuando pensamos en la indiferencia a las luchas de las mujeres contra formas múltiples de violencia contra ellas y contra sus mismas comunidades racializadas y subordinadas. El colonizador blanco construyó una fuerza interna en las tribus cooptando a los hombres colonizados a ocupar roles patriarcales. [...] Esos cambios se introdujeron a través de procesos heterogéneos, discontinuos, lentos, totalmente permeados por la colonialidad del poder, que violentamente inferiorizaron a las mujeres colonizadas.<sup>388</sup>

Lugones não negou a existência de diferentes funções sociais entre mulheres e homens nas sociedades ameríndias, mas observou que antes da colonização estas não eram definidoras de uma hierarquia social baseada no sexo-gênero-raça. Essa compreensão é similar à que foi defendida pela socióloga nigeriana Oyèrónkẹ Oyěwùmí ao analisar a sociedade iorubá<sup>389</sup>. Segundo seus estudos, o domínio colonial foi fundamentalmente “viril, paternal e senhorial”, marcado pela masculinidade, impondo uma organização social e cultural patriarcal que utilizou do sexo dos/as colonizados/as e da consequente invenção do gênero e da raça para definir hierarquias, categorias que ela defendeu serem notoriamente ocidentais:

O surgimento da mulher como categoria identificável, definida por sua anatomia e subordinada aos homens em todas as situações, resultou, em parte, na imposição de um Estado colonial patriarcal. Para as fêmeas, a colonização era um duplo processo

---

387 LUGONES, Maria. Colonialidad y género. Revista Tabula Rasa. N.9, jul./dez. 2008, p. 99.

388 Ibidem, *passim*.

389 OYEYUMÍ, Oyèronké. *A invenção das mulheres*. Construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

de inferiorização racial e subordinação de gênero. [...] A criação de “mulheres” como categoria foi uma das primeiras realizações do Estado colonial.<sup>390</sup>

Sua argumentação foi construída na compreensão de que havia diferentes funções marcadas pelo gênero nessas sociedades africanas anteriores a colonização europeia. Contudo, da mesma forma como Lugones afirmou a respeito das sociedades ameríndias latino-americanas, nas sociedades analisadas por ela o sexo-gênero, assim como a raça, não eram categorias sociais capazes de estabelecer hierarquias e relações de poder. Oyěwùmí identificou que a idade/geração era a principal categoria definidora de autoridade e poder entre os/as iorubás. Ao mesmo tempo, o Estado colonial se organizou a partir do empoderamento masculino e da subordinação das mulheres, condição atravessada pela raça. Sua pesquisa partiu inclusive de uma crítica ao olhar eurocêntrico da ciência e das pesquisas de humanidade que partem das categorias de gênero como previamente existentes em todas as sociedades. Para ela o gênero não é algo universal, atemporal e organizador de todas as sociedades, nos convidando a alterar nosso olhar para “as outras” silenciadas:

Efetivamente, tornar o gênero visível também é um processo de criação do gênero. Assim, a investigação acadêmica está implicada no processo de criação do gênero. [...] o gênero, sendo uma construção social, é também um fenômeno histórico e cultural. Consequentemente, é lógico supor que, em algumas sociedades, a construção de gênero não precise ter existido.<sup>391</sup>

Já Rita Segato se opôs a essa interpretação ao afirmar que nessas sociedades anteriores à colonização europeia havia um “patriarcado de baixa intensidade”<sup>392</sup>. Com esse conceito, ela admite que “as relações de gênero se viram modificadas historicamente pelo colonialismo”, ao mesmo tempo em que afirma que o patriarcado não foi uma invenção do Ocidente e da Modernidade. Para Segato a colonialidade foi responsável por “potencializar as relações de poder autoritárias e hierárquicas no interior do mundo-aldeia”, o que incluiu as relações sexo-gênero. Ao contrário de Oyěwùmí, Segato defendeu o gênero como uma questão universal e transversal presente em todas as sociedades, motivo pelo qual caracterizou o encontro da ordem

---

390 Ibidem, p. 189.

391 Ibidem, *passim*

392 SEGATO, Rita. Gênero e colonialidade: do patriarcado comunitário de baixa intensidade ao patriarcado colonial-moderno de alta intensidade. *Crítica da colonialidade em oito ensaios e uma antropologia por demanda*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021, p. 85-120 e SEGATO, Rita. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. *e-cadernos CES* [Online], N.18, 2012. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/eces/1533#quotation>> Acesso: 03/04/2025.

colonial com o mundo-aldeia como o momento de “entroncamento de patriarcados”<sup>393</sup> que deu ainda mais poderes aos homens, incrementando as diferenças sociais com a imposição da raça, conferindo uma maior outridade às mulheres racializadas:

Dados documentais, históricos e etnográficos do mundo tribal, mostram a existência de estruturas reconhecíveis de diferença semelhantes ao que chamamos relações de gênero na modernidade, que incluem hierarquias claras de prestígio entre a masculinidade e a feminilidade, representados por figuras que podem ser entendidas como homens e mulheres. Apesar do caráter reconhecível das posições de gênero, nesse mundo são mais frequentes as aberturas ao trânsito e à circulação entre essas posições que se encontram interditas em seu equivalente moderno ocidental. [...] Também são reconhecíveis, no mundo pré-intrusão, as dimensões de uma construção da masculinidade que acompanhou a humanidade ao longo de todo o tempo da espécie, o que eu chamei “pré-história patriarcal da humanidade”, caracterizada por uma temporalidade lentíssima [...] Isto indica, por um lado, que o gênero existe, mas de uma forma diferente da que assume na modernidade. E, por outro, que quando essa colonial / modernidade intrude o gênero da aldeia, modifica-o perigosamente. Intervém na estrutura de relações da aldeia, apreende-as e as reorganiza a partir de dentro, mantendo a aparência de continuidade, mas transformando os sentidos, ao introduzir uma ordem agora regida por normas diferentes.<sup>394</sup>

Além da negação do gênero e do patriarcado nas sociedades anteriores à colonização Randall, com sua base teórica e seu vocabulário marxista, definiu as sociedades ameríndias como “pré-classistas” ou de “comunismo primitivo”. Baseando-se em Engels, compreendia que a organização familiar no “comunismo primitivo”, ao contrário da “família burguesa”, não se dava em um núcleo familiar monogâmico e na esfera privada, mas sim em uma esfera coletiva e de responsabilidade comunal. Segundo Ciro Flamarion Cardoso, “a explicação marxista tradicional a respeito das sociedades tribais pré-urbanas baseia-se na noção de ‘comunidade primitiva’”, em que muitas eram matriarcais e os homens e mulheres eram “perfeitamente iguais do ponto de vista sócio-econômico”, tese posteriormente refutada por arqueólogos<sup>395</sup>. Nesse sentido, caracterizou o “comunismo primitivo” como uma organização social baseada na divisão e compartilhamento de funções, com ausência de classes sociais e produção para não-acumulação e sem propriedade privada, tendo sido também influenciado pelo que afirmou Engels no livro *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*. Assim podemos perceber que Randall manifestava o olhar de uma época, influenciada pela teoria marxista.

---

393 Ver: PAREDES, Julieta. *Hilando fino desde el feminismo comunitário*. La Paz: Cooperativa El Rebozo, 2013.

394 SEGATO, Rita. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. *e-cadernos CES* [Online]. N.18, 2012, *passim*.

395 CARDOSO, Ciro Flamarion. *América pré-colombina*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981, p. 49-50.



No “comunismo primitivo”, as mulheres não estariam submetidas à “escravidão do trabalho de cuidado” e a “ditadura da casa”, fundamentais para perpetuação do sistema capitalista: “El papel que el hombre se arroga en la familia, fortifica el individualismo agresivo, el autoritarismo, y cierto concepto jerárquico de las relaciones sociales – valores que son fundamentales para la perpetuación del capitalismo.”<sup>396</sup> Devemos confrontar esta compreensão de Randall com estudos que demonstraram a existência de sociedades ameríndias com hierarquias bem definidas, como o caso dos Incas e Astecas. Ao mesmo tempo, devemos reconhecer que as mulheres desempenhavam diversas funções na vida comunitária, ocupando espaços além do privado e funções além das domésticas, apesar de permanecerem excluídas de postos de poder político e/ou religioso.

Nessas organizações sociais, que Randall caracterizou como “pré-classistas”, defendendia-se que as mulheres desempenhassem papéis que superariam a função reprodutiva. Nelas, eram também provedoras de alimentos, sujeitas com participação na cultura e na sociedade, responsáveis pelo desenvolvimento de tecnologias fundamentais para garantir a sobrevivência da raça humana e para o estabelecimento das sociedades sedentárias – como as cerâmicas para preservação, armazenamento e transporte de alimentos<sup>397</sup>. Randall destacou como essa “indústria doméstica” foi relevante no desenvolvimento da sociedade capitalista ao criar condições para a produção de excedentes e contribuir para o sedentarismo e, na perspectiva linear de desenvolvimento humano que adotou, para o surgimento da sociedade de classes, do Estado e da propriedade privada. Muitas dessas sociedades teriam deixado de ser matriarcais para se tornarem patriarcais com o advento da propriedade privada e o estabelecimento do direito à herança como masculino, transformando a própria mulher em propriedade privada a ser negociada por homens em casamentos monogâmicos que tinham o objetivo de transferir bens, manter a ordem e o poder instituído<sup>398</sup>. Uma discussão que mostra como Randall se apropriou de Engels.

---

396 RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p.39

397 Sobre essa discussão, Danusa Vieira Freire da Silva fez um levantamento do debate arqueológico que busca superar a ideia de homem-caçador e mulher-coletora e de que a caça seria a atividade responsável pelo desenvolvimento civilizacional. Dentre autores/as citados/as por ela, destacamos: Sarah Schmitz, Karen Endicott, Sally Slocum, Frances Dahlberg, Adrienne Zihlman, Kay Martin e Barbara Voorhies e Adriana Schmidt Dias. FREIRE DA SILVA, Danusa Vieira. *Pessoas e plantas em um mundo de pontas: uma crítica feminista e decolonial aos estudos de povoamento inicial das Américas*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pelotas, 2021.

398 Ver: FEDERICI, Silvia. *Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, 2017.

No capítulo No “*el problema de la mujer*” sino un problema de la sociedad. Examen de la opresión y la liberación de la mujer, parte do livro *La mujer cubana ahora*, Randall aprofundou a relação entre o capitalismo e o patriarcado, corroborando com a ideia de que a opressão das mulheres foi a primeira opressão de classe da história. O estabelecimento da sociedade de classes teria instituído, então, o patriarcado como relação de domínio dos homens, a fim de garantir a ordem vigente, usando da discriminação física, intelectual e da linguagem como ferramentas. Posteriormente, estas foram a base para o estabelecimento da inferioridade racial no processo da colonização, complexificando a realidade imposta às mulheres racializadas. Nessa estrutura, produziu-se estereótipos com intuito de desqualificar as mulheres, taxando-as como neuróticas e desajustadas, e, nesse sistema, as mulheres negras e indígenas encontravam-se em uma maior condição de subordinação.

Para a consolidação dessas relações de poder, Randall considerou que o estabelecimento de um pensamento e uma mentalidade hegemônica foi primordial, em que teve destaque o papel de homens do Ocidente, em especial do cristianismo e dos “cânones” filosóficos, e suas interpretações da sociedade. Práticas como a inquisição e a acusação de bruxaria são exemplos utilizados pela autora para demonstrar o uso da violência para a manutenção da relação de subordinação das mulheres, inclusive sobre seus saberes e conhecimentos. Já em sua crítica aos filósofos gregos, buscou identificar os responsáveis por uma racionalidade que contribuiu para a subordinação feminina. A título de exemplo citou São Tomás de Aquino, Balzac, Nietzsche, Gautier, Proudhon, Dostievski, Kant e Darwin.

Mas, na contramão das “feministas radicais”, Randall não colocava os homens como inimigos das mulheres, entendendo que eles também eram vítimas da sociedade de classes capitalista. Para sua análise, Randall procurou, em Marx, a justificativa para o “problema das mulheres” como uma questão da humanidade, já que suas causas, efeitos e consequências também atingiam aos homens, sustentando um falso sentimento de privilégio e poder. Isso conduziu ao seu entendimento que apenas a superação da sociedade de classes capitalistas seria capaz de superar o “problema das mulheres”. Segundo ela foi a partir da negação da humanidade à mulher que os homens também se desumanizaram, no exercício da violência. Concebia então, a classe social como agente da violência, e não o homem enquanto indivíduo, colocando-os em uma posição de aliados, estabelecendo um vínculo comum: eram ambos, homens e mulheres, vítimas de um sistema desigual que, para se sustentar, necessitava manter as relações de opressão e de subordinação das mulheres, sendo a sociedade socialista a única alternativa para superação desse quadro: “El hombre y la mujer, en las sociedades, feudal,

capitalista, imperialista y colonizada son, ‘igualmente’, víctimas de los sistemas deformes y deformantes. El socialismo es el único sistema social que lleva en sí el camino de la solución del problema.”<sup>399</sup>

Ao recuperar mulheres relevantes para a história de luta por libertação na América Latina, Randall incutiu a participação política feminina de um sentido internacionalista e latino-americanista, que demonstrava como o compromisso com a libertação nacional, em diferentes territórios, realidades e temporalidades, estava vinculado a participação e reivindicações das mulheres. Posicionava-se, assim, na contramão de uma narrativa histórica patriarcal que colocava a participação política das mulheres nos processos revolucionários daquele período como novidade; do feminismo hegemônico que negava a condição de sujeito às “outras”. E, por fim, na contramão das narrativas sobre os heróis e grandes homens, ao vincular a participação feminina a um processo coletivo e histórico, visível através da trajetória de vida das mulheres. Randall as consideravam como pessoas comuns, camponesas e trabalhadoras, com alto potencial revolucionário, que viam na revolução uma alternativa a situação de opressão à qual estavam submetidas.

Em linhas gerais, retratou a realidade da mulher latino-americana como atravessada pela miséria sustentada pelas estruturas econômicas e sociais do capitalismo, sistema que se consolidou como um empecilho à libertação das mulheres ao provocar uma alienação coletiva, impor uma condição feminina de propriedade privada. Nesse cenário, Randall acreditava que o fato de serem metade da população fazia com que o impacto da opressão às mulheres fosse quantitativo e qualitativo, o que as dotava de potencial revolucionário<sup>400</sup>. Em busca de estabelecer um diagnóstico a respeito da situação da mulher latino-americana, encontrou dificuldade na ausência de dados estatísticos que pudessem sustentar suas impressões. No trabalho produtivo, por exemplo, o fato de muitas serem consideradas “trabalhadoras familiares”, fazia com que não fossem consideradas como “economicamente ativas”, ficando excluídas das categorias de trabalho formal, e submetidas a uma situação que Randall considerou como de “encarceramento” no serviço doméstico e na prostituição.

---

399 RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p. 23-24.

400 Ressaltamos que o vínculo entre opressão e mobilização revolucionária nem sempre é uma condição dada, sendo que em muitos momentos na América Latina a situação de vulnerabilidade social levou a expansão do conservadorismo e de discursos de oposição a política e aos políticos, discurso sustentado pela direita.

Apesar dessa situação, apresentou como a realidade da mulher latino-americana se agravava no campo: pobreza extrema; alta taxa de analfabetismo; configurações familiares tradicionais; forte tradição religiosa, principalmente vinculada a Igreja Católica; desigualdade no mundo do trabalho; ausência de assistência médica e de acesso a saúde. Essas mulheres, em grande maioria analfabetas, perdiam seus filhos/as no parto; não tinham acesso a uma vida digna; passavam fome; eram incluídas nos setores menos bem pagos da economia; não possuíam proteção jurídica. Tudo isso, resultava em uma rotina de maior carga horária e menor salário que os homens e ainda eram submetidas às condições de trabalho doméstico semelhante escravidão; não exerciam participação social; não tinham acesso à educação; sofriam com a discriminação racial, de gênero; eram exploradas sexualmente.

Para Margaret Randall, essa realidade contribuía para que, uma vez identificada a situação de opressão a qual estavam submetidas, se tornassem antiimperialistas, quando entendiam que a situação que se encontravam era uma realidade não apenas de classe, mas de relação de poder e exploração que, somada ao gênero as colocavam numa situação de “cidadã de segunda classe”. O reconhecimento dessa situação, levou a uma participação ativa e massiva de muitas mulheres latino-americanas nas lutas por libertação nacional: as “mujeres [están] comprometidas en la lucha del pueblo por su libertad, por la justicia social; la lucha del pueblo por un mundo diferente y mejor”, como afirmou em seu livro *No se puede hacer la revolución sin nosotras*, de 1978<sup>401</sup>.

Nesse contexto de luta por libertação nacional, Randall colocou a luta das mulheres latino-americanas em oposição ao marxismo ortodoxo, que considerava o feminismo como um “movimento separatista”, que, com seus “problemas específicos”, prejudicava a unidade de classe necessária para se efetivar a revolução. Para ela, a luta das mulheres deveria ser “parte integral de la liberación nacional o continental”, e não algo “en defensa de sus propios intereses, convirti[da] en un reflejo de su bien de consumo 'made in usa'.” Essas opiniões, registradas por Randall em seu livro *No se puede hacer la revolución sin nosotras* (1978), evidenciava como sua interpretação sobre a importação do feminismo estadunidense mudou desde a publicação de *Las mujeres* em 1970, mostrando que adquiriu uma postura crítica e definiu mais claramente os limites dessa importação.

---

401 RANDALL, Margaret. *No se puede hacer la revolución sin nosotras*. Havana: Casa de las Américas, 1978, p.12

Outra diferença identificada por ela foi como, na América Latina, as trabalhadoras que se tornaram revolucionárias e internacionalistas, se envolveram coletivamente em processos políticos muitas vezes influenciadas por seus filhos/as, acompanhando o marido, como resposta a indignação da miséria que vitimou seus familiares de fome. Assim, a condição de esposa e da maternidade, identidades vistas como naturalmente femininas, abriram possibilidades transgressoras ao possibilitar que mães e esposas se convertessem em sujeitos revolucionários, inclusive modificando o poder de gestar em uma tarefa revolucionária.

Nesse contexto, os núcleos religiosos, principalmente vinculados à Igreja Católica, pequenos núcleos sindicais e de bairros, foram instrumentos para a incorporação feminina à luta política, tendo em vista a sobrecarga de trabalho e a dificuldade destas de se afastar do território onde viviam, frente a um histórico apagamento do trabalho de cuidado realizado pelas mulheres e sua reclusão (forçada) ao espaço privado do lar:

Siempre ha habido una tradicional subestimación del trabajo social llevado a cabo por la mujer en el mundo capitalista. nunca se ha dado consideración a las largas horas dedicadas al trabajo (y es trabajo) doméstico, donde se reproducen, visten, alimentan y cuidan generaciones de trabajadores reconocidos socialmente. Esto es sí una fuerza laboral vasta y oculta.<sup>402</sup>

Outra forma de mobilização e conscientização feminina devia-se a realidade da vida cotidiana: o preço dos alimentos, a violência urbana, a falta de direitos trabalhistas. Eram elas as responsáveis pelo lar, pelas compras no supermercado, por manter os/as filhos/as vivos/as. Por isso, essas questões as atingiam mais fortemente. Como era as responsáveis pela alimentação e cuidado da casa, as frequentadoras assíduas dos mercados, sofriam com a alta dos preços dos alimentos. Eram as principais vítimas da violência urbana, sofriam violência sexual, ao serem vistas como “presas fáceis”, e porque temiam pela vida de seus filhos/as negros/as, em uma sociedade racista. A falta de direitos trabalhistas as atingia porque, como apontado anteriormente por Randall, a ausência de direitos era maior entre as trabalhadoras, a base da pirâmide social.

Randall traçou um paralelo entre realidade das mulheres no “mundo subdesenvolvido” – a América Latina – com o período pré-Revolução Industrial nos países desenvolvidos –

---

402 RANDALL, Margaret. *Sobre la situación de la mujer*. Lima, Peru: Sistema Nacional de Apoyo a la Movilización Social; Centro de Estudios de Participación Popular, 1973, p.17

Europa e Estados Unidos –, marcado pela dupla carga de trabalho para garantir a sobrevivência da família; a exploração profunda no trabalho remunerado, compondo um “exército de empregadas domésticas”, recorrendo a prostituição a serviço de turistas – homens brancos do Norte global. Pode concluir que “[...] es esta la mano que el capitalismo utiliza más fácilmente de acuerdo con sus necesidades internas”<sup>403</sup>, impondo uma condição em que “las mujeres latinoamericanas no sólo son una fuerza laboral de reserva crudamente oprimida y manipulada; se les ha ahogado de tal manera educativa y culturalmente que – en la mayoría de los casos – no están capacitadas ni siquiera para el trabajo más explorator.”<sup>404</sup>

No início da década de 1970, ao aproximar a opressão sofrida pelas mulheres latino-americanas à realidade das “outras” no interior dos Estados Unidos, especialmente as mulheres negras, indígenas e *chicanas*, a quem se refere como “irmãs e irmãos” dos povos oprimidos de outras partes do mundo, Randall buscava expor a sua crítica à sociedade “americana”, às falhas do “American dream” que levou muitos imigrantes ao “Gran Crisol”<sup>405</sup>. Buscava assim aproximar esses sujeitos, como aqueles que compartilhavam uma realidade de subordinação comum no sistema capitalista, inserindo-os na luta dos trabalhadores e trabalhadoras, dentro ou fora das fronteiras de seu Estado-Nação. Nesse contexto, a questão de classe, raça e nação somam-se ao gênero, complexificando sua análise da realidade das mulheres não-brancas no sistema capitalista, aprofundando seu olhar internacionalista da luta feminista e socialista.

Para Randall, as mulheres submetidas a uma maior exploração o eram em dois sentidos: enquanto mão de obra e como “matéria-prima”. No último caso, devido as suas funções reprodutivas. Eram também vítimas de uma opressão social e psicológica que, atravessadas pela raça e classe, as atingiam de maneira particular. Diante da complexidade das formas de opressão, compreendidas de maneira interseccional no sistema capitalista, a revolução socialista seria uma “necessidade desesperadora” para as mulheres dos “países coloniais”, porque “[...] la demanda de igualdad para las mujeres es democrática, la exigencia de su liberación total no

---

403 Ibidem, p. 15.

404 Ibidem, p. 10.

405 Randall usa esse termo “Gran Crisol” para se referir aos Estados Unidos idealizado desde o “terceiro mundo”. Um crisol é um recipiente usado para se misturar e fundir substâncias, especialmente metais. Na religião é figurativamente aquilo utilizado para testar as qualidades de alguém, que proporciona as condições para a mudança. Por isso, acreditamos que quando Randall se refere aos EUA dessa forma, o faz porque os povos latino-americanos viam o país do Norte como local onde poderiam mudar suas condições de vida, também em referência ao local de encontro e mistura de culturas através dos diversos povos que migraram e se encontraram lá. Nesse sentido, os EUA eram vistos como o “crisol de razas” por excelência, por ser uma nação forjada historicamente pela imigração.

puede ser sino socialista.”<sup>406</sup> Baseava-se para essa discussão na feminista estadunidense Beverly Jones e seu artigo *Hacia un movimiento de liberación femenina* (1968), em que tratou da relação entre raça e gênero num contexto de exploração, e apontou o entendimento de que a exploração dos homens negros e das mulheres sustentam o homem branco, colocando o sexismo e o racismo em um mesmo nível.

Utilizamos a interseccionalidade como instrumento teórico e metodológico para compreender o feminismo defendido por Randall e que orientou seu olhar para a América Latina. Para Carla Akotirene, esse conceito, já em uso, foi sistematizado pela teórica e intelectual afro-estadunidense Kimberlé Crenshaw em 1989. Estabeleceu-se como uma “[...] sensibilidade analítica, pensada por feministas negras cujas experiências e reivindicações intelectuais eram inobservadas tanto pelo feminismo branco quanto pelo movimento antirracista, a rigor, focado nos homens negros.”<sup>407</sup> Segundo Carla Akotirene, a interseccionalidade propõe que não se coloque uma opressão acima da outra, e nem se atribua apenas um binarismo raça-gênero, mas que se parta de um entendimento relacional que compreenda, a partir da “inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado”, que há uma sobreposição dos mecanismos de gênero, raça e classe. O termo contribuiu para o desmonte do feminismo universal, da mulher única, servindo como um instrumento teórico-metodológico, para evitar “desvio analítico para apenas um eixo de opressão” e contribuindo para explicação da

[...] matriz cisheterossexista, etária, divisora sexual do trabalho, segundo a qual, na minha tradução: as mulheres negras eram trabalhadoras nas casas das ‘mulheres brancas instruídas’, chegavam em casa e tinham o dinheiro tomado por ‘maridos ociosos’, bastante ofendidos porque não havia ‘comida pronta dentro de casa’.<sup>408</sup>

Akotirene aprofundou a conceituação de Crenshaw ao acrescentar a nação como orientação geopolítica à interseccionalidade das estruturas de poder e opressão. Para Patrícia Hill Collins, a interseccionalidade configura um “sistema de opressão interligado”, de diversas

---

406 RANDALL, Margaret. No “el problema de la mujer” sino un problema de la sociedad. Examen de la opresión y la liberación de la mujer. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p.41

407 AKOTIRENE, Carla. Cruzando o Atlântico em memória da interseccionalidade. RIBEIRO, Djamila (Org). *Interseccionalidade*. Carla Akotirene. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020, p.18. VER: CRENSHAW, Kimberlé. *Mapeando as margens: interseccionalidade, políticas de identidade e violência contra as mulheres não-brancas*. Tradução de Carol Correia. Disponível em: < <https://www.geledes.org.br/mapeando-as-margens-interseccionalidade-politicas-de-identidade-e-violencia-contra-mulheres-nao-brancas-de-kimberle-crenshaw%E2%80%8A-%E2%80%8Aparte-1-4/>> Acesso: 03 de dezembro de 2024.

408 Idem.

categorias distintas e mutuamente excludentes, que afetam “todos os aspectos do convívio social.”<sup>409</sup> Também é uma ferramenta analítica útil na superação de “lentes monofocais” para abordar as desigualdades da sociedade moderna-colonial de gênero, como forma de se buscar respostas. Essa ferramenta é composta por seis ideias centrais: “a desigualdade social, as relações de poder interseccionais, o contexto social, a relacionalidade, a justiça social e a complexidade”. Considerando alguns desses pontos, podem “fornecer explicações diferentes para a desigualdade econômica”, para as quais os movimentos sociais provocam respostas políticas relevantes, compreendendo “a desigualdade social através das interações entre as várias categorias de poder.” Nesse caso, “[...] as relações de poder interseccionais devem ser analisadas por meio de intersecções específicas – por exemplo, racismo e sexismo, ou capitalismo e heterossexismo –, bem como entre domínios de poder – a saber, estrutural, disciplinar, cultural e interpessoal.”<sup>410</sup>

Randall foi orientada por este olhar interseccional, mesmo sem usar o termo, reelaborando perspectivas e olhares em seus trabalhos a respeito das mulheres latino-americanas. Uma das teóricas da interseccionalidade apontadas por Hill Collins, e citada como referência por Randall, foi Frances Beal, que usava desse conceito para explicar a vida das mulheres negras. Esses critérios de análise, conforme observamos, foram devidamente incorporados por Randall para pensar a vida das mulheres latino-americanas, vinculando as experiências, condições e subjetividades delas numa concepção de identidade “bastante associadas às forças estruturais”. Hill Collins evidenciou também a contribuição de Ângela Davis, assim como de Gloria Anzaldúa – destacada teórica da interseccionalidade ao abordar a realidade das mulheres *chicanas*<sup>411</sup>. Ao partir de uma análise localizada, que considerava o contexto das mulheres latino-americanas, Randall nos deu a possibilidade de observar seu trabalho na lente da interseccionalidade, tanto como *práxis* intelectual adotada por ela, mas também como ferramenta de exame das relações de poder, numa perspectiva relacional, não binária. A interseccionalidade também nos é útil como ferramenta teórica<sup>412</sup>.

Visando contribuir para a superação da universalidade da mulher branca, de classe média, Ocidental, Randall teceu críticas ao movimento de mulheres hegemônico nos EUA e a forma como este ignorava a realidade das mulheres negras, indígenas e *chicanas*. Francesca

---

409 COLLINS, Patrícia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. São Paulo: Boitempo, 2021.

410 Ibidem, p. 45-46.

411 Ibidem, *passim*.

412 Formas de utilização do conceito de “interseccionalidade” desenvolvidas por Patricia Hill Collins.



Gargallo, para explicar o feminismo hegemônico, partiu de uma síntese do conceito de hegemonia de Gramsci, explorado por Hannah Arendt e Foucault <sup>413</sup>, afirmando que: “Hegemonía remite a la coerción, al uso de la fuerza, al convencimiento, a la capacidad de doblegar las opiniones contrarias o simplemente divergentes, así como a lo que no se cuestiona por costumbre, por aceptación o por debilidad.”<sup>414</sup> Nesse sentido, podemos concluir que para Gargallo ao mesmo tempo em que o feminismo desafiava a hegemonia do patriarcado, mantinha a hegemonia racial, de classe e nacionalidade das mulheres brancas ocidentais. Condição que podemos observar na teoria feminista e na história consolidada do movimento pois,

Desde la realidad de los grupos sociales de los países no hegemónicos, y de los grupos sociales invisibilizados al interior de los países hegemónicos, sin embargo, han surgidos otros feminismos, tan disruptivos como el liberal, el socialista y el autónomo, pero que la academia no estudia, no recoge o esconde. [...] Así como los hombres no consideran filosófico (político, moral, científico) el pensamiento de las mujeres porque es parcial y no universal, la academia de las mujeres estudia lo que hacen y dicen las mayas tzeltal porque las objetiviza, las compara con sus sistemas de valores, no porque dialoga con sus puntos de vista sobre el lugar de las mujeres en el mundo.<sup>415</sup>

Francesca Gargallo definiu este feminismo como:

El feminismo, que durante dos siglos ha sostenido la voz de las mujeres en sociedades determinadas por el modelo masculino de humanidad, y que ha descubierto la mecánica de dominio que se sustenta en la organización de los cuerpos, de las sexualidades y de las eroticidades, se ha ido plegando últimamente a la aceptación de la vida entendida como el espacio concreto de ejercicio del sistema legal y educativo derivados de la economía de mercado. Reproduce por lo tanto sus ideas de placer, de viaje, de religión, de libertad, de higiene, de obediencia y de salud, así como su sistema jerárquico de valores y su relación de dominación con la tierra, mediante la imposición del pensamiento y los análisis de las mujeres del bloque de naciones dominantes del mundo en sus reflexiones y estudio.<sup>416</sup>

Por isso o trabalho testemunhal feito por Randall, que analisamos nos capítulos seguintes, rompe com essa narrativa feminista hegemônico nos moldes proposto por Gargallo ao pensar o século XXI. Porque, esses testemunhos, ao tratar da trajetória das mulheres revolucionárias, que buscavam construir uma “nova sociedade” e “novos sujeitos” fora dos

---

413 Ver: ARENDT, Hannah. *Los orígenes del Totalitarismo*, Madrid, Taurus, 1998; FOUCAULT, Michel. *Las palabras y las cosas*, México, Siglo XXI, 2007; e GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

414 GARGALLO, Francesca. Para pensar cómo deconstruir el feminismo hegemónico en nuestra América. A manera de provocación-reflexión. *Revista Encuentros Latinoamericanos*, N. 2, 2008, p. 17-29, p. 18.

415 Ibidem, p. 20-21.

416 Ibidem, p. 22-23.

moldes impostos pelo Ocidente, romperam também com essa visão limitada da transformação que deveria ser empreendida nas sociedades e em suas vidas. A proposta disruptiva de Gargallo contribui como percepção teórico-metodológica para analisarmos o trabalho feito por Margaret Randall, pois, para Gargallo:

Ubicar el propio análisis de la realidad desde América Latina implica hacerlo desde todos *los lugares marginales del imperio global*. Esto es, desde espacios geográficos, culturales y económicos donde los movimientos sociales más recientes han aglutinado a sectores diversos (mujeres y hombres indigentes urbanos, indígenas y campesinos, desempleados, de la tercera edad, niños de la calle, afrodescendientes, migrantes, artistas) para estructurar reclamos que tienen que ver con algo más profundo, más elemental que la lucha por la socialización de los instrumentos de producción, posiblemente con el cambio de una cultura basada en el concepto de lo superior, ejercida por los elegidos.<sup>417</sup>

Para isso, desde a publicação de *Las Mujeres*, em 1970, até 1972, Randall ampliou seu referencial teórico ao se aproximar de uma série de mulheres negras da esquerda estadunidenses, dentre as quais destacou as já citadas Ângela Davis e Frances Beal – fundadora do Comitê Central da Aliança de Mulheres do Terceiro Mundo<sup>418</sup> –, além de Afeni Shakur; feministas brancas que davam centralidade a pauta antirracista e das mulheres latino-americanas como Pamela Allen, Iris Morales; a *chicana* Elizabeth Martinez; a porto-riquenha Lolita Lebron; militantes de partidos e movimentos de esquerda como Bernardine Dohrn.

A situação da mulher latino-americana passou a ser vista por Randall como resultado do imperialismo estadunidense – da violência imposta desde a colonialidade – principalmente após a Revolução Cubana, que teria ameaçado a hegemonia e “despertado o temor” dos EUA e provocado forte reação por parte desse país, a fim de manter sua dominação no continente. A partir daí, intensificaram-se as ações estadunidenses que visavam frear processos político-sociais e revolucionários, agindo através de golpes militares, manobras políticas, boicotes econômicos e penetração ideológica e cultural – este último sendo o que mais nos interessa aqui. Através da penetração do “feminismo radical”, segundo Randall, buscaram transferir “para a América Latina, através dos meios de comunicação de massa” controlados pelos EUA, como televisão, rádio, revistas, ideias que vendiam a seus espectadores, que buscava estabelecer um

---

417 Ibidem, p. 25. Grifo da autora.

418 Segundo Carla Akotirene: “[...] publicou o ‘Black Women’s Manifesto; Double jeopardy: To be Black and Female’, argumento teórico e politicamente contra a necropolítica colonialista moderna, cruzando capitalismo, imperialismo ocidental e racismo estrutural” (AKOTIRENE, 2020, p.31), para discutir e denunciar a esterilização forçada das mulheres do Sul global.

“modo de vida Americano, la cultura de drogas hippies, liberación de la mujer, todos ellos defienden los mismos intereses”. Esse “feminismo importado” dos Estados Unidos seria uma forma de manutenção do poder sobre os movimentos de contestação, uma maneira de provocar tensionamentos no interior das organizações políticas:

[...] se incita a grupos de mujeres para que crean que para ellas sus demandas prioritarias son: la planificación familiar, la libertad sexual, las libertades ‘democráticas’, de esto puede llegar a incluir hasta ‘la libertad de ser lesbiana’ [...] El aspecto antimasculino se promueve como una táctica diversionista en un intento por dividir a los militantes de las luchas de liberación nacional o la construcción de nuevas sociedades independientes.<sup>419</sup>

Randall concentrou parte de sua análise nas estratégias para essa importação feminista, que se dava através da penetração econômica, cultural e ideológica dos Estados Unidos no processo de exportação para os “países capitalistas dependentes” da “libertação feminina” e seus subprodutos. Essa estratégia se dava em paralelo à intervenção militar direta, os golpes, boicotes econômicos, pressão políticas, como forma de manutenção do *status quo*, como “una arma que constantemente se refina y adapta, con nuevas sutilezas para los países dependientes”, perpetrada e financiada pelo governo estadunidense<sup>420</sup>. Na leitura de Randall, expressa em um artigo de 1975/1976 intitulado *You can’t make a revolution without them!*, a “penetração ideológica” constituía parte central do mecanismo poder imperialista, que “está ciente da importância de manter as mulheres da América Latina cegas sobre a sua real situação”<sup>421</sup>. Pelas produções de Randall podemos inferir que isso se dava por dois motivos: primeiro, era importante manter as mulheres como massa de trabalhadoras a ser explorado; segundo, controlá-las era uma forma de garantir a manutenção do *status quo* e impedir o avanço de ideais revolucionários e de emancipação nacional.

Segundo Randall, essas ações de “penetração ideológica” eram financiadas pela CIA, e assim constituíam a política de Estado do governo estadunidense. Muitas vezes, essas investidas eram disfarçadas de ajuda humanitária, como através dos Corpos da Paz, agência

---

419 RANDALL, Margaret. *Sobre la situación de la mujer*. Lima, Peru: Sistema Nacional de Apoyo a la Movilización Social; Centro de Estudios de Participación Popular, 1973, p.82

420 RANDALL, Margaret. La penetración imperialista y sus consecuencias para la mujer latinoamericana. *Santiago*. Revista de la Universidad de Oriente. N° 15, julho-setembro de 1974, Santiago de Cuba, p. 227.

421 “Imperialism is completely aware of the importance of keeping all women in Latin America blind to their real situation.” RANDALL, Margaret. *You can’t make a revolution without them! Lawg Letter*, Vol.III, N°2, Dezembro-Janeiro de 1975/1976, Canada: Latin American Working Group, p.08 Tradução nossa

governamental estadunidense, vinculada à política da Aliança pelo Progresso<sup>422</sup>. Também contavam com a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) – AID em inglês –, que financiou a *Federación Internacional de la Planificación Familiar* (FIPF). Mas também eram financiadas por instituições privadas, como a instituição *Rockefeller*, que criou o *Consejo de Población* junto com Dwight D. Eisenhower, financiado também com a colaboração da Fundação Ford. Os Estados Unidos, através de instituições privadas e governamentais, também financiaram programas universitários, como foi feito em parceria com a *Asociación Colombiana de Facultades de Medicina (ACFM)*. A *Overseas Education Fund* (OEF) teve um papel importante nesse sentido, de atividades voltadas para as mulheres, atuando em parceria com a *League of Women Voters* que, sob o discurso de educar mulheres nos marcos da “democracia liberal”, desenvolveu ações de capacitação das mulheres na América Latina desde 1957, com foco no planejamento familiar, na educação, na formação de lideranças políticas potenciais, alcançando “[...] una influencia directa sobre la mujer en los países dependientes y, al mismo tiempo, tabula y analiza la información necesaria para que su penetración - a través de los medios masivos, programas educativos, etcétera - sea más efectiva.”<sup>423</sup>

As principais estratégias utilizadas pelos Estados Unidos para o controle sobre as mulheres, foram apontadas por Randall a partir de seus diálogos e vivências na América Latina. Considerou-as como: 1: controle da população através do domínio sobre os corpos das mulheres; 2: meios de comunicação de massa utilizados para reprodução da ideologia capitalista; e 3: prostituição ou exploração sexual das mulheres. A seguir analisaremos mais detalhadamente cada um desses pontos.

A primeira estratégia diz respeito ao consenso de que os governos da América Latina, ao longo da segunda metade do século XX, aderiram a campanhas de métodos contraceptivos e planejamento familiar conduzidos por empresas e pelo governo estadunidense. Além de Margaret Randall e dos depoimentos das mulheres colhidos por ela, outras pessoas

---

422 Ver: AZEVEDO, Cecília. Sob o signo da Aliança: o Projeto Kennedy e as representações da América. *História Revista*, Goiânia, v.2, n.1, 2012. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/historia/article/view/17481>>. Acesso em: 27/04/2025.

423 RANDALL, Margaret. *No se puede hacer la revolución sin nosotras*. Havana: Casa de Las Américas, 1978, p.41-42

contemporâneas aos seus escritos, afirmavam o mesmo, como ficou registrado por Eduardo Galeano na introdução ao seu livro *As veias abertas da América Latina* (1971):

As missões norte-americanas esterilizam maciçamente mulheres e semeiam pílulas, diafragmas, DIUs, preservativos e almanaques marcados, mas colhem crianças; obstinadamente, as crianças latino-americanas continuam crescendo, reivindicando seu direito natural de obter um lugar ao sol, nestas terras esplêndidas, que poderiam dar a todos o que a quase todos negam.<sup>424</sup>

Não encontramos documentos oficiais com dados a respeito da esterilização forçada das mulheres latino-americanas por parte de agentes dos Estados Unidos ao longo das décadas de 1960 e 1970, que respaldem as afirmações. Contudo, acreditamos que os relatos de diversas mulheres, nos depoimentos colhidos por Randall, assim como afirmado por outros sujeitos da época, são elementos que embasam essa prática, que merece uma maior investigação por parte da historiografia. Devido aos limites de fontes, de tempo e dos objetivos da presente tese, não nos esmiuçaremos em busca de fontes a esse respeito, mas deixamos em aberto como possibilidade de um trabalho futuro.

Para a socióloga Edith Pinzón, as práticas de controle de população por meio de políticas estatais discutidas desde a década de 1950, tinham inspirações eugênicas, com motivação clara de limitar a população em situação de pobreza, considera um empecilho ao desenvolvimento econômico<sup>425</sup>. Nesse sentido que as esterilizações representavam o mecanismo máximo para impedir que “sujeitos indesejáveis” – pobres, camponeses e pessoas racializadas – se reproduzissem:

[...] la esterilización forzada de las mujeres ha hecho parte de procedimientos de salud pública desde la formulación y aplicación de Programas Nacionales de Salud Reproductiva y Planificación Familiar en los cuales subyace una política de control de población orientada a reducir drásticamente las tasas generales de fecundidad de población en situación de pobreza o de vulnerabilidad por su origen étnico.<sup>426</sup>

---

424 GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1983, p. 16.

425 PINZÓN, Edith. La esterilización femenina forzada en el contexto latinoamericano. *Anamnesis. Revista de bioética*. N. 7, agosto-dezembro 2012, p. 51-57.

426 Ibidem, p. 53.

Nesse contexto, os Corpos da Paz tiveram um papel de destaque ao encampar as esterilizações forçadas denunciadas por Randall em seus artigos. Segundo Maikel Wermuth, Fernanda Schubert e Joice Nielsson,

É importante evidenciar, também, a atuação dos Corpos de Paz norte-americanos. Eles estiveram presentes em 88 países do sul global e foram responsáveis pela realização de esterilizações massivas de determinados grupos tidos como inferiores, como portadores/as de doenças hereditárias, doentes mentais, deficientes físicos, negros/as, indígenas.<sup>427</sup>

Nesse artigo os autores/as concentraram nas denúncias das esterilizações de indígenas e camponesas na Bolívia e no Peru. Como muitas dessas populações sequer falavam espanhol, não compreendiam os procedimentos aos quais estavam sendo submetidas<sup>428</sup>. Também evidenciaram que

[...] as esterilizações não eram – ou não são – destinadas a populações tidas como desenvolvidas ou a pessoas saudáveis, mas sim, executadas sobre grupos marginalizados, cujos principais destinatários eram os corpos de mulheres rotuladas como passivas e oprimidas, e cujo “[...] descontrolo da fertilidade [era] tido como um indicador de sociedades tradicionais, ‘atrasadas’”, nas palavras de Wichterich (2015, p. 26). Biroli (2016) salienta que essas práticas de transformação dos corpos das mulheres em objeto de intervenção foram pautadas na eugenia, no racismo e na busca do controle social da pobreza.<sup>429</sup>

Segundo Randall:

El Cuerpo de Paz, con fondo de AID y de la asesoría política del Director de la Agencia de Información de los EEUU, anunció en una declaración conjunta, emitida

---

427 WERMUTH, Maikel; SCHUBERT, Fernanda; NIELSSON, Joice. Direitos sexuais e reprodutivos na Bolívia: uma análise de aspectos do planejamento familiar e da esterilização forçada de mulheres a partir da perspectiva da biopolítica. *Revista da Faculdade Mineira de Direito PUC Minas*. V. 26, N. 52, p. 190. Segundo os autores, na Bolívia “a denúncia dessa prática abusiva e genocida foi feita por meio do filme *Yawar Mallku* (Sangre de Cóndor), dirigido por Jorge Sanjinés e estreado em 1969. A repercussão do filme e a pressão popular resultaram na expulsão, no ano de 1970, do Corpo de Paz do território boliviano, assim como de outros 40 países onde atuavam (JARAMILLO; CARPIO; RODAS, 2013).” Filme também citado por Margaret Randall.

428 Ver: BALLÓN GUTIÉRREZ, Alejandra. El caso peruano de esterilización forzada: Notas para una cartografía de la resistencia. *Aletheia*, Argentina, v. 5, n. 9, p. 1-21, 2014 e BUSQUIER, Lucía. Las “mujeres del Tercer Mundo” en Estados Unidos: control de natalidad y esterilizaciones forzadas (1970-1975). *Revista Estudos Feministas*, N. 28, Vol. 1, 2020.

429 WERMUTH, Maikel; SCHUBERT, Fernanda; NIELSSON, Joice. Direitos sexuais e reprodutivos na Bolívia: uma análise de aspectos do planejamento familiar e da esterilização forçada de mulheres a partir da perspectiva da biopolítica. *Revista da Faculdade Mineira de Direito PUC Minas*. V. 26, N. 52, p. 191.

en 1971, que se asignaría una alta prioridad a ayudar en los esfuerzos de los países por limitar las tasas excesivas de crecimiento demográfico.<sup>430</sup>

Fica latente como os corpos das mulheres, atravessadas pela raça e pela classe, se configuraram como espaços de exercício do poder colonial e imperialista, manifestado em diversos tipos de violência e controle. Assim, nos processos pela libertação nacional e das mulheres, reforçamos como suas existências e autonomia se configuraram como objetos de disputa, mas também de resistência, o que as colocava no centro da luta política em curso. Nos relatos coletados por Randall foi recorrente a denúncia de mulheres latino-americanas submetidas a contraceptivos não-aprovados pelas agências reguladoras de saúde, o que imprimia a seus corpos a função de cobaias da indústria farmacêutica estadunidense; a esterilização consentida e não consentida, provocando o que Randall chamou de “genocídio silencioso”.

Podemos concluir de antemão que a política estadunidense sobre os corpos e a vida das mulheres era uma forma de garantir o controle populacional na região. O convencimento para a esterilização consentida se baseava na criminalização da pobreza e culpabilização daqueles sujeitos pelas condições de vulnerabilidade social em que se encontravam. Dessa forma, as famílias no geral, e as mulheres individualmente, eram culpadas pelas “bocas famintas” que produziam, submetendo as mães a uma condição de “paridoras de filhos [miseráveis, que] não conseguem realizar atividades remuneradas”. Além disso, Randall acreditava que reduzir a taxa de natalidade era uma forma de frear as revoltas populares, pois entendia que a reprodução popular poderia ser uma ameaça ao *status quo*:

El control de la población es una de las respuestas del imperialismo en la medida en que las contradicciones del sistema, traducidas en términos de hambre, enfermedad, muerte prematura y miseria, se hacen más agudas. No redistribuir la riqueza, no dar a los trabajadores el control de los medios de producción y los beneficios de su propio trabajo. Evitar que sigan teniendo hijos, para que nosotros y los nuestros podamos continuar engordando a base de su sudor y sangre, para que las hordas de desamparados no se conviertan en las hordas para la revolución.<sup>431</sup>

---

430 RANDALL, Margaret. *Sobre la situación de la mujer*. Lima, Peru: Sistema Nacional de Apoyo a la Movilización Social; Centro de Estudios de Participación Popular, 1973, p. 94.

431 Ibidem, p. 89.

Segundo a socióloga e demógrafa Carmen Miró a taxa de crescimento da população na América Latina teve um salto significativo na década de 1960, o que impôs desafios sociais aos governos da região. Para Miró:

Esta população crescente, com uma estrutura etária muito jovem e com tendência a concentrar-se nas cidades, unida a uma expansão de suas aspirações sociais, começou a colocar desafios que a maior parte dos governos da América Latina se viu incapaz de enfrentar de maneira satisfatória. É então que se difunde na região a proposta, vinda de fora, de que a adoção do controle de natalidade poderia constituir-se na solução ao problema colocado pelo elevado crescimento da população [...] Erroneamente se assimilada o conceito de política de população com o de controle de natalidade [...]<sup>432</sup>

No geral, Miró expôs como o tema do controle da população e da natalidade na América Latina estava internacionalmente vinculado a preocupações economicistas e políticas, não de justiça social ou de saúde feminina. Além disso, a visão defendida por Randall, de que a reprodução da classe trabalhadora e pobre da América Latina ameaçava o poder instituído através da possibilidade da insurreição popular, dialogava com uma interpretação mais ampla que as feministas fizeram do marxismo, ao considerar a reprodução dentro da lógica do trabalho produtivo e da acumulação primitiva do capital. A teórica feminista e marxista Silvia Federici propôs a seguinte interpretação a esse respeito: no processo de estabelecimento do capitalismo, o corpo feminino foi transformado em uma máquina em que as mulheres foram submetidas ao trabalho reprodutivo da força de trabalho:

[...] o corpo feminino foi transformado em instrumento para a reprodução do trabalho e para a expansão da força de trabalho, tratado como máquina natural de criação, funcionando de acordo com os ritmos que estavam fora do controle das mulheres. [...] forçar as mulheres a procriar contra sua vontade ou, como dizia uma canção feminista dos anos 1970, forçá-las a “produzir filhas e filhos para o Estado é uma definição parcial das funções das mulheres na nova divisão sexual do trabalho. Um aspecto complementar foi a redução das mulheres a não trabalhadoras [...]<sup>433</sup>

Dessa forma, utilizaram dessa interpretação concluindo que, se no capitalismo parir era uma forma de produção de mão de obra, em um contexto de ideias revolucionárias, era utilizado como mecanismo para se produzir sujeitos que se rebelariam contra o poder hegemônico.

---

432 MIRÓ, Carmen. Políticas de população na América Latina em meados de 1985: um panorama confuso. *Revista Brasileira De Estudos De População*, 4(1), 1987, 87–94, p. 87-88.

433 FEDERICI, Silvia. *Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, 2017, p. 178; 182.



Randall conclui que, “na América Latina, os mais preocupados com o aumento populacional são aqueles cujos interesses de classe seriam comprometidos pelo poder das massas.”<sup>434</sup> Para ela, esta estratégia também era atravessada pelo racismo, pois era uma forma de selecionar aqueles e aquelas que merecem viver e se reproduzir, mantendo uma hierarquia social entre os seres humanos e os “outros”.

Na contramão da contracepção e esterilização forçada do capitalismo, Randall apresentou sua visão sobre a lógica em curso nas sociedades socialistas, em que, segundo ela, a contracepção e planejamento familiar eram entendidas como uma decisão individual da mulher. O controle de natalidade era visto num contexto de um sistema econômico que considerava as mulheres como sujeitos produtivos, que poderiam escolher uma carreira e se libertar das tarefas domésticas e de cuidados – que deveriam ser supridas pelo Estado. Em Cuba, a vitória revolucionária levou a um *baby boom*, que a autora considerou como resultado da euforia do presente e como uma demonstração de confiança no futuro. Com o passar dos anos, a inclusão sistemática das mulheres como força de trabalho e a expansão massiva do acesso à educação, contribuiu para o controle de natalidade do país. Segundo Randall, Cuba mantinha o núcleo da “família burguesa” no centro da sociedade revolucionária, e por isso o planejamento familiar foi vinculado a escolha individual da mulher e da família. Se no capitalismo o controle de natalidade era uma questão econômica e política, na Cuba socialista era uma questão de liberdade e escolha.

Sobre a segunda estratégia, os meios de comunicação de massa. Randall destacou o papel das publicações femininas, editadas majoritariamente nos EUA – como as revistas *Mademoiselle*, *Cosmopolitan* e *Vogue* – e a serviço de seus interesses, que atuavam junto com rádios, novelas e seriados, para perpetuação de uma cultura do consumo, de padrões de comportamento ideal para as mulheres, como a submissão aos maridos, buscando a difusão do “american way of life”. Esse mecanismo pode ser compreendido como forma mais branda de exercer o poder, muitas vezes praticado por meio do controle e censura da arte, da cultura, de ONGs, buscando perpetuar uma ideologia através dessas estruturas, prática recorrente no contexto da Guerra Fria. Ou revistas femininas editadas nos países latino-americanos – como as chilenas *Vanidades*, *Paula* e *Eva* – com financiamentos estadunidenses, apresentando em suas páginas soluções reacionárias aos problemas locais, dirigidas a um público de mulheres

---

434 RANDALL, Margaret. You can’t make a revolution without them! *Lawg Letter*, vol.III, n.2, Dezembro-Janeiro de 1975/1976, Canada: Latin American Working Group, p.14

burguesas e das classes médias urbanas. Essas mulheres eram vistas como força de reserva de uma ideologia conservadora. Quando preciso, elas eram convocadas desde as revistas, a partir da penetração da ideologia conservadora, perpetrada através da propaganda e da criação de falsas demandas de mercado que enfatizavam um comportamento tradicional.

Para as classes baixas, em sua grande maioria de pessoas analfabetas, editavam revistas de cinema, fotonovelas e histórias, com o mesmo objetivo. Para Randall, esses meios de comunicação “[...] representan los peores valores de la mentalidad del mundo ‘libre’, consumista, anticomunista y favorable a la propiedad privada”<sup>435</sup>, pois produziam falsas necessidades de consumo, substituindo as necessidades básicas, alienava as mulheres e mantinha uma ideologia reacionária nas classes médias, mantendo-as como força de reserva a ser acionada politicamente conforme os interesses e necessidades dos reais detentores do poder econômico e político, composto por homens brancos.

Uma das formas de reprodução dessas relações de poder na mídia se deu a partir das propagandas. Um dos exemplos utilizados por Randall para compreensão da propaganda como ferramenta de exercício de controle sobre as mulheres foi sobre a visão difundida a respeito do papel do aleitamento materno: quando as mulheres eram necessárias como mão de obra nas fábricas, no contexto das grandes guerras, disseminou-se o benefício da fórmula infantil como uma substituta benéfica ao aleitamento materno. Já quando deixaram de ser necessárias, a mídia investiu na propaganda que culpabilizava as mães ausentes de casa pela delinquência dos jovens “abandonados” – responsabilizando as mulheres por questões sociais –, e propagava a necessidade da amamentação exclusiva para o desenvolvimento adequado das crianças<sup>436</sup>.

Na visão de Randall, a mídia financiada pelos Estados Unidos reproduzia padrões de maternidade, beleza e sexualidade que variavam de acordo com seus interesses. Para ela, os três modelos e ideais de mulheres da sociedade burguesa e capitalista difundidos pelos meios de comunicação de massa eram: a mãe de família, a esposa, a dona de casa bela e vaidosa. Todas eram responsabilizadas pelo lar, pelos cuidados da família e deveriam reproduzir os padrões estabelecidos pela sociedade de consumo. Em contraposição a esses estereótipos, Randall

---

435 RANDALL, Margaret. *Sobre la situación de la mujer*. Lima, Peru: Sistema Nacional de Apoyo a la Movilización Social; Centro de Estudios de Participación Popular, 1973, p.86

436 Randall mostrava como a questão era manipulada de acordo com os interesses de momentos históricos distintos, mas ressaltamos os avanços na medicina e as possibilidades que o uso da fórmula instituiu para a autonomia feminina a respeito de seus corpos e do exercício da maternidade com a inserção das mulheres no mercado de trabalho.

apresentou outras imagens femininas que considerava como ideais, partindo da imagem de mulheres reais: vietnamitas armadas, um “ejemplo de heroísmo para todas las mujeres del mundo”; a mulher negra africana com rifle nas costas, representado aquela que luta por um “papel digno en la sociedad”; Melba e Haydée Santamaría na prisão, retratando a luta das mulheres cubanas pela “libertação definitiva”; a mulher indígena latino-americana e sua dupla dominação, de gênero e raça; a mulher estadunidense, que também podia ser mãe e guerrilheira, representada pela imagem de Ângela Davis, afirmando a rebeldia das mulheres no interior do “império”. Para divulgar essas imagens, Randall desenvolveu a ideia de “testemunhos imagéticos” em que, através de fotografias, buscava registrar e transmitir a realidade vivia por essas mulheres. Percebemos que ela, ao construir essas imagens femininas, ressaltou a identidade de rebeldia como algo que unia as mulheres de todos os continentes em um sentido internacionalista.

A terceira estratégia tem a ver com o alto índice de prostituição como resultado do aprofundamento da penetração econômica, social e cultural do imperialismo, que ajudava a produzir a situação extrema de objetificação e transformação da mulher em mercadoria. Ressaltamos que a prostituição não foi uma novidade da América Latina no século XX. Segundo Silvia Federici, apesar de ser uma prática antiga, foi no século XVI que, com a precarização do mundo do trabalho e a forma como esta realidade atingiu especialmente as mulheres, “[...] não podiam mais se manter com o trabalho assalariado, nem na agricultura, nem no setor manufatureiro, um fato que, sem dúvida, é responsável pela gigantesca expansão da prostituição nesse período.”<sup>437</sup> Fica evidente como o avanço da prostituição estava, e ainda está, conectado à precariedade da vida. Para Randall, muitas vezes, assim como o casamento, a prostituição era vista como forma de acesso a bens materiais e a posição social. Para Dominga, uma porto-riquenha entrevistada por Randall em 1979, dentre as diversas formas de opressão que recaía sobre as mulheres, havia uma proximidade entre a realidade da prostituta e da mulher trabalhadora, mas “[...] la prostituta sufría otra explotación más grande todavía. Otra explotación, pero con las mismas causas.”<sup>438</sup>

---

437 FEDERICI, Silvia. *Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, 2017, p. 151.

438 RANDALL, Margaret. El pueblo no es solo testigo: la historia de Dominga. *Revista Cuadernos Universitarios*. Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, Universidade de San Carlos de Guatemala, n° 3, julho-agosto 1979, p.126

Nesse contexto, “[...] donde las mujeres están siendo esterilizadas, explotadas y muertas de hambre por el monstruo imperialista que controla sus países”<sup>439</sup>, desenvolveram estratégias de resistência. Em um primeiro momento, o aborto se conformou não como uma agenda de direito a autonomia sobre seus corpos, mas como alternativa para que não tivessem filhos que viveriam na miséria, que teriam uma vida degradante ou encarariam a morte por inanição. Em sua passagem pelo Peru, em 1973, Randall concluiu que, para as campesinas peruanas, parir era uma atividade banal, inserida na rotina diária de confinamento ao trabalho doméstico e aos cuidados com os animais e a terra. Nessa situação de pobreza e exploração extrema, sob inspiração cubana, faziam referência à Che e Fidel como esperança de transformação, o que Randall considerava como extensão da postura internacionalista de Cuba. No caso das peruanas, segundo ela, a pobreza era vista como resultado de uma história de exploração colonial e imperialista. A gravidez e os/as filhos/as eram muitas vezes compreendidos por essas mulheres como um fardo, uma boca a mais para ser alimentada nos “cinturões de miséria” da América Latina. Esta condição de miséria diagnosticada por Randall incluía a falta de acesso a educação que elevava o analfabetismo e comprometia o envolvimento político das mulheres. Deixavam-nas mais expostas as estratégias de dominação e alienação do imperialismo e dificultava que identificassem a situação de opressão a qual se encontravam.

Em *No se puede hacer la revolución sin nosotras* (1978), Randall dedicou um capítulo às camponesas peruanas, que nos cabe observar. No título do capítulo parafraseou uma das entrevistadas: “ya no creemos que nuestra única función es trabajar en el hogar”. Com essa afirmação, Randall apresentava uma outra postura das peruanas: ativas diante da realidade que lhes era imposta. Elas reivindicavam seu lugar no mundo do trabalho, como cidadãs ativas, fosse na agricultura, acompanhando o marido, ou como parte de uma produção comunitária; vendendo a colheita e animais no comércio local; preparando redes, selecionando e vendendo os peixes para os maridos pescadores. Percebemos que, dessa maneira, a inserção no trabalho produtivo estava, em sua maioria, vinculada a uma figura masculina. Com essa percepção, devemos reconhecer os avanços na vida das mulheres, que deixaram de estar restringidas ao espaço privado do lar, mas que, ao mesmo tempo, tinha sua ocupação e função pública, mesmo que vinculada fundamentalmente ao marido.

---

439 RANDALL, Margaret. *Sobre la situación de la mujer*. Lima, Peru: Sistema Nacional de Apoyo a la Movilización Social; Centro de Estudios de Participación Popular, 1973, p.23

Essas mulheres passaram a se juntar à luta política mais ampla, envolveram-se nos processos de libertação nacional, inserindo a sua libertação enquanto grupo social em um só movimento. Essa incorporação das mulheres na luta política, da busca por direitos, contou com momentos de maior intensidade, especialmente em períodos de um clima mais geral de “rebelião das massas”, em que “[...] las mujeres han formado grupos para pedir igualdad de derechos educacionales, sociales y políticos; igualdad de oportunidades y de voz en los asuntos colectivos.”<sup>440</sup> Na compreensão de Randall, com a exclusão da mulher, a luta revolucionária avançava mais lentamente e, para integração feminina, era necessário trabalho de base local e educação. As mulheres do campo e das classes baixas tinham pouca participação política, reflexo da falta de acesso a informação e de formação política, estando submetidas a alienação empreendida pelos mecanismos de dominação ideológica que analisamos. Para que se formassem era necessário que aprendessem a ler, pois, segundo a militante brasileira Adamaris Oliveira Lucena<sup>441</sup>,

[...] las mujeres se esclarecieron más a través del mismo desarrollo del país y a través de sus organizaciones y de periódicos, organizaciones pequeñas, así como digamos los sindicatos [...] con eso el pueblo va esclareciéndose. Y las mujeres también van tomando conciencia de que ellas tienen parte en la lucha armada porque ellas están viendo que ellas sufren las consecuencias.<sup>442</sup>

Adamaris Lucena estava exilada em Cuba, era militante da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), mãe de três filhos e viúva do guerrilheiro morto em combate, Antônio Raymundo Lucena. Randall, ao recuperar sua história, demonstrou como a internacionalização da luta e do sujeito revolucionário latino-americano estava vinculada à família, pois, vinda de família pobre do interior do estado do Maranhão, trabalhadora do campo, relatou seu ingresso na militância como reflexo do meio onde vivia e das questões de gênero, compartilhadas com as outras mulheres da América Latina: viu sua mãe e três irmãos morrerem de fome; foi influenciada pelo envolvimento político de seu marido; posteriormente criou seus filhos para

---

440 RANDALL, Margaret. No “el problema de la mujer” sino un problema de la sociedad. Examen de la opresión y la liberación de la mujer. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p.42

441 Houve um equívoco na escuta e tradução do nome da entrevistada. Seu nome é, na realidade, Damaris Oliveiras Lucena. Mais informações:

[http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/images/pdf/depoimentos/vitimas\\_civis/Damaris\\_Lucena\\_01.08.2014.pdf](http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/images/pdf/depoimentos/vitimas_civis/Damaris_Lucena_01.08.2014.pdf)

442 RANDALL, Margaret. Una brasileña en la lucha: Adamaris Oliveira Lucena. *Comunidad*. Cuadernos de difusión de cultura de la Universidad Iberoamericana. México, vol. VI, n.31, julho 1971, p-354-355

serem revolucionários: “[...] yo les he creado con esa mentalidad revolucionaria de luchar hasta vencer, ellos van venciendo ese trauma, con sacrificios, con la ayuda de los compañeros”<sup>443</sup>.

As experiências dessas mulheres eram entendidas por Randall como realidades coletivas e não como expressões individuais. Ao registrar a história de Adamaris Lucena, registrava “séculos de opressão do campesinato latino-americano, da disposição para a luta e força revolucionária compartilhada”. Expunha sua visão de um contexto de opressão e resistência transnacional, compartilhado em dimensão latino-americana e, em alguns momentos, global: “[...] es el idioma de una campesina brasileña convertida en obrera, convertida en revolucionaria. La historia es un fragmento de una vida que se repite, de una manera u otra, con más y más ímpetu por toda América...”<sup>444</sup> Em suas vidas, as questões de gênero se apresentavam em diferentes dimensões, de onde podemos lançar mão do olhar interseccional: como a opressão de classe se manifestava de forma específica contra as mulheres, como resistiam e sofriam a repressão de maneira diferenciada. A questão de gênero atravessava a atuação política. A maternidade e o corpo feminino foram instrumentos e vítimas de tortura e, ao mesmo tempo, mecanismos de resistência.

Por isso, Adamaris Lucena recordava a instrumentalização do machismo como estratégia usada em alguns casos extremos a favor das mulheres e dos movimentos políticos, como ao negar sua participação em atividades de resistência. Quando foi interrogada por policiais da ditadura brasileira, Lucena afirmou: “Las leyes de Brasil no son que la mujer obedezca a su marido? Ellos dijeron sí. Pues es lo que estoy haciendo, estoy obedeciendo a mi marido, yo hago lo que é me manda hacer, entonces yo estoy lo siguiendo, ¿no estoy hacinedo bien?”<sup>445</sup> Essas estratégias, algumas vezes contraditórias com seus discursos, devem ser vistas inseridas em um contexto de luta por sobrevivência. Adamaris não esteve diretamente presente na luta armada, pegando em armas durante confrontos. Atuou desempenhando trabalho de logística, segurança, cuidado de militantes. Nessas funções, se considerava integrada a luta armada, desempenhando um papel fundamental para a ação armada final, e não como responsável por funções inferiores, que a rebaixavam. Como afirmou para Randall, “nosotros teníamos el honor de cuidar la casa donde se guardaban las armas que se sacaban de los cuarteles,

---

443 Ibidem, p. 350.

444 RANDALL, Margaret. *No se puede hacer la revolución sin nosotras*. Havana: Casa de Las Americas, 1978, p.58

445 RANDALL, Margaret. Una brasileña en la lucha: Adamaris Oliveira Lucena. *Comunidad*. Cuadernos de difusión de cultura de la Universidad Iberoamericana. México, vol. VI, n.31, julho 1971, p.346

el dinero, y las reuniones...”<sup>446</sup>. Fica evidente em sua narrativa como na luta política as mulheres permaneceram responsáveis pelos trabalhos de cuidado e de reprodução da vida, nos espaços da militância.

Nessa discussão sobre o imaginário popular a respeito do sujeito revolucionário - o homem barbudo, com uniforme verde oliva e rifle em mãos – a historiadora estadunidense Michelle Chase, em seu livro *Revolution within the Revolution*, abordou a participação das mulheres na Revolução Cubana a partir da consolidação desse imaginário. Essa explicação é útil para pensarmos outros processos históricos, visto que “o guerrilheiro” não ficou restrito à Cuba, mas se espalhou globalmente como ideal das esquerdas, ou como sujeito a ser combatido. Com a vitória cubana a partir da *Sierra Maestra* houve uma mudança da imagem simbólica do revolucionário com a consolidação do “guerrilheiro heroico” como o genuíno revolucionário.

Segundo Chase, à medida que a luta insurrecional foi se tornando mais violenta a divisão sexual do trabalho foi se intensificando, pois os homens pegavam em armas e as mulheres executavam o trabalho de logística e de cuidados, sob o discurso da “natureza” dos sexos. Com isso, consolidou-se a ideia de que a “verdadeira participação revolucionária, passou a ser relacionada com noções tradicionais de força física”. As imagens de Che e Fidel concretizou “o barbudo” como o representante do anti-imperialismo, da revolução terceiro-mundista, caracterizado por uma confiança vinculada a uma hipermasculinidade, manifestada no desejo de ação. Assim, a luta anti-Batista se consolidou em uma noção de honra masculina, de responsabilidade paternal, de decência<sup>447</sup>:

No final de 1958, a imagem do revolucionário como o guerrilheiro barbudo tinha se consolidado no meio clandestino. As várias representações anteriores dos agentes revolucionários encontrados no cenário pré-1958 – como o trabalhador grevista, o sabotador urbano, a propagandista – foram substituídos pela imagem padronizada do barbudo. [...] A lógica da guerra de guerrilha e da masculinidade revolucionária foram se perpetuando. Criou novas distinções entre homens e mulheres, bem como entre os próprios homens, posteriormente justificando essas divisões baseadas em noções de diferenças naturais entre mulheres e homens, e entre homens de diferentes “caráteres”. O novo enfoque na masculinidade revolucionária, assim, estabeleceu hierarquias entre os homens e limitou quem poderia ser definido como um ‘verdadeiro’ revolucionário.<sup>448</sup>

---

446 RANDALL, Margaret. Una brasileña en la lucha: Adamaris Oliveira Lucena. *Comunidad*. Cuadernos de difusión de cultura de la Universidad Iberoamericana. México, vol. VI, n.31, julho 1971, p.353

447 CHASE, Michelle. *Revolution within the revolution*. Women and gender in Cuba, 1952-1962. The University of North Carolina Press, 2015, p.44-76, *passim*. Tradução nossa

448 Ibidem, p.75-76. Tradução nossa

Nesse sentido, a historiadora Andréa Schactae explorou o papel da masculinidade na Revolução Cubana, marcada pela atuação política e militar de homens. A ideia da masculinidade revolucionária foi construída, em grande medida, por seus líderes, com destaque para a utilização do papel de Che Guevara para o apagamento da contribuição feminina na guerrilha e no movimento clandestino urbano:

Essa construção discursiva, sobre a Revolução Cubana, que silencia as mulheres e a clandestinidade (movimentos urbanos), tende a influenciar outras interpretações da Revolução. Todavia essa ideia sobre a Revolução Cubana resulta de uma herança cultural que constitui o Ocidente, e tende a colocar os homens, que representam um ideal de masculinidade, como centro dos processos históricos na América Latina.<sup>449</sup>

Assim, essa construção discursiva edificava a ideia de força, coragem e honra como elementos masculinos essenciais para a guerra, mantendo um isolamento histórico das mulheres, já silenciadas desde as narrativas das lutas de resistência à conquista espanhola e anticoloniais em Cuba. Por isso, evidenciamos o esforço de Randall em recuperar mulheres que atuaram em contextos distintos de resistência à dominação colonial e imperialista. Na narrativa cubana, Schactae apontou como o uniforme verde-oliva e a arma também indicavam elementos do universo e da identidade masculina, assim como houve um “o processo de construção do símbolo Che, pelo Estado Cubano, no final dos anos de 1960, como expressão de uma masculinidade para a Revolução Cubana, bem como de uma masculinidade revolucionária socialista latino-americana.”<sup>450</sup>

Nesse sentido, Higor Codarin afirmou que, desde seu livro *A guerra de guerrilha*, publicado em 1961, Che Guevara, apesar de defender a capacidade feminina e a importância de sua integração na luta armada, reafirmava que o lugar ideal da atuação da mulher era reproduzindo papéis de gênero tradicionais na comunicação, porque transitavam com mais facilidade; na cozinha e na saúde, porque era o que estavam habituadas a fazer; ou na educação de guerrilheiros analfabetos. Codarin sistematizou a posição de Che da seguinte forma:

Assim, superestimando a força física e a militarização, o foquismo cubano definia e delimitava o gênero e a idade dos revolucionários. Às mulheres, quando presentes, restariam as funções codificadas socialmente como femininas, realçando a

---

449 SCHACTAE, Andréa M. A construção do herói Che e as masculinidades em Cuba: constituindo um objeto de pesquisa. In: GUILHERME, Willian Douglas. (Org.) *Desafios e soluções da sociologia*. Ponta Grossa: Atena Editora, 2019. p. 133-145, p. 134.

450 Ibidem, p. 135.



manutenção de seu lugar social relacionado ao cuidado, à doçura e à fragilidade. Opunha-se, portanto, de modo bastante evidente, o “sexo forte”, vanguarda revolucionária, ao “sexo frágil”.<sup>451</sup>

O autor buscou mostrar como as mulheres desafiaram esses padrões históricos de diferença de sexo e gênero, forjando e forçando sua permanência nos espaços da luta armada, atuando em diferentes frentes de ação, rompendo com a divisão entre o espaço “público” e “privado”. Além de trabalhos estratégicos e na luta armada, as mulheres se integraram na luta sindical, passaram a dirigir sindicatos e movimentos grevistas, teriam “tomado o poder em suas mãos”. Nenhuma dessas participações, segundo Chase, deve ser vista como superior, já que todas compuseram o cenário que viabilizou a vitória revolucionária – ao menos no caso cubano, trabalhado por ela, mas que compuseram a luta insurrecional também em outros locais.

A título de exemplo, podemos considerar a peruana Betty González, apresentada por Randall, que fazia parte do comitê de greve sindical, representando sua federação rural. Para essa camponesa, as mulheres, naquele momento histórico, tinham tomado maior consciência de seu papel e não aceitavam ficar relegadas as tarefas do lar e de cuidado. Demandavam uma participação igualitária, pois lutaram batalhas ao lado e substituindo os homens caídos, ao lado de seus filhos, estiveram presentes na luta mesmo quando os homens estavam morrendo, destacando o compromisso feminino com a revolução. Por participarem dos processos políticos que reivindicavam avanços, se colocavam como sujeitas ativas na história.

Através do registro testemunhal, Randall nos apresentou a trajetória de outras duas camponesas peruanas, Justina e Delfina, que contribuem para a reflexão sobre a participação das mulheres latino-americanas em diferentes processos políticos<sup>452</sup>. Ambas haviam nascido em Ayacucho, uma região quéchua no alto da Cordilheira dos Andes. Delfina era trabalhadora na região de La Era e Justina no *pueblo nuevo* Migual Grau de Naña. Justina, no momento da entrevista, tinha 27 anos, era mãe solo, ajudava a família no trabalho agrícola e era dirigente da *Cooperativa de Producción y Trabajo* local. Anteriormente havia sido empregada doméstica e vendedora ambulante. Delfina era sua madrasta, tinha 48 anos, era mãe de sete filhos e trabalhadora agrícola. Ambas compartilhavam a luta pelo direito à terra. Justina não conheceu

---

451 CODARIN, Higor. Uma revolução de *hombres jóvenes*: as revolucionárias Brasileiras no treinamento guerrilheiro em Cuba (1968 – 1971). *Revista História*. São Paulo, N. 183, 2024, 21p., p. 9.

452 Essa entrevista, publicada em *No se puede hacer revolución sin nosotras* (1978), havia sido publicada anteriormente em *Situación y aspiraciones de la mujer trabajadora en el Perú*, Lima, Ed. del Centro, 1974. Contudo, não tivemos acesso a este livro.

seu pai até seus doze anos, quando foi viver em Lima, para estudar, período em que viveu com ele e sua madrasta. Ela se inseriu no contexto familiar de um pai alcoolista, condição comum entre os homens do campo, e destacou o papel das mulheres na luta por sobrevivência. Era o trabalho de Delfina que mantinha o núcleo familiar, através da “força moral do trabalho”. Quando chegou a cidade, Justina sequer falava espanhol, já que a região onde nasceu era falante da língua indígena quíchua, o que evidencia o distanciamento do campo peruano com a cultura Ocidental, assim como nos mostra a força da cultura indígena no interior. Ao mesmo tempo, o fato de Justina ter tido acesso aos estudos, pode ser visto como algo excepcional, diante do diagnóstico já apresentado por Randall.

Na cidade, teve que trabalhar como empregada doméstica, o que lhe colocou em contato com um outro tipo de exploração. Justina observou como as filhas de camponeses eram praticamente escravizadas nas casas de empresários peruanos e gringos, devido à quantidade de trabalho e a remuneração que muitas vezes era inexistente. Segundo Randall, os pais dessas jovens mulheres, se orgulhavam do trabalho das filhas, alcançado através da promessa de acesso a educação e de conquista a uma vida melhor. O que eles não sabiam, devido a distância física, falta de acesso a informação, alienação e falta de formação política, era a opressão que recaía sobre suas filhas, submetidas a um exaustivo trabalho doméstico.

Justina engravidou jovem e contou com a solidariedade de sua madrasta, em um momento em que o aborto não era legalizado e era uma possibilidade apenas para as mulheres que tinham condição de pagar. Essa realidade demonstra como os direitos reprodutivos eram atravessados pela classe, raça e nacionalidade já que, como analisamos, havia uma suposta preocupação pelo controle de natalidade e planejamento familiar, como forma de escamotear a política eugenista de “controle de população”. Ao mesmo tempo, em um contexto em que a maternidade era vivida como um fardo para algumas delas, como um destino que encerrava suas possibilidades de uma condição de vida diferente das outras que as antecederam, viviam o condicionamento de suas vidas como mulheres a partir de determinações estruturais e históricas. Por isso, o aborto, se legalizado, poderia ter sido uma saída para essas mulheres, como conquista de autonomia. Essa situação ficou evidente quando Justina relatou o momento em que teve sua filha: “[...] tuve a la bebé allá, [en el campo], mi madre lloraba, ella es analfabeta, decía: 'Há

tenido la suerte como yo', pero no creo que es la mala suerte, es consecuencia de la sociedad misma, porque si los hombres fueran responsables no pasarían esas cosas”<sup>453</sup>.

Ao se tornar mãe, Justina percebeu que seu *status* social havia mudado, o impacto da maternidade aprofundava sua condição feminina, expunha de modo mais profundo seu lugar como “cidadã de segunda classe”, como a “outra”. Perdeu seu trabalho como empregada doméstica e passou a trabalhar como vendedora ambulante: “Con eso nos manteníamos, era una vida muy triste, como ahora, veo muchas mujeres madres solteras, y yo sé lo que es, a veces se vende y otras no y el niño no va a decir comeré unas veces y otras no, es una andanza y una vida monótona, horrible.”<sup>454</sup> Diante daquela situação de exploração e desesperança, foi influenciada por sua tia e um irmão a retornar ao campo e se envolver em movimentos políticos, momento em que a militância foi identificada por ela como possibilidade de transformação da realidade em que se encontrava.

Nesse processo, Delfina enfrentou seu marido para garantir a participação de Justina no sindicato, se opondo a mentalidade machista do marido, marcado pela ideia de que a luta política não era lugar e atividade para mulher. Segundo ambas as mulheres, posteriormente a percepção dele mudou e, após as vitórias populares, naquele momento vista no estabelecimento do governo do general Velasco Alvarado, passaram a reconhecer a força das mulheres, que participaram da luta política com seus filhos. Essa intenção do governo peruano ficou explícita, por exemplo, quando convidaram Randall para realizar o registro da trajetória e realidade feminina através dos *testimonios*. O CENTRO fazia parte de um projeto de maior participação popular, além de buscar o apoio e legitimidade da população para as reformas em curso, segundo Adriane Costa. Para a historiadora através desta organização

[...] colocaram em circulação três ideias centrais naquele contexto: participação, mobilização social e revolução. As publicações do CENTRO abriram espaço para amplos debates que problematizavam quais deveriam ser as estratégias adotadas para legítimas o “processo revolucionário em curso” (COSTA, 2021).<sup>455</sup>

---

453 RANDALL, Margaret. *No se puede hacer la revolución sin nosotras*. Havana: Casa de Las Américas, 1978, p.108

454 Ibidem, p. 109.

455 COSTA, Adriane Vidal. Darcy Ribeiro: exílio e reforma universitária na América Latina. COSTA, Adriane Vidal (Org.) *Darcy Ribeiro: intelectualidade e pensamento crítico latino-americano*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2023, p. 181.

Delfina identificou o início de sua militância quando pararam de pagar os salários e começaram a tomar a terra onde viviam, ressaltando a importância da participação das mulheres, inclusive como dirigentes e como maioria em algumas ações de resistência e luta. Resistiram, fizeram piquete, apanharam, lutaram para que os homens não fossem presos. Em um dos combates que relatou em seu depoimento, ela mostrou que as mulheres atuaram ativamente e resistiram à investida da polícia, fecharam estradas com tratores, se defenderam de guardas que “[...] se quejaban ‘las mujeres quieren pegarnos, las mujeres quieren matarnos’, pero era mentira, únicamente hacíamos nuestros reclamos.”<sup>456</sup> Atuando politicamente, resistiram as prisões e, em represália, ficaram semanas sem receber salário.

Nesse contexto de dificuldade em serem incorporadas e reconhecidas, o fato de Justina saber ler em meio a uma sociedade analfabeta e em que alguns não falavam espanhol, foi uma habilidade de grande relevância e que possibilitou sua integração à cooperativa. Ao ser incorporada lutou e resistiu para ocupar seu espaço e permanecer:

[...] con mi familia sin trabajo y en lucha que me convencí de que tenía que participar en las asambleas sean donde sean, cargando con mi bebé me iba. Este proceso ha sido muy importante para mí porque allí recién todas las cosas que en los movimientos juveniles cristianos se decía, todo eso se puso en pie.<sup>457</sup>

Justina, durante muito tempo, foi a única mulher da cooperativa, mesmo tendo sido sua tia uma de suas incentivadoras. Segundo ela, os homens não as viam como sujeitos capazes, reproduziam o machismo da casa, do ambiente privado e familiar, no espaço público e político da cooperativa. Assim, o espaço político para ela não se diferenciava do que considerava como o comportamento geral da sociedade peruana, em que as mulheres eram submetidas aos homens, detentores de um poder do qual não abriam mão. Através de sua formação educacional e política, Justina identificou algumas mudanças em seu comportamento, em que já obedecia tão fortemente aos limites impostos ao seu gênero: não sofria e não se sentia humilhada por sua maternidade solo; acompanhava seu pai em atividades e conferências; responsabilizou-se pela alfabetização de Delfina.

Junto com Delfina e outras três mulheres camponesas da região de La Era, Justina criou a *Liga de las Mujeres*, onde debatiam sobre a realidade na qual estavam inseridas e se

---

456 RANDALL, Margaret. *No se puede hacer la revolución sin nosotras*. Havana: Casa de Las Américas, 1978, p.113

457 Ibidem, p. 109.

fortaleciam coletivamente para enfrentar a opressão de gênero. Através desse grupo, fizeram campanhas de alfabetização e mobilizaram e construíram um ambiente de coragem que possibilitava a integração política feminina. Como filhas e esposas dos homens que eram sindicalizados, elas expuseram algumas reivindicações aos patrões, que antes as humilhavam. Chegaram a criar outras bases da *Liga* em *San José, Caudevilla, Garagay* e *Galinazo*. Com esse processo organizativo, Justina notou uma mudança no comportamento e na mentalidade em geral. Como forma de organizar as mulheres, no sindicato de La Era realizavam assembleias de mulheres. Mas, também se depararam com resistencia por parte das mulheres: “[...] las compañeras no comprendían mucho, yo explicaba y alguna media criolla me tomaba mal, decía que yo llevaba por mal camino, yo explicaba que sabía porque había sufrido mucho en el trabajo, tirando lampa [...] pocas veces me recibían bien.”<sup>458</sup>

Aos poucos, através da formação política e da alfabetização, Justina percebeu que as mulheres que antes tinham medo de lutar, que se viam amedrontadas diante das ameaças dos patrões – que não as pagavam porque não as consideravam como trabalhadoras e sim como ajudantes de seus pais, maridos e filhos –, passaram exigir seus direitos. Essa mudança na atitude feminina foi resultado de trabalho político, realizado através de reuniões que provocaram reflexões sobre a realidade em que viviam. Nesse sentido, a *Liga de las Mujeres* desenvolveu um trabalho importante:

Entonces nos presentamos como hijas y esposas de los hombres que trabajan; para unirmos lo más importante han sido nuestras reuniones, cada ocho días hablábamos de lo que estaba sucediendo, cómo seguir adelante, cómo defendernos ante el ataque; el patrón quería hacer desaparecer el sindicato; las mujeres se fueron moviendo cada vez más veces los mismos trabajadores se oponían diciendo: 'Las mujeres que no participen, son muy habladoras'. [...] Así empezamos a trasladarnos a otras bases también; se dejó el temor del 'que dirán' en mi casa o las habladurías de que las reuniones sirven para chismear y para perder el tiempo, algunas de se desanimaron; pero creo que toda esta experiencia ayudó bastante, pusimos en vanguardia a cinco mujeres, las que no saben escribir que sus derechos tienen que ser respetados.<sup>459</sup>

A educação mudou a percepção dessas mulheres, o que entrou em conflito com o comportamento de seus maridos, que resistiam as novas atividades às quais se ocupavam, expondo os desafios que teriam que enfrentar. Essa mobilização feminina se organizava em torno de um questionamento sobre o *status quo*, sobre os padrões de gênero, partia da superação de uma série de estereótipos, como o receio de como seria visto seu envolvimento político. A

---

458 Ibidem, p. 114.

459 Ibidem, p. 111.

consciência da ausência de direitos por serem mulheres, da exploração a que seus maridos e filhos trabalhadores estavam submetidos, a indignação diante das ameaças constantes que sofriam. Todos esses elementos foram fundamentais para que passassem a atuar na esfera pública, para que mudassem a forma de ver o mundo, para que exigissem a incorporação igualitária na luta e no mundo do trabalho, como questões concomitantes que contribuiriam para o novo lugar que exigiam na sociedade e no mundo do trabalho,

[...] nosotros hemos estado allí defendiendo; cuando metieron a la cárcel a los dirigentes, tenían las mujeres que hacer frente sólo con sus hijos y las chicas. Creo que en este sentido la mujer va cambiando su mentalidad, aunque no sean obreras, van y dicen que las mujeres deben participar igual, ganar igual.<sup>460</sup>

Como apresentado por Randall, o movimento de mulheres latino-americano vinculado as esquerdas e/ou as trabalhadoras, apesar de diverso, se conformava vinculado às questões do mundo do trabalho e ao enfrentamento aos padrões de gênero. Ao mesmo tempo, estava inserido na contradição das estruturas da “família burguesa”, da relação com os maridos e filhos. Isso que chamamos de contradição foi entendido em um sentido interseccional como um método: ao mesmo tempo em que se reconhece a possibilidade de “sermos oprimidas”, “corroboramos com as violências”<sup>461</sup>. No contexto do governo do general Velasco Alvarado, Justina identificou transformações em sua condição de vida: passou a receber salário igual ao de alguns homens da cooperativa, apesar da política instituída de que os homens casados ganhavam mais do que os solteiros devido ao papel do homem/pai na família; as mulheres passaram a trabalhar em funções que antes lhes eram negadas; contribuíam ativamente para o aumento da produção agrícola. Por fim, romperam com alguns estereótipos de gênero aos quais tinham sido submetidas desde crianças, comportamentos que agora consideravam como alienantes.

Diante de avanços e permanências, Randall atribuiu ao patriarcado, como organizador das relações sociais, a dificuldade de superação de alguns obstáculos impostos às mulheres e a construção da “nova sociedade”. Os maridos seguiam impedindo que as mulheres assumissem postos de trabalho, pois entendiam que sua função era permanecer no lar, cuidando da família. Por isso, Justina ressaltou a importância desempenhada pela luta das mulheres: “yo quiero trabajar para cambiar esa mentalidad y buscar a las mujeres que sienten esas ansias de

---

460 Ibidem, p. 111-112.

461 AKOTIRENE, Carla. Cruzando o Atlântico em memória da interseccionalidade. RIBEIRO, Djamila (Org). *Interseccionalidade*. Carla Akotirene. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020, p.45

promocionarse, que sufren; empezar allí donde las mujeres ven en su marido o en el patrón un Dios”<sup>462</sup>, situação agravada no campo, na serra, onde era maior a naturalização da situação em que viviam as mulheres, em que a Igreja reproduzia quais deveriam ser os papéis de gênero assumidos por cada um/a.

As peruanas viam a “questão da mulher” não como um problema restrito as “classes baixas”, mas que atingia também as “classes altas”, submetendo a maioria das mulheres. Era uma questão cultural, pois à cultura que impunha o matrimônio como um fim, o objetivo da vida das mulheres, que deveriam ser dependentes economicamente de um homem. Esse era, segundo as peruanas entrevistadas por Randall, um problema de toda a América Latina, por isso as mulheres não deveriam competir entre si, mas sim se unir para superar a alienação, contra os concursos de beleza e os padrões estabelecidos, por direito ao trabalho, estabelecendo relações de solidariedade e não de competição. Somente as mulheres sabiam a situação real da mulher.

A porto-riquenha, Dominga de la Cruz, foi entrevistada por Randall em Havana, onde vivia seu exílio. Descrita como uma líder revolucionária, que dedicou sua vida a buscar soluções para a realidade imposta ao seu povo, lutou por transformações sociais ao lado de uma “massa de homens e mulheres”. Em Porto Rico, era reconhecida como heroína, título conferido a ela após ter levantado a bandeira no massacre de Ponce<sup>463</sup>, o que a consagrou: “[...] corrió bajo las balas y salvaguardó la bandera”. Diante de seu compromisso, de sua disposição em dar sua vida pela pátria, Randall não a considerou como uma exceção. Dominga representava, com o seu comportamento e sua história, as mulheres dominicanas e latino-americanas, cujas histórias confrontavam as narrativas de “grandes homens”. Para Margaret Randall, Dominga foi “una figura común”, que nasceu e cresceu, aprendeu e trabalhou, teve filhos, compartilhou de uma

---

462 RANDALL, Margaret. *No se puede hacer la revolución sin nosotras*. Havana: Casa de Las Américas, 1978, p. 112.

463 Em 1937 houve, em Porto Rico, o massacre de vinte manifestantes pela independência nacional, perpetrado pelas forças armadas coloniais estadunidenses, episódio que ficou conhecido como Massacre de Ponce. “O Massacre de Ponce foi um momento crucial para o movimento de independência, pois mostrou ao mundo o quão opressivos os Estados Unidos eram com os porto-riquenhos, além de ilustrar até que ponto os Estados Unidos estavam dispostos a ir para silenciar os rebeldes. O Massacre também provaria aos Estados Unidos que Porto Rico não permaneceria em silêncio, pois seu povo estava disposto a morrer por sua liberdade.” MARRERO, Samantha N. *The Final Straw: The Battle for Puerto Rico*. CUNY Academic Works, 2023. Disponível em: [https://academicworks.cuny.edu/le\\_etds/27](https://academicworks.cuny.edu/le_etds/27) Acesso: 05 de dezembro de 2024. Tradução nossa. Até os dias de hoje Porto Rico não conquistou sua independência, permanecendo, desde o século XIX, como um território dos Estados Unidos. Seu nome oficial é Estado Livre Associado de Porto Rico, mantendo-se uma relação de exploração colonial. Ver: BAGGIO, Katia Gerab. *A Questão Nacional em Porto Rico: o Partido Nacionalista (1922-1954)*. São Paulo: FAPESP: Annablume, 1998.

realidade de exploração, de dupla outridade, “[...] y sufrió la existencia diaria de millones de mujeres pobres, negras, explotadas de nuestro Continente.”

Essa intenção de Randall, em não reproduzir uma narrativa de excepcionalidade, incluía-se em sua busca por definir um perfil mais amplo de mulheres latino-americanas envolvidas nas lutas por libertação nacional, mobilizadas pela consciência adquirida acerca das condições históricas de exploração produzida pela relação “império-colônia”. Elas eram mulheres comuns, com uma coragem que emergia de sua situação ordinária. Por isso que histórias e trajetórias individuais, como a de Dominga, servem como importante registro de uma época, demonstrando outras possibilidades de atuação feminina no mundo, que extrapolavam os papéis tradicionais de gênero. No caso trabalhado aqui, o povo teve um papel no movimento revolucionário que foi central para provocar mudanças sociais profundas, já que “mucho se ha escrito acerca de los líderes poco acerca de los hombres y – sobre todo – las mujeres que conforman una fuerza humana incontenible: la clase.”<sup>464</sup>

Em Porto Rico, a realidade imposta às mulheres, conforme descrito por Dominga, era a mesma apresentada sobre a mulher latino-americana. Apesar de ter recordado sentir indignação diante de situações de injustiça desde muito jovem, Dominga definiu seu momento chave de ganho de consciência e mobilização política quando viu suas filhas morrerem de fome. Nesse momento, identificou que a situação na qual se encontrava fazia parte da estrutura do mundo em que vivia. A maternidade se configurou como uma encruzilhada para ela: escancarava a exploração, ao mesmo tempo em que era uma condição que a “elevava” enquanto sujeito. Por isso, sua consciência emergiu quando a situação de desigualdade e exploração extrema em que vivia recaiu sobre suas filhas. Nesse ínterim, ela se separou e começou a se politizar na fábrica em que trabalhava ao ouvir as discussões dos trabalhadores homens, inserindo-se forçosamente nas leituras políticas que realizavam coletivamente, mesmo que no início estivesse nas margens porque inicialmente aquele não era um espaço aberto à participação feminina.

Com sua integração no movimento pela libertação nacional de Porto Rico da dominação colonial e imperialista dos Estados Unidos, Dominga contribuiu desde a formulação teórica. Ela escrevia artigos partidários que eram publicados em jornais, ou que ela mesma imprimia e distribuía para a população. Desde 1945, usava sua escrita, as vezes artística, para denunciar o

---

464 RANDALL, Margaret. El pueblo no es solo testigo: la historia de Dominga. *Revista Cuadernos Universitarios*. Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais da Universidade de San Carlos de Guatemala. Nº3, julho-agosto de 1979, p.118



que acontecia em seu país e por isso foi perseguida anteriormente a seu ato heroico no Massacre de Ponce. Havia, segundo ela, uma demanda explícita, por parte das mulheres, para uma formulação específica sobre sua condição e possibilidades de transformação, era a “companheira nacionalista” que “[...] les gustaba mucho que yo dijera algo del cambio que debía tener la mujer dentro del Partido Nacionalista.”<sup>465</sup> Para ela, as mulheres não eram “Hijas de la Libertad“, mas “Enfermeras del Ejército Libertador”. Diante dessa situação, queriam mais, queriam “[...] adelantar más como mujeres en sí, no imitar al hombre sino destacarse como mujeres en sí dentro del Partido.”<sup>466</sup> Dominga acabou se tornando porta-voz das mulheres, entrou para Comissão de Resoluções do Partido, e se consolidou como uma liderança.

Após o Massacre de Ponde em 1937 foi perseguida e partiu para o exílio em 1940, aproveitando seu momento de publicidade para denunciar a realidade vivida por seu povo. No exílio em Cuba, desde 1961, para onde migrou a convite do governo de Fidel Castro, contribuiu em atividades de solidariedade à Porto Rico, assim como em outras tarefas, compatíveis com sua idade avançada, mantendo seu compromisso com a construção da “nova sociedade”:

Fuimos en busca de la mujer tras el momento histórico, porque sabemos que Dominga – como tantas – tiene que ser mucho más que lo que se ejemplifica en su momento más destacado, tiene que haber vivido años y años asequibles a nuestro más íntimo dolor, a nuestra capacidad de comprender la vida de cualquier mujer americana. [...] No es difícil hacer hablar a Dominga. No es difícil porque ella misma tiene pensada esta tarea. Dice que quiere dejar su pequeña historia - parte de la historia más grande de la mujer americana - para que la juventud de hoy la conozca, aprenda de ella. [...] Es trabajoso a veces hacerla hablar de sí misma, de las cosas pequeñas. hay que explicarle que ésta, su vida, tiene un hondo sentido para nosotros. Que vemos en ella un ejemplo de la mujer común que se despierta continentalmente.<sup>467</sup>

Em 1982, Randall publicou o artigo *La mujer: especificidad de su problemática*, no suplemento cultural *Barricada*, do jornal sandinista *Ventana*, em que colocou o livro *La mujer y el socialismo* (1893) de August Bebel<sup>468</sup>, em diálogo com suas reflexões sobre a “questão da mulher” nas sociedades latino-americanas. Para isso, partiu de seu olhar da longa duração, buscando identificar como, ao longo do tempo, a luta das mulheres vinculou a natureza dos problemas femininos em um contexto de “lucha general de los pueblos”. Parte dessa tendência

---

465 RANDALL, Margaret. El pueblo no es solo testigo: la historia de Dominga. *Revista Cuadernos Universitarios*. Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais da Universidade de San Carlos de Guatemala. Nº3, julho-agosto de 1979, p.125

466 Ibidem, p. 126.

467 Ibidem, p. 118-119.

468 Político e teórico marxista e socialista, fundador e líder da social-democracia alemã no início do século XX.

identificava a mulher de acordo com a classe, com isso, a luta por sua libertação estava inserida na luta de classes, já que compartilhavam seus problemas com outros sujeitos a partir de sua dupla, as vezes tripla, condição de subordinação. Segundo Randall, Bebel “comprende, correctamente, que toda explotación y opresión tiene sus raíces en las relaciones imperantes entre las personas y los medios de producción; y afirma que cuando los antaño desposeídos gozan de la justicia producto de su propio trabajo, toda discriminación desaparecerá.”<sup>469</sup> Considerou também outras correntes de pensamento, principalmente nas sociedades industrialmente avançadas, em que a luta da mulher não estava vinculada a luta de classes, mas era entendida como anterior a esta.

Como vimos, Randall se distanciava do chamado “feminismo burguês/liberal”, ou das “tendências burguesas” que, segundo ela, buscavam sequestrar o feminismo para si. Para ela, o feminismo deveria ser compreendido “como conciencia de las necesidades y derechos de la mujer”, fazendo referência ao pensamento da política marxista alemã Clara Zetkin; da teórica e militante soviética Alexandra Kollontai; da filósofa e marxista polaco-alemã Rosa Luxemburgo; da pensadora e ativista franco-peruano Flora Tristán – protagonista do livro *O paraíso na outra esquina*, de Mario Vargas Llosa; da abolicionista afro-estadunidense Sojourner Truth; da feminista abolicionista estadunidense Elizabeth Cady Stanton; da jornalista, feminista e socialista estadunidense Crystal Eastman. Posicionava-se ao lado de uma tradição de mulheres que pensaram a “condição da mulher” através da chave da teoria marxista, de um olhar classista, mas também racializado. Aqui a mulher é compreendida como sujeito mais oprimido no interior de qualquer classe e, mesmo nos países socialistas, onde já tiveram algum avanço, seguiram como cidadãos de segunda categoria.

A partir da década de 1980, depois de ter vivido uma década em Cuba, recém instalada na Nicarágua, notamos que Randall adotou uma postura crítica aos processos revolucionários com os quais mantinha seu compromisso militante. Nesse sentido, o amadurecimento de sua reflexão, colocou os marxistas “ortodoxos” como depreciadores do “feminismo” e das “feministas”, pois consideravam que essas mulheres desconsideravam as “leis históricas” – das relações de classe e as desigualdades no interior do sistema capitalista –, em que a solução do “problema de classe” colocaria fim em todas as formas de opressão. Dessa forma, esses teóricos

---

469 RANDALL, Margaret. La mujer: Especificidad de su problemática. *Ventana*. Barricada Cultural. vol.III, n.64, março de 1982, p.5

marxistas não contribuíam para superação da desigualdade de gênero. Com sua experiência em Cuba e Nicarágua, Margaret Randall pode observar que:

[...] sin un cambio profundo en la estructura de una sociedad, no hay posibilidad de una verdadera liberación, ni de la mujer ni de ningún otro grupo social. El primer paso hacia la emancipación es, sin duda, la revolución. Pero consideramos, también, que el cambio en la estructura no basta para asegurar la plena liberación de femenina.<sup>470</sup>

Na prática, ela percebeu que apenas a revolução não seria suficiente para superação da opressão das mulheres. A questão de gênero deveria ser inserida de maneira transversal no projeto de libertação, com centralidade na mudança da mentalidade e dos costumes, com a redistribuição do acesso ao poder. Identificava que o condicionamento social, as tradições, os hábitos, eram categorias importantes, que historicamente atuaram na “deformação da condição da mulher”, que nutria também esses condicionamentos, numa via de mão dupla, conformando uma ideologia que não podia ser superada em apenas uma geração. Mesmo nas sociedades onde a mulher passou a ter possibilidades e direitos iguais aos homens, elas permaneciam distantes do núcleo do poder, submetidas a uma dupla jornada de trabalho que as sobrecarregavam com os trabalhos de cuidado, de reprodução da vida, e as afastava da política, da militância e do espaço público. Para que se efetivasse a mudança estrutural esta teria, enfim, que vir acompanhada da modificação na consciência de mulheres e homens. Para Randall, eram

[...] vidas enteras impregnadas de una realidad en que las tradiciones y leyendas, los libros de texto, el bombardeo multifacético de los medios de comunicación consigna una inferioridad a la mujer - ingeniado para conformar una visión que conduce a la inseguridad y al menosprecio -: todo esto tiene su costo.<sup>471</sup>

Nas experiências cubana e sandinista as mulheres, como veremos nos capítulos seguintes, que lutaram e romperam com os obstáculos dos padrões de gênero, seguiram atreladas a uma moralidade que não atingia os homens. Mesmo onde tiveram um papel central nas lutas por libertação e em um momento histórico em que o feminismo tinha um alcance mais consensuado nas esquerdas, como é o caso apresentado da Nicarágua, a transformação profunda na consciência de homens e mulheres permanecia como um desafio, perseverava uma “deformação ideológica” que impedia o avanço da igualdade de gênero. Para alterar esse quadro, Randall defendia que deviam trabalhar o problema considerando critérios sobre a prioridade

---

470 Ibidem, p. 5.

471 Idem.

em cada etapa da luta, inserindo a “problemática de la mujer” não como algo identitário e em separado da revolução, mas como elemento que atravessava todos os setores e debates. Por isso, ela afirmou em 1982:

Pero sostenemos que el trabajo ideológico en pro de la plena participación y en contra la discriminación de la cual es objeto la mujer está ligado a estas dos áreas prioritarias [ideología e produção] de una forma vital, y que, si no motivamos profundos cambios en este sentido, no sólo habremos perdido algo del avance ya alcanzado por la mujer nicaraguense sino que será un freno social.<sup>472</sup>

A partir do início da década de 1980, Randall adotou uma postura mais crítica em relação a forma como as revoluções trataram o tema do gênero, inclusive a partir do que ela considerou um mal uso da justificativa biológica, de características físicas, para excluir as mulheres. Para ela, ambos os sexos eram capazes de desempenhar funções domésticas, intelectuais, práticas e de trabalho. Randall aprofundou sua análise da condição da mulher como setor mais oprimido dentro da estrutura de classes do capitalismo, questão não superada nas sociedades socialistas, em que:

[...] el paso fundamental para la liberación del pueblo, en todos sus sectores, es el cambio profundo de las relaciones productivas, el paso a propietario de los medios de producción de la clase obrera y su aliado el campesinado. Pero dentro de la clase, la mujer es el sector más oprimido - no por el hombre, sino por la estructura de explotación que utiliza al hombre como vehículo de mantenimiento del status quo en este sentido.<sup>473</sup>

Para a superação ideológica dessa condição, o homem deveria compreender que a discriminação da mulher diminuía também sua própria humanidade, atingindo a toda sociedade. A “problemática da mulher” era uma questão de classe, com uma especificidade que abrangia todas as “áreas da vida humana”. Por isso, concordou que a profundidade de um processo revolucionário podia ser medida através da participação das mulheres, mas que, além disso “[...] el avance de un proceso revolucionario depende, entre otras cosas, en la claridad con que se enfrenta este problema, hasta hoy no totalmente resuelto en ninguna sociedad.”

Podemos identificar, na postura dessas mulheres latino-americanas e na função de intelectual assumida por Margaret Randall, uma “[...] vontade contribuir para a desarticulação

---

472 Idem. Grifos da autora.

473 Idem. Grifos da autora.

das estruturas [do] colonialismo, eurocentrismo e imperialismo inseparadamente”.<sup>474</sup> Partindo do conceito de interseccionalidade conforme apresentado por Patrícia Hills Collins, a busca por “justiça social” orientou tanto o trabalho intelectual e artístico de Randall, em defesa dos processos de libertação nacional latino-americanos, quanto a crítica que teceu a esses processos em curso, e com os quais estava comprometida. Nesse entendimento, a justiça social, quando ilusória, ou por ser aplicada em sociedades desiguais, ou por produzir resultados desiguais e injustos, em locais onde “aparentemente as regras são aplicadas de maneira igual a todos”<sup>475</sup>, seja no Estado-Nação moderno, nas democracias liberais ou nas experiências socialistas, mostram a complexidade das relações de poder e os desafios de sua superação das mesmas.

A interseccionalidade, seguindo as proposições de Hill Collins, se encontram aqui com nossa *práxis* acadêmica, empregada em nosso olhar para a atuação intelectual de Randall e na forma como observou as desigualdades sociais mantenedoras da subordinação dos povos e nações latino-americanas. Por fim, como postura crítica e ferramenta de análise para a discussão feminista proposta pela autora, para Randall o fracasso das revoluções latino-americanas repousa sobre a dificuldade em incorporarem uma agenda feminista, e no desafio de ressignificação das relações generificadas de poder<sup>476</sup>. Assim, em consonância com Hill Collins, Randall buscava não apenas descrever o mundo, mas tomava uma posição, imagina alternativas e propunha estratégias de ação.

A fim de compreender a síntese e as críticas apresentadas por Margaret Randall a respeito da mulher latino-americana e da luta revolucionária no continente, no capítulo subsequente, analisaremos a função do testemunho e da história oral para Randall, a fim de compreender sua função a serviço das mulheres latino-americanas. Na sequência, nos capítulos 4, 5 e 6, analisaremos os testemunhos coletados por ela em Cuba e na Nicarágua, buscando

---

474 AKOTIRENE, Carla. Atlântico e diferenças entre irmãs: críticas ao conceito de interseccionalidade. In.: RIBEIRO, Djamila (Org). *Interseccionalidade*. Carla Akotirene. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020, p.98 A autora apresenta esse entendimento como forma de pacificar as tensões entre intelectuais que se consideram feministas negras, e as que se consideram mulheristas, contudo, acreditamos que esta intencionalidade está presente nas mulheres latino-americanas e no compromisso epistemológico e político de Randall com as mulheres “terceiro-mundistas”.

475 COLLINS, Patrícia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. São Paulo: Boitempo, 2021, p.48-49

476 Ver: RANDALL, Margaret. *Gathering rage: the failure of the twentieth century revolutions to develop a feminist agenda*. [Manuscrito], 1992 e RANDALL, Margaret. No habrá cambio social sin revisar el poder desde el feminismo. *Envío*. Universidade Centroamericana de Managua, Nicaragua. Ano 19, n.214-215, janeiro-fevereiro 2000, p.44-51

identificar, nas diversas trajetórias narradas, o impacto, os avanços, retrocessos e perspectivas de mudança com as quais as mulheres se depararam no contexto das revoluções.

### 3. “MEDIADORA DE TESTEMUNHO”: A HISTÓRIA ORAL E O *TESTIMONIO* PARA MARGARET RANDALL

Em 2015, Randall escreveu um breve artigo e concedeu uma entrevista que tinham como foco o papel do testemunho em sua trajetória<sup>477</sup>. Segundo ela, quando se enveredou por esse caminho, não tinha uma formação acadêmica, profissional, teórica e prática. Mas partiu de sua curiosidade, pois queria compreender de que forma os governos socialistas tinham, ou não, mudado a vida das mulheres. Para tirar essa dúvida, resolveu, então, perguntar às mulheres cubanas, o que acabou levando-a ao *testimonio*: “Cheguei em Cuba, no outono de 1969, com uma pergunta na ponta da língua: o socialismo mudou a vida das mulheres, e se mudou, como? Minha primeira história oral tinha nascido.”<sup>478</sup> Esse foi o início de seu trabalho testemunhal com as mulheres latino-americanas, o que se estendeu por décadas.

Contudo, este não foi o seu primeiro contato com entrevistas, relatos e narrativas testemunhais. Em uma breve análise da revista *El Corno Emplumado*, identificamos como Randall, enquanto editora, foi se aproximando das narrativas pessoais, trazendo trajetórias e experiências para as páginas da revista. As cartas, que a princípio ocupavam um lugar basicamente de debate político público transnacional entre intelectuais e artistas espalhadas/os no mundo todo, nos últimos números da revista se tornaram mais extensas e continham narrativas de experiências e vivências daqueles/as que as escreviam. Sem deixar de fora o debate político sobre a conjuntura e a respeito do papel que desempenhavam enquanto intelectuais, não era por acaso a transformação nas seleções de cartas feitas pela editoração da revista. Além da seção de cartas, em 1968 a edição de número 28 publicou um relato de campo de Kilton Stewart, *Senoi dream society*, e divulgou as correspondências entre Freud e Lou Andreas Salome. No entanto, o que nos chamou mais atenção neste número, por se aproximar da escrita testemunhal da luta revolucionária, foi um elemento fora da seção de cartas e, por isso, com maior destaque: publicaram a *Carta de un Guerrillero Colombiano*<sup>479</sup>, destinada a

---

477 RANDALL, Margaret. Oral history and memory: A personal journey. BLANES, Jaume Peris; SÁEZ, Gema Palazón. [Org.] *Avatares del testimonio en América Latina: tensiones, contradicciones, reelecturas*. Número especial de *Kamchatka: Revista de Análisis Cultural*, 2015, p.293-303; RANDALL, Margaret; SÁEZ, Gema Palazón [En.]. Revolution doesn't die, it simply changes with the time. Entrevista com Margaret Randall e BLANES, Jaume Peris; SÁEZ, Gema Palazón. [Org.] *Avatares del testimonio en América Latina: tensiones, contradicciones, reelecturas*. Número especial de *Kamchatka: Revista de Análisis Cultural*, 2015, p. 435-445.

478 RANDALL, Margaret. Oral history and memory: A personal journey. BLANES, Jaume Peris; SÁEZ, Gema Palazón. [Org.] *Avatares del testimonio en América Latina: tensiones, contradicciones, reelecturas*. Número especial de *Kamchatka: Revista de Análisis Cultural*, 2015, p. 294.

479 MONDRAGON, Sergio; RANDALL, Margaret, “El corno emplumado 28”. *Open Door Archive*, 1968, *passim*.

um sujeito chamado Rogelio, escrita pelo militante do *Ejército de Liberación Nacional* (ELN), Hernando Hermías José Ruiz, que, no momento da publicação, já tinha sido morto em combate contra o exército colombiano, em 1967. Na carta, Ruiz relatava a vida dura na guerrilha ao colega aspirante a aderir a luta armada.

As entrevistas passaram a ganhar espaço na reta final da revista. Em janeiro de 1969, na edição de número 29, foi publicada uma “auto-entrevista” do espanhol Fernando Arrabal que, após ignorar as perguntas feitas pelos editores que o entrevistavam, respondeu uma extensa carta com perguntas feitas por ele mesmo<sup>480</sup>. No número 30, de abril de 1969, foi divulgada uma carta da editora, escritora e ativista Carol Brightman a respeito do que se passava no Vietnã, intitulada *Vietnam revisited*, escrita após uma visita ao país: “a principios de 1967, estubo un mes en Vietnam del Norte con una de las comisiones investigadoras del Tribunal Russell.”<sup>481</sup> A revista também divulgou uma série de cartas sobre Cuba, escritas pela jornalista estadunidense Michele Clark a alguns amigos/as narrando a experiência e vivência na ilha em 1968, quando acompanharam o grupo *Students for a Democratic Society*<sup>482</sup>. No número 31, de julho de 1969, foi publicada a entrevista *La revolución cultural de China* com Chris Milton, um jovem dos Estados Unidos que viveu três anos na China, abordando sua experiência particular no país comunista. Com essas movimentações, o/a editor/a reconheciam os limites que percebiam a respeito da narrativa pessoal como fornecedor de ângulo específico sobre os acontecimentos, que não teria condições de dizer sobre um todo:

La entrevista que le hicimos [con Chris Milton,] de ninguna manera puede tomarse como una visión amplia y completa de los temas y las luchas de la revolución cultural china, ni de los movimientos rebeldes de los Guardias Rojos. Es sólo una parte de sus experiencias en preparatoria durante la revolución cultural. La preparatoria estaba en Pekín, contigua a la Universidad de Pekín en donde empezó gran parte de la lucha. Pero habrá que recordar que estaban sucediendo diversas cosas, tales como luchas en el campo que empezaron mucho antes, así como luchas en las fábricas y luchas internas del Partido Comunista.

Nos llamó la atención lo complicado que era hasta ese pequeño ángulo de la revolución que nos describe Chris. Si hay simplificación quizá sea para tratar de familiarizar al público norteamericano con los hechos.<sup>483</sup>

Essa percepção de que a trajetória pessoal só diz sobre o indivíduo, foi algo que, como veremos, se alterou na perspectiva adotada por Randall através da prática da história oral. *El*

---

480 RANDALL, Margaret, “El corno emplumado 29,” *Open Door Archive*, 1969, p. 107-111.

481 COHEN, Robert; RANDALL, Margaret, “El corno emplumado 30”. *Open Door Archive*, 1969, *passim*.

482 Idem.

483 COHEN, Robert; RANDALL, Margaret, “El corno emplumado 31,” *Open Door Archive*, 1969, p. 129.



*Corno* número 23, publicada em julho de 1967, em comemoração ao aniversário do Movimento 26 de Julho<sup>484</sup> foi de afirmação de um compromisso intelectual com a Revolução, e contou com uma seleção de poetas cubanos, que os editores haviam trazido diretamente da ilha:

[...] en un modesto intento de romper el bloqueo cultural que, paralelo al económico, han impuesto a cuba los gobiernos del continente americano, como medida desesperada ante su propia impotencia, ante su terror de cuerpos roídos por la nada, y quiénes son las larvas que precipitan la muerte de lo viejo para dar lugar al nuevo nacimiento? los poetas, y sus armas: una conciencia cada día más ancha, y una imaginación en la que caben todos los tamaños de los sueños, esos sueños que en cuba ya están en movimiento.<sup>485</sup>

Além de romper as barreiras do bloqueio cultural, divulgar a revolução era um objetivo importante. Aqui nos deparamos com o primeiro registro da prática direta do uso de relatos testemunhais por parte de Randall, quando escreveu uma espécie de ensaio, intitulado *Cuba: impressions eight year from triumph*, em que abordou as impressões que teve em sua primeira passagem pela ilha, focando no que considerava mais importante: a transformação que ocorria no interior das pessoas, em suas consciências, ao tornarem-se todos companheiros e companheiras, em igual dignidade humana restaurada pela revolução. Para tal, registrou breves relatos testemunhais da população, ressaltando a importância metodológica de ter andado e falado com as pessoas para que pudesse obter alguma impressão a respeito do processo revolucionário. São “[...] algumas conversas, ouvidas por acaso ou provocadas, relatadas aleatoriamente”<sup>486</sup>, ou seja, Randall não tinha adotado nenhuma metodologia específica para trabalhar com esses relatos. Esse trabalho apenas nos indica um caminho intelectual a ser seguido *a posteriori*, no qual a escuta e a escrita teriam um papel importante para compreensão da revolução e da participação das mulheres no processo revolucionário.

Neste momento, Randall assinalou os seguintes diálogos que estabeleceu em sua viagem: com uma mulher comum, que esteve sentada ao seu lado enquanto aguardava uma consulta médica, que relatou as dificuldades da vida doméstica no racionamento, sem se opor à revolução; com um homem negro que defendia a revolução; com uma mulher mais velha, que trabalhava numa farmácia e que elogiava o México, mas pontuava que a religiosidade era um fator impeditivo para a revolução naquele país; com um voluntário em uma plantação de cana-de-açúcar, que explicou sobre os trabalhos voluntários e as oportunidades de trabalho; com uma

---

484 Feriado nacional cubano por ser o dia da tomada do Quartel Moncada, que marca o início do movimento revolucionário vitorioso em 1959.

485 MONDRAGON, Sergio; RANDALL, Margaret, “El corno emplumado 23”. *Open Door Archive*, 1967.

486 Idem. Tudo indica que a “Nota de los editores” seja de autoria de Sergio Mondragón. Traduções nossas.

jovem mexicana que vivia em Cuba, afirmando como a revolução mudou sua vida, pois havia ido para Cuba como empregada doméstica de uma família mexicana e com a revolução aprendeu a ler e a escrever; com um/a jovem poeta, que ao responder sobre sexismo, afirmou que considerava que a mudança nas relações entre os “sexos” seria um processo longo e geracional; com um jovem médico que respondeu sua pergunta sobre a saída de Juanita Castro, filha de Fidel Castro, para os EUA, lembrando que as diferenças familiares existiam e muitas pessoas tiveram parentes que abandonaram a ilha após janeiro de 1959; com um jovem escritor que, ao responder uma pergunta direcionada a ele, afirmou que apesar de ter vontade de viajar, o medo de perder algum acontecimento importante na ilha era maior; com um motorista de táxi, que ressaltou as dificuldades de abastecimento provocadas pelo bloqueio, mas reforçou a solidariedade de outros países que impossibilitavam que houvesse uma grande crise de transporte; com estudantes que reivindicavam um olhar positivo do bloqueio, afirmando que com ele os cubanos seriam forçados a produzir diversas outras coisas além de café, tabaco e açúcar; com um professor que respondeu a uma pergunta sua sobre a possibilidade da morte de Fidel Castro e reforçou que o processo revolucionário estava se consolidando além do personalismo castrista, apontando a figura de Raul Castro como continuidade.

Essa foi a primeira vez que Randall escutou e usou a voz de pessoas comuns para registrar uma impressão, para que pudesse contar o que se passava em Cuba, qual era a “realidade” daquele povo. Devemos nos atentar aqui a uma discussão entorno do “dar voz” ao outro. Sandra Goulart Almeida, no prefácio de apresentação para *Pode o subalterno falar?*, de Gayatri Spivak, fez considerações relevantes sobre a tentativa de intelectuais em “falar por” sujeitos que foram historicamente silenciados/as, afirmando que “[...] nenhum ato de resistência pode ocorrer em nome do subalterno sem que esse ato seja imbrincado no discurso hegemônico.”<sup>487</sup> Randall, em entrevista em 2020, rememorando esse período da sua trajetória, reconheceu essa complexidade e contradições do trabalho intelectual que havia feito:

A primeira vez que fiz história oral nos anos 1970 eu tentei não falar pelo outro/a, eu estava tentando deixar que o outro/a falasse através de mim, mas, eu estava apenas aprendendo a fazer história oral e eu não sabia se seria sempre bem-sucedida nisso. Gradualmente, muitas dessas mulheres que falaram através de mim naquele momento, ganharam suas próprias vozes extraordinárias, e falaram por si mesmas em livros, artigos, filmes e em muitas outras maneiras. [...] um leitor/a de um livro de história

---

487 ALMEIDA, Sandra R. G. Prefácio: Apresentando Spivak. SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 14.

oral não ouvirá apenas a voz que você está apresentando, mas saberá os momentos em que você está presente e o que você está filtrando daquela voz que veio à tona.<sup>488</sup>

Nessas reflexões, a respeito do uso da “voz” e do papel intelectual, abordaremos brevemente o debate entre Foucault e Spivak<sup>489</sup>. Para Lorena Freitas, foi Foucault quem ressaltou “uma ligação entre discurso e poder”, que pode ser entendido “como em um jogo de ação e reação, de dominação, resistência e luta, que fazem parte das práticas sociais.” Foucault teria sugerido o embate dos “saberes sujeitados” e os “saberes científicos”, desvelando as disputas de poder no campo epistemológico, já que “o exercício do poder se encontra intrinsecamente associado com a produção, circulação e acumulação de determinados discursos verdadeiros.” Na conversa com Deleuze<sup>490</sup>, ele definiu como “função do intelectual” o trabalho desse “desvelamento” como parte da luta contra o poder. Nesse sentido, Freitas entendeu que Spivak na mesma “esteira que Foucault”, buscou desafiar os discursos hegemônicos, contudo se posicionando a partir do Terceiro Mundo, o que gerou críticas ao discurso foucaultiano a partir da experiência colonial e do gênero.

Ao pensar a “função intelectual”, considerando a contribuição do filósofo francês, Spivak partiu do que já abordamos a respeito da negação da voz da subalterna ao evidenciar “a dificuldade dos intelectuais europeus em pensar o Outro de fato como um Sujeito”. Sendo assim, pensando uma crítica relacional entre o “dar voz” em contraposição à “representação”, Freitas afirmou:

A problemática levantada por Spivak trata de um imperialismo implícito no trabalho do intelectual europeu que, inevitavelmente, insere signos ocidentais para mediar a experiência, estabelecendo a si mesmo como um Eu referencial e formador do Outro. [...] a filósofa questiona então se a postura e tarefa do intelectual discutidas por Foucault e Deleuze deveria de fato ser sempre a mesma, independentemente da natureza das lutas e da cultura em jogo, pois a aposta na resistência localizada a partir

---

488 “When I first did oral history in the 70’s I was trying not to speak for the other, I was trying to let the others speak through me, but I was just learning how to do oral history and I didn’t know if I was always successful at that. Gradually, many of those women who spoke through me at that time gain their own extraordinary voices, and have spoken through books, articles, films and in many other ways. [...] the reader of an oral history book will not only hear the voices that you’re presenting but know when you’re coming from and what you’re filtering those voices through.” RANDALL, Margaret *apud* HUTCHISON, Elizabeth. *Discussion with Gioconda Belli and Margaret Randall*. University of New Mexico. 28 de outubro de 2020. Tradução nossa.

489 VER: BECCARI, Marcos Namba. O direito de olhar a partir de Foucault, Spivak e Mbembe. *Revista ARS*. São Paulo, v.18, n.40, 2020, p. 344-388 e DE FREITAS, Lorena Martoni. A crítica de Spivak à Foucault. *Revista Húmus*, v.10, n.29, 2020, p. 25-42.

490 Citamos brevemente esse diálogo no Capítulo II. VER: FOUCAULT, Michel. Os intelectuais e o poder: conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze. MACHADO, Roberto [org.] *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

de uma universalização das condições daqueles envolvidos lhe parece levar a uma utopia perigosa [...]”<sup>491</sup>

Na mesma linha, Marcos Namba Beccari recuperou o conceito de “lugar de fala” para o questionamento a respeito das vozes que são “naturalmente dotadas de autoridade” enquanto outras são “relegadas ao descrédito”. A partir daí, ele expôs a crítica de Spivak à ideia de um “intelectual benevolente” que “concede ao subalterno o direito de falar aquilo que, na verdade, somente o intelectual pode dizer”. Reforçando que, além do que se diz, deve nos interessar compreender de que forma o “[...] modo de olhar, seja ele dominante ou subjugado, *é histórico*, isto é, condicionado a uma dada conjuntura que o possibilita. Mas nada nos autoriza a crer que essa conjuntura seja insuperável. [...] Rever o invisível é procurar (*to look for*) um ainda possível.”<sup>492</sup> Ou, como propôs João Camillo Penna, ao vincular esse conceito ao trabalho com testemunhos:

Ter-se-ia, desta forma [legitimado o testemunho como sobrevida de um projeto literário crítico], *autorizado*, e se apropriado da forma testemunhal para se constituir como representação legítima de uma cultura subalterna, que caberia a eles (os latino-americanistas) ventriloquamente enunciar e, assim fazendo, provar mais uma vez, contra o que eles próprios diziam, a tese famosa de Spivak que responde negativamente à pergunta “*Can the subaltern speak?*”<sup>493</sup>

Nosso desafio, então, é debater de que forma os testemunhos são importantes como fontes para historiografia ao registrar as vozes de sujeitos subalternizados, e qual o lugar/papel de intelectuais nessa tarefa de transcrição, coleta e/ou organização desses testemunhos, sem cair na armadilha da reprodução hegemônica do poder na produção de narrativas históricas, sem colocar a/o intelectual no lugar daquele que “dá a voz”, afinal, se assim o fizéssemos estaríamos compactuando com

[...] as estruturas de poder e opressão, mantendo o subalterno silenciado, sem lhe oferecer uma posição, um espaço de onde possa falar e, principalmente, no qual possa ser ouvido. Spivak alerta, portanto, para o perigo de se construir o outro e o subalterno

---

491 DE FREITAS, Lorena Martoni. A crítica de Spivak à Foucault. *Revista Húmus*, v.10, n.29, 2020, p.25-42, *passim*.

492 BECCARI, Marcos. Namba. O direito de olhar a partir de Foucault, Spivak e Mbembe. *Revista ARS*. São Paulo, v.18, n.40, 2020, p.344-388, *passim*.

493 PENNA, João Camillo. Este corpo, esta dor, esta fome: notas sobre o testemunho hispano-americano. SELLIGMANN-SILVA, Márcio. *História, memória e literatura: O testemunho na era das catástrofes*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003, p.326. Grifos do autor.

apenas como objetos de conhecimento por parte de intelectuais que almejam meramente falar pelo outro.<sup>494</sup>

Nesta perspectiva, em que muitas vezes o/a intelectual crê que pode falar pelo outro, intermediando a fala do colonizado, do subalterno<sup>495</sup>, Almeida nos relembra que Spivak reivindicou o papel da mulher intelectual como aquela responsável por “[...] criar espaços e condições de autorrepresentação e de questionar os limites representacionais, bem como seu próprio lugar de enunciação e sua cumplicidade no trabalho intelectual.”<sup>496</sup> Chandra Mohanty contribuiu para o avançar dessa reflexão ao considerar a prática da escrita como instrumento de produção de memória como algo “[...] crucial para produção de autoconhecimento entre as feministas do Terceiro Mundo.”<sup>497</sup>

Corroboramos com as considerações de Mohanty, segundo a qual as histórias de vida dessas mulheres expressam mais do que apenas sobre suas existências individuais, mas também versam sobre uma época e contextos históricos, atravessados por gênero, classe e etnia, pois, “[...] testemunhos, histórias de vida e histórias orais são um modo significativo de lembrar e recordar experiências como formas de luta.”<sup>498</sup> O que nós, enquanto historiadoras e historiadores, podemos fazer é buscar ler, compreender e localizar tais narrativas como fontes históricas capazes de descentralizar a narrativa hegemônica da história. A escrita hegemônica da história é um exercício de poder, produzindo um conhecimento colonizado, como defendeu Santiago Castro-Gómez ao aprofundar a discussão acerca da violência epistêmica e da colonialidade do saber.<sup>499</sup> Para Mohanty, “[...] as narrativas sobre experiências históricas são cruciais para o pensamento políticos, não porque elas representam uma versão não mediada de ‘verdade’, mas porque elas podem desestabilizar verdades estabelecidas e localizar o debate nas complexidades e contradições da história.”<sup>500</sup>

---

494 ALMEIDA, Sandra R. G. Prefácio: Apresentando Spivak. SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, *passim*.

495 VER a discussão sobre o papel e função da/o intelectual no Capítulo II.

496 ALMEIDA, Sandra R. G. Prefácio: Apresentando Spivak. SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, *passim*.

497 MOHANTY, Chandra Talpade. *Feminism without border: decolonizing theory, practicing solidarity*. Durham: Duke University Press, 2003, p.57. Tradução nossa.

498 Ibidem, p. 77. Tradução nossa.

499 CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da “invenção do outro”. LANDER, Edgardo [org.]. *A colonialidade do saber eurocentrismo e ciências sociais: Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 169-186.

500 MOHANTY, Chandra Talpade. *Feminism without border: decolonizing theory, practicing solidarity*. Durham: Duke University Press, 2003, p.244. Tradução nossa.

Os franceses Michael Pollak e Paul Ricoeur contribuíram para esse debate<sup>501</sup>. Pollak abordou a história oral como forma de “privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias”, de acessarmos “memórias subterrâneas” em contraposição a uma “memória oficial”. Em consonância com a conjuntura que estudamos, reforçou o entendimento de que essas “memórias subterrâneas” surgiram em períodos de tensionamento, invadindo o espaço público e travando uma disputa de narrativa. Esse processo só é possível por meio da capacidade de resistência propiciada pela oralidade:

A despeito da importante doutrinação ideológica, essas lembranças durante tanto tempo confinadas ao silêncio e transmitidas de uma geração a outra oralmente, e não através de publicações, permanecem vivas. O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amigos, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas.<sup>502</sup>

O que garantia o “não-dito” era um mecanismo de poder, estabelecendo uma lógica de retroalimentação: o não-dito alimenta as estruturas do poder e as estruturas do poder mantêm a hegemonia do que se fala. Por isso, o indizível se torna dizível quando se rompe com uma estrutura violenta, como vimos com as insurreições vitoriosas em Cuba e Nicarágua. Nesse contexto, emergiu uma “memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos”<sup>503</sup>. Como afirmou Paul Ricoeur, lembrar se trata justamente de “não esquecer”, mas, muitas vezes, o esquecimento diz muito a respeito dos acontecimentos e, por isso, enquanto historiadoras/es devemos estar atentas/os ao que não se lembra, à “memória impedida”, aos “recursos da narrativa” muitas vezes intimidados pelo poder e, em alguns casos, pelo trauma:

[...] esquecimentos, lembranças encobridoras, atos falhos assumem, na escala da memória coletiva, proporções gigantescas, que apenas a história, e mais precisamente, a história da memória é capaz de trazer à luz. [...] Assim como é impossível se lembrar de tudo, é impossível narrar tudo. [...] As estratégias do esquecimento enxertam-se diretamente nesse trabalho de configuração: pode-se sempre narrar de outro modo, suprimindo, deslocando ênfases, reconfigurando diferentemente os protagonistas da ação assim como os contornos dela.<sup>504</sup>

---

501 POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989, p. 3-15 e RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. São Paulo: Editora UNICAMP, 2007, p. 451-466.

502 POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989.

503 Idem.

504 RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. São Paulo: Editora UNICAMP, 2007, p.451-466, *passim*.

Para Veronica Rueda Estrada, na América Latina, a escrita testemunhal foi uma prática e uma estratégia política adotada pelos governos revolucionários a fim de produzir contranarrativas à história hegemônica, considerando que “las palabras y la memoria son la construcción estética ante la precariedad de la historia”. Ao analisar as obras do revolucionário sandinista Sérgio Ramírez, Rueda Estrada afirmou que este “rompe, además, con la historia de los historiadores profesionales para escribir la de la revolución y, claro, la suya, que, después de todo, es la misma”, corroborando com as afirmações já feitas para pensarmos o papel dos testemunhos das mulheres. Para ela, foi fundamental o papel desempenhado pelos governos revolucionários cubano e nicaraguense que, não por acaso, foram os dois principais locais em que Randall trabalhou com os testemunhos das mulheres, a convite dos respectivos governos.

Rueda Estrada retomou o papel histórico do testemunho na América Central, relacionando-o com os processos revolucionários, como parte dos objetivos ideológicos desses movimentos, “[...] considerados como un medio operativo para lograr la solidaridad internacional.” Sendo assim, podemos caracterizá-lo como uma ferramenta de resistência que não se pretende neutro, mas sim ser o espaço de sujeitos até então silenciados – mulheres, jovens, camponeses, indígenas etc. - na construção da narrativa da história. Para a autora, o testemunho pode ser considerado, principalmente, “[...] como la literatura de compromiso de un grupo de intelectuales de izquierda ante la realidad opresiva, y como rescate de los actos heroicos de un pueblo que combatió en pro de un futuro revolucionario.”<sup>505</sup>

A análise proposta por Rueda Estrada dialoga com as reflexões acerca dos testemunhos de Márcio Seligmann-Silva em seu livro *A virada testemunhal e decolonial do saber histórico* (2022). Entretanto, de antemão destacamos que a compreensão sobre o uso do testemunho proposto por ele esbarra em duas divergências com nosso trabalho. Primeiro, o autor definiu o testemunho como mecanismo de narração do “inenarrável”, da “catástrofe”, contudo, nos casos analisados aqui tratou-se não da construção de memória marcada pela denúncia da violência da ditadura e dos abusos do poder do Estado, dos traumas individuais e coletivos vividos nos casos da América Latina e da *shoah*. Apesar das trajetórias das mulheres serem também fundadas na violência e subordinação a qual estiveram submetidas em uma história distinguida pela colonialidade imperialista, patriarcal e racista; atravessada pelo uso da força; elas retomam suas

---

505 RUEDA ESTRADA, Veronica. *Testimonio y confesion*. Epica y memoria de la Revolucion Sandinista en la Marca del Zorro, Confesion de amor y adios muchachos de Sergio Ramirez Mercado. 2005, *passim*.

vidas desde um contexto de vitória e esperança, mencionando o trauma para exaltar o novo do qual faziam parte. Tratava-se mais da construção de uma história contra-hegemônica de um povo que conquistou sua soberania, uma narrativa de celebração do processo vitorioso que viveram, do que a busca por justiça pelas violências sofridas – como no caso das memórias das presas/os das ditaduras militares do Cone Sul. Em segundo lugar, diferentemente do que foi proposto por Seligmann-Silva ao tratar da “virada testemunhal do saber histórico”, no caso de Cuba e Nicarágua a construção de memória através dos *testimonios* objetivava o fortalecimento da “nação” e da unidade do “povo”, “[...] atravessadas pelos corpos, pela experiência individual e coletiva [...]”<sup>506</sup>.

O que mais nos interessa aqui é a forma como Seligmann-Silva trabalhou com a ideia de memória e colonialidade; conflitos políticos e disputa de memória; testemunhos e fatos. Partindo da compreensão comum da relação entre memória e esquecimento, reafirmamos o que disse o autor sobre o que se lembra e o que esquece como parte da estruturação de uma “autoimagem de grupos, culturas e nações”, construindo “um bem comum que nos une” através do estabelecimento de pactos morais e hábitos compartilhados por sujeitos políticos em determinadas sociedades. Dessa forma, temos a determinação de narrativas hegemônicas baseadas em, como vimos, documentos oficiais e vestígios vinculados a sujeitos também hegemônicos – homens brancos, de classe média alta e ricos, heterossexuais, cristãos etc. Assim, “essas marcas conservadoras de memória constroem muros que barram a construção de outras memórias, dificultam a inscrição de outras narrativas e a produção de novas subjetividades resistentes à colonialidade.”<sup>507</sup> De tal modo que consideramos a construção de memória como um dos fatores que sustenta a colonialidade e o imperialismo na América Latina, justificando os testemunhos como acesso privilegiado a essas memórias subalternizadas e esquecidas, fontes por muito tempo ignoradas pela historiografia.

Assim, apesar da ressalva que fizemos ao conceito de “virada testemunhal do saber histórico” desenvolvida por Seligmann-Silva, consideramos como uma proposta válida que, como vimos pela afirmativa de Veronica Rueda Estrada, pode ser compreendido desde uma estratégia já utilizada pelos governos revolucionários da região:

As políticas do esquecimento precisam ser enfrentadas, já que elas sustentam *quadros de memória* que balizam a repetição da exploração e da violência. Daí a importância, sempre, de políticas de inscrição de memória, sobretudo quando se trata desse tipo de

---

506 SELIGMANN-SILVA, Márcio. *A virada testemunhal e decolonial do saber histórico*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2022, p. 153.

507 Ibidem, p. 17.



violência exterminadora. [...] [Por isso] quando falo de “virada testemunhal do saber histórico”, me refiro a novas sensibilidades desenvolvidas nesse contexto pós-colonial em que o corpo e sua localização passam a ser reconhecidos como parte da construção de outras narrativas e epistemologias.<sup>508</sup>

Portanto, Seligmann-Silva estabeleceu o vínculo estrutural entre memória e colonialidade. Para ele, essa condição foi confrontada a partir da segunda metade do século XX, quando memórias coletivas foram mobilizadas “para as novas lutas políticas”, processo que demonstramos ao longo dos capítulos 4, 5 e 6 ao analisarmos os testemunhos no contexto revolucionário cubano e sandinista. Essa relação entre memória e colonialidade escancarou, segundo Seligmann-Silva, como “nossos conflitos políticos tornaram-se de modo explícito querelas em torno da memória.”<sup>509</sup> No caso latino-americano podemos afirmar que um governo revolucionário e de soberania nacional, que buscava construir “novas sociedades” e “novos sujeitos” não poderia permanecer reproduzindo uma memória nacional que excluía a maioria da população. Essa narrativa hegemônica da história esbarrava no princípio desses projetos: alcançar a libertação nacional, o que passava pela libertação dos/as subalternizado/as como parte de um projeto de igualdade. Ou, como afirmou Márcio Seligmann-Silva:

Apenas com essa outra representação da história, marcada pela descontinuidade, podem-se associar as visões de sociedade e futuros alternativos à miríade de utopias e sonhos, de história de luta e resistência que se encontram recalcadas sob o peso da historiografia burguesa. Essa mudança de representação implica também a ruptura dos grilhões que amarram e submetem outras memórias, histórias e epistemologias que são reprimidas sob a batuta da representação matricial do progresso no tempo linear e vazio. Liberar outras representações do devir histórico, outras histórias e projetos de sociedade significa também reconhecer outras epistemologias como igualmente dignas de participação na construção de nosso viver em comum. [...] Trata-se de liberar do jugo do esquecimento e do apagamento contínuo outras epistemologias, outras narrativas, outras opções de estar no mundo. Essa libertação dá-se sob o signo de uma redenção, já que se trata de “liberar forças destrutivas subjacentes à ideia de redenção”.<sup>510</sup>

Por isso, corroboramos com o que foi demonstrado por este autor sobre o uso do testemunho para emergência de novos sujeitos e epistemologias, visto que esse já era sua função *per se* ao ser utilizado como política pelos governos cubano e sandinista – dentro outros, como vimos no caso do Peru –, também utilizado como forma de propaganda dos governos e projetos políticos em questão. Visto que o testemunho, em seu compromisso com a história a partir de

---

508 Ibidem, p. 19. *Grifos do autor.*

509 Ibidem, p. 29.

510 Ibidem, p. 91-93

“novos jogos de memória”, “trata-se de construir um testemunho não falocêntrico, marcado por ser inscrição da sobrevivência e passagem para a escuta do Outro.”<sup>511</sup> Assim pode romper com a visão positivista da história, da necessidade dos fatos, expõe os limites da escritura e dos documentos ditos oficiais como forma de revisão do passado.

Nesse sentido, aproximamos a compreensão de Randall, para quem o testemunho foi um veículo importante para se romper internacionalmente com uma narrativa sobre os processos revolucionários em curso. Como veículo de trajetórias, visões e projetos, o testemunho desempenhou um papel importante nas lutas por libertação nacional, não só na Nicarágua, mas ao redor do mundo e principalmente na América Latina, emergindo fundamentalmente em cenários de convulsão social: “Isso não é por acidente, é porque o reconhecimento do conhecimento, de uma compreensão de uma identidade coletiva e individual é essencial para a revolução popular”. Dessa forma, considerava que não por acaso que o gênero se consolidou na América Latina a partir da segunda metade do século XX, se estabelecendo em um período de intensas transformações sociais<sup>512</sup>. Para Sergio Miceli e Jorge Myers, nesse contexto em que se encontrava Randall, o testemunho latino-americano surgiu como um tipo de “escritura memorialística”, o que significava ser considerado como uma “[...] prática social [...] que se inscreve dentro do campo geral de práticas sociais que se articulam e definem a vida cultural e intelectual contemporânea”.

Metodologicamente era mais do que um “gênero literário” novo na década de 1970, apesar de seu potencial dentro da literatura latino-americana e cubana. Randall definiu o testemunho entre duas categorias distintas: o *testimonio en sí*, onde cabe toda produção artística e intelectual que registra um acontecimento ou uma época, como a literatura, a poesia, o teatro, jornais, discursos, fotos, vídeo etc., incluindo tudo que fala através do povo a partir de um determinado contexto; e o *testimonio para sí*, o gênero testemunhal que contém algumas características particulares, tendo como princípio básico a prática de entrevistas e uma relação umbilical com a disciplina histórica:

-El uso de las fuentes directas;

---

511 Ibidem, p. 134.

512 “It is not accident because recognition of knowledge of and understanding of one’s personal and collective identity is essential to people’s revolution.” RANDALL, Margaret; SÁEZ, Gema Palazón [En.]. Revolution doesn’t die, it simply changes with the time. Entrevista com Margaret Randall. BLANES, Jaume Peris; SÁEZ, Gema Palazón. [Org.] *Avatares del testimonio en América Latina: tensiones, contradicciones, reelecturas*. Número especial de *Kamchatka: Revista de Análisis Cultural*, 2015, p.435-445, *passim*. Tradução nossa.

- La entrega de una historia, no a través de las generalizaciones que caracterizaban a los textos convencionales, sino a través de las particularidades de la voz o las voces del pueblo protagonista de un hecho;
- La inmediatez (un informante relata un hecho que ha vivido, un sobreviviente nos entrega una experiencia que nadie más nos puede ofrecer, etc.);
- El uso de material secundario (una introducción, otras entrevistas de apoyo, documentos, material gráfico, cronologías y materiales adicionales que ayudan a conformar un cuadro vivo);
- Una alta calidad estética (hablaremos más en detalle sobre este punto cuando nos refiramos al montaje).<sup>513</sup>

Para Anna Forné, o testemunho como “género narrativo privilegiado de la revolución” institucionalizou-se com o prêmio literário da importante instituição cubana *Casa de las Américas*, que reconheceu essas produções como “gênero literário testemunhal”, reforçando o debate acerca da relação entre literatura, cultura e política, consolidando algo que desde a década de 1950 vinha-se aprimorando, tornando-se um gênero literário genuinamente latino-americano. Cuba já vinha se consolidando como importante referência cultural para as esquerdas, o que, nesse sentido, fez com que a Revolução tivesse um papel no surgimento e círculo estabelecido de revistas culturais na época, como afirmou Cláudia Gilman, e nos debates a respeito do papel do intelectual, como vimos em Adriane Costa. Assim, exerceu seu protagonismo no campo cultural quando legitimou os *testimonios* e o papel conferido a intelectuais e ativistas políticos que contribuíram na construção das narrativas testemunhais. Essa visão pode ser reforçada pela leitura de João Camillo Penna quando este considerou a Cuba revolucionária como local de nascimento de um testemunho autoconsciente como um

[...] modelo latino-americano de *política identitária* que propõe uma forma de expressão intimamente ligada aos movimentos sociais, e marca a irrupção (midiática, comercial, política, acadêmica) de sujeitos de enunciação tradicionalmente silenciados e subjugados, diretamente ligados aos grupos que representam, falando e escrevendo *por si próprios*.<sup>514</sup>

Como afirmou Leonor Arfuch, devemos pensar o *testimonio*, inserido em uma ceara de gêneros que buscam construir uma “memória pública” de um passado recente, como procura pela própria experiência que nos coloca a questão do “eu” que fala, aproximando-o da autobiografia, levando em conta a temporalidade do tempo passado e o presente a partir de onde

---

513 RANDALL, Margaret. ¿Que es, y como se hace un testimonio? *Revista de Crítica Literaria Latinoamericana*. Ano XVIII, n.36, 1992.

514 PENNA, João Camillo. Este corpo, esta dor, esta fome: notas sobre o testemunho hispano-americano. SELLIGMANN-SILVA, Márcio. *História, memória e literatura: O testemunho na era das catástrofes*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003, p. 300-301. Grifo do autor.

se narra: “¿para quién se habla, quién es el destinatario de la interlocución? [...] Porque ese pasado, lo ‘sido’ nos sale al paso, irrumpe también en la palabra con la violencia de la rememoración o el testimonio para instaurar una diferencia aun en aquello conocido”<sup>515</sup> Para Mohanty “[o] significado de se representar ‘o povo’ como sujeito das lutas está entranhado no gênero testemunhal, um gênero que, ao contrário da autobiografia tradicional, é constitutivamente público e coletivo (por e para o povo).”<sup>516</sup> Verónica Rueda Estrada e Juan Carlos Vázquez definiram o papel do testemunho nesses projetos revolucionários como:

El testimonio es visto como un arma de transformación social, que busca que los artistas estén comprometidos en la denuncia a la injusticia y en solidaridad con los sectores sociales y económicos más desprotegidos, y que las artes se mantengan alejadas de la burguesía y del éxito comercial. El testimonio cabría, en lo que Nagy-Zekmi (2001) llama “literatura de resistencia”, “un género contestatario” que emerge de la marginalidad para dar una versión diferente al discurso histórico, una manifestación de puntos de vista contra-hegemónicos, para desmentir “la historia oficial” del vencedor - aunque en el caso del sandinismo ellos fueron los vencedores.<sup>517</sup>

Nesse contexto, a literatura, e principalmente a poesia, tiveram relevância no governo sandinista como ferramenta de mobilização e de envolvimento popular, como arma ideológica em busca de legitimar a revolução triunfante. Além disso, na Nicarágua, “[...] el testimonio sandinista se instaura de una manera casi oficial desde las oficinas del gobierno revolucionario” e foi uma dessas oficinas que deu origem ao manual produzido por Randall: *Testimonios*, publicado em 1979<sup>518</sup>. Ofertou o seminário em dezembro de 1979, apenas cinco meses após a vitória sandinista, o que reforçava o compromisso e objetivo do governo revolucionário em escrever uma outra História, entendendo que “[...] a reconstrução da história de um povo é

---

515. ARFUCH, Leonor. Violencia política, autobiografía y testimonio. *Memoria y autobiografía: exploraciones en los límites*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2013, p. 115-116.

516. MOHANTY, Chandra Talpade. *Feminism without border: decolonizing theory, practicing solidarity*. Durham: Duke University Press, 2003, p. 78. Tradução nossa.

517. MENDELES, Juan Carlos Vázquez; RUEDA ESTRADA, Verónica. Testimonio nicaragüense: de los Sandinistas a la inclusión de los Contras. Por una polémica memoria contrarrevolucionaria. *Kamchatka*. Revista de análisis cultural. Dossiê Avatares del testimonio en América Latina: tensiones, contradicciones, relecturas... (Jaume Peris Blanes e Gema Palazón Sáez, org.), 2015, p. 470.

518. A publicação original, mimeografada e entregue aqueles/as que participaram da oficina em 1979 não foi encontrada por nós. Utilizamos na tese duas versões: publicada em inglês de 1985, pelo grupo canadense *The Participatory Research Group*; versão em espanhol que saiu em 1992 na *Revista de Crítica Literaria Latinoamericana*, com referência de ser a reprodução do “Manual preparado en 1979 para el taller sobre historia oral del Ministerio de Cultura Sandinista, originalmente publicado por el Centro de Estudios Alforja (San José, 1983), bajo el título de Testimonios.”. As duas reproduções não são exatamente iguais: observamos divergências na primeira parte do texto, principalmente no que diz respeito ao debate sobre a história e as citações de Walter Benjamin presentes na edição de 1992; a edição em inglês conta com imagens e quadros informativos ausentes da reprodução posterior.

essencial para a consolidação de uma identidade nacional”<sup>519</sup>, que partisse das pessoas comuns, assim como seus hábitos, cultura, conhecimento e ideias, que estiveram escondidos por medo do regime violento e de opressão da ditadura Somozista. O convite para tal veio acompanhado do pedido para que realizasse um trabalho testemunhal com as mulheres nicaraguenses, que deu origem ao livro *Todas estamos despiertas: testimonios de la mujer nicaraguense hoy* (1980), como veremos nos capítulos 5 e 6.

Para Rueda Estrada, a intelectual estadunidense esteve inserida em um movimento amplo, fez parte de uma “[...] iniciativa gubernamental [en que] se invitó a investigadores extranjeros, para que hicieran entrevistas a altos mandos de la dirigencia y a combatientes comunes en busca de la solidaridad internacional a la causa revolucionaria”. Dessa forma, o governo sandinista colocou a máquina e a estrutura governamental a serviço dessas/es intelectuais, para que realizassem o trabalho testemunhal, voltado para o “[...] desarrollo de las letras nicaragüenses, al intercambio de ideas políticas y a la construcción de la memoria sobre el pasado”, buscando escrever uma nova história da Nicarágua, diferente da historiografia oficial. Dessa forma se opuseram a ideia de “verdade histórica” única e neutra, pois,

[...] la historia de la revolución y/o de la insurrección no puede ser escrita únicamente por los que ya la contaron, sino también por quienes darán otras versiones. [...] Durante los años de guerras, la izquierda y los sectores comprometidos creían que tenían el derecho a hacer hablar a los sectores marginales. [...] Sin embargo y como se ha visto, el testimonio es parte del desarrollo literario y cultural del continente; el testimonio pertenece a la larga tradición de transformación de la narrativa y a su hibridación, que la aproxima a la historia.<sup>520</sup>

O objetivo naquele país era explicitamente o de, através dos testemunhos,

[...] dar voz al subalterno, al otro, al sujeto popular ausente de la historia y de los discursos oficiales, al incluir estas voces se buscó construir una nueva historia con la presencia del pueblo, de las identidades y de las colectividades marginales como sujetos históricos y como protagonistas de los procesos de liberación nacional.<sup>521</sup>

---

519 “[...] the reconstruction of a people’s history is essential to its role in consolidation a national identity.” RANDALL, Margaret. Preface. *Testimonios: a guide to oral history*. Toronto, Canadá: Participatory Research Group, 1985, p.09. Tradução nossa.

520 RUEDA ESTRADA, Veronica. *Testimonio y confesion*. Epica y memoria de la Revolucion Sandinista en la Marca del Zorro, Confesion de amor y adios muchachos de Sergio Ramirez Mercado. 2005, *passim*.

521 MENDELES, Juan Carlos Vázquez; RUEDA ESTRADA, Verónica. Testimonio nicaragüense: de los Sandinistas a la inclusión de los Contras. Por una polémica memoria contrarrevolucionaria. In.: *Kamchatka*. Revista de análisis cultural. Dossiê Avatares del testimonio en América Latina: tensiones, contradicciones, relecturas... (Jaume Peris Blanes e Gema Palazón Sáez, org.), 2015, p. 464.

Além disso, era uma forma de divulgar internacionalmente o que se passava no país e de buscar solidariedade internacional, principalmente com o avanço da guerra contrarrevolucionária financiada pelos Estados Unidos. Por isso, Randall foi convidada por Ernesto Cardenal para realizar um trabalho testemunhal no país imediatamente após a vitória em julho de 1979. Nesse momento, Randall já era internacionalmente reconhecida pelo trabalho testemunhal que havia feito com as mulheres cubanas, peruanas e vietnamitas. Fora isso, estavam combatendo a lógica em que opera a colonialidade, os sujeitos ativos do processo revolucionário tiveram historicamente suas vozes silenciadas e negadas pelo poder, por isso adotaram a estratégia de convidar intelectuais de fora da Nicarágua e com legitimidade internacional, pois “[...] era necesario hacer hablar a los protagonistas que no podían tener voz por ellos mismos”<sup>522</sup>. Analisando esta iniciativa a partir de um olhar atual, podemos considerar que os sandinistas caíram na contradição já apontada, para a qual nos chamou atenção a indiana Gayatri Spivak a respeito do uso de intelectuais como intermediários/as de vozes subalternizadas. No caso de Randall, foi a consciência sobre essa contradição que fez com que ela findasse seu trabalho de produção de testemunhos, como afirmou em 2020:

[...] era un trabajo bastante fuerte pero poco a poco me daba cuenta que no era tan interesante que yo dijera eso, esas historias, que yo contaba sus vidas. Si no, *era mejor que la misma mujer pudiera contar su vida* y en la medida en que esas mujeres silenciadas por tantos siglos cobraban su voz propia, bueno yo dejé entonces de hacer ese tipo de trabajo.<sup>523</sup>

Ao mesmo tempo, Randall era uma intelectual inserida num importante círculo de debates e de formulações ao redor do mundo. Como já apontamos, atuou de maneira transnacional, o que a colocava em condições de divulgar internacionalmente o que acontecia na América Central e Caribe. Ela publicou seus livros em diversos países, o que colocou em circulação um outro olhar para o que se passava na América Latina. Foram os testemunhos que balizaram suas opiniões difundidas por meios de artigos e conferências. Também, como já mencionamos, não podemos subestimar o fato de escrever em inglês, fator que impulsionou o alcance de suas publicações. Apesar disso, ela reivindica que tinha pouco conhecimento técnico sobre a prática de entrevistas e de construção de registros testemunhais. Dessa forma, para compreendermos a metodologia e a intenção de Randall com o trabalho que realizou no Sul

---

<sup>522</sup> Ibidem, p. 472.

<sup>523</sup> DE LA GARZA, Amanda; ESCOTO, Daniel. El feminismo, una herramienta para pensar el poder. La batalla del arte feminista. *Vindictas*. Cidade do México, TV UNAM, 28 de junho de 2020. Grifo nosso.

global, consideramos importante analisar sua obra *Testimonios*, a fim de responder os seguintes questionamentos: para Randall o que é um testemunho? Qual a metodologia adequada para esse trabalho? Qual o papel das/os intelectuais nesta produção e divulgação de obras de literatura de testemunho? O que ela pensava ser a função dos testemunhos?

A discussão entre testemunho e história oral nos interessa, especialmente porque Randall reconhece seus trabalhos como história oral. A compreensão de Larissa Riberti, para quem a literatura testemunhal de Elena Poniatowska<sup>524</sup> não pode ser compreendida como história oral, por haver uma ausência de uma metodologia de trabalho, é uma interpretação que contribui para o reconhecimento dos trabalhos de Randall como tal, visto que ela desenvolveu uma metodologia de trabalho. Afinal, a estadunidense não apenas recolheu relatos dispersos e em diversos formatos, como desenvolveu uma metodologia de trabalho que envolveu pesquisas de acervo e o levantamento de outras fontes históricas, confrontando fatos, narrativas, partindo da realidade das sujeitas entrevistadas, possibilitando a construção de uma memória contra-hegemônica. Outro ponto que nos permite aproximar os testemunhos de Randall com a história oral foi o compromisso da autora com o registro das entrevistas em formato de arquivos, incluindo registros visuais, quando foi possível. Para Riberti, “[...] é inquestionável que a história oral adquiriu um estatuto epistemológico bastante divergente das primeiras questões que foram pontuadas na década de 1970. Uma das principais características desse campo da história é a geração de documentos através das entrevistas [...]”. Ou seja, o trabalho da estadunidense é pertinente com uma perspectiva que considera que

[...] a história oral possibilita, por meio do testemunho, “esclarecer trajetórias individuais, eventos ou processos que às vezes não têm como ser entendidos ou elucidados de outra forma” (AMADO & FERREIRA, 2006, p. XIV). O depoimento torna possível, sobretudo, o conhecimento de vozes marginalizadas e/ou silenciadas como a de grupos minoritários: mulheres, jovens, analfabetos, crianças, prisioneiros, entre outros.<sup>525</sup>

---

524 “*La noche de Tlatelolco: Testimonios de historia oral*, de autoria de Elena Poniatowska e publicado originalmente em 1971 é uma obra composta por testemunhos variados de personagens que vivenciaram os acontecimentos do ano de 1968 no México e protagonizaram, a partir de seus diferentes papéis sociais, o movimento estudantil daquela época.” RIBERTI, Larissa Jacheta. *La noche de Tlatelolco: literatura de testemunho, construção narrativa e representação do movimento estudantil mexicano de 1968. Revista Contemporânea: Dossiê de História e Literatura*, v. 2, n. 4, 2013, p. 1.

525 RIBERTI, Larissa Jacheta. *La noche de Tlatelolco: literatura de testemunho, construção narrativa e representação do movimento estudantil mexicano de 1968. Revista Contemporânea: Dossiê de História e Literatura*, v. 2, n. 4, 2013.

Sendo assim, podemos considerar que Randall desenvolveu uma metodologia da história oral como um recurso crítico para novas questões a respeito da escrita da História, como uma “alternativa metodológica para a compreensão das problemáticas dos sujeitos, das memórias, culturas e identidades.”<sup>526</sup> A partir desse trabalho de entrevistas, ela tinha como objetivo produzir obras de literatura de testemunho, também reconhecidamente desde o princípio como história oral, compreendido como “[...] um veículo para recordar o presente e uma ferramenta para recordar uma identidade coletiva”<sup>527</sup>, como forma e registrar e colocar em circulação transnacional as vozes das mulheres latino-americanas, bem como suas vivências, trajetórias, experiências sociais e políticas nos processos insurrecionais dos quais faziam parte, além de observar as elaborações teóricas presentes em suas narrativas. Para isso, teve rigor na definição dos caminhos teórico-metodológicos utilizados.

Ela compreendia os relatos, em formato de entrevistas, como reescrita da história e, por isso, esses depoimentos se consolidaram como alternativa para a escrita da história nas nações latino-americanas que passaram por processos de luta revolucionária. Reforçou o *testimonio* como a forma de se fazer “história oral” na América Latina desde o princípio de suas formulações a esse respeito, manifestadas em fins de 1979 e princípio de 1980, registradas através de seu livro-manual *Testimonios*. Sendo assim, o *Participatory Research Group*, que escreveu o prefácio da publicação canadense, afirmou que Randall, ao fazer este trabalho, tinha a intenção de conduzir as pessoas comuns da Nicarágua a serem seus próprios historiadores e historiadoras que, a partir da escuta de suas próprias vozes, escreveriam uma História popular, feita pelo povo nicaraguense: “[...] a história oral é sobre construir pontes, é uma forma de conectar as pessoas e descobrir a riqueza das experiências humanas e da luta. Ajuda na construção de pontes através do tempo e do espaço.”<sup>528</sup>

Como Randall afirmou ao longo da oficina que deu origem a esse livro-manual, realizada na Nicarágua a convite de Ernesto Cardenal, a escrita testemunhal possibilitaria que o povo fosse seu próprio historiador/a, “fazendo história pela primeira vez na história”. A

---

526 Idem.

527 “I found that a consciousness regarding the importance of oral history – not only as a vehicle for recording the present, but as a tool for recuperating a collective identity out of the past as well.” RANDALL, Margaret. Preface. *Testimonios: a guide to oral history*. Toronto, Canadá: Participatory Research Group, 1985, p.03. Tradução nossa.

528 “Oral history is about building bridges. It is a way of making connections between people and unearthing the richness of human experience and struggle. It helps in the building of bridges across time and place.” RANDALL, Margaret. Preface. *Testimonios: a guide to oral history*. Toronto, Canadá: Participatory Research Group, 1985, p.02. Tradução nossa.



função do testemunho era reescrever a história de um povo, contada por ele próprio. Ou, como ela afirmou em entrevista para Gema Saéz em 2015: “Eu continuo acreditando que a história oral, ou o *testimonio*, é importante em termos de apreender a história real nas vozes daqueles/as que a viveram.” Sem uma ilusão a respeito dessa “narrativa de verdade”, afinal, não defendia que as narrativas testemunhais fossem únicas, mas, sim, um ponto de vista que deveria ser considerado pela dita historiografia. Algo similar foi feito por Svetlana Aleksíévitch em seu livro *A guerra não tem rosto de mulher* (2013), quando propôs romper com a narrativa masculina da guerra através de testemunhos femininos:

Encontram-se narradoras formidáveis, elas têm páginas na vida que rivalizam com as melhores páginas dos clássicos. [...] As lembranças não são um relato apaixonado ou desapaixonado de uma realidade que desapareceu, mas um renascimento do passado, quando o tempo se volta para trás. Antes de mais nada, é uma criação. Ao contar, as pessoas criam, “escrevem” sua vida. Acontece inclusive de “acrescentarem” e “reescreverem” passagens. Quanto a isso, é preciso ficar alerta. De guarda. Ao mesmo tempo a dor funde e aniquila qualquer falseamento. [...] Os documentos são seres vivos, eles mudam e vacilam junto conosco, é possível extrair algo deles eternamente. Algo novo que nos é necessário justamente agora. Neste minuto. [...] Entendo que estou lidando com versões, cada um tem a sua, e delas, do volume e do cruzamento delas, nasce a imagem do tempo e das pessoas que vivem nele.<sup>529</sup>

Sendo assim, naquele momento da década de 1970 e 1980, Randall defendia que o/a “historiador/a de testemunhos” não era o então “historiador convencional”, que bebe das ditas fontes oficiais em busca de uma suposta verdade universal: “Esto no descuenta la labor necesaria del historiador, llamado convencional: el rastreo de archivos, etc., se combina con el testimonio vivo para darnos una visión más completa de un hecho, grupo o lugar.” O trabalho “convencional” em arquivos ditos “oficiais” e de tradicional uso pelo historiador deveria caminhar lado a lado, de forma complementar e não hierárquica com esse novo trabalho com a oralidade, “[...] que recoge en la voz viva del pueblo la dimension humana de hechos, lugares, hazanias.”<sup>530</sup>

Randall, no decorrer do manual, avançou nessa discussão do *testimonio* e da história oral como ferramentas que aproximam as pessoas da sociedade, sem distinção de gênero, raça e classe, se populares ou acadêmicos/as, da produção da história através da publicação de

---

529 ALEKSIÉVITCH, Svetlana. O ser humano é maior que a guerra. *A guerra não tem rosto de mulher*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013 [epud]

530 RANDALL, Margaret; SAÉZ, Gema Palazón [En.]. Revolution doesn’t die, it simply changes with the time. Entrevista com Margaret Randall. BLANES, Jaume Peris; SÁEZ, Gema Palazón. [Org.] *Avatares del testimonio en América Latina: tensiones, contradicciones, relecturas*. Número especial de *Kamchatka: Revista de Análisis Cultural*, 2015, p.435-445, *passim*.

testemunhos escritos a partir da metodologia da história oral desenvolvida por ela – que envolvia o já citado confronto do relato com outros documentos, mas também contava com outros passos que veremos a seguir. Esse movimento colocava no centro experiências e trajetórias diversas. Sendo assim, a reescrita da história, ao questionar a narrativa universal burguesa, considerava uma perspectiva multidimensional, capaz de apontar outras leituras de eventos históricos. Essa nova escrita, tinha um papel na conformação da identidade nacional e, por isso, era entendida como uma tarefa da revolução socialista:

En la etapa socialista tenemos la posibilidad de escribir una historia mucho más veraz: para empezar, se escribe desde el punto de vista del proletariado, del pueblo en el poder. Y no solo "desde el punto de vista de", sino que en la medida en que el pueblo tenga real acceso a la cultura y a las herramientas propicias, puede por primera vez escribir su propia historia. [...] Para que la historia que nosotros hacemos sea realmente útil para nuestros hijos, tiene que ser transmitida en toda su riqueza y complejidad. La historia nos sigue interesando, nos es útil en la medida en que nos es necesaria. [...] *Tenemos ante nosotros la oportunidad -repleta de privilegio y de responsabilidad- de escribir la verdadera historia de nuestro tiempo.* [...] *Si la realidad es multidimensional, así tiene que ser la historia que la refleja.* Si la historia la hacen los pueblos, una sola voz difícilmente puede proyectarla. La voz del pueblo es una voz multitudinaria.<sup>531</sup>

Quando Randall falava em “gênero literário testemunhal” e em “história oral”, tratava do testemunho como ferramenta para escrita da história, e necessariamente abordava metodologia:

La voz es de suma importancia; el testimonio es la transmisión de esa voz. Pero para que llegue a ser más que un cuento, más que la versión de un individuo o un grupo de individuos, en una palabra, para que llegue a ser historia, tiene que apoyarse en una serie de testimonios secundarios, documentos, material gráfico, tal vez una cronología que ayude a los lectores que no son conocedores de los hechos, y casi siempre una introducción (escrita al final del trabajo), que logre enmarcar todo coherentemente, explicar su importancia, y ofrecer una información acerca de donde y como se hizo el testimonio.<sup>532</sup>

Dessa forma, os objetivos de Randall passavam pela busca não de uma “verdade”, mas pela possibilidade de “reconstrução da verdade”, entendida não como única e universal, mas uma ideia de “verdade” que partia de experiências e trajetórias diversas, possíveis de serem alcançadas e registradas através da escuta e registro de múltiplas vozes. Trajetórias individuais que expressavam uma perspectiva coletiva, “representando as massas”. Neste cenário, entendia

---

531 RANDALL, Margaret. ¿Que es, y como se hace un testimonio? *Revista de Crítica Literaria Latinoamericana*. Ano XVIII, n.36, 1992, *passim*.

532 Idem.

que a/o intelectual que faz o trabalho de escrita e publicação do testemunho funcionaria como “transmissor desta voz”, pois não falariam por sujeitos silenciados/as, mas sim, possibilitariam os meios para que os seus testemunhos circulassem e fossem lidos em diferentes locais. Considerando estes como expressões coletivas, reconhecendo que esse trabalho se dava em um contexto de desigualdade e subordinação, que deveria ser superado através dos mesmos testemunhos. Seria o trabalho final, o livro, o veículo dessa transmissão. Além disso, atuavam como “mediador/a de testemunho”, no sentido do/a intelectual mediadora, como “ponte” entre discursos e públicos distintos, que “atribui sentido às práticas sociais”<sup>533</sup>.

Como já citamos, essa é uma discussão polêmica que, com o tempo, levou Randall a cessar com a produção de *testimonios* ao compreender que não deveria ser seu o papel enquanto intelectual o “dar voz”. O desafio, segundo ela, deveria ser viabilizar a escuta das vozes silenciadas, atuar como uma mediadora. Contudo, ressaltamos que romper esse limite do/a “mediador/a do testemunho”, já era um objetivo presente na oficina que ofertou na Nicarágua, visto que ali, um dos objetivos expressados por Cardenal, com o qual ela concordava, era o de que dever-se-ia formar toda população como capaz de registrar seu próprio testemunho e de seu povo, transformando essa capacidade em uma ferramenta de emancipação.

*Testimonios* foi um trabalho inicial nesse sentido, onde Randall sistematizou suas primeiras reflexões teórico-metodológicas a respeito do trabalho de história oral. Ela apontou em suas memórias, *I never left home*, que ofertou este curso no início de sua trajetória com a escrita testemunhal, apesar de em 1979 ela já ter realizado os trabalhos com as cubanas, as peruanas, a vietnamitas e a nicaraguense Doris Tijerino. Em entrevista concedida a autora desta tese, ela afirmou que até então, não tinha sistematizado uma metodologia de trabalho<sup>534</sup>, por isso, o considera que esse livro-manual *Testimonios*, reflete uma prática “rudimentar”, com reflexões gerais, dicas básicas de manejo de equipamento e perguntas bases para as pesquisas.

Ao refletir sobre seu trabalho para sua autobiografia, publicada em 2020, elencou como perguntas instigadoras a respeito de sua produção, as seguintes: “Quem era o/a dono/a dessa história? Quem deve controlá-la e como o/a historiador/a oral poderia envolver o/a informante no processo? Como podemos tecer as narrativas de uma nação a partir de diferentes vidas

---

533 VER: Capítulo 1 e 2.

534 Randall, Margaret. Entrevista concedida à Stella Ferreira Gontijo em 08 de novembro de 2023, Albuquerque, Novo México. EUA.

individuais?”<sup>535</sup> Sabendo que sobrecarga de trabalho remunerado, trabalho materno e de militância não a permitiriam estudar formalmente sobre o tema, não se intimidou por sua falta de formação etnográfica e antropológica, e com a oficina que ofertou queria democratizar a prática de escrita e registro da história, como afirmou em 2015:

*Aqueles/as que estão lutando por justiça naturalmente privilegiam as palavras de homens e mulheres comuns, preferem suas próprias narrativas sobre sua própria história do que a versão contada por historiadores/as que em sua maioria representam a cultura e a classe dominante. É normalmente através desses testemunhos que podemos compreender o que realmente aconteceu em determinado tempo e lugar.*<sup>536</sup>

Nas palestras que deram origem ao manual participaram pessoas de todas as idades, origens e formações: da população mais pobre da Nicarágua, com um *déficit* histórico de alfabetização, passando por doutores/as de universidades e pelo Ministro de Educação Carlos Tunnerman. Ao todo, cerca de sessenta pessoas, dentre membros de instituições do governo, população civil, movimentos populares/sociais e indígenas participaram da oficina. Como *Testimonios* era, a princípio, um manual feito para a oficina com objetivo de ensinar de que forma se produzia um *testimonio*, a estadunidense traçou um passo a passo, dividido em fases de trabalho e produção, sempre com o objetivo final de estabelecer uma comunicação clara e eficiente com o público leitor. Metodologia que, apesar de ter sido sistematizada por ela apenas nesse momento de fins da década de 1970, tinha sido desenvolvida na prática ao longo da última década, desde suas motivações iniciais que deram origem ao livro *La mujer cubana ahora*, publicado em 1972, fruto dos depoimentos das mulheres cubanas.

*La mujer cubana ahora* (1972) foi o primeiro livro de testemunho publicado por Margaret Randall, quase uma década antes do manual analisado, por isso ela mesma reconheceu, em entrevista concedida a autora da tese em 2023, que muito do que ela formulou sobre a metodologia do testemunho não fora aplicado neste trabalho. Por exemplo, como afirmou na mesma entrevista concedida em 2023, em princípios de 1970 não compreendia a importância

---

535 “Who owned that story? Who should control it and how could the oral historian involve the informant in the process? How can we weave a nation’s narratives from the disparate lives of individuals?” RANDALL, Margaret. *I Never Left Home: Poet, Feminist, Revolutionary*. Durham, EUA: Duke University Press Books, 2020A. Tradução nossa.

536 “Those fighting for justice naturally privilege the words of ordinary men and women, their own telling of their history rather than a version told by historians who almost always represent a dominant class and culture. It is often through these testimonies that we come to understand what really happened at a particular time, in a particular place.” RANDALL, Margaret. Oral history and memory: A personal journey. BLANES, Jaume Peris; SÁEZ, Gema Palazón. [Org.] *Avatares del testimonio en América Latina: tensiones, contradicciones, reelecturas*. Número especial de *Kamchatka: Revista de Análisis Cultural*, 2015, p.299. Tradução nossa. Grifo da autora.

do arquivo e de preservação das entrevistas e transcrições, o que fez com que não se lembre o fim que deu a elas, acreditando que as tenha descartado. Também é o único dos livros analisados em que a transcrição das perguntas é um marcador<sup>537</sup>. Foi publicado como: *La mujer cubana ahora* (Havana: Editorial Ciencias Sociales, 1972), *Mujeres en la revolución* (Mexico City: Siglo XXI Editores, SA, 1972), *La mujer cubana* (Bogota, Colombia: Ediciones Populares, 1973), *La mujer cubana: I. revolución en la revolución e II. La mujer cubana ahora* (Caracas, Venezuela: Salvador de la Plaza, 1974), *Cubaanse Vrouwen Aan Het Woord* (Utrecht, Holland: Venceremos Publishers, 1975), *Afterword, addenda to Cuban Women Now* (Toronto: Women's Press, 1975).

Sintetizamos o processo de montagem testemunhal proposto por ela em *Testimonios*, sete anos após seu primeiro trabalho com história oral, deixando de fora de nossa análise as especificidades a respeito das orientações técnicas e de uso de equipamento (caderneta de anotações, conhecimento dos aparatos técnicos). Consideramos o uso desses equipamentos como parte da produção do testemunho, contudo os comentários de manuseio desses equipamentos não interferem em nosso objetivo de compreender a metodologia que ela desenvolveu. Randall dividiu o trabalho em três fases que analisaremos a seguir: 1. Como se faz um *testimonio*; 2. Trabalho “lateral”; e 3. Montagem final.

A primeira parte do manual tinha como objetivo apontar para uma discussão sobre o que é *testimonio*, assim como apresentar os passos básicos e diretrizes de trabalho do sujeito que chamou como “historiador/a do testemunho”. Era o momento de preparar o terreno para se realizar a pesquisa de campo que levaria ao trabalho final. Inicialmente estava a “Preparação” em que, após a definição do tema que seria abordado na pesquisa testemunhal, devia-se realizar um trabalho de campo e historiográfico, de busca por informações e fontes auxiliares, ou complementares, a respeito do contexto que se pretendia abordar, com informações sobre o evento histórico que se buscava compreender. Essa etapa era fundamental por ser a base da entrevista e da montagem do registro testemunhal. Era também o momento de escolher as pessoas que teriam seus testemunhos coletados – fossem eles testemunhos primários ou secundários, sendo que, em muitos casos, um testemunho levava a outro, surgiam novos sujeitos para serem ouvidos/as. O exemplo abaixo, utilizado por Randall a partir de um trabalho realizado com mulheres, nos interessa especialmente porque levantou questões que podem nos

---

537 Randall, Margaret. Entrevista concedida à Stella Ferreira Gontijo em 08 de novembro de 2023, Albuquerque, Novo México. EUA.

ajudar nas análises dos testemunhos femininos coletados e sistematizados por ela, fornecendo pistas para o olhar e a forma como a autora conduzia seus trabalhos realizados:

Ejemplo: vamos a entrevistar mujeres del país. Sera importante que conozcamos algo de la vida de la mujer nicaragüense, sus problemas, sus luchas, el índice de integración a la fuerza laboral en los distintos sectores, condiciones de trabajo, diferencias salariales referente al hombre, el índice de analfabetismo que hay entre la población femenina, el porcentaje de mujeres que dan a luz en condiciones no-hospitalarias, etc. etc. Importantísimo será que conozcamos las diferencias entre la mujer del campo y la de las ciudades, como se compara la vida de una mujer de clase obrera con la de la burguesa o la pequeña burguesa. Y, aun mas, como la situación de la mujer nicaragüense se compara con la de la mujer en otros países, sobre todo en la misma subregión de América Central, de Latinoamérica a nivel continental, e internacionalmente. En este caso, datos valiosos los podremos conseguir de estadísticas y bibliografía existente, censos, periódicos - sobre todo en sus secciones económicas y sociales - y entrevistando a personas que han trabajado específicamente con la mujer en el país, o con grupos de mujeres, militantes de organizaciones femeninas, etc.<sup>538</sup>

A partir desse primeiro momento, Randall deixou explícita uma questão fundamental para análise testemunhal e que guiou o restante de suas orientações sobre como produzir e o que era um *testimonio*: dever-se-ia compreender quem é o sujeito que fala, não apenas enquanto indivíduo, mas inserindo-o em uma conjuntura específica, pois sua raça, nacionalidade, cor, sexualidade e gênero interferiria na sua leitura dos eventos históricos e impactaria na experiência da vida cotidiana. Essa noção é central para nossas análises dos trabalhos testemunhais organizados por ela.

Após a “Preparação”, devia-se definir o “Questionário”. Para Randall, esse exercício exigia uma habilidade específica: a “arte da pergunta”. Ou seja, saber o que perguntar de acordo a quem se perguntava e qual o melhor momento para cada pergunta. Para a organização do questionário da entrevista, era fundamental partir das informações coletadas na “Preparação”, a fim de se ter essa visão ampla. As perguntas não deveriam enrijecer o processo, mas sim criar uma linha de raciocínio que guiaria a entrevista com o/a informante. Esta fase variava de acordo com o perfil da pessoa entrevistada, que poderia ter uma capacidade de contar história de forma organizada, ou não; poderia ser muito direta, ou não; poderia ter dificuldade de falar a partir do trauma; poderia se sentir mais à vontade ao falar com pessoas conhecidas, ou não. O trabalho com pessoas idosas e crianças exigia outros métodos e outro tempo de entrevista. De toda forma, a pessoa entrevistada deveria compreender o objetivo da entrevista: “Debemos aprender a

---

538 RANDALL, Margaret. ¿Que es, y como se hace un testimonio? *Revista de Crítica Literaria Latinoamericana*. Ano XVIII, n.36, 1992

explicar con claridad nuestros motivos. Si el informante comprende realmente el porqué de nuestra entrevista, y el uso que se va a dar a sus palabras, le ayuda mucho.” Resumiendo:

Hasta aquí, hemos visto que debemos:

- Estudiar terreno, personas y hechos;
- Confeccionar una guía de preguntas acorde con el trabajo que proponemos;
- Preparar una libreta de apuntes;
- Conocer nuestro equipo técnico, probarlo antes de cada entrevista [...];
- Ir preparados para ajustar las necesidades del trabajo a la vida del informante, escoger un tiempo que le sea propicio, etc., es decir, tratar de crear las mejores condiciones para que el informante pueda sentirse relajado y con posibilidades de comunicarse con nosotros.<sup>539</sup>

Com a entrevista feita, partia-se para a “Matéria prima e transcrição”. Randall chamava de “materiais primários” a transcrição das entrevistas e as outras fontes levantadas na “Preparação”, somado a materiais gráficos como fotos, documentos pessoais, anotações feitas ao longo do trabalho de campo. Chamou especial atenção do/a “historiador/a do testemunho” para a transcrição da entrevista, considerada como o material básico do testemunho, era a transformação em texto escrito das palavras registradas nas entrevistas gravadas. A transcrição deveria respeitar o/a informante, devia manter sua linguagem, os coloquialismos e as expressões orais, ao mesmo tempo que devia passar por uma “limpeza” de vícios de linguagem e sons dispensáveis ao texto escrito. Era uma árdua tarefa se considerarmos a linha tênue que separa o que é vício de linguagem do que representa emoção ou expressões orais importantes para se conhecer e mapear quem esse/a informante. Para tentar minimizar os ônus, Randall orientava que a transcrição deveria ser completa e literal do que foi dito, definindo-se em outra fase dos trabalhos a seleção final e edição do que entraria no texto final do testemunho.

Nesse sentido, propôs o seguinte questionamento: “¿*Debemos o no transcribir la voz de un hombre o de una mujer exactamente como habla?*” Dependendo do vocabulário da/o informante, por razões culturais, sociais, étnicas, poderia ser necessário um ajuste, mas o que se disse deveria ser compreendido sem a necessidade de alterar a forma como se fala, mantendo o máximo possível a forma enunciativa original. Acreditamos que essa foi uma escolha e uma estratégia de Randall para romper com o eurocentrismo. Afinal, ela demonstrava ter ciência do poder da língua, incluindo seus privilégios por ser falante do inglês. O preconceito linguístico é uma ferramenta de poder, exercido pela colonialidade quando algumas línguas são consideradas “bases”, “oficiais”, criando-se uma falsa naturalidade de que devem ser

---

539 Idem.

compreendidas, enquanto outras são, muitas vezes, reduzidas a “dialetos”. Randall defendia que quem escreve o testemunho deveria retirar “palavras muletas” e dar coerência as falas que, na oralidade, são muitas vezes desorganizadas. Para ela:

Nosotros consideramos que casi siempre es positivo transcribir con fidelidad estas hablas particulares. ¿Por qué? Porque ellas también son parte de nuestro patrimonio nacional. Nunca es posible separar forma de contenido, ni es deseable hacerlo. Hay gran poesía y a veces hasta sabiduría en la *manera de hablar* de distintas zonas y grupos de personas. "En tal lugar se habla muy mal" o "el español de tal país es muy malo" siempre nos han parecido modos demasiado absolutos de evaluar fenómenos relativos. [...] La cultura de un lugar y su habla están íntimamente ligadas e interrelacionadas. [...] Por eso insistimos en la importancia de dar a conocer la voz del pueblo como es. Pero debemos advertir, también, que todo tiene su medida. Nunca se trata de ridiculizar a un informante, mostrando su incultura o transcribiendo su lenguaje sin pulirlo para quitarle todas las pequeñas peculiaridades mencionadas que todos tenemos cuando hablamos informalmente y con la ayuda de gestos y miradas.<sup>540</sup>

Ou seja, em um testemunho em que se objetivava construir uma narrativa e um sentimento nacional, fortalecer o Estado-nação, era importante reafirmar a identidade marcada nas palavras. Para minimizar o impacto da transcrição no que fora dito pela pessoa que concedeu o testemunho, Randall orientava que o texto final tivesse aprovação da/o entrevistada/o, ou que fosse lida para as pessoas que não eram alfabetizadas, a fim de confirmar a fidelidade do relato e incorporar qualquer alteração que fosse necessária ao depoimento escrito – metodologia reforçada por ela em um artigo autobiográfico de 2015<sup>541</sup>. Também tinha como prática dividir com as informantes as recompensas financeiras sobre seus trabalhos testemunhais, o que nos indica a forma como compreendia a autoria dos testemunhos como algo compartilhado e coletivo<sup>542</sup>. O ato de transformar a oralidade em um registro escrito é o que, segundo Sergio Miceli e Jorge Myers, transforma a memória em um “fato eminentemente social e histórico”, saindo de um estado subjetivo para se tornar um “elemento objetivo da realidade social específica de um grupo humano”, assim como se vinculava a determinado lugar e tempo<sup>543</sup>.

Randall incluiu nas orientações para um bom testemunho o subcapítulo “Ética e arquivamento”, a última etapa da fase *I. Como se hace un testimonio*. Nesse item ela ressaltou

---

540 Idem.

541 RANDALL, Margaret. Oral history and memory: A personal journey. *Kamchatka. Revista de análisis cultural*. Dossiê Avatares del testimonio en América Latina: tensiones, contradicciones, relecturas (Jaume Peris Blanes e Gema Palazón Sáez, org.), 2015, p. 293 – 303.

542 Idem.

543 MICELI, Sergio ; MYERS, Jorge. Prólogo: “Le dur désir de durer”. *Retratos latino-americanos: a recordação letrada de intelectuais e artistas do século XX*. São Paulo: Edições Sesc, 2019, p. 10.



que a ética do trabalho testemunhal era fundamental para que não se rompesse com o pacto travado com o/a informante, respeitando a palavra concedida e sem manipular erroneamente, de forma proposital, o que foi dito, isto sem negligenciar o papel da/o “historiador/a do testemunho” na construção da narrativa final. Por fim, chamou atenção para a o arquivamento das gravações e transcrições, apresentando a necessidade de construção de um acervo com esses documentos, entendido como um “[...] valioso patrimonio cultural e histórico para un pueblo.” Ou seja, como materiais e fontes históricas que ficariam registradas e disponíveis para outras pesquisadoras/es.

Em entrevista concedida a autora da presente tese, Randall afirmou que, ao fim das entrevistas realizadas na Nicarágua, entregou todo o material gravado e transcrito para a AMNLAE a fim de que construíssem um acervo histórico, com a finalidade de preservar vozes que poderiam ser úteis no futuro, para outras análises. Contudo, segundo ela, diante das necessidades da revolução e da precariedade da vida material no contexto da luta contrarrevolucionária, acabaram regravando por cima das mesmas fitas, não tiveram condições de preservar os testemunhos como patrimônio. Já com as entrevistas feitas no início da década de 1970, com as cubanas, relatou não saber exatamente o que fez com o material das entrevistas, visto que foi seu primeiro trabalho testemunhal, o que nos leva a desconfiar que talvez ela ainda não tivesse estabelecido esse critério<sup>544</sup>.

Na segunda fase do manual, “2. *Trabalho ‘lateral’*”, Randall enfatizou o trabalho complementar da entrevista que considerava como fundamental e que contribui para sua aproximação com a história oral. Para ela, “tudo” era importante para o trabalho histórico de escrita de um testemunho: os detalhes pessoais, o contexto em que a pessoa estava inserida, a história dos lugares e das pessoas, estatísticas, eventos locais, nacionais e internacionais etc. Era a partir da visão de um todo, de compreender o conjunto da realidade cotidiana em relação aos fatos históricos que se definiria o que era fundamental ou não para pesquisa e selecionar-se-ia o central para a compreensão do que e de quem se investigava. Essa prática é importante, sobretudo, diante de suas intenções para que aquelas experiências e narrativas individuais, na realidade significassem vivências coletivas. Em muitos casos, informações e documentos que, a princípio eram considerados secundários, se tornaram complementares. O importante era coletar e garantir o acesso a esses documentos históricos e informativos. Além disso, não

---

<sup>544</sup> Randall, Margaret. Entrevista concedida à Stella Ferreira Gontijo em 08 de novembro de 2023, Albuquerque, Novo México. EUA.

deviam negar a escuta a quem estivesse disposto/a a falar, mesmo que a princípio o/a pesquisador desconfiasse da importância daquele depoimento: “La memoria de dos, de 15, de un periódico con su fecha en blanco y negro, es siempre más confiable que la memoria de uno”<sup>545</sup>. Transformar o testemunho em narrativa da história era uma tarefa que exigia metodologia:

[...] para que [el testimonio] llegue a ser más que un cuento, más que la versión de un individuo o un grupo de individuos, en una palabra, *para que llegue a ser historia*, tiene que apoyarse en una serie de testimonios secundarios, documentos, material gráfico, tal vez una cronología que ayude a los lectores que no son conocedores de los hechos, y casi siempre una introducción (escrita al final del trabajo), que logre enmarcar todo coherentemente, explicar su importancia, y ofrecer una información acerca de donde y como se hizo el testimonio.<sup>546</sup>

Para isso, defendia que o “saber incluir” era tão importante quanto o “saber excluir”. Outro trabalho complementar era o levantamento e seleção de materiais gráficos, inclusive a fotografia, que ocupou um espaço especial na sua trajetória e que ela definiu como um “testemunho em si”. Para ela “[...] el trabajo lateral y el trabajo primario de un testimonio se hacen conjuntamente. Así un aspecto sugiere el otro. Este aspecto completa la labor de recopilación de materia prima, y nos lleva a la fase de montaje”<sup>547</sup>. Ou seja, a fotografia era tão importante quanto a entrevista, o trabalho de pesquisa historiográfica e de registros materiais para a pesquisa<sup>548</sup>. Em entrevista concedida a autora desta tese, em 2023, Margaret Randall afirmou haver uma certa simbiose entre as fotografias e a narrativa do testemunho, pois fotografava enquanto perguntava e ouvia, compondo a sua metodologia de testemunho. Posteriormente as imagens influenciavam na transcrição das entrevistas e na seleção dos trechos para os livros, assim como a narrativa oral influenciava na escolha das fotografias. De tal modo, considerava a imagem tão importante quanto o texto para a constituição do *testimonio*<sup>549</sup>.

---

545 RANDALL, Margaret. ¿Que es, y como se hace un testimonio? *Revista de Crítica Literaria Latinoamericana*. Ano XVIII, n.36, 1992.

546 Idem.

547 Idem.

548 Uma pesquisa voltada para compreender e analisar o trabalho fotográfico de Randall como “testemunho em si”, e não como adereço e ilustração, seria de grande contribuição para a historiografia. Contudo, tivemos acesso ao seu acervo gráfico *Margaret Randall Photograph Collection*, disponível no *Center for Southwest Research* (UNM-EUA), em um momento que não tivemos condições de tempo, espaço e embasamento teórico-metodológico o suficiente para desenvolvê-lo no presente trabalho. Mas ressaltamos sua importância, para que siga como oportunidade e sugestão para futuros trabalhos, da presente autora e possíveis interessados/as.

549 Randall, Margaret. Entrevista concedida à Stella Ferreira Gontijo em 08 de novembro de 2023, Albuquerque, Novo México. EUA.

Na última fase do manual, Randall focou na “3. *Montagem final*”, que nada mais era do que os passos finais para se organizar a obra testemunhal em uma publicação pronta para ser divulgada a um público. Nesse momento, após as entrevistas feitas e transcritas, da coleta do material complementar e secundário, o passo era recolher e organizar todo esse material coletado nos processos anteriores para dar a forma final ao testemunho, para torná-lo publicável e acessível ao público leitor. É o que nós podemos definir como o momento da “mediação”, da “tradução” para o público externo. A versão final deveria levar em conta o “valor estético” da obra, visto que somente uma obra final de qualidade poderia perdurar no tempo e oferecer uma contribuição de longo prazo para a narrativa da história. Essa foi colocada em contraposição a uma “má-estética”, que ela caracterizou como uma escrita panfletária e jornalística, que teria como resultado uma obra extremamente datada. Compreendemos que Randall quis dizer que a primeira seria uma obra historiográfica e a segunda não, pois fugiria dos parâmetros teórico-metodológicos que definiu para o reconhecimento de um trabalho de história oral.

Este momento final demandava muito trabalho criativo, de responsabilidade, análise e escolhas criteriosas, que dependiam muito de duas perguntas iniciais: qual o objetivo e a quem se direciona o testemunho? A busca era por obter um resultado útil à História, que efetivamente comunicasse com os setores da sociedade, representasse as narrativas silenciadas:

Es clave aquí la palabra *comunicación*. Queremos comunicarnos con los lectores. Queremos transmitirles no solo una información con sus múltiples facetas, sino que esperamos además que se emocionen al recibirla, que sientan lo que sentimos nosotros, que comprendan, en el tiempo que se hace necesario para leer un libro, o un trabajo de testimonio, lo que nosotros hemos llegado a comprender a través de un largo periodo de trabajo.<sup>550</sup>

Para o êxito desse objetivo final era necessário a “Organização e divisão”. Apesar de afirmar que não existia uma “receita rígida” para organização do testemunho, ficando a cargo do material que tivesse disponível e dos objetivos propostos, ofereceu quatro alternativas de organização das narrativas coletadas: 1. ordem cronológica; 2. ordem temática e com perspectiva multidimensional para cada tema; 3. narrativa cronológica com interrupções de materiais complementares de pesquisa; 4. fluxo da história imprimido pela/o informante.

Randall expressou sua preferência pelo segundo modelo organizativo, por considerar duvidosa uma narrativa linear e porque estava “[...] muito mais interessada em caminhos que

---

550 Idem.

podemos ir rodeando um assunto à medida que vamos nos aprofundando à determinada história”<sup>551</sup>. Podemos colocar em diálogo essa citação de Randall com o que afirmou João Camillo Penna a respeito de uma tentativa de apagamento do/a transcritor/a, sem ignorar as contradições e problemas presentes nessa opção metodológica:

O transcritor (o autor) deve, portanto, se apagar para chegar a uma “despersonalização” quase que absoluta, só subsistindo de forma residual – como veículo para o sujeito testemunhal, que em última análise se confunde com a coletividade como um todo e com a própria história – o sujeito popular como sujeito da história.<sup>552</sup>

Por fim, Randall orientava que a introdução ao livro de testemunho fosse feita ao final de todo o processo, diante do todo, bem delineado e com o objetivo de esclarecer para o/a leitor/a os seguintes pontos: as origens socioculturais do/a “mediador/a do testemunho”; quais as fontes utilizadas; quais as pessoas entrevistadas; o pacto leitor/a-informante-mediador/a. Na introdução, o/a “mediador/a” deveria indicar a metodologia adotada para a organização dos testemunhos, como a narrativa foi construída, qual o contexto abordado. Em alguns momentos, considerava necessário um epílogo ou notas finais, além de um material de orientação cronológica, a fim de orientar melhor a leitura e compreensão do *testimonio*, o que dependia do público ao qual se objetivava alcançar. Descrever, localizar na geopolítica do período, a pessoa responsável pela produção do testemunho, através de critérios como raça, classe, gênero, nacionalidade, era tão importante quanto o definir e localizar a/o informante. O lugar no mundo de ambos/as interferia no olhar e nas escolhas do percurso de trabalho e da escrita testemunhal. Por isso, um dos pontos que Randall destacou foi “A voz de quem entrevista”, do/a agente que pergunta e que transcreve, que monta a narrativa final da publicação escrita. Com aproximações e distanciamentos da pessoa agente do testemunho, que fornece sua narrativa de maneira ativa.

Apresentando-se e localizando-se na introdução, Randall considerava que nem sempre era necessário a voz de quem pergunta e transcreve estar explícita e presente na narrativa final, com as perguntas transcritas. Inclusive, reconheceu sua preferência para que esta fosse suprimida, mesmo que, para isto, fosse preciso fazer alguns ajustes na fala do/a entrevistado/a,

---

551 “I am much more interested in the ways we may go around and around as we go deeper into a given history.” RANDALL, Margaret; SAÉZ, Gema Palazón [En.]. Revolution doesn’t die, it simply changes with the time. Entrevista com Margaret Randall. BLANES, Jaume Peris; SÁEZ, Gema Palazón. [Org.] *Avatares del testimonio en América Latina: tensiones, contradicciones, relecturas*. Número especial de *Kamchatka: Revista de Análisis Cultural*, 2015, p442. Tradução nossa.

552 PENNA, João Camillo. Este corpo, esta dor, esta fome: notas sobre o testemunho hispano-americano. SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, memória e literatura: O testemunho na era das catástrofes*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003, p. 307.

fazendo “[...] las respuestas de forma tal que todo quede como un relato continuado.”<sup>553</sup> Essa estratégia era uma tentativa de retirar de cena a sua presença como transmissora daquela voz no percurso corrido do texto, dando mais fluidez, mas sem se esquivar das suas responsabilidades como transcritora. Sabia que, ao mesmo tempo em que buscava dar espaço a uma narrativa silenciada, acabava, ao se colocar como “mediadora”, devendo se atentar para não reproduzir a dinâmica do silenciamento. Ao dar preferência por não se mostrar presente, não negava que seu lugar social e político tinha interferência na narrativa que conduzia, em contraposição a uma suposta escrita “isenta/neutra” presente na historiografia tradicional que se pretendia “universal”.

O seu primeiro livro de testemunho, *La mujer cubana ahora*, publicado em 1972, foi dividido em um prólogo chamado *Presentación*; dois capítulos diagnósticos da situação da mulher intitulados *No el “problema de la mujer”, sino un problema de la sociedad* e *La mujer cubana ahora* – analisados no capítulo 2 da presente tese; e as entrevistas presentes no capítulo *Las entrevistas*. Essas entrevistas, analisadas por nós no capítulo 4 da tese, foram divididas da seguinte forma: *Hablan catorce mujeres*; *Tamara Bunke: vivo su recuerdo en una escuela regional de trabajo y estudio para muchachas*; *Del feudalismo al comunismo: la generación de la revolución*, Haydée Méndez; *La brigada millonaria “Rosa la Bayamesa”*; *La brigada “Rosa la Bayamesa”: Josefa Oliva*; *“Niña Bonita”: Asteria Perdomo*; *Clementina Serra y los círculos infantiles*: “¡Que la revolución me haya situado tarea tan constructiva!”; *El pelotón “Mariana Grajales”: Isabel Rielo*; *No se pierde un talento: Alicia Alonso*; *La ciénaga de Zapata: mujeres en el pantano*; *Elena Gil: la lucha de clases y las domésticas*; *“Los rehabilitados”: Ciudad Sandino*; *El cambio más grande: las que eran prostitutas*; *Mujeres en la educación: “las madres combatientes”*; *Los Comités de Defensa de la Revolución*; *Teresa Sánchez*; *Planificando para una nueva sociedad: Cecilia Menéndez*; *“Los que murieron y los que vivieron...”*, Haydée Santamaría; *De la clandestinidad a la Federación de Mujeres Cubanas: Vilma Espín*; *“Abuela”: “¡Bajando las de arriba y subiendo las de abajo!”*; *Mujeres en trabajos “de hombre”: la fundición*; *Raquel Revuelta: El dejar de ser mujer*; *Elena y Juana: Los Picolinos de la Celumna*<sup>554</sup>.

A partir dos títulos de cada subcapítulo, podemos inferir se foi abordado uma trajetória de apenas uma pessoa ou se se tratava de uma entrevista mais coletiva, com várias vozes em

---

553 RANDALL, Margaret. ¿Que es, y como se hace un testimonio? *Revista de Critica Literaria Latinoamericana*. Ano XVIII, n.36, 1992, *passim*.

554 RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana, Cuba: Instituto Cubano del Libro, 1972.

diálogo. Ademais, nos indica o tema central abordado, como uma política revolucionária ou algum acontecimento específico – como os círculos infantis, os CDR, o pelotão “Mariana Grajales” etc. O livro, publicado pelo *Instituto Cubano de Libros*, foi produzido com apoio material do governo cubano e da FMC, que contribuiu também para que Randall alcançasse as mulheres para as entrevistas. Já no primeiro parágrafo Randall enunciou sua intenção: “[...] a través de sus páginas, ellas hablan de sí mismas, de sus vidas – su pasado, presente y futuro – en el ámbito de una realidad que conmovido y está transformando a su país y a América: la revolución cubana.”<sup>555</sup> Para a produção, ela realizou mais de cem entrevistas ao longo de um ano, entre 1970 e 1971, revelando o alto grau de cortes e seleções que teve a versão final que fora publicada.

Randall justificou que esta triagem fora feita considerando a representatividade das mulheres, “[...] las que más claramente reflejaban esta gran transformación social, con todas sus implicaciones.”<sup>556</sup> Ou seja, aquelas que demonstraram maior compromisso em identificar o impacto positivo da revolução em sua realidade, apesar de afirmar que não censurou as contradições presentes nos discursos, pois considerava que eram próprios do período de transição que viviam. Metodologicamente, Randall manteve a linguagem escrita o mais próximo possível da falada, pois considerava elemento importante e marcador de classe, cultura, raça e região. Reconheceu também que apesar de assinar o trabalho, ele era uma produção coletiva, para o qual contou com a ajuda destacada de Mayda Ochoa<sup>557</sup>, “[...] intervino en casi todas las entrevistas y contribuyó decisivamente a la elaboración del material seleccionado”, inclusive a montagem de falas presente em *Catorce mujeres hablan*; e Mayra Álvarez Martínez<sup>558</sup> que “[...] empezó como fotógrafo profesional en el trabajo de este libro, y su propio desarrollo significó una gran contribución al mismo.”<sup>559</sup>

Sobre a organização das entrevistas, todos os subcapítulos contavam com uma breve introdução das entrevistadas e, em caso de abordar especificamente algum acontecimento ou política revolucionária, contextualizou do que se tratava. Randall procurou descrever as mulheres e o local onde se encontravam, normalmente em suas casas ou locais de trabalho. Entremeou alguns comentários entre as respostas com o objetivo de descrever algo que viu ou

---

<sup>555</sup> Ibidem, p.7

<sup>556</sup> Idem.

<sup>557</sup> Escritora, jornalista e tradutora cubana. Publicou o livro “De cómo los hombres se acercaron al sol”, sobre os camponeses rebeldes em Cuba.

<sup>558</sup> Jornalista, pesquisadora e fotógrafa cubana. Trabalhou na revista *Revolución y Cultura*.

<sup>559</sup> Idem.

percebeu ao seu redor no momento da fala ou para elucidar alguma informação que fora citada pela entrevistada. Nos testemunhos das mulheres, organizados como uma montagem de várias contribuições, colocou-as como se estivesse em diálogo fluido sobre determinado tema. Randall selecionava os trechos pertinentes para passar essa sensação ao/à leitor/a.

Este livro foi escrito no formato de perguntas e respostas, ou seja, com a transcrição dos questionamentos feitos, com a demarcação da voz da entrevistadora, que compartilha o protagonismo do relato com as vozes do testemunho. Percebemos que as perguntas foram adaptadas de acordo com cada entrevista, considerando o objetivo que se tinha e as diferentes abordagens necessárias para determinados temas ou sujeitos – lembrando que as mulheres eram de diferentes classes sociais e regiões do país, o que muda não apenas a temática, mas também a linguagem. Algumas das questões recorrentes tinham a intenção de abordar a trajetória individual, vinculados a origem de classe e região, ao tipo de trabalho que realizavam, a autoridade na casa, à liberdade sexual e de relacionamentos, o acesso à educação, os sonhos e perspectivas de vida, as relações de gênero em diversos aspectos da vida: infância e criação, maternidade, relação com os maridos.

Além das perguntas, em alguns momentos, Randall expressou sua opinião, estabelecendo um diálogo com as entrevistadas enquanto conduzia a conversa. Entre outras perguntas recorrentes, mesmo que nem sempre formuladas da mesma forma, destacamos as que giravam em torno da transformação da condição de vida (1); do trabalho produtivo (2) e do trabalho reprodutivo (3):

1. ¿Has visto algún cambio en la situación de la mujer cubana, después del triunfo de la revolución?; ¿Cómo la revolución fue entrando en tu vida?; ¿Qué cambios sufriste?; ¿Antes de la revolución era igual?; ¿Qué diferencias fundamentales tú ves entre el hombre y la mujer?; ¿Cómo fue el trabajo que hicieron aquí al principio [durante la lucha insurreccional]?; ¿Cómo reaccionaron los hombres a que las mujeres se organizaran?; ¿Tú crees que la mentalidad de tus hijos ha cambiado, y pueden ayudar sin problemas a sus esposas cuando se casen...?; ¿cómo era tu vida antes del 59?; ¿Tuviste participación en la insurrección?; ¿Qué tú crees que falta para que todas las mujeres logren tener una incorporación como la de ustedes?; ...Hace un ratito, tú decías que la mujer puede hacerlo todo. Unos años atrás, ¿también pensabas así?; Yo quisiera que tú nos explicaras un poco lo que era tu vida antes de la revolución...; En el trabajo clandestino, siendo mujer, ¿no notabas una confianza distinta para las mujeres?; Después del triunfo, ¿cuáles fueron tus actividades?; ¿y cuáles son los cambios principales que has visto para la mujer dentro de la revolución?; ¿Y tú parecer respecto al papel de la mujer en la revolución, en la sociedad?; Antes de la revolución, ¿era difícil entrar aquí?...; ¿Cómo era tu vida antes de la revolución?; ¿Tú comenzaste a estudiar después que triunfó la revolución?; ¿Cómo ves la participación de la mujer en la revolución?; ¿Cuán fue la primera cosa que te impresionó, a ti particularmente, con el triunfo?; Yo quisiera saber cómo tú llegaste a comprender lo que era el socialismo...; ¿Tú quisiera hablar algo de cómo ves la liberación de la mujer con la revolución?; ¿Hay algo más que quisiera decir en cuanto a la mujer...?; ¿Con qué soñaste tú de niña?; Antes del triunfo de la revolución, o sea, cuando tú trabajabas en

eso, ¿a quién culpabas de la vida que tenías que llevar? ¿O no pensabas en eso?; ¿Tú conocías, sabías de la lucha de los rebeldes antes del 59?; ¿Para ti ha sido muy apreciable la diferencia entre la niñez y la juventud tuyas y las de tus hijas?; Si tú desconocías la lucha insurreccional, ¿cómo fue que adquiriste la conciencia? ¿Hubo algún acontecimiento específico que te hiciera reaccionar?; ¿Ves alguna diferencia, por ejemplo, entre tu mamá y tú... como mujer...?;

2. ¿Tú crees que hay trabajos que la mujer no puede hacer?; ¿Tú crees que eso es un problema social, de acondicionamiento?; ¿Tú crees que la mujer no puede realizar los trabajos que realiza el hombre?; ¿Tú ves a la mujer con tanta fuerza como el hombre?; ¿Ve alguna diferencia en cuanto a la fuerza física entre el hombre y la mujer?; ¿Y por qué usted piensa que la mujer tiene más espíritu de sacrificio?; En tu experiencia aquí, en el trabajo productivo, ¿cómo has visto que trabajan los hombres y las mujeres?; ¿Intelectualmente hay alguna diferencia?; ¿Tú crees que puedas cortar [caña] tanto como un hombre?; ¿Tú trabajaste alguna vez antes de la revolución?; Tú, que has vivido todo este proceso, ¿qué piensas que queda por hacer para poder incorporar más a la mujer, para quitar las trabas que quedan?; Esta diferencia física que tú ves, ¿la consideras una diferencia orgánica o social? Te pregunto si la diferencia física no emana de esa diferencia social, o si es una cosa puramente biológica.; ¿Cuál fue la actitud de la mujer ante la incorporación al trabajo?; ¿Aquí la mujer siempre ha trabajado o antes no trabajaba?; ¿has notado algún resentimiento de los hombres, alguna renuencia a ser dirigidos por mujeres?;

3. ¿Tu esposo te ayuda en la casa?; ¿Él tiene algún prejuicio en contra de ayudarte en la casa?; ¿Entonces tú crees que lo que falta es un problema material o consideras que todavía existe una especie de mentalidad entre las mujeres?; ¿Tú crees que la función natural de la mujer sea la casa y los hijos?; ¿Tú crees que el hombre debe o puede trabajar también en la casa?; ¿Tienes que hacer el trabajo de la casa también?.<sup>560</sup>

Em *Todas estamos despiertas: testimonio de la mujer nicaraguense hoy*, publicado em 1980 pela editora mexicana Siglo XXI, Randall trabalhou com o testemunho das sandinistas. A *Introducción* foi dividida em quatro partes: *El mundo indígena*; *La colonia*; *Las mujeres en el Ejército de Sandino*; e *Las “compas” de ahora*. Na sequência, os depoimentos foram divididos em nove capítulos, seguidos de um apêndice, *Los câmbios más grandes*. Os capítulos testemunhais são: *De “AMPRONAC” a la “Asociación de Mujeres”*; *Las comandantes: I. Dora María Téllez y Leticia Herrra / Doña María Dora, II. Mónica Baltodano / Doña Zulema; Lo que nos metieron fue más coraje: Amada Pineda; Tuve que romper... Yéndome a combatir: Daisy Zamora; Un ocho de marzo: Nora Astorga; Las “compas” de verde olivo; Ser mujeres de esperanza: Hermana Marta; De nosotros se espera todo: Gladys Báez: I. La chispa, II. Fue a la URSS sin conocer Managua, III. La transición, IV. Pancasán, V. Nunca acepté la tesis de que iba a morir de los “chuzos”, VI. Una experiencia que hay que decirla, VII. Nosotros no queríamos que el campesinado fuera un espectador de la guerra, VIII. Un sueño en grande; e Las madres y las hijas.*

---

560 Ibidem, *passim*.



Antes de iniciar a introdução do livro, Randall gastou cerca de uma página para contextualizar as/os leitoras/es sobre as condições em que fora produzido. O trabalho de campo foi realizado entre novembro de 1979 e janeiro de 1980 a convite do Ministério da Cultura do governo revolucionário instaurado em julho de 1979. O Ministério forneceu as condições materiais para realização das entrevistas e produção do livro, que também contou com a colaboração da AMNLAE e do Ministerio de *Bienestar Social*.

Para viabilizar a produção geral, citou a colaboração de Gloria Carrión, Lea Guido, Yvonne Siu, Doris Tijerino, Ricardo Wheelock, Gladys Zalaquette, Mónica Zalaquette e Daisy Zamora. No trabalho de transcrição contou com Irene Barillas Montiel, Auxilio e Yves Chaix, César Delgado, Arturo J. Díaz Villanueva, Verónica Mercedes Gutiérrez, María Helena López Cerpas, Lesbia del Socorro Rodríguez Bojorge, Esperanza Román e Tacho Sánchez. O tamanho da equipe nos fornece uma pista do investimento feito pelo governo sandinista, ou do nível de envolvimento da população sandinista com a construção de uma memória feminina popular. As duas hipóteses permanecem, pois não sabemos se foi um trabalho remunerado ou voluntário. Jaime Carreto Zúñiga ajudou com a fotografia, apesar de Randall já atuar como fotógrafa nessa época, e Grandal ajudou a revelar as imagens em Cuba. A produção do livro foi feita na ilha caribenha, pois Randall ainda não tinha se mudado para a Nicarágua, o que aconteceu concomitante com sua publicação. Destacou a colaboração de artistas e intelectuais cubanos/as que contribuíram com a leitura do manuscrito e sugestões de ajustes: Antonio Castro, Álex Feites, Víctor Rodríguez Núñez, María Inés Ruz, Sandra Stevenson e Vladimir Zamora.

Ao todo, informou ter realizado mais de oitenta entrevistas, repetindo a metodologia de critérios para seleção das mulheres e trechos que couberam nos livros, reiterando sua intenção de mostrar diversidade de mulheres que compunham aquela nação: “[...] compañeras de todas las edades, condiciones sociales e integración política, en todos los rincones del país.”<sup>561</sup> Somando a isso, Randall tirou mais de quatro mil fotografias, realizou trabalho de documentos como estudos e informes que balizaram as informações contidas nas entrevistas e em suas afirmações. Tudo isso foi utilizado para contextualizar os temas abordados e, consequentemente, tratar dos “[...] distintos aspectos de la situación de la mujer en Nicaragua.”<sup>562</sup> Expressou suas intenções com o livro, destacando a excepcionalidade dos feitos das mulheres nicaraguenses ao

---

561 RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas: testimonios de la mujer nicaraguense hoy...* México: Siglo XXI editores, 1980, p. 9-10.

562 Ibidem, p. 10.

longo da luta pela libertação nacional, que havia contribuído qualitativa e quantitativamente em um processo que tendia a ser crescente e transformador a partir do triunfo em 1979, buscando sempre estabelecer o vínculo do passado e presente a fim de demarcar o papel da revolução na transformação da condição feminina:

Es el reconocimiento de una evolución ascendente y universal, en cuanto a la plena integración social del antaño considerado “sexo débil”. Y estamos de acuerdo. Pero por lo extraordinario y aleccionador de su ejemplo, vale la pena detenernos en el caso de Nicaragua, situar a las mujeres nicaragüenses en su contexto social – pasado y presente –, seguir su historia de integración y – sobre todo – escuchar en sus propias voces su problemática, compromiso, decisión, entrega, abnegación, coraje, inventiva, brillantez e insuperable condición de combatiente.<sup>563</sup>

Outra semelhança entre o livro *La mujer cubana ahora* e *Todas estamos despiertas*, diz respeito a nomeação dos capítulos, capazes de adiantar se apresentariam um relato individual ou coletivo, além de indicarem a temática central do depoimento, ou da trajetória da entrevistada. Na diversidade das mulheres selecionadas, notamos outra semelhança: a presença de dirigentes políticas e de mulheres comuns que compartilhavam aquele cotidiano de reconstrução nacional, apresentando impressões distintas, resultado que partiam de diferentes níveis de envolvimento, responsabilidade, formação política e, em alguns casos, de compromisso com o processo em curso. Um elemento marcante na abordagem dada ao caso sandinista diz respeito a relação mãe e filha, o que ficou marcado nos capítulos *Las comandantes*, que conjugou o relato de Dora María Téllez, Leticia Herrera e Mónica Baltodano em diálogo com a mãe de duas delas, *Doña María Dora* e *Doña Zulema*. Esse capítulo foi posto em contraste com o intitulado *Las madres y las hijas*, que apresentou a temática mãe-filha a partir da trajetória de militantes de base, de mulheres “comuns”. Ao longo de *Todas estamos despiertas* podemos perceber o foco em identificar a trajetória de vida, classe social, composição familiar, escolaridade, incorporação na luta armada, contradições de gênero no interior da guerrilha, mudanças e expectativas com a vitória da revolução.

Aqui, diferentemente da abordagem adotada em *La mujer cubana ahora*, Randall não transcreveu as perguntas feitas, optando por manter um texto contínuo, em que adaptou as respostas em uma narrativa única que, em alguns casos, contrapunha diferentes vozes sobre determinado assunto. Assim, apesar de manter descrições, comentários e explicações, manteve sua voz em um local de não-protagonista, mas sim como auxiliar da narrativa principal.

---

563 Ibidem, p. 11.

Manteve a descrição da entrevistada e do local da entrevista, que permaneceu sendo em suas casas ou locais de trabalho, assim como intercalou as falas – todas identificadas – com informações do contexto e outras opiniões que expressou ao longo do livro. A exceção se deu em dois capítulos em que houve a transcrição parcial das perguntas, o que não foi justificado e que não pudemos identificar a metodologia utilizada por Randall. Seleccionamos as perguntas mais gerais que foram feitas nos capítulos *Las “compas” de verde olivo* e *Ser mujeres de esperanza: Hermana Marta*, respectivamente, e que refletem temáticas abordadas recorrentemente ao longo dos vários testemunhos:

¿Cómo una muchacha de 14 años se integró al Frente Sandinista?; Y la vida en la montaña, ¿cómo fue?; ¿Cuánto tiempo estuviste [en la montaña]?; ¿Y qué es lo más difícil de la montaña?; Y la primera vez que entraste en combate, ¿qué sentiste?; ¿Qué tipo de armas manejabas?; ¿Cómo fue la cárcel para ti?; ¿Encontraste alguna vez que algún hombre no quería tomar órdenes de una mujer?; ¿Fuiste inmediatamente a la montaña?; ¿Tú fuiste la única mujer en el campamento?; ¿Y cómo fue el trato allí para la mujer?; ¿El trabajo con el campesinado, ¿cómo era?; ¿Cómo tú ves las cualidades físicas de las compañeras?; ¿Tú no vez ninguna contradicción entre el socialismo y el cristianismo?; ¿Cómo ha sido la lucha aquí en Matagalpa?; ¿Y qué papel jugaron ustedes, en esa época?

Entre as edições desses dois livros com testemunhos de cubanas e nicaraguenses, Randall publicou um livro apenas com o testemunho da militante sandinista Doris Tijerino, intitulado *Somos millones* (1975), com relato colhido quando esta se encontrava exilada em Cuba. Em nossa análise – feita ao longo dos capítulos 5 e 6 – optamos por utilizar o manuscrito disponível no *Margaret Randall Papers Archive*, no *Center for Southwest Research/UNM*. Optamos pelo manuscrito por compreendermos que a partir desse material, teríamos acesso a um material com menor intervenção de edição da autora e da editora, podendo haver maiores informações, menos recortes no depoimento de Tijerino. O livro foi publicado pela primeira vez em 1976, sob o título *Somos millones*, pela editora mexicana *Extemporaneos*.

Na *Introducción*, Randall expôs suas intenções com esse livro: registrar a trajetória de Tijerino, como exemplo da trajetória de vida da mulher latino-americana que despertou contra a exploração que sofria e se tornou combatente revolucionária. Essas mulheres se multiplicaram no continente, se tornaram “milhares”, compuseram os coletivos envolvidos com os processos revolucionários na região:

Conocimos a Doris Tijerino y hablamos con ella. Se crearon las condiciones para que una mujer, militante, activa, nos cuente su historia – y en los acontecimientos de ésta vemos la otra opción, la real, la que nadie puede ofrecer ni imponer, sino que se arranca simplemente. Nuestro propósito ha sido mostrar esta opción: la única viable. Nuestro propósito ha sido también el de mostrar la situación actual verdadera, de

nuestros países – y su respuesta: la lucha del pueblo. Hemos querido mostrar esta lucha a través de una mujer. Y a la mujer a través de esta lucha. Como participantes de esta historia vemos también a miles de mujeres, mujeres nicaragüenses, latinoamericanas, mujeres que – junto con sus compañeros – se levantan ahora masivamente a tomar la vida por el lado de la lucha, a liberarse liberando a sus pueblos.<sup>564</sup>

Ressaltamos que 1975 era um momento de organização do levante revolucionário nicaraguense, dirigido pela Frente Sandinista de Libertação Nacional, o que acreditamos ter orientado os objetivos de Randall com essa publicação. Acreditamos que ela tenha colocado a trajetória de Tijerino como forma de divulgar e mobilizar as mulheres para as lutas por libertação nacional, compreendendo esta como parte do processo de libertação feminina. Assim, Randall buscou desfazer narrativas hegemônicas que apresentaram as lutas dos povos do Terceiro Mundo apenas a partir da experiência, contribuição, perspectiva e trajetória masculina. A autora rompeu com a tradição e acreditava que assim serviria para inspirar mais mulheres no que chamou de “nuestros países”. Para isso dividiu o depoimento em ordem cronológica, considerando diferentes etapas da vida de Tijerino: Parte 1. 1943-1955; Parte 2. 1956-1965; Parte 3. 1965-1975; e *Cronología mínima de intervención, represión y lucha* – que apenas informava a linha do tempo das lutas por libertação nacional na Nicarágua.

Assim como fez com os testemunhos das cubanas, Randall manteve a complementariedade do testemunho com imagens e informações cruzadas com documentos e outras bibliografias. Porém, diferentemente, não transcreveu as perguntas, criando subtítulos temáticos entre cada uma das partes do livro, indicando o assunto abordado a partir de frases ditas por Tijerino:

Parte 1. 1943-1955: *No era alta, ni rubia, ni tenía los ojos azules: era nicaragüense...; Un libro de Gorky, que después iba a tener mucha importancia en mi propia vida...; ...historias de como los gringos los perseguían...; ... se levantó diciendo: mama, quiero cagar...; ...ay, la vida de mi madre: las contradicciones...; Pero resulta que las tierras que ellos iban a colonizar eran las tierras de la comunidad indígena...; Me acuerdo de un campesino...; Espera que mi marido está durmiendo...; ...el sistema les obliga a explotarse unos a otros...; ...donde por primera vez distingo las diferencias sociales...; ...no me imaginaba como un niño podía participar de una guerra si no era muriendo...; Las monjas nos decían que el matrimonio era la cruz de la mujer...; ...siempre estábamos mentalmente ligados a la hacienda de mis abuelos...;*  
 Parte 2. 1956-1965: *La costa atlántica de nicaragua tiene un gran porcentaje de población negra...; ...un espectáculo corriente, que causa el horror de la burguesía...; ...histeria colectiva...locura colectiva...; ...los hicieron*

---

564 RANDALL, Margaret. *Somos millones*. Manuscrito: *Margaret Randall Papers*, UNM Center for Southwest Research & Special Collections, 1975, p. 13.

guardia...; ...mi mama trato de que todos sus hijos adoptaran posiciones consecuentes...; Oigo hablar de Darwin...; Esto mejor lo vamos a meter debajo del asiento...; ...llegan al ridículo de prohibir la entrada al país de libros de Ernesto Cardenal.; ...me di cuenta de que los hombres no se las comían a una...; ...decían que entre dos siempre está el diablo.; ¡Ahora sí es cierto!; ...Sandino es quien captura una bandera norteamericana y la envía... a un congreso antiimperialista.; ...con el grito de patria libre o morir!...; Hasta “doctores” íbamos a querer ser.; ...solo el partido de los obreros podía darse a la tarea de transformar la sociedad.; ...algo bien directo contra el sistema...;

Parte 3. 1965-1975: ...participar más directamente en la lucha.; ...una huelga de hambre efectuada por mujeres...; ...las monjitas pensaron más como empresarias...; No más Somoza; ...recibí el nombre de Conchita Alday...; ...eso embrutece a la mujer...; Somoza siendo animal...; ...en las “democracias”...; ...la guerrilla trata de crecer...; ...lo que tenía que hacer era devolver los golpes...; ...lo capturaron vivo, lo torturaron hasta que muere...; ...ella es madre de comunistas...; ...con el himno de la internacional...; Relata cómo ve morir a su hermano...; Entonces pase a la clandestinidad.; ...donde trabajan hombres y mujeres la mujer participa muy poco como dirigente...; La política del Frente no está encaminada a reprimir al guardia, al guardia raso...; A Ricardo lo venían controlando hacia mucho tiempo...; Me hablaban del Frente y me quedaban viendo la cara...; La vivienda para mi hermano...; ...había sucedido en el gobierno un escándalo...; ...antes de morir gritó “¡Viva Sandino!”; Porque ese día “yo era ellos”, dijo...; ...logré ver sobre la mesa un cartapacio ejecutivo...; Mi papa puso la renuncia a la guardia y se la aceptaron.; ...la mujer de todos nuestros países...; ...los hijos son cosa casi exclusivamente de la madre...; ...hijito, nos matan a los dos, pero no te llevan...; ...hablaba de las mujeres, y como luchan...; ...mi propia madre...; ...el había tenido un solo sueño en su vida...; ...inicio de su participación siendo un niño...; ...era de esas compañeras que levantan el ánimo, que fortalecen...; ...sus planes de estudios fueron concebidos por asesores norteamericanos...; ...lo que se llama “pise y corre”...; La cantidad de estudiantes que han muerto por la revolución nicaragüense es muy grande.; ...la población que consume leche, que no es la proletaria...; ...el espectáculo era horrible...; ...nos pidieron ayuda...; ...yo creo que Nicaragua es el único país...; Lo más que pudimos hacerle... era darle aire con un papel...; Planifique su familia...; ...hacen uso del tambor...; ...sufrimos un golpe muy duro...; ...agarro al tipo de ese por el cuello y le dijo, “que puta quería, ¿no?”...; Yo podía calificar el secuestro del 27 de diciembre como una acción limpia...; Llegamos a diciembre y no se daban trazos de que los compañeros fueran puestos en libertad...; En esta acción participan tres compañeras...; Actualmente, la situación en el país... puede calificarse política y militarmente buena...; Para entender la actitud de estos sectores de la burguesía que adoptan posiciones progresistas, hay que tener siempre presente las características de la dictadura de Somoza.; Yo creo que sería interesante tratar de hacer un esbozo de la situación de las fuerzas políticas que actúan en el país...; Nicaragua es un país en crisis...; Se plantea una lucha larga, una guerra popular prolongada...; ...todo nuestro pueblo soñara en colores....<sup>565</sup>

O livro *No se puede hacer la revolución sin nosotras*, publicado e 1978, pela editora cubana *Casa de las Americas*, possui alguns artigos de opinião, mas também entrevistas, com objetivo de escutar “[...] las voces de algunas de estas mujeres: de Brasil, Nicaragua, Perú y Cuba. Mujeres comprometidas – en el Año Internacional de la mujer – en la lucha del pueblo por un mundo diferente y mejor.”<sup>566</sup> São depoimentos nos capítulos: II. *Una campesina*

<sup>565</sup> Ibidem, *passim*.

<sup>566</sup> RANDALL, Margaret. *No se puede hacer la revolución sin nosotras*. Havana, Cuba: Casa de las Américas, 1978, p. 12.

brasileña: “Una lucha donde no va la mujer, va más lenta”; III. Una militante nicaraguense: “¡No se trata de mujeres que militan sino de militantes que son mujeres!”; IV. Las campesinas peruanas: “Ya no creemos que nuestra única función es trabajar en el hogar”; V. Cuba: primer territorio libre en América. Além das imagens reivindicadas como “testemunhos gráficos”.

Os capítulos sobre Adamaris Lucena e as camponesas peruanas foram trabalhados no capítulo 2 da presente tese. Já os capítulos voltados para o testemunho cubano e sandinista serão analisados mais a frente. De toda forma, para o capítulo dedicado as cubanas, os depoimentos são recortes daqueles registrados no livro *La mujer cubana ahora* e, por isso, as perguntas tratadas pela entrevistada e a metodologia das entrevistas e da organização do livro, já foram consideradas. A entrevista feita com Doris Tijerino, publicada no capítulo III. *Una militante nicaragüense*: “¡No se trata de mujeres que militan sino de militantes que son mujeres!”, foi também publicada na revista *Revolución y Cultura*, em 1975. Randall conduziu perguntas que abordavam a relação entre ser mulher e militante, considerando os desafios impostos diante de um papel feminino tradicional que hegemonizava as relações sociais e culturais na América Latina. Nesse capítulo, Randall transcreveu as perguntas feitas a Tijerino: iniciou pedindo para que a entrevistada abordasse a luta em sua cidade/povoado, aprofundando na participação feminina inserida nessa guerra mais ampla, considerando origem de classe, infância, nível de integração, setor de atuação e cidade. Na sequência pediu para que contextualizasse a situação de sua cidade, a fim de compreender melhor suas origens e motivações. Para isso, também considerou importante abordar suas relações e configurações familiares. Posteriormente, ampliou para uma perspectiva internacionalista, como a influência de Cuba e da URSS, a fim de apreender a relação que Tijerino estabeleceu com esses processos. Sobre sua trajetória Randall fez os seguintes:

¿...Y por iniciativa propia decides regresar al país?  
 Pero no quiero dejar todavía totalmente el tema de su familia, porque me parece interesante: once hermanos. ¿Hay otros hermanos tuyos que están integrados a la lucha? ¿O viven otro tipo de vida? ¿Cómo ha sido tu...?  
 ¿Tú eres la única militante en tu familia...?  
 Entonces, cuando regresaste de Moscú, ¿te integraste a la Universidad? ¿Qué tipo de vida empezaste a llevar en el país, aparte de ser militante? Es decir, ¿en qué sector?  
 ¿Y podrías hablarnos un poco de esos años? ¿Cómo se llevó la lucha en la Universidad?  
 Una pequeña parte del pueblo nicaraguense realmente tiene acceso a la Universidad, ¿no?  
 El analfabetismo en tu país es algo así como el 70% ¿no?  
 Antes hablábamos de tu experiencia personal, tu experiencia de lucha en el movimiento estudiantil y de cuando caíste en una acción armada y estuviste en la cárcel. Y que dentro de la cárcel convivías con sectores de mujeres del país que son

duramente explotadas. Sería interesante si hablaras de la lucha que condujo a tu detención y posteriormente la vida en la cárcel, como se dio...<sup>567</sup>

Através de intervenções pontuais para que Tijerino desenvolvesse melhor a sua experiência na prisão, Randall pediu para que descrevesse seu cotidiano e a relação que estabeleceu com as “presas comuns”, sobre seu processo de julgamento e liberdade, sua opinião sobre as organizações de mulheres do país. Finalizou essa transcrição com uma pergunta sobre maternidade e suas perspectivas de luta naquele ano de 1978. Através das perguntas inferimos sobre a intencionalidade da entrevistadora, que buscava conectar a trajetória pessoal de Tijerino a uma história mais longo em curso, aprofundando em percepções a respeito do processo revolucionário, buscando compreender os atravessamentos específicos das questões de gênero e da experiência feminina.

Utilizamos mais dois livros de testemunhos nicaraguenses organizados por Margaret Randall, com a diferença de que não foram publicações exclusivamente de relatos femininos. Em *Cristianos en la revolución. Del testimonio a la lucha*, publicado em 1984 pela editora nicaraguense *Editorial Nueva Nicaragua*, o foco foi a experiência das comunidades eclesiais de base conduzidas por Ernesto Cardenal e o padre Uriel Molina, por isso o livro foi dividido em: *Prólogo*; *Solentiname*; e *La comunidade universitária del Riguero*. Em meio aos testemunhos organizados em forma de diálogo, sem a transcrição das perguntas, identificamos as falas das mulheres que analisamos nos capítulos 5 e 6 da tese. Nos interessou observar aqui que, mesmo sendo voltado para um contexto específico e protagonizado por homens, Randall usou como capa desse livro (Fig.33) a imagem de uma mulher, uma militante sandinista que, para ela, sintetizava a complexidade do processo nicaraguense: ela possuía um rifle nas costas, usava uniforme e boina militar, indicando seu papel na luta armada; elementos que compartilhava, sem tensão alguma, com uma cruz em seu pescoço, demarcando o papel do cristianismo naquela revolução; e, por fim, possuía uma lixa de unha e um batom no bolso de seu uniforme verde-oliva, indicando a feminilidade, as transformações que a imagem “do guerrilheiro” sofreu a partir da integração das mulheres na luta armada.

---

567 RANDALL, Margaret. *No se puede hacer la revolucion sin nosotras*. Havana: Casa de las Américas, 1978, *passim*.



Figura 33

Capa do livro *Cristianos en la revolución*, Editorial Nueva Nicaragua (1984)

Pela montagem desse livro, composto por testemunhos colocados em diálogo um com o outro, a partir de entrevistas feitas separadamente, Randall agradeceu a editora Kate Pravera por “su capacidade para extraer de un montón de palabras lo esencial, y darle un orden coherente [...]”<sup>568</sup>. Buscava, com este livro, contar a história de “[...] Solentiname, que es parte importante de la historia de las comunidades cristianas en el proceso de lucha de Nicaragua. Parte importante de la lucha de Nicaragua. Parte importante de nicaragua.”<sup>569</sup> Também objetivou conta a história da comunidade de Rigüero. De antemão, Randall estabeleceu alguns questionamentos que motivaram a organização de *Cristinos en la revolución*:

¿Qué significaron las comunidades cristianas de base en la historia de la lucha nicaragüense? ¿Cuáles son sus implicaciones para esta lucha que continúa en América Latina? ¿Quién es, realmente, el cristiano revolucionario forjado en el proceso nicaragüense? El que se asome a estos testimonios encontrará un punto de partida para la respuesta a éstas y otras preguntas. Una respuesta, quizás, que sólo podrá completarse con el tiempo. Por ahora, tienen la palabra los que buscaron un cambio para sus vidas, y para la sociedad.<sup>570</sup>

Já o livro *Risking a somersault in the air, Conversation with Nicaraguan writers*, publicado em 1984 pela editora estadunidense *Solidarity Publications*, correspondeu a tradução para o inglês de uma série de entrevistas que havia feito em espanhol com intelectuais nicaraguenses. Entrevistas feitas para o suplemento literário *Ventana*, parte do jornal Sandinista

---

568 RANDALL, Margaret. *Cristianos en la revolución*. Del testimonio a la lucha. Buenos Aires: Editorial Nueva America, 1985, s/p.

569 Ibidem, p. 18.

570 Ibidem, p. 116.



*Barricada*, realizadas ao longo do ano de 1983, a pedido da editora do suplemento, a poeta nicaraguense – e atual vice-presidenta do país – Rosario Murillo. Esse livro também com registros de homens e mulheres, separados por testemunhos dispostos em catorze capítulos, mais a introdução. As entrevistas feitas com as mulheres são analisadas nos capítulos 5 e 6 desta tese. Com esta obra de traduções, Randall reforçava seu compromisso intelectual de colocar em circulação as experiências e narrativas das revoluções latino-americanas, contrastando a imagem que se tinha nos Estados Unidos a respeito dos/a líderes e intelectuais nicaraguenses. Informações que eram fornecidas principalmente pela grande mídia controlada pelo *establishment*. Junto com as entrevistas, ela incluiu algumas imagens e trabalhos de poesia: “De uma forma ou de outra, todos esses homens e mulheres são os/as poetas guerrilheiros/as de uma experiência até então não publicada.”<sup>571</sup>

Na introdução Randall expressou sua intenção com essa publicação:

Eu pensei, um livro como esse pode abrir novas oportunidades de relações entre a sociedade e as manifestações artísticas na Nicarágua. E, para leitores da América do Norte, propiciaria um olhar para as paixões e sensibilidade, a história e as ideias, a criatividade e as formas de se expressar desses homens e mulheres, que se movem entre o mundo dos sonhos e o mundo real, construindo ambos simultaneamente.<sup>572</sup>

Iniciando os relatos com uma breve contextualização da pessoa entrevistada, uma descrição física – muitas vezes emotiva –, da pessoa e do local onde estavam no momento. Dessa vez, Randall optou por transcrever as perguntas, pois era um formato mais jornalístico que visava a publicação em um periódico. Manteve seu interesse na trajetória pessoal e familiar de cada pessoa, passando pela forma como se integrou na militância, seu papel e expectativa com a revolução e o modo como relacionava seu papel de intelectual e o fato de ser mulher com a etapa revolucionária de reconstrução do país, buscando identificar os desafios, as contradições e as transformações que enfrentavam. Selecionamos algumas das perguntas recorrentes, destacamos:

[...] vamos falar primeiro sobre suas origens, sua infância e juventude, sobre as coisas que talvez tenham deixado uma marca em vocês como mulher e como poeta.; [...] Como aqueles trabalhos [institucionais] te afetaram como poeta e como mulher?; [...]

---

571 “In one way on another, all these men and women are the guerrilla poets of a heretofore unpublished experience.” RANDALL, Margaret. *Risking a somersault in the air*. Conversation with Nicaraguan writers. São Francisco: Solidarity Publications, 1984, p. 19. *Tradução nossa*.

572 “I thought, such book might open new windows on the relationship between society and artistic expression in Nicaragua. And, for North American readers, it would provide a look at the passions and sensitivity, the history and ideas, the creativity and expression of these men and women who move between the dream world and the real world, shaping both simultaneously.” RANDALL, Margaret. *Risking a somersault in the air*. Conversation with Nicaraguan writers. São Francisco: Solidarity Publications, 1984, p. 6. *Tradução nossa*.

você gostaria de falar mais sobre sua vida na revolução, não apenas do ponto de vista de uma poeta, mas do ponto de vista de uma mulher?; [...] o que significa pra você ser poeta? O que isso contribui ou retira de sua vida?; Agora, como o fato de você ser poeta – algo tão profundo, tão essencial – afeta as outras condições da sua vida: você como mulher, camarada, mãe, revolucionária, amiga, trabalhadora?<sup>573</sup>

A partir do objetivo que tinha com essas obras, conforme apresentando, e aprofundando na questão do testemunho para Randall, na versão costa-riquenha do manual *Testimonios*, publicada em 1992, ela apresentou uma discussão ausente na versão publicada no Canadá em 1985, trazendo para a cena um debate “marxista” e citando diretamente Walter Benjamin, na busca de aprofundar o sentido da tarefa revolucionária de “[...] recoger y de escribir el testimonio real de este momento glorioso en la historia nicaraguense”. Impactada pela ideia benjaminiana da “[...] necesidad de evitar retratar a la miseria, a la pobreza, como algo bello, picaresco o exótico,” reforçou um sentido da luta de classes como orientadora do seu papel como intelectual ao se colocar como “mediadora do testemunho” das mulheres, viabilizando a circulação transnacional de suas vidas, processo de luta e projeto coletivo de nação. Também expressou uma perspectiva materialista ao selecionar os trechos de Walter Benjamin que indicavam que a verdade histórica se perdia no momento em que passava e, assim, a “característica de las clases revolucionarias en el momento de su acción es la conciencia de que están a punto de hacer estallar la continuidad de la historia.”<sup>574</sup>

Aproveitou também para criticar uma visão da História como apenas aquela que é escrita, o que diminuía a importância da tradição oral. Considerava essa uma diferenciação “enganosa”. Para Randall, quando uma pessoa transcrevia uma história oral esta deixava de ser “oral” e passava a ser “escrita”, transgredindo as definições ocidentais de documento histórico:

La historia oral es, como su nombre lo indica, una historia contada oralmente; a veces emana de una tradición oral que figura entre los patrimonios culturales más ricos de un pueblo. Pero una vez recogida, deja de ser únicamente "oral" porque se escribe, y así se logra que la conozca un sector mucho más amplio, el público lector.<sup>575</sup>

---

573 “[...] let’s talk first about your origins, your childhood and youth, about the things that may have left their mark on you as a woman and a poet.; [...] How did those jobs affected you as a poet and as a woman?; [...] would you like to talk a bit about your life within the revolution, not only from the point of view of a poet, but from the point of view of a woman?; [...] what does it means to you to be a poet? What does it contribute to or take from your life?; Now, how does your being a poet – something that deep, that integral – affects the other conditions of your life: you as a woman, comrade, mother, revolutionary, friend, worker?” Ibidem, *passim*. Tradução nossa.

574 RANDALL, Margaret. ¿Que es, y como se hace un testimonio? *Revista de Critica Literaria Latinoamericana*. Ano XVIII, n.36, 1992, *passim*.

575 Idem.

Em 2015, ao escrever um ensaio autobiográfico para uma edição especial da revista *Kamchatka*, relembrou que seu encontro com o gênero testemunhal se deu no mesmo cenário de seu encontro com as lutas políticas que ocorriam no México no final dos anos 1960, e com a teoria feminista, o que implicou sua mudança de percepção a respeito dos problemas que considerava com individuais, que eram, na verdade, sociais e políticos<sup>576</sup>. Sendo assim, se nós aproximamos a compreensão de Randall com o que foi afirmado por Leonor Arfuch, para quem o sujeito do testemunho é um sujeito coletivo, em oposição ao sujeito individual da autobiografia, com o objetivo de narrar “subjetividades coletivas”, concluímos que Randall utilizou dessa metodologia para narrar as “subjetividades coletivas” das mulheres latino-americanas.

Em 1981, Randall publicou na revista mexicana *Plural* o artigo intitulado *Escritura y testimonio femeninos*<sup>577</sup> como parte de sua contribuição no 4º Congreso Interamericano de Escritoras. Iniciou o texto colocando o *testimonio* e a história oral como correspondentes, “[...] vehículo que permite escuchar las voces de muchas mujeres para quienes otros géneros literarios resultan impenetrables, por la misma explotación y opresión de que ellas han sido objeto.”<sup>578</sup> Para ela, o silenciamento feminino vinculava-se com as relações de gênero desiguais, incluindo os homens como vítimas do machismo e do patriarcado, visto que eram reduzidos, muitas vezes, a condição de opressor. Reforçava que o controle sobre a narrativa que sustentava o *status quo* não estava ao alcance de qualquer homem, mas de um tipo específico, detentor do poder: “El hombre pobre, negro, indio o sin educación formal está casi tan marginado como la mujer de la misma condición. Pero, dentro de cada categoría de clase o etnia, ella siempre ha sido la más silenciada.”<sup>579</sup> Em sua visão, foi no quadro de luta dos povos por emancipação que as mulheres passaram a se sentir *liberadas* para ocupar o espaço das letras. Ao mesmo tempo, Randall reconheceu que mesmo nos contextos revolucionários as mulheres permaneceram uma ínfima parte da produção literária, visto que mantiveram-se as estruturas econômicas e a carga da consciência de séculos de silenciamento, marcadas como as maiores vítimas do analfabetismo que assolava o Terceiro Mundo. É nesse contexto que inseriu o papel fundamental da história oral, como veículo que “[...] nos ha permitido ‘descubrir’ grandes voces que antes quedaron en

---

576 RANDALL, Margaret. Oral history and memory: A personal journey. *Kamchatka. Revista de análisis cultural*. Dossiê Avatares del testimonio en América Latina: tensiones, contradicciones, relecturas (Jaume Peris Blanes e Gema Palazón Sáez, org.), 2015, p. 293-303.

577 RANDALL, Margaret. Escritura y testimonio femeninos. *Revista Plural*. México, Cidade do México. Vol. X-XII, N.120, Setembro 1981, p. 26-28.

578 Ibidem, p. 27.

579 Idem.

silencio.”<sup>580</sup>, que não por acaso distinguido por mulheres que viabilizaram a emergência de outras vozes femininas:

Una mujer preparada, hablando con otra mujer de origen humilde, sobre todo si la primera es capaz de vencer sus limitantes de clase en el transcurso de la experiencia, puede ayudar a crear las condiciones que permiten a la segunda entregarnos una visión antes desconocida en nuestra literatura. [...] Las cosas que las mujeres tenemos en común – más allá de clase y cultura – ayudan en este caso a establecer un diálogo (o monólogo) libre de interpretaciones necesariamente masculinas. Diríamos que la conciencia más importante es la de clase, sin embargo; la conciencia feminista, para abortar en su mayor dimensión, tiene que trabajar dialécticamente ligada a ella.<sup>581</sup>

Para ela, as mulheres, por serem menos egocêntricas e menos vinculadas ao poder, tinham condições melhores de se distanciar da produção do testemunho. Em sua experiência com mulheres cubanas, nicaraguenses, vietnamitas e peruanas afirmou que aquelas “menos preparadas”, que podemos compreender que detinham menor formação política e nível de consciência, davam testemunhos mais literários, com uma linguagem mais popular que produziu uma “nova literatura”. Por isso, considerava que um “bom *testimonio*” tinha pouca intervenção de quem o transformava na palavra escrita, na transmissão, fosse no estilo e na forma, mas também no conteúdo. O enfoque do testemunho como algo menos “missioneiro” ou “julgador” dos fatos, passando para um objetivo mais classista, foi importante para as mulheres, que, pela primeira vez, tiveram suas vozes expostas e escutadas de forma massiva. Randall compreendia que a prática da “literatura de testemunho”, de atuar como “mediadora” dessas vozes, era uma forma de atuação feminista, que dotava de sentido a função intelectual, porque viabilizava a expressão feminina a partir da compreensão da exploração de classe: “Nuestras Hermanas analfabetas, pobres, no blancas y aisladas en el llamado ‘tercer mundo’, han sido las más privadas em este sentido. Y frente a esta realidad el surgimiento del género testimonio nos ha dado la posibilidad de abrir una puerta hacia todo un mundo literarios antaño silenciado.”<sup>582</sup>

Posteriormente, em 1988, em um artigo para a revista estadunidense *Women & Language*<sup>583</sup> reforçou a relação dos trabalhos de testemunho com a consciência feminista adquirida, fruto da necessidade de se recuperar uma memória negada, escondida, distorcida, o

---

580 Idem.

581 Idem.

582 Ibidem, p. 28.

583 RANDALL, Margaret. Power politics and gender awareness. Some notes on oral history with women in Latin America. *Revista Women & Language*. Miami, EUA. Vol. XI, No.2, Inverno 1988, p. 30-34.

que colocou como urgente a necessidade de parar de “escrever como um homem”, nos limites metodológicos do *status quo*. Randall apresentou essas questões no plural, como inserida em um movimento coletivo de escritoras e jornalistas ao redor do mundo que começaram a “escutar sua própria voz” e a “jogar em suas próprias regras”, o que incluía a narrativa em primeira pessoa do testemunho ou da história oral. Aprenderam a confiar nas metodologias que desenvolviam, nas análises e “poderes intuitivos”, o que mudou o trabalho de escrita:

Começamos a entender que nossas memórias coletivas, assim como as individuais, foram invadidas, violentadas, apagadas. A recriação dessas memórias tem sido uma preocupação constante, ocorrendo em muitas áreas e disciplinas. Ouvir – a nós mesmas, assim como às nossas avós, mães, irmãs, mulheres de diferentes histórias, etnias, classes sociais e culturas – tem sido fundamental nesse contexto de transformação do olhar. Essa nova prática de escuta e relato às vezes é chamada de história oral. Outras vezes, é chamada de testemunho ou de jornalismo testemunhal. Algumas pessoas a definem de forma mais simples como uma entrevista profunda. Independentemente do nome, essa prática criou um corpo de vozes e imagens, uma nova literatura de referência – grande parte dela proveniente do chamado terceiro mundo e muito dela feita por e sobre mulheres – que oferece uma maneira totalmente diferente de ouvir e enxergar a vida em lugares como a América Latina.<sup>584</sup>

Randall aproximou a produção testemunhal do jornalismo, porque compreendia este como uma maneira de transmitir uma história que rompia com práticas masculinas de narrativa. O testemunho interpretava a história em um processo do que tinha sido, do que era e do que seria, sem ignorar contradições e complexidades, baseando-se em critérios de fontes e informantes diferentes do usual e masculino, do positivismo das fontes, dos fatos e dos grandes homens. Em contraposição, incluíam as pessoas comuns, buscavam diferentes pontos de vista fora da “versão oficial”, mesmo que concentrando na experiência de determinada pessoa que estivera centralmente envolvida no evento investigado. Nesse processo, a memória era fundamental, ocupava um lugar quase sagrado na escrita, propondo a valorização de uma outra forma de lembrar, diferente da interpretação masculina, dos valores de conquista e premiação que ordenava o mundo masculino, respeitando e incluindo uma diversidade de sujeitos que impôs uma variedade de olhares e interpretações. Assim, constituíam um trabalho coletivo, feito

---

584 “We began to understand that our collective as well as our individual memories have been invaded, raped, erased. Recreating these memories has been an ongoing concern, taking place in many and in a number of disciplines. Listening – to ourselves as well as to our grandmothers, mothers, sisters, women of different histories, ethnicities, social classes, and cultures – has been important in the context of this changed vision. A new practice of listening and telling is sometimes called oral history. Sometimes it’s called testimony, or testimonial journalism. Some people refer to it more simply as in-depth interviewing. Whatever the label, it has created a body of voices and image, a new resource literature – much of it from the so-called third world and much of it from and about women – which provides a whole other way of listening to and looking at life in places like Latin America.” Ibidem, p. 31. *Tradução nossa*.

a várias mãos, como vimos aqui quando ela agradeceu uma série de pessoas que contribuíram para realização de cada um de seus livros, deixando de lado o lugar privilegiado do escritor e cedendo espaço para as várias vozes constitutivas da história.

Randall também reforçou o papel compartilhado entre as vozes, as imagens e a escrita:

Lembro-me de como fiquei empolgada ao descobrir que "ouvir" novamente uma voz, recriar a presença real da pessoa relendo a transcrição da entrevista, influenciava a maneira como eu revelava a imagem dessa pessoa no "quarto escuro" da fotografia; e quando percebi que o ato de ver, a forma como uma imagem surgia ao ser revelada, também influenciava exatamente como eu editaria a transcrição.<sup>585</sup>

Aprofundando esta sua compreensão, Randall, em um artigo intitulado *On oral history: Becoming The Conscious Protagonists of Our Lives*, de 1989, abordou as vozes da oralidade em contraposição ao mito da superioridade daquilo que é escrito e da perspectiva da outridade<sup>586</sup>. O/a outro/a sempre apresentado a partir do filtro do sujeito dominante – o homem branco, de classe alta, educado, detentor das ideologias hegemônicas. Nesse cenário, defendeu que a história oral foi capaz de devolver o protagonismo da vida para determinados sujeitos através do registro de conhecimentos que já eram passados entre gerações. Vozes essas que ao serem registradas não se tornaram passivas, não estiveram submetidas a um poder invisível, mas ao contrário, foram construídas por múltiplas mãos. No contexto revolucionário o cuidado com a transcrição era importante, pois se tratava de sujeitos que tiveram sua história manipulada ao longo de séculos. Questão que foi sendo superada desde a prática da história oral até a superação do analfabetismo crônico, o que possibilitou que o povo se tornasse escritor de sua própria história, reivindicando suas memórias coletivas desde diferentes lugares de gênero, raça, classe e nacionalidade. Nesse sentido, a revolução se configurou como um local de produção de memória: “A história oral, então, é a recuperação de uma memória que nos foi tirada. É a nossa voz essencial, relevante e necessária para a contínua tarefa de redesenhar nossa pátria.”<sup>587</sup>

---

585 “I remember how excited I was when I discovered that “listening” again to a voice, recreating the person’s actual presence through rereading the interview transcript, influenced the way I print that person’s image in the darkroom; and when I discovered that the act of seeing, the way an image came up through the developer, also influenced exactly how I might edit a transcript.” Ibidem, p. 33. *Tradução nossa*.

586 RANDALL, Margaret. On oral history: Becoming The Conscious Protagonists of Our Lives. *Revista Cultural Democracy*. São Francisco, Califórnia. No.37, Outono 1989, p. 18-20. Também publicado no jornal bilingue *The underground forest / La selva subterránea*, editado no Maine, Estados Unidos. No número 7 desta revista, sem ano de publicação, o artigo foi publicado como: *On oral history / El redescubrimiento de la voz del pueblo*.

587 “Oral history, then, is the recuperation of a memory that has been taken from us. It is our essential voice, relevant and necessary to the ongoing task of remapping our homeland.” Ibidem, p. 20. *Tradução nossa*.

Podemos concluir que, considerando a metodologia de trabalho que desenvolveu, Randall buscou colaborar para a superação da “ferida colonial” que, ao mesmo tempo, que legitimou o silenciamento de saberes, também foi responsável por localizar formulações subalternizadas. São essas vozes para as quais Randall se colocou como veículo mediador, em uma tentativa de transformar a geopolítica do conhecimento a partir da Fronteira, ideia defendida por Walter Mignolo<sup>588</sup>. Assim, acreditamos que através de seu trabalho de história oral, Randall reforçou a sua função como “intelectual mediadora”, possibilitando contatos, diálogos entre culturas, atuando como “ponte” perturbadora do *status quo*, viabilizando a enunciação de vozes ignoradas – como discutimos no capítulo 2, 2 e apontamos ao longo do presente capítulo. Contudo, ressaltamos a forma como sua contribuição foi atravessada pela sua consciência estadunidense, por sua língua, seus privilégios de classe, raça e nacionalidade, mesmo atuando na reivindicação dos “direitos epistêmicos” dessas mulheres latino-americanas e racializadas. Assim, a análise dos testemunhos feitas a seguir, nos capítulos 4, 5 e 6, tiveram como objetivo pensar a trajetórias das mulheres latino-americanas no contexto revolucionário, reclamando o “[...] direito a reexistência em todas as ordens do pensar e do viver”, sem a intenção de construir uma narrativa totalizante da história, mas contribuindo para o questionamento de uma historiografia e de uma ciência política universalizantes<sup>589</sup>.

---

588 MIGNOLO, Walter. Después de América Latina: la herida colonial y la transformación epistémica geopolítico-corporal. *La idea de América Latina: La herida colonial y la opción decolonial*. Barcelona: Gedisa editorial. 2007, p. 117-168.

589 MIGNOLO, Walter. Novas reflexões sobre “A ideia de América Latina”: a direita, a esquerda e a opção decolonial. *Caderno CRH*. Salvador, v.21, n.53, 2008, p. 239-252.

#### 4. TESTEMUNHO DAS MULHERES CUBANAS, *LA REVOLUCIÓN EN TODO SU ÍMPETU*

*A música “La mujer posible”, de Margarita Mateo (minuto 12:38 do álbum producido pela FMC, em 1975, “La mujer en la Revolución”) aborda o surgimento da “compañera” cubana.*



No início da década de 1970, inserida na atmosfera da experiência cubana e comprometida com o projeto revolucionário em curso, Margaret Randall tinha a ilha caribenha como modelo para a construção de uma sociedade que acreditava que transformaria a realidade das mulheres, como parte do processo de libertação nacional e socialista. Na introdução de seu livro, *La mujer cubana ahora* (1972), a autora ressaltou como a Revolução Cubana foi transformadora não só para Cuba, mas para as Américas, um marco histórico que alterou a balança do poder em favor das revoluções. O que obrigou os EUA a intensificar sua política externa na América Latina, ampliando as estratégias de penetração imperialista nos níveis da política, da ideologia, da cultura e do embargo econômico<sup>590</sup>. Em 1972, Randall afirmou que o acontecimento de janeiro de 1959 “[...] cambió las cosas para siempre en América Latina y aún cambió en los Estados Unidos. Y así se producía un desafío absoluto a la hegemonía imperialista de los Estados Unidos sobre el continente.”<sup>591</sup>

Consideramos a década de 1970 como marco temporal deste capítulo, por se tratar do período em que Randall viveu em Cuba e desenvolveu seu trabalho com as cubanas. Dessa forma, contextualizamos sua análise dos avanços e desafios colocados para a revolução. Richard Gott<sup>592</sup> definiu o período de duas décadas, contadas a partir de 1968, como um novo período no processo revolucionário, devido à aliança estabelecida com a União Soviética, a política cultural e econômica adotada e a reorganização da estrutura do governo. Dentre os acontecimentos para tal giro, Gott ressaltou o fracasso da expedição revolucionária na Bolívia que teve como consequência a morte de Guevara. Foi nesse período que Fidel Castro definiu pelo fim das empresas privadas em Cuba, expressa ideologicamente na ideia de que aqueles que viviam da exploração de mão-de-obra eram “parasitas” que “[...] tenían que desaparecer y

590 RANDALL, Margaret. You can't make a revolution without them! *Lawg Letter*, vol. III, n.2, Canada: Latin American Working Group, dezembro-janeiro 1975/1976

591 RANDALL, Margaret. El nuevo movimiento feminista. ¡Liberación de la mujer! Sus dos caras. *Sobre la situación de la mujer*. Lima, Peru: Sistema Nacional de Apoyo a la Movilización Social; Centro de Estudios de Participación Popular, 1973, p.65

592 GOTT, Richard. *Cuba. Una nueva historia*. Madrid: Ediciones Akal, 2007.



por ello se desencadenó toda la fúria de la Revolución sobre las pequeñas empresas comerciales.”<sup>593</sup> Voltados para a monocultura do açúcar, momento econômico também ficou marcado pela entrada do país no *Consejo de Ayuda Económica Mutua* (COMECON), uma aliança econômica de países comunistas controlada pela URSS, o que formalizou a entrada de Cuba no bloco soviético, além da adoção do modelo de planos quinquenais de planificação econômica.

Politicamente, houve uma reorganização, que levou a uma nova constituição, aprovada em 1976, em que se definiu o funcionamento do *poder popular* baseado em assembleias municipais, provinciais e nacionais. O Partido Comunista Cubano deu um giro ao ortodoxismo soviético, ao mesmo tempo em que manteve algumas especificidades locais. Como veremos mais a frente, foi nesse contexto que se deram as discussões sobre mudanças no *status* legal e de cidadania das mulheres, o que incluiu debates a respeito dos direitos das trabalhadoras e do “Código da Família”. Na cultura, o alinhamento com a URSS teve um impacto profundo no que dizia respeito a independência das artes, o que Silvia Miskulin caracterizou como um “fechamento cultural”, resultado do “controle estatal sobre o meio intelectual”<sup>594</sup>, período que também ficou conhecido como *quinquenio gris*<sup>595</sup>.

Randall observava, vivia e participava desse fazimento revolucionário, com o olhar voltado para a transformação em curso na vida das mulheres, dialogando com uma tradição do pensamento marxista gestado por mulheres – como discutimos no capítulo 2. A partir de sua formação teórica e prática, buscou sistematizar suas principais observações e conclusões a respeito do impacto do socialismo na vida das mulheres cubanas e sua influência internacionalista, a partir da premissa de que, em Cuba, mulheres e homens trabalhavam juntos para construir a “nova sociedade”. Considerando que sua narrativa tinha como ponto de partida seu compromisso com a Revolução, buscou, ao mesmo tempo, valorizar o processo em curso e identificar suas contradições, que deveriam ser contextualizadas, para que pudessem ser superadas naquele momento de transição.

Com o objetivo de compreender essas nuances, analisamos, no presente capítulo, os livros *La mujer cubana ahora* (1972); *Sobre la situación de la mujer* (1973); *No se puede hacer la revolución sin nosotras* (1978); *Mujeres en la revolución, entrevistas con Margaret Randall*

---

593 Ibidem, p. 360.

594 MISKULIN, Silvia. *Os intelectuais cubanos e a política cultural da revolução* (1961-1975). São Paulo, Alameda, 2009, p. 223.

595 Ver nota 130.

(1978); *Women in Cuba ten years later* (1981); além dos artigos publicados em Cuba: *Revolución: testimonios de mujer*, na revista *Santiago* (1971); *Donde esta la mujer*, no jornal *La Demasagua* (1978); *Los dias y la sangre de Iverna Codina* na revista *Revista Revolucion y Cultura* (1979), escrito em parceria com Victor Rodríguez Núñez; outros artigos publicados no Canadá: *You can't make a revolution without them!*, na revista *Lawg Letter* (1975/1976); *Venceremos: Women in the new Cuba* em *Canadian Dimension* (1975); *Appendix C: "We need a government of men and women...!"*, publicado no informativo *Cuba information* (1975); *Family code update. Communique from Cuba*, da revista *The Other Woman; Canadian feminist* (1976); e, de materias publicados nos Estados Unidos, utilizamos a entrevista *Women in Cuba; An interview with Margaret Randall*, no jornal *Plexus. A bay area women's newspaper* (1974).

No início da década de 1970, o exemplo cubano serviu para comprovar a tese de Randall: o machismo e o sexismo limitavam o crescimento nacional através dos estereótipos de gênero, que significaram séculos de opressão e silenciamento das mulheres. Essa condição seria superada com a construção do “mundo novo”, do “novo ser humano”, invocado a partir do “homem novo” de Che Guevara e que, para Randall, incluía a “mulher nova”<sup>596</sup>. Para isso, o papel ativo da mulher nesse processo era essencial. Eram mais da metade da população, o que as diferenciava de outros grupos oprimidos que eram minoria na sociedade, e as tornava o setor social com maior potencial de consciência revolucionária. Contudo, o senso comum permanecia como um impasse, com uma mentalidade constituída durante séculos, que as submetia a hierarquias sociais e aos padrões de gênero, como o estereótipo de conciliadoras, conformistas, emotivas, impulsivas, passivas, objetos sexuais etc. Essa condição de inferioridade era instrumentalizada pelo sistema capitalista e patriarcal, em que “el progreso y la felicidad se miden en concepto de ‘objetos’, y la mujer es otro ‘objeto’”. Desqualificação que colocava em xeque a capacidade feminina de contribuir para a luta política e social, desviando o seu “impulso natural de rebelião”<sup>597</sup>. Ao identificar as contradições do processo cubano, Randall considerou aquele momento como uma etapa de transição geracional, em que a superação de resíduos de tradições de velhos condicionamentos, fazia parte de um compromisso coletivo, o que passava por uma educação que suplantasse a carga psicológica que sustentava essa desigualdade. Essa “nova

---

596 A discussão sobre o “homem novo” e a “mulher nova”, a partir da conceituação proposta por Che Guevara e Fidel Castro foi feita ao longo do capítulo 2, contrapondo também ao que formulou Alexandra Kollontai sobre o assunto.

597 RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p. 31.

mentalidade” daria as mesmas oportunidades as mulheres, como resultado da construção do “homem novo e da mulher nova”.

Como vimos no capítulo 2, Randall considerava que a revolução socialista era o caminho para a superação do patriarcado capitalista que na América Latina se manifestava também através da cultura machista *hispano-cristã*<sup>598</sup>. Apesar disso, ela se distanciava do marxismo ortodoxo, que considerava que o fim da sociedade de classes levaria à superação de outras formas de desigualdade, de maneira quase automática. Para ela, a luta pela libertação das mulheres fazia parte da luta de classes e pelo socialismo, questões que estavam integradas e não deveriam ser hierarquizadas, visto que uma questão não deveria ser priorizada em detrimento da outra. Nesse cenário, a revolução era urgente, pois viabilizaria a libertação feminina, ao contrário de uma “luta específica” da mulher, que as manteriam “presas” em uma sociedade classista e, no caso dos países latino-americanos, em uma situação de subordinação colonial e racializada. Com essas premissas que ela tensionava com as feministas do Norte global, e com os marxistas, ao considerar que as mulheres do Terceiro Mundo eram primeiramente revolucionárias, e, depois, “conscientes de seu sexo”, visto que, tomar os meios de produção seria o primeiro passo rumo a igualdade humana, contanto que, a partir daí, as mulheres fossem incorporadas a força de trabalho, superando a marginalidade e a conveniência, alcançando a liberdade.

A opressão sistemática das mulheres se estabelecia, para ela, como uma das características mais destrutivas do capitalismo que, através do patriarcado, garantiu estruturas para manutenção da exploração feminina: as mulheres eram exploradas enquanto força de trabalho; mantidas como “força de reserva do trabalho produtivo”; submetidas ao trabalho doméstico e reprodutivo, invisível e não remunerado, fundamental para a manutenção dos trabalhadores produtivos e para a produção de novos trabalhadores/as. Ou seja, se seu trabalho é mal pago, ou não-remunerado, “[...] en sociedades donde todo se mide por lo que cuesta o por cuánto puede uno ganar o comprar, este trabajo social femenino se desprecia y el desprecio se extiende a las mujeres que lo realizan”<sup>599</sup>. Ficavam restritas ao ambiente privado, submetidas à servidão doméstica, o que Randall considerou como uma condição que as aproximava da escravidão. Privadas de reconhecimento e de independência financeira, elas eram as verdadeiras “vítimas do sistema”. Com essa defesa, Randall dava centralidade a inserção da mulher no

---

598 Comumente utiliza-se “Ibero-cristã”, contudo, optamos por utilizar hispano-cristã, por se tratar do termo empregado por Margaret Randall.

599 RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p.38

trabalho produtivo e remunerado como parte das transformações que deveriam ser empreendidas pelas revoluções, a fim de garantir a superação da desigualdade de gênero e a libertação feminina. Perspectiva que dialogava com o debate geral em Cuba, sobre a reorganização do mundo do trabalho no contexto revolucionário.

Caracterizou a “servidão doméstica” pelo trabalho invisível, pelo confinamento no espaço privado e pelo casamento monogâmico. Como parte da estrutura que sustentava o capitalismo, essas características eram reproduzidas na esfera pública, condicionando o lugar relegado às mulheres na sociedade. Em contraposição, havia o espaço público e, por isso, Randall colocou a incorporação das mulheres no trabalho produtivo no centro do processo de libertação, visto que “únicamente una participación consecuente e igualitaria en la producción puede llevar a la mujer a la igualdad en la educación, la igualdad en el trabajo, la igualdad de voz, y, finalmente, la igualdad en las posibilidades de dirigencia.”<sup>600</sup> O que dialogava com o que defendiam outras feministas socialistas e marxistas da época. Nesse cenário, com a construção da sociedade e do sistema comunista, a reorganização do trabalho doméstico e de cuidados era uma etapa importante, pela qual deveria se responsabilizar o Estado como parte do processo de reconhecimento da humanidade das mulheres.

A teórica francesa Danièle Kergoat nos ajuda a compreender a relação de diferentes tipos de trabalho, para além do que definiu como relação capital-trabalho<sup>601</sup>. Na perspectiva do chamado “feminismo materialista”, o trabalho é visto como “[...] um mecanismo privilegiado para compreender, por meio de práticas sociais, as relações sociais de classe, raça e sexo, na sua tríplice dimensão de exploração, dominação, opressão.”<sup>602</sup> Nesse sentido, Kergoat definiu três categorias de trabalho consideradas femininas, que reverberam na “divisão sexual do mercado de trabalho”: o trabalho doméstico da saúde; o trabalho de procriação; o trabalho de cuidado. Definiu-se assim, com a emergência do capitalismo patriarcal, que o trabalho produtivo, feito fora de casa, destinado a um produto e a obtenção de lucro, é merecedor de salário. Enquanto isso, o trabalho reprodutivo da vida, do cuidado das pessoas, não é considerado merecedor de salário. Este é o trabalho destinado às mulheres, confinadas ao lar e sem acesso ao dinheiro. A filósofa brasileira Helena Hirata, dentre outras marxistas como Silvia Federici, apontaram uma crítica a ideia de classes sociais ao reconfigurar a compreensão de

---

600 Ibidem, p.69

601 KERGOAT, Danièle. Compreender as lutas das mulheres por sua emancipação pessoal e coletiva. in MORENO, Renata (Org.). *Feminismo, economia e política: debates para a construção da igualdade e autonomia das mulheres*. São Paulo: SOF, 2014.

602 Ibidem, p. 17.

trabalho, tornando indissociável suas funções econômicas e políticas<sup>603</sup>. Com Philippe Xarifian, Hirata definiu o trabalho doméstico como uma construção da “[...] forma privilegiada de expressão do amor na esfera dita ‘privada’, os gestos repetitivos e os atos cotidianos de manutenção do lar e de educação dos filhos são atribuídos exclusivamente às mulheres.”<sup>604</sup>

Como sintetizou Fernanda Sucupira e Taís Viudes de Freitas, “para Helena Hirata e Danièle Kergoat (2003), a divisão sexual do trabalho está no âmago do poder que os homens exercem sobre as mulheres.”<sup>605</sup> O processo revolucionário cubano propunha a reconfiguração dessa relação, reconhecendo e redistribuindo o trabalho reprodutivo, alterando a lógica de lucro privado/individual do trabalho produtivo e acrescentando o trabalho voluntário como formador da nova moral, constituinte do “homem novo” e da “mulher nova”. Che Guevara afirmou, em 1964, que

[...] el trabajo voluntario fundamentalmente es el factor que desarrolla la conciencia de los trabajadores más que ningún otro. [...] El trabajo voluntario se convierte entonces en un vehículo de ligazón y de comprensión entre nuestros trabajadores administrativos y los trabajadores manuales, para preparar el camino hacia una nueva etapa de la sociedad, una nueva etapa de la sociedad donde no existirán las clases y, por lo tanto, no podrá haber diferencia ninguna entre trabajador manual o trabajador intelectual, entre obrero o campesino.<sup>606</sup>

Para Michel Lowy, este trabalho não era importante para Che Guevara apenas do ponto de vista econômico, como para garantir a colheita da cana-de-açúcar. Lowy afirmou que, para além de um produto, o mais importante é a forma como o trabalho voluntário contribui para formação do “homem novo” ao desenvolver “[...] la conciencia de los trabajadores, en tanto que *escuela práctica y cotidiana de autoeducación política*, que prepara y acelera la transición a la sociedad comunista.”<sup>607</sup> Por isso, nós compreendemos que na Cuba revolucionária o trabalho voluntário era visto também como produtivo, na medida em que produzia bens, se dava no espaço público, em contraposição ao trabalho reprodutivo/doméstico, desempenhado no

---

603 HIRATA, Helena. Gênero, patriarcado, trabalho e classe. *Revista Trabalho Necessário*. Ano 16, Nº29 Rio de Janeiro, UFF, 2018.

604 HIRATA, Helena; ZARIFIAN, Philippe. O conceito de trabalho. EMÍLIO, Marli; TEIXEIRA, Marilane; NOBRE, Miriam; GODINHO, Tatau (Orgs.). *Trabalho e cidadania ativa para as mulheres: desafios para as Políticas Públicas*. SP: Coordenadoria Especial da Mulher, 2003, p. 67.

605 SUCUPIRA, Fernanda; VIUDES DE FREITAS, Taís. As desigualdades de gênero nos usos do tempo. MORENO, Renata (Org.). *Feminismo, economia e política: debates para a construção da igualdade e autonomia das mulheres*. São Paulo: SOF, 2014, p. 109.

606 GUEVARA, Che. Discurso pronunciado en la entrega de Certificados de Trabajo Comunista en el Ministerio de Industrias, 1964.

607 LOWY, Michael. Trabajo voluntario y comunismo. *El pensamiento del Che Guevara*. México: Siglo XXI editores, 2007, p. 79.

espaço privado. No entanto, devemos observar essa reconfiguração do sentido geral do trabalho produtivo provocada pela moral revolucionária.

Em suas obras, Randall recuperou a história de luta das mulheres latino-americanas e das esquerdas de outras partes do mundo. Registrou a atuação das mulheres em alguns processos revolucionários em curso. Reivindicou a participação feminina ativa nas lutas por libertação nacional que remetiam às disputas anticoloniais do século XIX. Retomou em seus textos o envolvimento político das cubanas desde a resistência à colonização espanhola, o que nos pareceu importante, pois: 1. Colocava as mulheres cubanas como sujeitas da própria história e da história da nacional; 2. Valorizava a Revolução, ao colocar as transformações implementadas com o socialismo e com a soberania nacional e popular, em contraposição a uma realidade anterior, capitalista e marcada pela submissão estrangeira.

Do século XIX, retomou o herói das lutas independentistas de Cuba, José Martí, e suas considerações a respeito da participação feminina na luta pela liberdade, através da epígrafe de seu livro *No se puede hacer la revolución sin nosotras* (1978), destacando sua afirmação: “...ante las mujeres americanas se puede hablar sin miedo de la libertad”. Tamara Bunke, guerrilheira argentina que lutou na Bolívia ao lado de Guevara, fez o vínculo com as lutas do século XX com sua frase na epígrafe do mesmo livro, em que ela expressou com naturalidade seu compromisso com os processos político-militares em curso: “para mí lo más natural es luchar toda mi vida.”<sup>608</sup> Randall também ressaltou o papel das anônimas e populares que lutaram pela independência de Cuba desde a resistência à colonização espanhola, ao compreenderem o sacrifício de seus filhos e maridos, mas também ao aderirem as fileiras dos *mambises*<sup>609</sup>, desempenhando funções diversas, como a assistência as tropas.

Para recuperar a memória das “heroínas da pátria”, Randall considerou mulheres como Ana Betancourt, uma ativa participante da luta pela independência cubana, porta-voz da igualdade de direitos na *Asamblea Constituyente de Guáimaro*, em 1869, em que se debatia o sistema político a ser implementado com o fim da colonização política espanhola<sup>610</sup>, e cujo

---

608 José Martí e Tamara Bunke *apud* RANDALL; Margaret. *No se puede hacer la revolución sin nosotras*. Havana: Casa de las Américas, 1978

609 Como eram chamados aquele que lutaram pela independência de Cuba e contra a Espanha no período colonial.

610 O processo de independência de Cuba da colonização espanhola foi dividido pela historiografia em dois momentos de guerra: a Guerra dos Dez Anos, de 1868-1878, dirigida por Carlos Manuel de Céspedes; e a guerra vitoriosa em 1898 que havia sido iniciada em 1895, liderada por José Martí e Antonio Maceo, conhecida também como Guerra Hispano-Americana. Contudo, a independência cubana ficou vinculada ao direito de intervenção dos Estados Unidos garantida através da Emenda Platt (1902) que “[...] aseguraba que, incluso con la independencia

nome foi utilizado, em forma de homenagem, pela Federação de Mulheres Cubanas (FMC); Rosa Castellanos, ou Rosa la Bayamesa, uma ex-escravizada fundadora de um hospital para feridos nas montanhas da *Sierra Maestra* durante as guerras independentistas do século XIX, que usava seus conhecimentos tradicionais e ancestrais das ervas medicinais para curar os guerrilheiros, motivo pelo qual recebeu o grau de capitã, tendo seu nome utilizado por uma brigada feminina de corte de cana, organizada no pós-1959;

Relembrou de Mariana Grajales, “mulata” e mãe dos irmãos Maceo, lutadores nas guerras contra a Espanha no século XIX. Antonio Maceo, um de seus filhos, é considerado herói da independência cubana e defensor da causa abolicionista. Grajales teria “cedido” seus filhos para guerra, demonstrando o sacrifício histórico da mulher e vinculando a atuação política feminina à maternidade. Assim, ela se tornou um exemplo a ser seguido por todas as mães cubanas, contribuindo para construção de um ideal de comportamento materno, estabelecendo uma expectativa de comportamento que refletiu no século XX: “[...] a mãe que incentivou os filhos a lutarem pela soberania nacional, mesmo que pudessem perecer pela causa”<sup>611</sup>. Foi também uma figura importante para a formação política dos membros da família, com atuação direta na guerra, “[...] principalmente em tarefas atribuídas ao cuidado, como enfermeira e vivendo próxima às tropas do exército mambí”. Sua casa no exílio na Jamaica “[...] se converteu em um centro de simpatizantes da independência e combatentes exilados.”<sup>612</sup> Posteriormente Mariana Grajales foi o nome usado pelo único batalhão exclusivamente feminino na *Sierra Maestra*.

A maternidade foi dotada de um sentido revolucionário, caracterizando uma das formas de contribuição das mulheres. Durante a luta independentista, ao longo do século XIX, o processo de libertação nacional foi interrompido pela intervenção estadunidense em 1898 e mantida através da Emenda Platt de 1902. Apesar da participação feminina ativa no processo de luta pela independência, após consumada, foi mantida a situação legal de subordinação da mulher, além de sua condição de submissão a um trabalho exploratório, sua exclusão do trabalho produtivo, sua ausência de direitos, e a negação da opressão de gênero que sofriam,

---

formal garantizada y sin fuerzas de ocupación establecidas en el país, Estados Unidos mantendría una forma única de control colonial.” GOTT, Richard. *Cuba. Una nueva historia*. Madrid: Ediciones Akal, 2007.

611 MARTINS, Mariana Ventura. Mariana Cuello Grajales: a construção da memória da mãe da pátria cubana. *Tramas nas margens: feminismos, decolonialidades e ativismos*. VI Encontro nacional do GT de Estudos de Gênero da ANPUH/Brasil, 2024. Disponível em:

[https://www.engteg.anpuh.org/resources/anais/18/engteg2024/1728146843\\_ARQUIVO\\_3feb1553e56122825033287eb4a2e4c3.pdf](https://www.engteg.anpuh.org/resources/anais/18/engteg2024/1728146843_ARQUIVO_3feb1553e56122825033287eb4a2e4c3.pdf) Acesso: 04/04/2025.

612 Idem.

considerando a questão racial na forma como essa situação atingia de maneira diferenciada as mulheres negras.

Já nos anos 1920, Randall identificou como momento das “primeiras influências feministas”, advindas de “países industrialmente avançados”, através da “primeira onda feminista” das sufragistas<sup>613</sup>. Com essa narrativa, mantinha as mulheres latino-americanas, mesmo as politicamente ativas, distantes do feminismo e como meras receptoras de uma teoria estadunidense e europeia, que teria sido recebida, absorvida e adaptada as dinâmicas locais das realidades latino-americanas, pelo menos até os anos 1970, momento em que, para Randall, emergiu um feminismo propriamente regional. Destacou, primeiro, a força e influência do feminismo estadunidense e europeu em Cuba no início do século, marcado pela luta das sufragistas, protagonizado pelas mulheres de classe média; segundo, as dificuldades das mulheres comunistas em se identificarem como feministas, por compreenderem que o termo fazia referência as lutas e demandas classistas das mulheres burguesas. Ao mesmo tempo em que estabeleceu o vínculo do feminismo latino-americano com as sufragistas, Randall reivindicou a influência das teóricas comprometidas com transformações sociais e com a Revolução de Outubro, como as comunistas e socialistas Clara Zetkin, Rosa Luxemburgo e Nadia Krupskaja.

No início do século XX, identificou que o surgimento de grupos feministas sufragistas em Cuba, se deu acompanhado da defesa da igualdade social, “aunque todavía existía una marcada separación entre los derechos de la mujer y la lucha social en general.”<sup>614</sup> Nesse caso, havia tensões entre as sufragistas e a demanda por igualdade, pois eram, em sua maioria, de classe média alta que, ao contrário das mulheres negras e das classes baixas, não eram exploradas como mão-de-obra e, por isso, tinham tempo livre para se organizar politicamente, além de deterem interesses de classe que impediam a radicalização da luta feminista. Por isso, com uma visão crítica, para Randall muitas das cubanas passaram a reconhecer os limites da participação na “democracia burguesa” e consideraram que as conquistas do direito ao voto das mulheres em 1935, foi insuficiente. Para ela “[...] apenas em 1959 – com o triunfo do poder popular – que as mulheres (assim como outros setores oprimidos da sociedade) puderam

---

613 A discussão a respeito das “ondas” do movimento feminista e a relação entre esse movimento no Norte global e na América Latina, foi debatida ao longo do capítulo 2, retomada de forma breve aqui para contextualizar a discussão a respeito da Revolução Cubana conforme apresentada pela autora.

614 RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p.90



realmente ver uma igualdade significativa.”<sup>615</sup> Como veremos, essa conquista de igualdade foi relativa, especialmente em se tratando da igualdade de gênero – o que, posteriormente, na década de 1990, Randall considerou como justificativa para o “fracasso” das revoluções socialistas latino-americanas<sup>616</sup>.

Contemporâneo ao movimento sufragista, sob influência da Revolução de Outubro e da Terceira Internacional, surgiram grupos marxista-leninistas que resultou na fundação do *Partido Comunista Cubano* (PCC) em 1925, que adotou o nome de *Partido Socialista Popular* (PSP) a partir de 1944<sup>617</sup>. Nesse contexto de formação do PCC, em início do século XX, “[...] os soviéticos enfatizaram a necessidade de dar um caráter de massas às lutas dos partidos, de desenvolver um trabalho de conscientização nas forças militares e estabelecer a tática de frente única de baixo pra cima, quer dizer, voltar-se para os trabalhadores e não para as elites intelectuais e partidárias.”<sup>618</sup> Para Randall, isso incluía as mulheres, tendo a fundação do PCC/PSP<sup>619</sup> impactado os debates feministas da época, inserindo a classe como categoria na discussão levada a cabo pelas cubanas, mobilizando as trabalhadoras na luta por igualdade salarial: “Tal cosa estaba llamada a producir un efecto decisivo en la lucha feminista, especialmente por razón de las mujeres procedentes de la filas de los trabajadores, y los estudiantes que se incorporaron al partido.”<sup>620</sup> Nesse contexto, Randall considerou que as mulheres desempenharam um papel de vanguarda na luta contra o governo de Gerardo Machado (1925-1933). Por isso, recuperou a trajetória de América Labadí, jovem militante da *Liga Juvenil Comunista*, organização do PCC, que fora morta “em nome da pátria”, em uma manifestação política de oposição ao governo.

Segundo Randall, foi em 1934 que se deu a fundação da *Unión Nacional de Mujeres* que, após a derrubada do governo Machado em 1933, contribuiu para a conquista do direito ao voto e a criação da “Lei da Maternidade” para as trabalhadoras, além da ratificação constitucional dos direitos civis para as mulheres casadas. Contudo, ela chamou atenção para

---

615 “Although Cuban women won the right to vote in 1935, it wasn't until 1959 - with the triumph of people's power - that women (as well other oppressed sectors of society) could really see a meaningful equality.” RANDALL, Margaret. You can't make a revolution without them! *Lawg Letter*, vol.III, n.2, Canada: Latin American Working Group, dezembro-janeiro 1975/1976, p.4

616 Ver: RANDALL, Margaret. *Gathering rage: the failure of the twentieth century revolutions to develop a feminist agenda*. [Manuscrito], 1992.

617 Ver: CALEGARI, Ana Paula Cecon. *Trajectoria partidária e cultura política dos comunistas em Cuba*. Vitória, ES: Edifes, 2024.

618 CALEGARI, Ana Paula Cecon. *Trajectoria partidária e cultura política dos comunistas em Cuba*. Vitória, ES: Edifes, 2024, p. 41.

619 Em seu livro Randall mantém a referência ao PSP, mesmo ao falar sobre a primeira metade do século XX.

620 RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p.90

os limites desses avanços, já que, nas “democracias burguesas e pseudorepúblicas” as leis não eram totalmente aplicadas. Assim, as mulheres seguiram recebendo menos, sem acesso a direitos básicos, como a educação, compunham a maioria analfabeta do país, principalmente as que viviam no campo. Além disso, estavam submetidas a uma situação de profunda exploração sexual e “coisificação” em que “las mujeres de todas las capas sociales, en un grado u otro, sólo servían para satisfacer los apetitos sexuales y ser distracción de una población masculina que hacía gran alarde de su ‘machismo’.”<sup>621</sup>

No pós-Segunda Guerra Mundial houve a criação da *Federación Democrática de Mujeres Cubanas*, organização comunista, ativa na luta contra o governo de Fulgêncio Batista em seu período ditatorial (1952-1959)<sup>622</sup>. Na *Federación* não se identificavam como feministas, mas como uma organização que lutava por direitos constitucionais em um contexto de desigualdade e exploração da nação cubana na década de 1950, que vendia internacionalmente a imagem da mulher sexualizada, um produto de exportação, mercadoria dos EUA vendida aos *gringos* através da prostituição. Essa exploração sexual, combinada com a exploração cultural e econômica imperialista, deu a Cuba a fama de exportadora de pornografia:

La mujer cubana, a los ojos del mundo, no pasaba de ser la imagen de la estampa turística de una mulata de fondillo inmenso, bailadora de rumba y de pañuelo en la cabeza, que portaba un cesto de productos tropicales pertenecientes a la United Fruit y se contoneaba bajo una palmera propiedad de Eisenhower por la vía de Batista.<sup>623</sup>

Esta *Federación* estava integrada à Federação Democrática Internacional de Mulheres (FDIM) fundada em Paris em 1945, como uma organização internacional feminista e antifascista, que seria financiada principalmente pelos países que saíram como “vencedores” da Segunda Guerra, dentre eles a URSS. Esse fato em si não fazia da FDIM uma organização comunista, como afirmou Randall, que considerava que esta era dirigida pelas soviéticas. Pelo contrário,

[...] uma vez que sua pauta principal não era a luta socialista, mas sim a defesa dos direitos femininos, a FDIM teve como líderes ou representantes uma série de mulheres identificadas com o Partido Comunista (PC), a exemplo da sua primeira presidenta, a

---

621 Ibidem, p. 91.

622 Ver: HAAN, Francisca. *La Federación Democrática Internacional de Mujeres (FDIM) y América Latina, de 1945 a los años setenta*. VALOBRA, Adriana; YUSTA, Mercedes. *Queridas camaradas Historias iberoamericanas de mujeres comunistas*. Buenos Aires: Milo y Davila, 2017, p. 17-44 e GRADSKOVA, Yulia. *La FDIM y los derechos de las mujeres en América Latina: expectativas y alianzas durante la Guerra Fría, 1950-1970*. *Revista Descentrada*. Revista interdisciplinaria de feminismo y género. No.2, Vol.5, 2021.

623 RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p. 92.

francesa Eugénie Cotton, já vinculada ao Partido Comunista Francês em prol da luta antifascista quando a FDIM foi criada.<sup>624</sup>

A FDIM foi presidida pela francesa Eugénie Cotton (1945-1967), seguida da finlandesa Hertta Kuusinen (1969-1974) e da australiana Freda Brown (1974-1991), ou seja, nenhuma soviética, embora a organização tenha sido taxada como “comunista” pelos Estados Unidos, visto que “[...] com seu status no Conselho Consultivo da ONU e Unesco, atuou ativamente contra o colonialismo europeu”, e contra o imperialismo<sup>625</sup>. Segundo Francisca Haan, “[...] mujeres de varios países latinoamericanos jugaron un papel destacado en el activismo antibelicista transnacional emprendido por la FDIM y, entre 1954 y 1979”<sup>626</sup>. Mais próxima da interpretação de Randall, Hann afirmou que

Buena parte del trabajo de la FDIM fue posible gracias al apoyo material y político que recibió de la Unión Soviética; por lo tanto, en muchos aspectos, la Unión Soviética fue “el gran poder” dentro de la FDIM [...] Las militantes de la FDIM tenían una visión feminista e internacionalista de izquierdas y crearon modelos de solidaridad internacional entre mujeres de distintas partes del planeta.<sup>627</sup>

Segundo Haan, a revolucionária, dirigente do processo cubano Vilma Espín, chegou a ser vice-presidenta da FDIM, apesar de não informar em qual ano isto ocorreu. Em 1978, de acordo com Yulia Gradska, em Havana fundou-se a *Centro Regional de la FDIM para América y El Caribe*, destacando o papel de Cuba na articulação da FDIM na América Latina. Para Randall, essa integração ao movimento de mulheres internacional desde a década de 1940, contribuiu para institucionalização e estabelecimento de um maior vínculo internacionalista do setor das mulheres cubanas comprometidas com transformações sociais, políticas, econômicas, que detinham um viés estruturalista e propunham a revolução.

Diante desse cenário de exploração, mas também de resistência, mobilização e envolvimento político feminino da década de 1950, Randall apresentou as mulheres cubanas como sujeitas ativas na história de lutas de seu país. Destacou a participação que tiveram no processo insurrecional iniciado no período, reconhecendo-as enquanto sujeito social que atuou

---

624 FLÔRES, Fernanda Lédo. A atuação da Federação Democrática Internacional de Mulheres em Cuba (1960-1980). *Anais XIII Encontro Estadual de História*. História e Mídias: narrativas em disputa, ANPUH, 2020, s/p. Disponível em: [https://www.encontro2020.pe.anpuh.org/resources/anais/22/anpuh-pe-eeh2020/1600708617\\_ARQUIVO\\_cb3a308419cbbd9b7589ae9ab213f5ce.pdf](https://www.encontro2020.pe.anpuh.org/resources/anais/22/anpuh-pe-eeh2020/1600708617_ARQUIVO_cb3a308419cbbd9b7589ae9ab213f5ce.pdf) Acesso: 04/04/2025.

625 Idem.

626 HAAN, Francisca. La Federación Democrática Internacional de Mujeres (FDIM) y América Latina, de 1945 a los años setenta. VALOBRA, Adriana; YUSTA, Mercedes. *Queridas camaradas Historias iberoamericanas de mujeres comunistas*. Buenos Aires: Milo y Davila, 2017, p. 18.

627 Ibidem, p. 19.

para a vitória revolucionária. Recuperou esse envolvimento também individualmente ao registrar suas trajetórias em suas próprias vozes. Seguindo os passos inaugurados por Mariana Grajales, Randall apresentou a trajetória de Rosario García, mãe de Frank e Josué País. Eles foram dois artistas e militantes revolucionários cubanos que, na década de 1950, se juntaram ao Movimento 26 de Julho e foram assassinados em 1957. Assim como Mariana Grajales, Rosario García foi reconhecida por sua atitude revolucionária ao “dar a vida de seus filhos ao país”, fortalecendo o ideal da militância atrelada a maternidade. Essa relação da mãe que cede seus filhos à luta armada pela libertação nacional pode ser interpretada por nós a partir da compreensão de que os filhos/as eram os bens mais preciosos e importantes para aquelas mulheres, por isso, o fato de compreenderem e apoiarem a integração na luta armada, demonstrava a força, o caráter e os valores revolucionários presentes nas mulheres cubanas.

Como podemos perceber, Randall destacou a participação feminina nas lutas por libertação nacional em diversas frentes ao longo do tempo. Atuação que se deu desde a ação direta na luta armada às funções vinculadas aos cuidados de saúde dos homens que atuavam na linha de frente nas guerrilhas, como enfermeiras, até trabalhos de manutenção e limpeza dos espaços usados pela clandestinidade. Reivindicou, desde a contribuição das mulheres comuns, que tiveram uma atuação mais geral, as que tiveram uma participação “notável em todas as etapas” do processo revolucionário, as que se destacaram e assumiram relevância na “história oficial” da Revolução Cubana. Como, por exemplo, Haydée Santamaría e Melba Hernández, que participaram do ataque ao Quartel Moncada em 1953 e foram presas nessa ação. Santamaría, também participou do trabalho clandestino urbano, lutou na guerrilha, foi delegada internacional do *M26 de Julho*, atuou no envio de armas e dinheiro para Cuba quando vivia nos EUA.

Celia Sánchez, outro exemplo, foi uma das principais organizadoras do desembarque do *Granma* em 1956, posteriormente integrada à luta armada na *Sierra Maestra*, quando estabeleceu uma relação de proximidade com Fidel. Além de Vilma Espín, que foi dirigente do movimento urbano em Santiago de Cuba, participou do levante de 30 de novembro organizado por Frank País, substituindo-o na coordenação do *M26 de Julho* na província oriental após a sua morte, e, posteriormente, se integrou como soldada rebelde na Segundo Frente.

#### **4.1. *Hasta la victoria*: as participações das mulheres da insurreição ao pós-1959**

Em *La mujer cubana ahora* (1972), Randall abordou, a partir de diferentes testemunhos, a temática da transformação que a revolução havia causado na vida das mulheres. Analisamos

as entrevistas considerando este aspecto, a fim de traçar um quadro geral para, ao final, termos um cenário do significado da revolução para as cubanas. Algumas questões são recorrentes nos registros das mulheres. A transformação geracional, marcada na vida se suas filhas e filhos, passou pelo acesso à educação, desde a alfabetização até o ensino superior; a questão da cultura e dos costumes; o acesso a bens materiais; o acesso à saúde, como medicamentos, para além dos conhecimentos e uso de ervas tradicionais; a integração no mundo do trabalho produtivo e o consequente rompimento com uma vida confinada ao espaço privado, o que significou uma tripla jornada de trabalho e a disputa por uma relação de igualdade com os homens; a integração política e o trabalho voluntário.

Haydée Méndez foi uma das mulheres entrevistadas por Randall como representante de uma geração, cujo testemunho se encontra no capítulo *Del feudalismo al comunismo: la generación de la revolución, Haydée Méndez*: “Trinta y ocho años, cada uno de ellos marcados en el rostro y en el cuerpo de Haydée Méndez, porque el dolor de su madre no es un recuerdo, sino la substancia misma de su vida. Y también están marcados en ella el crecimiento y la oportunidad de su hija [...]”<sup>628</sup>. Ela estava integrada ao trabalho voluntário, como brigadista, e foi uma das fundadoras da FMC na região da *Sierra Maestra*. Méndez era militante deste a luta insurrecional, havia atuado escondendo e alimentando soldados rebeldes, junto com outras muitas mulheres que estiveram politicamente envolvidas em sua região antes de 1959, e que foram integradas à revolução. Reivindicava o legado de Tania Guerrilheira, com quem tinha orgulho de compartilhar o primeiro nome<sup>629</sup>, assim como com a comandante revolucionária Haydée Santamaría. Para Randall, Méndez tivera uma vida marcada por diferentes gerações de mulheres, demonstrando a transformação significativa na realidade delas ao longo do tempo.

Entre o sofrimento de sua mãe, com uma vida anterior ao processo revolucionário, e as oportunidades de sua filha, que crescera após 1959, Méndez era parte da “geração da transformação”: “¡ella es el fin de lo viejo y el principio de lo nuevo!”<sup>630</sup> Sua trajetória foi utilizada por Randall como exemplo da promessa da revolução de sua capacidade em transformar a realidade social, em especial das mulheres, ao mesmo tempo em que exprimia uma expectativa com o papel que assumiria a juventude nesse processo. Mas, para avançarem na superação do machismo, defendia que concentrassem o trabalho na transformação da

---

628 RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p. 88.

629 O nome completo de Tânia Guerrilheira, também conhecida como Tamara Bunke, era Haydée Tamara Bunke Bider.

630 Idem, p.176

consciência e no comportamento masculino: “[...] ahora con la mujer hay que discutir algo, muy poco con ella; ahora hay que discutir más con los esposos y con los padres. [...] Ésa es la tarea que nos queda más dura para hacer comprender al hombre el camino de la mujer...”<sup>631</sup>

O fato de seus filhos e filhas terem um futuro as mobilizava para a luta política e integração nas demandas da revolução <sup>632</sup>, expondo o vínculo entre o compromisso revolucionário e a maternidade. As oportunidades e expectativas com a nova geração, a promessa de uma vida melhor aos filhos funcionaram como mobilização social e disputa de consciência. Para a incorporação de mais mulheres, colocaram no centro o rompimento com os padrões de gênero, a necessidade de saírem “de la guardarraya”, de se integrarem em um trabalho remunerado ou voluntário para que se sentissem úteis, e para que essa mudança afetasse o destino de seus filhos/as. Essa nova postura só era possível porque a revolução as tinha dotado de confiança em suas capacidades:

Siempre se nos subestimó a nosotras, ya que pensaban que la mujer nada más servía para barrer la casa. Siempre se subestimó el trabajo que podía desarrollar una mujer, hasta el momento que la revolución le dio rienda suelta al deseo de la mujer de trabajar en cualquier cosa. Y ahora es que se ha demostrado de verdad que la mujer puede todo lo que quiere.<sup>633</sup>

Randall entrevistou as mulheres da brigada *Rosa la Bayamesa*, nos capítulos *La brigada millonaria: “Rosa la Bayamesa”* e *La brigada “Rosa la Bayamesa”*: Josefa Oliva. A brigada era um grupo de trabalhadoras voluntárias de corte de cana, que atuavam na região de Camaguey. Essas brigadas de trabalho voluntário tinham um sentido fundamental para o desenvolvimento da moral socialista e revolucionária conforme proposto por Che Guevara, questão basilar na construção do “homem novo” e da “mulher nova”<sup>634</sup>. Dessa forma, podemos compreender a participação das mulheres nas brigadas como significado da disposição e compromisso feminino na construção da sociedade comunista e para se constituírem como “mulher nova”. Se antes da revolução estavam confinadas no espaço privado da casa, restritas aos cuidados domésticos e dos filhos, naquele momento tinham outras oportunidades, o que,

---

631 Haydée Méndez *apud* RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p.171-172

632 Brigadistas *apud* RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p.182

633 Ibidem, p. 185.

634 LOWY, Michael. Trabajo voluntario y comunismo. *El pensamiento del Che Guevara*. México: Siglo XXI editores, 2007, p. 79-82.

assim como expressou Haydée Méndez, ficou marcado na mudança na vida de seus filhos/as que, para elas, as motivava permanecer na luta.

Josefa Oliva, umas das brigadistas entrevistada, vinha de uma família rural pobre, sem posse da terra, com treze irmãos/as. Com a família grande, sua reflexão sobre a condição da mulher foi demarcada através da realidade de sua mãe, condenada a ter uma série de filhos/as, como se aquele fosse seu único destino. Aqui, novamente a maternidade mobilizou as mulheres para a política, “[...] no por nosotras, sino por nuestros hijos, para liberar a nuestros hijos de lo que nosotros passamos”<sup>635</sup>. Nesse sentido, uma das transformações propiciadas pela revolução foi a transformação da maternidade em uma escolha, não mais um destino das mulheres, o que caminhou junto com a superação do confinamento ao lar e ao trabalho doméstico. Randall, ao incluir o significado de libertação à mudança provocada na realidade das brigadistas, as caracterizou como vanguarda revolucionária. Ao se verem como sujeito útil para a sociedade, fora do espaço privado, compreendiam essa transformação como parte do processo revolucionário em curso e, por isso, queriam contribuir para mais avanços, demonstravam inquietude e disposição. Afirmaram:

[...] las mujeres que hace doce años eran sirvientas en las casas de otras gentes, que eran pobres y cuando más semianalfabetas, que con la revolución se habían incorporado primero a la fuerza de trabajo como camareras (dependientas) y cajeras, para poco después ser partícipes de la primera brigada millonaria totalmente constituida por mujeres, podían, incuestionablemente, seguir esta misma senda para organizar y operar uno de los centros de producción en esta industria tan importante.<sup>636</sup>

Cecília Menendez, entrevistada no capítulo *Planificando para una sociedad: Cecilia Menendez*, não era brigadista, mas a arquiteta responsável pela planificação do *puesto de mando de planificación regional* localizado em Havana. Este estava incluído, segundo Randall, no projeto de planificação da economia voltado para o desenvolvimento da agricultura, sendo estes os locais de planejamento e avaliação do projeto em curso:

Yo trabajo con en planificación física. El trabajo nuestro responde al proyecto o al diseño de todo el territorio del país. El propio desarrollo agrícola que hemos encarado nos plantea la necesidad de darle repuesta técnica al mismo. Al igual que con cada cultivo es necesario ir a una tecnología que permita explotar grandes extensiones de tierra, no una unidad de producción individual como existía antes, ese desarrollo de todo el país lleva implícito el estudio de todos los factores que en él intervienen económicamente, como, por ejemplo, las vías de comunicación de acuerdo con la

---

635 Josefa Oliva *apud* RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p.189

636 Brigadistas *apud* RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p. 186.

producción agropecuaria, dónde vive la población o dónde va a radicarse en un futuro, si es suficiente la población que hay, los servicios que va a requerir y dónde deben estar ubicados. Ese trabajo no era realizado en el país antes de la Revolución.<sup>637</sup>

Menendez desempenhava uma função técnica e que exigia uma formação superior, algo que tinha sido propiciado pela revolução ao longo das transformações instituídas nas últimas décadas, desde janeiro de 1959. Ela era mãe e estava em processo de divórcio, realidade que impactava em seu cotidiano, nas suas possibilidades de vida e na forma como encarava o processo em curso. O problema que considerava como mais difícil de resolver “para as mulheres” dizia respeito as questões materiais, consideradas fundamentais para redistribuição do trabalho doméstico, como as lavanderias, a alimentação, a educação – esta última que considerava mais fácil de resolver no âmbito da *Juventud* – opinião que estava diretamente relacionado ao seu trabalho na “planificación regional”, pois devia identificar os serviços necessários à população para que se pusesse em prática as iniciativas econômicas previstas.

Ela defendia que superadas as questões materiais, poderiam dar um salto de valores que teria impacto significado nas atividades domésticas e produtivas a partir do desenvolvimento cultural. Essa sua forma de compreender os avanços e desafios da revolução, desde seu lugar enquanto trabalhadora e mãe, refletia também a forma como estava constantemente reorganizando as demandas de cuidados de seus filhos através do apoio de outras mulheres, especificamente sua tia, sua mãe e algumas vizinhas. Seu relato nos permite observar como as mulheres continuaram responsáveis pelo trabalho da casa e dos cuidados – em especial pela criação dos filhos/as –, e se organizavam coletivamente para suprir essas necessidades do cotidiano, expondo os limites de coletivização e socialização desse trabalho no contexto de construção da sociedade socialista.

No capítulo *Hablan catorce mujeres*, Randall entrevistou catorze cubanas de diferentes idades, grau de escolaridade, estado civil, origem, raça, a fim de saber sobre suas vidas, suas impressões, suas situações e perspectivas de futuro, buscando identificar o efeito da revolução em suas vidas, considerando as transformações e os problemas. Para estruturar esse capítulo Randall selecionou as entrevistas buscando uma “muestra representativa de las ideas y sentimientos de las mujeres cubanas.”<sup>638</sup> Eram treze integradas na vida revolucionária através das organizações de massa – Partido Comunista Cubano (PCC), União da Juventude Comunista

---

637 Cecilia Menendez *apud* RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p. 267.

638 RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p.128



(UJC), Federação de Mulheres Cubanas (FMC), Comitês de Defesa da Revolução (CDR) e Milícia Nacional Revolucionária (MNR)<sup>639</sup> – e uma mulher que, apesar de entusiasta das transformações em curso, não participava de nenhuma organização de massas e tinha seu marido preso por atividades contrarrevolucionárias. Eram, em sua maioria, trabalhadoras, do campo e da cidade, jovens e adultas, cinco negras e nove brancas, nove casadas, duas divorciadas e três solteiras, exercendo diferentes atividades profissionais - diretora de teatro, médica, jornalista, trabalhadora de engenho de açúcar, camareira, militar e secretária.

Para Randall, as afirmações dessas mulheres não diziam respeito apenas a suas vidas individuais, também não representavam a totalidade da população. Assim, reconhecia que “las contradicciones hablan por sí mismas de la transición: cuando lo tradicional, lo capitalista, lo viejo y desfigurado tropieza con lo nuevo – em la práctica más que en la teoría –, ahí mismo se produce el cambio revolucionario.”<sup>640</sup> Ela defendia que Cuba, doze anos após o triunfo revolucionário, era uma nação em transição, o que permitia observar os contrastes entre a teoria e a prática.

Para Júlia – jovem de 26 anos, casada, diretora de teatro, membro do Comitê de Defesa da Revolução (CDR) e da Milícia Nacional Revolucionária (MNR) - a transformação na “situação da mulher” cubana após o triunfo, provocada pela revolução socialista, significou a “violenta revalorização” da mulher através da sua incorporação no trabalho em igualdade de condições, com os mesmos direitos e deveres que os homens, tornando-as úteis e necessárias. Tiveram acesso à educação, inclusive universitária, foram integradas à defesa da nação, passaram a ter participação na vida política e pública, podendo alcançar “altas esferas” de poder. Por isso defendia o socialismo, por compreender que “[...] el camino de la liberación de la mujer se han dado importantes pasos; pasos que solamente pueden darse mediante la transformación radical de un país”<sup>641</sup>, ao mesmo tempo em que reconhecia que

Quedan muchos aspectos por resolver: una vez establecida la igualdad social y política en todas, y cada una de sus exigencias, hay que emprender una revalorización de la educación con respecto a ambos sexos. En Cuba, uno de los obstáculos más difíciles de salvar para la liberación de la mujer, es el hombre. Y no me refiero al reaccionario,

---

639 Braço armado civil criado em 1959 para defesa da revolução: “El 26 de octubre de 1959, durante un acto de masas en protesta por las agresiones provenientes del territorio estadounidense, Fidel proclamó la creación de las Milicias Nacionales Revolucionarias (MNR). De base social popular, tenían como objetivo defender a la isla de las amenazas de agresión militar y la protección de objetivos civiles contra acciones de grupos terroristas que actuaban tanto en Cuba como desde EE.UU. y otros países del Caribe.” Disponível em: <<https://www.mined.gob.cu/milicias-nacionales-revolucionarias-tradicion-de-combate-y-de-victorias/>> Acesso: 05/04/2025.

640 RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p.128

641 Júlia *apud* RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p.137

sino, precisamente, al hombre revolucionario, al que lucha día a día en la edificación de la nueva sociedad.<sup>642</sup>

Outra das entrevistadas, de nome Olga – médica urologista de 24 anos, membro da União da Juventude Comunista (UJC) e de origem trabalhadora –, relatou que teve clareza da realidade que estava submetida no processo de construção do socialismo quando, no colégio, conheceu a *Juventud Socialista*. A partir daí se integrou nas campanhas de alfabetização, apesar do receio de sua mãe, que transferiu a autorização de sua participação para o pai, naquele momento a autoridade no âmbito familiar. Com sua integração na campanha de alfabetização, sentiu que se formou politicamente na prática, conheceu a realidade do camponês e da camponesa, do povo cubano, para além de sua própria experiência.

Asteria Perdomo, entrevistada por Randall no capítulo “*Niña Bonita*”: *Asteria Perdomo*, desempenhava uma função técnica de nível superior como diretora do *Plan Niña Bonita*. Politicamente ela atuava como membro do comité provincial do PCC de sua cidade. Seu trabalho envolvia um plano experimental de genética para criação, seleção e melhoramento de vacas:

[...] hay dos mil setecientos animales en aquellas apacibles tierras, en tanto que dentro y en torno de las nuevas instalaciones discurren más de cuatrocientos trabajadores y doscientos estudiantes de la técnica agropecuaria y veterinaria que realizan allí sus ejercicios prácticos. El plan, desde septiembre, está administrado por una delgada y sosegada mujer que frisa en los 30 años [Asteria Perdomo], de manos extraordinariamente expresivas y de penetrantes rasgos faciales, especialmente los ojos [...]<sup>643</sup>

Perdomo vinha de uma vida marcada pela dificuldade financeira, obrigada a trabalhar desde os catorze anos em um “taller de confecciones”, dinheiro com o qual pagava seus estudos. Posteriormente ao golpe de Batista, se integrou ao trabalho clandestino, onde sentia, ao mesmo tempo, estar submetida a uma relação de desconfiança, respeito e admiração por parte de seus companheiros. Alguns tentavam absorver suas funções, dificultando seu trabalho, o que ela compreendia não como má intenção, mas como forma de proteção, refletindo o comportamento da época, ao qual as mulheres revolucionárias, em sua maioria, se opunham veementemente. Com o triunfo, inicialmente Perdomo assumiu funções militares, desocupando quartéis e

---

642 Ibidem, p. 137-138.

643 RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p. 103.

prendendo opositores do regime vitorioso em janeiro de 1959. Depois, foi dirigente do *M26 de Julio* como responsável da “frente feminina” operária, até assumir o *Plan Niña Bonita*.

Logo após a vitória, Perdomo identificou alguns desafios que deveriam enfrentar, como a necessidade de convencer mais mulheres a aderirem a revolução, pois se deparavam com a resistência de familiares e com os antigos padrões de gênero. Nesse contexto, enfrentar esse quadro era compreendido como uma tarefa revolucionária, fazia parte da tomada de consciência a respeito dos novos papéis destinados as mulheres. Na prática, “se lo planteábamos siempre en primer lugar a ella, pero después íbamos a la conversación con el compañero, de acuerdo a la responsabilidad y el compromiso que él tuviera con la revolución.”<sup>644</sup> Ou seja, o grau de compromisso revolucionário era medido também através da compreensão que tinham a respeito da integração das mulheres, afinal “[...] las mujeres más morales y más virtuosas eran las que se incorporaban a luchar por el ideal y el bienestar de todos.”<sup>645</sup> Assim, colocavam a mulher no centro da disputa política e valorizavam seu papel desde a luta armada, o que Perdomo considerou como “uno de los pasos más importantes, cuando la mujer tuvo que incorporarse a la defensa...”<sup>646</sup>

Desde a luta insurrecional, essa incorporação feminina aos movimentos políticos, se deu atravessada pelos estereótipos de gênero. Assim, muitas se integraram na atenção médica, na confecção de uniformes, na cozinha, na assistência as tropas, nos trabalhos de educação e alfabetização, no “trabajo de enlace”, na organização, propaganda e inteligência; além de dotarem a maternidade e a condição de esposa de um sentido revolucionário – como fizeram ao olhar para as militantes do século XIX. Atravessadas pelo gênero, desempenharam majoritariamente funções consideradas femininas, mas também foram parte do exército rebelde, apesar da resistência masculina a essa incorporação mais direta na luta armada, e, em algumas exceções, desempenharam funções dirigentes no Movimento 26 de Julho.

Houve as onze integrantes do Batalhão Feminino *Mariana Grajales* que, em 1959 atuaram na guerrilha da *Sierra Maestra*. Posteriormente ao triunfo o batalhão ficou em campanha por um ano, trabalhando com os/as camponeses/as sobre a importância da educação das crianças, contribuindo para a fundação da primeira *Cidade Escolar Camilo Cienfuegos*. Essa participação política e militar das mulheres levou, também, à formas específicas de

---

644 Asteria Perdomo *apud* RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p.198

645 Idem, p.199

646 Ibidem.

repressão no período da luta insurrecional: “Las prisiones de Batista estaban atestadas de mujeres que eran torturadas junto con los hombres, y no se conocen casos en que mujeres se debilitasen y revelasen nombres u otros secretos bajo la tortura.”<sup>647</sup>

A prática de tortura que baseada na condição feminina não foi uma novidade em Cuba. Ao longo do século XX notamos, em diversos países latino-americanos, como seus corpos, sua condição de mãe e esposa, foram exploradas, convertidas em vítimas da tortura, mas também em objeto para torturar o outro. A denúncia de violência de gênero como instrumento de tortura, segundo Margareth Rago, incluiu o estupro, a violência psicológica, a instrumentalização da maternidade, muito utilizado como forma de disciplinar aquelas que haviam se atrevido a romper com o papel social conferido ao seu gênero<sup>648</sup>. Olivia Rangel Joffily abordou essa realidade a partir da concepção do corpo como um “campo de batalha”, explorado a partir da premissa de que “[...] na tortura, as mulheres enfrentam uma dupla relação de poder: a do opressor contra o oprimido e a hierarquia de gênero – o não ser possível admitir que a mulher possa ter uma postura de igual para igual, a utilização de mecanismos de humilhação usando os atributos de gênero.”<sup>649</sup> Nesse contexto,

Para o agente de segurança, a alteridade que o distanciava do inimigo não poderia ser mais completa. a militante de esquerda, no seu sistema de referências, não está associada à figura mais próxima da mãe, esposa, filha ou irmã, ela ocupa um lugar que se encontra na margem oposta, o de puta, vaca, vadia. Daquela que não se contenta com o espaço privado que lhe cabe de direito, e quer ocupar aquele destinado aos seus pares, os homens. A condição de mulher das oponentes é tomada como um dado a mais a aumentar o fosso que os separa; e utilizada como ferramenta de humilhação e de destruição da autoestima do outro.<sup>650</sup>

Assim, a tortura, como instrumento da violência estatal, foi o ápice das relações de opressão sexo-gênero nos contextos de ditaduras e de luta revolucionária, visto que tinha o objetivo de desmoralizar, de humilhar o inimigo e, no caso analisado aqui, as inimigas. Por isso que a condição feminina foi explorada, em uma relação de dupla dominação por parte do torturador. Como sintetizou Isadora Vivacqua, ao analisar a trajetória da chilena Diamela Eltit, “[...] o corpo feminino foi utilizado como espaço físico e simbólico de disputas e lutas”, em que

647 RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p.95

648 RAGO, Margareth. Memória da clandestinidade: Criméia Alice de Almeida Schmidt e a Guerrilha do Araguaia. PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe. *Gênero, feminismos e ditaduras no Cone Sul*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2010, p. 156-173.

649 JOFFILY, Olivia Rangel. O corpo como campo de batalha. PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe. *Gênero, feminismos e ditaduras no Cone Sul*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2010, p. 225-245, p. 228.

650 Ibidem, p. 230.

“[...] a tortura sexual não era empreendida pelos militares apenas ansiando extrair informações dessas mulheres, mas foi uma prática que defendia o domínio masculino sobre os corpos femininos e impunha uma relação violenta e desigual de poder.”<sup>651</sup>

Apesar dessa violência, as mulheres foram agentes da revolução. Isabel Rielo foi entrevistada por Randall em 1971, cujo depoimento se encontra registrado no capítulo *El pelotón “Mariana Grajales”*: Isabel Rielo e no artigo *Revolución: testimonios de mujer*, na revista cubana *Santiago*. Ela era dirigente do *Plan de Vegetales de Turibacoa*, “[...] uno de los muchos tales planos que se alienan a ambos lados de la carretera en esta tierra fértil [en el municipio Guira de Melena, cerca de Havana]. Granjas colectivas, planes de vegetales, planes experimentales de animales. Agricultura revolucionaria. Agricultura de la Revolución.”<sup>652</sup> Foi também capitã das Forças Armadas Revolucionária e ex-integrante do Pelotão Feminino *Mariana Grajales*, do Exército Rebelde. Descrita por Randall como uma trabalhadora de 45 anos, com a pele tostada de sol, usava dentadura – resultado de uma juventude sem acesso à saúde básica e alimentação de qualidade –, atenta e articulada, com um olhar feliz com as recordações do passado e de ânimo com o futuro.

Rielo reivindicou que o trabalho de enfermagem e de cuidado com os feridos, assim como do trabalho de correio desempenhado, em sua maioria, pelas mulheres, foram essenciais para a revolução. Para ela, tais atividades, muitas vezes consideradas de menor importância, demonstravam que tinham capacidade de combate e compromisso revolucionário igual aos homens, ao mesmo tempo em que se constituíram mais fortes e resistentes por enfrentarem ambientes masculinos e excludentes sem vacilar na compreensão do papel revolucionário que desempenhavam. Conviviam com companheiros que deveriam as tratar como iguais, mas que as submetiam a situações de violência e opressão. Com sua formação na área da saúde, antes de integrar o batalhão feminino ela atuou como enfermeira, “hasta que, producto de un deseo nuestro, decidimos incorporarnos a la tropa con los compañeros; entonces ahí fue cuando se organizó el batallón femenino...”<sup>653</sup>

Segundo Isabel Rielo, uma estratégia discursiva dos papéis de gênero foi utilizada na guerrilha para mobilização das tropas durante a luta insurrecional: o batalhão feminino ia na

---

651 VIVACQUA, Isadora B. M. Literatura, gênero e resistência política: reflexões sobre a atuação intelectual de Diamela Eltit. COSTA, Adriane Vidal; PALTÍ, Elías J. *História Intelectual e circulação de ideias na América latina nos séculos XIX e XX*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2021, p. 369-415, p. 382.

652 RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p. 134-136.

653 RANDALL, Margaret. *Revolución: testimonios de mujer*. *Santiago*. Revista de la Universidade de Oriente. N.4, Santiago de Cuba, Cuba, setembro 1971, p.121

primeira linha, tornando-se determinante nos combates no sentido da manutenção da moral e coragem da tropa: “[...] porque ¿qué opinión podía tener la tropa de un hombre que se acobardaba cuando veía que todas las mujeres avanzaban?”<sup>654</sup> Em um momento em que havia mais mulheres organizadas para se unirem ao pelotão feminino, o comandante Suñol, segundo relato de Rielo, considerava que elas “[...] eran la vida de las tropas, ya que cuando las mujeres avanzaban no había un solo hombre que se acobardara.”<sup>655</sup> Com o tempo e ao provarem suas capacidades, surgiu uma propaganda que difundia a participação da mulher na luta armada. Esse discurso de usá-las para mobilizar os homens das tropas através da ameaça à masculinidade, nos mostra o fino limiar entre a permanência da misoginia e a disruptiva integração feminina na luta armada. Uma realidade que chamou atenção:

Entonces ya todo el mundo se interesaba por aquello, ya desde el punto de vista político, pues aquello trascendió al extremo de que cuando nuestro comandante habló, la primera vez que lo hizo después que cayó el régimen, habló de la participación que en el combate había tenido la mujer, que había sido tan útil y tan valiente como el hombre.<sup>656</sup>

Com uma maior integração das mulheres na luta, elas desafiavam a masculinidade e os papéis de gênero. Nesse processo, Rielo ressaltou que os tensionamentos causados pela participação feminina foram se arrefecendo. Reconhecia que o ambiente da guerrilha não era o ideal para as mulheres, pois era marcado por privações, ausência da família e falta de afeto. De toda forma, essas dificuldades não abalavam suas convicções e, no batalhão, segundo ela, não admitiam ser tratadas de forma diferente. Reivindicavam o tratamento como soldadas, pois tinham enfrentado as mesmas privações e dificuldades que os homens – ou mais, visto que enfrentavam o machismo expresso a todo momento contra elas.

Em setembro de 1958, ainda durante a luta insurrecional, Rielo recordou que Fidel já falava do futuro da revolução considerando a importância da participação feminina, sem culpar os que resistiam a essa incorporação, compreendendo que era esse o sentimento, o “dogma” da época. Através do posicionamento de Fidel Castro, Rielo buscou demonstrar como a participação feminina era reconhecida desde o princípio do processo insurrecional, não apenas após o triunfo de 1959. Para Isabel Rielo, os discursos de Fidel Castro, em que ele reconhecia publicamente o papel das mulheres na luta armada contribuiu para uma mudança no

---

<sup>654</sup> Ibidem, p. 117.

<sup>655</sup> RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p.232

<sup>656</sup> Ibidem, p. 235-236.

comportamento e mentalidade geral do povo cubano, indicando o lugar que as mulheres ocupariam no futuro da revolução, inclusive acreditando que influenciavam outras experiências revolucionárias no sentido da integração das mulheres:

Y ya después surgió la propaganda, si se quiere, de que era una realidad que la mujer peleaba igual que los hombres, entonces ya todo el mundo se interesaba por aquello y entonces ya todo desde el punto de vista político, pues aquello trascendió al extremo de que cuando nuestro Comandante habló, la primera vez que habló después que cayó el régimen, habló de la participación que había tenido la mujer en combate, que había sido tan útil y tan valente como el hombre. Así que eso desde el punto de vista histórico nosotros entendemos que sí, situándonos en aquel momento, porque ya se estaba demostrando la importancia que se le iba dar a la mujer en la participación, en el desarrollo...<sup>657</sup>

Rielo utilizou os discursos de Fidel como forma de legitimar a participação feminina em diversos âmbito da luta revolucionária. Era fundamental esse reconhecimento, pois as conferia autoridade, validava o processo feminino de rompimento com os papéis sociais de gênero que historicamente lhes havia sido atribuído. As mulheres tinham participado e superado as mesmas dificuldades que os homens ao longo da luta insurrecional e por isso não deveriam ser privadas de atuar na trincheira do combate armado, pois também estavam dispostas a dar suas vidas à revolução. As mulheres que participaram da luta armada desde a *Sierra Maestra* não foram escolhidas aleatoriamente, mas tinham conquistado seu espaço através do desempenho de diversas funções. Rielo recordou que “las primeras mujeres que participamos directamente en los combates fueron compañeras que realizaban distintas actividades: mensajeras, enfermeras, etcétera”<sup>658</sup>, ou seja, já tinham provado suas capacidades e demandavam ser tratadas como iguais.

Apesar do reconhecimento do papel de Fidel para uma maior aceitação na sociedade a respeito dos lugares que as mulheres passaram a ocupar no decorrer da revolução, elas também tiveram momentos de inseguranças e questionamentos. Em alguns casos, não aderiram de maneira automática à luta insurrecional em curso a partir dos anos 1950. Ismaela Acosta, conhecida como La Abuela, expressou uma desconfiança em Fidel e seus discursos, pois não identificava em sua figura – de homem branco e de classe média –, as mesmas dificuldades a qual fora submetida durante sua vida popular, de trabalhadora explorada. Aos poucos foi convencida de que aquele coletivo que se conformava desde 26 de julho de 1953, tinha

---

657 RANDALL, Margaret. Revolución: testimonios de mujer. *Santiago*. Revista de la Universidad de Oriente. N.4, Santiago de Cuba, Cuba, setembro 1971, p. 119.

658 RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p.231

compromisso e potencial, momento em que aderiu à luta. Acosta atuou principalmente no trabalho de segurança e logística, escondendo, alimentando, financiando militantes; conseguindo trabalho para que outros pudessem viabilizar a ida para a *Sierra Maestra*, onde se somariam a guerrilha<sup>659</sup>.

No longo e conflituoso processo de incorporação das mulheres na guerrilha cubana ao longo da década de 1950, além daquelas que atuaram no batalhão, algumas das poucas que ocuparam esse espaço na *Sierra Maestra*, posteriormente tiveram lugar de destaque no governo revolucionário, instituído em janeiro de 1959. Randall entrevistou, em *La mujer cubana ahora* (1972), a Haydée Santamaría, Vilma Espín, Clementina Sierra e Elena Gil, quatro mulheres que eram membro do Comitê Central (CC) do Partido Comunista de Cuba (PCC) em 1970. Apenas Célia Sánchez, a quinta integrante feminina do CC do PCC, não foi entrevistada por ela. Das entrevistadas, Haydée Santamaría e Vilma Espín tiveram reconhecida atuação nas montanhas.

Haydée Santamaría participou do ataque ao quartel Moncada em 1953 e lutou na *Sierra Maestra* ao longo da década. Em 1970 era membro do Comitê Central do PCC e diretora da destacada instituição cultural e política *Casa de las Américas*. Ao ser questionada por Randall a respeito de seu papel histórico na revolução, inclusive na luta armada, Santamaría reconhecia a excepcionalidade da sua participação, mas considerava que este era o desejo de muitas mulheres que foram impedidas pelas condições impostas ao seu gênero. Assim, buscou se retirar da excepcionalidade, ao mesmo tempo em que reconhecia seus privilégios. Para isso, distinguiu as dificuldades enfrentadas para romper com o que socialmente se esperava dela como mulher, o que refletiu na resistência de sua mãe e de sua família a respeito de sua integração político-militar na revolução. Sua família defendia que aquela era uma atividade exclusivamente masculina, incutindo nela a dúvida sobre suas capacidades. Ao lembrar essas dificuldades se questionou: se ela duvidou de sua força e do seu papel como mulher, se ela vacilou, qual seria o futuro da mulher cubana? Sobre isso, afirmou:

Porque sí, yo había dado aquel paso y tenía a Abel y tenía a Boris, y de aquel camino no me desprendía nadie; pero sentía en lo más profundo un dolor infinito por lo que le pasaba a mi mamá, ¿qué sería de las otras mujeres que no tenían la ayuda que tenía yo? Y eso fue muy violento.<sup>660</sup>

---

659 As críticas expressadas por La Abuela provavelmente iam além das registradas, pois podemos perceber, na transcrição feita por Randall, que havia uma terceira pessoa na sala que interrompia algumas falas de La Abuela, assim como nas perguntas, Randall não aprofundou nas temáticas mais polêmicas.

660 Haydée Santamaría *apud* RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p.394



Enfrentando estas contradições e resistência da sociedade, Santamaría foi, junto com Melba Hernández, as duas únicas mulheres que participaram das ações revolucionárias desde seu marco inicial, o ataque ao quartel Moncada em 1953, motivo pelo qual foram presas. Ao sair da prisão, em 1954, relatou como eram observadas com olhares de julgamento, vistas como “bichos raros” nas reuniões e nas atividades de mobilização popular, que preparava o terreno para etapa insurrecional da revolução. A ausência massiva de mulheres intensificava suas dificuldades e acrescentava dúvidas sobre o futuro do processo em curso. Santamaría receava que a misoginia cotidiana que vivia implicasse em um projeto revolucionário conservador, que prejudicaria a transformação da condição das mulheres, que deveria ser levada a cabo pela revolução.

Mesmo nessas condições adversas para as mulheres, com o passar da década de 1950 foi crescente a demanda pela incorporação feminina, o que alcançou uma expressão significativa apenas em 1959, mantendo os desafios e contradições impostos pela histórica subordinação feminina e dificuldade dos revolucionários em romper com os estigmas de cada sexo. No entanto, elas provaram suas capacidade e, segundo Santamaría, “[...] en el mismo 59, cuando la mujer de verdad se incorpora, era más violento y más firme que muchos hombres...”<sup>661</sup> Para Santamaría, a forma feminina era fruto de uma realidade de subordinação em que não tinham nada a perder, assim como a população negra, as mulheres do Vietnã e as pessoas negras nas margens da sociedade estadunidense. Randall defendia que essa força expressada pelas mulheres se deu porque, assim como as pessoas negras, elas tinham mais a ganhar com o triunfo do que outros setores da sociedade.

Vilma Espín, outra destacada militante do processo insurrecional, quando foi entrevistada por Randall na década de 1970, era dirigente da FMC e diretora de *Desarrollo Industrial* do *Ministerio de la Industria Alimenticia*. Originária da burguesia santiaguina, Espín fez pós-graduação em Boston, de onde contribuiu para a logística do desembarque do *Granma* em 1956, atuando na arrecadação de dinheiro e transportando itens entre o México e Cuba. Ao chegar à ilha ficou sob a direção de Frank País na região oriental. Durante o desembarque do *Granma*, foi responsável pela organização das *Brigadas de Primeros Auxilios*, para as quais mobilizou profissionais da saúde, levantou pontos de segurança e transportou aqueles que faziam treinamento armado. Nesse processo, destacou a incorporação feminina em funções de

---

661 Ibidem, p. 394.

cuidado e logística, consideradas fundamentais para o sucesso da ação, mas mantendo-se ausentes da linha de frente dos combates: “ya desde esse momento las muchachas empezaron a trabajar en las Brigadas de Primeros Auxilios, pero además, hacían transportes de medicinas, de armas, etc...”<sup>662</sup>

Espín afirmou que inicialmente muitas mulheres se envolveram na insurreição restritas à condição de rede de apoio, mas que posteriormente foram incorporadas em outras atividades militares, visto que o cerco se apertava e era necessário um maior número de pessoas atuando. Além disso, o fato de as mulheres serem menos vigiadas pelo governo e pelo exército contribuiu para que desempenhassem algumas funções específicas, pois conseguiam circular publicamente com mais facilidade, sem levantar suspeitas:

Posteriormente al día 30, las compañeras ya participaban activamente en todas las tareas, inclusive en un momento, las compañeras eran las que tenían que hacer los sabotajes, y llevaban las bombas y las colocaban, porque era bastante difícil para que un compañero se moviera, era difícil para los jóvenes.<sup>663</sup>

Segundo Espín, assim como afirmou Santamaría, foi a partir da fase final da luta insurrecional, em 1959, que a mulher teve uma participação ativa na luta armada. Para isso, reconheceu que chegaram a ter uma participação vital para a vitória de janeiro de 1959, através da atuação não só das militantes do *M26 de Julio*, mas também desde outros movimentos. Havia companheiras como La Abuela que, além de esconder os documentos de Frank País, cedeu sua casa como ponto de encontro, tinha um exército próprio que protegia militantes que estavam de passagem para *Sierra*, transportava remédios, organizava outras mulheres e, assim como as mais jovens, chegou a transportar armas embaixo das saias, escondeu e transportou pessoas e objetos, atendeu aos feridos.

Além de Haydée Santamaría e Vilma Espín, reconhecidas oficialmente como dirigentes do processo revolucionário, integradas a funções importantes na estrutura do Estado pós-1959, outras mulheres participaram da luta armada. Eram mulheres comuns, convertidas em mártires por terem perdido a vida na luta insurrecional e que tiveram suas existências reivindicadas por Randall: Lidia Doce e Clodomira Acosta Ferrals, mensageiras que foram capturadas, torturadas e assassinadas; as irmãs Giralt, que atuavam na clandestinidade e foram metralhadas em um apartamento em Havana; Aleida Fernández e Urselina Díaz Báez que morreram em uma missão

---

662 Vilma Espín *apud* RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, P.406

663 Ibidem, p. 407.

urbana. Ao recuperar os nomes e história dessas mulheres, Randall buscava integrá-las no processo de construção de memória, de reescrita da história pelos povos até então submetidos aos “países desenvolvidos”. Como vimos no capítulo 2, por meio da discussão proposta por Michelle Chase, houve diversas funções para o desenvolvimento da guerrilha e a vitória revolucionária, que devem ser vistas sob outra ótica, e não mais subjugadas à “invenção do guerrilheiro heroico”<sup>664</sup>. Por isso, ressaltamos a contribuição de Randall ao recuperar a trajetória e vozes de uma diversidade de mulheres.

Clementina Serra, na década de 1970, era membro do CC do PCC e diretora nacional dos “círculos infantis”. Ela foi a única entrevistada que usou a palavra feminista, mesmo que não tenha sido para se identificar e sim para traçar uma diferença em relação a geração de sua mãe. Para Serra, na revolução, elas viam a questão sob outra ótica, o que reafirma a discussão que fizemos ao longo do capítulo 2, a respeito da recusa das cubanas em se identificarem com o feminismo. Ela afirmou: “Si, mi mamá era muy feminista, no así nosotros, que hemos comprendido las cosas desde otro ángulo, pero muy revolucionaria también.”<sup>665</sup> Era filha de trabalhadores, de família humilde, sua mãe tinha sido dona de casa e seu pai trabalhador formal. Eram ambos revolucionários e, por isso, recebeu uma educação baseada em ideais comunistas, investida junto com seus quatro irmãos com a rebeldia “propia de la clase obrera”. Diferente da condição de muitas famílias trabalhadoras em Cuba, antes de 1959, teve oportunidade de estudar, participando da luta revolucionária no movimento estudantil desde a oposição ao governo de Gerardo Machado (1925-1933), processo que considerou educativo para o “despertar revolucionário” do povo cubano.

Sobre sua trajetória militante, recuperou que aos dezoito anos se integrou a *Liga Juvenil Comunista* e ao *Partido Socialista Popular* (PSP), orgulhando-se por ter contribuído com o processo revolucionário desde esses espaços da mobilização de massas, mesmo que não pela via armada<sup>666</sup>. Nesse partido, assumiu cargos de direção antes do triunfo, tendo sido secretária

---

664 CHASE, Michelle. *Revolution within the revolution*. Women and gender in Cuba, 1952-1962. The University of North Carolina Press, 2015.

665 Clementina Serra *apud* RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p.206

666 “O PSP alegava que, apesar da diferença tática, nutria simpatias por Fidel por causa da coragem do líder e pela estratégia comum que ambos tinham de derrubar a ditadura. Inicialmente, a condenação da luta armada ganhou impulso dentro do PSP quando as guerrilhas começaram a se desenvolver, isso porque a matriz ideológica à qual se filiavam os comunistas se chocava com a guerra de guerrilhas, como apontamos.”, contudo, em 1957, “Diante da conjuntura, o PSP iniciou a reconsideração tática que o encaminhou para a luta armada. O passo inicial para a mudança foi a viagem dos comunistas Carlos Rafael Rodríguez e Jorge Risquet pela América Latina para informar aos partidos comunistas da região sobre as peculiaridades da realidade insular, buscar solidariedade para a Revolução que se avizinhava e afirmar a convicção deles de que a mesma não aconteceria sem o Partido

regional de Camaguey, membro do escritório provincial, e responsável pelo trabalho feminino na província, “dirigente del movimiento de masas, de entonces, que era bastante limitado.”<sup>667</sup> Segundo Randall, “Su ímpetu todo, la totalidad de su impulso de avance parece centralizarse en hacer revolución de su vida, de las vidas que toca, y desde ahí el círculo se agiganta hasta el más amplio contexto social.”<sup>668</sup>

No PSP, Serra percebia uma clareza a respeito do papel que a mulher tinha no processo revolucionário ao identificarem que a desigualdade de gênero era uma realidade no país. Como afirmou Ana Paula Cecon Calejari, nesse partido definiram uma agenda específica considerando a demanda de grupos sociais diversos, dentre eles, as mulheres<sup>669</sup>. Como dirigente partidária, Serra participou da luta de mulheres trabalhadoras contra o baixo salário frente aos homens e de greves femininas com demandas específicas. Essa desigualdade era, para ela, constitutiva do sistema capitalista, mesmo que não identificasse essa opressão tão forte em seu ambiente familiar e político. Na luta insurrecional, não atuou na luta armada, lembrando que:

Ése fue mi trabajo em los últimos años de la tiranía; organizaba manifestaciones para la libertad de los presos, para conseguirles mejores condiciones de vida, para salvarlos; todo lo que podíamos reunir para ayudar a los rebeldes de la montaña y participamos en la organización de dos grandes huelgas que se prepararon.<sup>670</sup>

Anterior à vitória, em janeiro de 1959, Clementina Serra recordou que, junto com Vilma Espín, atuou para a formação de uma unidade das “fuerzas femeninas” dos diferentes movimentos rebeldes, o que envolveu militantes do *M26 de Julio*, do *Directorio Revolucionario*, as “grausitas” – apoiadora de Ramón Grau San Martín ex-presidente de Cuba (1933-1934 e

---

Socialista Popular (Massón Sena, 2013, p. 248).” CALEGARI, Ana Paula Cecon. *Trajetória partidária e cultura política dos comunistas em Cuba*. Vitória, ES: Edifes, 2024, *passim*.

667 Clementina Serra *apud* RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p.209

668 RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p.206

669 “[...] nos programas do PSP havia uma das demandas de acordo com cada grupo social contemplado, como mulheres, negros, crianças, trabalhadores, dentre outros. [...] O discurso da igualdade econômica, política e social também era estendido às mulheres. As demandas vinculadas a elas vinham acompanhadas de temas como a maternidade e a proteção das crianças. [...] Como se observa, grande parte do programa partidário relacionado à mulher se voltava para os cuidados com os filhos e às atividades domésticas. [...] encontramos poucas informações sobre organizações femininas dentro do PSP.” CALEGARI, Ana Paula Cecon. *Trajetória partidária e cultura política dos comunistas em Cuba*. Vitória, ES: Edifes, 2024, *passim*.

670 Clementina Serra *apud* RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p.210

1944-1948), presidente do Partido Revolucionário Cubano Autêntico, opositor de Fulgêncio Batista - e as ortodoxas – membros do Partido Ortodoxo<sup>671</sup>:

En este trabajo estuvimos mujeres de distintas ideologías y pasamos bastante trabajo. [...] Ése fue mi trabajo em los últimos años de la tiranía: organizaba manifestaciones para la libertad de los presos, para conseguirles mejores condiciones de vida, para salvarlos; todo lo que podíamos reunir para ayudar a los rebeldes de la montaña y participamos en la organización de grandes huelgas que se prepararon.<sup>672</sup>

Segundo Serra, esse ajuntamento posteriormente veio a ser a FMC. Contudo, devemos considerar que a FMC foi fundada já no contexto revolucionário em um momento de criação de movimentos de massa únicos e subordinados ao PCC e ao governo cubano. Nesse sentido, Serra afirmou que as diversas ideologias foram deixadas de lado com o triunfo e foram organizadas pela reconstrução do país coordenada por Fidel, sempre demarcando a necessidade de mudança na condição feminina. Mais uma vez notamos a recorrência do papel de Fidel Castro como definidor do debate encampado pelas mulheres no contexto pós-1959.

A respeito das mudanças provocadas pela revolução na vida das mulheres, Serra demonstrou ter uma leitura positiva do processo em curso, considerando que tinham superado a ideia do casamento como única possibilidade de sucesso e futuro, assim como a visão do serviço doméstico como destino. Naquele momento, década de 1970, avaliava que elas podiam trabalhar e ser economicamente independentes; podiam escolher seus parceiros e idealizavam um amor romântico como forma de se contraporem a uma tradição de casamentos forçados por interesses familiares. Essas questões constituíam a emergência da nova mentalidade que surgia, dos valores do “homem novo” e da “mulher nova”. Se transformaram em trabalhadoras, eram reconhecidas como sujeitos úteis à sociedade e ao coletivo, assim como os homens, recusando uma ideia de sucesso individual e medido através do dinheiro.

Elena Gil foi uma das cinco mulheres membros do CC do PCC na década de 1970. Neste período, ela era responsável pelo *Plan de Superación de la Mujer*, coordenando o plano de

---

671 “El movimiento femenino insurreccional se organizó fundamentalmente en el Frente Cívico de Mujeres Martianas. En 1956 surge Mujeres Oposicionistas Unidas; en la antigua provincia de Oriente se organizó el Frente de Mujeres Cubanas; en las Secciones del Exilio del MR 26-7 en Nueva York, la Sección Femenina; y en Tampa, Florida, el MR 26-7 agrupó a las militantes en su estructura con el nombre de Frente Cívico de Mujeres Martianas. En Cuba ni el MR 26-7, ni el Directorio Revolucionario 13 de Marzo tuvieron en sus estructuras secciones femeninas. Tampoco incluyeron en sus programas los intereses de este segmento social, que demandó desde principios del siglo la revolución de la mujer.” GARCÍA PÉREZ, Gladys Marel. *Mujer y Revolución: Una perspectiva desde la insurgencia cubana (1952-1959)*. *Ruth, Cuadernos de Pensamiento Crítico*. No 3. 2009. p. 55.

672 Clementina Serra *apud* RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p. 117-118.

educação para as trabalhadoras domésticas e camponesas em Cuba. Para ela, o maior ganho das mulheres com a revolução tinha sido a tomada de consciência, terem se entendido como parte integral, ativa e responsável da sociedade, com direitos e deveres de contribuir ao lado dos homens, para o desenvolvimento da “nova sociedade”. Processo que ocorreu vinculado a educação e ao trabalho: “[...] haberle hecho la conciencia de que el trabajo es lo que la libera de esclavitud y de que el trabajo le aporta felicidad y plenitud.”<sup>673</sup> Recuperamos aqui que essa centralidade dada ao trabalho não era algo exclusivo para as mulheres. Che Guevara, a partir do desenvolvimento da ideia de “homem novo” e de sua prática cotidiana - considerado como um exemplo a ser seguido - colocou o trabalho como primordial na constituição do “homem novo”, do revolucionário comprometido com as transformações sociais, políticas e econômicas. Não por acaso que sua imagem trabalhando incansavelmente nas brigadas voluntárias de corte de cana-de-açúcar, foi amplamente explorada pelo governo. Como afirmou Guevara em discurso de 1962<sup>674</sup>:

[...] el trabajo es el lugar cotidiano de lucha, es el lugar donde nos estamos enfrentando al imperialismo en cada hora de nuestra jornada. Y ese trabajo debe hacerse lo mejor posible, con el mayor interés; porque la construcción del socialismo está basada en los frutos del trabajo, en la mayor producción, en la mayor productividad. [...] además, el trabajo ejercido día a día, con entusiasmo creador, desarrolla en todos nosotros la conciencia del socialismo; productividad, más producción, conciencia, eso es la síntesis sobre la que se puede formar la sociedad nueva. Pero, no nos olvidemos que todavía no hemos formado la sociedad nueva, que todavía no se han borrado todos los recuerdos del pasado, los recuerdos de lucha; pero también los vicios de un pasado mezquino, de un pasado que ahogaba al hombre [...] Lo único que crea nuevos valores es el trabajo humano.

Assim, Guevara colocava o trabalho como eixo de transformação social e de superação dos vícios da sociedade capitalista. A partir dessa compreensão que devemos olhar para o discurso das mulheres cubanas a respeito do papel transformador do trabalho em suas realidades e nos costumes da sociedade cubana, para além da reorganização da divisão sexual do trabalho, conforme visto pelas feministas. Para Elena Gil, com a revolução, elas haviam superado o destino fatal das trabalhadoras, que se mantinham vivas para fazer sobreviver seus filhos. Essa mudança de condição as mobilizava, percebendo, no socialismo, a única saída possível para a “condição feminina” a qual estiveram submetidas por séculos: “Yo creo que donde unicamente la mujer encuentra su verdadero lugar es en el socialismo. Y la más beneficiada de la sociedad

---

673 Elena Gil *apud* RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p.302

674 CHE GUEVARA, Ernesto. Una nueva cultura de trabajo (21 de agosto de 1962). GARCÍA, María del Carmen Ariet; DEUTSCHMANN, David (Orgs.) *Che Guevara presente*. Australia: Ocean Press, 2004, p. 150-160, *passim*.

socialista es la mujer. Quizá se deba a eso, que la mujer defienda con tanto ardor el socialismo, siempre que se produce una revolución en cualquier parte...”<sup>675</sup>

No contexto da sociedade anterior à vitória revolucionária, as mulheres de classe média viam o trabalho como uma humilhação e o casamento como oportunidade de se dedicarem as tarefas da casa, a família – na concepção de família burguesa definida por Engels em *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*. Já na sociedade socialista que construíam, Gil, em diálogo com a concepção de Guevara, em seu testemunho definiu o trabalho como parte da busca pela felicidade, como aquilo que engrandecia, e não como aquilo que desprestigiava as mulheres. Reforçou, em seu discurso, que as mulheres eram tão inteligentes quanto os homens e que tinham condições de desempenhar qualquer trabalho em condição de igualdade, fazendo a ressalva de questões de saúde, muitas vezes vinculada à menstruação e maternidade. Como veremos adiante, esse discurso da proteção à saúde foi recorrente, uma estratégia para se afirmar que não havia diferença nas capacidades entre os sexos, ao mesmo tempo em que se mantinha um discurso tradicional envolto em justificativas biologizantes para preservação da saúde. Nesse sentido, Gil afirmava haver uma maior condição física masculina, apesar de reconhecer que mulheres excepcionalmente desempenhavam funções braçais pesadas, consideradas masculinas, como as “macheteras”.

Dentre as mulheres que desempenhavam funções importantes para a revolução, havia Teresa Sánchez, que foi entrevistada por Randall para o livro *La mujer cubana ahora*, registrado no capítulo *Los Comités de defensa de la Revolución: Teresa Sánchez*. Na década de 1970, apesar de não ser membro do Comitê Central do PCC, ela compunha a direção nacional dos CDRs, a maior organização de massas da revolução. De origem trabalhadora, sua mãe foi empregada doméstica. Apesar disso Sánchez, assim como Clementina Serra, rompeu com o destino imposto às mulheres das classes baixas e conseguiu acessar a educação formal, em um período em que esse era um luxo reservado as elites. Em uma conjuntura atravessada por contradições, ao mesmo tempo em que estudava, ela cuidava da casa e “aguardava o casamento”, considerado como o propósito da vida das mulheres e, em muitos casos, a única chance de saírem de uma situação de miséria: “una muchacha pobre que espera que su liberación la traiga un día un hombre que llegue a su puerta.”<sup>676</sup> Essa realidade na vida de Sánchez demonstra duas

---

675 Elena Gil *apud* RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p.304

676 Teresa Sánchez *apud* RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, P.365

questões de gênero que temos abordado: a sobrecarga de trabalho atribuída a ela, ao ser responsabilizada pelo trabalho doméstico, e a imposição do casamento como salvação, como o grande acontecimento de sua vida.

Durante a luta insurrecional, simpatizava com os guerrilheiros e ouvia a *Radio Rebelde*<sup>677</sup>, o que lhe impulsionou para um sentimento revolucionário. Apesar disso, não teve uma participação ativa naquele período, se integrando ao processo revolucionário apenas após a vitória de janeiro de 1959: “abré los ojos a la vida al triunfo de la revolución, nací con la revolución...”<sup>678</sup> Ao dar o testemunho de sua vida considerou que ao se casar havia cumprido seu destino enquanto mulher, com o qual rompeu ao se integrar as Forças Armadas Revolucionárias (FAR) – com seu marido –, após *Playa Girón*. Nas FAR atuou na “limpia de Escambray”, contribuindo para erradicar os contrarrevolucionários da região. Para se envolver politicamente e participar de ações militares deixava sua filha com sua mãe, demonstrando mais uma vez como as mulheres se organizavam entre si para suprir as demandas de cuidado. Posteriormente, na FMC, foi incorporada a *Milicia*. Ao narrar o surgimento de um batalhão feminino na milícia, afirmou que por iniciativa própria, as mulheres foram ao *Ministerio de la Construcción*, “y nos hicimos milicianas y aprendimos arme y desarme... Ya ahí yo entre en una etapa de incorporación directa a la revolución, a todos los problemas de la revolución, desde el punto de vista de lo que yo pudiera realizar...”<sup>679</sup> Fazia o necessário, onde diziam que era necessária, estava disposta a dar sua vida à revolução.

Ao ser questionada por Randall sobre o feito revolucionário que mais tinha impactado a condição das mulheres, Teresa Sánchez afirmou ter sido a libertação econômica e política, o que se deu através da integração no trabalho produtivo e voluntário, contribuindo para suprir as necessidades da revolução. Para reforçar sua afirmação, recuperou o alto índice de desemprego

---

677 Che Guevara coordenou a criação da Radio Rebelde, que funcionou entre 1958 e 1959, extrapolando as fronteiras de Cuba. Foi uma emissora sediada na *Sierra Maestra* que transmitia para os/as cubanos/as informações sobre o processo insurrecional em curso, contribuía na comunicação entre as tropas, fazia a disputa de opinião pública através da propaganda. Para Guevara: “La propaganda que será más efectiva, a pesar de todo, la que se hará sentir más libremente en todo el ámbito nacional y la que llegará a la razón y a los sentimientos del pueblo, es la oral por radio. [...] Explica, enseña, enardece, determina en amigos y enemigos sus posiciones futuras. Sin embargo, la radio debe regirse por el principio fundamental de la propaganda popular, que es la verdad [...] En radio se deben dar, sobre todo, noticias vivas, de combates, encuentros de todo tipo, asesinatos cometidos por la represión y, además, orientaciones doctrinales, enseñanzas prácticas a la población civil, y de vez en cuando discursos de los jefes de la revolución.” CHE GUEVARA, Ernesto. *La guerra de guerrillas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1985. VER: PASQUALINO, Beatriz Buschel. Os 311 dias da Rádio Rebelde como Arma Guerrilheira em Cuba. *Revista Alterjor*, São Paulo, Brasil, v.8, n.2, p. 12–23, 2013.

678 Teresa Sánchez *apud* RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p. 368.

679 Ibidem, p. 367.



feminino, em um contexto em que não havia serviço formal nem para os homens, sujeitos prioritários no mercado de trabalho formal. Além disso, muitas vezes os costumes as mantinham em casa, cuidando dos afazeres domésticos não remunerados. Com a revolução superariam esta forma de pensar, o que incluía a superação da visão do casamento como única possibilidade de sucesso feminino e a cultura que as proibia de sair sozinha a noite. Naquele contexto da década de 1970, as mulheres enfrentavam esses costumes, o que envolvia mudanças na estrutura da família. Para Sánchez era notável como as novas gerações já viviam uma outra realidade:

Y si esta revolución no llega a triunfar, yo hubiera seguido siendo la mujer de su casa, con una miseria tremenda, sin perspectiva de ninguna clase y sin oportunidades de ninguna índole, cargada de hijos y pasando miseria. Ése era el destino de este pueblo. Eso no es la mujer de Cuba ya. Esta tradición se acabó en Cuba...<sup>680</sup>

A diretora de teatro e atriz Raquel Revuelta, com quem Randall conversou em 1971, registrado em seu livro *La mujer cubana ahora*, definiu a grande conquista da revolução para as mulheres como a mudança da relação de subordinação. Segundo ela, deixaram de ser vistas como mulher, no sentido da “outra” inferiorizada, e passaram a ser consideradas como iguais, como seres humanos. Como sujeitos sociais, politizadas e ativas, podiam ser ouvidas. Ela defendeu que houve uma relativização de estereótipos de gênero inalcançáveis, como os padrões de beleza que eram divulgados pela mídia estadunidense. Assim, sentia que na revolução podiam aceitar melhor o envelhecimento, questão que perpassava de forma intensa a vida de mulheres artistas como Revuelta.

Para as mulheres entrevistadas por Randall, era recorrente o entendimento de que as transformações em curso podiam ser observadas na mudança de comportamento e perspectiva das novas gerações. Para Revuelta, depois de uma década de revolução já havia uma relativa redistribuição do trabalho doméstico e avançavam na superação da objetificação feminina. Naquele momento, em que os desafios materiais eram uma realidade, condicionando as mulheres à dupla ou tripla jornada de trabalho, era necessário investir não só na resolução das questões materiais, mas também na superação do machismo e do patriarcado: “[...] hacer comprender a los hombres que la mujer há dejado de ser mujer, yo creo que es lo que más dura ha sido para la mujer.”<sup>681</sup>

---

680 Ibidem, p. 369.

681 Raquel Revuelta *apud* RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p.453

Outra artista apresentada por Randall foi a renomada bailarina cubana Alicia Alonso, que afirmou sobre a importância da revolução na vida das mulheres considerando a superação do casamento como destino, combinado com o surgimento de novas possibilidades de futuro que envolviam formas distintas de trabalho, dois elementos centrais para a conquista da liberdade feminina:

La mujer no le tiene miedo al trabajo. La mujer siente hoy en día que no tiene necesidad de casarse para poder vivir en un futuro. Eso es de una importancia muy grande, porque eso es un sentido de libertad, de honestidad en la mujer, que en un futuro es de suma belleza y de gran importancia...<sup>682</sup>

Para Randall, muitas das trabalhadoras que entrevistou, em especial as domésticas e as prostitutas, representavam “otra mujer cuya vida cobro sentido con el triunfo de la revolución, otra mujer para quien la revolución significó leer, escribir, producir, vivir...”<sup>683</sup>. Cujas vidas foram dotadas de um novo sentido após 1º de janeiro de 1959. Para Isabel Rielo, que reproduzia a narrativa de uma “perspectiva revolucionária”, elas não eram mais vetadas à nenhuma função e participação social, estavam integradas ao trabalho produtivo remunerado e à defesa da revolução, provando suas capacidades. Ao mesmo tempo, admitia as contradições inerentes ao ambiente em que viviam, fruto da educação que receberam: “[...] nosotros podríamos dar las condiciones en una forma violenta, producir ese cambio; pero creo que es un problema de ambiente, de desarrollo ambiental, producto de una educación.”<sup>684</sup> O desafio para mudar de fato a vida das mulheres se colocava, dessa forma, não apenas através de medidas práticas e das questões materiais, mas passava pela disputa das consciências, dos costumes, da cultura.

Ao mesmo tempo, reconheciam os avanços e conquistas. Amparo, uma senhora de sessenta anos que havia lutado na insurreição, concordou com Randall a respeito da libertação das mulheres como mais impactante do que a libertação que tinha propiciado aos homens:

[...] porque la mujer hoy tiene la oportunidad que a veces el hombre no la tiene... La mujer antes era muy cerrada, no tenía desenvoltura para nada, no sé si era por el sistema o... Nada más que pata trabajar en la casa y para ser esclava de la casa y nada más... No teníamos salida por ninguna parte.<sup>685</sup>

---

682 Alicia Alonso *apud* RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p.257

683 RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p.268

684 Isabel Rielo *apud* RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p.239

685 Amparo *apud* RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p. 282-283.

As mulheres assumiram novas funções, ocuparam espaços públicos diversos, romperam com o confinamento ao espaço privado. Esse movimento foi marcado pela resistência masculina, que não cedia facilmente seus privilégios de gênero: “[...] la nueva vida constituye en sí – en esta etapa – una ruptura familiar que siempre hemos conocido...”<sup>686</sup> Mas, percebeu-se aí uma contradição mais profunda, tendo em vista que a mudança da mentalidade era parte da constituição do “homem novo” revolucionário: “[...] los esposos de todas las compañeras que como ellas son revolucionarios, tienen que ser revolucionarios, y estar acordes con el camino que lleva esto.”<sup>687</sup> Para essa superação, a própria mulher ficava encarregada de fazer a disputa de consciência e de convencer outros homens, incluindo seu marido, cerca de seu papel na revolução. Apesar da discussão geral na sociedade a respeito da reorganização do trabalho doméstico, que implicou em uma série de políticas e iniciativas do governo revolucionário, havia, no senso comum, opiniões divergentes, que refletiam séculos da cultura patriarcal hegemонizando as relações sociais, a cultura e a política. As contradições entre as novas condições de vida e a criação patriarcal, atingia também as mulheres.

Josefina, entrevistada entre 1970-1971, considerava que seu marido a ajudava no trabalho da casa, pois ela voltava tarde do trabalho no engenho de açúcar. Contudo, ao narrar seus afazeres, notamos que ela era responsável por grande parte das atividades domésticas. Ana, uma enfermeira de trinta e cinco anos, membro do PCC, de origem campestre, não via o trabalho doméstico como uma obrigação masculina, mas sim como algo de responsabilidade das esposas, além das tarefas revolucionárias que exercia. Cármén, jornalista, divorciada, mãe, com trinta e um anos, considerava o marido como uma figura importante para “resolver os problemas”, como um “timón de um barco”, reproduzindo a ideia do homem como “chefe do lar”. Ela considerava que “[...] nosotras las mujeres necesitamos apoyarnos en el hombre, sentir que hay una persona que piensa y que nos decide las cosas que nosotras encontramos difíciles... Ese apoyito que uno encuentra en el hombre...”<sup>688</sup>

Nesse ínterim, o impacto da sobrecarga de trabalho àquelas incorporadas ao trabalho produtivo afetou diversos âmbitos da vida. Josefa Oliva, membro da brigada *Rosa la Bayamesa*, relatou como o tempo que despendia com a vida familiar e com os cuidados dos vários filhos impossibilitou que se alfabetizasse e tivesse uma profissão, mesmo após o triunfo revolucionário. Como afirmou Asteria Perdomo ao abordar esses impasses materiais, “La mujer

---

686 RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p.179

687 Ibidem, p. 184.

688 RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p. 137.

tiene que participar en la solución de los problemas para poder tener lo que necesitamos. Todavía faltan condiciones materiales para que la mujer se pueda integrarse plenamente: hay que hacer más internados y seminternados, círculos, lavanderías, comedores...”<sup>689</sup>

Demarcando como a transformação incidia de maneira diferenciada a juventude, uma das jovens vozes registrada no livro, Juana Suárez, foi considerada por Randall como exemplo de “mulher nova”. Ela era brigadista da *Columna Juvenil del Centenario* de dezoito anos, portanto, havia crescido no governo revolucionário. Essa brigada, criada em 1968, correspondia ao funcionamento de organizações paramilitares voluntária, das quais participavam a juventude como uma alternativa ao serviço militar obrigatório. Randall definiu da seguinte forma a brigada, na introdução às entrevistas:

Los batallones de esta organización paramilitar están cambiando la faz de Cuba a todo lo largo y ancho de la Isla: recogiendo cítricos en Isla de Pinos, trabajando en los campos de tabaco de Pinar del Río, cortando caña en Oriente o las Villas. Pero el propósito original de la Columna era cubrir la gran necesidad de fuerza de trabajo en la subpoblada región central del país: Camagüey.<sup>690</sup>

Integrada na brigada, Suárez deixou claro para seu noivo que sua prioridade era o trabalho revolucionário, afastando-se do “destino das mulheres”, da condição “anterior” em que reduzia sua vida ao casamento, a espera pelo marido salvador. Diante de um noivo que colocava a vida pessoal dela como contraditória à sua vida pública e política, o enfrentou e manteve a convicção de seu papel enquanto trabalhadora. Além da resistência com sua integração no trabalho, ele considerava que sua função de tratorista era masculina. Apontando o avanço de sua consciência, ela defendia que ambos eram iguais, tinham as mesmas capacidades e seu sexo não a inferiorizava: “!La mujer há cambiado mucho! Porque antes la mujer no trabajaba como ahora, porque antes se pensaba que el único que podía trabajar era el hombre, que él era el único que tenía derecho a trabajar y a hacerlo todo, y la mujer en la casa”<sup>691</sup>

No livro *No se puede hacer la revolución sin nosotras* (1978), Randall nos apresentou alguns avanços pontuais nos depoimentos ali registrados, meia década após as entrevistas feitas para *La mujer cubana ahora* (1972). Para Júlia, “microbrigadista” da construção civil em Alamar, em 1978 a experiência era a de compartilhar a jornada de trabalho com os filhos e com

---

689 Asteria Perdomo *apud* RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p. 203.

690 RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p. 347.

691 Juana Suárez *apud* RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p. 468.

o marido. Diferentemente dos testemunhos registrados em 1972, ela não reproduzia a ideia de que os homens deveriam “ajudar” no trabalho da casa, expressando em seu discurso, que os homens eram também responsáveis pelas funções domésticas, indicando uma mudança nos costumes de uma geração que se tornou adulta no curso da revolução. Para ela, participar da construção civil, junto com outras mulheres, fez com que se tornassem capazes de realizar qualquer função que demandassem, expressando uma concepção de igualdade com os homens e de disposição para dedicar sua vida à revolução. Esperanza, outra “microbrigadista”, afirmou que entre ela e seu marido, “... los dos trabajamos fuera del hogar y también en él hemos tratado el problema del trabajo de la casa y en nuestro caso lo hemos resuelto...”<sup>692</sup> Ambas reconheciam esses avanços nas práticas sociais como vitórias revolucionárias, mas também admitiam que esta não era a realidade de muitas mulheres cubanas.

Diante dos objetivos e desafios encarados pela Revolução Cubana no que tangia a igualdade de gênero e libertação feminina, a “revolução dentro da revolução” de Fidel Castro<sup>693</sup>, a concepção da época era a de que a mulher latino-americana, “tinha que ser revolucionária”, já que sua condição de exploração se colocava a partir da transformação da sociedade colonial-imperialista, estabelecendo uma relação entre a libertação da pátria, de seu povo, e sua, enquanto mulher. Sobre isso, Randall afirmou:

Quizás una de las diferencias más grandes entre la mujer cubana y sus hermanas con conciencia de liberación de los países desarrollados, sea la de que ella trabaja estudia y lleva el fusil, no para liberarse a sí misma, sino para liberar su patria del subdesarrollo y de los ataques imperialistas. Y si ella se libera en el proceso, resulta éste un efecto indirecto muy bien recibido, aunque no es el aspecto que ella enfoca fundamentalmente en estos momentos. Las actuales mujeres revolucionarias de Cuba jamás han mirado el ejemplo de las mujeres norteamericanas que votan, van a la escuela, tienen trabajo y toman parte en la política. En su lugar, miran el ejemplo de las mujeres de Viet Nam, cuyo progreso ha sido y es parte integral de la lucha en su país. La opresión de las mujeres cubanas siempre ha sido vista como sólo una pequeña parte de la opresión que toda la población de la isla sufría. El progreso de ella constituye ahora parte del desarrollo de todo su país. [...] Y la conciencia de que, si la mujer revolucionaria se forma a sí misma en el modelo del Che, si crece en el ejemplo del Che, se modela también a sí misma, en la figura de Tania [Tamara Bunke] y crece en el ejemplo de esa extraordinaria mujer que, después de pasar varios años en la isla,

---

692 RANDALL, Margaret. *No se puede hacer la revolución sin nosotras*. Havana: Casa de las Américas, 1978, p.126

693 No encerramento da V Plenária Nacional da FMC, em 1966, Castro definiu que a mudança nos papéis de gênero era a “revolução dentro da revolução”: “[...] le dije a un compañero que este fenómeno de las mujeres en la Revolución era una revolución dentro de otra revolución. Y si a nosotros nos preguntaran qué es lo más revolucionario que está haciendo la Revolución, responderíamos que lo más revolucionario que está haciendo la Revolución es precisamente esto; es decir, la revolución que está teniendo lugar en las mujeres de nuestro país [...] ¡Que viva la revolución femenina dentro de la Revolución socialista!” Discurso pronunciado por el comandante en jefe Fidel Castro Ruz en la clausura de la V Plenaria Nacional de la FMC, en el Estadio Sandino de Santa Clara, Las Villa, el 9 de diciembre de 1966. Disponível em: < <http://www.fidelcastro.cu/es/discursos/discursopronunciado-en-la-clausura-de-la-v-plenaria-nacional-de-la-fmc> > Acesso: 14/04/2025.

se convirtió en una verdadera guerrillera internacionalista, la verdadera imagen de la mujer de estos años de lucha.<sup>694</sup>

Ou seja, a mulher latino-americana, a revolucionária cubana internacionalista, inspiradas por suas “irmãs” vietnamitas, compunham uma parte do grupo oprimido em seu país, por isso, seu progresso não seria individual, mas sim coletivo, a partir da libertação de sua pátria. Reivindicavam como modelo, como ideal revolucionário, Che Guevara como símbolo do “homem novo”, e Tania Guerrilheira como expressão da militante internacionalista. Randall baseava seu olhar na realidade das cubanas e latino-americanas, considerando suas especificidades de vida em um “país subdesenvolvido”, em que classe e raça definiam destinos, mas que, comprometidas com a revolução, se dedicavam àquele processo. Reproduziam a ideia das mulheres “com rolos no cabelo” manejando o trator no campo e andando armadas, ou seja, mantinham sua feminilidade no trabalho e no exército. Os estereótipos de gênero e os padrões de beleza se mantiveram, ao mesmo tempo em que os novos papéis sociais se conformavam, o que não era entendido como uma contradição, mas sim parte da transição para o “homem novo” e a “mulher nova”. As mulheres “no veen contradicción alguna entre su nueva emancipación en el trabajo y en frente de combate, de una parte, y su deseo de ser, aparecer y sentirse femenina, de la otra.”<sup>695</sup>

Tensionando com as feministas do mundo capitalista, enquanto as mulheres ligadas aos *Movimientos de Liberación de la Mujer* nos EUA lutavam contra o uso de maquiagem, sutiã e outras “modas” da sociedade de consumo capitalista, “en Cuba, que ya está superando su etapa capitalista, la invención del creyón de ojos de colores diferentes a base de tizas o de acuarelas, representa, por ejemplo, una especie de ‘creatividad de bloqueo’, además de reflejar la idea de femineidad”<sup>696</sup>. Em Cuba, elas desejavam um casamento completo e tradicional, pois passaram a ter condições que antes lhes eram negadas, que “el poder del pueblo la ha puesto ahora al alcance de todos”<sup>697</sup>. Randall procurou demonstrar algumas atitudes das mulheres cubanas que seriam condenadas pelas feministas estadunidenses, mas que refletia o acesso a bens materiais e de qualidade de vida que foram viabilizados com a vitória de 1959. No caso do casamento, passou a significar o direito de escolha, o exercício da autonomia, em contraposição ao destino irrevogável das mulheres.

---

694 RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p.123

695 Ibidem, p. 110.

696 Ibidem, p. 113.

697 Idem.

Para Randall, a integração das mulheres no mercado de trabalho produtivo e na participação política direta e indireta, somado a independência financeira, combinada com as políticas socialistas de distribuição de renda, surgiram “relacionamentos mais felizes”, ao tornar possível o “casamento por amor”. Dentre essas questões, colocadas no limiar entre o público e o privado, um dos pontos de conflito entre as latino-americanas, especialmente as cubanas, e as feministas europeias e estadunidenses, dizia respeito ao aborto e ao controle do próprio corpo. O direito ao aborto foi legalizado em Cuba em 1965, seguindo o exemplo soviético, enquanto permanecia como um tema em disputa no Norte global, “problema” visto de forma distinta entre as diferentes regiões. Olga, ao ser questionada sobre o aborto durante a entrevista, afirmou que esta era uma prática das mulheres, sendo legal ou não. Portanto, a legalização era vista como uma política que protegia a vida e a autonomia das mulheres. Além disso, instituíram oficialmente a disseminação do uso de contraceptivos.

A juventude também foi utilizada por Randall como termômetro em relação aos direitos sexuais e reprodutivos na sociedade revolucionária. María, uma jovem de dezessete anos, camareira de um hotel, de origem trabalhadora-campesina e membro da UJC, afirmou que a virgindade era um assunto pessoal e de definição entre casal, visão que sabia não compartilhar com seus pais, que veriam com desgosto caso ela tivesse relação sexual antes do casamento. Com seu testemunho, Randall demarcou diferenças geracionais, que se expressava também quando o assunto era a necessidade do casamento formal, sobre o qual María afirmou: “[...] yo sigo la tradición del papelito por ellos, pero por mí yo lo haría.”<sup>698</sup> Para ela o lugar das mulheres não era naturalmente na casa e com os filhos, rompendo com a ideia recorrente em Cuba de que “[...] la mujer es de la casa y el hombre de la calle.”<sup>699</sup> Rosa, uma jovem de vinte e três anos, operária, de origem camponesa, solteira, membro da UJC, defendeu a virgindade como “la basura más grande que hay aquí”. Ela direcionou essas diferenças à criação das crianças, remetendo especialmente ao papel da mãe ao afirmar que em sua maternidade exerceria uma “prática de liberdade”, “mi hija va a ser libre de prejuicios”, reivindicando a construção de uma “otra mentalidad”<sup>700</sup>.

Muitas vezes, essas eram questões consideradas supérfluas diante dos desafios da transformação radical da sociedade e da cultura e, por isso, não fomentavam grandes debates e preocupações. Estavam em uma etapa de transição, de avanço no “nível cultural” do povo

---

698 RANDALL, *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p. 139.

699 Idem, p. 142.

700 Ibidem, *passim*.

cubano, rumo a uma mudança na tradição e essas contradições eram percebidas inseridas em um projeto mais amplo, de longo prazo. Como sistematizou Randall, o curso para superação da família burguesa era longo e a mudança nas relações de gênero e no papel das mulheres era fundamental nesse processo, o que fazia com que doze anos de governo revolucionário fossem poucos diante do desafio colocado, que supunha enfrentar uma estrutura secular.

O “Código da Família”, de 1975, foi definidor desse sentido. Essa legislação foi, segundo Randall, resultado de uma ampla discussão popular e campanha ideológica encampada ao longo de 1974, um árduo trabalho diante de uma sociedade marcada por uma história de dominação masculina “hispano-cristã” e machista. Mesmo assim, em seu modo de ver, seria uma lei de difícil aplicação diante da disputa dos costumes, das dificuldades das mulheres em denunciar seus maridos, considerando o cenário de violência emocional e psicológica no qual se encontravam. Por isso, para que o “nuevo Código de Familia, que convertirá en ley lo que la vanguardia ve ya como una necesidad para todo el pueblo”<sup>701</sup>, foi necessário o apoio dos centros de trabalho, do PCC e das organizações de massas, para além do trabalho conduzido prioritariamente pela FMC. Com essa afirmação de Randall, percebemos a forma como as mulheres colocavam a consciência da vanguarda em outro estágio do que a popular. O preâmbulo do documento reafirma o processo coletivo de formulação e aprovação dessa lei:

POR CUANTO: El proyecto de Código de Familia fue sometido a través de los Comités de Defensa de la Revolución, la Central de Trabajadores de Cuba, la Federación de Mujeres Cubanas, la Asociación Nacional de Agricultores Pequeños, la Federación Estudiantil Universitaria de Cuba, la Federación de Estudiantes de la Enseñanza Media y diversos organismos del Estado y sociales, a la más amplia discusión por todo el pueblo, que lo aprobó, en su totalidad y precepto por precepto, por una mayoría superior al noventa y ocho por ciento de los participantes en las reuniones y asambleas convocadas al efecto.

POR CUTANO: No obstante la aprobación general, el Secretariado de las Comisiones de Estudios Jurídicos examinó detenidamente todas y cada una de más de 4 000 observaciones presentadas a 121 de los 166 artículos del proyecto e independientemente del número de los que votaron por ella, acogió e incorporó al texto del proyecto cuanta sugerencia consideró racional y útil a los fines de la legislación propuesta.<sup>702</sup>

Tal documento significou um avanço na igualdade real entre os sexos, chegando a afirmar, dentre seus objetivos, que no caso do matrimônio este deveria ser fundado “[...] en la absoluta igualdad de derechos de hombre y mujer”. Segundo Randall, no que dizia respeito a

---

701 RANDALL, Margaret. *No se puede hacer la revolución sin nosotras*. Havana: Casa de las Américas, 1978, p. 144.

702 Ley N° 1289. *Código de la Familia*, Republica de Cuba, 1975. Disponível em: <[https://oig.cepal.org/sites/default/files/1975\\_ley1289\\_cub.pdf](https://oig.cepal.org/sites/default/files/1975_ley1289_cub.pdf)> Acesso: 18/04/2025.



responsabilização com os filhos, fortalecia o núcleo familiar, suprimia “sus aspectos burgueses capitalistas-machistas o de propiedad privada.”<sup>703</sup> Uma das cláusulas obrigava que o trabalho doméstico fosse executado 50% pelas mulheres e 50% pelos homens. Conforme expresso no texto de dita legislação, seu objetivo era superar as normas jurídicas e o passado burguês no que dizia respeito à família, fazendo valer os princípios da igualdade socialista neste âmbito, superando a discriminação contra as mulheres e os filhos nascidos fora do casamento<sup>704</sup>. Natália Iglesias afirmou que a aprovação do Código em 1975<sup>705</sup> foi uma grande vitória da *Federación de Mujeres Cubanas* e para os direitos das mulheres, abordando em equidade de gênero os temas do casamento, divórcio, cuidado com os filhos e finanças<sup>706</sup>. Ao mesmo tempo, ressaltou Iglesias, mantiveram algumas definições propriamente patriarcais, como a idade permitida para o casamento inferior para as mulheres, partindo da justificativa biologizante do amadurecimento feminino.

Em um artigo de 1976, publicado na revista feminista canadense *The Other Woman*, intitulado *Introducing the Family code*<sup>707</sup>, Randall caracterizou o Código como resultado do ápice da nova consciência popular a respeito do papel das mulheres, consequência de “[...] um constante diálogo entre os líderes e as massas, entre possibilidades econômicas e consciência ideológica das massas, uma real interrelação entre ganhos coletivos e possibilidades futuras.”<sup>708</sup> Assim, na “nova sociedade” não haveria espaço para os “antigos papéis” de gênero. Dentre os principais ganhos do novo Código, destacou os avanços reais na igualdade entre trabalhadores e trabalhadoras. Mas foi além, superando “conceitos burgueses” como o de filhos ilegítimos, de adultério e da violência psicológica, facilitando as justificativas para o divórcio. A lei se baseava no “respeito mútuo” entre homens e mulheres, assim como entre os pais e seus filhos

---

703 RANDALL, Margaret. *No se puede hacer la revolución sin nosotras*. Havana: Casa de las Américas, 1978, p. 140.

704 Ley N° 1289. *Código de la Familia*, Republica de Cuba, 1975.

705 Em 2022, Cuba promulgou um novo “Código da Família”, no qual podemos observar alguns limites e avanços das últimas décadas de revolução. O novo “Código da Família”, de 2022, possui trezentos e oito artigos a sete títulos a mais do que a legislação de 1975, incluindo discussões recentes a respeito de reprodução assistida, casamento homoafetivo, responsabilidade parental com mídias, dentre outras. VER: Lei N° 154. Código de las Familias. República de Cuba, 2022. Disponível em: <<https://www.parlamentocubano.gob.cu/sites/default/files/documento/2022-09/goc-2022-o99.pdf>> Acesso: 18/04/2025.

706 IGLÉSIAS, Natália. *As representações da Revolução e do feminino no cinema cubano*: Retrato de Teresa (1979), No hay sábado sin sol (1979), Hasta cierto punto (1983) e Los pájaros tirándole a la escopeta (1984). Dissertação (mestrado). UFMG, FAFICH (Departamento de História), Belo Horizonte, 2019.

707 RANDALL, Margaret. Introducing the family code. *The Other Woman. Canadian feminist*. Special issue, March 8<sup>th</sup>, vol.4, n.2. Toronto, Canadá, 1976, p.3

708 “[...] a constant physical dialogue between economic possibilities and ideological mass consciousness, a real interrelationship between collective gains and future possibilities.” Idem.

e filhas. Acreditava, então, que com o novo Código, a família nuclear, apesar de mais forte e com relevância, havia perdido seus aspectos “burgueses capitalista-sexistas” e de “propriedade privada”, colocando em prática a intenção de “governar” as relações sociais. Defendia também que a nova lei teria um caráter educacional provisório, até que o machismo hispano-cristão fosse superado na consolidação da “nova sociedade”.

No conflito entre antiga e nova geração, Randall descreveu o clima coletivo como de homens mais velhos que passaram a se sentir mais confortáveis em realizar trabalho doméstico, tendo em vista que não seria visto apenas como “trabalho feminino”. Ou não assumiriam o “novo papel” em voga. Em contrapartida, algumas das definições colocadas em formato de lei já eram uma prática da juventude, servindo para reforçando uma tendência em curso nas novas gerações. Para Randall, mais do que o aspecto legal da lei, o processo didático, educativo e de ganho de consciência era o mais importante, principalmente através da transferência de problemas anteriormente considerados privados e individuais, para a esfera coletiva, percebido como problemas sociais e estruturais, que deveriam ser resolvidos a partir da discussão e luta coletiva<sup>709</sup>. Randall ressaltou também o momento em que esta lei se tornou possível de debater,

A luta contra o machismo está realmente começando apenas agora, de forma ampla. Durante muito tempo era apenas impossível fazer disso uma prioridade porque nós tínhamos sabotagens o tempo todo, o problema da defesa, o problema econômico, todo o tipo de coisa. E agora que a economia está mais estabilizada, e a sabotagem está praticamente sob controle, eu notei que eles vão tratar dessa questão como um grande problema a ser enfrentado. Você vê sinais disso por todo lado. Por exemplo, o fato de que a maioria dos líderes mencionaram o assunto em seus discursos recentes, de uma forma ou de outra. A discussão dessa lei vai ser surpreendente.<sup>710</sup>

A discussão sobre a dupla/tripla jornada de trabalho presente na nova redação do Código, foi iniciada em meados da década de 1970 - com as discussões em torno da *Ley de Maternidad*<sup>711</sup>, do Código da Família e dos Artigos 47 e 48 - se destacando ao expor a

---

709 RANDALL, Margaret. Family code update. Communique from Cuba. *The Other Woman. Canadian feminist*. Vol.4, n.3. Toronto, Canadá, maio-junho 1976, p.9.

710 “The whole drive against machismo is really beginning now in a big way. For a long time it was just impossible to make that a priority because we had sabotage all the time, the problem of defence, the economic problem, just all kind of things. And now that the economy is more stabilized and the sabotage is pretty much under control I’ve notice they’re going to be taking this up as a big problem. You see signs of this all over the place. For instance the fact that most of the leadership in recent speeches have always mentioned it in some way or other. The discussions of this law are going to be outasight.” RANDALL, Margaret. Women in Cuba. An interview with Margaret Randall. *Plexus. A bay area women’s newspaper*. Vol.1, n.10. São Francisco, Estados Unidos, novembro 1974, p.5. Tradução nossa. Grifo da autora.

711 Em 1974, promulgaram uma nova Ley da Maternidad que, para Randall, era a mais avançada o período, superando as que existiam na União Soviética, na China ou no Vietnam. Com a nova legislação garantiam uma maior assistência médica para gestantes com um olhar específico para o parto, o que levou a diminuição da

insuficiência da inclusão efetiva e igualitária no trabalho produtivo como solução para a situação social das mulheres. Para aprofundar na abordagem desse tema, Randall recuperou Engels: “Sólo en casos raros, se considera que la ‘responsabilidad’ corresponde por igual a los dos adultos que trabajan.”<sup>712</sup> Uma campanha ideológica difundida por Randall foi a encampada com os trabalhadores homens, objetivando avançar na compreensão masculina da redistribuição do trabalho realizado pelas mulheres. Também foi criada a *Frente Femenino de la CTC*, organizando as demandas e atuação das trabalhadoras. A superação da sociedade patriarcal só seria possível com uma integração das pautas levantadas pelas mulheres na agenda de transformações sociais, culturais e políticas amplas. Ademais, Randall defendia que era na prática cotidiana que as mudanças seriam efetivadas, com destaque para a capacidade de avanço entre a juventude:

Conforme más y más mujeres hacen servicio de guardia nocturna, conforme más de ellas concurren a las reuniones, realizan trabajo político, se incorporan a las brigadas del trabajo productivo voluntario que las llevan al campo por un día entero, por una semana, por un mes, y en ocasiones por varios meses – ya que las mujeres hacen estas cosas como algo habitual y los hombres que sienten revolucionariamente se enorgullecen de que así lo hagan -, las relaciones entre hombres y mujeres, naturalmente, van cambiando. Estas relaciones pasan a fundarse más en el respeto revolucionario, y menos en la tradición arbitraria. esto no quiere decir que el cambio sea fácil o completo. [...] pero se han logrado avances notables, y la gente joven, en especial, tiene un concepto totalmente nuevo.<sup>713</sup>

Assim, através da vida cotidiana, da resistência feminina, de posturas institucionais, buscaram transformar as relações de gênero e os estereótipos das funções sociais impostas à homens e mulheres. Apesar de não falarem de feminismo, esta é uma categoria de análise que nos ajuda a compreender essas mulheres cubanas e as iniciativas em curso no período, de maneira integrada com outros movimentos protagonizados por mulheres ao redor do mundo, que construíam diferentes agendas, concepções, sentidos e estratégias para a chamada “libertação das mulheres”.

Em *La mujer cubana ahora* (1972), Randall apresentou, no primeiro capítulo homônimo, uma síntese da situação da mulher cubana na primeira década da revolução, marcada por uma

---

mortalidade materna e infantil; doze semanas de férias pagas, a serem usadas conforme a necessidade; seis dias inteiros, ou doze dias parciais durante a gravidez para acompanhamento médico; um dia livre no ano para levar os filhos ao pediatra; até um ano fora do trabalho após o nascimento do filho, sem pagamento, mas com a garantia da vaga de emprego, com a manutenção do mesmo cargo e salário.

712 RANDALL, Margaret. Women in Cuba. An interview with Margaret Randall. *Plexus. A bay area women's newspaper*. Vol.1, n.10. São Francisco, Estados Unidos, novembro 1974, p. 118.

713 Ibidem, p. 120.

guinada decisiva em sua luta por integração política, pela transformação de sua condição econômica e social, propondo a radicalização como caminho para superação das desigualdades de gênero. Contribuiu para esse debate público não só em Cuba, mas internacionalmente a partir da divulgação do que ocorria na ilha, considerando o alcance de suas produções e atuação intelectual que, como vimos especialmente no capítulo 1, se dava de maneira transnacional, em uma rede intelectual e militante constituída em diversos territórios.

No início da década de 1980, Randall concluiu que as mulheres haviam participado dos esforços revolucionários de diversas maneiras, arrecadando dinheiro, costurando uniformes, fazendo trabalho de propaganda, atuando em ações armadas e sabotagens nas cidades, transportando armas e lutando nas montanhas<sup>714</sup>. Com essa inserção nos movimentos políticos e sociais, localizou a primeira discussão ideológica a respeito do papel da mulher na revolução, quando demandaram integrar, em condição de igualdade, os pelotões da *Sierra Maestra*, momento em que percebeu-se a reprodução de discursos estereotipados cerca dos papéis sociais de gênero. Apesar de avanços pontuais nesse momento, manifestados nos discursos de Fidel Castro, a permanência das contradições nesse tema foi uma constante, ao menos nos primeiros anos do governo revolucionário.

Fidel Castro era quem orientava, através de seus discursos, a política revolucionária também no que tangia as demandas das mulheres. A sua voz era utilizada como forma de autorizar as demandas femininas, assim como para legitimar as transformações em curso. Não por acaso Randall iniciou o primeiro capítulo de *La mujer cubana ahora* com uma frase de Castro proferida em fevereiro de 1959, no primeiro mês do governo revolucionário, em que colocou a superação da “discriminação de sexo” no mesmo patamar de importância que a superação da discriminação racial. O mesmo capítulo foi também finalizado com uma citação de Fidel, parte de um discurso proferido por ele em janeiro de 1963, em que defendeu que os direitos das mulheres latino-americanas só seriam alcançados na revolução, por isso elas deveriam ser revolucionárias. A ingerência de Fidel como orientador da política da FMC não era algo exclusivo da Federação, mas uma realidade ampla nas organizações de massa, que deveriam estar submetidas à política do Estado e do PCC, que eram delimitadas, principalmente, por meio dos discursos de Fidel Castro. A esse respeito o cientista político Joseba Macías Amores afirmou que:

---

714 RANDALL, Margaret. *Women in Cuba ten years later*. Nova York: Smyrna Press, 1981.

Y la FMC, también, como organización sectorial con la presencia permanente de Fidel Castro alentando campañas, cerrando sus Congresos u orientando líneas posibles de actuación. [...] Una visión que para determinados analistas representa una lectura de coherencia desde los postulados de una Revolución totalizadora en la que las organizaciones de masas quedan sujetas y supeditadas al entramado institucional existente con Fidel Castro como máximo referente en todos y cada uno de ellos y, para otros, muestra las contradicciones inherentes a una estructuración social en la que el paternalismo institucional impide establecer los necesarios niveles de autonomía de cualquier organismo o institución.<sup>715</sup>

Randall, em diálogo com as afirmações de Fidel transcritas em seu livro, recuperou uma análise anterior do *comandante* sobre a sociedade cubana feita em seu discurso *La historia me absolverá*, de 1953, em que retratou o cenário geral de opressão e miséria das mulheres, como reflexo da dupla ou tripla opressão as quais eram submetidas: de classe, para as camponesas e trabalhadoras que eram tratadas como exército de reserva para manutenção do capitalismo colonial; sexual, devido aos costumes machistas e a forma como o patriarcado explorava os corpos femininos como propriedade privada através da prostituição; de cor, já que o racismo era parte estruturante das relações de poder existentes e as duas opressões citadas anteriormente recaíam de maneira desigual às mulheres racializadas. Segundo Randall, as diversas origens da sociedade cubana, assim como no quadro geral da sociedade latino-americana, criaram particularidades nas relações de gênero em com a sobreposição de diferentes formas de exploração.

Embora houvesse o compromisso expresso no discurso de Fidel e apesar da contribuição feminina no processo insurrecional, Randall reforçou que com a vitória revolucionária a visão tradicional que restringia às mulheres ao espaço privado, encontrou novamente lugar na sociedade cubana. Na contramão do senso comum, as mulheres persistiram em seu ímpeto de contribuir para construção da “nova sociedade”, colocando-se como sujeitas ativas, que se viam parte constitutiva do “homem novo” emergente naquele contexto. A partir da escuta, da observação e da participação ativa, Randall concluiu que o fim da “discriminação sexual” não seria um resultado automático do socialismo, mas se consolidara como um pré-requisito para a superação de todas as formas de desigualdade. A luta de classes, superada as questões materiais, persistiria na “superestrutura”, nas ideias e atitudes, local onde a luta contra o sexismo se manifestava como um desafio, possível de ser superado apenas com o engajamento masculino e feminino, sob condução e protagonismo das mulheres. Ela compreendia que a diferença no

---

715 MACÍAS AMORES, Joseba. Revolución Cubana: Mujer, Género y Sociedad Civil. *Revista Viento Sur*, 2011, p. 15-16.

nível de consciência de cada sujeito revolucionário, e da sociedade como um todo, se dava por questões culturais e de educação, mas deveria envolver também outros âmbitos, como as realidades divergentes do campo e da cidade, entre Havana e o restante do país.

No *Postfacio:1974*, capítulo de encerramento da quarta edição de *La mujer cubana ahora*, publicada pela Siglo XXI em 1978 sob o título de *Mujeres en la revolución, entrevistas con Margaret Randall*, Randall acrescentou reflexões feitas em Havana ao longo do ano de 1974. Seu objetivo era atualizar sua visão a respeito da condição da mulher cubana que havia publicado em 1972, visto que “la revolución se genera y se regenera rápidamente”<sup>716</sup>. Muito parecido com o subcapítulo *La mujer cubana en 1974*, do livro *No se puede hacer la revolución sin nosotras* (1978), em que abordou o aprofundamento das transformações na condição da mulher cubana, estabeleceu o ano de 1974 como crucial nesse processo. Ao mesmo tempo em que indicava as contradições da *mujer de transición* que emergiu com a revolução:

Una mujer que tiene oportunidad de estudiar lo que quiera. Una mujer con oportunidades de trabajo casi ilimitadas. Una mujer, sin embargo, que debe enfrentar diariamente la imposición posesiva de una docena de hombres que hacen comentarios cada vez que camina por la calle. Una niña que, aunque se le permite y en realidad se espera que ella participe en la milicia como persona mayor, aún sufre una fuerte orientación hacia un papel en la infancia en términos de elección de juguetes, ideas de belleza femenina, etc.<sup>717</sup>

Partindo da escuta das histórias de vida das cubanas, Randall identificou como a mudança na situação das mulheres tinha tido um impacto significativo, alcançado em pouco mais de uma década de revolução. Ela defendia, desde seu compromisso com aquele processo em curso, que essa transformação tinha sido qualitativa, atingiu diversos âmbitos da vida para além da igualdade formal. Teria passado pela interação da luta das mulheres com a luta anti-imperialista e anticolonial empreendida no período,

[...] aunque el triunfo revolucionario de 1959 trajo más que una igualdad formal en lo social, económico y político para la mujer; aunque las iguales oportunidades educacionales se convirtieron rápidamente en una igualdad educacional real, aunque 'un salario igual por un trabajo igual' devino parte lógica e indiscutida del sistema; aunque las mujeres ganaron su libertad más importante - sin discusión: su libertad económica -, de modo que ninguna mujer cubana tiene ya que depender de un hombre; en pocas palabras, aunque la lucha de la mujer por su total emancipación ha sido desde el principio parte integral de toda la lucha de la sociedad cubana por liberarse de la compleja red del subdesarrollo, la dependencia y el colonialismo, en los primeros años

---

716 RANDALL, Margaret. Postfacio: 1974. *Mujeres en la revolución, entrevistas con Margaret Randall*. México: Siglo XXI, 1978, p.357

717 Ibidem, p. 358.

las prioridades militares y económicas precedieron necesariamente a las cuestiones superestructurales y, en gran medida, a las culturales.<sup>718</sup>

Ou seja, a libertação feminina estaria fundada na autonomia econômica, mas também na cultura, na disputa ideológica e dos costumes, sustentáculos da estrutura de submissão de gênero que produzia uma série de contradições e freava o impacto dos avanços materiais conquistados. Estas últimas questões tinham sido mais desafiadoras até aquele momento, visto que, nos primeiros anos da revolução, as prioridades militares e econômicas se impuseram. Para Randall, o acesso à educação era central, assim como a igualdade salarial e a liberdade econômica que, vinculada à integração ao trabalho produtivo, era o centro gravitacional do acesso à igualdade.

Randall defendeu que os avanços na sociedade cubana, a melhora na economia, era resultado do trabalho de homens e mulheres, e significava maiores avanços materiais. No contexto da metade da década de 1970, era na cultura que se encontrava o problema, os resíduos da opressão contra as mulheres. Por isso avançaram em ações para que a “questão da mulher” fosse reconhecida pelos homens, formando novas gerações em outra mentalidade, “en todo el país se vio la necesidad de realizar mayor trabajo ideológico con los hombres y los niños a fin de urgirlos a asumir una responsabilidad mayor en el hogar y los niños cuando las madres trabajan.”<sup>719</sup> Ela buscou mostrar em *La mujer cubana ahora*, ao desenhar o cenário da mulher cubana no contexto de transição para a “nova sociedade”, as contradições da jovem miliciana que brincou com “coisas de menina”, atendia aos padrões de beleza, ao mesmo tempo em que sabia manusear um rifle. Assim como as cubanas, Randall compreendia que essa mudança na cultura, só seria possível como produto da prática, do cotidiano,

[...] revisões e mudanças em atitudes antigas ocorreram principalmente na prática, por necessidade, como um subproduto natural de construir e defender uma sociedade justa, em vez de como resultado de muita teorização nessa área. Isso significa que houve uma desigualdade, particularmente nos aspectos superestruturais dessa mudança.<sup>720</sup>

---

718 RANDALL; Margaret. *No se puede hacer la revolución sin nosotras*. Havana: Casa de las Américas, 1978, p.128

719 Ibidem, p. 137.

720 “[...] revisions and changes in old attitudes came about primarily out of practise, out of need, as the natural byproduct of building and defending a just society rather than out of much theorizing in this area. This meant that there has been an unevenness, particularly in the superstructural aspects of this change.” RANDALL, Margaret. Venceremos: Women in the new Cuba. *Canadian Dimension*. Vol. 10, No.8. Ottawa, Canadá. junho 1975, p. 49-50. Tradução nossa.

Encarando o machismo como um problema comum das sociedades exploradoras e capitalistas, só poderia ser superado com a construção da “nova sociedade”. A esse respeito a FMC produziu materiais de estudo em que abordavam o papel dos sexos, falavam sobre educação sexual, criticavam brinquedos e atitudes sexistas na criação dos filhos e filhas. Nesse processo de tantas mudanças, a década de 1970 foi considerada por Randall como momento positivo para as cubanas, com o “avanço da consciência” na sociedade como um todo, resultado de pesquisas e discussões qualificadas sobre o assunto, a inclusão da libertação das mulheres na agenda revolucionária, depois de superado o momento de prioridade das demandas econômicas e militares, como expressou em 1978:

En una docena de frentes el papel de las mujeres en la sociedad se ha convertido en un renovado tópico de investigación y discusión, tanto para un sexo como para otro. Los cambios, que fueran una vez relegados a causas de las prioridades militares o económicas, son ahora posibles debido al incremento de la seguridad militar, a los avances económicos, y, asimismo, a una marcada elevación del nivel de la conciencia de las masas. en cuba, especialmente desde 1970, pueden verse estos elementos como íntimamente ligados e interactuantes.<sup>721</sup>

Nesse cenário, Fidel Castro era visto como essencial para a derrota do machismo e do patriarcado, para o estabelecimento de novas configurações nos papéis de gênero. Segundo Randall, desde a *Sierra Maestra* ele tinha sido o responsável por convencer a militância da capacidade de combate das mulheres, colocando em segundo plano a participação e sacrifício feminino, que nessa interpretação não era percebido como principal motivador para o espaço que conquistaram e o reconhecimento de seu papel. Fidel Castro defendia que as crianças e jovens eram o futuro da revolução, pois eram sujeitos em formação, que seriam formados como “homens novos” e “mulheres novas”. Em 1962 Castro afirmou:

E nesta juventude estão colocadas as esperanças da Revolução, nesta juventude estão colocadas as mais legítimas esperanças do nosso povo, e nesta juventude estão colocadas também nossas mais legítimas e mais humanas esperanças, dos revolucionários, de todos os revolucionários. E o devemos dizer para esta juventude, devemos fazer um apelo a esta juventude, devemos educar esta juventude, orientá-la, forjá-la; devemos fazer desta juventude o que todos sonhamos para o futuro, devemos fazer desta juventude o que todos sonhamos que haverá de ser o povo do amanhã, as gerações novas da pátria; deveremos fazer desta juventude o que todos nós queríamos ser, o que todos nós teríamos querido viver com vocês; temos que tornar esta juventude, simplesmente, no porvir.<sup>722</sup>

---

721 RANDALL; Margaret. *No se puede hacer la revolución sin nosotras*. Havana: Casa de las Américas, 1978, p. 144.

722 Discurso proferido pelo comandante-em-chefe Fidel Castro Ruz no comício de homenagem aos mártires do assalto ao palácio presidencial, na escadaria da Universidade de Havana, em 13 de março de 1962. Disponível em:



No mesmo ano, no encerramento do Congresso da Associação de Jovens Rebeldes, Fidel Castro afirmou que sua geração de revolucionários/as construía a revolução para a juventude, para construção de uma sociedade em que os/as jovens viveriam, em que cresceriam e se educariam fora do jugo da sociedade capitalista, orientados pelo socialismo:

Acreditar na juventude é ver neles a geração do amanhã, uma geração melhor do que nossa própria geração, uma geração com muitas mais virtudes e muitos menos defeitos que as virtudes e os defeitos da nossa própria geração. [...] Nossa atual geração não está capacitada para viver nessa sociedade, nossa atual geração não está preparada para viver nessa sociedade. Nossa atual geração é uma geração que cresceu e se educou sob a sociedade capitalista.<sup>723</sup>

Nesse mesmo sentido, Randall considerava que as novas gerações expressavam grande capacidade de luta, combinando com a diretriz cubana de valorização das novas gerações e a importância das crianças. Porém este foi um processo permeado por contradições e desafios. A mulher jovem que crescera e se educara nos primeiros anos da revolução era de “transição”, pois tinha acesso à educação, mais autonomia em sua vida amorosa, maiores oportunidades de trabalho, contudo, seguia vítima de assédio, submetida a um padrão de beleza de permanente jovialidade, com um referencial de feminilidade inalcançável, manifestado através dos concursos de beleza. Essas *jovencitas* ansiavam por outros destinos, o que demandava outra postura diante do mundo, alcançada através da combinação do compromisso da sociedade e da nova atitude feminina, o que implicava a transformação das atitudes masculinas.

Mesmo integradas como sujeito social e de direitos no novo Estado revolucionário, as mulheres estavam submetidas a certos estereótipos de gênero, “[...] su participación en la vida revolucionaria es un requisito, pero claramente lo es también su ‘aspecto’.”<sup>724</sup> Mesmo com essas permanências, que as sobrecarregavam, Randall percebia uma mudança de comportamento e de pensamento entre as mais jovens, entre as mulheres que cresceram dentro da revolução, que “[...] parecen haber desechado por completo la noción capitalista de ver su autorrealización futura exclusivamente a través del matrimonio y de traer hijos al mundo.”<sup>725</sup>

---

< <http://www.fidelcastro.cu/pt-pt/discursos/discurso-proferido-pelo-comandante-em-chefe-fidel-castro-ruz-no-comicio-de-homenagem-aos>> Acesso: 14/04/2025.

723 Discurso proferido pelo comandante-em-chefe Fidel Castro Ruz no encerramento do Congresso da Associação de Jovens Rebeldes, no Estádio Latino-Americano, em 4 de abril de 1962. Disponível em: < <http://www.fidelcastro.cu/pt-pt/discursos/discurso-proferido-pelo-comandante-em-chefe-fidel-castro-ruz-no-encerramento-do-congress-0>> Acesso: 14 de abril de 2025.

724 RANDALL; Margaret. *No se puede hacer la revolución sin nosotras*. Havana: Casa de las Américas, 1978, p.128

725 Ibidem, p. 130.

Na contramão do senso comum, elas passaram a escolher a atividade política no lugar de relacionamentos, anteriormente colocados como símbolo de sucesso. Concomitante, era necessário que os homens deixassem de se sentir ameaçados pela nova atitude feminina, buscando “[...]un cambio de actitud en el hombre - las mujeres, con el apoyo de la sociedad, defendían su caso y ganaban.”<sup>726</sup>

A seguir, observaremos, a partir da análise dos testemunhos colhidos por Margaret Randall, como se deu o desenvolvimento e o impacto das políticas de educação, integração ao trabalho produtivo, redistribuição do trabalho doméstico e tentativa de superação da cultura machista e patriarcal com a Revolução Cubana, para a finalidade geral de se alcançar a liberação das mulheres como parte do processo de libertação e soberania nacional.

#### 4.2. Gênero, educação e reorganização do mundo do trabalho

Durante muito tempo prevaleceu o reconhecimento de diferenças entre homens e mulheres para os postos de trabalho, utilizando-se da maternidade e de requisitos biológicos estereotipados como principais justificativas. Essa visão biologizante era apresentada combinada com uma percepção do papel da formação social, dos costumes para o estabelecimento dos papéis de cada “sexo”. Concepção que ficou explícita através da instituição dos Artigos 47 e 48, do *Código de Trabajo*<sup>727</sup>, que desde 1968 regulamentava atividades laborais masculinas e femininas a partir de diferenças físicas e biológicas, sustentadas na ideia de força muscular masculina e nas especificidades e fragilidades do corpo feminino durante a menstruação e a gravidez:

Las mujeres cubanas, muchas de ellas aún con dolorosos recuerdos de la clase de trabajo que se habían visto obligadas a aceptar antes de la Revolución, necesitaban la seguridad de que no se les volvería a pedir que hicieran esos trabajos si se incorporaban a la fuerza de trabajo. Esas resoluciones fijaban alrededor de 500 ocupaciones ‘para mujeres solamente’, mientras que limitaban otras 500 a los hombres. [...] nunca se trató de impedir a las mujeres el acceso a puestos administrativos no a ninguna clase de puesto directivo; el sentido de la ley era físico, y se refería a trabajos que podían ser perjudiciales para la mujer teniendo en cuenta la maternidad, etc. [...] la eliminación de las resoluciones 47 y 48 fue un gran paso adelante hacia la completa igualdad en la distribución ocupacional y la eliminación del concepto de ‘sexo débil’.<sup>728</sup>

---

<sup>726</sup> Ibidem, p. 130.

<sup>727</sup> Não encontramos o código de trabalho cubano de 1968, a fim de observarmos qual era a divisão laboral estabelecido. Segundo Randall eram mais de 500 profissões e atividades determinadas para cada sexo.

<sup>728</sup> RANDALL, Margaret. Postfácio: 1974. *Mujeres en la revolución, entrevistas con Margaret Randall*. México: Siglo XXI, 1978, p. 361-363.

Segundo Randall, essas definições genericadas de trabalho foram extensivamente debatidas ao longo do *XIII Congreso de los trabajadores* de 1973 e no congresso do PCC em 1975, indicando uma reflexão a esse respeito que levou a substituição, em 1976, dos dois artigos por uma outra política similar, embora moderada. A permanência dessas diferenciações entre “trabalho de homens e de mulheres” evidencia as dificuldades de superação da questão. Uma preocupação de Randall na construção dos testemunhos, foi identificar se, na prática, essas resoluções se justificavam, se as mulheres consideravam haver alguma diferença entre os sexos no desempenho do trabalho e, em caso positivo, se vinculavam essa diferença a questões biológicas ou de socialização/cultura. Lembrando que tais entrevistas foram feitas anteriormente a suspensão dos Artigos 47 e 48.

Como Randall buscou demonstrar, essas definições eram constantemente desobedecidas, visto que as mulheres ocuparam diversos postos de trabalho braçal, como o corte de cana, ao atenderem as demandas da revolução. Para as trabalhadoras rurais, eram determinações que demonstravam uma divergência histórica e um desconhecimento da realidade do campo, visto que gerações de camponesas já realizavam o trabalho na lavoura. De toda forma, notamos divergências sobre as capacidades e papel das mulheres no trabalho voluntário e produtivo. Pela análise dos testemunhos podemos perceber que algumas defendiam uma diferença entre os sexos no desempenho de certas funções, sendo que, em sua maioria, justificavam essa diferença pelos costumes, pela forma como as mulheres não foram física e moralmente preparadas para o trabalho braçal. Outras, defendiam que não havia diferença para a execução do trabalho, incluindo a necessidade não só da integração feminina no trabalho braçal e político, mas a integração masculina no trabalho doméstico.

Para Haydée Méndez, uma das entrevistadas por Randall em *La mujer cubana ahora* (1972), as mulheres podiam realizar o mesmo trabalho que os homens, inclusive os que exigiam força física, como o corte de cana, no cafezal, nas plantações. Fez essa afirmação partindo de sua experiência pessoal e pela prioridade que deu ao assumir compromissos e deveres com a revolução. Ela defendia que as mulheres eram igualmente inteligentes, seres humanos com capacidades similares, se submetidas as mesmas oportunidades que os homens. Por isso, Méndez defendia que os homens também deveriam realizar o trabalho doméstico e poderiam aprender a cuidar das crianças. Para essa mudança de mentalidade, acreditava que a nova geração já mostrava indícios positivos através de uma postura de naturalização na execução de tarefas domésticas. Como foi recorrente nos testemunhos, ela usou seus filhos como exemplos,

mostrando como a confiança no futuro da revolução também se vinculava a maternidade, se expressava em seu compromisso com a formação de uma nova geração. Ao mesmo tempo, enviesa a narrativa, pois buscava valorizar a moral de sua prole e seu trabalho de formação das novas gerações, exercido como mãe revolucionária.

Em Cuba, uma das importantes funções tradicionais das mulheres, vinculada a maternidade, era o papel de influência na casa, especialmente na criação dos filhos e filhas que, a partir do compromisso feminino com a revolução, deveriam criá-los/as para serem o “homem novo” e “mulher nova”. Apesar disso, o Código da Família, aprovado em 1975, considerava que ambos os cônjuges estavam obrigados a “[...] formación y guía de los hijos conforme a los principios de la moral socialista.”<sup>729</sup> Contudo, como este era um período de transição, podemos considerar que tal êxito demandaria um tempo para alcançar real significado na prática, cabendo-nos ressaltar que a manifestação desse entendimento em lei, indica um caminho positivo na superação do papel materno.

Dentre os homens de sua própria geração, Méndez concluiu que a mudança no comportamento masculino era parte da promessa revolucionária, afinal, “lo mismo que podemos nosotras incorporarnos com esse entusiasmo al trabajo, así mismo se puede el hombre incorporar al trabajo de la casa.”<sup>730</sup> Para esse processo eram necessárias mais iniciativas de políticas públicas que garantissem a superação da divisão sexual do trabalho e a reorganização do trabalho produtivo e reprodutivo entre mulheres, homens e o Estado. Em seu discurso de encerramento do II Congresso da FMC, realizado em 1975, Fidel incluiu no plano quinquenal (1976-1980) uma série de iniciativas que buscavam estabelecer maiores investimentos na educação das mulheres, no acesso à saúde e voltados para o cuidado das crianças, como a construção de 400 novos *círculos infantiles*. Além disso, ressaltou a necessidade de superação do machismo e do sexismo que deixava as mulheres fora dos postos de liderança, do centro do poder. Randall ressaltou como Fidel chegou a afirmar que, “precisamos de um governo de homens e mulheres, um Partido de homens e mulheres, um Comitê Central de homens e mulheres”. Para ela, “Fidel desafiou literalmente cada homem e mulher deste país – mas, muito particularmente, cada homem – a trabalhar para superar mentalidades e práticas

---

729 Ley N° 1289. *Código de la Familia*, Republica de Cuba, 1975.

730 Haydee Méndez *apud* RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p.173

discriminatórias em suas próprias vidas, e a trabalhar juntos para, de uma vez por todas, libertar completamente as mulheres cubanas!”<sup>731</sup>

Comprometida com o processo em curso, Randall buscou apresentar o tom dos discursos de Fidel não como uma forma de conduzir a FMC, mas ao contrário, como se a base social que conduzissem a compreensão do *comandante* a respeito de determinado assunto. Assim, mesmo que limitadas, dotava-se as mulheres de incidência no processo em curso a partir de suas especificidades para libertação e das demandas para superação da desigualdade de gênero. Nesse contexto, considerava que os discursos de Fidel em defesa da participação feminina na linha de frente da revolução, era resultado do clima popular e, principalmente, das discussões feitas pela *Federación*. Esse acúmulo político foi a base de discussão para formulação da “Thesis Number Three”, “Sobre el pleno ejercicio de la igualdad de la mujer”<sup>732</sup>, aprovada no I Congresso do PCC, em 1975, e utilizada, posteriormente, como material de estudo por outras organizações de massa. Para Randall, a “Thesis Three” foi apenas uma das partes de uma campanha que continha vários elos, promovida para lidar com o que Fidel começou a chamar de resquícios subjetivos de discriminação,<sup>733</sup> manifestado no debate entorno do Código da Família, e do II Congresso da FMC, que fez com que “a batalha contra o sexismo começasse a ganhar status de política.”<sup>734</sup>

O que Randall chamou de “Thesis Number Three” consta registrado nos arquivos de resoluções dos congressos do PCC como *I Congreso del PCC: Tesis y Resoluciones. Sobre el pleno ejercicio de la igualdad de la mujer*. O documento foi dividido entre a tese e a resolução: *Introducción; I. Aporte de la mujer a la construcción del socialismo. Papel de la Federación de Mujeres Cubanas*, subdividido em *La Revolución y la mujer* e *Participación de la mujer en el proceso revolucionario*; *II. Medidas y disposiciones legales y administrativas adoptadas por la revolución en favor de la mujer y su plena igualdad*; *III. Elementos objetivos y subjetivos que impiden la plena participación de la mujer. Análisis sobre los problemas actuales de las*

---

731 “Fidel literally challenged every man and Woman in this country – bit very particularly every man – to work to overcome discriminatory mental sets and practices in his or her own lives, and to work together to once and for all liberate Cuban women completely!” RANDALL, Margaret. Appendix C: “We need a government of men and women...” Report on 2nd Congress of the Federation of Cuban Women, November 1974, by Margaret Randall. Cuba information 1975. Ottawa, Estados Unidos: Ottawa, 1975, p.27. Tradução nossa.

732 Disponível no site do PCC: < <https://www.pcc.cu/sites/default/files/pdf/congresos/tesis-resoluciones/2023-05/sobre-el-pleno-ejercicio-de-la-igualdad-de-la-mujer-doc.pdf> > Acesso: 9 de janeiro de 2025. E reproduzida em inglês por Randall em *Women in Cuba ten years later*.

733 “‘Thesis Three’ was only one link in a many-sided campaign launched to deal with what Fidel began to call the subjective remnants of discrimination.” RANDALL, Margaret. *Women in Cuba ten years later*. Nova York: Smyrna Press, 1981, p.33. Tradução nossa.

734 RANDALL, Margaret. *Women in Cuba ten years later*. Nova York: Smyrna Press, 1981, p.34

*trabajadoras, subdividido em Las labores domésticas, injusta sobrecarga de trabajo para la mujer, Incorporación y permanencia de la mujer en el trabajo, Derechos y deberes de las trabajadoras, Algunas soluciones materiales a problemas de las familias trabajadoras, La atención y formación de los hijos. Responsabilidad del padre y la madre, Actitud ante la necesidad de incorporación de la mujer, Emulación socialista. La madre trabajadora, Análisis de la situación ocupacional. Calificación y recalificación, Algunas medidas organizativas y posibles formas de empleo que faciliten a la mujer trabajadora el cumplimiento de sus deberes; IV. Dificultades para la promoción de la mujer a cargos de dirección administrativos y políticos, subdividido em Poderes populares. Participación femenina, ‘Tener la responsabilidad de las tareas domésticas y la atención a los hijos y al esposo (59,6%)’, Análisis de los porcentajes de dirigentes mujeres en el Partido, la UJC y las organizaciones de masas, Promoción en los organismos estatales, Nivel cultural de la mujer e Política de promoción de la mujer; V. La mujer joven. La joven profesional o técnica media que no trabaja, la joven ociosa, subdividido em La joven. Posibilidades y dificultades, La joven profesional, La joven ociosa, Maternidad temprana, Incomprensiones que se manifiestan en algunos jóvenes e Necesidad de que la familia comparta las tareas del hogar; VI. La moral socialista y la desigualdad de la mujer, subdividido em Una nueva moral; VII. Trabajo ideológico a desarrollar, subdividido em Necesaria transformación en la mentalidad de todos, Trabajo educativo e La lucha por la igualdad. Tarea de todos; Resolución.*

Pela divisão da tese, podemos observar a centralidade conquistada por alguns assuntos no que dizia respeito a “questão da mulher” e superação da desigualdade de gênero, dialogando com o que sistematizou Randall e que percebemos nos registros testemunhais. Dentre as questões prioritárias que se interseccionam na tese e nos testemunhos, destacamos: o papel feminino na revolução e na construção da sociedade socialista; a necessidade de políticas para superação de questões materiais; a urgência na superação de costumes que mantinham a lógica da submissão das mulheres; a integração no trabalho produtivo e nos espaços políticos de poder, perpassando pela superação da divisão sexual do trabalho; a questão da maternidade e o papel da juventude; a constituição de uma “nova moral”. Ao mesmo tempo, mantinha discursos contraditórios, ao reforçar a perspectiva biologizante marcada nos Artigos 47 e 48:

Estas resoluciones garantizan la mejor incorporación femenina, preservan a la mujer de aquellos tipos de trabajo que por sus características la pudieran afectar en su función biológica, como futura madre o que resultaren un peligro para el desarrollo del embarazo y la constitución del niño. Actualmente están sometidas a estudio, con

vistas a su perfeccionamiento. La legislación asegura a hombres y mujeres una protección adecuada mediante las normas de seguridad.<sup>735</sup>

Para Randall, essa resolução aprovada pelo PCC aprofundou demandas colocadas no Código da Família: alterava a relação entre fidelidade conjugal e participação partidária que, diante de dificuldades em tratar maridos e esposas em condição de igualdade, optou por excluir esses “assuntos pessoais” da alçada do partido; criticava a objetificação feminina; se opunha a expectativa de que as mulheres seguiriam seus maridos em caso de transferência, em detrimento de seu próprio trabalho; discutia a realidade de jovens que engravidavam e abandonavam a escola. Essas questões eram importantes para os membros do partido, pois eram considerados exemplos para o povo cubano e, por isso, seu comportamento deveria cumprir os preceitos de construção do “homem novo” e da “mulher nova”.

Foi nesse mesmo I Congresso do PCC, em 1975, que foi aprovada o rascunho da primeira constituição socialista cubana, em seguida colocada em discussão na sociedade. Randall destacou o Artigo 8, que afirmava a igualdade de acesso ao trabalho para homens e mulheres, como forma de contribuição para a sociedade e para suas necessidades individuais. O Artigo 35 oficializava a igualdade de direitos e deveres no casamento, incluindo as obrigações com filhos/as e com o trabalho doméstico, compreendendo a casa como espaço integral de formação das novas gerações. O Artigo 36 declarava a igualdade de direitos para todas as crianças, terminando com o conceito discriminatório de “bastardos”. O Artigo 40 determinava a igualdade de direitos e deveres entre todos os cidadãos. O Artigo 41 passava a proibir e punir qualquer tipo de discriminação de raça, cor, sexo e nacionalidade. O Artigo 43 declarava a igualdade de direitos para as mulheres na esfera econômica, política, social e familiar, garantida através da incorporação adequada no trabalho remunerado, direitos de maternidade, e acesso a instituições de redistribuição do trabalho doméstico e de cuidados, “criando todas as condições para garantir o princípio da igualdade”<sup>736</sup>. O Artigo 135 definia o voto como um direito de homens e mulheres acima de 16 anos. E o Artigo 136 considerava homens e mulheres como possíveis para serem eleitos.

Na segunda metade da década, o acesso das mulheres aos postos de poder passou a ser uma questão relevante para Randall, ocupando o centro de seu olhar para o feminismo latino-

---

735 I Congreso del PCC: *Tesis y Resoluciones. Sobre el pleno ejercicio de la igualdad de la mujer*, 1975, s/p.

736 “creating all the conditions which propitiate this principle of equality” RANDALL, Margaret. *Women in Cuba ten years later*. Nova York: Smyrna Press, 1981, p.45 Tradução nossa

americano e, posteriormente considerado por ela como a “grande falha” dos projetos revolucionários da segunda metade do século XX, superando sua visão centrada na inserção no trabalho produtivo. Sobre essa exclusão feminina da política e desses espaços de poder, que deveria ser derrotada para a consolidação de uma igualdade real e de sujeição da mentalidade sexista e machista imperante, mostrou os seguintes dados: em Matanzas, que entre 1973 e 1974 foi território piloto para o sistema de governo do *Poder Popular*, apenas 3% das delegadas eleitas localmente eram mulheres, número que subiu para 25% em 1978, representando os 30% de trabalhadoras assalariadas; em 1974, eram apenas 6% das pessoas profissionalizadas para atuarem politicamente pelo PCC, além de minoria absoluta entre os números totais de membro do partido, realidade que não considerou transformada até o fim da década; em 1979 as mulheres ocupavam 37% dos postos de liderança em nível local nos sindicatos, proporção maior do que a de mulheres nos postos de trabalho, contudo, nos mais altos níveis da direção nacional, estavam ausentes, como na direção da Central de Trabajadores Cubanos (CTC) eleita em 1978, em que passaram a ser apenas 8% da diretoria da organização.

O resultado dos avanços que Randall destacou terem acontecido na realidade das mulheres cubanas entre 1970-1972 – período em que realizou as entrevistas para *La mujer cubana ahora* – e 1974, se deu, segundo ela, devido a combinação de três fatores: a nova legislação, feita com participação popular; as intensas campanhas ideológicas; e a interação entre os líderes e as massas. Reivindicava como no discurso de Fidel no XII Congresso de Trabajadores em 1973, que na sociedade socialista as mulheres não era mais propriedade de seus maridos, não eram mais um objeto na casa. A FMC desempenhou um papel importante na inclusão das mulheres no mercado de trabalho e para sua formação. Mas, nos anos 1960, com alto nível de desemprego que assolava o país, o foco foi o incentivo para que as donas de casa se somassem no trabalho voluntário, para que desenvolvessem disciplina e hábito com trabalho fora de casa, além do investimento na formação profissional e ideológica. A partir de 1974, a prioridade se tornou a inclusão das mulheres no trabalho assalariado, junto com uma formação técnica mais avançada. Nesse contexto de mudança, havia uma distância entre as questões econômica e ideológica, que fortaleceria a “dupla moral sexual”, a não ser que houvesse um constante avanço na consciência.

Já em 1980, Randall identificou uma mudança profunda na mentalidade das mulheres sobre seu papel na sociedade, diferente daquela expressa por elas no início da década de 1970, em que se diziam orgulhosas de seu “duplo papel”, que as colocava em condição de “mais revolucionárias” que os homens, pelas condições as quais estavam submetidas para manterem



sua contribuição na construção da “nova sociedade”, enquanto essa sociedade socialista não alcançava a coletivização do trabalho doméstico. Apesar das contradições, o significado da liberdade e de como alcançá-la estavam bem definidas, reforçando, ainda mais, a diferença de significado do termo “libertação das mulheres” nos Estados Unidos e em Cuba.

Na primeira parte do capítulo, buscamos compreender as transformações empreendidas na vida das mulheres a partir das diferentes formas em que elas se inseriram no processo revolucionário desde o período insurrecional. Além disso, indicamos o papel que o discurso de Fidel Castro teve para assegurar social e politicamente esta integração e o compromisso com a transformação na condição de vida das mulheres, assim como para superação dos tradicionais papéis de gênero. Outras duas questões aparecem recorrentemente nos testemunhos organizados por Randall, como fundamentais para reorganização da sociedade, para o surgimento da “mulher nova” e do “homem novo”, foram elas: o acesso à educação e a integração no trabalho produtivo remunerado. Para isto, Randall destacou o lugar designado a elas cultural, social e economicamente na sociedade capitalista anterior à revolução, marcado pela prostituição, pela miséria e pelo analfabetismo.

As escolas para “superación doméstica” coordenadas por Elena Gil foram criadas em Cuba em fins de 1960, funcionando até 1967, “encomendadas pelo Ministro da FMC”, Fidel Castro. Foram as primeiras experiências de educação empreendidas pela revolução, considerando o processo de preparação das professoras. Segundo Elena Gil, “Bajo la orientación del compañero Fidel de combinar desde el inicio el estudio con el trabajo, las alumnas de la Escuela de Instructoras ‘Conrado Benítez’, tenían ocupadas las tres sesiones del día [...]”<sup>737</sup>. Mais uma vez, Fidel foi retomado como aquele que orientava e definia os caminhos das ações da FMC, não eram as mulheres que deliberavam sobre as prioridades para superação de sua subordinação:

Este plan surgió de la preocupación del compañero Fidel y del gobierno revolucionario por incorporar masivamente a la Revolución a las capas más humildes de nuestra población. Entre éstas, las mujeres que se dedicaban al servicio doméstico y las muchachas campesinas, por sus características, representaban dos de los sectores más atrasados y sometidos a la influencia ideológica y a los intereses de la burguesía. De ahí que, junto con la campaña de alfabetización, el compañero Fidel decidiera que se crearan escuelas especiales para las domésticas y las campesinas, con el doble objetivo de elevar su nivel cultural y a la vez liberarlas de aquella influencia burguesa mediante el estudio de las realidades sociales que habían determinado su servidumbre

---

737 Ibidem, p. 188.

y de los principios ideológicos de nuestra Revolución que abrían ante ellas el camino hacia una nueva vida.<sup>738</sup>

Segundo Gil, no auge das escolas chegaram a ter noventa unidades funcionando, com cerca de dez mil alunas matriculadas. Dentre os objetivos principais, além da superação da influência burguesa e da formação político-cultural, que as libertaria da submissão, estava a busca pela profissionalização das trabalhadoras domésticas. Grande parte das mulheres que trabalhavam de maneira remunerada antes de 1959, estavam inseridas no trabalho doméstico, considerado como um trabalho degradante, porque mal remunerado e com condições abusivas, visto como uma forma de “escravidão doméstica”. Por isso, com as escolas de formação poderiam ocupar outros postos de trabalho. Na formação, elas faziam a discussão a respeito da exploração à qual estavam submetidas enquanto “grupo social”, submetidas aos trabalhos de cuidados, o que era visto desde a luta de classes. Por isso a libertação das mulheres dessa condição era entendida como parte central para a superação da sociedade burguesa e capitalista, conforme indicou Randall: “Uno de los primeros ejemplos realmente concretos de la lucha de clases en la recién triunfante revolución, fue la batalla librada por veinte mil sirvientas, cuando demandaron súbitamente su derecho a abandonar las casas de sus ‘amas’ todas las noches, a las 8, para asistir a estas escuelas.”<sup>739</sup>

Josefa Oliva, ex-empregada doméstica cujo testemunho encontra-se registrado em *La mujer cubana ahora* (1972), ao falar sobre sua trajetória de vida, recordou que teve a oportunidade excepcional de iniciar os estudos. Contudo, essa oportunidade não foi suficiente para lhe garantir uma outra vida, visto que, já na infância, foi trabalhar como doméstica, obrigada a se mudar para a casa da família a quem servia em troca de uma parca remuneração, realidade que viveu desde os oito anos de idade. Após a revolução, permaneceu por um tempo trabalhando para essa família, até que saíram do país. Oliva afirmou que mesmo trabalhando para uma família de contrarrevolucionários, pode perceber que a relação entre patrão e empregada tinha se transformado no novo contexto nacional. Já não sentia medo, se sentia social e politicamente empoderada, em condições de se rebelar contra as injustiças que passou identificar a medida em que foi adquirindo consciência revolucionária.

Segundo Randall, essas domésticas “libertadas” passaram por formação política com objetivo de que adquirissem consciência revolucionária, mas também para que tivessem

---

<sup>738</sup> Ibidem, p. 187.

<sup>739</sup> RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p.99

instrumentos suficientes para resistirem ao discurso contrarrevolucionário de seus patrões. Especialmente se considerarmos que eram as classes altas de Cuba que tinham empregadas domésticas, uma elite que em grande parte fazia parte daqueles/as que se beneficiavam das relações imperialistas e, por isso, muitos não eram apoiadores da revolução. Mais do que isso, essas mulheres se integraram como combatentes revolucionárias na contrarrevolução, travando batalhas dentro das casas onde viviam e trabalhavam ao fazerem a disputa ideológica e das mentalidades. Junto com as aulas técnicas, de profissionalização, elas eram alfabetizadas, aprendiam sobre a política revolucionária, a participação nas milícias e outras questões consideradas imprescindíveis. Chegaram, segundo Clementina Serra, a ajudar na identificação de infiltrados nos arredores das escolas, na região próxima de *Playa Girón*. Para aquelas que optaram por permanecer no trabalho doméstico, nas casas particulares ou como camareiras, o Estado adotou uma política de valorização do salário, reconhecendo a relevância da função que desempenhavam. Para Randall, essas políticas significaram que “*masas de mujeres pasaron a ser socialmente útiles, y a constituirse en seres humanos respetados.*”<sup>740</sup> Esse sentimento, de se tornar “ser humano”, foi recorrente nas vozes das mulheres registradas por Randall, extrapolando o entendimento das domésticas sobre o impacto da revolução em suas vidas.

Nas escolas de *superación doméstica* foram alfabetizadas, formadas costureiras, cozinheiras, professoras e cuidadoras para os *círculos infantiles*. Os *círculos infantiles* consistiam em uma iniciativa estatal de responsabilização pelo cuidado e educação das crianças, retirando parte da sobrecarga materna e possibilitando que as mulheres ingressassem no trabalho produtivo. Segundo Clementina Serra, diretora nacional dos *círculos*, estes se diferenciavam das creches, na época vistas como instituições de caridade e não como mecanismo de garantia de direitos para as crianças e as mães. Comparando essa iniciativa com o modelo capitalista, Randall afirmou que as creches cubanas, anteriores à 1959, não se comprometiam com a educação de todas as crianças, concentrando os trabalhos com os cuidados básicos. Além disso, a creche não era uma política de direito universal, mas voltado para crianças indicadas, maiores de um ano. Os *círculos infantiles* também tinham como objetivo, formar o “homem novo” e a “mulher nova”, capazes de construir a “nova sociedade”, “*el niño para la nueva sociedad; los niños que van a substituir a los actuales trabajadores.*”<sup>741</sup>

---

740 Ibidem, p. 100.

741 Clementina Serra *apud* RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p.219

Para atuar nos *círculos*, priorizavam a formação das trabalhadoras domésticas, iniciativa que, segundo Randall, partiu do *comandante*, que, mais uma vez, orientava o sentido da política empreendida pelas mulheres: “Fidel insistió en que nadie merecía más el honor de cuidar de los hijos de los trabajadores que las propias trabajadoras, las mujeres que se habían pasado la vida cuidando a los niños de la burguesía.”<sup>742</sup> Clementina Serra, ao falar sobre a construção das escolas para as domésticas, afirmou que muitas chegaram aos *círculos infantiles* para assumir seus postos de trabalho como analfabetas, apesar de muito entusiasmadas, com muita disposição. Por isso, criaram uma escola de formação para as diretoras e assistentes em 1961, “las primeras escuelas de becados que tuvo Cuba”<sup>743</sup>.

Nos *círculos* as crianças eram educadas em uma vida coletiva, para se preocuparem com questões como a diversidade racial, de gênero e classe, aprendendo naturalmente a compartilhar a vida com pessoas diferentes de si. Ali forjaram um sentimento de comunidade em contraposição ao que identificavam como a cultura individualista do capitalismo, em vias de ser superada através da construção da “nova sociedade”. Aprendiam também sobre o valor do trabalho, entendido como fundamental para formação de sujeitos socialmente úteis, que fossem capazes de cuidar de si e da sociedade com disciplina. Esta “proletarização das crianças” foi vista por Randall como estratégia para a desconstrução dos “papéis opressivos dos sexos”, formando crianças preparadas para todos os setores do trabalho produtivo e voluntário, sem diferença de gênero – apesar de não citar que simulavam o trabalho doméstico. Através de atividades lúdicas e educativas as crianças desenvolviam habilidades úteis ao trabalho, rompendo com o costume das meninas brincarem de “casinha” e “boneca” enquanto os meninos tinham todo um conjunto de brincadeiras a disposição. Também eram educados na história nacional daqueles e daquelas que deram a vida pela liberdade de Cuba, desde a luta contra a colonização espanhola, construindo uma memória histórica comprometida com os ideais da revolução. Assim, formavam sujeitos para o trabalho, para a política, com funções e utilidades sociais.

Outra categoria de trabalhadoras que recebeu atenção prioritária do governo revolucionário, foram as prostitutas. Ao lado das domésticas, era a categoria feminina vista como submetida ao mais alto grau de opressão. Uma exploração que partia do princípio da objetificação e privatização dos corpos das mulheres, algo incompatível com a “nova sociedade”

---

742 RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p.99

743 Ibidem, p. 218.

e com a nova moral atribuída ao “homem novo” e a “mulher nova”. O alto índice de prostituição em Cuba evidenciava a extensão da exploração capitalista sob os corpos e a vida das mulheres, empreendida pelos estadunidenses, sendo algo marcado na história do país, conhecido como o *burdel del Caribe* ou *burdel norteamericano*<sup>744</sup>. Como teorizou Inmaculada Álvarez: “el Caribe y Cuba como *locus* de placer y desinhibición sexual, el mito de lo mulato biologicamente más sensual, el patriarcalismo, la masculinización y la homofobia social han sido y son claves identitarias que se han configurado como valores nacionales de lo caribeño”<sup>745</sup>. Para Joseba Macías, as prostitutas eram “[...] consideradas como una herencia de la cultura prerrevolucionaria a las que había que integrar en la nueva sociedad mediante tareas de apoyo educacional y laboral”. Para a superação dessa realidade, Randall considerou que a revolução teve um grande impacto sobre as vidas das mulheres prostituídas ou que se prostituíam, ao criar políticas que lhes deram oportunidades de formação e trabalho, além de transformar a imagem que a sociedade, e elas mesmas, tinham de si<sup>746</sup>.

Essas iniciativas se contrapunham ao turismo sexual e à indústria da prostituição fortalecida pelo imperialismo durante o governo de Batista. A revolução transformou tal prática em crime e procurou fornecer condições para que as cubanas saíssem dessa situação, objetivo alcançado e mantido durante um longo período na ilha<sup>747</sup>. Essa realidade não se deu apenas pelos interesses estadunidense com lucro e turismo, mas também se originava da miséria à qual a população cubana esteve submetida no período anterior ao triunfo da revolução, o que atingia de maneira destacada as mulheres, que se viam obrigadas a alimentar seus filhos/as. Para Lidia, entrevistada por Randall em *La mujer cubana ahora* (1972): “Una mujer que solía vender su cuerpo para dar de comer a sus hijos y que ahora es maestra, enfermera o secretaria, o siembra

---

744 ELIZALDE, Rosa Miriam. *Flores desechables ¿Prostitución en Cuba?* La Habana: Abril, 1996. VER: ALCÁZAR CAMPOS, Ana. “Jineterismo”: ¿turismo sexual o uso táctico del sexo?. *Revista de Antropología Social*. Vol.19, 2010, p. 307-336. Disponível em: < <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=83817227013>> Acesso: 06/04/2025. OLMO, Rosa del. La revolución cubana y la lucha contra La Prostitución. *Derecho penal y Criminología*. Vol.2, No.5, Colombia: Ediciones Librería del Porfesionel, 1979, p. 39-50. GARCÍA PÉREZ, Gladys Marel. *Mujer y Revolución: Una perspectiva desde la insurgencia cubana (1952-1959)*. Ruth, *Cuadernos de Pensamiento Crítico*. No 3. 2009. p. 51-76.

745 ÁLVAREZ, Inmaculada. E discurso sexual como valor de identidad nacional de lo cubano. *Revista de Humanidades*, Monterrey, n. 14, 2003, p. 13-14.

746 MACÍAS AMORES, Joseba. Revolución Cubana: Mujer, Género y Sociedad Civil. *Revista Viento Sur*, 2011, p. 10. Disponível em: < <https://vientosur.info/documentos/Cuba%20%20Joseba.pdf>> Acesso: 06/04/2025.

747 Especialmente a partir da década de 1990, no período de crise econômica chamado de “Período Especial em Tempos de Paz” a prostituição voltou a ser uma questão mais latente na sociedade cubana, após um longo período erradicado.

caña o trabaja en una librería. No sería exagerado decir que para la mujer que era prostituta, 1959 significó el cambio más dramático de todos.”<sup>748</sup>

Randall dedicou o capítulo *El cambio más grande: las que eran prostitutas* de seu livro de testemunho *La mujer cubana ahora* (1972) para a trajetória de vida dessas mulheres, buscando identificar o motivo que as levou a prostituição, como eram suas vidas sob esse sistema de exploração e qual o impacto direto da revolução em suas vidas. Mirna, uma das vozes do referido capítulo, era diretora de uma escola de formação política e profissional que tinha como objetivo específico a reabilitação dessas mulheres. Ela afirmou que havia um esforço para incorporá-las na revolução, integrando-as a centros de trabalho, a fim de transformar o significado de suas vidas. Foi o caso de Alicia, uma das ex-prostitutas entrevistada por Randall, que se tornou presidenta do CDR de seu quarteirão, obtendo uma integração política e social plena onde vivia e nas tarefas políticas para as quais a revolução demandava a participação popular e o trabalho voluntário.

Em seu depoimento Alicia recuperou suas origens de uma dura vida na zona rural, onde não teve acesso à educação e era explorada como lavadeira, ao lado de sua mãe e de sua irmã. Essa realidade servia como expressão do destino reservado às mulheres camponesas de diferentes gerações ao longo da primeira metade do século XX. Do mesmo modo, como era o destino comum das cubanas, se casou aos quinze anos e logo se tornou mãe, trocando o trabalho de lavadeira pelo de carvoeira, que desempenhava ao lado do marido. Em um trabalho e casamento ruim se separou, deixou seus filhos com seus pais e se mudou para cidade para trabalhar como doméstica, onde permaneceu em uma relação de trabalho exploratória. Percebemos que sua vida fora atravessada pelo abuso de sua força de trabalho e pelas relações de gênero, questões marcadas em seus empregos, no casamento e na maternidade. Nesse contexto, Alicia era quem se responsabilizava pela sobrevivência de seus filhos e de sua mãe, o que seu trabalho não lhe permitia garantir com dignidade. Por isso a prostituição foi vista por ela como uma última saída, após tentativas em empregos vários.

Aos vinte e dois anos, Alicia passou a se prostituir, profissão da qual se envergonhava e pela qual era socialmente julgada e condenada. Mesmo propiciando uma melhora na situação econômica de vida, continuou submetida a um trabalho exploratório. De maneira a percebermos a complexidade da situação das mulheres, era comum que essas casas de prostituição tivessem

---

748 RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p.327

“dona” que lucrava com a venda de seus corpos, sendo elas mesmas agentes de tal prática e privatização dos corpos femininos. Ao descrever a mudança que houve em sua vida após 1959, Alicia afirmou que, com a revolução, teve a oportunidade de estudar e ter um trabalho digno com o qual passou a ter condições de sustentar seus filhos. Fez as aulas de *superación*, aprendendo sobre corte e costura, corte de cabelo, mecanografia. Além disso, nesses cursos ensinavam sobre disciplina, política, e preparação para o combate, o que levou Alicia a se integrar à *Milicia*. Quando foi entrevistada ela trabalhava em uma livraria, era sindicalizada e brigadista voluntária, havia participado de ações de defesa armada e dizia se sentir preparada para contribuir com armas em punho, estava disposta a dar a vida pela revolução. Como sua realidade anterior estava vinculada a maternidade e a obrigação em garantir a sobrevivência dos/as filhos/as, sua disposição revolucionária também se relacionava com a maternidade, com a construção de outro mundo para seus/as descendentes: “Porque, mi’já, yo no quiero que mis hijas vayan a vivir lo que yo viví, y hay que luchar para defender lo que tenemos. Y si lo dejamos caer, seguro que estos que están saliendo van a vivir todavía más mal de lo que vivimos nosotros”<sup>749</sup>.

Alicia reforçou que a mudança radical que a revolução causou em sua vida não era algo individual, mas representava transformações coletivas. Sua trajetória refletia um processo que atingia as mulheres cubanas, era visível as modificações no comportamento e oportunidades das novas gerações. A trajetória de María, originária da zona rural, também foi marcada pela prostituição forçada, situação com a qual conseguiu romper apenas com a vitória da revolução em 1959. Ela considerava que a estrutura do capitalismo facilitou para que fosse mantida naquela condição de exploração, pela qual ela responsabilizava o governo de Batista. Quando questionada por Randall sob a origem dessa sua consciência, ao mesmo tempo em que afirmava desconhecer a luta insurrecional antes de 1959, afirmou tê-la adquirido a partir das mudanças concretas em sua realidade, ao ter tido oportunidades de trabalho que não foram limitadas pelo seu passado de prostituição. Para ela, a construção da “nova sociedade” de fato tinha um significado, o que lhe dava ânimo para contribuir com a luta:

Eso me hizo reaccionar: ver que estábamos viviendo más libres; que tenemos más derechos a todo; que tenemos más tranquilidad, y que yo me podía juntar con gente decente como estamos ahora aquí. [...] Tiene que haber otra relación de vida... otra

---

749 Lidia *apud* RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p.340-341

sociedad. Tiene que haber otra cosa... [...] ¡Vaya, estoy vieja por la edad, pero me siento en alma nueva pa'luchar!<sup>750</sup>

Além das políticas voltadas às trabalhadoras domésticas e prostitutas, o governo revolucionário buscou, no geral, regulamentar e assegurar os direitos das mulheres trabalhadoras, através de algumas iniciativas como: *Ley de Maternidad* (1974), *Código de la familia* (1975), *Constitución de la República* (1976), *Ley de Protección e Higiene del Trabajo* (1977), *Ley de Seguridad Social* (1979), *Código Penal* (1979). Além de políticas públicas que já abordamos, como os *círculos infantiles*. Essa integração gerou desconforto nos homens, visto que o machismo, que orientava as relações sociais, não tinha sido superado. Para Mariana Ravenet, Niurka Pérez Rojas e Marta Toledo:

La década del 60 se caracterizó por una expansión del empleo tal que desapareció en 1964 el fondo de desempleados existente años antes (que alcanzaba el 16,4% de la fuerza de trabajo masculina) y por el inicio de la incorporación de la mujer al trabajo asalariado. Como la economía del país no estaba suficientemente desarrollada, no se podía ofrecer beneficios que aliviaran el trabajo de la mujer en el hogar, ni se habían obtenido grandes avances en la educación y capacidad técnica de la población; por tanto, los puestos de trabajo para las mujeres eran “livianos” para no agotar sus fuerzas según la tradición.<sup>751</sup>

Essa situação fez com que muitas mulheres, apesar de trabalharem no setor produtivo remunerado e no trabalho voluntário, se mantivessem como responsáveis pelo trabalho doméstico e de cuidados, submetidas a uma dupla/tripla jornada de trabalho, em que havia, segundo Randall

[...] compañeras que se sacrifican en una forma increíble y el hombre además todavía no ha entendido que la mujer ha cambiado; entonces el hombre se siente ‘el hombre de la casa’ y cuando llega tiene que estar todo listo y la mujer tiene que estarlo esperando y en ese sentido sí ha sido duro”.<sup>752</sup>

A esse respeito, o sociólogo Joseba Macías apresentou os seguintes dados:

En 1969 las trabajadoras representan ya un 17,7% del mercado laboral. En 1983 el número de mujeres en tareas productivas será de 1.098.600 trabajadoras (Ravenet-Pérez Rojas-Toledo, 1989: 27-28). Estamos hablando de un 59% del total de

---

750 María apud RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p.345-346; 348

751 Apud MACÍAS AMORES, Joseba. Revolución Cubana: Mujer, Género y Sociedad Civil. *Revista Viento Sur*, 2011, p. 11.

752 RANDALL, Margaret. Revolución: testimonios de mujer. *Santiago*. Revista de la Universidad de Oriente. N.4, Santiago de Cuba, Cuba, setembro 1971, p.108



ciudadanas cubanas entre 25 y 44 años frente al 20% de ese mismo segmento de edad que en el período prerrevolucionario trabajaba fuera de casa, mayoritariamente como domésticas (Fleites-Lear, 1996: 42).<sup>753</sup>

Essa inserção no processo produtivo, deve ser analisada a partir da diversidade das mulheres latino-americanas, afinal, não era para todas que a inserção no mercado produtivo era uma novidade. Muitas mulheres, especialmente das classes altas, eram impedidas de trabalhar, já as mulheres da classe trabalhadora recebiam salários mais baixos, o que expressava a desqualificação feminina em tarefas produtivas, situação que para Randall levou muitas a recorrer à prostituição<sup>754</sup>. Josefina, uma camponesa de 41 anos cuja trajetória foi registrada por Randall, casada e mãe, integrante da FMC e da MNR, trabalhadora de uma central açucareira, relatou que o trabalho sempre foi parte de sua vida. Desde os nove anos de idade, atuou primeiro como doméstica em casas particulares, depois foi obrigada a abandonar esse trabalho para cuidar de seus oito filhos e de sua casa. Para muitas cubanas, como as entrevistadas por Randall na região de Matanzas-Playa Girón, a região mais pobre do país, o trabalho era uma constante em suas vidas, o que tornou fácil a incorporação aos postos de trabalho após o triunfo revolucionário, diferentemente da realidade de grande parte das mulheres da capital<sup>755</sup>. Para muitas, foram os *círculos infantiles* que possibilitaram sua integração/reintegração ao trabalho produtivo, no caso de Josefina, dessa vez no engenho de açúcar. Para Berta, com vinte e nove anos, divorciada e mãe, trabalhadora intelectual da indústria do livro e militante UJC, o trabalho era uma necessidade econômica que fazia parte de sua realidade desde catorze anos, quando foi exposta a propostas que violavam sua integridade e sua condição de mulher, como ao ser convidada para atuar como fura-greve ou para se prostituir.

Como já demonstramos, nesse contexto de transição e superação, um dos mais importantes vínculos das mulheres com a revolução se dava através da maternidade: ao mesmo tempo que ser mãe e garantir o futuro dos filhos era uma motivação para construírem um mundo novo, seus filhos e filhas em si eram vistos como uma contribuição para a revolução, porque seriam o futuro “homem novo” e “mulher nova”. No entanto, conciliar os cuidados de bebês e crianças com o trabalho remunerado e a militância revolucionária se tornou um desafio. Por

---

753 MACÍAS AMORES, Joseba. Revolución Cubana: Mujer, Género y Sociedad Civil. *Revista Viento Sur*, 2011, p. 14.

754 Não encontramos dados oficiais e de censo que indiquem a diferença salarial entre homens e mulheres, mas essa afirmação é recorrente nas entrevistas analisadas, nos artigos de Randall e em outros textos, que não fornecem a referência para tal afirmação. Como é algo recorrente ainda atualmente na maioria dos países, consideramos uma afirmação coerente com os relatos sobre a vida das mulheres cubanas.

755 RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972

isso as mencionadas políticas voltadas para a redistribuição dos trabalhos de cuidado, que beneficiavam especialmente as mulheres, foram importantes. Foram uma forma do governo construir alternativas, permanentes e transitórias, para os desafios para uma real incorporação feminina e superação da desigualdade de gênero. Mas esse processo não se deu de uma hora para outra, o que levou as próprias mulheres a organizarem dinâmicas coletivas de compartilhamento desse trabalho de cuidados – como já observamos em alguns depoimentos.

Haydée Méndez, voluntária nas brigadas de corte de cana entrevistada por Randall, ao ser questionada sobre os cuidados de seus filhos para que se ocupasse de outras funções, relatou que era um costume antigo na zona rural que a criança mais velha da família, com sete ou oito anos, se responsabilizasse pelos/as crianças menores. Outra alternativa recorrente era deixar as filhas/os da vizinhança com uma mulher da comunidade, que assumia aquela função de maneira coletiva. Foi situação similar a narrada por Josefa Oliva, membro da brigada *Rosa la Bayamesa*. Tensionando as contradições dessa incorporação no espaço público do trabalho e da política, Oliva destacou que, quando voltava para sua casa, nos dias de descanso do trabalho voluntário na brigada, era sobrecarregada com o trabalho doméstico que não era realizado pelas outras pessoas que viviam ali. Essas experiências demonstram a dimensão da tripla jornada de trabalho das mulheres, e como esta realidade impunha percalços em sua plena incorporação na vida pública. Segundo ela Oliva, seu marido não assumia sua responsabilidade com a casa e exaltava a sobrecarga de trabalho feminino como algo positivo, por não interferir na dinâmica doméstica. Essa realidade expõe a dificuldade na superação do machismo na construção da “nova sociedade” e do “homem novo”, pois retifica um comportamento de responsabilização das mulheres pelo trabalho doméstico, reforçando a manutenção da divisão sexual do trabalho. Essas barreiras “invisíveis”<sup>756</sup> dificultavam a ascensão feminina em espaços de liderança e de maior remuneração, como foi abordado por Saffioti que, apesar de não usar esse termo, expôs as barreiras estruturais e simbólicas impostas às mulheres<sup>757</sup>.

Mesmo com essa realidade, ao considerar a importância da integração feminina no trabalho produtivo e político, Haydée Santamaría defendeu, em relato concedido à Randall, que no contexto revolucionário as mulheres tinham dado passos firmes rumo a sua libertação, justamente através da integração no trabalho e a conquista da independência econômica. Era através desses dois elementos que conquistariam a liberdade, inclusive nos relacionamentos

---

756 Também chamado de *Glass Ceiling* ou Teto de Vidro, conceito criado pela estadunidense Marilyn Loden, em 1978.

757 SAFFIOTI, Heleieth. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

românticos. Conforme sintetizou Santamaría, a vida da mulher antes da revolução era centrada no matrimônio, independente de sua classe, em alguns momentos motivados por herança ou necessidade de garantir a sobrevivência da filha.

Ao serem integradas no trabalho formal o pagamento de salários iguais foi visto como compromisso com a superação da desigualdade de gênero e como uma forma de reconhecimento das capacidades femininas. Buscavam expressar que o valor de cada sujeito não se encontrava em seu sexo, “no le paga por ser mujer, sino por la tarea que haga, porque si lo hace igual que el hombre le paga igual que al hombre.”<sup>758</sup> Depois de resolvida a libertação econômica, acreditava que os desafios da revolução em relação as mulheres, estavam concentrados nas questões materiais, como a necessidade de ampliação dos *círculos infantiles*. Só assim elas seriam de fato liberadas, através da superação da divisão sexual do trabalho e da tripla jornada feminina, passo determinante junto com a necessidade de mudança nas crenças e costumes masculinos, em que deveriam alcançar a “comprensión completa del hombre”. Para Randall, essas políticas incluíam a coletivização da família, a superação do formato reacionário do núcleo familiar burguês.

Randall ressaltou como, no esforço de superar o subdesenvolvimento, residia o desafio da redistribuição do trabalho, que demandava elevar a consciência e compreensão masculina a respeito da nova realidade. Muitos se sentiam ameaçados pelas mulheres, como se elas fossem substituí-los nos postos de trabalho. Contudo, Randall observou que na realidade eles estavam assumindo outras funções na sociedade, enquanto as mulheres se encarregavam de trabalhos menos valorizados. Essa realidade foi vista de maneira crítica por ambos os lados: os homens perdiam espaço em um trabalho que já realizavam; as mulheres substituíam os homens em trabalhos considerados inferiores, para que eles assumissem postos de maior destaque e importância.

Algumas operárias entrevistadas pela estadunidense assumiram o trabalho nas fábricas, antes ocupado por companheiros que foram destacados de maneira permanente para o corte de cana. Este trabalho fabril, antes considerado masculino, por exigir força física, era uma novidade para a maioria das mulheres. Assumi-lo era também uma questão de consciência, de compreender suas capacidades, de assumir tarefas na revolução. No relato dessas operárias foi recorrente a forma como a integração no trabalho pesado da fábrica provocou mudanças

---

758 Haydée Santamaría *apud* RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p.392

profundas, individuais e coletivas. Alterou concepções de padrões de beleza, pois as mãos grossas de trabalho se tornaram um símbolo de beleza, da mulher trabalhadora revolucionária, da operária comunista, da “mulher nova”, o que confrontava velhos padrões de feminilidade baseados no consumo e na imagem. Esse processo se deu envolto em contradições, em que muitas pessoas tiveram dificuldades em romper com a tradição e o avanço não se dava de forma linear e homogênea, por isso apostavam na formação das crianças e jovens, uma aposta nas novas gerações. A centralidade e preocupação com as crianças foi central na Revolução Cubana, orientação recorrentemente expressa nas orientações de Fidel Castro a respeito do caminho revolucionário.

Dentre as brigadistas da *Columna Juvenil del Centenario*, Elena Calderín tinha 25 anos e chefiava um pelotão de 11 mulheres voluntárias, parte das duzentas integrantes da *columna*. Em sua percepção, essa participação feminina massiva resultava do ganho de consciência das mulheres, que as incutiu de um sentimento de responsabilidade, da necessidade de contribuir com o desenvolvimento do povo. Ela relatou ter sido mobilizada como brigadista em seu centro de trabalho, em uma fábrica têxtil, e pela *Juventud*, organização da qual fazia parte e com a qual ajudou a mobilizar mais jovens voluntários/as. Apesar de estudante, ela trabalhava desde os sete anos de idade, realidade de exploração que despertou o seu interesse pela militância. A partir de sua vivência, defendia que a mulher podia desempenhar qualquer função. Dentre esses trabalhos considerados masculinos, mencionou a de tratorista, algo que ela fazia na brigada. Uma das mudanças geracionais que observou com o processo revolucionário, ao comparar sua vida com a de sua mãe, foi um avanço na superação da desigualdade de gênero com a inclusão das mulheres em diversos tipos de trabalho que anteriormente não desempenhava, o que ela considerava como resultante de uma outra época e da formação desde a infância. A esse respeito, observamos que Calderín deveria ter por volta de treze anos quando da vitória de janeiro de 1959, o que fez com que boa parte de sua formação tenha ocorrido ao longo da revolução e dos novos desafios assumidos pelo processo, ao menos no que dizia respeito a novas formas de educar no que concernia aos papéis de gênero.

Um dos parâmetros das jovens, a respeito de sua condição de vida, era justamente a vida que a mãe viveu, as oportunidades que tiveram. Nesse sentido, o fato de as mulheres serem a maioria da população cubana analfabeta, levou Calderín a dar destaque ao fato de ter sido alfabetizada como elemento central para sua mudança de atitude e para seu processo de superação dos limites de gênero. Mas, apesar dos avanços apresentados por ela, algumas experiências narradas em *La mujer cubana ahora* expôs as contradições presentes no discurso

do trabalho separado por capacidades físicas. Isabel Rielo, por exemplo, uma mulher originária da zona rural oriental de Cuba, destacou que onde vivia, no campo, as mulheres já trabalhavam na terra igual aos homens, apesar de muitas vezes não serem devidamente remuneradas por isso. Ao mesmo tempo, voluntárias nas plantações afirmara que antes da revolução eram confinadas ao espaço doméstico, “esclavas de sus pobres viviendas y sus muchos hijos”<sup>759</sup>. Com a revolução puderam se integrar formalmente às lavouras, sentindo-se pertencentes à revolução, como sujeitas ativas que contribuíam para construção do país, mesmo que atuando com “seus maridos”, vinculadas ao homem para o exercício do trabalho fora do lar.

A trajetória de Rielo foi apresentada por Randall como uma exceção por ter tido acesso à educação formal e a formação universitária antes da revolução, período marcado pela exclusão das mulheres desses espaços. Ela cursou farmácia e a vida universitária que possibilitou seu ingresso no movimento estudantil, integrando as lutas anti-Batista, ao longo de seu governo autoritário (1952-1959). Quando foi entrevistada por Randall, ao refletir sobre a realidade das mulheres cubanas no pós-revolução, mencionou a permanência da “dupla jornada de trabalho”. Contudo, não via a questão como um “problema”. Para Rielo, o trabalho doméstico reforçava a importância das mulheres, era o que tornavam imprescindíveis para seus maridos e filhos/as, reproduzindo a expectativa da boa esposa e mãe. Ela explicou a mudança no papel da mulher não como uma mudança nas funções, mas no ideal de vida, que tinha deixado de ser a “conquista romântica” do homem, para se tornar a “conquista da transformação social”: “[...] la única función con la cual la mujer se sentía plenamente satisfecha y luchaba antes, era por hacer una conquista como mujer, pero no una conquista para sociedad. Ahora hacemos una conquista para la sociedad.”<sup>760</sup>

Para Rielo, o reconhecimento das capacidades femininas estava em curso na cuba revolucionária. O fato de ter dirigido uma unidade militar masculina por quatro anos era, para ela, resultado desse avanço. Mas para que não fosse um caso isolado de sucesso feminino, buscou identificar as diferenças entre os gêneros que, em sua visão, não devia ser compreendido a partir da questão física, mas sim a falta de acesso à educação. Para ela, à medida que a revolução avançava a força física diminuía sua importância, acreditando que a demanda do trabalho braçal seria prontamente substituída pela necessidade de pessoas com técnica e conhecimentos em outras áreas: “Entonces en eso sí que no podemos decir que la mujer es más

---

759 RANDALL, Margaret. Revolución: testimonios de mujer. *Santiago*. Revista de la Universidad de Oriente. N.4, Santiago de Cuba, Cuba, setembro 1971, p.127

760 Ibidem, p. 126.

incapaz, porque ella ido al cosmos, la mujer maneja un equipo de precisión, la mujer es profesional...”<sup>761</sup>

Ana foi uma das mulheres entrevistadas por Randall em *La mujer cubana ahora*. Sem sobrenome, podemos interpretar que cumpriu parte do objetivo da estadunidense em compreender o todo a partir de experiências de mulheres comuns, anônimas. Ela era enfermeira, tinha de 35 anos, era membro do PCC e de origem trabalhadora-camponesa. Sobre sua experiência universitária relatou sua dificuldade em ingressar na universidade de enfermagem, em 1949, antes do triunfo revolucionário. Dentre os empecilhos, identificou aqueles relacionados a estereótipos de gênero e raça, presentes no fato de não ser branca e de ser uma mulher gorda. Além disso, não era da elite cubana, faltando contatos que a indicassem para uma vaga no curso de enfermagem. Divergindo dos costumes, relatou que seu ímpeto de estudar originou-se em sua mãe, uma mulher divorciada que incutiu em sua filha o sonho com uma outra vida, em que a educação fazia parte do caminho alternativo. Para Olga, também não tinha sido fácil o ingresso ao ensino superior, mesmo tendo se dado já no contexto do governo revolucionário. Segundo ela, no início elas eram poucas na escola de medicina, devido ao “sistema social” e a mentalidade imperante na época. Contudo, no momento em que foi entrevistada, alguns anos depois, afirmou que a mudança que a revolução havia proporcionado foi tão grande, que as mulheres tinham passado a ser maioria das matriculadas no curso, mesmo o “problema social” não tendo sido totalmente erradicado.

Isabel Rielo, Ana e Olga contribuem para que possamos identificar alguns avanços e desafios ainda postos para a revolução no que dizia respeito a integração na educação formal e profissional, assim como na superação dos estereótipos de gênero que rondavam o ambiente escolar, universitário, das profissões e, conseqüentemente, do trabalho remunerado: “Todavía queda aquello de que la mujer no se debe dedicar a ciertas tareas; pero sí se há erradicado en gran parte. Pero si hubiera otro tipo de condiciones habría más mujeres incorporadas a las tareas.”<sup>762</sup> Dentre as demandas pendentes, era preciso avançar nas estruturas materiais que possibilitassem a integração social, política e econômica das mulheres. Além disso, era necessário um maior compromisso dos homens com essas mudanças, visto que muitos se

---

<sup>761</sup>RANDALL; Margaret. *No se puede hacer la revolución sin nosotras*. Havana: Casa de las Américas, 1978, p.119

<sup>762</sup>RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p.140

incomodavam e buscavam frear a incorporação feminina: “la mentalidade de la mujer há evolucionado más que la del hombre en ese aspecto”, afirmou Randall<sup>763</sup>.

No campo a realidade histórica era outra. Ao descrever o cenário de uma década de governo revolucionário, Margaret Randall usou uma linguagem poética para a paisagem do interior do país, enquanto buscava se encontrar com mulheres rurais. Em um *outdoor* do governo que viu ao longo da estrada valorizava-se o trabalho das mulheres na safra do café, eram convocadas a se somarem ao trabalho voluntário nas plantações de tabaco; caminhões de trabalhadores cruzavam seu caminho com presença significativa de mulheres. Assim, criava um cenário de integração feminina a partir de sua percepção individual, de seu discurso, de imagens contidas nas propagandas, construindo uma narrativa que partia de seu compromisso com o processo em curso.

Na zona rural, Randall registrou o diálogo que teve com Nieves Alemania, diretora da escola regional de trabalho e estudo *Tamara Bunke*, que visitou junto com Olivia Milanés e Yamila Gómez, membros da direção da FMC. A escola *Tamara Bunke* era de educação formal e de trabalho agrícola, voltada apenas para mulheres, advindas de diferentes origens do país, em sua maioria do campo, com idades e estado civil diversos. Nesse local, elas também desenvolviam atividades políticas práticas, como a atuação nas centrais açucareiras, visando a incorporação de mais mulheres aos postos de trabalho, ou visitando as casas do povoado para mapear a situação em que a população local vivia, buscando convencer mais mulheres a se incorporarem ao trabalho agrícola. Randall conduziu a entrevista para uma discussão a respeito das capacidades femininas de realização de trabalho agrícola, reconhecendo “[...] el papel de la escuela en la transformación de la mujer cubana del campo.”<sup>764</sup>

Sobre a integração feminina nas lavouras, como era um trabalho que exigia esforço físico e que, por isso durante muito tempo limitado às mulheres, justificavam sua participação também ao se apropriarem do senso comum, ou seja, ao considerarem que a participação feminina era um estímulo aos homens – discurso similar ao usado nas guerrilhas, como vimos. Acreditavam que o trabalho feminino ameaçava a masculinidade, fazendo com que os homens trabalhassem mais, a fim de superá-las. A esse respeito, Randall inferiu que: “[...] la presencia

---

763 Idem.

764 Ibidem, p. 151.

de la mujer es un estímulo, aunque no se trabaje y emule con ellos. Pero solamente el hecho de que la mujer trabaje, estimula la producción.”<sup>765</sup>

Randall criticou essa ideia de que as mulheres deveriam trabalhar para estimular os homens ou para que eles pudessem assumir postos considerados mais importantes, como de direção ou alto escalão. Ela defendia que o trabalho da mulher respondesse a necessidade da pátria, objetivasse sua própria realização, as reconhecessem como seres humanos em igualdade, com capacidades produtivas. Esse processo deveria ser entendido como parte do processo de libertação feminina, como “[...] parte de ese proletariado que tiene los médios de producción en sus manos.”<sup>766</sup> Nesse sentido, o trabalho produtivo configurava-se como o verdadeiro passo para a libertação, condição fundamental para a tomada da consciência verdadeiramente comunista, como afirmou Che Guevara ao colocar o trabalho no centro da construção do “homem novo”.

Para Yamila Gómez, dirigente da FMC que acompanhou Randall na visita a escola *Tamara Bunke*, era a “consciência comunista” que garantia a produtividade das mulheres no trabalho braçal do campo, tornando-as capazes de assumir funções pesadas anteriormente atribuídas aos homens. Ao questionar sobre o porquê desse trabalho político ter mais resultado entre as mulheres do que nos homens, Olivia Milanés, também dirigente da FMC, afirmou que esta constatação se devia ao fato dos homens tratarem o trabalho como uma obrigação, enquanto para as mulheres era uma forma de afirmar sua importância social, política e econômica:

Nunca se le había pedido que trabajara. Al contrario, que no trabajara, porque quitaba el puesto al hombre. Ahora sucede que la revolución pide a la mujer que trabaje, porque es determinante para economía que la mujer se integre al trabajo, y es ahí donde ella se siente importante: es nuevo, es decir, que se le despierta eso que tiene la mujer... porque estábamos en el rincón oscuro del hogar.<sup>767</sup>

Entre as mulheres da escola *Tamara Bunke*, em especial para Nieves Alemania, podemos perceber o embate recorrente a respeito da integração feminina no trabalho agrícola. No geral defendiam as capacidades das mulheres para este trabalho, tendo sido demonstrado que eram tão capazes quanto os homens, mesmo quando consideravam as mulheres como biologicamente inferiores. Algumas, como Olívia Milanés, apontaram a menstruação e a gravidez como responsáveis por uma menor condição feminina em realizar trabalho braçal, o

---

<sup>765</sup> Ibidem, p. 152.

<sup>766</sup> Ibidem, p. 157.

<sup>767</sup> Idem.



que reproduzia a justificativa para separação formal dos postos de trabalho contidos nos Artigos 47 e 48 do *Código del Trabajo*. Randall provocava uma reflexão nessas mulheres ao questionar se tal diferença não seria, na realidade, advinda de uma formação social, que desenvolveu habilidades físicas e de trabalho a partir de uma diferenciação de gênero. Em contrapartida a essa separação das capacidades físicas, elas afirmavam que intelectualmente homens e mulheres eram iguais e poderiam atuar da mesma forma em profissões que não demandavam força física.

A solução para esse problema, oferecida por Teresa Sachez, foi o uso de máquinas para o trabalho pesado e não as pessoas. Conquistariam, assim, a igualdade no mundo do trabalho. Sanchez defendia que as mulheres tinham condições de realizar quase todo trabalho realizado pelos homens, pois eram capazes de superar as diferenças biológicas e sociais, através de seu ímpeto, por seu compromisso revolucionário, “yo lo veo como un problema de formación. Considero que nosotros mismos no hacemos que los muchachos cojan el camino que tienen que tomar, porque nosotros mismos, casi que le torcemos un poco el camino con esas cosas...”<sup>768</sup> Utilizava-se assim desse processo de integração ao trabalho para fortalecer a contribuição das mulheres e ressaltar sua capacidade de sacrifício pela revolução.

As brigadistas da *millionaria Rosa la Bayamesa*, serviam como exemplo da capacidade feminina no trabalho agrícola após ganharem, em 1970, o reconhecimento da brigada mais produtiva de todo o país, homenageadas como “heroínas da safra” e convidadas a participar, ao lado de Fidel, das celebrações do *26 de Julio* daquele ano. As mulheres que se voluntariavam para o corte de cana na brigada *Rosa la Bayamesa* vinham de centros de trabalho variados, possuíam características físicas, idades e fenótipos diversos, e desenvolveram um forte senso de companheirismo, “[...] era ese sentido de camaradería que sólo puede emanar del trabajo.”<sup>769</sup> Ao serem homenageadas pela contribuição ao país, as mulheres da brigada *Rosa la Bayamesa* dedicaram a cana cortada “a todas las madres cubanas”. Elas relataram para Randall que muitos homens duvidaram de suas capacidades, porque consideravam esse um trabalho árduo e, portanto, masculino. Mas elas enfrentaram o senso comum e se sentiam realizadas com a contribuição que davam ao país e à revolução. Era no corte de cana que se sentiam capazes, rompiam com o estereótipo da mulher que servia apenas para lavar e passar. Afirmavam, assim, que serviam de exemplo para outras mulheres, demonstrando a capacidade feminina em

---

768 Teresa Sanchez *apud* RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p.372

769 RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p.180

[...] realizar otras tareas como la que estamos perfeccionando hace ya algunos años: nosotros hicimos y a la zafra del 70 y estamos de nuevo aquí. Hemos estado en la siembra de caña, guataqueo, abono y todo lo que sea trabajo de hombre, trabajo fuerte, que desconocíamos antes, y hemos podido vencer...”<sup>770</sup>

Para questionar a “divisão sexual do trabalho”, considerando capacidades físicas e intelectuais, Randall recuperou homens que não teriam condições de realizar uma série de atividades no campo, inclusive aquelas realizadas pelas camponesas. Assim tratava dos condicionamentos sociais vinculados as capacidades produtivas, colocando nas novas gerações a possibilidade de mudança:

Porque, por ejemplo, a nuestros hijos, y esto no sé cómo se aplica en el campo, pero pienso que, si a mis hijas les diera tanta oportunidad como a mi hijo, para desarrollase, lo mismo en el deporte que en las cosas físicas, pienso, repito, que cuando crecieran tendrían absolutamente la misma musculatura, la misma capacidad para ejecutar un trabajo físico...”<sup>771</sup>

No capítulo 1973: *la mujer en las microbrigadas*, parte do livro *No se puede hacer la revolución sin nosotras* (1978), Randall destacou outra atividade na qual as mulheres eram historicamente excluídas e que, com a revolução, passaram a ter uma expressiva participação: a construção civil. Segundo ela, dos 2700 trabalhadores na construção do bairro de Alamar, em Havana - parte de um projeto de construção de moradias populares -, 92 eram mulheres, número que considerou relevante. Para execução de projeto de microbrigadas, contaram com trabalhadores/as brigadistas voluntários/as de diferentes setores: fábricas, instituições científicas, dependências militares, escritórios, cedidos por suas cooperativas. Essa força de trabalho coletiva construiu escolas, *círculos infantiles*, centros comerciais, edifícios comunais, nesses novos bairros. Ao visitar o canteiro de obras, Randall entrevistou algumas das trabalhadoras que compunham a equipe.

Aurora acompanhou Randall na visita e era a única mulher entre as quinze pessoas responsáveis pela direção e regulação das obras. Era escultora e estava como microbrigadista representando seu centro de trabalho, que enviou duas mulheres e nove homens para Alamar. Ela foi transferida do pesado trabalho braçal para o posto de ordens e, no momento da entrevista, era chefe da equipe construtora, seu primeiro cargo de direção. Além disso, era mãe de dois filhos. Júlia, outra microbrigadista na construção de Alamar, ao ser entrevistada por Randall foi

---

<sup>770</sup> Ibidem, p. 182.

<sup>771</sup> Ibidem, p. 158.

descrita como pequena e forte, tinha trinta e três anos e era mãe de quatro filhos. Júlia relatou ter tido dificuldades em se integrar ao processo insurrecional devido ao comportamento de sua família, que tentou impedir seu envolvimento, ao mesmo tempo em que não dificultaram a integração de seu irmão mais novo. Ela usou desse fato a fim de exemplificar as diferenças de gênero no que dizia respeito a participação política feminina, assim como para pontuar os desafios enfrentados pelas mulheres comprometidas com a mudança da realidade em que viviam.

Esperanza, uma mulher tímida de trinta e cinco anos, casada, mãe, ajudante do chefe da brigada, afirmou que seu trabalho era reconhecido por seus companheiros de Alamar, assim como por seu marido. Segundo Randal, ela fazia parte da geração de cubanas que tratava a integração feminina como uma “nova força de trabalho”, parte do “sacrifício consciente” das mulheres pela revolução. Dessa forma ela identificava como satisfatório não o seu trabalho em si, mas sim o fato de contribuir coletivamente na resolução dos problemas do povo. No mesmo sentido, Miriam, uma operária que deu seu depoimento para o livro *La mujer cubana ahora* - quarenta anos, casada, mãe, membro da FMC, da MNR e do CDR - defendeu que a diferença física entre homens e mulheres era uma realidade compensada pelas mulheres através de seu “espírito de sacrifício”, em seu compromisso revolucionário:

Yo entiendo que como la mujer no estaba acostumbrada a trabajar, entonces todas las que nos hemos lanzado a trabajar, nos hemos lanzado con el espíritu de verdad de hacer una revolución socialista, porque de lo contrario nos hubiéramos quedado en la casa como amas de casa... Porque, indudablemente, experiencia de Trabajo no es la que hay en sí, porque éramos amas de casa en efecto...<sup>772</sup>

Com essas afirmações reiteramos que as cubanas consideravam que encarar as diferenças de gênero e enfrentar esse *status quo* fazia delas revolucionárias mais comprometidas e dedicadas que os homens. Era uma forma de valorizar e reivindicar a contribuição que davam ao processo revolucionário em curso. Em alguns casos, a diferença no mundo do trabalho se encontrava com uma discussão a respeito da cultura, da mentalidade, da criação dos filhos e filhas. Isabel Rielo, ao reivindicar a igualdade de gênero, acreditava que o foco para a mudança não deveria ser na criação das crianças ou na ideia de que “brinquedos de menina e de meninos” eram responsáveis por definir os papéis de gênero. Para ela, deveriam reconhecer o trabalho das mães e educá-las, deslocando o problema para a cultura e a educação, uma preocupação

---

<sup>772</sup> Ibidem, p. 143.

social que, para ser superada, deveria se comprometer na socialização e educação de meninas para não serem “dona de casa”:

Yo, como madre, considero que no se le puede hacer un cerebro tipo elisé a la hembra, haciéndole saber que ella tiene que reducir sus actividades de mujer a los juegos de taza o a la muñeca, porque ya eso es llevarla a una formación definitiva pugna con el tipo de conquista que nosotros decimos que estamos haciendo. [...] pues desde pequeña la estamos llevando a una formación que no es más que la de una ama de casa, como decíamos nosotras en el capitalismo: La muñeca de la casa.<sup>773</sup>

Assim, mesmo a maioria das cubanas reconhecendo uma diferença biológica entre os sexos - elemento que deveria ser considerado na etapa de construção de uma economia socialista, que tinha o trabalho no centro -, defendiam que essas diferenças eram resultado dos costumes: “[...] la mayor parte de estas diferencias eran susceptibles de reducirse por medio de un tratamiento igual desde la niñez: estímulo en las mismas clases de juegos y deportes, etcétera.”<sup>774</sup> Em 1974, em um artigo para a revista *Mujeres*, da FMC, Randall identificou uma crítica a “[...] la generalizada creencia de que es malo para los niños jugar con muñecas y para las niñas jugar con camiones y revólveres”,<sup>775</sup> demonstrando que a intenção para superação do sexismo passava por aí. Dessa forma foi ganhando relevância o papel da educação e da cultura, para o desenvolvimento de novas práticas sociais, capazes de superar a mentalidade machista e patriarcal. A educação popular seria fundamental para que o cenário se alterasse, combinada com a prática cotidiana, como através do trabalho voluntário:

[...] eran los años en que, aquellos que pudieron comprender lo que significaba la revolución, concedieron a sus hijos e hijas la libertad de ir a donde la patria los necesitara, y permitieron que las vidas de sus hijos e hijas, y hasta sus propias vidas, fuesen transformadas en la causa de la justicia social.<sup>776</sup>

Nos *círculos infantiles* incluíram a reprodução lúdica do trabalho, educando as crianças para que crescessem capazes de desempenhar as funções demandadas pela revolução, independente de sexo/gênero. Nesse cenário a busca pela incorporação feminina em diferentes setores produtivos era parte importante da agenda das mulheres, vista como importante para implementação do projeto revolucionário em curso. Além disso, elas queriam ocupar os espaços da política e o alto comando, o que Rielo reconhecia como algo do qual eram merecedoras,

---

773 RANDALL; Margaret. *No se puede hacer la revolución sin nosotras*. Havana: Casa de las Américas, 1978

774 RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p.109

775 RANDALL, Margaret. Postfácio: 1974. *Mujeres en la revolución, entrevistas con Margaret Randall*. México: Siglo XXI, 1978, p.373

776 RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p.117

resultado da contribuição histórica feminina e não um presente dado às mulheres pelos dirigentes. Para ela a mulher deveria ter “[...] la oportunidad de participar en todas las actividades, la estimación de su trabajo, la no subestimación a la mujer, porque es que nosotros a través de la historia y la vida vimos que la mujer se discriminaba por ser mujer, por ser pobre, por ser negra.”<sup>777</sup>

A discussão a respeito do papel da cultura na revolução ganhou espaço nas reflexões propostas por Randall, que se interessava pelo assunto especialmente por ser poeta, escritora e fotógrafa. Em um artigo de 1978, intitulado *Donde esta la mujer*, publicado no jornal cubano *La Demasagua*, ela destacou o papel da cultura e de seus instrumentos, como o cinema e o teatro, para provocar uma reflexão sobre como o “problema de injustiça social” contra as mulheres se manifestava também na linguagem. Como afirmou Natália Iglésias, a arte passou a ser utilizada pelo governo revolucionário “[...] como uma eficiente ferramenta na formação da nova sociedade cubana, contribuindo ativamente para a mudança de pensamento, para a legitimação e para a propagação dos ideais revolucionários.”<sup>778</sup>

Ao identificar estas questões, Randall buscou refletir sobre como as transformações dos costumes de um povo, de sua cultura e da organização das relações sociais, diferentemente de mudanças materiais, demandavam mais tempo para se consolidarem. Passou a considerar o desenvolvimento de uma “consciência avançada” como concomitante às transformações políticas e econômicas. Essa defesa não era um projeto pessoal de Randall, mas refletia a concepção de “homem novo” de Che Guevara<sup>779</sup>. Era na permanência dos valores burgueses e na necessidade de construção de uma “nova sociedade” que a luta de classes se mantinha. Por isso, o papel da cultura se encontrava como determinante na revolução. No sentido do apagamento de sujeitos e costumes, em Cuba Randall considerou que a cultura teve um papel relevante no processo de exclusão e apagamento da participação ativa das mulheres no processo revolucionário. Esse comportamento, segundo ela, também estava presente na narrativa da “história oficial”, expondo os desafios do tempo em que viviam:

Los libros de historia hasta hace muy poco han sido escritos casi exclusivamente por representantes de las clases dominantes y por hombres. [...] Como en otras áreas, ahora tenemos que emprender investigaciones desde nuestro punto de vista materialista,

---

777 RANDALL, Margaret. Revolución: testimonios de mujer. *Santiago*. Revista de la Universidad de Oriente. N.4, Santiago de Cuba, Cuba, setembro 1971, p.125

778 IGLÉSIAS, Natália. *As representações da Revolução e do feminino no cinema cubano*: Retrato de Teresa (1979), No hay sábado sin sol (1979), Hasta cierto punto (1983) e Los pájaros tirándole a la escopeta (1984). Dissertação (mestrado). UFMG, FAFICH (Departamento de História), Belo Horizonte, 2019, p. 29.

779 Apresentamos esta discussão no capítulo 2.

tenemos que reevaluar los enfoques que nos han dejado los historiadores defensores de otros intereses, tenemos que ‘descubrir’ el pensar, sentir y accionar de muchas mujeres cuyas vidas constituyen parte real de nuestra historia. Y tenemos que estar conscientes del papel femenino en nuestro mundo de hoy, y tomarlo en cuenta a la hora de dar testimonio del momento actual.<sup>780</sup>

O papel da integração feminina no trabalho formal, demonstrado por Randall através dos testemunhos e de seus artigos, pode ser contraposta pela interpretação dessa integração da força de trabalho das mulheres em um momento de crise econômica, somada ao papel social e político da maternidade. Como demonstrou Natália Iglesias e Mariana Vilaça, essa necessidade fez com que a presença das mulheres tivesse objetivos específicos na política cultural da revolução, como o já mencionado incentivo ao trabalho formal<sup>781</sup>. Nesse sentido, podemos inserir o trabalho testemunhal realizado pela própria Margaret Randall como forma de contribuir para a construção de uma outra narrativa da história e superação da invisibilidade das mulheres. Projeto desenvolvido sob interesse e financiamento do governo cubano.

Ao entrevistar artistas e intelectuais, mulheres ligadas a cultura, Randall buscou registrar a impressão delas a respeito do papel da cultura e da especificidade vivida como trabalhadoras da cultura. No caso das mulheres, a produção artística e intelectual se somava como mais uma jornada entre o trabalho remunerado, o trabalho doméstico e, no caso da cuba revolucionária, o trabalho político e voluntário. Mas, reconheciam o papel de Cuba na transformação da/o intelectual em “trabalhadora da cultura”. A revolução teria, então, transformado a arte em um trabalho capaz de garantir a sobrevivência das pessoas, ao mesmo tempo em que utilizavam a literatura como “arma de combate”, dotando o trabalho intelectual de sentido revolucionário. Ou seja, como propôs Gramsci, o/a “intelectual orgânico” estava a serviço de interesses de um determinado grupo social, no caso cubano, comprometidos/as com a revolução, em busca de estabelecer o “consenso” e manter a “hegemonia social”<sup>782</sup>. Nesse sentido, como demonstrou Silvia Miskulin, muitos/as intelectuais se tornaram funcionários/as do partido ou de alguma organização de massas, mantendo-se majoritariamente ao alcance dos interesses do governo revolucionário: “O governo passou a elaborar as diretrizes, ao mesmo tempo em que

---

780 RANDALL, Margaret. Donde esta la mujer. S/p. *Jornal La Demasagua*, Bayamo, domingo, 16 de abril de 1978, año II. No.84, s/p

781 VER: VILLAÇA, Mariana Martins. *Cinema cubano: Revolução e política cultural*. São Paulo: Alameda, 2010.

782 GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

patrocinava as atividades culturais, exigindo um compromisso do artista e do escritor com a nova sociedade.”<sup>783</sup>

No caso das mulheres intelectuais, Idalia, diretora de cinema, membro da FMC, entrevistada por Randall, considerava o trabalho como uma forma de realização intelectual e social. Por isso, assim como outras categorias de trabalhadoras, defendia que para superarem a desigualdade de gênero na cultura era preciso que o Estado se responsabilizasse por parte das funções que sobrecarregavam as mulheres. Defendeu também uma campanha ideológica voltada para os homens e a superação do machismo. Percebemos, então, que as discussões sobre a integração feminina no mundo do trabalho, assim como as dificuldades subjetivas e materiais dessa integração, se davam em diferentes locais de trabalho, no campo e na cidade, no trabalho físico e intelectual, configurando-se como uma questão que afetava toda a sociedade e uma demanda apresentada pelas cubanas em sua diversidade.

Os anos de 1971 a 1974 foram, segundo Randall, de mudanças significativas, envolvendo transformações na sociedade e no comportamento. Silvia Miskulin definiu a década de 1970 como um “período de endurecimento e fechamento no campo cultural” cubano, especialmente após o caso Padilla em 1968<sup>784</sup> e o Primeiro Congresso Nacional de Educação e Cultura em 1971, que definiu normas de comportamento para a intelectualidade e juventude cubana, a fim de “normatizar” a moral da sociedade cubana<sup>785</sup>. As definições tomadas ali, conforme demonstrou Miskulin, tiveram efeito em manifestações culturais, na mídia, na educação, na sexualidade, no âmbito religioso, dentre outras áreas.

A respeito desse “duro” contexto, Randall apresentou o começo da década de 1970 como positivo para as mulheres, em especial o ano de 1974. Foram anos marcados pela definição de novas legislações e campanhas ideológicas que expressaram um maior compromisso da revolução com a transformação da realidade das mulheres, a partir da superação das desigualdades de gênero. Como já afirmamos, esse resultado teria sido fruto de uma intersecção entre uma maior interação entre “os líderes e as massas”, um avanço de consciência coletiva e novas políticas. Contudo, devemos observar que esse foi um momento de intenso controle sob

---

783 MISKULIN, Silvia. *Os intelectuais cubanos e a política cultural da revolução (1961-1975)*. São Paulo, Alameda, 2009, p. 29. VER: COSTA, Adriane Vidal. *Intelectuais, política e literatura na América Latina: O debate sobre revolução e socialismo em Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa*. São Paulo: Alameda, 2013.

784 Ver capítulo 1, nota 130.

785 MISKULIN, Silvia. *Os intelectuais cubanos e a política cultural da revolução (1961-1975)*. São Paulo, Alameda, 2009.

os costumes da sociedade cubana, o que provavelmente levou a repressão de comportamentos considerados desviantes da moral revolucionária constitutiva do “homem novo”. Esse movimento pode ter incluído a coibição de comportamentos machistas não porque houve uma mudança, mas porque havia uma regulação, muitas vezes violenta. Muitos comportamentos passaram a ser considerados, segundo Miskulin,

[...] ‘desvios’ que deveriam ser ‘combatidos’ e ‘erradicados’, uma vez que se contrapunham a ‘unidade ideológica do povo cubano’. Muitas vezes essas atitudes revelariam uma ‘assimilação acrítica de atitudes de grupos estrangeiros’, que em seus países eram antagônicos ao sistema capitalista, mas que em Cuba eram hábitos que não deveriam ser exemplos para os jovens, por significariam uma atitude ‘contrarrevolucionária de contestação à Revolução’.<sup>786</sup>

Nesse contexto, Randall destacou o discurso de Fidel Castro no Congresso da CTC, em 1973, onde ele teria criticado o machismo dos homens em tentar impedir as mulheres de trabalhar e o estereótipo da mulher decorativa restrita ao espaço privado do lar, vinculando esses padrões de comportamento ao sistema capitalista, em oposição à função social e política mulher revolucionária. Com esses discursos, Randall considerou que Fidel conclamava a população a assumir o desafio da mudança em suas vidas cotidianas. Nós ressaltamos como em sua fala Fidel também destacou o papel central dos “estímulos morais” em detrimento dos limites dos “estímulos materiais” para a construção da sociedade socialista, questão que relacionamos aos desafios enfrentados no âmbito da superação da desigualdade de gênero<sup>787</sup>.

Fidel criticou a forma como, no sistema capitalista, as mulheres eram retiradas do trabalho produtivo ao se casarem, desconsiderando o investimento que foi feito para sua formação profissional, mas também “cuando el país pierde la maestra y la enfermeira [lo perde] por los rezagos de machismo y de superhombrismo y de todas esas cosas que todavía nos quedan”<sup>788</sup>. Podemos perceber como ele reconhecia a permanência de costumes que atribuía a moral capitalista ainda presentes na sociedade cubana. Em contraposição a isso, afirmou o compromisso das cubanas com o trabalho em um momento em que ocupavam novos espaços de poder, respondendo aos chamados da revolução, que necessitava de mão de obra:

---

<sup>786</sup> Ibidem, p. 228.

<sup>787</sup> Discurso pronunciado por el Comandante en Jefe Fidel Castro Ruz en el acto clausura del XIII Congreso de la Central de Trabajadores de Cuba, efectuado en La Habana, teatro de la Central de Trabajadores de Cuba, el 15 de noviembre de 1973. Disponível em: < <http://www.fidelcastro.cu/es/discursos/acto-clausura-del-xiii-congreso-de-la-central-de-trabajadores-de-cuba> > Acesso: 13/04/2025.

<sup>788</sup> Idem.



¿Qué hacemos con esto? ¿Volver al capitalismo, en que las mujeres viven del marido, en que la mujer es un adorno en la casa? Estoy seguro de que por lo menos las mujeres cubanas no estarán de acuerdo con eso. Y no debemos olvidarnos de que ahora tenemos dos mujeres en el Secretariado Ejecutivo de la CTC.<sup>789</sup>

Dentre os esforços para avançar na superação da desigualdade de gênero Randall destacou o reconhecimento, por parte de Fidel, da “dupla exploração e humilhação” feminina, pois indicava que assumiriam desafios mais complexos rumo à plena incorporação das mulheres na sociedade. Na etapa da revolução que viviam, um pouco mais de dez anos após o triunfo, Fidel, na leitura de Randall, apresentou a necessidade de que as mulheres deixassem de ser tratadas como força de reserva, devendo ser reconhecidas como parte integral do desenvolvimento nacional, como sujeitas capazes de ocupar os mesmos postos que os homens no mundo do trabalho, na produção intelectual e na atuação política. Ao mesmo tempo, o *comandante* defendia diferenças físicas que impactavam o tipo de trabalho a ser desempenhado por ela. Para Randall foi lentamente que estabeleceram “[...] una evaluación racional, política, de la fuerza de trabajo existente y su distribución, así como un profundo respeto hacia la mujer como trabajadora”<sup>790</sup>, em busca de saídas para consolidar o pleno desempenho da função social feminina na sociedade que se construía. Marcada pelo compromisso da Revolução Cubana com a superação do patriarcado e do machismo, a década de 1970 sistematizou parte do acúmulo desse lento processo.

Ao considerar a submissão das mulheres no período anterior à vitória de 1959, como manifestação do patriarcado, aliado ao sistema capitalista, Randall observou os avanços na economia e na forma de organizar o mundo do trabalho empreendidos pelo governo revolucionário. A reorganização do mundo do trabalho contribuiu para que as pessoas fossem empregadas e conquistassem avanços de direitos legais, incluindo legislações que buscavam a superação da desigualdade de gênero no mundo do trabalho. Nesse ínterim que Randall destacou a revogação dos Artigos 47 e 48, que teria possibilitado mais mulheres no trabalho formal, mudança considerada por ela como um “[...] gran paso al frente hacia la plena igualdad en la distribución ocupacional y la eliminación del concepto de ‘sexo débil’.”<sup>791</sup>

---

789 Idem. Destaques da transcrição.

790 RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p.108

791 RANDALL, Margaret. *No se puede hacer la revolución sin nosotras*. Havana: Casa de las Américas, 1978, p.131

Para essa integração ao trabalho produtivo, Randall destacou o papel exercido pela *Federación de Mujeres Cubanas* como uma “organização de massa”<sup>792</sup> que, na década de 1970, teve como tarefa principal essa incorporação, “[...] mediante la creación de condiciones sociales necesarias así como mediante la educación, el entrenamiento y la colocación de al redor de cien mil mujeres por año.”<sup>793</sup> A FMC, submetida à política revolucionária, concentrava esforços para a integração das mulheres como trabalhadoras formais não apenas porque esta era uma questão fundamental para a superação das desigualdades de gênero, mas também porque era necessário mais mão de obra para fazer frente ao exílio de trabalhadores/as após a 1959, que esvaziou muitos postos de trabalho e comprometeu a economia do país. Segundo Richard Gott, os dois primeiros anos da revolução foram marcados por mais de 40 mil pessoas exiladas. Posteriormente, ao assumirem o caráter socialista da revolução, esta cifra teria subido para cerca de 80 mil pessoas, o que teve impacto diverso tanto econômico, quanto político: “Para el Gobierno cubano, la emigración a gran escala durante los primeros años supuso una severa pérdida de habilidades profesionales y técnicas, aunque no dejaba de tener ventajas políticas, y incluso económicas.”<sup>794</sup>

Randall reconhecia que os avanços na inserção das mulheres no trabalho formal esbarravam em dificuldades materiais, já apontadas nos testemunhos analisados. Além disso, havia as dificuldades de avanços ideológicos na reconfiguração das relações de gênero, especialmente no que tangia a redistribuição do trabalho doméstico e de cuidados. Ao observar e viver o processo revolucionário por alguns anos, Randall adotou, a partir de 1974, uma postura mais crítica a ideia difundida de que à dupla/tripla jornada de trabalho feminino era uma forma das mulheres demonstrarem o sacrifício pela revolução:

Al ser entrevistada, una de esas mujeres podía decir que su marido ‘la ayudaba’; podía sentir que él podría ayudarla más o, por el contrario, seguir viendo el ‘segundo trabajo’ como responsabilidad de ella; pero en la mayoría de los casos expresaba, con orgullo o inconscientemente, el sentimiento de que de alguna manera ella era ‘más revolucionaria’ por lo mucho que trabajaba.<sup>795</sup>

---

792 Afirmamos aqui, entre aspas, que a FMC era uma “organização de massa”, porque Margaret Randall assim classificava dita organização em seus escritos da década de 1970. Sabemos que a discussão sobre o papel da FMC demanda maior extensão e aprofundamento do que conseguiremos fazer na presente tese.

793 RANDALL, Margaret. Postfácio: 1974. *Mujeres en la revolución, entrevistas con Margaret Randall*. México: Siglo XXI, 1978, p.359

794 GOTT, Richard. *Cuba. Una nueva historia*. Madrid: Ediciones Akal, 2007, *passim*.

795 RANDALL, Margaret. Postfácio: 1974. *Mujeres en la revolución, entrevistas con Margaret Randall*. México: Siglo XXI, 1978, p. 359.

As novas políticas criadas pelo governo revolucionário ao longo das décadas de 1960 e 1970, refletiam uma demanda popular, das próprias mulheres, pela inclusão em legislações trabalhistas e de direito à educação. Ao se tornarem importante força de trabalho assalariado, demandavam uma série de outras políticas públicas, que dessem conta das especificidades, diversidade e desafios cotidianos enfrentados pelas mulheres. Randall comparou os novos direitos adquiridos pelas mulheres com o passado cubano em que, segundo ela, menos de 20% tinham acesso à atenção médica durante o parto. Esse tipo de política tinha impacto não só para a população feminina, mas na infância e para a saúde pública no geral. Os “círculos infantis”, as creches e os restaurantes coletivos, buscavam redistribuir com o Estado a responsabilidade pela sustentabilidade da vida, garantindo que as trabalhadoras não ficassem reféns das obrigações domésticas e de cuidado, condição anteriormente responsável pelo alto índice de abandono dos postos de trabalho pelas mulheres.

Junto à FMC, ao longo de 1970 elaboraram o *Plan Jaba*, em que as mulheres trabalhadoras tinham prioridade na compra de alimentos, diminuindo seu tempo dedicado a essa tarefa, e as liberando para outras atividades, visto que eram as mulheres as responsáveis pelas compras da casa: “se dan prioridades a las trabajadoras para obtener estos aparatos, en reconocimiento del esfuerzo especial que se requiere de ellas en una sociedad donde todavía no está completa la base material para la plena incorporación a la fuerza de trabajo.”<sup>796</sup> Buscavam, através dessas leis, criar mecanismos temporários que mitigassem as históricas diferenças de gênero. Uma *madre combatiente*<sup>797</sup>, ao comentar sobre o *Plan Jaba*, destacou como foi uma iniciativa positiva, pois, “[...] nosotros, todos los maestros, y las ‘madres combatientes’, no tenemos tiempo de ir a la bodega.”<sup>798</sup> Acreditava que esta iniciativa “[...] está de acuerdo con la necesidad de la incorporación de la mujer al trabajo, ya que hay que irle creando facilidades para que la mujer pueda irse integrando a tareas de producción...”<sup>799</sup> Era visto como algo positivo para toda a classe trabalhadora, homens e mulheres:

[...] elevaba a todo el país, que no sólo sea el producto comercial, sino también los productos industriales. Éstas son medidas que benefician a la clase trabajadora, a la

---

796 RANDALL, Margaret. *No se puede hacer la revolución sin nosotras*. Havana: Casa de las Américas, 1978, p. 136.

797 As “madres combatientes”, umas das vozes de *La mujer cubana ahora* (1972), eram mães voluntárias nas escolas de ensino básico, onde desempenhavam diversas funções cotidianas que não havia pessoas suficientes, além disso, atuavam mantendo o vínculo entre a escola e as organizações de massa, como os CDRs, e acompanhando as famílias.

798 Madre combatiente *apud* RANDALL, Margaret. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p. 351.

799 Ibidem, p. 352.

mujer trabajadora. En nuestro país necesitamos la mayor incorporación de la mujer al trabajo, la total integración de la mujer al trabajo.”<sup>800</sup>

As *madres combatientes* reforçaram que, para a participação feminina no trabalho produtivo, era importante que elas fossem se “[...] liberando de esos quehaceres de la casa, para de esa manera irnos posibilitando; incorporarnos más de lleno a la revolución...”<sup>801</sup> Conforme afirmado por Randall, essas novas legislações e políticas tinham a intenção de viabilizar, ao menos a nível material, a presença das mulheres no trabalho e em outras atividades culturais, educativas e políticas. Apesar de serem vistas como políticas de transição, iniciativas como essas demonstravam o compromisso do governo revolucionário com a superação da dupla jornada de trabalho das mulheres, também para Randall era uma tentativa de mitigar os prejuízos de “seu sexo”. Campanhas de distribuição de eletrodoméstico para as trabalhadoras foram interpretadas nesse sentido, como políticas que buscava reduzir a sobrecarga do trabalho doméstico e viabilizar a integração feminina ao trabalho produtivo:

Mais mulheres trabalhando cujos horizontes foram socializados além dos limites estreitos do lar e da família. Mais mulheres trabalhando pressionam por condições – tanto objetivas quanto subjetivas – que facilitem sua continuidade no trabalho. [...] Ao mesmo tempo, cada vez mais homens estão sendo forçados pelas circunstâncias, senão por suas consciências, a se ajustar ao fato de as mulheres trabalharem fora de casa, de modo que homens e mulheres juntos desenvolvem formas de compensar o que falta na esfera material.<sup>802</sup>

As trabalhadoras percebiam que as dificuldades materiais afetavam suas oportunidades de trabalho, de atividades voluntárias e políticas, discussões que a partir de meados da década de 1970, Randall identificou como recorrentes e impulsionadas pelos sindicatos,

Básicamente, las mujeres empezaron a expresarse colectivamente, diciendo que si todavía se esperaba de ella que cargaran con el peso de las tareas domésticas, se encargaran de ir a recoger el niño a la guardería después del trabajo, etc., con

---

800 Ibidem, p. 353.

801 Idem.

802 “More working women whose horizons have been socialized beyond the narrow limits of home and family. More working women pressure for conditions – both objective and subjective – to facilitate their continuation on the job. [...] At the same time more and more men are being forced by circumstances, of not by their consciences, to adjust to women working outside the home, so men and women together devise ways to make up for what’s missing in the material sphere.” RANDALL, Margaret. Venceremos: Women in the new Cuba. *Canadian Dimension*. Vol 10, No.8. Ottawa, Canadá. junho 1975, p. 55. Tradução nossa.

frecuencia no podrían asistir a las asambleas o llegar a ser trabajadoras de ‘vanguardia’ tan fácilmente como sus hermanos.<sup>803</sup>

Soluções para isso foram consideradas, por Randall, como responsabilidade de homens e mulheres, colocadas coletivamente nos espaços de discussões, como os sindicatos: “en todo el país se veía la necesidad de hacer más trabajo ideológico con los hombres en términos de urgirlos a aceptar una mayor parte de la responsabilidad del hogar y los niños cuando la mujer trabaja.”<sup>804</sup> Desde a educação das crianças, a sociedade cubana assumiu uma postura de compromisso com a superação do sexismo, compreendido como produto das “sociedades exploradoras”, incompatível com a “nova sociedade”. Mais do que igualdade formal – social, econômica e política –, a revolução de 1959, para Randall, possibilitou o acesso a educação e ao mundo do trabalho, com igualdade salarial, um movimento para a conquista da liberdade das mulheres e de Cuba através do trabalho: “[...] em resumo, a luta das mulheres pela emancipação total tem sido, desde o início, uma parte integral da luta geral da sociedade cubana para se libertar da complexa teia de subdesenvolvimento, dependência e neocolonialismo.”<sup>805</sup>

Mais mulheres no trabalho produtivo significava horizontes socialistas; mais mulheres trabalhando pressionava por mais avanços das condições subjetivas e objetivas da vida cotidiana; uma melhor economia, representava avanços materiais capazes de garantir o trabalho de sustentabilidade da vida realizado pelas mulheres. Como buscamos demonstrar ao longo do capítulo, Fidel teve um papel decisivo nesse sentido, ao orientar o discurso de reposicionamento da função social, política e econômica das mulheres; e ao definir a política revolucionária que as beneficiaria. Para a combatente Isabel Rielo, os discursos do *comandante* tinham tido um papel importante para o questionamento nas bases, sobre o lugar da mulher na revolução em curso, remontando ao período da insurreição armada. Fidel legitimava a participação feminina na defesa e na luta pela libertação nacional e sinalizava o lugar que a mulher teria na sociedade socialista, questões que foram utilizadas também ao longo do processo de exportação da revolução, atraindo olhares externos ao defenderem a participação feminina na luta armada e a plena integração política, social e econômica das mulheres. O que, para Randall, influenciou outros movimentos revolucionários e da esquerda latino-americana a envolverem mais

---

803 RANDALL, Margaret. Postfacio: 1974. *Mujeres en la revolución, entrevistas con Margaret Randall*. México: Siglo XXI, 1978, p. 367.

804 Idem.

805 “[...] in short, while women’s struggle for total emancipation has from the beginning been an integral part of the over-all struggle of Cuban Society to free itself from the complex web of underdevelopment, dependency and neocolonialismo.” Ibidem, p. 49.

mulheres nas lutas por libertação nacional. A luta pela libertação nacional se encontrava com a luta pela libertação da mulher em diferentes partes do mundo, compartilhando suas dores, desafios, avanços e disposição para a luta.

Em entrevista concedida a autora desta tese em 2024, Randall reconheceu que o seu trabalho feito nesse período estava comprometido com a defesa da revolução e com a imagem de Fidel Castro, expressando poucas críticas e fortalecendo a imagem de Castro como condutor político-ideológico do processo em curso. Essa relação com a revolução e seu *comandante* esteve refletida em sua análise da revolução, o que percebemos em sua escrita, e nos depoimentos, ao enaltecer Castro e seu papel no desenvolvimento do país e da agenda revolucionária internacionalista. De certa forma, a centralidade do papel do *comandante* retirava das mulheres o protagonismo na transformação de sua própria condição, assim como para a definição dos caminhos que levaria a tal objetivo.

O ano de 1974 foi então definido por Randall como um ponto nevrálgico para essas transformações em curso na sociedade cubana, no que dizia respeito aos papéis de gênero, momento em que houve discussões pela revogação das resoluções 47 e 48 do Código do Trabalho, no *XIII Congreso de los Trabajadores*, que ocorrera em fins de 1973. A superação dessas leis significou “un gran paso adelante hacia la completa igualdad em la distribución ocupacional y la eliminación del concepto del ‘sexo débil’.”<sup>806</sup> Nesse mesmo período, segundo Randall, as mulheres começaram a exigir um tratamento mais igualitário. Com a revolução, as mulheres passaram a participar do trabalho assalariado, do trabalho voluntário, político e nas milícias, além do trabalho doméstico e de cuidados. As “mulheres novas” desafiavam os padrões e as relações de poder, para alcançar a superação do machismo e do patriarcado, movimento que deveria ser compartilhado por todos os setores da sociedade, incluindo os homens. A “mulher nova” surgiria da prática, da vida real e cotidiana das pessoas, só seria possível e efetiva como um subproduto natural da construção e defesa de uma “nova sociedade”. Nesse contexto, os homens ficaram sem alternativa a não ser a adaptação aos novos tempos, da “nova sociedade” que se construía ao mesmo tempo em que convivia com os desafios da transição.

1974, foi também o ano em que aconteceu a discussão do novo *Código da Família* e o II Congresso Nacional da FMC, presidido pela frase “Para aprofundar a ação revolucionária das

---

806 RANDALL, Margaret. Postfácio: 1974. *Mujeres en la revolución, entrevistas con Margaret Randall*. México: Siglo XXI, 1978, p.363

mulheres”. Esse lema foi entendido por Randall como representativo do momento em que a “revolução dentro da revolução” alcançava seu momento mais profundo, abrangendo regiões intocadas pela consciência revolucionária, avançando em todas as áreas da vida nacional:

Próximos de dezesseis anos de Revolução educaram uma mulher cubana politizada e combativa, capaz de realizar análises profundas, projeções concisas e, mais impressionante, com habilidade de conceber a si mesma como parte de um todo, como integrante de um imenso grupo em que todos os indivíduos estão conectados por esforços e propósitos, e no qual as soluções são buscadas e trabalhadas coletivamente.<sup>807</sup>

As/os cubanas/os foram dotadas/os do sentimento de que a democracia havia prevalecido em Cuba no sentido de viabilizar a real participação direta do povo, incluindo a busca pela superação da desigualdade de gênero, visto que a igualdade incluía a suplantação das estruturas de poder capitalista, como o patriarcado e o racismo. Por isso que, a partir da segunda metade da década de 1970, Randall iniciou um movimento de aprofundamento de sua compreensão sobre a liberdade das mulheres, olhando para os avanços e limites da igualdade e da real integração tendo como base o acesso ao “poder”. Um olhar para os estereótipos de gênero e o papel da família, considerando o patriarcado como sistema de relação de poder, nos ajuda a aprofundar nessa compreensão que gerou contradições profundas no processo de inclusão feminina no trabalho formal e na política. Desafios fundados na necessidade de mudança nos costumes.

Em muitos depoimentos identificamos dificuldades de conciliação do trabalho produtivo com o trabalho doméstico e contradições nas relações familiares, o que ressaltou que o avanço na transformação dos costumes, das práticas culturais, não era linear. Randall observou que esse trabalho de consciência variava de acordo com a região do país. Para isso ela comparou Bayamo, uma região considerada historicamente rebelde, com Camaguey, historicamente de classe média, onde a transformação revolucionária tinha pouco impacto, e que, por isso, se conformava um cenário suscetível à contrarrevolução. Ao mesmo tempo,

---

807 “Close to sixteen Years of Revolution have educated a keenly politicized, combative Cuban woman, capable of deep analysis, concise projection and most impressive the ability to conceive of herself as part of a whole, one in an immense group in which all individuals are related in efforts and purpose and in which solutions are sought and worked out collectively.” RANDALL, Margaret. Appendix C: “We need a government of men and women...!” Report on 2<sup>nd</sup> Congress of the Federation of Cuban Women, November 1974, by Margaret Randall. *Cuba information* 1975. Ottawa, Estados Unidos: Ottawa, 1975, p.27. Tradução nossa.

Camaguey era também território de novidades, como a *Columna Juvenil del Centenario*, e da brigada *Rosa la Bayamesa*.

Ao construirmos uma síntese geral sobre a diferença entre o trabalho produtivo e reprodutivo a partir da trajetória das cubanas, afirmamos que em alguma medida, no contexto dos primeiros dez anos de governo revolucionário, elas estiveram submetidas a uma dupla/tripla jornada de trabalho – reprodutivo, produtivo e voluntário – que foi reivindicada como representativa do sacrifício revolucionário das mulheres. Nesse contexto, elas criaram estratégias para reorganização do trabalho produtivo. Além disso, com o avanço da consciência das mulheres, especialmente entre a juventude, elas passaram a exigir dos homens uma mudança de atitude. Também passaram a esperar do Estado a coletivização dessas atividades de sustentabilidade da vida. Para elas, ao mesmo tempo em que identificam diferenças físicas ou biológicas significativas para integração no trabalho produtivo, consideravam como uma questão sociocultural, portanto superáveis na construção da nova moral revolucionária sistematizada no “homem novo” e na “mulher nova”.



## 5. NICARÁGUA: *PARA QUE UN DÍA NUESTRO PUEBLO SUEÑE EN COLORES*

*A música “No pasarán”, de Carlos Mejía Godoy, tem letra da poeta sandinista Gioconda Belli. Na canção, ressaltam o envolvimento do povo nicaraguense, homens e mulheres capazes de sacrificar suas vidas pela libertação nacional.*



No princípio de 1980 Randall se mudou para Nicarágua a fim de contribuir com a revolução em curso a convite da Associação de Mulheres Nicaraguenses Luisa Amanda Espinosa (AMNLAE)<sup>808</sup> e de seu amigo, poeta, Teólogo da Libertação e então Ministro da Cultura, Ernesto Cardenal. No início da década de 1980, Randall tinha o reconhecimento de seu trabalho com testemunhos de mulheres devido a publicação de *La mujer cubana ahora* (1972), *Como vive la mujer trabajadora en el Perú?* (1974), *El espíritu de un pueblo* (1975) e “*Somos millones*”: *la vida de Doris María* (1976). Estes livros foram traduzidos para diversas línguas, circularam em diferentes países, ampliando a divulgação e denúncia do que viviam os países do Terceiro Mundo no contexto da Guerra Fria. Em 1979, ainda vivendo em Cuba, Randall esteve na Nicarágua a convite de Cardenal para ministrar um curso de formação sobre a prática e o significado do testemunho, o que deu origem ao livro *Testimonios* (1979) que analisamos no capítulo 3. Nesta mesma viagem ao país, entre novembro de 1979 e janeiro de 1980, ela realizou o trabalho de campo para o livro testemunhal das sandinistas, *Todas estamos despiertas. Testimonios de la mujer nicaraguense hoy* (1980), uma encomenda do Ministério da Cultura do governo recém-vitorioso, com colaboração da AMNLAE.

Como mostramos no capítulo 1, ela se estabeleceu na Nicarágua em 1980, onde permaneceu até o início de 1984, estando ausente do país no momento das eleições que ocorreram no mesmo ano e que elegeu Daniel Ortega presidente pela FSLN. A partir de 1984, houve o acirramento da guerra contrarrevolucionária no país, o que colocou o avanço em políticas que visassem a transformação das relações de gênero e o esforço coletivo para alterar os costumes, submetido as demandas econômicas e militares da guerra, o que fez com que algumas sandinistas avaliassem o momento como um retrocesso no âmbito da realidade das mulheres<sup>809</sup>. Por isso, reforçamos que nosso recorte temporal se limita as trajetórias e discursos

808 A AMNLAE, como veremos, surgiu em 1979 como substituta da *Asociación de Mujeres Frente a la Problemática Nacional* (AMPRONAC), como uma organização de massas vinculada à FSLN.

809 Exemplo do discurso adotado pela poeta sandinista Gioconda Belli com quem trabalhamos na nossa dissertação de mestrado. Ver: “*Hasta que seamos libres*”: feminismo e Revolução Sandinista nas obras de

registrados por Randall até 1984, e, em especial, aqueles colhidos em 1979 e 1980, compreendendo que são narrativas que refletem um êxtase com a vitória de julho de 1979 e a expectativa com a construção do futuro. As mulheres estavam orientadas por um sentimento de responsabilidade e compromisso com o processo em curso, o que muitas vezes desencadeou em memórias romantizadas ou que se negavam a fazer uma crítica a FSLN, organização que, naquele momento, deveria ser constantemente exaltada, pois era nela que residia a esperança de construção da “nova Nicarágua”.

Como afirmamos ao final do capítulo 4, a partir da década de 1980, percebemos como Randall adotou uma postura consideravelmente mais crítica da relação entre feminismo, a luta das mulheres e os projetos revolucionários em curso, buscando identificar as condições de acesso das mulheres aos espaços de poder. Para ela, o acesso ao poder era um elemento-chave para a efetiva superação do patriarcado. Após acompanhar a experiência cubana, Randall demonstrou expectativas positivas em relação ao processo sandinista, visto que ali houve uma participação expressiva de mulheres em diversos espaços da luta insurrecional, inclusive na luta armada. Para a historiadora Karen Kampwirth, o processo sandinista foi o primeiro “[...] movimento guerrilheiro latino-americano que foi realmente uma coalização de dois gêneros”<sup>810</sup>. Essa diferença em relação a forma como se deu a integração feminina no processo cubano era resultado não apenas das especificidades dos projetos políticos e revolucionários de cada país, da cultura de cada povo, mas se deu também pelo tempo histórico, afinal, vinte anos separam a vitória da revolução em cada um desses países centro-americanos, Cuba vitoriosa em 1 de janeiro de 1959 e os/as sandinistas em 19 de julho de 1979.

A este respeito, a pesquisadora mexicana Gema Santamaría afirmou que ao longo das décadas de 1970 e 1980 o movimento de mulheres na Nicarágua era um dos mais fortes e visíveis da região, discussão que esteve presente desde o *Programa Histórico* da FSLN escrito por Carlos Fonseca em 1969<sup>811</sup>. Este documento contava com uma seção intitulada “VII – *Emancipación de la mujer*”, no qual os sandinistas afirmavam a necessidade de superação de “[...] la odiosa discriminación que la mujer ha padecido con respecto al hombre; establecerá la

---

Gioconda Belli (1972 – 1993). Dissertação (Mestrado). Elisa de Campos Borges, orientadora. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019. 209 f. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/td/2361.pdf>.

810 KAMPWIRTH, Karen. *Feminism and the Legacy of Revolution: Nicaragua, El Salvador, Chiapas*. Estados Unidos: Ohio University Press, 2004, p. 41. Tradução nossa.

811 SANTAMARÍA, Gema. *Alianza y autonomía: las estrategias políticas del movimiento de mujeres en Nicaragua*. Tese. Instituto Tecnológico Autónomo de México, México, 2005.

igualdad económica, política y cultural entre la mujer y le hombre.”<sup>812</sup> Para o cientista político Fernando Mires, a característica extremamente patriarcal do regime somozista, com o poder sendo passado de pai para filho, estabelecendo uma ditadura familiar de descendência masculina, fez da integração das mulheres no processo revolucionário uma questão ainda mais relevante, acentuando a extensão da mobilização popular sandinista<sup>813</sup>. Segundo a socióloga Máxine Molineaux, as mulheres chegaram a corresponder entre 30% e 40% da guerrilha, resultado da pressão que elas mesmas fizeram para sua plena integração na luta armada – além de outros espaços que já ocupavam, alguns tradicionais outros não, como veremos no presente capítulo, a partir da análise dos testemunhos organizados por Randall<sup>814</sup>.

Karen Kampwirth buscou identificar diversos fatores que justificassem essa capacidade de mobilização feminina na Nicarágua, concluindo que se tratou da confluência de alguns fatores. Primeiro, as contradições entre o discurso e prática do regime somozista no que dizia respeito a direitos civis para as mulheres. Segundo, por questões socioeconômicas, combinadas com a migração para as cidades e integração ao mundo do trabalho, o que tornou possível que as mulheres deixassem o espaço privado do lar, desorganizando a ordem da família tradicional, propiciando a construção movimentos comunitários para melhoria das condições de vida. Terceiro, a Teologia da Libertação<sup>815</sup>, com treinamentos religiosos que também eram políticos e uma maior capacidade de alcance das mulheres. Quarto, a mudança estratégica da FSLN, do foco guerrilheiro cubano para mobilização de massa. Quanto a essas estratégias, a autora afirma que:

Além de recrutar tanto mulheres quanto homens para a luta guerrilheira, os sandinistas produziram uma segunda inovação estratégica: a mudança de uma estratégia puramente militar para uma estratégia político-militar. [...] Demonstrei como a combinação de fatores estruturais (globalização econômica, altas taxas de famílias chefiadas por mulheres solteiras e migração em massa para as cidades) e fatores ideológicos e estratégicos (a ascensão da teologia da libertação e a mudança do FSLN

---

812 Programa Histórico da FSLN, disponível em: <  
<http://americo.usal.es/oir/opal/documentos/nicaragua/fsln/programa%20historico%20del%20fsln.pdf>> Acesso:  
 17/02/2025

813 MIREs, Fernando. *La rebelión permanente: las revoluciones sociales en America Latina*. México: Siglo XXI Editores, 2001.

814 MOLINEAUX, Maxine. Intereses de la mujer, el Estado y la Revolución: El caso de Nicaragua. CORAGGIO; DEERE [Coords.] *La transición difícil: la autodeterminación de los pequeños países periféricos*. México: Siglo XXI, 1986.

815 O Concílio do Vaticano II ocorreu em 1962 e junto com a Conferência de Medellín em 1968 marcou o rompimento de parte da Igreja Católica com as oligarquias latino-americanas, voltando-se por articulações com os setores sociais e populares. Segundo Michel Lowy emergiu nesse momento um movimento social eclesial chamado de “cristianismo revolucionário”, a Teologia da Libertação. LOWY, Michel. *O que é Cristianismo da Libertação: religião e política na América Latina*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo; Expressão Popular, 2016, p. 79.

para uma estratégia de mobilização em massa) possibilitou que muitas mulheres se unissem à coalizão sandinista. As tradições familiares de resistência podem ter desempenhado um papel especialmente importante na mobilização daquelas mulheres que viam em parentes do sexo feminino modelos de resistência.<sup>816</sup>

Vivendo em Cuba durante a década de 1970, Randall acompanhou o processo revolucionário nicaraguense em curso na época, período importante para o estabelecimento de uma rede de amizade e contatos com revolucionários/as de diferentes partes da América Latina. A Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), fundada em 1961, redefiniu a luta sandinista dos anos 1920 e 1930, com uma agenda voltada para a “libertação nacional” contrária à ditadura somozista sustentada pelos Estados Unidos<sup>817</sup>. Na ilha caribenha, Randall conheceu e conviveu com diferentes atores e dirigentes do processo revolucionário nicaraguense, dentre os quais podemos destacar sua relação com a militante Doris Tijerino, originária do norte da Nicarágua, de uma pequena cidade agricultora, Matagalpa, marcada por uma oligarquia conservadora, católica, e com muitos estrangeiros proprietários de terra, dentre eles, seu avô. Também destacamos sua relação com Ernesto Cardenal, poeta e padre que ela conhecia desde o México e da rede intelectual construída no entorno da revista *El Corno Emplumado*, como vimos no capítulo 1. Esse vínculo de Randall com a Revolução Sandinista, estabelecido de antemão com essas figuras centrais no processo revolucionário através de *El Corno* e de militantes que visitavam ou estavam exilados/as em Cuba, configurou sua contribuição no país centro-americano a partir de 1979, fazendo com que se sentisse mais pertencente ao processo em curso naquele país.

No presente capítulo, analisamos os testemunhos colhidos por Randall com as mulheres sandinistas, são eles: o manuscrito de *Somos millones* (1975), o livro *Estamos todas despiertas* (1980). Também utilizaremos para análise da trajetória e debate proposto pelas nicaraguenses, os depoimentos das mulheres contidas no livro *Christians in the Nicaraguan Revolution*,

---

816 KAMPWIRTH, Karen. *Feminism and the Legacy of Revolution: Nicaragua, El Salvador, Chiapas*. Estados Unidos: Ohio University Press, 2004, p. 34; 36-38. Tradução nossa.

817 Segundo Adriane Vidal Costa: “Em 1961, três líderes estudantis, Carlos Fonseca, Tomás Borge e Silvia Mayorga, inspirados na Revolução Cubana, fundaram uma organização revolucionária chamada Movimento Nova Nicarágua (MNN), com intuito de derrubar a ditadura Somoza e romper com o imperialismo norte-americano. Pouco depois, o MNN passou a se chamar Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), inspirado no grupo armado que havia derrubado o colonialismo francês na Argélia. O acréscimo sandinista ao nome do movimento foi sugestão de Carlos Fonseca que, vivendo em Cuba no início da década de 1960, ‘redescobriu’ Augusto César Sandino.” COSTA, Adriane Vidal. *Intelectuais, política e literatura da América Latina: o debate sobre Revolução e socialismo em Cortázar, García Marques e Vargas Llosa (1958-2005)*. São Paulo: Alameda, 2013, p. 266.

publicado pela editora canadense *New Star Books*, em 1983<sup>818</sup>; e os capítulos das mulheres intelectuais presentes no livro *Risking a somersault in the air. Conversations with Nicaraguan Writers*, publicado nos Estados Unidos pela *Solidarity Publications*, em 1984, com entrevistas realizadas ao longo de 1983. Também utilizaremos artigos publicados pela autora em seu período na Nicarágua, disponíveis na coleção *Margaret Randall Papers*, parte do acervo do *Center for Southwest Research* da Universidade do Novo México (EUA). Os trabalhos encontrados foram publicados em periódicos, como: *Barricada*, jornal oficial da Frente Sandinista de Libertação Nacional; *En Rojo*; na revista literária estadunidense *Sunbury*; na revista estadunidense *Mother Jones* e *earthkeeping/earthshaking*; a cubana *Revolución y Cultura*; a mexicana *Plural*; e a nicaraguense *Ya Veremos*.

*Somos millones* contém o testemunho da militante sandinista Doris Tijerino, com entrevistas feitas por Randall em 1975 no período em que vivia em Cuba. O livro foi publicado em 1976 pela editora mexicana *Extemporaneos* e, em 1978, pela canadense *New Star Books*, sob o título *Inside the Nicaraguan Revolution: The Story of Doris Tijerino*, e, no mesmo ano, pela neerlandesa *Venceremos Publishers*, sob o título *Nicaragua Een Vrouw In De Revolutie*. Do testemunho de Doris Tijerino, também utilizamos o capítulo *Una militante nicaragüense: “¡No se trata de mujeres que militan sino de militantes que son mujeres!”*, publicado no livro *No se puede hacer la revolución sin nosotras*, de 1978, capítulo também reproduzido na revista *Revolución y Cultura* em 1975. Na nossa análise do livro *Somos millones*, utilizamos o manuscrito de 1975, disponível no *Center for Southwest Research* - como justificamos no capítulo 3.

Na introdução de *Somos millones*, Randall explicitou sua intenção com a obra e reforçou seu entendimento do papel dos testemunhos como forma de acessar a luta de todo um povo, especialmente das mulheres. Buscou, através disso, “[...] mostrar la situación actual verdadera, de nuestros países – y su respuesta: la lucha del pueblo. Hemos querido mostrar esta lucha a través de una mujer. Y a la mujer a través de esta lucha.”<sup>819</sup> Dessa forma, Randall considerava que a trajetória de Tijerino não representava apenas sua história individual, mas se repetia, se multiplicava, crescia à medida que dava significado a experiência de outras mulheres. Na introdução ela expandiu o exemplo de Tijerino a todas as mulheres latino-americanas e do

---

818 Também publicado como: *Cristianos en la revolución nicaragüense* (Managua, Nicaragua: Editorial Nueva Nicaragua, 1984), *Cristianos en la revolución nicaragüense* (Caracas, Venezuela: Editorial Poseidon, 1984), *Fakten Argumente, Cristen in der Revolution Gespräche in Nikaragua* (Berlin: Union Verlag Berlin, 1987).

819 RANDALL, Margaret. *Somos millones*. Manuscrito: *Margaret Randall Papers*, UNM Center for Southwest Research & Special Collections, 1975, p. 13.

Terceiro Mundo ao afirmar: “La mujer nicaragüense, como la mujer de Nuestra América – y la mujer de todos los países dependientes, doblemente explotadas por el sistema de saqueo capitalista/imperialista y por la opresión específica de la que es sometida como mujer”<sup>820</sup>. Essa perspectiva foi demonstrada pela autora desde o título do livro: somos milhões.

Além disso, na mesma introdução, Randall expressou sua concepção de que a libertação das mulheres só seria possível concomitante à libertação nacional, se constituindo como parte fundamental da revolução socialista. Neste sentido que ela compreendia a interseccionalidade classe-gênero-raça como constitutiva dessa luta. Defendia que as mulheres burguesas e de classe média tinham opções de formas de vida dentro do sistema capitalista, oferecidas pelo “tio Sam e pelo ditador Somoza”, mas ao disputar as “migajas del império” estavam submetidas à padrões de beleza e a valores imperialistas inalcançáveis no Terceiro Mundo. Em busca desse ideal, elas renegavam sua própria cultura, se alienavam de perceber a sua “condição de classe” imposta por seu gênero de mulher e por sua condição de latino-americana, ao mesmo tempo em que limitavam a agenda de direitos e deveres para as mulheres a partir de “métricas burguesas”.

Enquanto isso as trabalhadoras não tinham outra opção diante da miséria e da exploração às quais eram submetidas. Randall via essa realidade como a motivação central para o “despertar” das revolucionárias latino-americanas, em busca de mudar a situação de subordinação em que se encontravam, condição de exploração que compartilhavam com o povo de seu país. Assim, essa questão era percebida como um problema coletivo, que afetava de forma específica as mulheres, mas não era exclusivo delas. Elas compunham um grupo social, dentre outras milhares de pessoas envolvidas na luta, que na Nicarágua não contribuíam de maneira pontual, mas desde uma real integração em amplos setores, como a luta armada, em ações operativas, como militantes civis e clandestinas. Para Kampwirth, na Nicarágua o suporte não-armado para o sucesso da guerrilha foi fundamental: “Os guerrilheiros armados eram muito dependentes dos revolucionários desarmados para obter apoio, recrutamento e para a pressão contínua que ajudaria a derrubar a ditadura. [...] a distinção entre uma posição e outra nem sempre era clara.”<sup>821</sup>

Para Randall, a Nicarágua, inserida na “divisão capitalista internacional do trabalho”, cedia sua matéria-prima e sua mão-de-obra barata e explorada, uma dinâmica garantida pela

---

<sup>820</sup> Ibidem, p. 5.

<sup>821</sup> KAMPWIRTH, Karen. *Feminism and the Legacy of Revolution: Nicaragua, El Salvador, Chiapas*. Estados Unidos: Ohio University Press, 2004, p. 36. Tradução nossa.

ditadura militar e familiar somozista. Segundo ela, a elite nicaraguense, apoiada por empresários estadunidenses, junto com “cubanos apátridas” – que deixaram Cuba após a vitória da Revolução Cubana – tinham realizado uma série de “inversões turísticas” que transformavam a Nicarágua em um local de “drogas, cabaret, juegos, etc.” – remetendo ao cenário cubano pré-1959 que também buscou ser superado pela Revolução Cubana, conforme trabalhamos no capítulo 4. Randall afirmou que esse contexto de exploração recaía de forma mais intensa sobre as mulheres trabalhadoras, “doblemente explotadas”, marcadas pela figura da “empregada doméstica”; pelas altas taxas de analfabetismo; pela exclusão de educação formal – especialmente as da zona rural –; pela ausência de água potável e de saneamento básico; pela falta de moradia – condição intensificada após o terremoto de 1972 –; pelos altos índices de mortalidade infantil, resultantes de desnutrição, tuberculose, dentre outras endemias.

Nesse cenário, retratado por Randall como de exploração e violência imposta pelo imperialismo através da família Somoza, composto por diversos mecanismos, como a penetração ideológica, do uso das mídias, de mecanismos como os Corpos de Paz, etc. – conforme discutido no capítulo 2 –, a mulher desempenhava um papel relevante na sociedade e economia nicaraguense:

A la mujer nicaragüense le ha correspondido desempeñar un importante papel, desde la guerra popular de Liberación sandinista en que se destacaron heroicas combatientes como María de Altamirano, Concha Aday y Branca Arauz, hasta las dos últimas décadas, en que mujeres obreras como la joven Luisa Amanda Espinosa (muerta en combate), campesinas como María Castil (violada y asesinada) y estudiantes cada vez en mayor número luchan junto al pueblo levantándose en pie de guerra contra la dictadura militar.<sup>822</sup>

Seu primeiro livro de testemunhos com as militantes sandinistas foi intitulado *Todas estamos despiertas*, publicado em espanhol na Nicarágua, em 1980, pela mexicana *Siglo XXI* e, em 1983, na República Dominicana pela *Ediciones Populares Feministas* com o título *Y también digo mujer*. O livro também recebeu algumas traduções: para o inglês como *Sandino's Daughters*, pela editora canadense New Star Books em 1981; para o português pela Global Editora com o título *Estamos todas despertas, as mulheres da Nicaragua*, em 1983; e para o turco, em 1985, sob o título de *Sandino'nun Kizlari*. As entrevistas que compõem essa obra foram feitas entre novembro de 1979 a janeiro de 1980, a pedido do Ministério da Cultura, que financiou a elaboração do livro através de moradia, alimentação, transporte em um *jeep* com

---

<sup>822</sup> RANDALL, Margaret. *Somos millones*. Manuscrito: *Margaret Randall Papers*, UNM Center for Southwest Research & Special Collections, 1975, p. 12-13.

motorista, para que pudesse ter contato com mulheres de diferentes partes do país, ajuda com um secretariado e operativa, para encontrá-las e marcar as entrevistas. A AMNLAE e o Ministério de Bem-Estar Social também colaboraram, especialmente a primeira organização, através da seleção e contato com as entrevistadas. Ao todo, Randall entrevistou 80 mulheres e assegurou ter feito uma seleção considerando idade, classe social, integração política e território, destacando a apoio de Gloria Carrión, Lea Guido, Yvonne Sium, Doris Tijerino, Ricardo Wheelock, Gladys Zalaquette, Mónica Zalaquette e Daisy Zamora<sup>823</sup>. Afirmou ter adquirido “[...] una deuda especial con el Frente Sandinista de Liberación Nacional (FSLN) que – desde mucho antes de la victoria – me ha permitido acercarme a la fuerza motriz de su pueblo heroico.”<sup>824</sup>

Randall afirmou ter selecionado as mulheres e os trechos das entrevistas dentre aquelas que considerou mais comprometidas com o processo em curso, que reconheciam a audácia das sandinistas em enfrentar e superar características tradicionalmente consideradas masculinas, como a razão, capacidade tática e estratégica, dom da liderança, das artes, da política e da atuação militar. Conforme afirmou na introdução, algumas demonstravam consciência explícita das transformações provocadas pela revolução, outras nem tanto, mas interessava a ela perceber a tendência geral, não os casos particulares. Buscava “lo que las exigências históricas han significado y significan para las mujeres nicaragüenses en su conjunto”<sup>825</sup>, interpretando a revolução como um processo de libertação de um povo e de um setor de um povo, permeado por dificuldades, na contramão de uma linearidade, atravessado por contradições que representavam o período de transição, que exigia que escolhas fossem feitas e que prioridades fossem definidas: “Hay épocas de receso en que la vanguardia tiene que proteger celosamente los logros alcanzados y ahondar en el terreno ideológico para no perder el terreno ganado.”<sup>826</sup>

Com a circulação de Randall pelas Américas e as traduções de seus livros, podemos inferir sobre um maior alcance das vozes sandinistas em outros países latino-americanos e no mundo, o que poderia aproximar, colocar em diálogo e fortalecer outras experiências

---

823 Sobre Gloria Carrión, Lea Guido, Doris Tijerino e Daisy Zamora, iremos trabalhar ao longo do capítulo. Sobre Yvonne Sium, não encontramos mais informações; Ricardo Wheelock tinha o grau de capitão do *Ejército Popular Sandinista*; Gladys Zalaquette, exilada chilena, militante do *Movimiento de Izquierda Revolucionario* (MIR), naturalizada nicaraguense pelo governo sandinista; e Mónica Zalaquette, exilada chilena naturalizada nicaraguense pelo governo sandinista.

824 RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaraguense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 9.

825 Ibidem, p. 30.

826 Idem.



revolucionárias em curso, na perspectiva de uma maior integração feminina. O que foi afirmado pela feminista e socióloga dominicana Magaly Pineda<sup>827</sup> no prefácio feito por ela para a edição do livro publicado na República Dominicana. Para Pineda, Randall apresentou uma diversidade das mulheres comuns, cidadãs que não necessariamente eram heroínas ou tinham uma trajetória excepcional, não eram míticas. Construía-se assim um “nuevo rostro”, um novo perfil de ser mulher, que aproximava as mulheres da República Dominicana das revolucionárias sandinistas, criando a possibilidade de reproduzirem a experiência nicaraguense. Nesse sentido, ela destacou o papel de Randall como intelectual e militante feminista, uma “[...] hermana solidaria que ha hecho suyo el compromiso de dar voz a la mujer milenariamente acallada, recogió estos testimonios de mujeres nicaragüenses de hoy, haciendo posible este encuentro.”<sup>828</sup>

O título do livro, *Todas estamos despiertas*, faz referência a um acontecimento relatado por Doris Tijerino, em que compartilhou a solidariedade e companheirismo que envolvia as mulheres sandinistas ao longo da luta insurrecional. Quando ela estava presa, em 1978, seu companheiro José Benito Escobar – comandante e fundador da FSLN – caiu morto em combate. Ela ouviu o anúncio de sua morte em um rádio que mantinha escondido na cela para escutar a *Radio Sandino*<sup>829</sup>. Com o impacto da notícia, um dos momentos de dificuldade que viveu durante a prisão, descobriu que não estava sozinha:

Me ocurrió preguntarle a una compañera que nosotros admirábamos mucho – Rosa Argentina Ortiz, una compañera guerrillera – si estaba despierta. Sabía que ella también tenía un radio. Me contestó: ‘Sí, hermana, estoy despierta.’ Con eso me di cuenta de que ella sabía la noticia. Entonces otra compañera, Margine Gutiérrez, me contestó de una celda más lejos: ‘Todas estamos despiertas.’<sup>830</sup>

Randall dedicou *Todas estamos despiertas* “para las mujeres y los hombres que con sus vidas dinamitaron la vieja Nicaragua... y a los que con sus vidas construyen la patria nueva...” Expressando, assim, uma perspectiva de futuro, contextualizando o período abordado como um

---

827 Pesquisadora e fundadora do *Centro de Investigación para la Acción Femenina* (CIPAF), na República Dominicana. Ler mais em: <https://www.cepal.org/pt-br/node/36715>

828 PINEDA, Magaly. Introducción. RANDALL, Margaret. ...y también digo mujer. *Todas estamos despiertas. testimonio de la mujer nicaraguense hoy*. República Dominicana: Ediciones Populares Feministas, 1983, p.10.

829 Segundo Belén Amador Rodríguez (2020), a *Radio Sandino* foi um meio de comunicação clandestino criado pela FSLN, que funcionou entre 1977 e 1979, cumprindo o mesmo papel da *Radio Rebelde* cubana e tornando-se um exemplo de propaganda sandinista. Teria surgido da transmissão de rádios clandestinas locais que buscavam difundir mensagens e informações sobre a guerra. RODRÍGUEZ, Belén Amador. *Radio Sandino, un ejemplo de propaganda sandinista durante la revolución nicaraguense (1977-1979)*. *Revista Marco*. Vol.6. Espanha: Universidade de Santiago de Compostela, 2020, p. 33-48. Disponível em: <<https://revistas.usc.gal/index.php/marco/article/view/6888>> Acesso: 03/03/2025.

830 RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaraguense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 35.

momento de construção, de superação do passado a partir da vitória revolucionária de 1979. Na introdução chamou atenção para a participação não só quantitativa, mas principalmente qualitativa das mulheres. Por isso citou a comandante sandinista Dora María Téllez, que na entrevista concedida para o livro, afirmou que a Nicarágua tinha se tornado um exemplo para os processos revolucionários do mundo, para os quais serviriam de inspiração e provocariam uma maior participação feminina em outros locais. Essa integração das mulheres era vista por Téllez como uma evolução “ascendente e universal”, que teria aberto o caminho para a “plena integração” da mulher concomitante com a superação da ideia de “sexo frágil”. Um exemplo que, segundo Randall,

[...] por lo extraordinario y aleccionador de su ejemplo, vale la pena detenernos en el caso de Nicaragua, situar a las mujeres nicaragüenses en su contexto social – pasado y presente –, seguir su historia de integración y – sobre todo – escuchar en sus propias voces su problemática, compromiso, decisión, entrega, abnegación, coraje, inventiva, brillantez e insuperable condición de combatiente.<sup>831</sup>

Assim como fez ao abordar a experiência cubana, Randall elaborou uma revisão da situação das mulheres nicaraguenses, a fim de recuperar a participação delas no processo revolucionário, vitorioso em 1979, em uma perspectiva histórica e não de maneira pontual. Ela partiu da premissa geral do predomínio do patriarcado, do capitalismo e do imperialismo como estruturantes da condição de opressão das mulheres na Nicarágua, inscritas na situação mais ampla da América Latina e do Terceiro Mundo. Em sua leitura, essa condição tinha origens no processo de colonização e de dominação colonial que se deu desde o século XV, vivendo seu auge com o imperialismo estadunidense, que muito se devia ao interesse dos Estados Unidos na construção de um canal interoceânico em território nicaraguense, assim como pela apropriação de materiais agrícolas e mão-de-obra barata. A criação da Guarda Nacional (GN), em 1925, e a ditadura familiar somozista a partir de 1936, consolidaram a ordem imperialista e autoritária no país, uma forma particular de dominação e exploração que recaía especialmente sobre as mulheres trabalhadoras, manifestada na dupla exploração as quais estavam submetidas, enquanto mulheres, racializadas e trabalhadoras.

A história da Nicarágua foi, segundo Fernando Mires, marcada pelo interesse estadunidense na construção de um canal que facilitaria a passagem de navios entre o oceano

---

831 Ibidem, p. 11.

Atlântico e Pacífico, barateando a circulação de mercadorias<sup>832</sup>. Conforme Mires e Matilde Zimmermann, as invasões estadunidenses se iniciaram em fins do século XIX, período marcado pela intervenção de fuzileiros navais dos Estados Unidos, conhecidos como *marines*, que “[...] invadiram a Nicarágua nada menos que catorze vezes, em geral para empossar um presidente que parecesse a Washington mais solidários com os interesses dos Estados Unidos, mais estável e/ou apto a proteger os interesses e investimentos norte-americanos.”<sup>833</sup> Com a eleição de Zelaya para presidente do país em 1893, considerado como o primeiro governante com uma agenda de interesse nacional, houve a derrota dos políticos conservadores representantes das velhas oligarquias e dos interesses imperialistas. Essa conjuntura causou uma reação desses grupos que estiveram historicamente no poder, que optara por delegar a soberania nacional aos EUA a partir da presença fixa dos *marines* no país a partir de 1912. Em 1920, em reação a esse cenário surgiu a resistência liderada por Augusto César Sandino. Zimmermann afirmou: “Em 1926 o exército liberal insurgiu-se contra um presidente conservador, imposto pelos norte-americanos.”<sup>834</sup>

A insurreição liderada por Sandino e seu *Ejercito Defensor de la Soberania Nacional* (EDSN) foi vitoriosa em 1932, expulsando os *marines* do território nacional no ano seguinte, foi considerada como a primeira experiência de guerra de guerrilha em território latino-americano. Segundo Zimmermann “os mineiros e camponeses uniram-se ao general rebelde para lutar contra patrões, senhores de terra, burocratas e cobradores de impostos, todos envolvidos em várias formas de abuso.”<sup>835</sup> Para impedir o avanço da revolta popular, os Estados Unidos intensificou sua influência através da *Guardia Nacional* (GN) comandada por Somoza *viejo*, que consolidou um golpe de estado ao assassinar Sandino em 1936, dando início a ditadura familiar somozista. Fernando Mires interpretou o processo da fundação da FSLN em 1961 como continuidade da luta de Sandino, pois permanecia com suas características nacionalistas e anti-imperialistas. A luta sandinista na segunda metade do século XX seria “[...] la legítima ‘venganza histórica’ de Sandino contra Somoza. Era esa, a su vez, la principal fuente de legitimidad para el FSLN. [...] Nuestras revoluciones [latinoamericanas] han sido extraordinariamente fieles a la acepción copernicana original del término revolución.”<sup>836</sup>

---

832 MIREN, Fernando. *La rebelión permanente: las revoluciones sociales en America Latina*. México: Siglo XXI Editores, 2001.

833 ZIMMERMANN, Matilde. *A Revolução Nicaraguense*. São Paulo: Editora UNESP, 2006, p. 27-28.

834 Ibidem, p. 29.

835 Ibidem, p. 30.

836 MIREN, Fernando. *La rebelión permanente: las revoluciones sociales en America Latina*. México: Siglo XXI Editores, 2001, p. 433; 448.

Partindo desse contexto, Randall buscou recuperar a atuação política das mulheres na luta pela libertação nacional e pela soberania popular, movimento que refletia o discurso das próprias nicaraguenses, que constantemente retomavam referências femininas anteriores, reivindicando a contribuição histórica das mulheres para o processo de libertação nacional vinculada à luta anticolonial. Ela iniciou o livro *Todas estamos despiertas* (1972) apresentando uma síntese da mulher indígena antes e durante o processo de colonização espanhola. Baseada nos trabalhos da arqueóloga mexicana Laurette Séjourné, do escritor britânico John Collier e de fontes dos trabalhos do “historiador colonial” Fernández de Oviedo<sup>837</sup>, afirmou que no pré-hispânico as mulheres ocupavam um lugar ativo na sociedade e no comércio, enquanto os homens eram responsáveis pela agricultura e a pesca; tinham autonomia sobre seus corpos; algumas sociedades locais eram matrilineares<sup>838</sup>. Randall buscava colocar a mulher nicaraguense do século XX inscrita nessa tradição: “Estar em contacto con la mujer nicaraguense de hoy hace pensar en una historia de fuerza, voluntad y un papel preponderante en la sociedad.”<sup>839</sup>

Nesta obra, Randall reforçou mais uma vez seu entendimento da colonização como processo responsável pelo estabelecimento de hierarquias sociais a partir de diferenças “entre os sexos”, naturalizadas com discursos biologizantes – discussões que viemos fazendo na presente tese ao longo dos capítulos 2 e 4. No período colonial, ela destacou estratégias de resistência indígena, como a negação em ter relações sexuais mesmo com seus maridos, para que não tivessem filhos/as que seriam escravizados/as pelos europeus. Ao mesmo tempo, Randall relacionou essa prática de resistência das mulheres indígenas com uma ideia entre as revolucionárias e revolucionários do século XX, de que a reprodução era um instrumento de luta à medida que produzia rebeldes que dariam continuidade ao processo de luta. Podemos perceber que a maternidade, assim como a capacidade reprodutora feminina, foi um elemento de debate em diferentes períodos históricos, tendo seu uso moldado e ressignificado de acordo com as demandas de cada tempo<sup>840</sup>.

---

837 Referências utilizadas por Randall: Laurette Séjourné, *América Latina I. Antiguas culturas precolombinas*. México: Siglo XXI, 1979; John Collier, *Los indios de las Américas*. México: Fondo de Cultura Económica, 1960.

838 A respeito da discussão sobre o lugar que as mulheres ocupavam nas sociedades ameríndias, no território onde veio a se tornar a América Latina, pode ser retomada no capítulo 2 e 4.

839 RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaraguense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p.16.

840 VER: Capítulo 2.

Para reforçar o significado atribuído as funções reprodutivas das mulheres no período insurrecional que trabalhamos aqui, Randall recuperou uma afirmação do comandante sandinista e fundador da Frente, Humberto Ortega, através da transcrição de parte de um discurso em que ele afirmou, em 1980, que: “Desde el período de la colonia, y antes, la mujer ha puesto su condición reproductora al servicio de la causa de la justicia social; y de esa justicia social aspira, también, alcanzar la real dimensión de su propia condición como ser humano.”<sup>841</sup> Assim, conferia parte do papel social e político da mulher centro-americana vinculado a maternidade, situação permeada por contradições, fosse como forma de resistência ou de esperança. Ao mesmo tempo em que buscava demonstrar a situação de opressão em que se encontravam, sozinhas e submetidas entre duas categorias de homens: os de sua terra – indígenas ou nicaraguenses - e os estrangeiros – espanhóis ou estadunidenses.

Randall também recuperou a memória e o legado das mulheres do *Ejército de Hombres Libres* dirigido pelo general Augusto César Sandino, que atuaram na luta pela libertação nacional nas décadas 1920-1930. Para comprovar essa atuação feminina, ela utilizou de fotos, cartas e relatos que comprovavam a participação das mulheres. Angelita Arauz apareceu em uma foto empunhando uma arma ao lado de Sandino. María de Altamirano foi chefe de um destacamento guerrilheiro e era tratada por Sandino em cartas como “general”. Blanca Arauz atuou na comunicação durante a guerra, interceptando e transmitindo mensagens, foi secretária pessoal e esposa de Sandino. A salvadorenha Teresa Villaroto chefiou uma coluna guerrilheira, e também foi companheira de Sandino, considerada por Randall como “la referencia que más se acerca a la mujer combatiente.”<sup>842</sup> Juana Cruz obtinha informações confidenciais dos clientes de seu restaurante, contribuía financeiramente para a insurreição e foi *Directora de Correo y Espionaje* no território onde vivia. Tiburcia García Otero teve sua família, seus empregados e sua fazenda destruída pelos *marines*, motivo que lhe gerou revolta e a tornou partidária da revolução, tendo sido presa e torturada por sua colaboração, após servir ao exército como cozinheira, enfermeira e lavadeira.

Ao apresentar a trajetória dessas mulheres podemos perceber que a participação política, em funções organizativas ou na luta armada, se dava atravessada pelos papéis tradicionais de gênero, inclusive nos casos em que se destacaram em funções militares. Foram guerrilheiras,

---

841 Discurso de Humberto Ortega no encerramento do III Congresso da FMC, em Havana, em 1980, em que afirmou: “en momentos en que la victoria se acercaba, las mujeres querían parir más hijos para parir más combatientes...” Ibidem, p. 18.

842 Ibidem, p. 19.

mas continuaram sendo a secretária, a esposa, as responsáveis pelos trabalhos de cuidado nos ambientes da guerrilha. A manutenção dos papéis sociais de gênero também pode ser observada através de uma entrevista de Sandino, recuperada por Randall, reproduzida no livro *Maldito país* (1979)<sup>843</sup>, onde Sandino abordou justamente o tema da contribuição da mulher na guerra, o que incluía ações na espionagem, como correio, no convencimento da população e atuando diretamente no exército. Sandino defendia que por essa contribuição as mulheres fossem integradas a História Pátria, fossem reconhecidas na “história oficial”. Contudo, essa atuação na guerrilha foi mencionada por ele em funções como a enfermagem e os afazeres domésticos. Ou seja, apesar de ter havido casos excepcionais, a responsabilização das mulheres pelos trabalhos de cuidado se manteve como uma constante histórica, uma questão estrutural difícil de ser superada, mesmo quando reconheciam que elas tinham “dado suas vidas pela causa revolucionária” em suposta igualdade com os homens.

Fazendo o vínculo com a luta insurrecional iniciada em 1960, Doris Tijerino foi descrita por Randall no livro *No se puede hacer la revolución sin nosotras*, de 1978, como “militante luchadora”. Ela era uma jovem sandinista, “[...] de larga e ininterrumpida participación en la lucha revolucionaria nicaragüense, apresada y torturada en las cárceles somocistas”<sup>844</sup>. Tijerino foi entrevistada por Randall em meados da década de 1970, em Cuba, para o livro sobre sua vida intitulado *Somos millones* (1976). Em suas memórias, Tijerino recuou no tempo para comprovar a participação das mulheres na luta contra a tirania e a intervenção estrangeira como algo histórico e consolidado, sendo que elas, naquele momento da década de 1970, representavam a continuidade desta luta e não deveriam ser vistas como uma exceção ou novidade.

Tijerino retomou a contribuição das mulheres que lutaram contra William Walker, estadunidense que no século XIX se autodeclarou presidente do país, estabeleceu o inglês como língua oficial e reintroduziu a escravidão<sup>845</sup>. Posteriormente, também mencionou como elas participaram do exército de Sandino e como ele as consideravam como iguais ao tratá-las “não como mulheres”, mas como “combatentes”. Nesse discurso de Tijerino, podemos observar como Sandino, sua militância e seu comportamento, eram utilizados como referência de moral e legitimadora da integração feminina na luta. Esse longo processo de participação política

---

843 José N. Román. *Maldito país*. Managua: Ediciones El Pez y la Serpiente, 1979. Reedição do original de 1933.

844 RANDALL, Margaret. *No se puede hacer la revolución sin nosotras*. Havana: Casa de las Américas, 1978, p. 79.

845 ZIMMERMANN, Matilde. *A Revolução Nicaraguense*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

feminina que teria propiciado que as mulheres integrassem a luta em nível de igualdade de condições, organicidade e importância dentro da FSLN – o que é questionável quando olhamos para a direção nacional dessa organização composta apenas por homens. Como a contradição integra a construção da memória, em especial em um contexto de comprometimento ideológico, Tijerino também reconheceu os limites da FSLN no que dizia respeito a integração feminina, afirmando no livro *Somos millones* (1975) que: “...donde trabajan hombres y mujeres la mujer participa muy poco como dirigente...”<sup>846</sup>

Segundo relatou sobre sua trajetória, Tijerino recebeu a orientação da direção da FSLN, composta exclusivamente por homens, para organizar a *Alianza Patriótica de Mujeres Nicaraguenses*, em fins da década de 1960. A partir dessa organização, ela deveria orientar os trabalhos a serem desenvolvidos pelas “mulheres legais”, mulheres populares, proletárias, em sua maioria trabalhadoras:

Se planteaba como principal objetivo la superación de la mujer, la lucha también por mejores condiciones de trabajo para las mujeres. Que se le reconociera igualdad en cuanto a los salarios. Luchar también por el pago de prestaciones sociales a las domésticas, que no gozan de ninguna prestación social. Derecho de vacaciones y el séptimo día también para las domésticas. Y un mejor trato para las mujeres obreras.<sup>847</sup>

Com isso, podemos perceber que, assim como em Cuba, as demandas vinculadas ao trabalho com mulheres orientavam a agenda da organização, a partir do reconhecimento de que elas eram grande parte da população e, por isso, eram importantes para o desempenho de determinadas funções ao longo do processo revolucionário. Para Karen Kampwirth, desde a década de 1960 líderes sandinistas reconheciam a importância da integração feminina, assim como visavam a emancipação da mulher como uma das conquistas da revolução, por isso era inevitável que esse envolvimento provocasse mudanças nas relações de gênero<sup>848</sup>. Assim, Kampwirth afirmou que foi a revolução que propiciou o surgimento das mulheres como sujeitas políticas em diversas esferas<sup>849</sup>.

Através da *Alianza Patriótica de Mujeres Nicaraguenses*, Tijerino e suas companheiras buscaram envolver politicamente as mulheres a partir do movimento sindical, o que era

---

846 RANDALL, Margaret. *Somos millones*. Manuscrito: *Margaret Randall Papers*, UNM Center for Southwest Research & Special Collections, 1975, p. 147.

847 Idem.

848 KAMPWIRTH, Karen. *Feminism and the Legacy of Revolution: Nicaragua, El Salvador, Chiapas*. Estados Unidos: Ohio University Press, 2004.

849 Idem.

dificultado por este ser movimento majoritariamente dirigido e ocupado por homens, com exceção da categoria de enfermeiras, onde havia basicamente mulheres: “[...] planteábamos como objetivo hacer que la mujer participara ya sea haciendo conciencia en las mismas mujeres de su deber de tomar parte en la vida del sindicato, o haciendo trabajo entre los hombres que permitieran a las mujeres participar”<sup>850</sup>. Entre as educadoras, apesar delas serem maioria, como havia homens professores, eles eram os dirigentes sindicais. Na comunidade indígena de Subtiava, no distrito da cidade de León, na costa pacífica do país, Tijerino recordou como a exploração capitalista tinha transformado os indígenas em trabalhadores operários, converteram seus artesanatos em mercadoria, e as mulheres se tornaram empregadas domésticas. Mas resistiam de diferentes formas a essa penetração através do esforço para manutenção de sua própria cultura originária. Uma das tradições desse povo era o uso do tambor para convocar a população, para guerras, reuniões, assembleias. Em 1974, como muitos dos homens da comunidade se encontravam na clandestinidade, os tambores ficaram nas mãos das mulheres, sendo elas responsáveis pela comunidade. Essas mulheres de Subtiava foram um dos setores que atenderam aos chamados para organização da *Alianza*.

Tijerino destacou a importância de se criar organizações específicas de mulheres: “[...] en actividades propias de la organización, de tipo orgánico, y se trató de consolidar una organización femenina que se llamaba Alianza Patriótica de Mujeres...”<sup>851</sup> Segundo ela, a *Alianza* era uma organização ampla, de base popular, que se opunha a formalidade da *Federación de Mujeres Nicaragüenses* (FMN), vinculada aos partidos. Com essa crítica, incluímos os limites para o estabelecimento de coletivos feministas, malvistas por manterem relações com as estadunidenses, por serem voltadas para os direitos políticos e de liberdades individuais - conforme discutimos no capítulo 2. Aprofundando nessa discussão, Karen Kampwirth considerou que:

Essa tensão foi complicada por uma ideologia influenciada pelo marxismo clássico. Como geralmente entendiam a transformação de classe como algo que levaria automaticamente à transformação de gênero, muitas vezes eram mais rápidos em defender os interesses femininos das mulheres em vez de seus interesses feministas. Isso também era consistente com a agenda de classe da revolução. A defesa dos interesses femininos (por meio de políticas nacionais de saúde ou da ampliação da alfabetização) claramente beneficiava mais as mulheres pobres do que as mulheres de classe média. Em contraste, as preocupações feministas eram frequentemente consideradas, com razão ou não, como sendo de interesse exclusivo das mulheres de

---

850 RANDALL, Margaret. *Somos millones*. Manuscrito: *Margaret Randall Papers*, UNM Center for Southwest Research & Special Collections, 1975, p. 149.

851 RANDALL, Margaret. *No se puede hacer la revolucion sin nosotras*. Havana: Casa de las Américas, 1978, p. 88.



classe média. A preferência da política sandinista por abordar os interesses femininos em vez dos feministas não era apenas uma influência externa (como a discussão sobre o marxismo clássico poderia sugerir), mas também uma resposta ao catolicismo e à demanda popular.<sup>852</sup>

Era importante para elas uma organização feminina que desse conta da demanda de transformação mais profunda na sociedade, na cultura e na política nicaraguense. A *Alianza Patriótica de Mujeres* (APM) se diferenciava do projeto da FMN ao partir do princípio de que “[...] la lucha de la mujer es parte de la lucha general del país, sino organizarla y plantearle objetivos propios que corresponden a la lucha del país”. Por isso, era preciso organizar as mulheres e, mais do que isso, deviam “[...] darse cuenta de la situación de opresión principalmente que vive a la mujer en el país, que la hace ella misma desligarse y verse a sí misma como en un papel secundario, totalmente distinta al hombre y que debe dedicarse a ‘actividades exclusivas de la mujer’.”<sup>853</sup> Contudo, com o envolvimento de Tijerino nessa organização, e com sua prisão em 1969, a *Alianza* foi considerada subversiva e teve sua consolidação inviabilizada pela repressão somozista<sup>854</sup>.

Naquele momento histórico de luta anti-imperialista e antissomozista da segunda metade do século XX, Randall destacou como as mulheres se somavam em várias frentes, desde a legalidade, na clandestinidade, contribuindo na organização política e militar, no trabalho político orgânico. Eram diversas: jovens, adultas, “mais velhas” - acima dos sessenta anos – todas com participação ativa, contribuindo em múltiplos níveis e funções, todas com um objetivo comum:

[...] se encargan de frentes de lucha que son importantes, como es la libertad de los presos, y en esa lucha no solamente participan la madres y hermanas de los presos, participan también las madres de compañeros que han caído; y esto da una idea del grado de compromiso, del grado de participación de la mujer, que está motivada no por una lucha personal y afectiva, sino por una actitud ante el sistema.<sup>855</sup>

Essa integração teria sido, segundo Kampwirth, fundamental para romperem com os tradicionais papéis de gênero aos quais estiveram historicamente submetidas:

---

852 KAMPWIRTH, Karen. *Feminism and the Legacy of Revolution: Nicaragua, El Salvador, Chiapas*. Estados Unidos: Ohio University Press, 2004, p. 44. Tradução nossa.

853 RANDALL, Margaret. *No se puede hacer la revolucion sin nosotras*. Havana: Casa de las Américas, 1978, p. 89.

854 Não encontramos bibliografia robusta que abordasse o projeto e relação estabelecida entre a APM e a FMN, ficando aqui restritas ao relato de Doris Tijerino.

855 RANDALL, Margaret. *No se puede hacer la revolución sin nosotras*. Havana: Casa de las Américas, 1978, p. 86.

Na luta guerrilheira dos anos sessenta e setenta, milhares de mulheres tiveram a oportunidade de romper com as restrições impostas por seus tradicionais papéis sociais. Foi também na luta guerrilheira que muitas mulheres que mais tarde se tornariam ativistas feministas adquiriram as habilidades e a consciência que tornaram seu futuro ativismo em uma possibilidade real. De certa forma, a guerra de guerrilha criou oportunidades que teriam permanecido fechadas para muitas mulheres caso a ditadura tivesse entrado em uma terceira geração, como certamente teria acontecido se não fosse pela FSLN.<sup>856</sup>

Buscando estabelecer esse vínculo temporal, Randall realizou entrevistas para o livro *Todas estamos despiertas* (1980) com algumas mulheres que atuaram no *Exército de Hombres Libres* e colaboraram com a FSLN. *Doña* Nazária, em 1979 com 61 anos, havia cooperado com o exército de Sandino junto com seu pai, quando tinha 14 anos. Lembrava-se da participação de “muitas” outras companheiras, dentre as quais citou Paula Velásquez<sup>857</sup>, morta na guerra. Para Nazária a participação das mulheres não era bem-vista no início do século XX, diferentemente do que tinha observado no processo recém-vitorioso em 1979. Considerava que 1920-1930 havia um questionamento maior sobre a capacidade que teriam de contribuir, o que partia do senso comum que afirmava que mulheres e homens não podiam ser vistos como iguais. Além disso, devido aos papéis tradicionais de gênero, o fato de serem combatentes era praticamente inadmissível, pois não era considerado “coisa de mulher”. *Doña* Nazária compreendia essas dificuldades desde duas perspectivas contraditórias: primeiro, como desafios que fizeram da contribuição feminina ainda mais “valerosa”, pois tinham batalhado mais para ocupar seu espaço no processo de luta; segundo, ao mesmo tempo eram questões que geravam dúvidas nelas mesmas sobre suas capacidades.

Nazária teve nove filhos, “todos integrados na luta”, e se separou em 1962 porque não tolerava comportamentos machistas de seu marido que, segundo ela, a colocava em condição de “escrava”. Acreditamos que esse sentimento expressado por Nazária esteja relacionado a sobrecarga de trabalho doméstico e de cuidados que recaía sobre as mulheres, que deveriam cuidar de seus maridos, da família e da casa, sem remuneração. Como era a realidade da maioria das mulheres, ela não frequentou a escola, era analfabeta e as “brigadas de alfabetização” em curso no país após a vitória de 1979, foram vistas por ela com esperança, uma forma de mudar aquela realidade coletiva das nicaraguenses. Ela colaborou com a luta insurrecional cedendo onde vivia como “casa de segurança”, onde faziam bombas e organizavam o trabalho de

---

856 KAMPWIRTH, Karen. *Feminism and the Legacy of Revolution*: Nicaragua, El Salvador, Chiapas. Estados Unidos: Ohio University Press, 2004, p. 20. Tradução nossa.

857 Não encontramos mais informações sobre ela.

propaganda. Defendeu que a revolução havia “libertado a mulher”, havia trazido o “fim do machismo” em oposição a “escravidão feminina” da ditadura somozista. Para Randall, “Resulta particularmente interessante ver como esta mujer de 61 años liga la liberación de su sexo con la liberación nacional.”<sup>858</sup> Ao mesmo tempo, ao observar a mudança ocorrida ao longo dos 40 anos que separavam as duas experiências sandinistas identificou os limites postos ao processo vitorioso em 1979, reconhecendo que a divisão entre os papéis de gênero não tinha sido totalmente superada, apesar dos avanços da juventude: “Hasta hoy, todavía hay quienes piensan así. Pero la juventud no. La juventud ya felicita a uno, pues, por participar igual que ella.”<sup>859</sup>

Randall também nos apresentou *Doña María Lidia*, uma camponesa de 68 anos, veterana das duas guerras (1920-1930 e 1960-1980), nas quais atuou principalmente como correio. Randall a descreveu como:

[...] soldada nicaragüense contra los machos [aqui usado para se referir aos *policeman* yanquis] [...] Yo no he dejado de participar en ningún momento. Yo no me he separado. Estos hilos me siguieron hasta el final. Sigo adelante, los años los aparto porque tentó mi espíritu hinchado de amor por mi patria adorada...<sup>860</sup>

Ao estabelecermos o vínculo dessas mulheres que atuaram nas duas guerras de libertação nacional, Randall iniciou sua jornada de síntese e entrevistas com as sandinistas para o livro *Todas estamos despiertas* (1980), chamadas de “las compas de ahora”. A partir da definição dada pela *comandante guerrillera* sandinista Dora María Téllez, Randall apresentou o período entre 1960 e 1980 como a “etapa atual” da luta pela libertação nacional. Na vitória de 1979, considerou que as camponesas desempenharam um papel central, integrando-se no movimento desde a década de 1960, enquanto as cidadinas teriam participado de maneira massiva a partir de 1972-1973, principalmente a partir do movimento estudantil e religiosos. Essa condição refletia a exploração que assolava o campo e as dificuldades das mulheres se integrarem na cidade, onde a sua atividade política era socialmente vista como algo ruim, onde as militantes eram comparadas com “prostitutas”. Ao mesmo tempo, podemos observar como as estudantes foram um dos primeiros grupos de mulheres a se integrarem plenamente a luta

---

858 RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaraguense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 22.

859 Doña Nazária *apud* RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaraguense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 22.

860 RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaraguense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 23.

sandinista. Sobre esse processo de duas décadas de integração feminina, Matilde Zimmermann afirmou:

O número de mulheres da FSLN aumentou durante a fase da clandestinidade do final dos anos 1960. Tinham entre si uma semelhança relativamente maior do que os homens sandinistas, recrutados entre os universitários oriundos de lares mais abastados. Mas Gladys Báez, que combateu na operação da guerrilha de 1967, e Luisa Amanda Espinosa, a primeira mulher sandinista morta pela Guarda Nacional, vinham de famílias operárias.<sup>861</sup>

Para a construção desta memória, Tijerino reivindicou também o legado de Luisa Amanda Espinosa, uma estudante de 21 anos, militante da FSLN, assassinada pela *Guardia Nacional*, que, posteriormente, teve seu nome homenageado na *Asociación de Mujeres Nicaraguenses Luisa Amanda Espinosa* (AMNLAE). Ela foi a primeira mulher sandinista que teve sua morte em combate registrada naquela etapa da luta armada iniciada em 1961. Em *Somos millones* (1975), Tijerino recordou como a atuação de Espinosa tinha impressionado a *Guardia*, como soldados afirmaram não saber que uma mulher pudesse participar da luta armada e combater como ela havia combatido.

Após o fracasso da *Alianza* outras iniciativas foram tomadas por parte da Frente, a fim de fortalecer a mobilização e integração feminina na luta insurrecional. Para esse processo de integração massiva de mulheres a comandante sandinista, Dora María Téllez, em *Todas estamos despiertas* (1980), recuperou o papel da *Asociación de Mujeres ante la Problemática Nacional* (AMPRONAC). Segundo Téllez, a AMPRONAC fundada em 1974, foi responsável pelo envolvimento de mulheres de setores populares e burgueses na luta antisomozista. Na interpretação de Randall a criação dessa organização significou uma conquista individual de cada mulher que buscava reafirmar sua condição de participação política, além de ter significado a criação de uma “organização feminina de massa”. Doris Tijerino, também em *Todas estamos despiertas* (1980), considerou que a AMPRONAC foi a primeira tentativa bem-sucedida de organização das mulheres.

Segundo ela, com a AMPRONAC, “las compañeras lograron resolver el problema llevando a la organización femenina a todas las mujeres que estuvieron dispuestas a participar en un movimiento de masas antisomocista, sin ser exigente en la selección de las mismas.”<sup>862</sup>

---

861 ZIMMERMANN, Matilde. *A Revolução Nicaraguense*. São Paulo: Editora UNESP, 2006, p. 55.

862 Doris Tijerino *apud* RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaraguense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 32.

Como entre as integrantes havia mulheres burguesas, intelectuais, profissionais, Tijerino recebeu que a organização tomasse os rumos do “feminismo burguês”. Contudo, destacou a agilidade das sandinistas em apresentar os “problemas da mulher” integrados aos “problemas da sociedade”: “Discutían los problemas no sólo de la mujer en la sociedad, sino los problemas de la sociedad en si, los problemas de los nicaraguenses y dentro de ellos las posibilidades de su participación como mujeres.”<sup>863</sup>

Esse processo de mobilização de massas não era exclusivo no setor feminino, mas fazia parte de uma mudança estratégica da FSLN adotada após a derrota da guerrilha de Pancasán em 1967<sup>864</sup> e o aumento da repressão após o terremoto de 1972, conforme afirmou Karen Kampwirth e Matilde Zimmermann<sup>865</sup>. Ao explorar a “questão da mulher” na Nicarágua, a militante sandinista Glória Carrión assumia que o sucesso da incorporação feminina na luta revolucionária, que ganhara “contornos massivos” a partir de 1977, não tinha sido algo descolado de outros processos, não foi a integração de um setor social isolado, mas sim resultado de um movimento para envolvimento de massas e popular na revolução, ao mesmo tempo em que ressaltava a especificidade da integração feminina e do papel social e político da mulher nicaraguense, especialmente em comparação com outros países:

Sin embargo, yo sí creo que es notorio en el proceso nuestro, digamos, el proceso de concientización que la mujer adquiere, la importancia que ella tiene como sujeto de esa sociedad, y como sujeto determinante – por lo tanto – si queréis, del resultado final al que nosotros llegáramos. Y como ella desde esta conciencia empieza a trabajarse. A tomar una posición en la lucha y una posición de apoyo a la Revolución.<sup>866</sup>

Em 1979, quando foi entrevistada por Randall, Gloria Carrión tinha 26 anos e era coordenadora geral da AMNLAE. Como citado por Lea Guido, Carrión tinha sido uma das fundadoras da AMPRONAC. Ela era a única filha mulher, com quatro irmãos homens, de uma família da “burguesia” nicaraguense, o que significou uma educação em escolas religiosas e, posteriormente, nos Estados Unidos. Somaram-se como suas principais influências políticas: a realidade da desigualdade social que percebeu nos EUA junto com uma amiga etíope (não

---

<sup>863</sup> Ibidem, p. 33.

<sup>864</sup> A guerrilha de Pancasán foi liderada por Carlos Fonseca em 1967 na região homônima. Com pouco mais de 50 guerrilheiros foi massacrada pela GN em agosto do mesmo ano, momento em que um dos fundadores da FSLN, Silvio Mayorga, foi morto.

<sup>865</sup> KAMPWIRTH, Karen. *Feminism and the Legacy of Revolution: Nicaragua, El Salvador, Chiapas*. Estados Unidos: Ohio University Press, 2004 e ZIMMERMANN, Matilde. *A Revolução Nicaraguense*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

<sup>866</sup> Gloria Carrión *apud* RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaraguense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 43.

identificada); o seu trabalho com as comunidades carentes da Nicarágua junto com organizações religiosas; e a participação de seu irmão na luta clandestina. Com sua amiga etíope também avançou em uma percepção internacionalista da realidade dos povos subalternizados e aprofundou sua compreensão a respeito do papel desempenhado pelos Estados Unidos na conjuntura em que viviam.

Para ela, sem o envolvimento de mais da metade da população seria inconcebível uma revolução ser bem-sucedida: “Aquí todo un pueblo se levanta en armas, y nuestra vanguardia ha adquirido también una conciencia de la importancia de la participación de la mujer en nuestra lucha”<sup>867</sup>. Em sua visão, a mulher nicaraguense, centro-americana e latino-americana, desempenhava um papel central, de pilar da família, não apenas como dona-de-casa, obrigada aos cuidados e submetida ao marido, mas com um papel ideológico, emocional e econômico central, especialmente nas classes populares. Essa percepção dialogava com o sentido das campanhas encabeçadas pela AMPRONAC, como demonstrado através do testemunho de Lea Guido. Esta condição, de “real pilar” da casa, deslocando o homem do lugar de “chefe do lar”, seria, segundo Carrión, resultado da ausência e do abandono paterno, que teria contribuído na transformação das mulheres em sujeitos conscientes de sua condição socioeconômica e política. Contudo, ela não culpava os homens individualmente, mas colocava o problema em uma perspectiva estrutural, como resultado da “estrutura do capitalismo dependente” – o que dialoga com a discussão que fizemos a esse respeito no capítulo 2.

Com essa inserção massiva de mulheres, houve impacto em diversos aspectos de suas vidas, levando a conflitos familiares e a prejuízos socioculturais que geraram medos e inseguranças. Conforme destacou Kampwirth, essas mudanças impactaram também a dinâmica das organizações políticas:

Os guerrilheiros tiveram que superar seu sexismo, pelo menos para integrar as mulheres em suas fileiras, se quisessem ter sucesso com sua estratégia de mobilização de massa. Isso não significa que eles deixaram de ser sexistas, mas sim que era de seu interesse reprimir sentimentos sexistas para aumentar seu número. Uma vez que a FSLN admitiu as mulheres como iguais, a tradicional divisão de trabalho por gênero muitas vezes se desfez, devido às condições não convencionais da vida guerrilheira. [...] Não havia consciência de gênero nas forças guerrilheiras, o que havia era uma incrível solidariedade.<sup>868</sup>

---

<sup>867</sup> Idem.

<sup>868</sup> KAMPWIRTH, Karen. *Feminism and the Legacy of Revolution*: Nicaragua, El Salvador, Chiapas. Estados Unidos: Ohio University Press, 2004, p. 33. Tradução nossa.

De toda forma, o processo foi bem-sucedido: conforme lembrou Dora María Téllez, durante a tomada da cidade de León em 1979, dos 160 combatentes da ação 60 eram mulheres, além da comandante ser ela mesma, uma mulher. Essa realidade, segundo Téllez, se tornou comum apenas na reta final da insurreição, depois de um longo processo político de reivindicação pelo direito das mulheres ocuparem espaços de comando. Neste longo processo de integração, iniciado na década de 1960, a AMPRONAC foi importante para garantir uma maior participação política feminina. Para a pesquisadora Gema Santamaría,

Es justamente a partir de la revolución sandinista que el movimiento de mujeres en Nicaragua se constituye como un movimiento numeroso, que incorpora a amplios sectores populares de la nación nicaragüense. Aquel movimiento de elite de la primera ola que congregaba sólo a un grupo de mujeres de clase media, liberales y educadas, queda atrás. [...] Mujeres que enarbolan, en su mayoría, una identidad sandinista. Compañeras que están convencidas que “no hay revolución sin emancipación de la mujer” y de que “no hay emancipación sin revolución.”<sup>869</sup>

Na escalada da luta insurrecional, a AMPRONAC desempenhou um papel importante: “Ya el 8 de marzo de 1979, la mujer nicaragüense, como Asociación, llama al derrocamiento de la dictadura.”<sup>870</sup> Atuaram na organização dos comitês de saúde, criaram “clínicas” de atenção médica, cursos semiclandestinos de primeiros socorros, campanhas de vacinação, centros de armazenamento de alimentos, além de uma mobilização geral. Segundo Guido, esta experiência garantiu que muitas, após a guerra, se tornassem responsáveis pelos *Comités de Defensa Sandinista* (CDS), além de terem assumido outras tarefas políticas e organizativas. Gema Santamaría afirmou que a AMPRONAC tinha surgido inicialmente para organizar a luta por direitos humanos conduzida por mães de presos/as e desaparecidos/as políticos. Contudo, logo passou a ter diversas outras funções, como trabalho social de educação e saúde pública, tarefas de defesa, vigilância e propaganda revolucionária. Dialogando com essa perspectiva, a filósofa Gema Saéz buscou demonstrar que esse movimento não se dava de maneira isolada na Nicarágua, aproximando-as da atuação argentina das *Madres de Plaza de Mayo*, em que

[...] ambas luchaban por la defensa de los derechos humanos y se organizaron en tanto mujeres demandantes desde sus roles tradicionales como madres, pero em el caso de Nicaragua, pronto funcionarían nuevas formas de incorporación a la resistencia con la llegada de mujeres a la guerrilla, algunas de las cuales acabaron detentando el título de Comandante y desde fechas muy tempranas, el FSLN capitalizaría la organización

---

869 SANTAMARÍA, Gema. *Alianza y autonomía: las estrategias políticas del movimiento de mujeres en Nicaragua*. Tese. Instituto Tecnológico Autónomo de México, México, 2005, p. 60-61.

870 Lea Guido *apud* RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaraguense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 59.

de las mujeres como forma de defensa civil en las ciudades en los últimos años de insurrección.<sup>871</sup>

Apesar de não ter conquistado o grau de *comandante guerrillera*, Lea Guido era Ministra do Bem-Estar Social do governo sandinista vitorioso em 1979, além de ter sido parte da direção da AMPRONAC e da sua substituta, a AMNLAE. Neta e filha de vendedoras no Mercado Oriental de Manágua, reivindicava a continuidade do trabalho das mulheres de sua família. Seu pai, apesar de trabalhador, era um defensor da ditadura familiar dos Somoza, pois tinha conquistado dinheiro e proteção com a ditadura, indo para o exílio com a vitória da FSLN. Segundo ela, na entrevista concedida à Margaret Randall para o livro *Todas estamos despiertas* (1980), essa diferença de concepção entre os pais, e o fato de viverem separados, produziu uma “mescla formativa” ao longo de sua criação: “[...] por un lado una excelente instrucción, producto de buenas escuelas europeas; por otro, la sabiduría popular y proletaria, adquirida entre las vendedoras del mercado.”<sup>872</sup>

Assim como demonstrado por Tijerino a respeito da formação da AMNLAE, Guido relatou que a demanda de criação de outro instrumento que fosse capaz de organizar as mulheres na luta pela libertação nacional, em substituição aos fracassos anteriores, partiu da direção masculina FSLN. Segundo ela, Jaime Wheelock<sup>873</sup>, em 1977, a orientou para a criação de uma comissão de trabalho para analisar “el problema de la mujer”, da qual deveria ser organizada uma associação feminina. Ela acreditava que tinha sido escolhida para compor este grupo e dirigir este processo porque tinha vivido na Europa, onde adquiriu experiência com organizações populares de massa e sindicatos. Destacou como, em um ano marcado pela investida da Guarda Nacional contra a FSLN, eles tinham definido como um dos eixos centrais de atuação a organização das mulheres, que deveriam ser mobilizadas em diferentes contextos sociais, para debater a realidade nicaraguense a partir das especificidades femininas e buscar soluções coletivas no interior da luta revolucionária. Para isso, deveriam considerar as péssimas condições e torturas que sofriam as presas políticas e a ausência de direitos humanos no país.

---

871 SÁEZ, Gema D. Palazón. Antes, durante, después de la revolución: La lucha continua – Movimiento Feminista en Nicaragua. *Revista Lectora*. N.13, 1995, p.122.

872 Lea Guido *apud* RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaraguense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 39.

873 Advogado, sociólogo e um dos principais dirigentes da FSLN. Foi da direção nacional da Frente e fundador da “Tendência Proletária”. Após a vitória em 1979, se tornou ministro de *Desarrollo Agropecuario y del Instituto de Reforma Agraria*. Além dele, o Diretório Nacional da FSLN era composto por: Tomas Borge, Daniel Ortega, Victor Tirado, Humberto Ortega, Henry Ruiz, Bayardo Arce, Luis Carrión e Carlos Núñez.



Lea Guido, junto com Glória Carrión, encaminhou a criação da AMPRONAC através da formação de um comitê executivo do qual fazia parte também Carmen Brenes, Tere Delgadillo e Clarissa Álvarez<sup>874</sup>. Guido considerava que a ditadura não sabia como tratar aquela organização de mulheres trabalhadoras, camponesas e burguesas, e se assustava com o potencial e compromisso da atuação feminina. Esse potencial foi exemplificado por ela ao lembrar que em 1978, com o assassinato do líder da oposição legal ao somozismo, Pedro Joaquín Chamorro, dono do jornal *La Prensa*, as mulheres demonstraram preparo político frente as outras organizações populares, protagonizando o velório-manifestação de Chamorro: “Nosotras somos la única organización que lleva su manta ya hecha, y nos ponemos a la cabeza de la manifestación. Íbamos a la cabeza con el megáfono, lanzando consignas. Éramos un grupo pequeño, pero participamos en todas las movilizaciones que se dieron.”<sup>875</sup> No mesmo ano, com uma convocação de greve geral, organizaram a tomada do prédio da ONU com familiares de presos/as e desaparecidos/as, o que provocou a oposição de alguns setores que chegou a acusá-las de “divisionistas”, justificando que elas prejudicariam a preparação para a greve geral. Para Guido, a greve geral não teria o impacto esperado, então essa questão se tratava de “[...] brazos caídos, ninguna actividad que rompiera la armonía, porque estaban convencidos de que con eso se iba a ir Somoza. Pero nosotras sabíamos que no iba a ser así.”<sup>876</sup>

A partir de 1978, a AMPRONAC, na avaliação apresentada por Guido, ganhou características de uma “organização de massas”, com comitês de base espalhados pelo país, somando-se mais de mil filiadas. Mesmo com outras organizações de mulheres, como a do *Partido Socialista* e a *Organización de Mujeres Democráticas de Nicaragua* (OMDN), ela defendeu que somente com a fundação da AMPRONAC as organizações políticas da época foram capazes de mobilizar uma base social feminina expressiva, como ficou demonstrado através do ato do 8 de março de 1978, realizado pela associação. Nesse dia celebraram a data com missas e, vinculando sua força com as comunidades eclesiais de base<sup>877</sup>, utilizaram as

---

874 Não encontramos mais informações sobre essas três mulheres citadas por Lea Guido.

875 Lea Guido *apud* RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaraguense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 48.

876 Ibidem, p. 49.

877 Segundo Frei Betto as CEBs são “São comunidades, porque reúnem pessoas que têm a mesma fé, pertencem à mesma igreja e moram na mesma região. Motivadas pela fé, essas pessoas vivem em comum-união em torno de seus problemas de sobrevivência, de moradia, de lutas por melhores condições de vida e de anseios e esperanças libertadoras. São eclesiais, porque congregadas na Igreja, como núcleos básicos de comunidade de fé. São de base, porque integradas por pessoas que trabalham com suas próprias mãos (classes populares)” BETTO, Frei. *O que é Comunidade Eclesial de Base*. São Paulo: Abril, 1985, p. 7. Ver: LOWY, Michael. Marxismo e cristianismo na América Latina. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*. No.19. São Paulo, novembro de 1989, p. 5-21.

igrejas como locais de segurança onde, depois da celebração religiosa, realizaram discursos políticos e convocaram as pessoas para se integrarem à luta sandinista. Percebemos aqui a força do vínculo entre a participação política feminina e o espaço cotidiano na Igreja, como local onde eram capazes de estabelecer o diálogo, disputar a consciência e organizar a população.

Nesse mesmo ano, foram inseridas no comitê executivo do *Movimiento Pueblo Unido* (MPU), o que demonstrava o reconhecimento do papel político da organização. Lea Guido foi a representante da associação nesse fórum e também era dirigente da FSLN, o que, na prática, significou uma ampliação da presença da Frente no comitê. Para Guido esta vinculação ao MPU refletiu a derrota da ala burguesa da AMPRONAC, que na mesma época buscava vincular a organização à *Frente Amplio Opositor* (FAO) que, segundo ela, reunia a burguesia antisomozista. Essa observação de Guido explicitava as divisões internas da FSLN que integrava as duas frentes. Em 1978, após o assassinato de Pedro Joaquín Chamorro, surgiram duas frentes de oposição ao somozismo. A FAO, integrada pelo grupo de *Los Doce*<sup>878</sup>, o *Partido Liberal Independiente*, o *Movimiento Liberal Constitucional*, o *Partido Conservador Nicaragüense*, entre outros, era dirigida pela tendência Terceirista da Frente. O *Movimiento Pueblo Unido* (MPU), de caráter popular e de trabalhadores/as, era dirigido pelas tendências Proletária e Guerra Popular Prolongada, no interior da FSLN. Segundo Daniel Van Eeuwen:

En julio de 1978 se crea el Frente Amplio de Oposición (FAO), que agrupa a la UDEL, el MDN y los ‘doce’, y comprende un total de 16 partidos y organizaciones políticas. Al mismo tiempo se funda el Movimiento Pueblo Unido (MPU), que aspira a ser una fuerza popular autónoma y es producto del trabajo subterráneo realizado desde hacía tres años por la tendencia ‘proletaria’ del Frente.<sup>879</sup>

Assim, quando ela fala da “ala burguesa da AMPRONAC”, ela pode ter se referido também às militantes sandinistas membros da tendência interna Terceirista<sup>880</sup>. Segundo a socióloga Norma Chinchila,

---

878 O grupo de Los Doce pode ser compreendido como uma mediação entre a FSLN e os movimentos populares e as elites nicaraguenses, sendo os responsáveis pelo Programa de San José, de 1979. Los Doce eram intelectuais, religiosos, empresários e profissionais liberais.

879 VAN EEUWEN, Daniel. Nicaragua. ROUQUIÉ, Alain [coord.] *Las fuerzas políticas en América Central*. México: Fondo de Cultura Económica, 1994, p. 179.

880 Em meados de 1970 a FSLN, por divergência de tática e por disputa ideológica, se dividiu em três tendências: Terceiristas (TI), se colocou como uma mediação entre as duas outras tendências, defendendo o foco em ações urbanas e alianças políticas mais amplas com setores estratégicos, como a burguesia; Proletários (TP), defendiam o protagonismo do proletariado, enfatizando a luta urbana; e Guerra Popular Prolongada (GPP), inspirada no foquismo de Guevara e na guerrilha rural, com ênfase nas organizações de massa, de trabalhadores e camponeses. As três tendências se reunificaram em março de 1979, fundando uma direção nacional com nove membros, três de

A AMPRONAC foi a mais bem sucedida organização de mulheres ligada a um partido revolucionário de esquerda na América Latina até aquela época. Um fator decisivo de seu êxito foi a capacidade de tomar como objeto uma questão geral, os direitos humanos, que afetavam as mulheres de modo particular, e de enfrentá-lo com táticas e formas organizacionais nascidas das experiências específicas das mulheres. [...] baseava-se no suposto de que as mulheres têm experiências próprias de gênero, algumas delas especificamente de classe, mas outras compartilhadas ao longo das divisões de classe. A mobilização política das mulheres em torno de demandas baseadas na divisão sexual do trabalho vigente refletia interesses mais práticos do que estratégicos, ou uma consciência de mulher diferente da consciência feminista.<sup>881</sup>

Doris Tijerino, ao apresentar sua leitura sobre a situação da mulher nicaraguense nesse contexto, destacou como o trabalho doméstico era a maior expressão da situação de exploração à qual estavam submetidas em um contexto em que as condições desse trabalho se aproximavam da servidão, ou até da escravidão. Segundo ela, esse cenário piorava ao se somar ao alto índice de prostituição e ao fato de que, diante da extrema pobreza, muitas recorriam ao roubo para sustentar suas famílias. Essas mulheres compunham a totalidade do povo nicaraguense que vivia um cotidiano de luta por sobrevivência: “La mujer doméstica. La mujer prostituta, prostituida por intereses ajenos. Trabajadores agrícolas, y entre ellos: las mujeres obreras que ganan tan poco que los fines de semana se ven obligadas a salir en busca de ‘clientes’ - la prostitución como único medio de subsistencia.”<sup>882</sup>

Ao recuperar essa história de exploração das mulheres, Tijerino, que tinha crescido na fazenda de seu avô, buscou retratar a situação de exploração das camponesas. Dentre os relatos contidos no livro *Somos millones* (1976), vivenciou ocasiões em que veterinários eram chamados para o parto das vacas na fazenda, mas as mulheres tinham assistência médica negada em qualquer ocasião, de parto ou doença, para si ou para seus filhos/as. O acesso à escola era negado às crianças do campo, que, junto com sua mãe, avó, e outras mulheres eram responsabilizadas do cultivo na pequena porção de terra em que viviam, enquanto os homens trabalhavam de forma assalariada na lavoura. Nos poucos casos em que foram mandados para a escola, o objetivo era que suprissem as necessidades da fazenda e seu patrão, para atender as necessidades das elites:

---

cada tendência: Henry Ruiz, Tomás Borge e Bayardo Arce, da GPP; Daniel Ortega, Humberto Ortega e Victor Tirado, da TI; Jaime Wheelock, Luis Carrión e Carlos Núñez, da TP.

881 CHINCHILA, Norma Stoltz. Classe, gênero e soberania na Nicarágua. *Revista Estudos Feministas*. Nº2, 1993, p. 325.

882 Doris Tijerino *apud* Randall, Margaret. *No se puede hacer la revolucion sin nosotras*. Havana: Casa de las Américas, 1978, p. 76.

Allá, em el campo se da mucho la explotación de los niños. Incluso las madres, por necesidad, los alquilan como objetos. [...] Era una madre que tenía muchos hijos, entonces alquilaba a sus hijos a otras familias, campesinas también, pero un poco más acomodadas que ella, para cuidar de niños, para... La naturaleza del sistema les obliga a explotarse unos a otros. Esas muchachitas se van deformando desde entonces [...] <sup>883</sup>

A realidade apresentada por Tijerino vinculava a identidade materna, de avó e esposa, através da denúncia a divisão sexual do trabalho e da violação dos direitos humanos, pois eram elas as inatas “defensoras da família”. Em nome dessa defesa é que deveriam transgredir os papéis de gênero e atuar na vida pública, conforme propunha Lea Guido. Para Norma Chinchila: “Nesse processo, a imagem do que podiam fazer as mulheres, principalmente as mães, mudou a percepção da opinião pública e na mentalidade das mulheres.” <sup>884</sup> Com a organização de ação no Dia Internacional da Mulher reforçavam a maternidade como eixo mobilizador e como estratégia para alcançarem as mulheres nicaraguenses. Segundo o relato de Guido, em agosto de 1978, lançaram através da AMPRONAC o lema *Nuestros hijos tienen hambre: alto costo de la vida*. Assim, vinculavam diretamente a conjuntura nacional com a responsabilidade das mulheres, agregando-as na luta antisomozista ao unificar a denúncia da situação que vivia o país com a necessidade de garantir a sobrevivência da família que recaía sobre elas. As sandinistas reforçavam a realidade da mulher nicaraguense como mãe, pilar da família, responsável pela vida e pela sobrevivência econômica de seus filhos e filhas e, por isso, o setor mais afetado pelo alto custo de vida e pela miséria que assolava o país. Essa assertiva vai na contramão do senso comum, que considerava o homem como chefe de família que assegurava parte de sua autoridade em uma sociedade patriarcal, como demonstrou Matilde Zimmermann:

A regra [patriarcal] era que o chefe do lar, um homem, sustentasse sua família e dependentes, enquanto sua esposa permanecia em casa, criando os filhos e cuidando deles. Esse ideal era um mito. Na realidade, muitos lares da classe operária e de camponeses eram liderados por mulheres solteiras e, nessas famílias, tanto os meninos quanto as meninas trabalhavam desde tenra idade. Nos lares mais abastados, o trabalho de cuidar da casa e das crianças era quase sempre executado por empregadas, não pela mãe/esposa que permanecia em casa. <sup>885</sup>

Segundo Guido, essa não era uma realidade e nem um movimento isolado das nicaraguenses, tendo ocorrido atos parecidos de mulheres ocupando as ruas com panelas vazias

---

883 RANDALL, Margaret. *Somos millones*. Manuscrito: *Margaret Randall Papers*, UNM Center for Southwest Research & Special Collections, 1975, p. 43-44.

884 CHINCHILA, Norma Stoltz. Classe, gênero e soberania na Nicarágua. *Revista Estudos Feministas*. Nº2, 1993, p. 327.

885 ZIMMERMANN, Matilde. *A Revolução Nicaraguense*. São Paulo: Editora UNESP, 2006, p. 56.

no Chile, El Salvador e Argentina<sup>886</sup>. Esse contexto afetava as mulheres latino-americanas e era utilizado como eixo mobilizador tanto pela extrema-direita quanto pelas esquerdas: “Son asuntos que tocan a la mujer porque son sus hijos, sus esposos. Y ninguno de los grupos femeninos de los partidos tradicionales de izquierda ha jugado un papel tan importante en ese sentido.”<sup>887</sup> Dessa forma, as nicaraguenses aprenderam a vincular a luta nacional e a denúncia da situação do país com as “questões da mulher”, o que foi viabilizado principalmente pela atuação da AMPRONAC. No 30 de maio de 1978, Dia das Mães na Nicarágua, lançaram o lema: *Más que regalo, queremos una patria libre*. O uso da maternidade como um importante eixo de mobilização e reivindicação utilizado pelas sandinistas foi se aperfeiçoando com o passar dos anos. Para Karen Kampwirth a sandinista ideal era a mãe, o que no futuro delimitou a extensão e os limites do feminismo sandinista:

Nesse imaginário revolucionário, a mãe que amamentava estava armada e era poderosa. Mas ela também era, aparentemente, uma mãe solo. [...] Através da revolução os direitos e responsabilidades das mulheres seriam ampliados de maneira significativa. De fato, muitas vezes foram. Mas a transformação de gênero é, necessariamente, a transformação de relações. Essas relações, incluindo os papéis dos homens, foi menos frequentemente questionada. [...] Sem desafiar diretamente os papéis masculinos, a feminilidade seria transformada simplesmente pela expansão da revolução.<sup>888</sup>

Buscando sintetizar a realidade da nicaraguense, Randall havia apontado a centralidade dessa identidade materna e da responsabilização das mulheres pelos cuidados, criação e sobrevivência dos filhos/as. Foi a partir dessa premissa que interpretou a massiva participação da nicaraguense e da mulher latino-americana na economia, criando alternativas econômicas em cenários de desemprego, porque tinham que sustentar seus filhos/as. Essas mulheres não viam uma alternativa a não ser garantir a subsistência de sua prole, para isso submetendo-se a trabalhos domésticos degradantes ou em situações de precariedade como vendedora ambulante de alimentos e utensílios de baixo valor, chegando ao limite de recorrerem a prostituição, “antes de huir de su responsabilidad con los seres que há traído al mundo.”<sup>889</sup> A partir dessa condição

---

886 As conhecidas “Marchas das Panelas Vazias”, nesse período, foram utilizadas pela esquerda e pela direita. Em 1971, no Chile, foram usadas contra o governo de Salvador Allende. No capítulo III, apresentamos uma breve discussão a esse respeito feita por Randall ao abordar as estratégias de controle e penetração ideológicas levadas à cabo pelos Estados Unidos na região.

887 Lea Guido *apud* RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaraguense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 52.

888 KAMPWIRTH, Karen. *Feminism and the Legacy of Revolution: Nicaragua, El Salvador, Chiapas*. Estados Unidos: Ohio University Press, 2004, p. 19-20. Tradução nossa.

889 RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaraguense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 28.

rompiam com o “machismo hispano-cristão”, ou como afirmou Chinchila, rompiam com os papéis tradicionais de gênero<sup>890</sup>. Para Randall,

Aun cuando la tradición (española, católica) le designa un lugar hogareño, pasivo, de dependencia y ‘decoro’, la realidad que la rodea, le ha exigido otra respuesta. La historia la ha empujado a una toma de posiciones y decisiones que – partiendo de lo económico – ha ampliado su participación social y política.<sup>891</sup>

Nessa realidade em que viviam as nicaraguenses e latino-americanas, quando abandonadas, com o marido desempregado ou alcoólatra, transformaram-se, segundo Carrión, em metade da mão-de-obra na produção de produtos de exportação, estabelecendo-se como força e com papel econômico determinante na região<sup>892</sup>. Vale lembrar que grande parte do trabalho realizado pelas mulheres estava na informalidade e não entrava em estatísticas oficiais, o que fazia delas ainda mais relevantes no cenário descrito por Carrión. Para ela, no processo de adesão à luta revolucionária a maior participação das mulheres dos setores populares seria justificada pela trajetória de vida delas:

Se ha visto obligada a pelear, si queréis, se ha visto obligada a llevar una situación bien dura, a luchar por las mínimas condiciones económicas en su casa. Entonces de hecho es una mujer que ha ido adquiriendo una actitud beligerante, y una personalidad fuerte, callosa, aguantadora.”<sup>893</sup>

Para Carrión, essa condição se transformou ao longo da década de 1970, mas manteve seu viés de classe: “[...] la participación de la mujer también rebasa la división de clases.”<sup>894</sup> Além da já citada questão da situação econômica, aspectos como a violência, a repressão contra a juventude, foram fatores que influenciaram o envolvimento político das mulheres na revolução. O avanço da Guarda Nacional contra crianças e jovens afetava particularmente a mulher, motivada a protegê-los e defendê-los da violência somozista, a partir da identidade de “defensora da família” explicitada por Chinchila<sup>895</sup>. Para Carrión era também, no caso da juventude, “porque la mujer joven está motivada por lo que motiva a la juventud en

---

890 CHINCHILA, Norma Stoltz. Classe, gênero e soberania na Nicarágua. *Revista Estudos Feministas*. Nº2, 199

891 RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaraguense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 29.

892 Não encontramos dados que confirmem a afirmação de Gloria Carrión de que as mulheres compunham metade da mão-de-obra das indústrias nicaraguenses antes da revolução. Mas, essa afirmação vai na contramão dos dados apresentados pela própria Margaret Randall, segundo quem em 1950 as mulheres eram 14% da força de trabalho produtivo.

893 Gloria Carrión *apud* RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaraguense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 43.

894 Idem.

895 CHINCHILA, Norma Stoltz. Classe, gênero e soberania na Nicarágua. *Revista Estudos Feministas*. Nº2, 199

general. Pero la mujer ya un poco mayor ha sido motivada muchas veces por la defensa de sus hijos. Hay un cordón umbilical allí entre la juventud y la madre.”<sup>896</sup> Assim, Carrión demonstrava a avaliação do que motivou o envolvimento da mulher de diversas gerações e do papel da filha nesse processo. No caso das mulheres casadas, a sua participação levou a discussão e a uma reorganização da dinâmica da casa, visto que a atividade política demandava tempo, provocando um processo de tomada de consciência a respeito de seu lugar, de suas tarefas na casa, na relação com o marido, que, em muitos casos, levou à separação dos casais.

Com a vitória sandinista, Carrión defendeu que era o momento de substituir a AMPRONAC por outra organização, pois vivam um outro momento histórico, que colocava outros desafios no que dizia respeito a “situação da mulher”: “Ya no eran mujeres ante una problemática nacional, sino mujeres agrupándose para un trabajo integral en un largo proceso de reconstrucción y cambio”<sup>897</sup>. Foi nesse momento que teve início a formulação e criação da AMNLAE. No contexto pós-1979, as mulheres tinham alcançado um alto índice de participação no trabalho produtivo formal, saindo de 14% da mão de obra em 1950, para 28,6% em 1977. Cifras que Randall considerava alta até em relação aos “países desenvolvidos”, justificadas, segundo ela, pela participação que tiveram no período insurrecional. Foi a participação direta na luta que garantiu que pudessem ocupar espaços do lar. Mas, Randall também ressaltou como grande parte dos trabalhos considerados femininos não eram reconhecidos em cifras oficiais, como o serviço doméstico, algumas funções que realizavam no campo e a prostituição.

Para Randall, o que mais a impressionava no “despertar feminino” nicaraguense, era como elas tomavam consciência de suas capacidades e possibilidades ao mesmo tempo em que projetavam um futuro. De acordo com a pesquisadora feminista Clara Murguialday, as nicaraguenses,

Comienzan a hacer política desde los espacios que históricamente les fueron asignados: la maternidad y la domesticidad. Colectivizan sus experiencias en la práctica y, aunque su entrada en el mundo público conserva muchos elementos de subordinación, actúan en él y el espejo les devuelve una imagen satisfactoria de sí mismas, como un grupo capaz de influir en los acontecimientos nacionales.<sup>898</sup>

---

896 Gloria Carrión *apud* RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaraguense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 46.

897 Ibidem, p. 43.

898 MURIGUIALDAY, Clara. *Nicaragua, revolución y feminismo* (1977-1989). Madrid: Editorial Revolución, 1990, p. 50.

Contudo, após julho de 1979, apesar das mulheres terem tido uma contribuição determinante na luta revolucionária, elas não foram devidamente integradas nos alto-comandos do poder do governo nem participavam da direção nacional da FSLN. No entanto, elas participaram do processo político de reorganização do país por meio da ocupação de cargos em estruturas de governos locais e comitês regionais da Frente; também como 93% dos instrutores políticos da *Escuela Militar Carlos Agüero* – escola político-militar do *Ejército Popular Sandinista*; e como maioria nas “brigadas de alfabetização”.

### 5.1 A maternidade como identidade política

Através dos depoimentos contidos no livro *Todas estamos despiertas* (1980), podemos sintetizar suas impressões a respeito da relação entre a maternidade e a militância das mulheres na Nicarágua: o grau de compromisso das mulheres com a maternidade e a responsabilidade que sentiam por seus filhos, as vincularam com a luta insurrecional em diferentes níveis e formas. Mulheres, mães, se envolveram para defender seus/suas filhos/as jovens, trabalhavam pelos/as filhos/as de outras mulheres, eram todos/as “hijos de la pátria”. Destacamos que uma das características do processo sandinista foi justamente a juventude de sua militância que, como demonstrou Matilde Zimmermann:

Um levantamento sobre cerca de seis mil combatentes sandinistas mortos na insurreição mostrou que 54% eram trabalhadores de vários tipos, e outros 29% estudantes secundaristas e universitários, muitos procedentes de famílias de trabalhadores. Mais da metade deles eram filhos de pais não casados, o que na Nicarágua significa famílias pobres, não pertencentes à burguesia. Três quartos dos combatentes estudados nesse levantamento tinham entre 15 e 24 anos quando foram mortos, e 93% eram homens.<sup>899</sup>

Na introdução ao livro, Randall recuperou uma carta que Idania Fernández, militante sandinista conhecida como Ángela, morta em abril de 1979 com 24 anos, escreveu para sua filha. No registro, ela demonstrava seu compromisso e a importância de sua escolha em dedicar sua vida pela revolução como parte de seu compromisso materno: a construção de um outro mundo para sua filha, para que vivesse em uma sociedade melhor, em um mundo livre, que pudesse ser realizada, em que os homens não fossem seus inimigos. Assim, desde a introdução percebemos como Randall buscou demonstrar o sentimento de responsabilidade materna como mobilizador político.

---

899 ZIMMERMANN, Matilde. *A Revolução Nicaraguense*. São Paulo: Editora UNESP, 2006, p. 88.



Dessa forma, a questão geracional foi outro elemento marcante detectado por Randall: “Existe en Nicaragua una especie de dinámica generacional as revés: em que los jóvenes pasan sus valores y aspiraciones a sus padre”<sup>900</sup>, especialmente para as mães. Para Karen Kampwirth, “[...] as mulheres que vincularam seus destinos à coalizão sandinista eram quase sempre jovens: relativamente livres de deveres familiares e bastante alheias aos riscos sérios que a participação na coalizão sandinista implicava.”<sup>901</sup> Essa participação feminina jovem era vista como parte de uma integração igualitária de homens e mulheres dessa faixa etária. Enquanto isso, entre as pessoas maiores de 30 anos notava-se uma presença maior de mulheres, justificada pelo engajamento materno. O contrário também ocorreu: mães conscientes contribuíram para politização e envolvimento militante de suas filhas. Como veremos, a partir dos testemunhos, as mulheres contribuíram rompendo com os padrões de gênero, mas também aproveitaram ao máximo esse estereótipo a seu favor, já que ser mulher fazia com que fossem menos visadas pelo aparato repressivo da ditadura, propiciando condições para que realizassem uma série de tarefas civis, muitas vezes possibilitadas por sua maior capacidade de circulação no espaço público.

Para Dores Tijerino, suas relações familiares tiveram um papel importante em sua posição antissomozista, principalmente a influência de sua mãe. Como uma relação recíproca, percebia que sua mãe buscava nela uma autorrealização: “[...] pretendió ella a a través de mí, lograr la participación que personalmente no había tenido.”<sup>902</sup> Podemos perceber nessa passagem de Tijerino uma mudança geracional no comportamento e possibilidades para as mulheres, o que ela entendia como parte da influência da Revolução Cubana. Para ela o processo cubano foi importante para seu envolvimento na *Juventud Patriótica Nicaraguense*<sup>903</sup> aos quinze anos. A sua consciência a respeito da desigualdade que assolava seu país foi também percebida através do exercício da “caridade cristã”, praticada por meio de seu colégio de freiras. Como veremos nos relatos organizados por Randall, foi comum o vínculo da tomada de consciência e mobilização feminina com movimentos religiosos. Para Karen Kampwirth isso

---

900 RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaraguense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 34.

901 KAMPWIRTH, Karen. *Feminism and the Legacy of Revolution: Nicaragua, El Salvador, Chiapas*. Estados Unidos: Ohio University Press, 2004, p. 35. Tradução nossa.

902 Randall, Margaret. *No se puede hacer la revolucion sin nosotras*. Havana: Casa de las Américas, 1978, p.80

903 Grupo de estudantes que surgiu em 1960 inspirado pela vitória da Revolução Cubana, do qual fizeram parte alguns dos fundadores e dirigentes da FSLN, como José Benito Escobar, Julio Buitrago e Daniel Ortega, Fernando Gordillo. Junto com a *Juventud Democrática Nicaraguense* e da *Juventud Revolucionária Nicaraguense*, “[...] organizaram demonstrações públicas de solidariedade a Cuba e contra o governo Somoza; alguns membros pertenciam a vários deles; e começaram a ver Sandino sob uma nova luz. VER: ZIMMERMANN, Matilde. *Revolução Nicaraguense*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

refletia a forma como a teologia da libertação alterou o significado de ação coletiva, com especial incidência na Nicarágua:

Talvez nenhum fator diferencie Nicarágua, El Salvador e Chiapas de Cuba tão claramente quanto a teologia da libertação. Em Cuba, onde a Igreja Católica local promovia papéis de gênero tradicionais, as mulheres ou não foram mobilizadas em grande número ou sua mobilização não foi reconhecida pelos líderes revolucionários. A ascensão da teologia da libertação, com seu chamado para que todos, homens e mulheres, construíssem o reino de Deus na Terra, parece ter sido fundamental para preparar as jovens para vidas não convencionais e, talvez de forma mais ampla, para desestabilizar as relações de gênero nas sociedades onde essa nova teologia criou raízes. Isso ocorreu tanto por meio da mensagem de igualdade promovida pelos teólogos da libertação quanto pelas comunidades eclesiais de base que foram formadas nesses países como uma maneira de colocar essa nova mensagem em prática.<sup>904</sup>

Com o tempo, o trabalho de caridade passou a ser visto por Tijerino como uma busca das classes médias e da elite, por se livrar individualmente da culpa pela desigualdade, naturalizar a existência de ricos e pobres, parte da educação de meninas para serem damas, “cumprir nuestra misión em la sociedad”<sup>905</sup>. Mas, essa prática se tornou um fator mobilizador das mulheres ao colocá-las frente a frente com a realidade social do país, que desconheciam quando viviam restritas em seus privilégios de classe. No caso de Tijerino, como sua mãe estava na contramão desses ensinamentos caritativos, ela foi influenciada rumo a uma formação política mais radicalizada. Foi sua mãe que lhe influenciou a ler o escritor soviético Gorki e o comunista costarriquense Carlos Luis Falle<sup>906</sup>: “Mi madre siempre, constantemente, me hacía ver la relación que existía entre el imperialismo norteamericano y la dictadura de los Somoza, y la situación del Pueblo nicaragüense...”<sup>907</sup>

Sua mãe contribuiu para que percebesse os limites da “caridade cristã”, somada a indignação com a repressão da *Guardia* após o assassinato de Somoza García pelo poeta nicaraguense Rigoberto López Pérez em 1956<sup>908</sup>. Tijerino, com treze anos, teve sua “tomada da

---

904 KAMPWIRTH, Karen. *Women & Guerrilla Movements*: Nicaragua, El Salvador, Chiapas, Cuba. Estados Unidos: Penn State University Press, 2003, p. 127. Tradução nossa.

905 RANDALL, Margaret. *Somos millones*. Manuscrito: *Margaret Randall Papers*, UNM Center for Southwest Research & Special Collections, 1975, p. 29.

906 Máximo Gorki foi o pseudônimo utilizado pelo escritor russo comunista e leninista Alexei Maximovitch. Carlos Luis Falle, escritor comunista da Costa Rica, parte da “Generación del 40”.

907 RANDALL, Margaret. *Somos millones*. Manuscrito: *Margaret Randall Papers*, UNM Center for Southwest Research & Special Collections, 1975, p. 30.

908 “Em setembro de 1956, um poeta e gráfico chamado Rigoberto López Pérez assassinou Anastasio Somoza García em uma festa da campanha eleitoral, na ‘Casa del Obrero’, em León. López Pérez, que tinha laços distantes com os liberais dissidentes, havia sido treinado e armado por um ex-militar da Guarda Nacional, contrário a Somoza, exilado em El Salvador.” ZIMMERMANN, Matilde. *A Revolução Nicaraguense*. São Paulo: Editora UNESP, 2006, p. 36.

verdade conciencia”. Vivendo em Manágua, passou a estudar no *Instituto del Gobierno*, uma escola não religiosa. A partir desse momento percebeu que sua mãe assumia uma postura mais explicitamente antissomozista, conscientemente buscando influenciar os/as filhos/as, tratando que “[...] todos sus hijos adoptaran posiciones consecuentes o que fueran militantes.”<sup>909</sup> No *Instituto*, Tijerino passou a ter contato com estudantes homens e mulheres, de classes sociais mais baixas, com condições diferentes da sua e que se tratavam como iguais, diferentemente da relação social paternalista que via na fazenda com os filhos/as dos/as camponeses, ou nas missões caritativas da escola religiosa. Também passou a conviver com homens jovens, o que não acontecia antes nos colégios religiosos separados por sexo: “[...] y me di cuenta de que los hombres no se la comían a una y que no tenía yo que verlos como algo distinto ni verme a mí como algo distinto de ellos.”<sup>910</sup>

Apesar da dificuldade de sua mãe em se integrar diretamente na luta armada, recordou que ela chegou a colaborar com a guerrilha chefiada pelo general Ramón Raudales em fins da década de 1950<sup>911</sup>, transportando armas, roupas, comida, dentre outras coisas. Em uma dessas ocasiões, em 1957, ela solicitou ajuda de Tijerino, na época com treze anos, para que transportasse, de ônibus comum, uma arma pela cidade. Além disso, participava de manifestações nas ruas e levava amigos para discutir Marx e Engels em sua casa, discussões que Tijerino considerou como momentos importantes em sua formação política. Com o maior envolvimento na militância, crescia a resistência de seu pai, o que levou a separação dos dois. Na nova situação familiar, sua mãe se viu obrigada a trabalhar como costureira para sustentar sua família. Para Tijerino essa posição de sua mãe, de assumir o enfrentamento ao marido, se deu como forma dela defender a militância de sua filha. Por isso, ela considerava que sua mãe tinha sido responsável para que pudesse dar continuidade a sua integração na FSLN, posteriormente assumindo os cuidados do neto para que Tijerino mantivesse essa atuação.

Em seu depoimento Tijerino afirmou que sua mãe faleceu em decorrência de um câncer, em 1972, depois de uma vida de dedicação a luta antissomozista: “Y tampoco durante su enfermedad dejó de ayudarme y de hacer todo cuanto pudo por luchar, a través de la lucha

---

909 RANDALL, Margaret. *Somos millones*. Manuscrito: *Margaret Randall Papers*, UNM Center for Southwest Research & Special Collections, 1975, p. 65.

910 Ibidem, p. 75.

911 Ramón Raudales era um comandante do *Ejército de Hombres Libres* exilado em Cuba após o assassinato de Sandino que, em 1956, com o avanço cubano *M26 de Julio*, reorganizou a guerrilha na Nicarágua. Foram derrotados em 1958. VER: SALGADO, María Mercedes. Activismo de alto riesgo: El Frente Sandinista de Liberación Nacional (FSLN) ¡Patria libre o morir! *Anuario de Estudios Centroamericanos*. Vol.44, 2018, p. 367-398.

nuestra.”<sup>912</sup> Dentre várias mulheres que, assim como sua mãe, se mobilizaram através da luta de seus filhos e filhas, Tijerino recordou de Aurora Núñez, mãe de Roger Núñez, capturados mãe e filho juntos em 1967, quando ele tinha 15 anos, porque a Guarda Nacional (GN) encontrou uma metralhadora na casa deles. Ele foi assassinado pela GN em 1970. Ela acabou conhecida como “la mamita”, considerada símbolo, adotada como mãe dos/as combatentes. Tijerino deu destaque para o papel desempenhado pelas mães, especialmente porque na Nicarágua “...los hijos son cosa casi exclusivamente de la madre.”<sup>913</sup> Por essa responsabilidade, se somaram e dirigiram as greves de fome pela soltura de presos/as políticos, exigiam informações sobre desaparecidos/as, criavam rede de solidariedade que envolvia as mães e familiares daqueles e daquelas que já haviam sido mortos/as em combate:

Madres nuestras, madres de compañeros que estaban condenados, madres de compañeros que han caído, y hermanas, representantes de organizaciones políticas y del movimiento estudiantil, masivamente. La lucha por la libertad de los presos, la solidaridad y el apoyo a los presos, es una lucha que está a cargo de las mujeres...<sup>914</sup>

A responsabilidade por essa luta fora assumida pelas mulheres porque elas se sentiam responsáveis por seus filhos e filhas, refletindo um comportamento social das mães que se colocavam na linha de frente em defesa de sua prole. Para a cientista social Alicia Gariazzo:

El hecho de ser el único sostén de sus hijos, también desarrolló en ellas un fuerte instinto maternal y abnegación superiores. Esta independencia y fortaleza significó que jugara un papel fundamental en la insurrección. La alta participación de la mujer en la insurrección popular se explica no sólo por la pobreza, sino por la estructura de la economía y la inestabilidad de la familia. También el hecho de que el barrio tuviera un papel importante en la insurrección, a diferencia de otras revoluciones basadas más en las fábricas y la clase obrera, permitió a la mujer su participación activa desde la casa. Sin embargo, es necesario destacar que la gran mayoría entró a jugar un papel activo motivada por su amor maternal.<sup>915</sup>

Já os homens, naquela sociedade nicaraguense pré-revolucionária, ausentes da formação e criação dos filhos/as, consequentemente não eram tão facilmente mobilizados a partir desse envolvimento da juventude. Eram nas mães que os militantes encontravam solidariedade, apoio e colaboração. Tijerino, em busca de dar materialidade ao que dizia a respeito do papel das mães, apresentou a trajetória de *Doña Santos*, mãe do dirigente sandinista Julio Buitrago, um

---

912 RANDALL, Margaret. *Somos millones*. Manuscrito: *Margaret Randall Papers*, UNM Center for Southwest Research & Special Collections, 1975, p.205.

913 Ibidem, p.191.

914 Idem.

915 GARIAZZO, Alicia. La revolución no da la solución. La mujer en la Nicaragua sandinista. *Nueva Sociedad*. Nº.113, Maio-Junho 1991, p. 51-58, p. 55.

filho “ilegítimo” porque filho de uma mãe solo, excluída do seio familiar por sua condição, que enfrentou dificuldades econômicas para sustentá-lo. Quando Buitrago morreu, ela assumiu sua luta, como forma de honrar sua vida e de o manter vivo:

Cuando Julio muere, Doña Santos sobrevive. Y no sólo sobrevive y soporta el dolor de la muerte de su hijo, sino que cambia totalmente. Y Doña Santos actúa como la madre digna de un mártir sandinista. Doña Santos participa de las asambleas, Doña Santos participa en la lucha por la libertad de los presos, participa en muchas reuniones con las madres de otros compañeros presos, y en la planificación de las campañas populares. Doña Santos asiste a congresos estudiantiles de secundaria en donde se rendía homenaje a Julio. Es decir, Doña Santos toma realmente en sus manos la bandera que su hijo ha dejado al morir, y de laguna forma continua su hijo luchando a través de ella.<sup>916</sup>

Assim como Teodora Somarriba de Rubí, mãe do estudante José Rubí, morto em 23 de julho de 1959:

José fue asesinado em esa manifestación, y desde entonces ella se ha ido vinculándose cada vez más al movimiento revolucionario y participa no sólo en estas manifestaciones, que son en conmemoración de la masacre, sino que participa también en las campañas por la libertad de los presos políticos, en las manifestaciones contra la dictadura somocista, y ella muestra cada vez un entusiasmo mayor que en vez de mermar con los años aumenta, ¿no?. [...] en alguna oportunidad ha dicho que mientras vea a los Somoza vivos, no puede morir, que va a morir el día que caiga el régimen de los Somoza. Mientras tanto dice que tiene el compromiso moral con su hijo de continuar viva para poder luchar.<sup>917</sup>

Em *Todas estamos despiertas* (1980), Randall dedicou um capítulo intitulado *Las madres y las hijas* para aprofundar na relação entre maternidade e militância, texto parcialmente publicado na revista estadunidense *Sunbury*, no mesmo ano de 1980<sup>918</sup>. Iniciou a seção do livro com uma epígrafe da escritora britânica e feminista Virgínia Woolf em que vinculava a maternidade com a ancestralidade, como forma de acesso ao passado. Definindo a maternidade a partir do capitalismo, Randall resumiu seu significado como de “êxito feminino”, a forma das mulheres serem bem-sucedidas. Como destino das mulheres, a reprodução estava atrelada a outra forma de realização feminina: o casamento. Mesmo reconhecendo que havia certa “alegria natural na reprodução”, através de Woolf, Randall tratou desse assunto tensionando com o que era o destino dos homens: o sucesso masculino vinculado ao trabalho e à conquista profissional.

---

916 RANDALL, Margaret. *Somos millones*. Manuscrito: *Margaret Randall Papers*, UNM Center for Southwest Research & Special Collections, 1975, p. 203.

917 Ibidem, p. 226.

918 RANDALL, Margaret. Mothers and daughters. *Revista Sunbury*. A Literary Magazine, N.9, Nova Iorque, EUA. Outono 1980, p. 128-132.

Para Randall assim como toda filha tinha uma mãe, na Nicarágua quase todas as filhas também eram mães desde muito jovens. Os/as filhos/as eram resultado do “desejo de Deus” e dos homens, expressão de sua virilidade, e não como fruto do desejo feminino, mesmo as mulheres sendo as pessoas mais impactadas pelo nascimento. Para as trabalhadoras nicaraguenses – assim como no caso cubano que analisamos no capítulo 4 –, diante da miséria em que viviam um filho/a era um problema, uma boca a mais para ser alimentada. Enquanto, entre a classe média, muitas vezes era uma tentativa de salvação de um casamento falido. Baseando-se nessas percepções que Randall construiu as entrevistas do capítulo *Las madres y las hijas*, na intenção de compreender como se dava essa relação, em um cenário em que as filhas estavam vinculadas ao espaço doméstico, enquanto os filhos homens eram vistos como pertencentes “ao mundo”.

Segundo Randall, as filhas eram vistas de duas formas pelas suas mães: uma oportunidade de provarem que eram boas donas de casa, pois criariam bem suas filhas, as preparariam para assumir as funções domésticas; ou serviam para se redimirem por suas falhas como mulher, criando uma outra figura feminina com para o bom desempenho dos trabalhos de cuidado. A meta deveria ser criar boas mães e esposas, como uma “cadeia perpétua” que multiplicava a condição da submissão feminina. Nessa discussão, Randall citou como referência a filósofa francesa Simone de Beauvoir e a concepção difundida por ela de que “não se nasce mulher, torna-se”, vinculando os papéis de gênero aos costumes e as práticas sociais. Também usou como referência a escritora estadunidense Adrienne Rich, que defendia a existência de uma relação visceral entre mãe e filha, em que a filha tinha dificuldade em perceber a humanidade da mãe, não a via como mulher, resumindo-a a “la madre”<sup>919</sup>. Em relação a sociedade nicaraguense, Randall afirmou que esses costumes estavam também relacionados com práticas religiosas características do que ela chamou de “machismo hispano-cristão”:

En la sociedad nicaragüense, este ciclo tradicionalmente ha sido portador de los valores cristianos de la virginidad antes del matrimonio, la piedad ante la Iglesia católica, la fidelidad al esposo, aun cuando de este se acepta un margen “latino” de infidelidad, la obediencia al cónyuge y la responsabilidad abnegada y casi absoluta por los hijos.<sup>920</sup>

---

919 Ver: Simone de Beauvoir, *O segundo sexo* (1949) e Adrienne Rich, *Of Woman Born: Motherhood as Experience and Institution* (1976).

920 RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaraguense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 252.

Para Randall uma das mais relevantes contribuições da revolução, nesse sentido, tinha sido a transformação dessas relações familiares, pois as filhas tinham se tornado “formadoras” das mães, visto que envolveram e desenvolveram a consciência política de suas mães a partir de seu ingresso na luta insurrecional. As mães foram motivadas por suas filhas e filhos, incorporando-se aos poucos como colaboradores e muitas, posteriormente, participando plenamente da insurreição popular, alterando sua condição no mundo, confrontando os papéis tradicionais de gênero que reproduziam e ensinavam. Tornaram-se independentes e ativas, passaram a confrontar a realidade social e política, compartilharam suas reflexões em espaços coletivos, incentivando outras mulheres:

Ella empieza trabajando en tareas de apoyo, forma parte de una red de retaguardia necesaria, cose, cocina, lleva mensajes; y poco a poco piensa en cosas que van allá del ámbito doméstico. Confronta problemas sociales, políticos y lo hace colectivamente. Asume tareas más grandes, más complejas. Finalmente milita. Ya ella misma, como ser social independiente, es partícipe de una lucha por cambiar la vida de todos. Pero su acercamiento inicial ha sido a través de sus hijos.<sup>921</sup>

Para exemplificar essa transformação, Randall recuperou, através dos testemunhos, a história de mulheres reais, a fim de representar experiências coletivas. Ruth Marcenaro tinha quatro filhos, um homem, e três mulheres, dentre elas Rina Campos e María Judith. Marcenaro. Antes da sua integração política, ela trabalhava como agente social e, diante do aumento da violência somozista, começou a questionar a situação em que vivia o povo de seu país. Apesar de seu incômodo, como vivia na cidade e não era estudante, era considerada uma “mulher mais velha” o que limitava suas condições em conseguir estabelecer algum contato com a Frente, pois não fazia parte de nenhum dos grupos sociais visados pela *Organización* no início da década de 1970. Quando assassinaram alguns jovens na área onde trabalhava, Marcenaro buscou apoio na Associação de Assistentes Sociais. Contudo, essa organização era dirigida por somozista e não deu retorno a seus questionamentos. Diante dessa situação, ela buscou apoio entre universitários/as, momento em que chamou atenção de dirigentes da FSLN e foi recrutada oficialmente em 1975.

Marcenaro era separada do marido, o que ela considerava como elemento fundamental para que tivesse liberdade para atuar politicamente, pois era comum entre os “homens adultos” que eles buscassem “frear” a militância das mulheres/esposas, visto que, como vimos ao discutir a situação da mulher no capítulo 2, a política, o lugar público, não era considerado um espaço

---

921 Ibidem, p. 253.

adequado para elas, que deveriam se restringir aos trabalhos da casa e a vida familiar. Quando enfrentavam seus parceiros, muitas se separavam, como foi o caso citado da mãe de Doris Tijerino. Marcenaro justificou o uso do termo “homem adulto” porque considerava que a juventude nicaraguense tinha uma outra postura, se integravam na revolução independente do sexo, indicando uma mudança de comportamento geracional. Em sua avaliação entre as pessoas adultas as mulheres tinham uma maior incidência justamente pela influência que tiveram de suas filhas e filhos, somado ao que chamou de “irresponsabilidade paterna”, especialmente nas classes baixas, onde a economia doméstica era de responsabilidade das mulheres, assim como a carga mental exigida pela dinâmica familiar. Como vimos, Marcenaro também defendia que eram as mães o verdadeiro eixo sustentador da casa:

El hombre tiene bien afianzado el machismo, y esto entraña una situación aparentemente ambigua: él es el hombre para asumir su papel de ‘jefe de familia’, pero para asumir las obligaciones económicas, la responsabilidad de la crianza y. de la educación de los hijos, para esas cosas, él ya no es el hombre.<sup>922</sup>

Para Randall, a situação de miséria e desigualdade que assolava o país, induziu as mães a se envolverem politicamente na luta antissomozista, pois eram responsáveis pela sobrevivência dos/as filhos/as. Por isso Randall destacou o maior nível de consciência da mulher nicaraguense no contexto revolucionário, com uma coragem e determinação que ia na contramão da passividade e dependência tradicionalmente impostas as mulheres, mudança que acreditava ser passada em cadeia, de uma mulher para outra, o que levou Marcenaro a afirmar que: “En Nicaragua – década de los 70 – la mujer se hizo sentir con un peso especial en la lucha que desembocó en la Liberación nacional.”<sup>923</sup>

Rina Campos, filha de Ruth Marcenaro, estava envolvida no movimento estudantil secundarista desde 1972 quando, após o terremoto, participou de atos em defesa de trabalhadores/as e passou a contribuir em ações sociais do *Movimiento Cristiano*<sup>924</sup>. Em 1974, Campos se integrou à FSLN, um ano antes de sua mãe. Uma não sabia do interesse da outra em integrar à Frente. Elas só descobriram a atuação de cada uma com o acirramento da repressão,

---

922 Ruth Marcenaro *apud* RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaraguense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 255.

923 Ibidem, p. 254.

924 “As oportunidades para as organizações antissomozistas cresceram significativamente após um terrível terremoto que devastou Manágua em dezembro de 1972, matando dez mil pessoas e arrasando o centro da cidade.” Ajuda humanitária foi desviada, o centro da cidade nunca foi reconstruído, houve alto índice de inflação e desemprego. Vários setores, como a Igreja Católica, antes apoiadores do regime, começaram a criticá-lo e movimentos sociais passaram a se organizar em trabalho social e político. ZIMMERMANN, Matilde. *A Revolução Nicaraguense*. São Paulo: Editora UNESP, 2006, p. 68-70.



quando foram presas juntas, em 1976. Essa situação demonstra o grau de comprometimento dos/as integrantes da Frente diante da necessidade de discrição na realização de suas tarefas. Rina Campos relatou ter desconfiado das relações de sua mãe pelas movimentações que via na casa e pelo nível das discussões políticas que tinham. Maria Judith, a irmã de dez anos de Rina Campos, e seu irmão de 14 anos foram presos juntos com elas, mas, após passarem por alguns maus-tratos, foram liberados poucos dias depois.

A casa da família era local de reunião de integrantes da FSLN. No dia da prisão, Ruth Mercenaro recebia um grupo de sandinistas que contava com a presença de um dos fundadores da FSLN, Tomás Borge, que conseguiu fugir. Mildred Abaunza foi morta no confronto com a Guarda Nacional, pois cobria a retirada de Borge e outros presentes na reunião. Quando a *Guardia* invadiu a casa, Rina Campos estava, supostamente, estudando na casa de uma colega. Contudo, na revista da casa a GN encontrou vários livros considerados subversivos em seus pertences: “Ante la evidencia que lo quedó, ambas mujeres se hacen cargo de sus pertenencias. Rita admite lo que es suyo; no quiere cargarlo a su madre. Ruth, a su vez, acepta ser dueña de varios libros que llevan su nombre.”<sup>925</sup>

As duas, mãe e filha, foram presas e deixadas no gabinete de segurança da GN. Em seguida, foram levadas para o porão, onde permaneceram nuas, encapuzadas e penduradas por correntes nas paredes por 26 dias, submetidas a diversos tipos de tortura física e psicológica, incluindo ameaças de estupro e fuzilamento, além de serem molestadas pelos guardas. Naquele momento, segundo Rina Campos, sua mãe achava que ela e sua irmã mais nova tinham conseguido fugir, pois Campos foi a última a ser presa e podia ter negado todo seu envolvimento, deixando as acusações apenas para Mercenaro. Sobre isso, Campos relatou em seu testemunho:

En el sótano, después de los primeros días, es que mi madre y yo Podemos hablar, en voz baja, levantarnos las capuchas a medias, comunicarnos algo. El allí que mi madre se da cuenta de que a la niña la habían cogido también: ‘No me digas que aquí estaba la niña’, me dice. Es allí que se da cuenta de la muerte de Mildred. Allí estuvimos juntas mi madre y yo, un poco largas, no podíamos no tocarnos; pero había un poco, bajito, y juntas esperábamos el final de la tortura.<sup>926</sup>

Ruth era quem tinha organizado da reunião, por isso ficou presa por 14 meses, enquanto Rina foi enquadrada como colaboradora e simpatizante da FSLN, o que lhe rendeu 9 meses de

---

925 RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaraguense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 260.

926 Rina Campos *apud* RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaraguense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 261.

encarceramento. Rina Campos foi presa novamente em junho de 1979. No intermédio das prisões, quando as duas estiveram juntas em liberdade, elas mantiveram seu trabalho político a partir de uma nova relação a partir da militância: “[...] su relación madre-hija fortalecida por una militancia común.”<sup>927</sup> Maria Judith, a filha mais nova que fora presa com as duas, e que, no momento da entrevista feita por Randall, tinha apenas 14 anos, relatou que o choque da prisão, de ter vivenciado a violência da GN, fez com que se indignasse e logo, quando libertada, procurou se integrar a luta antissomozista, vinculando esse ímpeto também a necessidade de honrar a mãe e a irmã: “Eu não queria decepcionar minha mãe e minha irmã; elas ainda estavam presas. Eu sempre tinha sido uma aluna ruim. Mas então eu comecei a trabalhar mais em tudo, para não as decepcionar.”<sup>928</sup>

Através da trajetória dessas três mulheres, Randall demonstrou como a militância feminina criava uma cadeia de mobilização e de consciência política, não apenas a partir da forma como as filhas influenciavam as mães, mas em casos como o de Maria Judith, que foi convencida pela mãe e pela irmã. No mesmo capítulo *Las hijas y las madres*, tivemos acesso ao relato de Mercedes Taleno e sua filha Lesbia López. No momento da entrevista para Randall, Taleno tinha 42 anos e trabalhava no escritório de *Seguridad del Estado*, controlando o fluxo do armamento, mas sentia falta do movimento de massas, especialmente com mulheres, motivo pelo qual buscava direcionar sua atuação para as tarefas da AMNLAE. Sua filha, López, tinha 18 anos, trabalhava no *Ejército Sandinista* e tinha duas filhas, uma delas fruto de um estupro que sofreu de um *Guardia*, quando estava presa<sup>929</sup>.

Mercedes Taleno iniciou a entrevista relembrando dos princípios de sua militância em 1973 através da *Caristas' de Nicaragua*, uma organização de caridade vinculada a Igreja Católica e orientada pelo Concílio Vaticano II. Vivia em *Ciudad Sandino*<sup>930</sup> desde 1972 com

---

927 RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaraguense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 261.

928 “I didn’t want to let my mother and sister down; they were still in jail. I had always been a poor student. But then I began to work harder at everything, so as not to let them down.” Maria Judith *apud* RANDALL, Margaret. Mothers and daughters. *Revista Sunbury*. A Literary Magazine, N.9, Nova Iorque, EUA. Outono 1980, p. 132. Tradução nossa.

929 O caso de López foi provavelmente a história citada por Gloria Carrión que analisaremos mais a frente, pois, segundo Randall, a gravidez de uma mulher fruto de um estupro de um guarda somozista tinha gerado debate no interior da Frente em termos aproximados das duas narrativas. Ambas chamando atenção para a permanência de uma mentalidade patriarcal entre a militância sandinista. Não temos como comprovar que ambas são a mesma história, até porque, provavelmente outras mulheres viveram essa situação.

930 Cidade próxima a Manágua que surgiu de assentamentos criados pelo governo do general Anastasio Somoza Debayle em 1969, devido as inundações provocadas pelas chuvas em algumas regiões do país. Segundo Verónica Mejía Flores, “Con el triunfo de la Revolución Popular Sandinista el 19 de julio de 1979, las nuevas autoridades de gobierno deciden como una de las primeras medidas tomadas, cambiar el nombre de OPEN III a barrio ‘Ciudad

seus oito filhos e seu marido, ele contrário ao envolvimento político da esposa, pois compreendia que seu papel era se dedicar aos cuidados da família e ao serviço doméstico, restringindo sua vida ao espaço privado do lar. Para Taleno sua atuação política estava justamente relacionada a suas obrigações como mãe, o que fez com que tivesse convicção de suas escolhas e enfrentasse o marido: “[...] yo le decís que precisamente pensando en mis hijos era que yo debía participar, que era un deber como nicaragüense y también como mujer explotada.”<sup>931</sup> O marido chegou a mobilizar amigos e sacerdotes para persuadi-la, mas não teve êxito e através do exemplo e dedicação de Taleno todos seus filhos se envolveram na luta antissomozista. A partir dessa trajetória Randall buscou demonstrar que em alguns casos as mães influenciavam de maneira direta na integração revolucionária de seus filhos e filhas.

Mesmo se considerando uma mulher comum, Mercedes Taleno tinha contribuído transportando armas, bombas, granadas e propagandas, além de esconder munições em cestas na cabeça, como se fossem vegetais. No período insurrecional, foi a responsável política pela milícia do setor onde habitava, se reunindo com o esquadrão local duas vezes por semana, andava sempre armada, pronta para qualquer situação, inclusive para se matar caso fosse pega pela GN. Como era mulher, e de idade considerada avançada, em uma revolução tão jovem, nunca foi alvo da desconfiança da *Guardia*, situação da qual se beneficiava e que fez com que muitas “viejás” desempenhassem um papel importante a partir da legalidade:

La comprometida en ese proceso ha sido la juventud porque los viejos tenemos más miedo tal vez, en termos de que vaya a morir un hijo, que vaya a caer preso: esa cosa egoísta de los padres. También la falta de conciencia. Pero al mirar a sus hijos comprometerse, ellos tuvieron que comprometerse también. Eso en muchos casos. En el caso mío, yo estaba primero que mi hijo, metida antes que él. Y antes que mi hija.<sup>932</sup>

Para Taleno, tanto a mobilização quanto a dificuldade de integração das pessoas mais velhas na luta insurrecional tinham a ver com a maternidade. No caso da recusa em se somar a luta, entendia que isso se dava por um sentimento de posse dos/as filhos/as, em que o medo das consequências do envolvimento político, que poderia ser a perda de um/a filho/a, foi visto como um sintoma egoísta, reflexo uma mentalidade antirrevolucionária e burguesa. Isso porque,

---

Sandino’. [...] Esta acción refrendada por el gobierno revolucionario representa un punto de inflexión en la conformación de la identidad de los habitantes del Municipio.” MEJÍA FLORES, Verónica. Análisis histórico: Pasado y presente de Ciudad Sandino. *Revista Humanismo y Cambio Social*. No 5, ano 3, Manágua: UNAN, janeiro-julho 2015 p. 61-62.

931 Mercedes Taleno *apud* RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaraguense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 264.

932 Ibidem, p. 266.

como reafirmado em vários depoimentos, as mães revolucionárias estavam dispostas a dar sua vida, e a de seus filhos/as, pela libertação nacional. Em seu caso, Taleno sentia orgulho da integração de seus filhos e filhas, reivindicava ter sido a porta de abertura para que escolhessem esse caminho.

Lesbia López também iniciou sua militância no *Movimiento Cristiano*, tendo sido presa em uma ação de distribuição de panfletos considerados subversivos. Na prisão foi torturada e estuprada pela *Guardia*. No momento da entrevista, ela estava plenamente integrada à Frente e não considerava que ter duas filhas fosse algum tipo de impedimento para sua atuação política, defendendo que os tempos de paz eram mais propícios para que a “mulher consciente” participasse em todos os setores revolucionários, independente da posição do marido e da quantidade de filhos/as. Assim como sua mãe, vinculava sua disposição em permanecer dedicando sua vida à revolução com sua condição materna, especialmente porque uma de suas filhas tinha sido fruto de uma violação e a outra, fruto de um amor perdido para a revolução:

En el primer caso: la afirmación más difícil, la de una mujer capaz de levantarse sobre la humillación de la tortura y hacer del ultraje monstruoso una nueva vida para el futuro diferente. En el segundo: la afirmación de una hija nacida del amor, pero de un padre que murió antes de conocerla acaso.<sup>933</sup>

Devido a seu compromisso com a revolução, Taleno chegou a afirmar que mesmo a morte de seu filho mais velho na luta armada era motivo de orgulho para ela, pois tinha entregado para a revolução o que tinha de mais precioso, tinha contribuído com o país através do que tinha de melhor: “Tengo la satisfacción de haberle dado a mi hijo a la patria, aunque no lo digo totalmente convencida – como algún día podré decirlo, seguramente – porque es muy reciente todavía la herida.”<sup>934</sup> Após a morte de seu filho e o triunfo de 1979, ela afirmou que se sentia ainda mais convencida e comprometida com a revolução, ainda mais disposta a dar sua vida por aquele projeto, porque não queria que sua morte tivesse sido em vão. A continuidade do projeto revolucionário era a continuidade do seu filho em si, era a prova de seu sacrifício pela revolução: “Ahora no son sólo los sacrificios, las lágrimas, sino es también la vida de mi hijo que está de por medio, entregado por esta causa tan hermosa.”<sup>935</sup> Taleno demonstrava consciência de que a vitória armada não significava a total libertação, certificando-se de que

---

933 Lesbia López *apud* RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaraguense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 266.

934 Mercedes Taleno *apud* RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaraguense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 264.

935 Ibidem, p. 264.

tinham todo um caminho de transformação pela frente, pela qual não teria sido em vão, a vida cedida de seu filho.

As trajetórias de outras mulheres foram apresentadas de forma breve por Randall no capítulo *Las hijas y las madres*, com o propósito de evidenciar a vinculação da ação política na relação mãe-filha e como essa integração mudou essa relação e o papel social dessas mulheres. Azucena del Rosario Antúnez tinha 37 anos, foi professora e, no momento da entrevista para Randall, ocupava um cargo no comitê departamental da FSLN e na junta local do governo. Era mãe de dois filhos, tinha sido “abandonada” pelo genitor, era “solteira”. Sua filha tinha nove anos quando ela começou a colaborar com a Frente, antes de 1979, atuando como correio, transportando mensagens e objetos, contribuindo para a articulação da revolução e a comunicação entre a direção sandinista e militantes clandestinos/as. Para isso, sua filha ficava na porta de casa vigiando a movimentação da rua, convivendo e respeitando regras de uma vida clandestina. Como Antúnez não tinha com quem deixar seus filhos/as, eles/as participavam das atividades junto com ela. Mesmo assim, ela demonstrou certa frustração por não ter podido contribuir com a revolução de outras formas, devido a sua responsabilidade com seus filhos/as. Para ela, a participação na guerrilha rural e na luta armada foram ações que a maternidade solo a impediu de assumir, limite este que a fazia questionar se era positiva sua condição materna. Colocava-se em uma situação contraditória: afirmava que a obrigação de construir um mundo melhor, livre, era dos pais e mães, que deveriam se motivar por essa condição da maternidade/paternidade; ao mesmo tempo, a maternidade tinha sido um freio na sua militância. Também se culpava pela morte de sua filha. Considerava que, se não tivesse filhos/as, poderia ter se dedicado a luta armada no lugar dela, que perdeu a vida na guerrilha:

Si a mí me hubieran contactado antes de tener a mis hijos tal vez nunca llegara a tenerlos, y a lo mejor yo hubiera quedado en la montaña – que era mi deber – y no ella, mi hija, quien cayó con solo 15 años. Su seudónimo era Verónica. O sea, que, como maduros, como adultos, nosotros teníamos que haberles dado a nuestros hijos una patria libre, no ellos a nosotros, como ha sido...<sup>936</sup>

Percebemos através da voz de Antúnez a responsabilidade assumida pela mulher diante da participação da juventude, seus/suas descendentes. Para Randall, o que a história dessas mulheres mostrava era que: “lo que la madre nicaragüense soportó en estos años de lucha casi

---

936 Azucena del Rosario Antúnez *apud* RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaragüense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 268.

rebase la capacidad del escritor, el poder de las palabras.”<sup>937</sup> Assim, reconfiguraram o sentido do maternar.

Mas no novo contexto, como mulheres e mães, uma das características daquele momento após a vitória de 1979, fruto de um clima de esperança com o futuro, era a “epidemia de gravidez” no país, que refletia o desejo das mulheres de gerarem pessoas para um futuro de esperança. Ao mesmo tempo, afirmava que havia tido uma mudança na maternidade: a gravidez como parte do rito de constituição da família burguesa havia sido superada. Agora eram muitas as mães em situações em que o genitor havia morrido na guerra, o casamento tinha acabado ou que o casal não vivia junto pois atuavam em frentes de trabalho diferentes, assim, desafiavam a ordem patriarcal e a instituição da família burguesa. Como afirmou a pesquisadora feminista Clara Murguialday, o ideal de relações afetivas, deixou de ser o casal monogâmico e estável e se tornou as uniões livres, com outras questões de ordem moral e afirmando o direito de escolha<sup>938</sup>.

As relações entre casais e familiares estavam sendo redefinidas naquele contexto de transição, algo que havia iniciado quando integraram a luta insurreccional, o que reconfigurou as relações familiares e o tempo que as mulheres tinham para se dedicarem aos afazeres domésticos. Segundo Murguialday, “[...] las mujeres vivieron el conflicto entre la imagen que la sociedad tenía de ellas – madres sacrificadas, esposas sumisas, seres con lealtades primarias reducidas al estrecho círculo doméstico – y la nueva realidad que vivían.”<sup>939</sup> Para Randall, “la mujer, después de lo que ha vivido y hecho, exige nuevas condiciones para esta relación que tan central resulta a la vida humana.”<sup>940</sup> Nesse sentido, as relações entre mãe e filha eram ressignificadas: a filha que ganhou a guerra não podia mais ser infantilizada e a mãe que organizou a retaguarda não podia mais ser vista apenas como submissa e no seu papel de cuidadora. Como a maternidade pode ser entendida no centro das históricas definições dos papéis sociais de gênero, fundamental na instituição do patriarcado, quando as mulheres alteram essa relação, transforma-se também seu lugar no mundo<sup>941</sup>. Ao mesmo tempo, como a maternidade foi um eixo central de mobilização e para o surgimento de uma identidade política

---

937 RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaraguense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 268.

938 MURIGUIALDAY, Clara. *Nicaragua, revolución y feminismo* (1977-1989). Madrid: Editorial Revolución, 1990.

939 Ibidem, p. 72.

940 RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaraguense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 274.

941 VER: BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

feminina e revolucionária, posteriormente parte constitutiva da “mulher nova” sandinista, manteve-se, em certa medida, os arquétipos da maternidade e na feminilidade, “La Mujer Nueva emergería en ese futuro utópico, como un híbrido que exitosamente conciliaría la feminidad y la maternidad con la fuerza y el poder.”<sup>942</sup>

Irmã Marta destacou, em seu depoimento cedido o livro *Cristianos en la revolución. Del testimonio a la lucha*, a realidade daquelas que eram mães, inseridas em um processo protagonizado pela juventude, que cediam o que tinham de mais importante em suas vidas: “[...] estaban conscientes del compromiso del hijo o de la hija, y no decían nada, apoyaban a sus jóvenes... todos son héroes desconocidos de esta guerra.”<sup>943</sup> Nesse sentido, relembrou a história de uma mãe como exemplo do compromisso revolucionário das nicaraguenses. Essa mulher, após perder seus dois filhos na guerra, após o triunfo, afirmou: “Tuve que entregarlos a los dos para que lográramos la libertad. Pero valía la pena.”<sup>944</sup>

Melania Dávila, ex-prostituta entrevistada por Randall em *Todas estamos despiertas*, perdeu um filho na guerra. Mas aceitou esse acontecimento diante das mudanças propiciadas pela revolução, reforçando que aqueles/as que morreram, permaneciam vivos/as em cada nova conquista: “Yo pienso en lo que me dijo mi hijo cuando se fue. Yo les digo a las otras madres: no lloren. Cuando vemos las escuelas, cuando vemos los hospitales que van a construir, ahí en esas escuelas y en esos hospitales, estarán nuestros hijos que cayeron.”<sup>945</sup>

Assim, pressupondo a maternidade como uma construção social e cultural, atravessada por fatores econômicos e políticos, estamos em acordo com o que afirmou a antropóloga Miriela Sánchez Rivera, segundo quem, a forma como a maternidade “[...] será ejercida y entendida dependerá del momento histórico, el contexto político, económico, jurídico y cultural en el que las mujeres se desempeñen como madres.”<sup>946</sup> Por isso, afirmamos que as nicaraguenses reconfiguraram o sentido da maternidade e atuação materna a partir do contexto de opressão, resistência, luta política e, posteriormente, de construção da “mulher nova”.

942 Ver: PLAZA, A., Penélope. Madre armada y niño. Representación de la mujer nueva en los murales de la Revolución Sandinista en Nicaragua. *Apuntes*, N°23, Vol.1, 2010, p. 8-19, p. 18.

943 Irmã Marta *apud* RANDALL, Margaret. *Cristianos en la revolución. Del testimonio a la lucha*. Buenos Aires: Editorial Nueva America, 1985, p. 173.

944 Idem.

945 Melania Dávila *apud* RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaragüense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 283.

946 SÁNCHEZ, RIVERA, Miriela. Construcción social de la maternidad: el papel de las mujeres en la sociedad. *Opción*, Vol. 32, N°13, 2016, p. 921-953, p. 933. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=31048483044>>

## 5.2 As três *comandantes guerrilleras*: das bases à direção revolucionária

Nesse ínterim, a experiência de muitas mulheres foi atravessada pela maternidade, fosse na condição de mãe ou de filha. Para abordar a trajetória das *comandantes guerrilleras* sandinistas, Randall partiu dessa relação. Foram três mulheres que receberam o grau de *comandante guerrilheira* pelo governo revolucionário: Mónica Baltodano, Letícia Herrera e Dora María Téllez. Segundo Matilde Zimmermann, ao todo foram 27 pessoas alçadas com esse grau, dentre eles os nove membros do Diretório Nacional da FSLN: Daniel Ortega, Humberto Ortega, Victor Tirado, Tomás Borge, Bayardo Arce, Henry Ruiz, Jaime Wheelock, Luis Carrión e Carlos Núñez. Conforme recordou Mónica Baltodano, foi na comemoração da guerrilha de Pancasán, em agosto de 1979, que a direção da FSLN decidiu que este título, de *comandante guerrillero*, seria usado apenas pelas pessoas que tinham tido uma trajetória de militância, de combate e de direção durante a guerra insurrecional, contra a “banalização” do termo.

A metodologia utilizada por Randall para o registro da trajetória dessas três mulheres, em seu livro *Todas estamos despiertas* (1980), foi através de perguntas que buscassem identificar de que forma contribuíram política e militarmente, em diálogo com o que esperavam construir com o processo revolucionário em curso. Para isso, partiu da centralidade da maternidade para a mobilização e formação política das mulheres, estabelecendo uma conversa entre as entrevistas das comandantes e as suas mães. As entrevistas com mães e filhas não foram feitas no mesmo momento e as perguntas não estão transcritas. O diálogo que podemos ler ao longo do capítulo foi organizado pela própria Randall, conectando as temáticas das conversas conforme seu critério. Sem justificativa, a entrevista de Dora María Téllez, conhecida como *comandante dos*, e Letícia Herrera, foi feita concomitantemente, compondo a primeira parte do capítulo junto com a narrativa de *Doña* María Dora, mãe de Téllez. Acreditamos que isto tenha ocorrido por três motivos: primeiro, por uma questão de logística, já que as duas se encontravam em uma mesma casa em Matagalpa, norte da Nicarágua; segundo, devido ao marco que as teria elevado ao grau de *comandante guerrillera*, por terem participado da tomada da cidade de León em 1979, a segunda maior do país e estratégica para a vitória sandinista; terceiro, pelo papel que desempenhavam, já que naquele momento de reconstrução nacional tinham deixado o que Randall chamou de “atuação militante” para se ocuparem de “tarefas mais políticas” nas “organizações de massa”. Ao caracterizá-las, a entrevistadora chamou atenção para a forma como se vestiam: uniformes verde-oliva e armadas, manifestavam sua identidade guerrilheira. Na segunda parte do capítulo do referido livro, Randall colocou em diálogo Mónica Baltodano e sua mãe *Doña* Zulema.



Dora María Téllez se identificou como uma mulher oriunda de família pequeno-burguesa, motivo pelo qual tinha estudado em colégios religiosos e crescido em um círculo social alienado, que não percebia a real situação em que se encontrava a Nicarágua. Afirmou desde a infância sentir distanciamento desse ambiente, questionando a exclusão da empregada doméstica de sua casa do *Country Club*<sup>947</sup> frequentado por sua família. Nesse ambiente de privilégios sociais, creditou ao trabalho remunerado de sua mãe à mudança em sua vida. Com essa transformação, elas passaram a conviver mais próximas da realidade da maioria da população nicaraguense, da classe trabalhadora. Foi considerada uma “menina rebelde” no colégio, quando se integrou ao movimento estudantil secundarista em fins de 1960. Em 1970, participou dos movimentos pela soltura e contra a morte de militantes da FSLN, após a “famosa redada del 70”, quando grande parte da direção da Frente foi presa após uma série de protestos organizados ao longo daquele ano. Com o terremoto de 1972, passou a realizar trabalho social e político com a população carente de Matagalpa ao lado de Doris Tijerino, Carlos Arroyo e Mary Bolt<sup>948</sup>. Foi nesse período que sua mãe, *Doña* María Dora, relatou ter percebido as intenções de sua filha que, segundo ela, gostava de andar pelos bairros periféricos e ajudar as pessoas em dificuldade.

Ainda no início da década de 1970, María Téllez, com cerca de dezessete anos, mudou-se para cursar medicina na Universidade de León. Neste período, foi recrutada como militante da FSLN e passou a atuar no movimento estudantil em atividades semiclandestinas, porque não estava impedida de ter uma vida pública e circular pela cidade, mas contribuía para aqueles/as que atuavam desde a clandestinidade. Dentre suas funções, destacou: comprar itens básicos de sobrevivência para militantes clandestinos/as; participar de esquemas para aquisição de armas e medicamentos para guerrilha; organizar casas de segurança e de grupos de colaboradores do movimento. No seu testemunho, María Téllez recuperou as leituras que foram importantes para a sua formação política, como textos do general vietnamita Võ Nguyên Giáp, *La guerra de guerrillas* (1961) de Che Guevara, os discursos de Fidel Castro, *El Estado y la revolución* (1917) de Lênin, *La mujer cubana ahora* (1972) de Randall. Interessante observarmos o lugar que Téllez colocou a colaboração de Randall na temática da revolução, sendo a única leitura, dentre

---

947 Os *Country Clubs*, ou clubes de campo, eram locais de sociabilidade e de confraternização da burguesia latino-americana, reproduzindo a cultura estadunidense. Ver: MARIÁTEGUI, José Carlos. Ponto de vista antiimperialista. *Revista Novos Rumos*, No.18/19, ano 5, 1990.

948 Carlos Arroyo, herói e mártir da revolução, de Matagalpa, foi líder estudantil e membro da FSLN, morto em outubro de 1977, durante o assalto ao quartel de Masaya, momento em que usava o nome Fermín. Mary Bolt, naquele momento era militante da FER.

as citadas, que trazia a temática da participação das mulheres. Provavelmente uma menção que buscava ressaltar a contribuição de Randall no momento da entrevista.

Após o sequestro do embaixador estadunidense em 1974, a repressão da *Guardia* obrigou parte da direção da FSLN, que ainda estava na legalidade, a se tornarem clandestinos, o que dificultou a continuidade da atuação de María Téllez, após a perda de contato com as pessoas que faziam o vínculo e entre militantes legais e ilegais<sup>949</sup>. Para Matilde Zimmermann, o pós-1974 foi muito duro para a militância da Frente, o que se consolidou entre os anos de 1976 e 1977, período em que a GN conseguiu manter a guerrilha confinada nas montanhas do país, reduzindo drasticamente a organização urbana do movimento. Em 1977, iniciou-se uma reorganização: “[...] representou o ponto mais baixo da guerrilha rural, mas, em contrapartida, assistiu ao aumento das manifestações dos estudantes e da ocupação de prédios nas cidades, assim como algumas greves operárias.”<sup>950</sup>

Nesse contexto, María Téllez manteve um certo vínculo com a FSLN até que, em 1976, entrou para a clandestinidade, passando a contribuir com a educação formal e política no campo, momento em que sua mãe percebeu seu envolvimento com a insurreição em curso. *Doña* María Dora, com medo das consequências de sua participação, pediu para que Dora María Téllez não fosse para León. Ao contrário da prática que demonstramos nesta tese, em que muitas mães seguiram suas filhas/os na incorporação à luta insurrecional, *Doña* María Dora, mesmo simpatizando com a revolução, afirmou que sentia medo da violência, pois temia o que poderia acontecer com ela diante das agressões da GN, por ser mãe de uma guerrilheira conhecida. Então, escolheu manter certo distanciamento da luta antissomozista. Nesse interstício, que durou dois anos e meio, María Téllez contou em seu depoimento que diversas vezes foi dada como morta, confundida com outras militantes capturadas ou assassinadas pela *Guardia*.

María Téllez, como não era “queimada”, ou seja, não era fisicamente identificada pela GN, voltou para a cidade para organizar a ação de tomada do Palácio Nacional em 1978. Nessa ação, os militantes da Frente invadiram o Palácio Nacional disfarçados de policiais da *Guardia*

---

949 “Em 27 de dezembro de 1974, um comando com 15 guerrilheiros da FSLN, incluindo três mulheres, invadiu uma festa na casa de um rico empresário somozista e ex-ministro da Agricultura, José María ‘Chema’ Castillo. [...] A FSLN batizou o ataque bem-sucedido de ‘Rompendo o Silêncio’, já que marcou o reaparecimento público e dramático do movimento, após vários anos de relativo anonimato. [...] Tal como aconteceu no terremoto de 1972, a resposta de Somoza ao ataque de 1974, e não o próprio acontecimento, gerou um novo ambiente político. O governo declarou imediatamente estado de sítio, e deflagrou uma onda repressora que resultou em cerca de três mil mortes. [...] Brotaram novas organizações de protesto ligadas à FSLN.” ZIMMERMAN, Matilde. *A Revolução Nicaraguense*. São Paulo: Editora UNESP, 2006, p. 71-72.

950 ZIMMERMAN, Matilde. *A Revolução Nicaraguense*. São Paulo: Editora UNESP, 2006, p. 77.

*Nacional* e tornaram 3500 pessoas reféns, dentre políticos e empresários. Conhecida como *Operación Chanchera*, objetivava que

Somoza concordasse em liberar os 59 membros da FSLN ainda na prisão. Essa audaciosa e bem-sucedida missão chamou atenção da mídia e do público, e a vice-comandante da operação se tornou uma figura legendária: “Dora María Téllez / de 22 anos / miúda e pálida / de botas, boina negra / o uniforme da Guarda / muito folgado... Dora María / a moça aguerrida / que fez tremer de fúria / o coração do tirano”. Dezenas de milhares de residentes saíram às ruas para aplaudir os guerrilheiros da FSLN e libertar os prisioneiros, que passaram de ônibus pelos bairros dos trabalhadores a caminho do aeroporto, onde um avião os esperava para levá-los a Cuba. A cobertura dos acontecimentos pela televisão, ao som de palavras de ordem entoadas por todos os nicaraguenses – “Abaixo Somoza!” e “Somoza no paredão!” –, teve um imenso impacto tanto na Nicarágua como no restante do mundo.<sup>951</sup>

No caso do assalto ao Palácio, quando disseram que havia mulheres envolvidas no *comando Rigoberto López Pérez*, responsável pela ação, *Doña* María Dora afirmou imaginar que uma delas era sua filha. Para confirmar seu sentimento, foi ao aeroporto de onde viu María Téllez no ônibus que levava a militância sandinista rumo ao exílio. María Dora também relembrou ter ouvido o anúncio na rádio quando, em 1979, sua filha dirigiu a tomada da cidade de León: “Dora María Téllez, la del Palacio, la misma del Palacio, hoy Comandante Patricia, se tomó la ciudad de León.”<sup>952</sup>

Ao ser questionada sobre a vivência feminina no tempo da luta armada, María Téllez defendia a formação política e consciência dos homens sandinistas diante da participação das mulheres. Ela afirmou que tinham se construído uma moral de respeito concomitante a conquista de espaço na luta insurrecional pelas mulheres ao longo da década de 1970, resultado de um longo período de resistência feminina diante de um quadro de subestimação de suas capacidades de contribuição, o que se arrastou ao longo da década de 1960. Essa afirmação vai ao encontro de Kampwirth e sua assertiva dos espaços de luta como locais de solidariedade, onde as relações sexistas estiveram temporariamente em suspenso. Segundo Zimmermann, na década de 1960, a Frente contava com apenas dez mulheres em suas fileiras, o que se alterou diante da política de mobilização de massas adotada na década de 1970. Ao recuperar essa história, Téllez afirmou que, em 1963, a FSLN chegou a proibir que mulheres fizessem parte da organização, realidade que foi rompida na prática por meio da integração das primeiras mulheres militantes na *Organización*: Gladys Báez, Doris Tijerino e Luisa Amanda Espinosa.

---

951 Ibidem, p. 83.

952 Dora María Téllez *apud* RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaraguense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 86.

Para esse processo de envolvimento feminino ela considerava que a divisão da frente em três tendências foi importante, porque “[...] rompe un esquema rígido, rompe un esquematismo, rompe además moldes, creencias, mitos que a la mujer la enajenó...”<sup>953</sup>

A respeito do papel da mulher na revolução no momento de reconstrução nacional que viviam após julho de 1979, Dora María Téllez interpretava a conjuntura como um momento de reacomodação de tarefas que afetou todos os setores sociais, inclusive as mulheres, mas não considerava que havia um recuo na contribuição feminina. Nesse momento as tarefas, a forma de participação designada às mulheres, tinha se alterado, em comparação ao período anterior:

Con el proceso revolucionario cambian también las concepciones. El mismo caso de la mujer, la mujer aquí participó dentro de la Revolución no a nivel de cocina sino a nivel de combatiente. A nivel de dirigencia política. Esto da otro marco a la mujer. De hecho, jugó otro papel en la guerra, adquirió una autoridad moral tremenda que para cualquier hombre – incluso en una relación íntima – la respete. A la mujer combatiente es difícil que un tipo le levante la mano para pegarle, para maltratarla. Porque hay una autoridad que se da, una autoridad moral en general de la población femenina, y se refleja también en las relaciones íntimas. Han cambiado los conceptos de la relación. Creo que en general se han mejorado.<sup>954</sup>

Naquela etapa da revolução, de organização do governo revolucionário, a *comandante dos* considerava que elas seguiam integradas, mostrando capacidade e desejo em participar da reconstrução do país, resultado do potencial que demonstraram nos combates armados e em outras tarefas que desempenharam ao longo da guerra insurrecional. Assim, María Téllez colocava a participação feminina como resultado da prática militante delas, do esforço coletivo desse grupo social, e não como um “presente” ou uma “abertura” proporcionada pelos homens. Aquele período que viviam - após anos de terror perpetuados pela violência da *Guardia somozista*, de insegurança com a vida e o futuro - impunha o desafio da manutenção de todos os setores envolvidos na guerra, que deveriam atuar politicamente, mulheres e homens, para o processos de transição para construção da “nova Nicarágua”.

María Téllez não via aquela ocasião como ideal para mudanças de valores ligados à família, o que limitava o reordenamento dos papéis de gênero. O trauma intenso da guerra tinha sido vivido pelas mães que tinham perdido seus filhos ou que viviam com medo da repressão. Por isso ela afirmou, sobre as dificuldades que enfrentavam: “Yo creo que el Che tenía razón cuando decía que los héroes del trabajo son más difíciles de lograr que los héroes de la

---

953 Ibidem, p. 89. Ver: nota 73.

954 Idem.

guerra.”<sup>955</sup> Ou seja, se na guerra se dava a vida, nos tempos de paz o problema era o trabalho exaustivo para reconstrução nacional e construção da “nova sociedade”, em um momento em que a fome e a miséria começaram a ser sentidas. Nessa conjuntura, a única forma que via como possível de alterar essas relações de gênero, seria a adesão massiva do povo à revolução, estando a mulher mais consciente do processo político em curso. Conforme afirmou Karen Kampwirth, “[...] muito da desigualdade de gênero sobreviveu intacta a revolução, inclusive nas famílias sandinistas. Mas ao mesmo tempo seria equivocado cinicamente descartar essa narrativa: só porque nem tudo mudou, não significa que nada tenha mudado.”<sup>956</sup>

Letícia Herrera, codinome Miriam, contribuiu pontualmente na entrevista com uma breve fala transcrita por Randall ao final do capítulo com os relatos de Dora María Téllez e Doña María Dora. Herrera, no momento da entrevista, era coordenadora nacional dos *Comités de Defensa Sandinista* (CDS). Ela considerava que sua formação política tinha se dado em ambiente familiar, desde criança influenciada pela atuação de seu pai, exilado por ter se envolvido no assassinato do Somoza *viejo* - Anastasio Somoza García -, em 1956. Considerava que seu pai a tinha “transmitido” uma vivência rebelde, uma compreensão de mundo que passava pela derrubada da ditadura somozista. Sua própria existência e vida familiar estaria baseada nesse ativismo paterno: ele conheceu sua mãe costarriquense em uma viagem que fez ao país vizinho para traficar armas e transportar militantes clandestinos.

Enquanto viveram na Costa Rica, sua casa era ponto de encontro dos fundadores da FSLN, como Tomas Borge e Carlos Fonseca, reuniões das quais Herrera, ainda criança, participava. Para ela, este foi o momento de aprendizagem que possibilitou muitos ensinamentos e uma forma de compreender o mundo e o que se passava na Nicarágua. Por isso, ela se definia como uma sandinista da “velha geração”, porque com 30 anos se diferenciava da grande parte da juventude militante que se incorporara à FSLN ao longo da década de 1970. Para participar do movimento, Herrera colocava a revolução acima da maternidade, vista como uma questão individual à qual não deveria priorizar em detrimento do coletivo, redefinindo o papel normativo da função materna na vida das mulheres:

Tengo dos hijos: el más grande va a cumplir ocho años. A los dos dejé casi a los dos meses. Al más grande no lo conocí hasta el año pasado, porque se quedó con su abuela paterna. Y al más chiquito, nacido el año pasado, lo dejé también de dos meses.

---

955 Ibidem, p. 94.

956 KAMPWIRTH, Karen. *Feminism and the Legacy of Revolution*: Nicaragua, El Salvador, Chiapas. Estados Unidos: Ohio University Press, 2004, p. 46. Tradução nossa.

Cuando aquí triunfamos, a la semana se vino, me lo trajeron para acá. [...] Aquí nosotros vemos los deberes más que las cuestiones personales.<sup>957</sup>

Assim que ingressou no ensino básico Herrera se integrou ao movimento estudantil secundarista. Depois estudou na URSS, ainda nesse país onde foi integrada à FSLN em 1968, retornando para Nicarágua em 1970, já como militante sandinista semiclandestina para desenvolver trabalho organizativo. Em sua participação na linha de frente na insurreição sandinista, integrou o comando *Juan José Quezada* que executou a ação do sequestro na casa de “Chema” Castillo em 1974, junto com outra duas mulheres, Eleonora Rocha López e Olga López Avilés. Em 1979, ao lado de Dora María Téllez, participou como comandante da tomada da cidade de León. Segundo Randall, foram esses feitos que garantiram a elevação dela ao grau de *comandante guerrillera*. Em uma entrevista feita com Mónica Baltodano, em 1999, Herrera destacou sua atuação também como responsável pela Frente em Masaya ao longo de 1976, integrando em 1977 a Frente Norte e, em 1979, como membro do *Estado Mayor Occidental Rigoberto López Pérez*<sup>958</sup>.

Mónica Baltonado<sup>959</sup>, no momento da entrevista concedida a Randall, tinha 25 anos e contribuía com a nova etapa revolucionária na coordenação da linha política das “organizações de massa” sandinistas, no *Departamento de Organización y Trabajo de Masas* (DORMA), organismo auxiliar da Direção Nacional da FSLN<sup>960</sup>. Para Randall, isto representava um giro de contribuição após julho de 1979, em que passou de “tarefas militares” para desempenhar “tarefas políticas”. Dentre os feitos que lhe alçaram o grau de *comandante guerrillera*, Baltodano liderou, em 1979, a “retirada tática” da FSLN de Manágua para a cidade de Masaya. Nesse período ela integrava o *Estado Mayor de Manágua* ao lado de Oswaldo Lecayo e Raúl

---

957 Leticia Herrera *apud* RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaraguense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 92.

958 Entrevista de Leticia Herrera para Mónica Baltodano em 26 de junho de 1999, intitulada “Las mujeres del Diciembre Victorioso”. Disponível em *Memorias de la lucha sandinista*, site de Baltodano. Disponível em: <[https://memoriasdelaluchasandinista.org/view\\_stories.php?id=28](https://memoriasdelaluchasandinista.org/view_stories.php?id=28)> Acesso: 24/02/2025.

959 Entrevista também publicada em: RANDALL, Margaret. Now that we can speak freely. Three women tell their personal stories of the Nicaraguan Revolution. *Revista Mother Jones*. Vol.06, N.111. São Francisco, EUA. Abril 1981, p.38-51

960 “Para el ejercicio del control en las diferentes áreas, la poderosa Dirección Nacional del FSLN conformó su organigrama con siete departamentos auxiliares: Departamento de Relaciones Internacionales (DRI), Departamento de Agitación y Propaganda (DAP), Departamento de Educación Política (DEP), Departamento de Organización de Masas (DORMA), Departamento de Finanzas (DEFIN), Secretaría de Asuntos Generales (SAG) y el Instituto de Estudios del Sandinismo (IES).” FERRERO BLANCO, María Dolores. El diseño de las instituciones en el Estado Sandinista (1979-1982): la revolución como fuente de derecho. *Revista de Indias*. No. 265, Vol. LXXV, p. 814.

Venerio<sup>961</sup>. Masaya era, até então, um dos territórios que a Frente tinha libertado - antes da vitória em 19 de julho de 1979, - e para lá deslocaram cerca de sete mil pessoas:

[...] la ofensiva final se inició aquí en Managua antes de lo que nosotros habíamos previsto, y que incluso tuvimos dificultad de trasladar las armas de la parte occidental a la parte oriental de la ciudad, que era donde íbamos a llevar a cabo la resistencia. [...] A los 12 días ya no teníamos municiones. Era terrible ver a los *compitas*. [...] Después vino la decisión de la retirada, esa retirada es histórica, ¿verdad?, porque tuvimos que retirarnos como con 7000 personas entre civiles, niños y compañeros milicianos. Nos dividimos en grupos: la vanguardia, el centro donde iban todos los heridos – fue una de las cosas más terribles de la marcha: los heridos – y después la retaguardia. Llegamos a Masaya.<sup>962</sup>

Sobre sua trajetória pessoal e sua integração política, se identificou como oriunda de uma família de pai e mãe proletários, mas que havia estudado em colégio religioso da classe alta nicaraguense. Baltodano considerava este colégio de freiras conservador e classista, convivendo com uma série de contrastes sociais ao longo de sua infância. Neste meio, chegou a acreditar, assim como outras meninas, que uma das formas de atuar para a mudança no mundo poderia ser trilhado a partir da religião, através do hábito de freira. Porém, em conflito com esse caminho da vocação religiosa e diante das incoerências que percebia, concluiu que a situação de desigualdade e violência no país deveria ser solucionado a partir de uma ação política, não espiritual. Em 1969 se envolveu na campanha pela soltura de Doris Tijerino<sup>963</sup>, acontecimento que marcou sua primeira participação direta em uma manifestação política. A partir de então, Baltodano integrou ao *Movimiento Cristiano*, trabalhando com as pessoas em bairros marginalizados e cedendo sua casa para reuniões. Como já observamos nas experiências aqui analisadas, a relação entre militância e catolicismo não era uma característica única de Baltodano. Segundo Dirk Kruijt, ela era parte de “[...] una generación inspirada por la teología de la liberación y el movimiento socialcristiano.”<sup>964</sup>

Foi sua participação no *Movimiento Cristiano* e na *Federación Estudiantil Revolucionaria* (FER) que viabilizou sua integração à FSLN<sup>965</sup>, formalizada em 1973. Apesar

---

961 Sobre Oswaldo Lecayo não encontramos informações. Raúl Venerio, comandante guerrilheiro, a partir de 1979 foi chefe da Força Aérea, vice-presidente Junta Interamericana de Defesa e coronel do Exército da Nicarágua.

962 Mónica Baltodano *apud* RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaraguense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 115.

963 Ver capítulo 6.

964 KRUIJT, Dirk. *Guerrilla; guerra y paz en Centroamérica*. Guatemala: F&G Editores, 2009, p. 85.

965 O movimento revolucionário nicaraguense teve uma relação próxima com movimentos religiosos ligados a Igreja Católica a partir da Teologia da Libertação. Essa questão fica evidente em dois quadros da Frente: Ernesto Cardenal e Fernando Cardenal. Ver: LOWY, Michel. *O que é Cristianismo da Libertação*: religião e política na América Latina. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo; Expressão Popular, 2016; CARDENAL, Ernesto.

da FER ter ficado conhecida como local onde as mulheres constituíam um setor de peso, a partir de sua experiência no *Movimiento Cristiano*, Baltodano considerou este como um espaço com maior participação feminina do que a FER. Segundo ela, a *Federación* era uma organização marcadamente machista, que, portanto, prejudicava a integração das mulheres. Um dos motivos para essa diferença, identificado por ela, era o fato do *Movimiento* ser majoritariamente composto por jovens da pequena burguesia em que, além das facilidades materiais, as mulheres pequeno-burguesas tinham mais facilidade para desempenhar tarefas públicas, pois não eram vistas como uma ameaça pela Guarda Nacional.

*Doña Zulema*, mãe de Mónica Baltodano, teve nove filhos que, segundo Randall, foram todos militantes antissomozistas, ao contrário de seu marido que continuou apoiando Somoza, motivo pelo qual abandonou sua família quando se deu conta do grau de envolvimento revolucionário que tinham todos na casa onde vivia. Foi comum que os maridos não aceitassem o envolvimento político de suas esposas, filhas e filhos, abandonando a família por não aceitarem as reconfigurações das funções sociais e políticas dos sujeitos no interior do núcleo familiar, o que contestava a autoridade paterna e ameaçava a masculinidade.

Zulema relatou que Baltodano foi a primeira a se envolver politicamente através do movimento estudantil secundarista. Com treze anos, participou de greves e mobilizações por presos/as políticos/as. Sua mãe reconhecia o sentimento de insegurança e medo que a atravessou naquela situação, ao mesmo tempo em que reconhecia como justos os motivos que mobilizavam sua filha. Nessa contradição, Zulema recordou como chegou a pedir que Baltodano abandonasse a luta, em um momento de acirramento da repressão, em que duvidou da possibilidade de vitória popular diante do sacrifício de tantos/as jovens, sentimento compartilhado por outras mães nicaraguenses diante da violência da Guarda Nacional: “Ya nosotras, las madres, teníamos la experiencia de las otras madres, lo que había sucedido con tanto hijo muerto, que nosotras para entonces decíamos que no habían hecho nada, que sólo habían ido a morir. [...] Creíamos que nuestros hijos sólo iban a ser un mártir más.”<sup>966</sup>

A indignação de Zulema perante a desigualdade não foi algo novo que adveio apenas da influência de seus filhos e filhas. Com uma trajetória marcada pelo trabalho, *Doña Zulema*

---

*El evangelio en solentiname*. Manágua: Editorial Nueva Nicaragua, 1985 [1978] e CARDENAL, Fernando. *Un sacerdote en la Revolución*. Memorias y reflexiones sobre educación popular desde Nicaragua. Buenos Aires: CLACSO, 2010.

966 Doña Zulema *apud* RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaraguense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 103.



recuperou este sentimento como algo que a acompanhava desde a juventude. Tampouco sua participação direta tinha sido apenas uma forma de apoiar seus descendentes. Em 1972, após o terremoto, participou de manifestações em Manágua, como um ato contra a “Navidad comercializada”, que se opunha a exploração capitalista manifestada no Natal. Foi nesse contexto que considerou ter percebido “[...] la gran diferencia y la gran exploración que había entre las clases.”<sup>967</sup>

Após o seu marido ter saído de casa por se opor ao envolvimento político de sua família, *Doña Zulema* transformou sua residência em uma pensão para atender estudantes da *Universidad de León*. Nesse momento, Baltodano aproveitou a oportunidade para transformar onde viviam em uma casa de segurança e passou a esconder militantes disfarçados de universitários/as. Ao perceber a situação, Zulema afirmou que logo iniciou sua colaboração, priorizando a proteção desses/as jovens. Nesse contexto, segundo Baltodano, durante grande parte de sua juventude estudantil, ela estava convencida da via pacífica enquanto sua mãe defendia a luta armada. Contudo, quando Baltodano integrou a FSLN, passou a defender a via armada, o que fez *Doña Zulema* mudar de ideia. Zulema, ao passar a defender a via pacífica, reivindicou seu sentimento materno de defesa de sua filha:

Ya después, cuando yo comencé a pensar en la lucha armada, ella se echó para atrás. [...] O sea, más bien era ella la que pensaba así en un principio. Pero después, cuando ella me vio que yo me iba comprometiendo, empezó a irse para atrás. Tal vez seguía creyendo, pero por temor a lo que pudiera pasar la hija...<sup>968</sup>

Outro conflito que mãe e filha registraram em seus testemunhos dizia respeito ao casamento. Desde 1974, Baltodano vivia com o dirigente sandinista Bayardo Arce e sua mãe reproduzia a expectativa tradicional do casamento, buscando esse caminho para suas filhas. Na entrevista concedida a Randall, Baltodano afirmou que em determinado ponto chegou a ser convencida do casamento, porém, no mesmo período, Arce entrou para a clandestinidade, o que impossibilitou que o concretizassem. Uma das justificativas de Mónica Baltodano para se opor e evitar o casamento era por querer se esquivar do papel tradicional da mulher casada que, para ela, seria incompatível com sua identidade e cotidiano de guerrilheira. Afirmou: “Siempre me imaginaba una vida de guerrillera, y siempre tuve la visión de que Bayardo tampoco se hubiera

---

967 Ibidem, p. 100.

968 Mónica Baltodano *apud* RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaraguense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 100-101.

hallado con una mujer que no fuera así”<sup>969</sup>. Para ela, essa posição de Bayardo Arce diferia da postura assumida por outros militantes que, segundo ela “[...] tenían una actitud marcadamente machista, de que la mujer es para trabajos domésticos, que no deberíamos pasar correo, y así. Ésta ha sido una lucha, como es lógico”<sup>970</sup>.

Em 1974, Baltodano passou a atuar na clandestinidade, responsável por parte da zona rural do norte do país. Esse período que ficou marcado para ela como de muito estudo político, entrando em debates acalorados com o dirigente sandinista Pedro Araújo<sup>971</sup> sobre a “questão da mulher”. Baltodano foi a única das nicaraguenses entrevistadas por Randall, que nessa época da década de 1970 reivindicou a contribuição do movimento feminista. Ela aproximou a realidade das sandinistas com o feminismo e apontou as contradições do cotidiano militante no país, que:

Se dio como un movimiento feminista, que incluso en algunos casos condujo a desviaciones, pero indudablemente que la conciencia existía y se desarrolló e influye positivamente en nuestras vidas. Recuerdo posiciones cerradas y otras más abiertas. Hubo los que decían que la mujer no servía para la montaña, que sólo sirven ‘para joder’, que creaban conflictos – los conflictos sexuales en la tropa, que esto y lo otro, ¿verdad? Y hubo hombres con posiciones bien consecuentes, por ejemplo, Carlos Fonseca fue un compañero consecuente en ese sentido. La batalla en definitiva se ganó a través de discusiones y con ejemplos concretos de compañeras que demostraron su aguante, pues.<sup>972</sup>

Nesse momento, Zulema passou a viver em Manágua, onde desenvolveu sua consciência política a partir de leituras que tinham sido influência direta de seus filhos/as:

Las madres tenemos una cosa, ¿verdad?, tenemos un poco de hijos y de repente pensamos que éste es más alegre, éste es más inteligente... Y por eso empecé a leer los folletos. Para saber por qué ellos, siendo tan inteligentes, habían tomado ese camino, el camino de la muerte. Y me fui aclarando, y de repente estaba mezclada.<sup>973</sup>

Assim, Zulema foi compreendendo melhor a luta e adquirindo consciência, processo fundamental para ter suportado a violência do processo revolucionário e o envolvimento de seus filhos/as sem se sentir desesperada diante dos riscos que corriam. Em um dos episódios

---

969 Idem.

970 Ibidem, p. 101-102.

971 Pedro Araújo foi um militante que atuou como dirigente do movimento clandestino da Frente, como coordenador de mobilização e contato.

972 Mónica Baltodano *apud* RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaraguense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 103.

973 Doña Zulema *apud* RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaraguense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 106.

que a marcaram, relatou quando Baltodano estava clandestina e chegou em sua casa com um bebê nos braços solicitando sua colaboração para cuidar de seu filho, porque não pretendia abandonar suas tarefas revolucionárias. O filho de Baltodano recebeu o nome de Pancasán, em homenagem à guerrilha massacrada pela Guarda Nacional em 1967. Assim como Herrera e várias outras mulheres, Baltodano encontrou seu filho ao final da guerra, por isso Randall definiu esse momento após a vitória como um momento de reencontro das mulheres com os seus.

Esse tipo de relação entre mãe e filha se tornou um processo comum na Nicarágua e era entendido como uma forma de colaboração direta dessas mulheres para o processo insurrecional, ao viabilizarem a participação das jovens mães. Além de cooperar com os cuidados do neto, *Doña* Zulema enviava alimentos à guerrilha onde a filha se encontrava, integrou outras mulheres para colaborarem como correio e transporte, estabeleceu uma rede de casas de segurança e de ajuda financeira para Frente. Em sua rede política estava *Doña* Santos Buitrago, mãe de Julio Buitrago, militante morto em 1969, e uma das mais importantes ativistas do movimento de mães da época.

Em 1977, Mónica Baltodano viajava entre muitas cidades para acompanhar o desenvolvimento das células revolucionárias da Frente, ocasião em que foi perseguida pela GN e, ao procurar ajuda com um camponês no interior da montanha, acabou denunciada e presa. Para evitar que fosse morta e dada como desaparecida, gritou seu nome e afirmou que era militante da FSLN, para que as pessoas ao redor soubessem do que acontecia e, se possível, denunciassem publicamente sua prisão, garantindo-lhe certa condição de sobrevivência. A caminho da prisão, demonstrou seu compromisso com a revolução ao tentar converter politicamente o guarda que a conduzia: “Era un guardita de lo más humildes, fíjate. Yo empecé allí no más a trabajarlo. ‘Ustedes son explotados’, que no sé qué, que no sé cuánto, y el guardita como que iba descubriendo un mundo.”<sup>974</sup>

Enquanto esteve presa, seu filho Pancasán tinha apenas sete meses, vivia com sua mãe Zulema, que organizou uma rede de ações e denúncias, superando o seu medo de sofrer a repressão da *Guardia*: “Então eu não me importava se o mundo todo soubesse que eu era uma revolucionária. Nos formamos um comitê de familiares de presos políticos, e conseguimos

---

974 Mónica Baltodano *apud* RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaraguense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 107.

ajuda de outros setores, como da AMPRONAC.”<sup>975</sup> Esse período foi descrito por Zulema como um momento dotado de coragem, que lhe deu maior disposição para colaborar com a insurreição sandinista. Denunciava a violência da GN contra Baltodano nos jornais, dava entrevistas em rádios, organizava manifestações, serviu como correio transportando cartas entre as presas políticas e a direção da Frente. Uma das cartas que tirou da prisão era um protesto-denúncia assinado por todas as presas publicado no *La Prensa*, principal jornal de oposição ao somozismo na época<sup>976</sup>. Uma das ações que lembrou ter organizado junto com o movimento de mães, se tratou da ocupação do prédio da ONU com diversas mulheres, do campo e da cidade. Após a soltura de Baltodano, Zulema continuou indo a prisão como se fosse tia de uma outra presa, mantendo sua contribuição. Essas movimentações de Zulema não ocorreram de maneira isolada. Segundo Matilde Zimmermann, com o declínio da guerrilha rural e o fortalecimento do movimento urbano, as ações de luta pelos direitos humanos coordenadas pelas mulheres desempenharam um papel importante na fase final da insurreição sandinista<sup>977</sup>.

Nas entrevistas com as comandantes, Randall buscou compreender o impacto do gênero na posição de direção política e militar que exerceram. Baltodano, acreditamos que comprometida com a imagem que passaria para o mundo através de seu testemunho, afirmou ter tido sorte por ter convivido com companheiros com consciência avançada, como Walter Mendoza e Ramón Cabrales<sup>978</sup>, com “mentalidade de homens novos”. Reafirmou o compromisso e o estágio de consciência dos homens da vanguarda revolucionária, em especial da direção sandinista, como forma de contrapor a Frente a outras organizações. Ela também reconheceu que, o fato de ser uma militante conhecida e com prestígio, contribuiu para que sua atuação política e militar, suas orientações para a militância e para as tropas, não fossem contestadas. Mesmo assim assumiu alguns problemas de desrespeito ou questionamento de homens que demonstravam certa dificuldade em receber ordens de mulheres. Mas, demarcou que esses episódios aconteciam por parte de pessoas recém-integradas, que não a conheciam,

---

975 “Then I didn’t care if the Whole world knew I was a revolutionary. We formed the Committee of Relatives of the Political Prisoners and got aid from other sectors like AMPRONAC.” RANDALL, Margaret. Now that we can speak freely. Three women tell their personal stories of the Nicaraguan Revolution. *Revista Mother Jones*. Vol.06, N.111. São Francisco, EUA. Abril 1981, p. 46. Tradução nossa.

976 O jornal não tem seu acervo digitalizado e, por isso, não conseguimos localizar a mencionada carta.

977 ZIMMERMANN, Matilde. *A Revolução Nicaraguense*. São Paulo: Editora UNESP, 2006, *passim*.

978 Walter Mendoza integrou a FSLN em 1974, foi militante do Movimiento Juvenil Cristiano (MJC) e da FER, assassinado em julho de 1979. Ramón Cabrales foi recrutado por sua esposa e integrou a clandestinidade sandinista a partir de 1977, foi responsável pelas unidades militares da GPP, em 1979 participou da tomada de Jinotepe e Granada, em 1980 recebeu o grau de comandante guerrilheiro e foi Ministro de Comércio Interior e da Presidência na IV Região.

ou partia de colaboradores, principalmente no norte do país, onde considerava haver uma forte cultura machista.

A respeito dos colaboradores, ela ponderou que muitos a tratavam como mulher e não como parte da direção da FSLN, o que gerava um desconforto e levava a uma dificuldade quando ela estabelecia o contato. Nas casas de segurança, reproduziam a lógica da divisão sexual do trabalho, sobrecarregando a militância feminina. Para Baltodano, muitos/as achavam que as militantes, por serem mulheres, tinham que ajudar com o trabalho doméstico, o que muitas vezes era difícil de conciliar com o trabalho clandestino que desempenhavam. Era um processo longo até que as pessoas que colaboravam compreendessem que aquela militante tinha tarefas políticas. Também notava dificuldades por parte das colaboradoras em delegar demandas domésticas aos homens que recebiam em suas casas, propiciando muito tempo livre aos militantes que se encontravam na clandestinidade. Essas situações eram difíceis de ser debatidas e superadas tanto entre homens, quanto entre mulheres. Baltodano relatou momento em que foi questionada por não cumprir adequadamente suas funções de esposa, ao passo que ocupava muito tempo com questões políticas que não eram consideradas femininas: “Como es posible que yo no le lavara la ropa de Bayardo, decía una viejita, si yo era su mujer. Cosas que los compañeros ya entendían, pero a veces los colaboradores no.”<sup>979</sup>

Na ofensiva final, em 1979, coordenando o *Estado Mayor de Managua* com Oswaldo Lecayo e Raúl Venerio, Baltodano esteve na linha de frente das ações. Segundo ela, a ofensiva iniciou antes do esperado, gerando algumas dificuldades com o transporte de armas e com as munições, motivo pelo qual circulou durante dias por todos os pontos de ação em Managua, coordenando, fazendo trabalho político e impondo disciplina nas barricadas. Em consonância com seu compromisso com o “homem novo” sandinista, reforçou o vínculo do machismo com a cultura somozista. Para isso, recuperou o momento da vitória, quando a Guarda Nacional se rendeu ao Exército Sandinista. Segundo ela, o *guardia* destacado para o ato de rendição no local onde estavam, se recusou a fazê-lo diante dela, uma mulher:

Fíjate que nos vamos a Granada sabiendo que ese día Somoza va a renunciar. Cuando pasamos por Masaya ya sabíamos la noticia. Pasamos en la madrugada, combatimos todo ese día y en la noche ya tenemos cercado lo que era La Pólvara. Yo recuerdo que hasta me bañé, y entonces una compañera con una cámara me preguntó: “¿A dónde vas?” “Voy a la toma”, le digo. Nos acercamos por el hospital, fíjate, llegamos a una distancia donde está ese poste – así estábamos del comando -, pero casa por casa, abriendo hoyos en las paredes, entonces llegamos y cuando ya estábamos apuntando

---

979 Mónica Baltodano *apud* RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaraguense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 115.

pasamos a oír la voz que querían rendirse. Yo fui la que habló con el guardia – ese diálogo está grabado y en película también – que salió envuelto en una bandera. No quería habla conmigo porque yo era mujer.<sup>980</sup>

Em 1979, na reta final, Zulema relembrou como ela e seus filhos/as se mudavam com frequência, porque a *Guardia* estava sempre no encalço da família a procura de qualquer sinal de Baltodano. Além disso, ela e todos os seus filhos/as estavam envolvidos de alguma forma com a revolução, conforme ela tinha previsto e tinha buscado influenciá-los. Em sua casa mantinham armamento da Frente e fabricavam bombas. Alma Nubia, uma de suas filhas, perdeu a mão enquanto preparava uma bomba; Zulemita foi presa, torturada e morreu em um bombardeio; suas filhas mais novas faziam *pintas* nas ruas<sup>981</sup>.

A partir da trajetória de vida das *comandades guerrilleras*, podemos observar como reafirmam o vínculo da tomada de consciência feminina e do envolvimento na luta antissomozista através da religiosidade cristã; a forma como suas experiências revolucionárias estiveram vinculadas a relação com suas mães e como mães; e, por fim, como buscaram criar uma narrativa de proteção da moral sandinista que superava o machismo, o que fazia parte do compromisso que tinham com a reafirmação do “homem novo” nicaraguense.

### 5.3 “Homem novo” e “Mulher nova” na Nicarágua sandinista

Recuperando a discussão sobre “homem novo” e “mulher nova” – abordada no capítulo 2 e 4 – buscaremos observar aqui as especificidades dessa discussão no contexto do movimento e da Nicarágua sandinista. Em 1975, Randall entrevistou a militante Doris Tijerino para a revista cubana *Revolución y Cultura*. Nessa entrevista, ela abordou seu diagnóstico a respeito da condição do povo nicaraguense, a fim de balizar os motivos pelos quais a Frente se organizava contra a ditadura somozista. Devido a intenção de Randall, houve uma especial abordagem a respeito do lugar da mulher nessa sociedade, na revolução e no que previam para o futuro do país, que podemos perceber a partir da seleção de algumas das perguntas que conduziram a conversa:

Quizás sería interesante si empezamos para dar una idea de la lucha de tu pueblo y dentro de esa lucha, la lucha de la mujer nicaragüense. Si empiezas brevemente hablando de tu origen de clase, tu niñez, o sea, ¿cómo te integraste a la lucha? ¿En qué sector?

980 Ibidem, p. 115-116.

981 As *pintas* eram frases revolucionárias que eram escritas nos muros das cidades em todo o país. Margaret Randall tem uma coleção de fotografias de *pintas* que estão disponíveis no *Margaret Randall Photograph Collection*, parte do acervo que se encontra no CSWR/UNM.

Doris, en todos esos años de lucha, como mujer específicamente, ¿tú has confrontado alguna barrera por el hecho de ser mujer? Digamos ¿en tú familia, o em la sociedad em general? Porque no es precisamente el papel más tradicional de la mujer latinoamericana... Bueno, en un sentido si, la mujer latinoamericana tiene una tradición de lucha muy profunda, pero quiero decir que por lo menos en la capa de la cual tú provienes, en las capas más altas de la sociedad, no es precisamente, digamos, como se ha visto el papel de la mujer, y sobre todo en la lucha armada...

¿Ha habido alguna lucha ideológica de este tipo dentro de la misma organización? ¿Es decir, ha habido militantes hombres que siendo por otra parte buenos revolucionarios han tenido dificultad, por ejemplo, en ver una plena participación de la mujer militante? ¿Han tenido que librar dentro de la misma organización también este tipo de lucha ideológica?

Para terminar, tal vez nos quisieras hablar de las perspectivas de la lucha, actualmente.<sup>982</sup>

Randall foi construindo esta reflexão desde a vida privada e relações pessoais de Tijerino, passando pelo cotidiano da vida militante, até chegar nas expectativas com o futuro. Nas respostas, Tijerino chamou atenção para como o aparato de dominação que recaía sobre os trabalhadores, tinha um impacto diferente considerando duas categorias: homens e mulheres; cidade e campo. Ela considerava as mulheres e o campo as categorias mais prejudicadas, ainda mais quando eram identidades combinadas: mulheres do campo. Nesse aspecto, ela destacou como a escravidão doméstica, a prostituição e os baixos salários afetavam de maneira específica as mulheres. No livro *Somos millones* (1975), Doris Tijerino descreveu sua infância na costa atlântica do país, onde foi viver, em 1956, na casa de um tio, para explicar a condição na qual se encontrava a mulher nicaraguense, partindo das categorias de sexo e raça. Segundo ela, essa região do país, fortemente marcada pela escravidão negra e indígena, tornava mais intensa a interseccionalidade da violência. Na casa de seu tio havia uma empregada doméstica negra que vivia ali por uma remuneração irrisória, sem permissão para receber visitas, principalmente de sua família negra que não podia conviver naquele ambiente. Partindo dessa memória, construiu uma narrativa sobre a condição das mulheres nicaraguenses anterior ao triunfo de 1979. Enquanto grupo social, elas eram o último a ser incorporado ao trabalho produtivo, mesmo com qualificação e, quando eram incorporadas, sofriam outras formas de discriminação, como os baixos salários e condições de trabalho análogas a escravidão:

La compañera ésta [emplegada doméstica de seu tio] era una compañera con alguna preparación, era graduada de secretaria bilingue, sin embargo, por la gran desocupación, por la falta de posibilidad de trabajo que hay en esa zona entonces dada la situación que vive todo el pueblo, esa mujer, con la enseñanza recibida, tenía que

---

982 RANDALL, Margaret. No se trata de mujeres que militan sino de militantes que son mujeres. Testimonio de Doris Tijerino. *Revista Revolución y Cultura*. n.38, La Habana, Cuba. Octubre de 1975, *passim*.

trabajar como criada y además soportar las humillaciones de que era objeto por parte de la patrona.<sup>983</sup>

Além da exploração econômica, as mulheres estavam submetidas a um sistema que as violentava fisicamente e que, por isso, historicamente para as mulheres a luta pela superação dessa condição de subordinação caminhava em conjunto com a luta pela transformação nacional:

El pueblo de Nicaragua, sus hombres y mujeres doblemente agredidos por un sistema expoliador y por la bestial violencia que cotidianamente y en todos los ámbitos de la vida nacional – asesinando, violando, humillando, robando – desata la Guardia, verdadero ejército de ocupación, ha mantenido una indoblegable voluntad de lucha. A la mujer nicaragüense le correspondido jugar un importante papel, desde la guerra popular de Liberación Sandinista en que se destacaron heroicas combatientes [...] [que] luchan junto al pueblo de Nicaragua levantando en pie de guerra contra la dictadura militar somocista.<sup>984</sup>

Em meados de 1970, Tijerino reivindicava o exemplo de Cuba como inspiração inquestionável para o processo de libertação nacional em curso na Nicarágua, país que deu apoio as iniciativas e demandas do governo sandinista instaurado em 1979. Influência da qual a direção da FSLN também buscou estabelecer diferenças: respeitavam e se inspiravam no processo cubano, mas não queriam ser uma nova Cuba, reivindicavam um projeto de soberania nacional sandinista, e não alinhado com o comunismo internacional. Dirigentes da FSLN defendiam um projeto nacional único, baseado nas demandas e realidades da Nicarágua<sup>985</sup>.

Para Tijerino, desde quando tinha iniciado sua militância, em fins a década de 1960, até o momento daquela entrevista, em 1975, a condição da mulher no interior das organizações tinha sido profundamente alterada, assim como a visão da sociedade a respeito da integração feminina na luta pela libertação nacional. Nos primeiros anos de sua militância, relatou ter enfrentado muitas dificuldades, principalmente em sua família, tendo encontrado apoio em sua mãe, assim como outras/os jovens. Se sentia socialmente marginalizada a medida em que seu

---

983 RANDALL, Margaret. *Somos millones*. Manuscrito: *Margaret Randall Papers*, UNM Center for Southwest Research & Special Collections, 1975, p. 58-59.

984 Doris Tijerino *apud* RANDALL, Margaret. No se trata de mujeres que militan sino de militantes que son mujeres. Testimonio de Doris Tijerino. *Revista Revolución y Cultura*. n.38, La Habana, Cuba. Octubre de 1975, p. 48-50.

985 Segundo Adriane Vidal Costa (2013, p. 268), os sandinistas buscaram assumir uma postura ideológica marcada por “[...] diferentes matizes: do marxismo à Teologia da Libertação, da social-democracia à tradição anti-imperialista latino-americana.” Conforme afirmamos em nossa dissertação de mestrado (2019, p.69), “o que mais distanciava o projeto sandinista da experiência cubana era a opção pela manutenção do estado pluripartidarista e da economia mista, discurso sustentado na retórica da manutenção da democracia, aproximando-se da experiência chilena de Allende, no início da década de 1970.” Ver: FERREIRA GONTIJO, Stella. A “democracia popular” da Frente Sandinista de Libertação Nacional: uma breve discussão a partir do debate marxista e da práxis revolucionária. *Revista da ANPHLAC*, Vol.20, Nº 28, 2020, p. 110–137.



envolvimento com a Frente crescia, o que não teria ocorrido se tivesse mantido apenas uma colaboração discreta:

[...] mi incorporación al Frente Sandinista hace que me comprometa más y al ligarme a mis compañeros y darme cuenta allí de cuál era el verdadero papel, no como mujer, sino como una nicaragüense, que cada uno tiene que desempeñar, esto hace que logre superar todas las trabas. La situación para la mujer en el país, para la mujer que milita, actualmente no es tan dura como entonces. En ese tiempo se decía que era preferible que uno fuera prostituta y no una militante.<sup>986</sup>

Tijerino não se identificava com “posições feministas”, reafirmando este movimento como “separatista” no interior de movimentos políticos. Além disso, afirmou que assumir o feminismo como identidade política levaria a um rebaixamento de sua condição de militante, pois na época, este movimento era visto como defensor de interesses individuais, o que se contrapunha ao proposto pela luta por soberania nacional:

Yo trataba al máximo también de no caer en las posiciones feministas, de hacer ver la gente que me rodeaba que no se trataba de mujeres que militan sino de militantes que era mujeres, y en este sentido he logrado mantener mi militancia, actualmente la organización se ha desarrollado, el nivel político del pueblo también es mayor y la actividad de las militantes mujeres de la organización es visto con simpatía, mucho respeto, de parte de los sectores populares principalmente.<sup>987</sup>

Afinal,

No se ha pretendido enmarcar la lucha de la mujer aparte de la lucha general del país, sino que organizarla y plantearle objetivos propios que corresponden a la lucha del país. Organizar a las mujeres porque hay que ser realista, hay que darse cuenta que la situación de opresión principalmente que vive la mujer en el país que la hace a ella misma desligares, y verse a sí misma como en un papel secundario totalmente distinta al hombre y que debe dedicarse a 'actividades exclusivas de la mujer'.<sup>988</sup>

Assim, Tijerino reconhecia a forma específica como a violência, a miséria e a “penetração imperialista” recaíam sobre as mulheres nicaraguenses e latino-americanas, mas se contrapunha a uma reivindicação de que deveriam ser tratadas no interior da militância com alguma especificidade, devendo estar integradas ao movimento mais amplo de libertação nacional. Essa realidade era fruto de diversas investidas contra as mulheres – debatidas no

---

986 Doris Tijerino *apud* RANDALL, Margaret. No se trata de mujeres que militan sino de militantes que son mujeres. Testimonio de Doris Tijerino. *Revista Revolución y Cultura*. n.38, La Habana, Cuba. Octubre de 1975, p. 52.

987 Idem.

988 Ibidem, p. 55-56.

capítulo 2 – que na Nicarágua, assim como na América Latina, Randall identificou como resultado da “penetração imperialista” que desde a educação, de textos e programas de estudos, “[...] trasmiten el mensaje ideológico del imperialismo sus representantes: la dictadura y la burguesía nativas.”<sup>989</sup> Um dos instrumentos utilizados para o exercício do controle e da violência contra as mulheres foi o *Consejo de Defensa Centroamericano* (CONDECA), que agia diretamente sobre os corpos e a autonomia feminina através de programas de controle de natalidade e esterilização forçada:

[...] un sistema que combina un eficaz aparato represivo de contrainsurgencia basado en la fuerza de las armas, con los programas de ‘Acción Cívica’ de la Guardia Nacional, Cuerpos de Paz y otras agencias del imperialismo, que a su vez desarrollan vastos programas de control de la natalidad, utilizando procedimientos que incluyen la esterilización de niños y adultos.<sup>990</sup>

Alexa Lugo, guerrilheira da *Frente Norte* que militava desde os doze anos em 1972, estava grávida de cinco meses quando foi entrevistada por Randall e afirmou como “Su edad y su condición de mujer le hacen pertenecer a ambos grupos sociales que más material humano ofrecieron al triunfo.”<sup>991</sup> Sua integração tinha se dado por influência de uma amiga que já estava organizada e pelas conversas que tinha com sua mãe a respeito da realidade em que viviam. Toda sua família participou da luta insurrecional, motivo pelo qual reivindicava com orgulho a unidade familiar entorno do compromisso com a libertação nacional. Desde sua juventude, Lugo não compreendia os objetivos de vida das mulheres de sua classe social, da elite nicaraguense, que se preocupavam com festas de debutantes e outras questões que considerava fúteis, motivo pelo qual fracassou nas tentativas de mobilização das meninas de sua escola burguesa. Enquanto isso, ela se via envolvida em dar aulas, participar de manifestações, lidar com a repressão da Guarda Nacional e com a guerrilha. Destacou que o retorno a “normalidade” trazia o retorno de “velhos valores”, por isso, a disputa da “consciência”, dos costumes, se fazia central na construção da sociedade revolucionária desde julho de 1979. Para isso, diferenciou a vanguarda das massas, destacando o compromisso da mulher das camadas populares:

La militante sabe lo que hacía antes, y por qué; lo que hará ahora, y por qué. La mujer del pueblo puede que haga lo mismo, porque su instinto de clase o de lucha le dice

---

989 Randall, Margaret. *No se puede hacer la revolución sin nosotras*. Havana: Casa de las Américas, 1978, p. 78.

990 Ibidem, p. 78-79.

991 RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaraguense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 270.

que tiene que hacerlo. [...] Sin embargo, para la mujer de la base, como para la militante, una nueva práctica de por sí va creando nuevos valores.<sup>992</sup>

Conforme argumentou Kampwirth<sup>993</sup>, após a vitória de 1979, parte das práticas machistas e patriarcais da sociedade nicaraguense retornaram a “normalidade”, visto que na guerrilha havia solidariedade entre homens e mulheres em luta, mas não haviam de fato se comprometido com a reorganização das relações de gênero. Ao mesmo tempo, militantes como Ana Julia Guido, que teve seu testemunho registrado no livro *Todas estamos despiertas* (1980), ressaltou como o lugar alcançado pelas mulheres na Nicarágua foi consequência da dedicação e compromisso que tiveram com a luta pela libertação nacional e não uma concessão dos homens. Partindo de sua própria experiência, Julia Guido considerava que o envolvimento das mulheres com a revolução tinha mudado suas vidas completamente ao longo da década de 1970, transformando-as em “mulheres novas”. Em seu caso, a libertação nacional se converteu em compromisso prioritário, voluntariamente estava “disposta a tudo”, inclusive a dar sua vida. No caso das mães, incluía o sacrifício de ceder seu bem mais precioso: seus filhos e filhas.

Essas mudanças conviviam com os padrões de gênero, resultado de séculos de definições de comportamento, desejos e perspectivas de vida. Assim, Julia Guido ansiava por questões consideradas do universo feminino: desde os dezoito anos sua maior aspiração pessoal era ser mãe, desejo prorrogado pela sua participação na luta armada. Esses sonhos eram atravessados pelo sacrifício revolucionário que, em muitos casos, adiou esses planos. Apesar de registrar esses anseios, Guido reforçava que as questões pessoais eram secundárias, diante da necessidade de se consolidar a vitória e a necessidade de se atender as demandas colocadas pela *Organización*, priorizando o trabalho revolucionário em detrimento de desejos individuais.

Naquele contexto de reconstrução nacional, Ana Júlia Guido não via mais a maternidade como incompatível com sua participação política efetiva, baseando-se na experiência de inúmeras companheiras sandinistas que, além de guerrilheiras, trabalhadoras e dirigentes políticas, eram mães. Como afirmou, viviam um período de expectativas e esperanças, o que colocava a maternidade no horizonte de muitas mulheres: “y más ahora que he visto en la Organización tantas compañeras que tienen sus hijos y que al triunfo de la Revolución, ya están

---

992 Alexa Lugo *apud* RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaragüense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 273.

993 KAMPWIRTH, Karen. *Feminism and the Legacy of Revolution*: Nicaragua, El Salvador, Chiapas. Estados Unidos: Ohio University Press, 2004 e *Women & Guerrilla Movements*: Nicaragua, El Salvador, Chiapas, Cuba. Estados Unidos: Penn State University Press, 2003.

grandecitos, van creciendo, y le pueden contar todo lo que uno ha vivido, pues.”<sup>994</sup> Expressava uma outra visão da maternidade, em que os/as filhos/as eram tidos/as como uma continuidade, como aqueles/as com os quais poderia compartilhar uma trajetória de luta, perpetuaria a memória e garantiria o futuro da revolução. Ela sequer considerava que a maternidade viria acompanhada de uma sobrecarga de trabalho. Sua segunda aspiração era estudar, oportunidade que não teve ao longo da ditadura somozista.

Na introdução de um artigo para a revista nicaraguense *Ya Veremos*, publicado em 1981, intitulado *La mujer y su doble trabajo*, Randall abordou a questão da dupla, tripla jornada das mulheres, submetidas ao trabalho dentro e fora de casa. Naquele momento, ela buscava identificar as mudanças na *Nicaragua Libre*, que, segundo ela, ainda não tinha alterado de maneira profunda a condição da dupla/tripla jornada de trabalho feminino. A mulher nicaraguense não tinha se ausentado da reconstrução do país e da consolidação do processo popular em curso, mas esse esforço tinha um peso maior quando comparado ao dos homens, porque compartilhava seus compromissos políticos e militantes com outras tarefas domésticas e de cuidados, além do trabalho produtivo. Em um ambiente marcado pela desigualdade de gênero, conviviam com questionamentos e resistência para o desempenho das novas funções que tinham conquistado ao longo da luta insurrecional.

Esse foi o caso de Maritza González, uma das entrevistadas por Randall. Com vinte e oito anos, ela era secretária na *Dirección de Difusión Cultural* do Ministério da Cultura, era casada, tinha três filhos, sendo que o primeiro nasceu quando ela tinha 16 anos. Quando se integrou ao trabalho formal, lidou com a oposição de seu marido, contudo, por necessidades econômicas, não tiveram alternativa. Acumulando seu trabalho de secretária com as demandas domésticas, chamou atenção para outras condições impostas aos trabalhadores e que atingiam de forma mais intensa as mulheres. Citou o exemplo do transporte público de má qualidade, que dificultava a conciliação de sua rotina com a casa, os filhos, o marido e seu trabalho no Ministério.

Blanca Luna, outra das entrevistadas, era técnica supervisora do setor de raio-X em uma policlínica. Ela chamou atenção para a questão do transporte público como um dificultador para a vida das mulheres. Ela tinha quatro filhos e apesar de seu marido não se opor ao seu trabalho, atividade que ela desempenhava desde antes do casamento, tinha que lidar com o acúmulo de

---

994 RANDALL, Margaret. Las compas de verde olivo. *Jornal En Rojo*, Manágua, 4 a 10 de julho de 1980, p. 3.

funções. Apesar do cansaço, ela achava importante continuar trabalhando para contribuir com a revolução, além de considerar como algo importante para a formação enquanto pessoa:

Es importante trabajar; así uno conoce mejor la vida. A pesar de que la gran mayoría de mujeres que trabajan lo hacen por razones económicas, las hay también que aportan su tiempo y esfuerzo a este proceso que se abre. Y muchas veces los sacrificios son iguales, o mayores, que los son para la que labora afuera de su casa para ayudar a mantener su familia.<sup>995</sup>

Quem cuidava de seus filhos era uma prima, o que evidencia, mais uma vez, a organização de redes de apoio femininas para garantir que parte das mulheres estivesse no trabalho produtivo, o que deveria ser garantido pelo Estado. Essa também era a condição de Mirna Gómez Díaz, entrevistada por Randall que, além do trabalho remunerado e não-remunerado, atuava como voluntária na *Casa Departamental Erlinda López*, vinculada a AMNLAE, deixando seus cinco filhos sob os cuidados de sua filha mais velha. Ela acreditava que o compartilhamento das tarefas domésticas era importante para que seus filhos elevassem os níveis de consciência, superando a “consciência antiga dos homens” através de práticas do cotidiano. Para ela, o trabalho a fazia se sentir necessária, colaborando nas tarefas de reconstrução do país, com responsabilidade para que a transformação na vida do povo nicaraguense alcançasse a “última mulher”. Devido a sua atuação, ela sofria com a resistência de seu marido, se desdobrando para garantir um trabalho político de consciência que alterasse as relações de gênero no interior de sua família e para dar conta de toda a carga de trabalho ao qual estava submetida, visto que se os cuidados com a casa “desandassem”, ela teria que lidar com uma retaliação, devido ao seu papel como mulher e esposa:

Me enfrentaba al problema de los niños, del esposo, y era difícil la cuestión familiar. Pero aquella conciencia se me iba fortaleciendo, y me vice, pues. [...] eran problemas, peleas, incomprensión, pues. Porque usted sabe, el machismo que impera siempre. Esa cuestión de que la mujer debe permanecer dentro del hogar, sin ninguna participación... Pero luego han ido mejorando las cosas.<sup>996</sup>

Das entrevistas publicadas na revista *Ya Veremos*, a que mais se diferiu foi a trajetória de Auxilio Miranda, uma professora de inglês, se locomovia de carro e contava com uma empregada doméstica, ou seja, pertencia as classes altas do país. Com 36 anos fazia seu segundo

---

995 Blanca Luna *apud* RANDALL, Margaret. La mujer y su doble trabajo. *Revista Ya Veremos*. Ano 1, N.8. Nicaragua, abril 1981, p. 29.

996 Mirna Gómez Díaz *apud* RANDALL, Margaret. La mujer y su doble trabajo. *Revista Ya Veremos*. Ano 1, N.8. Nicaragua, abril 1981, p. 29.

curso universitário, tinha dois filhos e era casada. Seu marido não se opunha a suas várias atividades, mas reconhecia que sua realidade era excepcional na sociedade nicaraguense, condição que deveria ser transformada pelo processo revolucionário que, para ela, deveria dotar as mulheres de consciência de seu valor para abandonar os maridos que as impedissem de atuar fora do espaço privado. Mesmo assim, Miranda não estava liberada do acúmulo de funções e de jornadas:

Un trabajo de tempo completo, desde las 7 de la mañana a las 2 de la tarde, los estudios que son de 5 a 9, 9 y media de la noche; y mi casa que tengo dos hijos y un marido. [...] Y no creo que esto ha sido nocivo para la familia; creo que es muy positivo porque uno trae del exterior nuevas ideas, nuevas opiniones, de las cuales uno puede compartir con el marido, con los hijos. Porque, digamos, la persona que siempre está en su casa es una persona bastante pasiva.<sup>997</sup>

Para Milú Vargas, fundadora da AMPRONAC, membro da AMNLAE e responsável pelo grupo de advogados que assessorava o *Consejo de Estado/Consejo del Pueblo*, em entrevista publicada por Randall, em 1983, no jornal *Barricada*, quatro anos após a vitória sandinista, a mulher nicaraguense crescia, consolidando-se como parte integrada na luta, tendo suas conquistas e seus problemas inseridos nos problemas gerais do povo, de “toda una nación”. Ao mesmo tempo, admitia que “[...] su condición de mujer – históricamente erguida como pisoteada – sufre dolores de parto particulares en esta transición hasta una sociedad distinta, más justa.”<sup>998</sup> Para essa transformação na condição feminina, considerava fundamental o papel desempenhado pela AMNLAE, uma organização de mulheres que, apesar de não organizar todas as mulheres do país, que correspondiam a mais da metade da população, incidia sobre a vida delas numa perspectiva geral, mesmo que indiretamente. Defendia que ser membro da *Asociación* não era necessariamente ser filiada, mas compartilhar de determinados valores e atitudes, visto que a militância era sobre assumir uma postura em relação a vida e ao mundo, no caso da Nicarágua sandinista, uma postura revolucionária. A AMNLAE seria então peça-chave para construção da “mulher nova”.

Randall, comprometida em mostrar como a vida da população tinha sido alterada com a revolução, para mostrar ao mundo o poder de transformação das revoluções socialistas, dedicou um capítulo do livro *Todas estamos despiertas* (1980) para esse assunto, intitulado *Los*

---

997 Auxilio Miranda *apud* RANDALL, Margaret. La mujer y su doble trabajo. *Revista Ya Veremos*. Ano 1, N.8. Nicarágua, abril 1981, p. 29.

998 Milú Vargas *apud* RANDALL, Margaret. Conversando con Milú Vargas “Tenemos la capacidad, la imaginación y la disposición...” *Jornal Ventana*. Barricada Cultural. Vol.III, N.126. Manágua, Nicarágua. Julho 1983, p. 5.

*cambios más grandes*. Para ela, ser partícipe de uma transformação coletiva da dimensão da revolução também provocava transformações a nível individual. Considerava que a revolução era um único fator capaz de transformar as estruturas da sociedade e as pessoas deveriam ser as “arquitetas de sua própria libertação”. Sua interpretação, em diálogo com a teoria marxista, era a de que as relações econômicas determinavam as mudanças superestruturais, ou seja, sociais, políticos, culturais e morais. Para abordar esta questão, ela apresentou quatro trajetórias que mostravam o rompimento com o passado e um novo modo de ser.

Marisol Castillo, oriunda da “alta burguesia entreguista”, tinha dezoito anos em 1974, quando sequestraram o embaixador estadunidense em uma festa que acontecia em sua casa - o sequestro orquestrado na festa de Natal oferecida pelo ministro somozista José María “Chema” Castillo, seu pai. Nesta ação, “Chema” Castillo foi morto por ter resistido ao assalto, enquanto sua mãe e seu irmão foram para os EUA, ela e sua irmã permaneceram na Nicarágua. Essa decisão, segundo Randall, foi um marco em sua “identidade de classe”, assumindo “una indetidad nacional y soberana.” Ela reconhecia seus privilégios, mas seus questionamentos a respeito da desigualdade que assolava o país fizeram com que integrasse o *Movimiento Cristiano*, trabalhando em bairros periféricos com o colégio religioso em que estudava. Na universidade se aproximou da FER e com o ganho de consciência política se afastou de certos “hábitos burgueses” em detrimento de seus ideais.

Aos poucos, sua família foi relegada em detrimento de seu compromisso revolucionário, defendendo a prioridade de seu compromisso com a libertação nacional: “Antes la Revolución que la familia; antes que nada.”<sup>999</sup> Em 1976, se tornou colaboradora da Frente, mas se mudou para os EUA para estudar, de onde organizou um comitê de solidariedade a luta antissomozista. Em 1978, já de volta ao seu país natal, atuou como mensageira e motorista de companheiros, organizou células revolucionárias, visto que sua classe facilitava sua circulação pública. Nessa época, integrou-se oficialmente à FSLN. No fim desse ano, seu companheiro sandinista Edgard Lang, que se encontrava preso, foi trocado pelos reféns do assalto ao Palacio Nacional e foi para o exílio no Panamá. Castillo pediu permissão à direção da Frente para atuar desde o exílio neste país, indo ao seu encontro até início de 1979. No Panamá, trabalharam com o apoio internacional, ajudaram no traslado de clandestinos ao país, coordenaram os comitês internacionais, denunciaram internacionalmente o que acontecia na Nicarágua.

---

<sup>999</sup> Marisol Castillo *apud* RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaragüense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 287.

Quando retornou para Nicarágua em 1979 se reintegrou grávida à frente armada da *Organización* em Manágua, onde trabalhou com Joaquín Cuadra no transporte de rádios e estabelecendo contatos com diferentes grupos políticos. Quando Lang morreu em combat, em 1979, reafirmou a centralidade da revolução: “Sentí la falta de mi compañero, pero la Revolución no se hubiera podido hacer sin que cayera tanta gente.”<sup>1000</sup> Após a vitória no mês de julho, Castillo ingressou no *Ejército Sandinista* como responsável por quadros militantes dentro da “sección personal de cuadros”, submetida a um ritmo de trabalho em que quase não via seu filho, mais uma vez colocava a revolução a frente de seus interesses individuais: “La Revolución tiene que ser primero que los hijos, que la familia. Y nosotros tenemos un país que reconstruir...”<sup>1001</sup>

Dorothea Wilson, conhecida como “monja de Siuna”, nasceu na costa Atlântica da Nicarágua, e era a única mulher da *Junta Local de Gobierno* em Puerto Cabezas após a vitória de 1979, representando a Frente. Tinha muito trabalho naquela zona historicamente adepta ao somozismo e, por isso, era uma região prioritária para o governo revolucionário. Sua legitimidade para tal função tinha sido conquistada com sua trajetória militante, especialmente por ter atuado na tomada da mesma cidade. Oriunda de uma família de pais trabalhadores, teve sete irmãos e seguiu um caminho compartilhado por muitas: após estudar em um colégio de freiras, optou por se tornar membro da ordem das *Carmelitas del Divino Corazón de Jesús*, onde trabalhou com catequese e obras sociais, especialmente na zona rural e com a “promoção humana” das mulheres do campo, onde se depararam com a zona de guerrilha. Como religiosas, “las misioneras”, tinham mais facilidade em se mover e trabalhar na região sem se tornarem alvo da Guarda Nacional, assim como tiveram maior condição de fazer trabalhos clandestinos internacionais.

Porém, em determinado momento estavam tão comprometidas que tiveram que escolher entre a vida religiosa ou a guerrilha. Junto com cinco irmãs optou por deixar o hábito, em busca de uma “nova forma de vida secular” que seria orientada por “uma vida religiosa, partidária e comunitária”. Ela já tinha relações com a Frente, pois como freira já colaborava transportando e escondendo alguns dirigentes da FSLN, além de atuar como correio, contribuindo no contato entre a direção e os guerrilheiros nas montanhas e no exterior. Dorothea Wilson, como colaborava no interior da Nicaragua e no exterior, acabou adotando dois codinomes, Luisa e

---

1000 Ibidem, p. 288.

1001 Ibidem, p. 287.



Elena, respectivamente. Em viagens para Costa Rica e o Panamá, ela transportava cartas, armamentos, radiotransmissores, dentre outras coisas uteis demandadas no momento. Colocava os objetos no interior de santos, articulava politicamente com outros religiosos e religiosas que também estavam dispostos a colaborar com a luta antissomozista desde o exterior.

Carmen Azucena Rodríguez tinha 21 anos e trabalhava no escritório de Baltodano. Antes de ser militante sandinista tinha sido policial somozista em 1975, devido a necessidades econômicas após o abandono paterno. Ela conheceu Baltodano quando essa esteve presa, tendo sido a peça-chave para a formação política e de consciência de Rodríguez, posteriormente recrutada pela Frente. O excepcional de sua trajetória foi como, de 1976 a 1977, colaborou com a FSLN de dentro da Guarda Nacional, primeiramente como correio, depois traficando insígnias, uniformes, armas e munições. Seu pai era somozista e seu irmão era oficial da GN, tendo sido confrontada e ameaçada por ele para que se entregasse e delatasse o que sabia sobre a FSLN, momento em que Rodríguez defendeu seus ideais e se colocou como igual perante seu irmão. Sustentou esse jogo duplo até 1978, quando foi identificada como colaboradora da Frente e sua vida estava em risco, motivo pelo qual entrou para a clandestinidade e passou a atuar como enfermeira até a vitória de julho de 1979.

Com esses quatro relatos Randall mostrou a dimensão da transformação individual provocada pelo compromisso revolucionário, mas também o impacto coletivo da revolução na vida das mulheres: a mulher que foi retirada da situação de prostituição; a filha do alto escalão do governo somozista que abandona “sua classe” em troca do compromisso revolucionário; a freira que abandonou o hábito para se tornar guerrilheira; a policial da *Guardia Nacional* que passou a integrar as fileiras da FSLN. A partir dessas trajetórias de vida dava materialidade ao impacto do processo insurrecional nos papéis sociais e políticos de gênero desde diferentes partes do país, de diferentes classes sociais, com origens e perspectivas muitas vezes contraditórias, mas que se viram unidas pelo sonho e pelo compromisso com a libertação e soberania nacional, junto com a possibilidade em mudar a condição imposta ao seu gênero.

Para Gloria Carrión, após a vitória da FSLN as mulheres não tinham tarefas ou reivindicações específicas porque as “tarefas de la revolución” eram “las tareas de la mujer”, eram suas prioridades. Por isso, considerava fundamental compreender a relação dos “problemas da mulher” a partir da condição dos trabalhadores e do povo no geral, “en qué

consiste la íntima relación de la lucha de la mujer con la lucha del pueblo.”<sup>1002</sup> Por isso, a tarefa principal da AMNLAE, naquele momento, em princípios da década de 1980, era envolver a mulher em todos os lugares e áreas, garantindo que fossem plenamente integradas na sociedade: na política, na economia, na cultura, na atividade produtiva e social. Para isso, deveriam superar obstáculos históricos, sendo papel da *Asociación* fornecer os instrumentos para isto.

Nesse sentido, enfrentavam questões comuns às latino-americanas, como a realidade do trabalho doméstico, considerado como não produtivo, socialmente imposto como uma carga individual das mulheres, que na revolução deveria se tornar uma “responsabilidade social”, visto que “afecta a todo el ritmo de la sociedad. Por lo tanto, consideramos que es un trabajo que debe ser socialmente valorizado, reconocido y asumido; y en otra situación comprendido como un trabajo que debe ser remunerado ¿verdad?”<sup>1003</sup>. Em relação a isso, Carrión definiu dois objetivos. O primeiro, era o de mostrar que o trabalho doméstico não era de “segunda categoria”, mas necessário para sociedade, assim como outros trabalhos e, por isso, deveria ser de responsabilidade da sociedade como um todo. O segundo, era o de criar condições para que as mulheres se liberassem desse trabalho e se integrassem a atividade econômica e política. Para cumprir esses objetivos, considerava que tanto a mulher quando o homem teria que avançar na consciência adquirida desde o início da insurreição. Para isso, a Frente assumiu o compromisso em criar as condições para a plena incorporação das mulheres, através da transformação de costumes e pensamentos, revisando e criando leis capazes de mudar esse cenário de desigualdade.

Mas como demonstrou Kampwirth, este foi um processo permeado por contradições que se conformaram ao longo da década de 1980:

Essa lição ecoava o slogan revolucionário: “Construindo a nova pátria, criamos a nova mulher.” Ambos identificavam a transformação dos papéis das mulheres como parte da agenda sandinista e, ao mesmo tempo, sugeriam que essa transformação ocorreria automaticamente como resultado de outras políticas revolucionárias.<sup>1004</sup>

Naquele novo cenário de reconstrução nacional, Gloria Carrión demonstrou convicção de que a mulher trabalhadora e do campo eram as mais ativas. Percebia isso na prática. A mulher

---

1002 Glória Carrión *apud* RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaragüense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 70.

1003 Ibidem, p. 71.

1004 KAMPWIRTH, Karen. *Feminism and the Legacy of Revolution*: Nicaragua, El Salvador, Chiapas. Estados Unidos: Ohio University Press, 2004, p. 25.

pequeno-burguesa e profissional necessitava de maior convencimento para compreender a necessidade de sua integração revolucionária, pois já tinha certa expressão e privilégios de classe ou de sua profissão. Por isso, ela preferia resolver suas inquietudes de maneira individual. Já as mulheres da “base”, eram mais espontâneas e entusiasmadas, a integração política era onde se realizavam, eram coletivas, como apontou Carrión: “De por sí, la proletaria da una respuesta más consciente y más consecuente. Y allí comprobamos, em la práctica, el aspecto clasista de la lucha de la mujer.”<sup>1005</sup>

Essa participação feminina na nova etapa da revolução, após a vitória de 19 de julho de 1979, demandava mudanças nas relações pessoais, nos costumes e nas visões de mundo, inclusive entre a vanguarda revolucionária. Para Carrión, essa mudança era uma luta longa que demandaria anos, seria resultado da educação e da formação ideológica. Para aprofundar nesta questão, lembrou a história de uma companheira encarcerada que, estuprada, engravidou de um *Guardia*. Os homens da Frente defendiam que abortasse, que o filho fosse rejeitado por ser filho de um assassino. Para ela, essa visão dos homens da direção sandinista refletia a ideologia patriarcal de que a descendência era uma linhagem exclusivamente paterna. Indo além, Carrión defendia que o bebê era, ao contrário, um símbolo de luta, “porque era um hijo producto y manifestación concreta del espíritu de lucha y resistencia de nuestro pueblo. Y de la decisión de combate de nuestras mujeres.”<sup>1006</sup> Ou seja, esse filho era a prova material do sacrifício feminino, representava as várias mulheres violentadas, que sobreviveram à prisão mantendo lealdade à FSLN e à revolução.

No contexto após a vitória, precisavam formar novos valores, mas tinha consciência que

Las viejas formas de pensar y actuar no se rompen de un día para otro. Aquí la Asociación está llamada a hacer un trabajo largo y profundo, tanto en el campo de las relaciones hombre-mujer como en el campo de las relaciones sociales y económicas en general. No basta cambiar estructuras, sino que hay que tener un proceso de educación, de lucha ideológica.<sup>1007</sup>

Para aprofundar na questão da formação do “homem novo” e da “mulher nova” na Nicarágua sandinista, Randall reproduziu um texto escrito pela comandante sandinista Lea Guido, escrito especialmente para seu livro, em que abordou o movimento de mulheres na

---

1005 Glória Carrión *apud* RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaragüense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 72.

1006 Ibidem, p. 73.

1007 Idem.

Nicarágua. Para Guido, o surgimento do “homem e da mulher nova” seria uma superação individual que se daria através do esforço coletivo. A militância era a forma onde a mulher podia construir uma sociedade nova, destruindo os velhos costumes ao lado do homem, agente da opressão das mulheres. Na militância descobriram a dimensão dessa opressão, econômica e social, justificada pela ideologia. Nesse sentido, a libertação feminina não podia partir apenas da mulher, mas as teriam como protagonistas, com a tomada de consciência de sua condição, contando com a participação dos homens. Assim, a vitória da Nicarágua era também a vitória das nicaraguenses, um marco para as esquerdas de “todos os povos oprimidos”:

Creo, por eso, que la participación que logró y debe mantener la mujer en Nicaragua representa también una victoria de otras compañeras mujeres y de ahí el compromiso con nosotras mismas y la deuda histórica con otras mujeres del mundo para seguir adelante con la construcción de la mujer y el hombre nuevo por lo que todos los pueblos oprimidos luchamos.<sup>1008</sup>

Para isso, deveriam manter e crescer sua participação, e esse era o compromisso que Lea Guido conferia à Frente, tinham que fazer valer as leis pela igualdade, promulgadas pelo governo, através da militância e organização das mulheres. Milú Vargas, em uma entrevista de 1983, apresentou dados para sustentar sua opinião a respeito do papel da AMNLAE como uma força, cumprindo um papel ideológico e de transformação de valores, que operava em toda a sociedade, através da integração das mulheres nas tarefas da revolução: 60% das brigadistas de alfabetização, 60% das *Milicias Populares*, 88% nas brigadas das *Jornadas Populares de Salud*, quase 90% na *Vigilancia Revolucionaria*. Essa integração não era fácil,

Ser AMNLAE, ser una mujer revolucionaria, no há sido fácil. Porque nuestra misma vida se ha ido transformando con las situaciones de represión que vivimos en el pasado, con el papel que hemos tenido que asumir al lado de los compañeros para la liberación y con la responsabilidad igual que asumimos para la construcción de la nueva sociedad. Por estas mismas condiciones, por nuestra misma práctica, nuestras vidas han trascendido las de la mujer tradicional.<sup>1009</sup>

Ela conferia as mulheres, a sua dedicação e compromisso revolucionário, o cenário de transformação nos papéis sociais de gênero quatro anos após o triunfo, sem ignorar os desafios e contradições que enfrentavam no cotidiano. Reivindicando esses avanços, Milú Vargas

---

1008 Lea Guido *apud* RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaragüense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 36.

1009 Milú Vargas *apud* RANDALL, Margaret. Conversando con Milú Vargas “Tenemos la capacidad, la imaginación y la disposición...” *Jornal Ventana*. Barricada Cultural. Vol.III, N.126. Manágua, Nicarágua. Julho 1983, p. 5.

acreditava que, após 1979, haviam conquistado: uma maior igualdade na família, com a suplantação da figura paterna como única detentora de autoridade; a superação da capacidade reprodutiva e da maternidade como sucesso feminino; a transformação da maternidade em uma escolha conciliável com outras funções sociais, como o trabalho e a atuação política.

Ainda que a situação das mulheres tenha mudado com a revolução, evidentemente essas questões não foram superadas, nem na Nicarágua nem em grande parte do mundo. Para alcançar a efetividade dessas mudanças defendia experiências concretas de companheiras que dividiam o trabalho doméstico com os homens; que tinham conquistado maior autonomia sobre seus corpos, assumindo sua sexualidade; que passavam uma imagem de mulher ativa em contraposição a submissa. Apesar dessas considerações, balizadas em experiências individuais, era preciso que essas transformações de fato transcendessem para a sociedade, no processo de construção da “mulher nova”:

*Y nosotras, las mujeres, nos hemos ido transformando. No somos todavía la mujer nueva, estamos largo, pero tampoco somos la misma de antes. Y ya no vamos a transmitir los mismos valores anteriores. Somos transmisoras de ideologías, en este sentido incidimos mucho en la educación de los niños, con el ejemplo que les damos.<sup>1010</sup>*

Com essa afirmação, Milú Vargas destacou o papel das mulheres na formação dos novos sujeitos, a partir do papel que desempenhavam na criação dos/as filhos/as, o que vimos, no capítulo 4, que também era uma preocupação em Cuba. Ademais, apontou como no processo de integração da mulher na “nova Nicarágua”, elas assumiram funções como: corte de café, na milícia, atuando politicamente. Havia as mães solidárias, que transformaram a dor da perda de seus filhos e filhas em luta. Milú Vargas defendia que eram diversas e que, após julho de 1979, não eram mais julgadas socialmente por não cumprirem um papel de gênero tradicional. Se no início da insurreição, eram poucas as mulheres revolucionárias, socialmente condenadas como desqualificadas, ao longo da década de 1970 e 1980 houve uma mudança de valores, o que Vargas atribuía certa responsabilidade à AMNLAE. Reforçou que eram uma geração de transição, que construía um futuro não para si, mas para seus filhos e que, para isso, se entregava a sacrifícios, cercadas/os de contradições. Deveriam criar, em conjunto, novas formas de relações sociais de gênero, apropriadas para o momento histórico que viviam. Vargas

---

1010 Idem.

considerava que tinham capacidade, imaginação e disposição para isso, para uma mudança que deveria ser assumida por homens e mulheres, em processos cotidianos de crítica e autocrítica.

Para a consolidação das mudanças em curso, Milú Vargas apresentou algumas mudanças concretas na legislação do país, que garantia os avanços para superação das desigualdades de gênero<sup>1011</sup>. O *Estatuto Fundamental* (1979) afirmava a igualdade de sexo, religião, raça, etc. O *Estatuto de Derechos y Garantías de los Nicaraguenses* (1980) estipulava a igualdade na família. A *Seguridad Social* incluiu uma pensão para viúvas, mesmo para as que não tinha sido formalmente casadas. Criaram legislações genéricas que obrigava o pagamento de pensão alimentícia e protegia a lactância materna. Criaram a *Oficina de la Mujer* (1982), para efetivar a política do governo em apoio ao desenvolvimento das mulheres, prevendo a integração na produção, no social e no econômico, reconhecendo o *déficit* entre o desenvolvimento feminino e masculino, assim como a necessidade de superá-lo através de incentivos e programas próprios. A *Ley de Medios de Comunicación* (1979) proibia a comercialização da mulher e seus corpos em publicidade. A *Ley Padre-Madre-Hijo* (1982), uma das mais discutidas, definiu que as decisões sobre os filhos deixavam de ser apenas do pai e passavam a ser compartilhadas, admitindo uma nova concepção do papel paterno e de família, acrescentando obrigações aos filhos/as. A *Ley de Alimentos* estabelecia que pai e mãe tinham responsabilidades com a manutenção da vida e reconhecia o trabalho de dona-de-casa como um trabalho útil. Essas mudanças afetavam homens e mulheres, mas principalmente incidia sobre a realidade das mulheres, refletia a nova realidade em que tinham novas responsabilidades e não deveriam ser unicamente responsabilizadas pelos cuidados e trabalho doméstico: “Estas leyes de las que estamos hablando tienen una riqueza bien grande, porque implican transformación de valores.”<sup>1012</sup>

Para Kampwirth, ao refletir sobre essas diversas legislações, muitas perderam o efeito com o avanço da guerra contrarrevolucionária, que teria girado todos os esforços coletivos do país para a resistência armada e para o enfrentamento econômico. Apesar da expectativa inicial de que essas leis de fato convergiram para construção da “nova sociedade”, parte das mulheres concordaram que o momento era de priorizar a defesa da revolução, sem a qual a libertação feminina não seria possível. Nesse sentido, expôs uma crítica a AMNLAE, entendendo que essa

---

1011 Ver: KAMPWIRTH, Karen. *Feminism and the Legacy of Revolution*: Nicaragua, El Salvador, Chiapas. Estados Unidos: Ohio University Press, 2004.

1012 Milú Vargas *apud* RANDALL, Margaret. Conversando con Milú Vargas “Tenemos la capacidad, la imaginación y la disposición...” Jornal Ventana. Barricada Cultural. Vol.III, N.126. Manágua, Nicarágua. Julho 1983, p. 12.

organização funcionou como um braço auxiliar da direção masculina da FSLN ao longo da década de 1980, que compreendia que não havia condição social para a implementação efetiva das leis aprovadas: “As mesmas mulheres que haviam promovido reformas no direito de família concordaram com a liderança sandinista que fazer campanha para democratizar as relações de gênero e mudar relações geracionais poderia ser algo divisivo e, em última instância, uma ameaça ao esforço de guerra.”<sup>1013</sup>

Na década de 1980, em entrevista concedida à Randall para o livro *Risking a somersault in the air* (1984), a poeta sandinista Gioconda Belli considerou que o processo de “revolução interna”, de busca por uma identidade, do estabelecimento de novas formas de relações humanas e sociais, de superação do passado, era ainda mais profundo do que a revolução em armas que haviam feito. Essa outra revolução necessária, aprofundava os enfrentamentos a uma herança secular de conceitos, mentalidades, costumes, para os quais não tinham um parâmetro para seguir. Nessa concepção, Belli inseriu a necessidade da desconstrução das relações de gênero estereotipadas e a reconfiguração do lugar da mulher na sociedade. Para ela, a revolução tinha feito as mulheres crescerem, mas em uma direção que considerava que a sociedade não estava totalmente preparada. Nesse sentido, estabelecia uma diferenciação entre as mulheres do povo, das classes baixas, e as profissionais, trabalhadoras, que não necessariamente eram da elite, mas que tinha adquirido consciência enquanto mulher e ser humano, superando a condição de outridade à qual haviam sido submetidas.

Sua crítica era de que as profissionais, ao terem adquirido certa igualdade de participação social e no trabalho, estavam reproduzindo um comportamento masculino, repetindo padrões de responsabilidades tradicionais dos homens, ao mesmo tempo em que se mantinham os antigos padrões de gênero nas relações pessoais e no emocional. Viviam igual aos homens, mas sozinhas, porque os homens as viam como iguais e não como mulheres, porque a mulher era o ser submisso, que ficava em casa, que se comportava limitada pelos moldes da tradição patriarcal:

Assim, uma mulher que se libertou desta forma, pode ter excelentes amigos homens, relacionamentos íntimos, companheiros que lhe contam seus problemas, que confiam nela e que compartilham muitas, mas nunca ocorre pensar nela como um possível

---

1013 KAMPWIRTH, Karen. *Feminism and the Legacy of Revolution*: Nicaragua, El Salvador, Chiapas. Estados Unidos: Ohio University Press, 2004, p. 23.

casal. No minuto em que essa ideia surge, eles começam a recuar. Eles não conseguem lidar com isso.<sup>1014</sup>

Ao mesmo tempo, Belli reivindicava que já tinham feito história e que o projeto revolucionário estaria prolongado em suas filhas, na multiplicação através da reprodução protagonizada pelas sandinistas. Por isso, a integração de sua filha na *Juветud Sandinista* tinha sido tão importante para ela, por reforçar essa percepção da criação das filhas/os como uma tarefa revolucionária, um grande desafio imposto às mulheres:

Pareceu, para mim, que naquele momento eu estava dando a luz a ela. Porque é fácil ter um filho – fisicamente falando – mas não é fácil dar a luz a consciência de um filho. E a maior satisfação que uma pessoa pode sentir é ver essa consciência nascendo, esse compromisso e devoção as coisas que mais amamos.”<sup>1015</sup>

Esse envolvimento da juventude, e das mulheres jovens, era reflexo do trabalho da FSLN, que estimulava a igualdade em todos os aspectos das relações humanas, segundo Belli. Reforçou que o problema da consciência era maior nos homens, que permaneciam reproduzindo comportamentos machistas, arraigados na cultura nicaraguense. As questões, especialmente emocionais, das relações entre homens e mulheres permaneciam, para ela, naquele início da década de 1980, uma questão mal resolvida, na qual as mulheres permaneciam na vanguarda.

Nora Astorga, que tinha participado da fundação da AMPRONAC com Lea Guido e Glória Carrión, destacou como a própria integração das mulheres foi fazendo com que se sentissem mais à vontade com a participação política, superando a timidez e o medo, fortalecendo-se e conquistando combatividade na prática: “Cuando nos dimos cuenta, ya eran elementos tremendamente combativos. Y eso fue producto de la percepción de su propia realidad, y del deseo que tenía de hacerle frente a ella.”<sup>1016</sup> A partir dessas afirmações podemos perceber como as sandinistas foram construindo uma narrativa sobre o papel desempenhado

---

1014 “So a Woman who has freed herself in this way may have excellent men friends, close relationships, compañeros who tell her their troubles, who confide in her, and who share many things with her, but never occurs to think of her as a possible companion. The minute that idea comes up, they begin to back off. They can’t deal with it.” BELLI, Gioconda *apud* RANDALL, Margaret. Gioconda Belli, deciding to make my work the best poem I could write. Risking a somersault in the air. *Risking a somersault in the air. Conversation with Nicaraguan writers*. São Francisco: Solidarity Publications, 1984, p. 153-154. Tradução nossa.

1015 “It seemed to me that at that moment I gave birth to her. Because it’s easy to bear a child – physically speaking – but it’s not so easy to give birth to a child’s consciousness. And the greatest satisfaction one can feel is seeing that consciousness being born, that commitment and devotion to the things one loves most.” Ibidem, p. 152. Tradução nossa.

1016 Nora Astorga *apud* RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaragüense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 179.



pelas mulheres na revolução como uma conquista coletiva, e não como um presente ou uma concessão masculina.

Naquele momento, após a vitória revolucionária de 1979, Astorga percebia, concordando com Randall, que havia um refluxo na participação feminina, especialmente nos setores da pequena burguesia. Apesar da maior participação da mulher trabalhadora e do campo, ela considerava que homem trabalhador e do campo era mais tradicional, resultado da vida de limitações e subordinação que levavam, o que impunha a ambos a necessidade de trabalhar e lutar para sobreviver. Assim, ela colocava o machismo em uma perspectiva estrutural, em relação interseccional com a classe. Nesse contexto pós-1979, quando ainda não tinham superado a sobrecarga do trabalho doméstico, a mulher nicaraguense, para Astorga, se via na condição de “super mujer”, pois trabalhavam fora de casa e atendiam as demandas dos maridos, dos filhos/as e da *Organización* – que ainda também não tinha superado estas práticas da divisão do trabalho internamente. Segundo ela, a transformação desse comportamento seria um processo lento, que necessitaria da participação ativa das mulheres. Nesse sentido, valorizava o papel da AMNLAE, que mantinha a integração feminina na política, no trabalho produtivo, na aquisição da consciência da contribuição que deram na luta insurrecional, na defesa de que permaneciam como sujeitos fundamentais naquela etapa revolucionária que viviam após a vitória, que necessitava da participação dos 51% da sociedade nicaraguense, as mulheres.

A partir dessa discussão podemos identificar os avanços e limites impostos a reformulação das relações de gênero em uma sociedade marcadamente machista e patriarcal. Ao longo do processo revolucionário as militantes sandinistas demarcaram a conquista de espaço na revolução em diversas funções, sem negar os desafios que enfrentaram, mas reivindicando as dificuldades como algo que engrandecia sua contribuição enquanto grupo social com características específicas. Para elas, a libertação das mulheres estava vinculada a libertação nacional, por se tratar de rompimento de laços de dominação imperialistas, assim como era um problema atravessado pelas categorias de classe e, em menor destaque, de raça. Por isso, muitas compreenderam a centralidade da defesa da revolução em detrimento da especificidade de uma agenda feminista, negada pelos conflitos com o movimento feminista internacional e pelas especificidades do que enfrentavam as latino-americanas.

## 6. MULHERES DA NICARÁGUA, *SEMILLA DE LIBERACIÓN*

*A música “Muchacha del Frente Sandinista”, interpretada por Carlos Mejía Godoy, aborda as expectativas de uma época sobre o papel da mulher sandinista.*



Os dados apresentados por Margaret Randall, recuperados também por Maxine Molineaux e por Matilde Zimmermann<sup>1017</sup>, afirmam que as mulheres eram cerca de 30% da guerrilha sandinista, número que se manteve na consolidação do *Ejército Popular Sandinista* após a vitória de 19 de julho de 1979. Esse contingente é significativo e deve ser percebido por nós como algo inédito na América Latina, em especial se tivermos a Revolução Cubana como parâmetro. Em Cuba entre 10% e 15% da luta armada e da direção cubana eram mulheres, segundo os dados apresentados pela historiadora estadunidense Michelle Chase<sup>1018</sup>. Considerando o impacto feminino na Nicarágua, analisaremos essa participação na guerrilha sandinista a partir dos testemunhos registrados por Randall considerando duas questões fundamentais. Primeiro, devemos partir do contexto histórico em que se desenvolvia o processo nicaraguense, vinte anos após a experiência cubana, posterior a destacada participação das mulheres na Guerra do Vietnã<sup>1019</sup>; em um momento de intensos debates feministas sobre a condição da mulher. Segundo, devemos compreender de que forma se deu essa participação, até que ponto romperam ou reproduziram os papéis sociais de gênero no interior da guerrilha. Nesse sentido, Zimmermann afirmou que:

A tarefa de manter os aparelhos limpos, alimentar os fugitivos e cuidar deles, datilografar comunicados e manifestos quase sempre recaía sobre elas. Ao mesmo tempo, o fato de mulheres receberem armas e treinamentos militar teve profundo impacto no modo pelo qual pensavam a seu próprio respeito e em como os companheiros as tratavam. [...] Uma variedade de convenções e pressões contraditórias afetava a relação entre homens e mulheres na vida clandestina. [...] os preconceitos contra o papel adequado da mulher na sociedade afetavam todas as camadas sociais e tinham considerável impacto sobre os rapazes e moças que rompiam com as convenções sociais ao se filiarem à luta armada.<sup>1020</sup>

1017 MOLINEAUX, Maxine. Intereses de la mujer, el Estado y la Revolucionaria: El caso de Nicaragua. CORAGGIO; DEERE [Coords.] *La transición difícil: la autodeterminación de los pequeños países periféricos*. México: Siglo XXI, 1986 e ZIMMERMANN, Matilde. *A Revolução Nicaraguense*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

1018 CHASE, Michelle. *Revolution within the revolution*. Women and gender in Cuba, 1952-1962. The University of North Carolina Press, 2015.

1019 RANDALL, Margaret. *Spirit of the people*. Canadá: New Star Books, 1975.

1020 ZIMMERMANN, Matilde. *A Revolução Nicaraguense*. São Paulo: Editora UNESP, 2006, p. 55-56.

Apesar deste diagnóstico apresentado por Zimmermann, as mulheres ocuparam espaços de destaque na luta armada, como no comando de ações militares. São esses meandros que nos interessam. Doris Tijerino, ao longo de uma entrevista concedida a Margaret Randall, publicada no livro *No se puede hacer la revolución sin nosotras* (1978), apresentou algumas das dificuldades que enfrentou quando, ainda jovem, passou a “trabajar en cuestiones políticas”. Segundo ela, os questionamentos a respeito de seu envolvimento político vieram tanto de sua família quanto da sociedade de uma forma mais geral. Sua família inicialmente tratava sua militância como um “capricho”, desvalorizando seu compromisso e contribuição. Nesse contexto, de expectativas de comportamento que se baseavam em estereótipos de gênero, considerou que, se não tivesse se organizado politicamente, teria, provavelmente, seguido o curso “natural” imposto as mulheres: o casamento, a maternidade, uma vida dedicada aos cuidados da casa e da família, confinada ao ambiente privado. Contudo, sua integração na FSLN mudou esse “destino” e Tijerino se comprometeu com um projeto político-social, mudou seu entendimento sobre seu papel e suas possibilidades enquanto mulher na sociedade nicaraguense da época, contribuindo, através de sua trajetória de vida, para a superação da subordinação das mulheres e da nação.

Em sua avaliação a respeito da integração política feminina ao longo do tempo, Tijerino afirmou perceber avanços nesse envolvimento, assim como na forma com que a sociedade via tal participação. Segundo ela, ao longo da década de 1960 e parte da década de 1970, as militantes eram consideradas inferiores as prostitutas, situação agravada quando aderiam a um discurso feminista. Já em fins da década de 1970, em um momento anterior a vitória revolucionária sandinista, quase vinte anos após a vitória cubana, ressaltou como a atuação política das mulheres se tornou menos difícil:

Yo trataba al máximo también de no caer en las posiciones feministas, de hacer ver a la gente que me rodeaba que no se trataba de mujeres que militan, sino de militantes que eran mujeres, y en este sentido he logrado mantener mi militancia; actualmente la organización se ha desarrollado, el nivel político del pueblo también es mayor y la actividad de las militantes mujeres de la organización es vista con simpatía, con mucho respeto, de parte de los sectores populares principalmente.<sup>1021</sup>

---

1021 RANDALL, Margaret. *No se puede hacer la revolucion sin nosotras*. Havana: Casa de las Américas, 1978, p. 84.

Percebemos aqui que, mesmo com as diferenças da experiência sandinista, permaneceu a resistência ao movimento feminista, enquanto identidade política e forma de organização. Analisando a afirmação de Tijerino, transcrita acima, interpretamos que ela reivindicava a posição de igualdade da mulher militante. Para ela, serem “militantes mulheres” se diferenciava de serem “mulheres militantes”, porque no primeiro caso, o gênero foi colocado em um segundo plano, valorizando a ação da militância, sendo entendidas como qualquer pessoa que milita, em posição de igualdades com os outros que atuavam na política. Ao mesmo tempo, tinham um compromisso mais profundo com a igualdade de gênero. Para Dirk Kruijt essa era uma questão de alta prioridade nos programas da FSLN, inclusive na guerrilha, uma pauta crescente no início de 1980, até perder protagonismo com o avanço da guerra contrarrevolucionária em meados da década<sup>1022</sup>.

A partir da trajetória da militante sandinista Doris Tijerino, discutimos, no presente capítulo, o papel das mulheres ao longo do processo insurrecional nicaraguense, considerando esta etapa como fundamental para que se integrassem em diferentes níveis e tarefas ao longo da revolução. Abordamos esta questão também através da trajetória de diversas mulheres, considerando como colaboraram desde tarefas organizativas e operativas, até a luta armada, compreendido como um movimento único e crucial para a vitória da Frente em 1979. Por fim, tratamos da forma como a repressão e a prisão atingiram de maneira generificada as experiências dessa militância feminina. Para isso, utilizamos como fonte os seguintes documentos testemunhais produzidos por Margaret Randall: artigos presentes na revista cubana *Revolución y Cultura* (1975), na mexicana *Plural* e na estadunidense *earthkeeping/earthshaking* (1981); artigos publicados nos jornais *En Rojo* (1980) e no sandinista *Ventana* (1980-1984); o manuscrito do livro *Somos millones* (1975); os livros *No se puede hacer la revolución sin nosotras* (1978), *Todas estamos despiertas* (1980), *Christians in the Nicaraguan Revolution* (1983) e *Risking a somersault in the air* (1984).

### 6.1 Sandinistas de verde-oliva: estamos todas despertas

Propomos aqui examinar a integração das mulheres na Revolução Sandinista a partir de duas dimensões fundamentais: (1) as múltiplas formas de colaboração feminina, destacando-se a participação na luta armada como uma conquista marcada por tensões e disputas contínuas; e

---

1022 KRUIJT, Dirk. *Guerrilla; guerra y paz en Centroamérica*. Guatemala: F&G Editores, 2009, p. 262.

(2) as especificidades da juventude, da religiosidade e da cultura cristã da caridade como elementos centrais na consolidação dessa militância.

Em 1972, Doris Tijerino recordou como, através da *Frente Estudiantil Revolucionario* (FER), encamparam uma mobilização contra o aumento do preço do leite e da gasolina, o que uniu diversos setores e regiões do país. Nos bairros proletários passaram a organizar outras pautas, como a do saneamento, pelo acesso à saúde, água potável, educação, contra a má qualidade das ruas. Isso potencializou a organização dos núcleos bairros através das CEBs. Esse contexto de precarização da vida, de miséria nas cidades e no campo, especialmente Manágua, se agravou com o terremoto de 1972, momento em que passaram a associar a superação da realidade em que viviam, com a libertação nacional do jugo do imperialismo estadunidense.

A prática da corrupção somozista ficou latente com o desvio de ajuda humanitária após desse terremoto de 1972. Somou-se a isso, as diferenças de comportamento entre Cuba e os EUA no que tangia a essa ajuda, expondo, ao menos para Tijerino, os mecanismos da Guerra Fria. Dentre essas diferenças, Tijerino expôs a forma como o governo teria utilizado da fragilidade da população para explorar ainda mais a mão-de-obra, convocando as pessoas para a limpeza de terrenos destruídos apenas em troca de alimentação, o que impactou de forma contundente as mulheres: “Mujeres que tenían que limpiar estos terrenos a cambio de la comida que otros pueblos mandaron. Por eso te decía que para algunos esto fue um ‘negocio’...”<sup>1023</sup> Ao mesmo tempo em que elas se viram diante de empregos precarizados, que reproduziam a divisão sexual do trabalho, o trabalho político com as populações dos bairros mais afetados pelo terremoto foi a porta de entrada para a atuação política de muitas mulheres. Esse trabalho era baseado na caridade cristã, com forte presença de estudantes no chamado *Movimiento Cristiano*.

Os/as trabalhadores/as, diante da piora das condições de vida, da perda de direitos e da situação psicológica fragilizada após o terremoto, entraram em greve entre 1973 e 1974, encontrando apoio entre estudantes universitários/as. Tijerino participou ativamente desse processo de mobilização, imprimindo e distribuindo os materiais convocando greve, visto que as/os estudantes se deslocavam mais facilmente que os operários, que eram identificados e detidos pela polícia quando transitavam. Com alguns dias, todos os trabalhadores da construção civil tinham parado. Se reuniam na universidade, onde realizavam as assembleias, um dos poucos locais ainda considerado “seguro”. Os/as estudantes ajudaram também produzindo

---

1023 RANDALL, Margaret. *Somos millones*. Manuscrito: *Margaret Randall Papers*, UNM Center for Southwest Research & Special Collections, 1975, p. 241.

materiais de estudos para formação política da classe trabalhadora, “poniendo la capacidad intelectual de sus integrantes a servicio de la revolución.”<sup>1024</sup>

Para demarcar a participação feminina na construção das greves, Randall utilizou a imagem de uma auxiliar de enfermagem no alto de uma manifestação convocando outras mulheres a somarem ao movimento. Apesar disso, reforçou que elas tinham dificuldades em assumir a direção dos sindicatos, sendo a enfermagem um nicho da presença feminina no trabalho formal e, conseqüentemente, com maior presença na organização sindical. Tijerino destacou o setor da saúde como combativo justamente pela presença das mulheres, que incluíram outras reivindicações: “En la primera huelga hospitalaria, las enfermeras, además de pedir aumento salarial y mejores condiciones laborales, exigían mejor atención para el mismo paciente.”<sup>1025</sup> Elas denunciavam as más condições dos hospitais, a má alimentação e atenção dada aos enfermos, além da pauta da corrupção. A greve tomou dimensão nacional, se reuniram nas Universidades e organizaram clínicas populares. Nesse processo Tijerino destacou a colaboração dos/as estudantes, que trabalharam com os médicos e as enfermeiras, instalando essas clínicas populares “por medio de las organizaciones de barrio”<sup>1026</sup>.

O ano de 1973 foi também marcado por grandes manifestações pela liberdade de presos/as políticos. Incluíram na pauta dos atos a luta contra o encarecimento da vida e a violência do governo somozista com os setores populares. As mães, junto com os/as estudantes ocuparam as Igrejas, onde realizavam ações políticas, reuniões, expunham o motivo das prisões e a luta de seus filhos, denunciavam a situação do povo. A cultura foi instrumento de luta e denúncia. Nos comícios e atos falavam os setores populares, movimentos sociais e de trabalhadores/as, com destaque para o ineditismo da presença das mulheres, que trabalhavam como empregadas domésticas e enfermeiras. Em momentos anteriores elas eram silenciadas e, ao ocuparem os espaços com voz, apresentaram outras pautas e formas de encarar a conjuntura em que viviam: “[...] hablaba de las mujeres, y como luchan – como luchan aún las madres, muchas de las cuales nunca fueron militantes ni participaban en la lucha hasta que sus hijos cayeron presos o hasta que fueron asesinados...”<sup>1027</sup>

Para a militante Doris Tijerino, no interior da FSLN, mesmo com a dificuldade de alguns homens em conviver com a “plena participação política” da mulher, não havia uma disputa

---

1024 Ibidem, p. 246.

1025 Ibidem, p. 247.

1026 Ibidem, p. 249.

1027 Ibidem, p.195; 200.

ideológica sobre o assunto, pois, eram “bons revolucionários” e compreendiam o papel das mulheres, estabelecendo um ambiente de solidariedade mútua em que buscavam superar as práticas sexistas. Mas esse processo crescente de incorporação feminina, acompanhado por ela, foi marcado por desafios e contradições. No início da integração política das mulheres, reproduziam funções estereotipadas nos espaços da militância, concentrando suas contribuições em funções domésticas, como cozinha e limpeza das casas de segurança. Ou seja, eram responsabilizadas pelos cuidados dos militantes homens. Tijerino não identificava problemas desse tipo em fins da década de 1970, mas admitia que, no início da década de 1960, a participação feminina era mínima e, quando acontecia, estava dotada do sentido maternalista, reproduzindo uma “consciência deformada de classes”. De fins da década de 1960 até a segunda metade da década de 1970, poucas mulheres estiveram na luta armada e em funções estratégicas. Esse papel tradicional das mulheres reproduzido no ambiente político não era uma novidade, como vimos no capítulo 4 a respeito da Revolução Cubana.

Nesse contexto, Tijerino vinculava a libertação nacional à libertação das mulheres da condição exploratória e de subordinação na qual se encontravam, o que passava pela participação efetiva das mulheres no processo insurrecional em curso. Apesar dessa realidade, Tijerino afirmou que não havia resistência e disputa nas relações entre homens e mulheres no interior da Frente, defendendo que a participação feminina se legitimou e se consolidou na prática, no decorrer da luta política, havendo uma incorporação “natural” das mulheres. No debate sobre as relações de gênero no interior da FSLN, devemos perceber a intencionalidade dos relatos, já que as entrevistas foram feitas por Randall em um contexto em que as mulheres entrevistadas estavam comprometidas com a organização e defesa do governo revolucionário recém-instalado em julho de 1979. Sabemos, então, que essa “naturalidade” e “igualdade” não se deu exatamente dessa forma.

Luisa Amanda Espinosa, Doris Tijerino e Gladys Báez ficaram conhecidas como as primeiras mulheres a integrarem a luta armada da FSLN, ainda na década de 1960. Na interpretação de Randall a participação ativa na luta armada, levou-as a conquistar certo nível de igualdade de condições, desempenhando tarefas orgânicas e militares relevantes, mesmo sem terem alcançado o grau de *comandantes guerrilleras*. Ao relembrar sua trajetória, Tijerino afirmou que sua participação foi importante para que, na década seguinte, pudessem afirmar

que “las mujeres participan en las mismas condiciones que los compañeros”<sup>1028</sup>. Com o tempo o aumento das mulheres nas fileiras da FSLN se deu não só porque a organização mudou sua forma de recrutamento, mas porque o povo nicaraguense assumiu uma outra atitude diante dos conflitos, momento em que as mulheres se aproximaram e se comprometeram mais com a luta política, com destaque para a luta estudantil, em que o setor feminino era expressivo.

Conforme afirmamos no capítulo 5, Espinosa foi a primeira estudante sandinista assassinada pela Guarda Nacional, posteriormente, homenageada com seu nome na Associação de Mulheres Nicaraguenses Luisa Amanda Espinosa (AMNLAE). Para falar sobre a sua trajetória, Randall identificou algumas mulheres que compartilharam a luta ao seu lado, depoimentos que foram registrados em seu livro *Todas estamos despiertas* (1980). *Doña* Antonia era sua mãe, que teve 21 filhos/as, dentre os quais apenas seis sobreviveram, tendo sido Espinosa a mais nova da família. Essa quantidade de filhos reflete a condição precária em que vivia a sociedade nicaraguense, em que as mulheres não tinham acesso à saúde e ao planejamento familiar, muitas vezes obrigadas pelos maridos a uma série de gravidezes. No cenário em que vivia *Doña* Antonia, abandonada grávida de Espinosa, nascida em 1948, assumiu um trabalho como lavadeira para sustentar sua família. Com uma vida marcada por dificuldades econômicas, Antonia buscou criar outras oportunidades para sua filha mais nova, enviando Espinosa para viver com um tio para que ela pudesse estudar e ter outro “destino”, contudo, ela era maltratada e explorada pelo tio, optando por voltar para a casa de sua mãe no campo. Aos treze anos Espinosa se casou, buscando no casamento uma saída para a situação de abuso e miséria em que vivia. Era uma constante para as mulheres, terem apenas o casamento como alternativa a seu núcleo familiar. Mas, segundo Antonia, ela logo percebeu o casamento também como um lugar de exploração e se separou, sem se acomodar ao tradicional lugar imposto as mulheres.

Tita Valle militou com Luisa Amanda Espinosa em princípio de 1970, período que considerou como “muito duro” para a militância política feminina – opinião compartilhada por outras sandinistas, como Doris Tijerino – justamente pela baixa presença de mulheres e a reprodução do machismo no interior da Frente, somado as condições precárias em que a guerrilha se organizava nesse período, ainda com pouca estrutura. Dentre as principais influências de Espinosa, Valle apresentou *Doña* Carmen, uma senhora que tinha um restaurante

---

1028 RANDALL, Margaret. *No se puede hacer la revolucion sin nosotras*. Havana: Casa de las Américas, 1978, p. 85.



onde se reuniam dirigentes da FSLN e com quem Espinosa viveu algum tempo, abrindo-lhe contato com o universo revolucionário. Valle afirmou que, como no início da década o trabalho da Frente estava voltado para organização e formação política, sem centralidade para a luta armada, era mais comum a integração de estudantes nas fileiras da *Organización*. Com isso, Espinosa, que era mulher e trabalhadora, teve dificuldades em se envolver, atuando de forma restrita na proteção de uma casa de segurança. Esse obstáculo fundava-se em duas questões fundamentais: 1. a falta de acesso de Espinosa a leituras políticas e debate teórico mais profundo; 2. a aparência física das mulheres das classes baixas. Em um país marcado pela escravidão colonial de africanos/as e dos povos originários, a aparência física era definidora das capacidades de cada um, refletindo nas tarefas políticas designadas, tendo em vista que as mulheres burguesas passavam despercebidas pela *Guardia*. Percebemos aqui, a reprodução do racismo entre a militância sandinista da época, reproduzindo os padrões do Sistema Mundo. Para Tita Valle: “La apariencia física de la persona contribuía en poder jugar un papel determinado, entonces a ella se le dio el papel de empleada, de servienta.”<sup>1029</sup> Valle destacou que foi através de sua contribuição cotidiana, da prática, que Luisa Amanda Espinosa conquistou mais espaço e confiança no interior da FSLN, alcançando outras funções.

Glória Campos, outra companheira que compartilhou as trincheiras da luta revolucionária com Espinosa, ao lembrar o tempo que atuaram juntas afirmou que o nome clandestino de Espinosa era “Lidia”, em homenagem a histórica guerrilheira cubana Lidia Doce. Emmt Lang, recordou de sua bravura, da forma como enfrentava a *Guardia* com convicção e sem recuar, sem se amedrontar com uma violência que explorava sua condição feminina:

Me recuerdo que una vez Luisa Amanda venía de la montaña, venía vestida de enfermera, ¿verdad?, y pararon tres guardias. La capturaron. Uno de ellos la quiso violar; se la llevó a un río. Ella aceptó: ‘Okey, vamos’, y ya a la orilla del río le pegó un balazo. Lo eliminó. Es parte de la decisión misma que tiene la montañera. Y logró escapar, como otras tantas veces...<sup>1030</sup>

A trajetória de Luisa Amanda Espinosa foi recuperada em busca de vincular a participação política feminina a um comportamento que rompia com os estereótipos de gênero. Construiu-se a imagem de Espinosa como modelo de revolucionária. Por isso era importante

---

1029 Tita Valle *apud* RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaragüense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 62.

1030 Emmt Lang *apud* RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaragüense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 66.

afirmar que ela enfrentava a ideia do casamento como destino das mulheres, enfrentava a violência sexual ao qual estavam constantemente expostas, demonstrando que elas não tinham como objetivo cumprir apenas “funções femininas”. Queriam ser combatentes, contribuíram na luta revolucionária com uma bravura que se destacava por enfrentarem também a violência e as limitações de gênero, impostas pela sociedade capitalista e patriarcal.

Doris Tijerino integrou a guerrilha ainda na década de 1960. Assim como Espinosa, ela colocou seu envolvimento político em oposição ao caminho tradicional que se oferecia as mulheres. Tijerino, em seu testemunho reproduzido em *Somos millones*, afirmou ter estudado em um colégio religioso em Matagalpa, onde as monjas reproduziam a ideia do casamento como “caminho natural”, a “cruz da mulher”. Frente a realidade imposta as mulheres, ela chegou a considerar o monastério como alternativa a esse destino, ao mesmo tempo em que não conseguia se desvencilhar da expectativa do casamento em seu futuro. Na contramão do padrão da época, em que a responsabilidade pela filha deveria ser transferida a outro homem através do matrimônio, seu pai era contrário ao casamento de suas filhas. Defendia outra vida para Tijerino, o que envolvia uma profissão. Ao mesmo tempo, ele não renunciava ao controle sobre sua vida, reforçando o casamento como exercício de poder e controle sobre a vidas mulheres:

[...] a pesar de que eso es el ‘futuro’ tradicional de la mujer em mi país – porque para mí el matrimonio era la imagen misma del terror. Por otro lado, mi papá también contribuyó mucho, porque él me decía que la mujer se casaba para sufrir nada más. Y como era su hija mayor, la hija mujer mayor, él no quería que sufriera, y él quería que yo estudiara. El quería que fuera ingeniero electrónico como él. [...] Seguramente porque para la mentalidad de él la mujer es algo que se puede dominar, algo de lo que él podía hacer lo que quisiera...<sup>1031</sup>

Na contramão dessas expectativas de seu pai, de que estudasse e tivesse uma profissão, Tijerino se tornou uma das primeiras guerrilheiras sandinistas. Seu ingresso na clandestinidade não se deu de forma automática, mas foi resultado de um processo de integração e envolvimento com o processo revolucionário e no interior da FSLN. O início de sua militância se deu em um período, em fins da década de 1950 e início da década de 1960, marcado pela repressão, uma resposta ao assassinato de Somoza García em 1956; pela vitória dos guerrilheiros cubanos, que ameaçou as oligarquias e o poder imperialista na América Latina, e que inspirou a fundação da FSLN em 1961. Ao mesmo tempo, a influência da Revolução Cubana criou um ambiente de esperança, em que Tijerino afirmou ter aprendido que “frente a tanta violência hay que

---

1031 RANDALL, Margaret. *Somos millones*. Manuscrito: *Margaret Randall Papers*, UNM Center for Southwest Research & Special Collections, 1975, p. 48-49.

responder com violência”<sup>1032</sup>. De acordo com Randall, foram anos marcados pelo assassinato de quatro estudantes pela GN, em 23 de abril 1959, além do massacre dos guerrilheiros de *El Chaparral* em setembro do mesmo ano<sup>1033</sup>. Foi nesse contexto que, em 1960, Tijerino participou da organização da *Juventud Patriótica Nicaraguense* (JPN), assumindo uma militância independente de sua mãe, visto que em momentos anteriores sua atuação estava vinculada a ela:

[...] hasta antes del '60 era una colaboradora de mi mamá, pero Después los papeles cambian y entonces tengo uno de los gestos más solidarios de mi mamá: em mi medio no era bien visto que las mujeres tuvieran militancia política y mucho menos en una organización que como JPN se manifestaba de acuerdo con la revolución y planteaba el socialismo como solución; para que yo pudiera asistir a las reuniones ella inventaba ‘visitas’ que tenía que hacer, y así podíamos salir de noche – yo me iba a la reunión y ella me esperaba en una esquina o en cualquier lugar...<sup>1034</sup>

Tijerino reconhecia os limites dessa organização, à qual classificava como “pequeno-burguesa”. No entanto, foi nesse ambiente que ela se inseriu no circuito revolucionário, conhecendo figuras como José Benito Escobar, Julio Buitrago e outros militantes e trabalhadores que, mais tarde, se somariam à FSLN. Foi com eles que passou a compreender mais profundamente a luta de Sandino. Em 1960, através da *Juventud* e das organizações de mães, construíram vigílias e manifestação para marcar o massacre dos estudantes no 23 de julho de 1959. Tijerino participou da organização e da mobilização do ato, o que desembocou em sua primeira prisão, junto com seu irmão mais velho. Dessa vez uma detenção breve. Ao final de 1960, ela ingressou na *Juventud Socialista Nicaraguense* (JS), vinculada ao *Partido Socialista*. Essa decisão de migrar de organização foi resultado de sua compreensão de que os problemas da Nicarágua só seriam resolvidos com uma mudança no sistema que regia o país, através de um partido de esquerda e de trabalhadores/as, de uma vanguarda revolucionária.

Com a JS Tijerino foi deslocada para o trabalho na zona rural, onde estabeleceu contato com os camponeses, principalmente com mulheres jovens. Mas ela reconhecia seus limites

---

1032 Ibidem, 1975, p. 80.

1033 Segundo Zimmermann “El Chaparral pode ser visto como primeiro momento da revolução nicaraguense de 1979 [...] A agitação e organização dos estudantes foi crescendo na Nicarágua no início de 1959, tal como acontecera em outras partes do continente. Os protestos contra a morte e a captura de estudantes nicaraguenses em El Chaparral provocaram uma passeata em León, em 23 de julho de 1959. [...] A Guarda Nacional atacou uma marcha legal e pacífica de milhares de estudantes e cidadãos desarmados, matando quatro deles e ferindo mais de uma centena. [...] Desse momento em diante, os líderes estudantis e os intelectuais radicais, nascidos na década de 1930 e politicamente ativos no final dos anos 1950, passaram se denominar a ‘Geração de 23 de julho’.” ZIMMERMANN, Matilde. *A Revolução Nicaraguense*. São Paulo: Editora UNESP, 2006, p. 42.

1034 RANDALL, Margaret. *Somos millones*. Manuscrito: *Margaret Randall Papers*, UNM Center for Southwest Research & Special Collections, 1975, p. 82.

ideológicos, políticos e de desconhecimento da realidade do campo e das classes baixas de seu país, o que prejudicava seu desempenho nessa tarefa. Uma das alternativas encontradas por ela, para se aproximar dessa população, foi o ensino do ofício de corte e costura para as mulheres da região. Essa estratégia adotada por ela nos remete a praticada em Cuba, como vimos no capítulo 4, em que atraíam as mulheres para formação política ao mesmo tempo em que desenvolviam uma habilidade que lhes abriria a possibilidade de conquistar a independência financeira.

Em 1963, Tijerino foi para a URSS, estudar na *Universidad Patricio Lumumba*, viagem que teve dificuldade em realizar porque, na época, exigiam a assinatura de seu pai ou marido autorizando sua saída do país. Uma vez na União Soviética, ela conheceu outros companheiros e se aprofundou na literatura política marxista. Foi onde conheceu a guerrilheira guatemalteca Nora Paíz, assassinada em 1967, motivo pelo qual Tijerino a homenageou, batizando seu revólver de “norita”. Também em Moscou, conheceu a história da militante venezuelana, Livia Gouverneur<sup>1035</sup>. Os contatos com essas pessoas e suas histórias influenciaram para que desenvolvesse uma visão da luta internacionalista. Esse período de sua vida, entre 1960 e 1965, foi por ela considerado uma etapa de amadurecimento e retificação de concepções e ideias. Nesse intervalo, incorporou-se de maneira mais direta à luta insurrecional em formação, num processo em que, o contato direto com a realidade do povo nicaraguense e latino-americano, representou um verdadeiro divisor de águas:

[...] empecé a tener una militancia, una participación organizada y directa, y porque tuve la oportunidad de vincularme orgánicamente a la clase proletaria del país. Por haber podido conocer a revolucionarios de otros pueblos que influyeron en mi decisión posterior. Por tener, entonces, un mayor acercamiento con la literatura marxista, que me hizo comprender el verdadero papel del Partido de la clase obrera y que me hizo ver bien claro en cuanto a mi participación en la lucha...<sup>1036</sup>

Em dezembro de 1965, Tijerino, ao voltar para Nicarágua, deixou de militar no Partido Socialista porque queria atuar de forma mais direta com a população. Segundo Van Eeuwen, o Partido Socialista Nicaraguense buscava solucionar a realidade do país a partir de uma “unidad

---

1035 Nora Paíz foi combatente da Força Armada Revolucionária (FAR), militante da juventude comunista guatemalteca, assassinada pelo exército junto com o poeta e guerrilheiro Otto René Castillo. Livia Gouverneur foi militante da juventude comunista da Venezuela e das Fuerzas Armadas de Liberación Nacional (FALN), assassinada pelo governo venezuelano em 1961.

1036 RANDALL, Margaret. *Somos millones*. Manuscrito: *Margaret Randall Papers*, UNM Center for Southwest Research & Special Collections, 1975, p. 109.

nacional bajo una dirección burguesa”<sup>1037</sup>. Em janeiro de 1966, ela buscou Oscar Turcios, comandante e membro da direção nacional da FSLN, para se unir as fileiras da organização. Na Frente atuou na FER ao lado de Julio Buitrago, Humberto Ortega, Casimiro Sotelo, Michele Najlis, editando o jornal *El Estudiante*, que contava com a colaboração de Fernando Gordillo. Ao se integrar à FSLN, Tijerino adquiriu novas responsabilidades na luta pela libertação nacional:

Em ese año [1966] se efectúa la convención liberal que designó a Somoza como candidato para la Presidencia, y el FER plantea al movimiento estudiantil la necesidad de repudiar este hecho con una huelga de hambre efectuada por mujeres en uno de los edificios de la Universidad. [...] En la huelga participaron estudiantes de distintas facultades y compañeras representativas de organizaciones obreras y grupos de izquierda y algunas representantes de los sectores burgueses de oposición.<sup>1038</sup>

Ao longo desse ano, Tijerino utilizou o codinome de Conchita Alday, mulher que lutou ao lado de Sandino nas décadas de 1920 e 1930. Essa escolha era uma forma de reivindicar a tradição de luta das nicaraguenses. Utilizou esse nome durante seu período na luta urbana, até 1967, quando foi capturada pela *Seguridad Somozista*,

Se me hizo ver que el nombre de Conchita Alday debía ser llevada con dignidad, que tenía que hacerle honor, tenía que merecerme el honor de llevar el nombre de esta compañera. Conchita Alday fue la compañera del General Francisco Sequeira, a quien se le conocía con el nombre de General ‘Cabulla’. [...] Su compañera, Conchita Alday, participó con él en la lucha como combatiente. [...] [Cabulla] Fue sorprendido, junto con su compañera, en una casa. Conchita en esa época estaba en un avanzado estado de embarazo, y los soldados gringos con sus bayonetas le abrieron el vientre para sacarle el feto, estando ella viva, y posteriormente la descuartizaron totalmente.<sup>1039</sup>

Doris Tijerino foi presa duas vezes ainda em 1967, no contexto de ações do movimento estudantil, o que evidencia a relevância de sua atuação política. Sua militância era considerada pela Guarda Nacional como uma ameaça à segurança nacional, além de uma potencial fonte de informações sobre os planos da FSLN e da guerrilha de Pancasán. Apesar de normalmente serem subestimadas pela GN, a medida em que as mulheres foram se integrando a luta política, passaram a ser presas e, como veremos, suas prisões desencadearam formas generificadas de violência e repressão. Após ser liberada, Tijerino voltou a suas atividades ainda como militante legal e urbana, mesmo que ainda estivesse em prisão domiciliar. Na FER organizou, em 1968,

---

1037 VAN EEUWEN, Daniel. Nicaragua. ROUQUIÉ, Alain [coord.] *Las fuerzas políticas en América Central*. México: Fondo de Cultura Económica, 1994, p. 201.

1038 RANDALL, Margaret. *Somos millones*. Manuscrito: *Margaret Randall Papers*, UNM Center for Southwest Research & Special Collections, 1975, p. 115.

1039 Ibidem, p. 120-121.

junto com Gady's Báez, um ato contra a chegada do presidente dos EUA Lindon Jhonson ao país, desencadeando novas prisões. Além disso, o 30 de maio de 1968, o Dia das Mães na Nicarágua, foi utilizado pelos/as estudantes como pretexto para um ato em comemoração das mães em homenagem aos mártires da Frente Sandinista. Tijerino foi publicamente responsabilizada pela manifestação, o que levou a um novo pedido de sua prisão, forçando-a para a clandestinidade. Em 15 de julho de 1969, Tijerino estava em uma casa de segurança com Julio Buitrago, a “cabeça do movimento urbano clandestino”, quando foram cercados pela GN. Ele foi morto e ela presa<sup>1040</sup>. Tijerino sobreviveu a prisão e foi solta como resultado de mobilizações populares, o que envolveu o setor estudantil.

Tijerino ressaltou o papel fundamental do movimento estudantil na luta antisomozista e antiimperialista. Apesar de reconhecer que a “clase motor” da revolução seria a “clase obrera”, o/a estudante também era visto por ela como sujeito revolucionário, procurado pelo trabalhador/a para que se somassem às lutas populares. Tijerino foi libertada em 1971, retomando sua atuação pública através de seus trabalhos na FER, integrando a campanha pela reforma universitária, contra a penetração imperialista na Universidade com a *Campaña del libro*:

Se le dio este nombre porque se luchaba contra un ‘inocente’ libro, de español, elaborado por los profesores Julian Corrales (actual vice-Rector) y Fidel Coloma (chileno que reside en el país desde hace mucho tiempo). La compañera Michele Najlis hizo un estudio del libro, demostrando las formas grotescas, a veces, sutiles otras, de penetración utilizadas en el mismo.<sup>1041</sup>

A despeito da insurreição final ter sido marcadamente urbana e protagonizada por trabalhadores/as, Zimmermann destacou como a atividade legal da FSLN, em seus anos iniciais, esteve por muito tempo atrelada às Universidades e a FER<sup>1042</sup>. Outro setor valorizado por Tijerino, foi o das camponesas, atuantes nas guerrilhas rurais. Em 1970, uma delas foi detectada pela *Guardia Nacional* na região norte do país, em Zinica, onde a contribuição das mulheres era reconhecida como “[...] muy valiosas para la sobrevivencia del grupo. Estas compañeras

---

1040 “Em julho de 1969, a Guarda Nacional descobriu seu esconderijo em um bairro operário de Manágua e enviou para lá tanques e helicópteros e mais de cem soldados. O cerco teve cobertura ao vivo pela televisão e por emissoras de rádio, e os repórteres foram informados de que a quantidade de munição usada pelos ocupantes da casa provava que havia dezenas de ‘terroristas comunistas’ encurralados no local. Quando o tiroteio enfim cessou, havia apenas o corpo crivado de balas de Julio Buitrago.” ZIMMERMANN, Matilde. *A Revolução Nicaraguense*. São Paulo: Editora UNESP, 2006, p. 54.

1041 RANDALL, Margaret. *Somos millones*. Manuscrito: *Margaret Randall Papers*, UNM Center for Southwest Research & Special Collections, 1975, p. 219.

1042 ZIMMERMANN, Matilde. *A Revolução Nicaraguense*. São Paulo: Editora UNESP, 2006, p. 53.

cumplieron trabajos de exploración, lo que permitió que la guerrilla burlara el cerco tendido.”<sup>1043</sup> Uma das formas de violência contra elas adotada pela GN foi o estupro. Em 1974, soldados somozistas capturaram mais de vinte e seis camponeses, entre homens, mulheres e crianças, como María Felicia de García, presa com seu filho de sete meses, e Abelina Muñoz de Martínez, com quatro filhos. Nessa ação os guardas somozistas mataram “[...] ancianos, a mujeres, a niños com el cuento ese de que están buscando cuatreritos [bandoleiros]...”<sup>1044</sup> Na região ocidental do país, em Nueva Guinea, foi presa Teresa de León Pérez: “La represión contra esta mujer fue hecha por orden de Cornelio Hueck, un servidor del régimen de los Somoza [...] El objetivo que tenían ahora era quitarle a las tierras a esta compañera.”<sup>1045</sup> Tijerino caracterizou esse contexto como de “guerra aberta”, resultado das ações da Frente contra o governo. Esse clima ascendente desembocou na ação de 27 de dezembro de 1974, o sequestro do embaixador na casa de “Chema” Castillo. Na percepção de Tijerino essa foi uma “ação limpa”, fruto da maturidade organizativa da FSLN.

Junto de Doris Tijerino, Gladys Báez foi uma das primeiras militantes sandinistas a se integrar à luta armada. Entrevistada por Margaret Randall no livro *Todas estamos despiertas* (1980), parte de seu depoimento foi publicado na revista mexicana *Plural*. No final de 1979 e início de 1980, Báez tinha 38 anos e ocupava o cargo de coordenadora do Instituto Nicaraguense de Reforma Agrária (INRA). Era também responsável por uma unidade de produção agrícola denominada *Ciudadela Rigoberto Cruz–Pablo Ubeda: Recuerdo a la Jornada Heroica de Pancasán*. Essa comuna foi instalada em uma antiga fazenda pertencente ao regime somozista, a qual, após o triunfo da revolução, foi ocupada por um grupo de seis camponeses – quatro homens e duas mulheres – em uma ação de tomada e reivindicação popular. Báez expressou sua intenção em trabalhar com mulheres através da AMNLAE, a partir de um pedido feito por Letícia Herrera: “A la comandante ‘Miriam’ [Leticia Herrera] la trasladaron de la cuestión militar al movimiento de masas al nivel departamental, y me ha pedido que haga una labor entre las mujeres.”<sup>1046</sup> Com essa afirmação, podemos perceber como algumas mulheres foram deslocadas de funções militares para a burocracia do novo governo. Báez também dava palestras sobre a história do povo nicaraguense, defendendo a importância de que este

---

1043 RANDALL, Margaret. *Somos millones*. Manuscrito: *Margaret Randall Papers*, UNM Center for Southwest Research & Special Collections, 1975, p. 212.

1044 Ibidem, p. 283.

1045 Ibidem, p. 283-284.

1046 Gladys Báez *apud* RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaragüense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 243-244.

conhecesse e se apropriasse de sua própria história, visto que, no somozismo, a “verdadeira história” foi “ocultada” em detrimento de uma narrativa a favor das oligarquias, do imperialismo e do silenciamento dos setores populares. Essa afirmação de Báez dialoga com o sentido do testemunho que discutimos no capítulo 3, como uma forma de reescrita da história a partir da inclusão da perspectiva e da trajetória de sujeitos excluídos/as das narrativas oficiais.

Randall, ao iniciar o capítulo sobre Báez, ressaltou como sua trajetória era representativa da vida de várias outras nicaraguenses. Ela era filha única de uma mãe trabalhadora, conhecida como *La Abuela*, considerada a avó de várias crianças do bairro onde cresceu. Como eram muito pobres, Báez não teve acesso à educação formal, mas teve muita proximidade com a Igreja, o que contribuiu para o desenvolvimento de sua consciência social. Aos sete anos era conhecida como rezadeira e benzedeira da região, foi capitã do grupo de jovens católicas *Hijas de Maria*. Apesar de ter crescido nesse ambiente e ter desempenhado um papel religioso, ela passou a questionar a religião, optando por um estilo de vida “desvirtuado” em sua juventude. Nesse período, Báez integrou o *Club de Obreros*, uma espécie de organização sindical de trabalhadores/as, assumindo uma identidade de classe: “nunca se me subieron los humos a la cabeza. Siempre supe cuál era mi clase.”<sup>1047</sup>

Em 1956, com 14 anos, como era o destino de muitas mulheres, Báez se casou, tratando o casamento como sua única possibilidade para sair de casa e conquistar autonomia, “sua vida”. Essa sua percepção era recorrente na época, mas sabemos que, na prática, não era o que acontecia com as mulheres casadas que, ao contrário, em sua maioria recaíam em situações de opressão que as confinavam ao espaço privado e lhes negava autonomia financeira. Seu marido era membro do PSN e do *Club Obrero*, por isso, influenciou sua formação e envolvimento político. Báez passou a ler livros como *La Madre*, de Gorki. Após o assassinato de “Somoza viejo”, naquele mesmo ano de 1956, ela passou a fazer trabalho político. Este também foi um ano marcado pelo aumento da repressão somozista, o que levou à prisão de seu marido.

Em 1958, ela contribuía na organização de sindicatos e na conscientização política no campo, em Chontales, como professora em uma escola noturna para as filhas/os de trabalhadoras rurais que não tinham condições de enviar seus filhos/as para escola durante o dia. Essas iniciativas que organizava em sua casa foram contestadas por parte da população local, que a denunciou como comunista, justificado por ela não falar sobre deus em suas aulas.

---

<sup>1047</sup> Ibidem, p. 218.



Nesse contexto, Báez passou a ser atacada enquanto, segundo ela, os homens que atuavam ao seu lado não eram mencionados pela população. Apesar das adversidades, Gladys Báez não recuou de seu projeto político. Em 1960, participou da organização da primeira manifestação do Primeiro de Maio em Chontales, região marcada por seu conservadorismo e baixa mobilização política. Ela foi uma das quatro oradoras do ato, sendo aquela sua primeira experiência em público. Seu discurso naquele 1º de Maio de 1960 lhe rendeu um convite da *Central Geral de Trabajadores* (CGT) para representar as mulheres nicaraguenses em um congresso feminino realizado em Moscou, em 1962.

Apesar de terem outras companheiras que tinham se candidatado para participar, Báez creditou ter sido selecionada por sua origem da classe trabalhadora, carregando a interseccionalidade gênero-classe em sua trajetória, transformando as marcas de sua vivência em discurso e agenda voltada para as mulheres. Seu marido, apesar de militante, reproduzia uma expectativa patriarcal e machista de que seu lugar prioritário deveria ser o doméstico, cuidando da família, em detrimento de sua participação política. Para que viajasse, por exemplo, ele não assumia os cuidados dos filhos, tendo ela que procurar o apoio de outras mulheres para o desempenho dessa função. Mesmo com essas dificuldades, Báez foi para o congresso em Moscou, o que considerou como uma experiência marcante em sua trajetória, que lhe proporcionou uma formação política, a partir da qual pensou que conseguiria organizar as mulheres do país: “Empecé a militar y vine a hablar con interés de la organización de mujeres en Nicaragua. Y así formamos la Organización de Mujeres Democráticas. Yo trabajé con las mujeres y a la vez seguía con los obreros y campesinos.”<sup>1048</sup>

Ao retornar da URSS, Báez foi excomungada pelo padre de seu povoado, condenada social e politicamente a marginalização, o que impactou sua vida privada com seu marido e seu cotidiano partidário. Chegou ao ponto de não conseguir trabalho, nem comprar comida, tamanho seu isolamento. Essa situação gerou complicações financeiras e morais para ela e sua família. Para reverter a situação, Báez passou a fazer trabalho social com pessoas hospitalizadas, o que abria as portas das casas das famílias, criando condições alternativas de contato com as pessoas. Além disso, organizou uma campanha pública em defesa da melhoria das condições do hospital. Em seu casamento o reflexo de sua excomunhão foi diferente. Como já apontamos, seu marido queria limitar sua atuação política, o que ela não aceitou. Como Báez foi cada vez

---

1048 Ibidem, p. 224.

se integrando mais a militância, o que gerou prejuízos econômicos e sociais a família, teve seu complexo de inferioridade e seu alcoolismo apurado, o que levou a separação:

Yo no era irresponsable: no iba a seguir pariéndole hijos si él no era capaz de responder como era debido. Cuando me querían reclutar para el Frente Sandinista, recuerdo incluso que en la montaña hablaron de mí. Dijeron que mi marido estaba recluso en un sanatorio, de tanto tomar ‘guaro’ para olvidarse de mí, se había enfermado y lo habían llevado a un sanatorio. Entonces me dijeron que los compañeros se pusieron a reír y dijeron que ‘esa mujer es para llevarlo al cementerio a uno, no al sanatorio sino al cementerio...’ Así es como en ese período salí del Partido, arreglé las cosas en mi pueblo, me separé de mi marido y entré al Frente Sandinista.<sup>1049</sup>

Já vimos que esta era uma situação recorrente quando as mulheres optam pela participação política. Com isso, percebemos como o machismo também afetava os próprios homens, que adoeciam diante da perda do controle sobre a esposa e a vida familiar, sentindo-se psicologicamente abalados pela crescente presença feminina no espaço político e público. Esse foi um período definidor na trajetória de Gladys Báez.

Entre 1963 e 1965, ela seguiu a linha pacifista do Partido Socialista Nicaraguense (PSN), coordenando uma série de ações como manifestações e greves de fome. Em uma destas, em 1965, foi presa em Manágua pela primeira vez – apesar de ter relatado que, em seu povoado, já tinha sido brevemente detida por certa de 25 vezes. Foi condenada, junto com outros militantes, a seis meses de prisão, mas como estavam em greve de fome e havia uma série de movimentações populares pela soltura dos/as presos/as políticos, foram liberados no mesmo dia em que saiu a sentença. Para este desdobramento, relatou a importância da mídia e do jornal *La Prensa* para veiculação de denúncias das condições que a Guarda Nacional mantinha os/as presos/as. Após ser solta, Báez rompeu o PSN por ter sido reprimida por seu comportamento, o que considerou como uma expressão do machismo, ao colocarem seu casamento como um limitador de sua contribuição política. Como ela queria se manter organizada coletivamente, se integrou à FSLN no mesmo ano, superando a visão pacifista do PSN que dizia que a Frente era formada por um grupo de “oportunistas, aventureiros, loucos”.

Na FSLN, Báez passou a viver em Manágua a partir de 1965, onde trabalhou por um breve período em uma casa de segurança com um grupo composto por Payin (Efraín Sánchez), Selim Shible e Carlos Reyna. Logo depois foi enviada para a montanha, para a região de Pancasán. Essa integração refletia o reconhecimento por sua atuação política anterior, visto que

---

1049 Gladys Báez *apud* RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaragüense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 231.

não era comum as mulheres serem consideradas para atuar na guerrilha. Ela afirmou em seu testemunho que era conhecida como: “[...] la compañera que habia ido a una huelga de hambre, la compañera que habia ido a una marcha a pie” e que, por isso, “[...] debería estar en la montaña.”<sup>1050</sup> Demonstra, assim, como chega à guerrilha foi fruto de seu compromisso revolucionário. Além disso, o fato de ser camponesa e conhecida das pessoas da região de Matagalpa e Jinotega, facilitou o estabelecimento de vínculo da população local com a Frente.

Báez destacou que a realidade da montanha era muito diferente do que se vivia no meio urbano, especialmente no que dizia respeito a participação da mulher. Se na cidade havia mulheres atuando no movimento estudantil e nas casas de segurança, companheiras integradas como Tijerino, Martha Narváez e Michelle Najlis, na década de 1960 elas não se encontravam na clandestinidade. Por isso, foi conferida a ela a distinção de primeira mulher da FSLN integrada a guerrilha rural, antes mesmo de Doris Tijerino: “La Doris llegaba a dejar cosas, junto con Daniel Ortega, pero yo fui la primera que llegué a quedarme.”<sup>1051</sup>

Para seu traslado para a montanha, aproveitaram dos estereótipos de gênero para não serem observados pela Guarda Nacional, como se tornou recorrente. Com Efraín Sánchez, portando livros políticos e munições, fingiram ser um casal recém-casado e ela simulou uma gravidez para passarem pelos postos de segurança da GN. Relatou a chegada na guerrilha como um momento de acolhida, em que o sentimento imperante era o da irmandade, da solidariedade e do afeto, superando desigualdades de gênero e atitudes sexistas – o que sabemos não ter sido exatamente a realidade da maioria das mulheres. Esteve na guerrilha ao lado de Daniel Ortega, Carlos Fonseca, Tomás Borge e Silvio Mayorga, fundadores da FSLN. Apesar das dificuldades iniciais com o treinamento físico, dentre suas tarefas estava a que chamou de “propaganda armada”, que consistia em praticar tiro em diferentes locais, junto com Rigoberto Cruz, Carlos Reyna, Otto Casco e *El Cuije*. Para esta atividade, contavam com camponeses que garantiam a segurança do grupo, confiança resultante do trabalho político que fizeram na região. Ali, ensinaram os camponeses da tropa a ler e escrever, estudaram teoria e prática de guerrilha, simularam enfrentamentos armados: “cada quien tenía sus responsabilidades, y a la vez participaba en todo el proceso del destacamento: las caminatas, los ejercicios, los estudios.”<sup>1052</sup>

---

1050 Gladys Báez *apud* RANDALL, Margaret. Gladys Báez: una mujer en la guerrilla. *Revista Plural*, segunda época, Vol. IX-X, N.106. México, julho 1980, p. 50.

1051 Ibidem, p. 50.

1052 Ibidem, p. 51.

Segundo Báez, os camponeses foram responsáveis pela integração de muitas mulheres na guerrilha e na *Organización*. Em contraposição à historiografia dominante – que localiza o engajamento pleno das mulheres na luta sandinista apenas a partir da década de 1970 –, Gladys Báez afirmou que, já em 1967, as mulheres estavam presentes em todas as frentes de combate e ação revolucionária. Para justificar sua posição, ela recorreu a um exemplo posterior: Claudia Chamorro, que caiu na guerrilha em 1977. Vinda da aristocracia nicaraguense, Chamorro renunciou a uma vida de privilégios para se engajar na luta armada, entregando sua vida à causa revolucionária. Para Báez, esse gesto simbolizava o que ela considerava um pilar fundamental da moral revolucionária. Ao mesmo tempo, ela não negou as contradições de ser mulher na montanha, relatando que alguns companheiros questionavam sua presença, mesmo que as afirmações fossem feitas mascaradas de brincadeiras:

Sucedía que em los descansos muchas veces – como no estaban acostumbrados a andar con compañeras mujeres – los compañeros de la base agarraban cierta jodería, pues: “¿por qué no te quedaste em la ciudad? Sos el atraso de la guerrilla.”, y así. Entonces cuando la charla esa yo veía que muchos me miraban, como diciéndome que me fuera, pues. Pero yo me dije: Vine para quedarme. Y, además, ninguno de ellos me manda.<sup>1053</sup>

No mesmo ano de 1967, houve a visita de um médico na montanha que identificou que Báez tinha alguns problemas de grave de saúde que necessitavam de maiores intervenções e que inviabilizava sua permanência na guerrilha. Foi por isso que, em agosto do mesmo ano, quando houve o massacre da guerrilha Pancasán pela Guarda Nacional, ela não foi morta junto com seus companheiros do batalhão dirigido por Silvio Mayorga. Tratando de sua saúde, permaneceu em Manágua realizando trabalho nas casas de segurança, tendo sido presa pela GN em novembro do mesmo ano. Nesse processo, criticou outra companheira que optou pela delação em troca da liberdade, o que ia na contramão do que entendia como compromisso militante: “Yo me quedo manteniendo mi posición de conciencia, la posición, pues, de un militante.”<sup>1054</sup> Com essa prisão ficou dois meses incomunicável enquanto estava detida na *Seguridad* somozista, onde sofreu diversos tipos de tortura, como choques elétricos que fizeram com que ficasse um ano e oito meses sem movimentar a cabeça e o braço direito.

Com sua mãe, que vivia com suas filhas enquanto ela estava no campo de batalha, Báez passou a se recuperar, recusando-se a ficar na clandestinidade para que não fosse um fardo para

---

1053 Ibidem, p. 51.

1054 Gladys Báez *apud* RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaragüense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 236.

a organização e seus companheiros/as. Conforme seu relato, apenas naquele momento em que voltou para casa debilitada que sua mãe soube do nível seu envolvimento político. Devido à idade avançada de sua mãe, optou por viver com uma tia que, para não ser perseguida pela GN, anunciou publicamente a morte de Báez. Para continuar contribuindo de alguma forma, ela passou a costurar símbolos e bandeiras para o movimento de mães de presos/as e desaparecidos/as, trabalhando com a *Organización Patriótica de Mujeres Nicaraguenses*:

Ya cuando hicimos la bandera teníamos militancia de campesinas, de obreras; bajaron las compañeras campesinas a la universidad a tiene un diálogo con nosotras. Trabajábamos para conseguir casas de seguridad, para conseguir dinero, trabajábamos para la relación entre el preso y su familia. Así... aunque yo todavía no podía incorporarme de lleno, siempre buscaba qué hacer. Y me iba componiendo.<sup>1055</sup>

Com essa forma de participação, Báez sentia que não estava contribuindo o suficiente com a revolução, ela queria “trabalhar duro”, atuar na linha de frente. Mas se via limitada por seu quadro de saúde. Condicionada pelo seu gênero, como alternativa para provar seu valor e sua capacidade, ela reproduziu as estruturas do patriarcado para reafirmar sua condição, já que como mãe e esposa seria vista como um sujeito socialmente útil. Já que a maternidade era vista como a tarefa mais importante, difícil e de extrema dedicação que as mulheres eram obrigadas a cumprir, ela resolveu que sua única saída para reivindicar suas capacidades, seria através do casamento e da maternidade: “Empecé a decir: la única forma para que esta gente piense que en realidad yo sirvo para algo es si me encontrara un hombre, me enamorara y pariera su hijo. Si soy capaz de parir un hijo, cómo no voy a ser capaz de otra cosa.”<sup>1056</sup> Assim, Baéz vinculou a ideia de “utilidade feminina” à maternidade, à reprodução.

Em sua visão, ela estava rompendo com os padrões de gênero, visto que historicamente era o homem que escolhia a esposa e, naquele contexto, ela que estava escolhendo um homem que se adaptaria a sua forma de vida. Seguindo este caminho, ela se casou com um opositor ao regime somozista, mas que não era um militante. Segundo seu relato, aos poucos ela foi “moldando” politicamente suas concepções e comportamento, na contramão do senso comum, em que as mulheres seguiam os caminhos e eram influenciadas por seus maridos. Convencida de que tinha o controle da situação, que seu marido estava submetido a seu modo de vida, Baéz engravidou e passou a usar este fato para comprovar sua saúde e reivindicar sua reincorporação nas tarefas revolucionárias. Conforme a memória que construiu sobre sua trajetória, ela de fato

---

1055 Ibidem, p. 238.

1056 Ibidem, p. 238.

conseguiu retomar de forma mais ativa sua participação, reativou seus contatos e continuou seu trabalho: “[...] incrementamos el trabajo legal con la organización de las madres, el comité de madres y familiares de los reos políticos.”<sup>1057</sup>

Em março de 1979, foi presa pela última vez antes da vitória sandinista, após participar de um assalto a um banco. Depois de 27 dias presas, contando com um bom advogado e mobilizações populares foi solta, saindo integrada nas atividades da insurreição final em uma frente de combate localizada entre as cidades de León e Santo Antonio, onde buscavam organizar os camponeses/as, transportavam armas e lidavam com problemas políticos, sociais e militares. Atentos/as com a fome que assolaria o país após a guerra, inventariavam fazendas a medida em que elas eram tomadas pela Frente, para que a distribuição de alimentos fosse feita de maneira controlada e atendesse a um maior número de pessoas. Baéz reconhecia que desde sempre se preocupava com o problema organizativo do campesinato, buscando integrá-los/as de maneira mais orgânica, o que foi feito reunindo cuidadores/as das fazendas.

Mesmo com as dificuldades para o envolvimento feminino, houve uma integração massiva de mulheres nas guerrilhas, ao longo da década de 1970. Várias mulheres, anônimas ou conhecidas, desempenharam funções centrais no processo revolucionário e no novo governo sandinista que se organizou após 1979, resultado participação ao longo da luta revolucionária. Por isso, recuperamos algumas trajetórias registradas por Randall, a fim de entendermos a contribuição que deram ao processo insurrecional e como isso reverberou na forma como atuaram no novo governo instaurado a partir de julho de 1979.

Desta participação feminina, algumas se destacaram ao participar de grandes ações da FSLN. Em 1974, houve a já citada ação do sequestro do embaixador estadunidense que contou com contribuição de mulheres durante os preparativos - como foi o caso de Gioconda Belli - e a ação armada. No *Comando Juan José Quezada* que realizou essa ação, entre os treze integrantes, três eram mulheres: Leticia Herrera, Eleonora Rocha López e Olga López Avilés. Nesse acontecimento, “[...] participaron militantes de distintos sectores: obreras, madres de familia y profesionales; su objetivo fue obtener la libertad de catorce compañeros presos desde 1967.”<sup>1058</sup>

---

1057 Ibidem, p. 239.

1058 RANDALL, Margaret. *No se puede hacer la revolución sin nosotras*. La Habana: Casa de las Américas. Colección nuestros países. Serie testimonio. 1978, p. 85.

Esse combate foi narrado por Doris Tijerino em *Somos millones*, parte de seu depoimento de 1975, momento em que não se sabia da identidade de todos os/as participantes. Sobre as três mulheres envolvidas diretamente do assalto, sem subestimar a contribuição das que atuaram nos preparativos, Tijerino as descreveu através de seus números de identificação no comando, *compañeras* 2, 8 e 15, selecionadas por suas capacidades política, moral e preparação militar. Segundo ela, os reféns relataram maior dificuldades em falar com as mulheres, as consideraram mais fisicamente intimidantes, em parte porque sentiam um estranhamento em lidar com mulheres naquele tipo de situação. Podemos inferir que as identificavam como mais ameaçadoras, por estarem deslocadas do lugar de passividade conferido historicamente as mulheres: “El decía que las mujeres del comando eran más duras, más fuertes... ella dice que ante la energía que ella adoptó ninguno de los rehenes se atrevía a hablarle, ni siquiera para entenderse en las necesidades cotidianas.”<sup>1059</sup>

Após esse ataque, o governo de Somoza reagiu com violência, o que gerou ainda mais sofrimento à população. Para Tijerino, o que mantinha a convicção no processo insurrecional era a referência histórica na luta coletiva, compartilhada por homens e mulheres, do campo e da cidade:

Casimiro. Julio. Ricardo. María Castíl. Leonél. Luisa Amanda. Tantos otros. En Nicaragua las ansias de libertad son muy grandes, el pueblo ha sufrido demasiado. Ahora pienso en mi niñez. En el campo. En las campesinas que morían pariendo, en los que morían de hambre. De explotación, de miseria. Pienso en las mujeres en las cárceles: la campesina-prostituta, la obrera-ladrona. Pienso en mi propia madre, en su lucha inconclusa. En nuestros compañeros caídos y en los que seguimos vivos. Seguimos luchando. Para que un día nuestro pueblo sueñe en colores.<sup>1060</sup>

Dentre as destacadas militantes sandinistas, houve Daisy Zamora que, apesar de não ter recebido o grau de *comandante guerrillera*, quando foi entrevistada por Randall para o livro *Todas estamos despiertas* (1980), com parte publicada na revista estadunidense *earthkeeping/earthshaking*<sup>1061</sup>, era vice-Ministra da Cultura. Além disso, integrava um grupo que discutia sobre religião e revolução, tinha sido diretora do *North American desk*<sup>1062</sup>, no Departamento de Relações Internacionais da FSLN, e encabeçava um programa em um instituto de pesquisa. Era casada com Dionisio Marengo, Ministro de Comércio Interior, com quem

---

1059 Ibidem, p. 291-292.

1060 Ibidem, p. 315-316.

1061 RANDALL, Margaret. Daisy Zamora interviewed by Margaret Randall. *Revista earthkeeping/earthshaking*. Heresies #13. Nova Iorque, EUA, 1981, p. 67-70.

1062 Não encontramos maiores informações sobre essa estrutura sandinista.

adotou uma bebê. O processo de adoção desencadeou uma reflexão em Daisy Zamora a respeito da dimensão de seu compromisso revolucionário em contraste com os tradicionais papéis de gênero: após a vitória de 1979, ao priorizar as tarefas da revolução, o processo de adoção ficou em segundo plano em sua vida, ela e seu marido estavam muito ocupados para comparecer as entrevistas. Demonstrando consciência sobre sua postura, Zamora afirmou ter optado por não abandonar os problemas da revolução em detrimento de questões consideradas pessoais.

Ela era uma jovem poeta, oriunda de uma família liberal da classe média alta nicaraguense. Por isso, estudou em um colégio de freiras no qual “las monjas desviaban mucho las inquietudes que uno pudiera tener fuera del ambiente religioso: la caridad, las visitas a los hospitales y así. Mantuvieron bastante dormidos, pues, mis sentimientos.”<sup>1063</sup> Apesar de viver inserida em um contexto de classe privilegiada, seu avô e seu pai participaram das lutas iniciais contra o regime de Somoza. Seu pai havia sido preso por envolvimento no planejamento do assassinato de “Somoza viejo”, em 1956. No entanto, foi sobretudo ao seu avô que ela creditou suas principais influências. Segundo Claudia Chamorro, ela desde a infância já se sentia desconfortável com os “costumes de sua classe”, questionando diversos hábitos próprios da burguesia.

Zamora viveu parte de sua infância na casa de seu avô, onde foi criada por uma tia-avó, Anita Gámez que, apesar de falar sobre o somozismo como um regime injusto, não se envolvia diretamente. Essa situação só se alterou com o envolvimento de Daisy Zamora, o que fez com que Gámez se colocasse publicamente em defesa de sua sobrinha-neta. A esse respeito Zamora afirmou que: “Al ver que yo [Daisy Zamora] estaba metida en la lucha, al ver metido a otro primo mío, ella sin mucha elaboración ni mucha elucubración política siente que el somocismo es injusto, que es represivo, que está matando al Pueblo indiscriminadamente... y se involucra por nosotros.”<sup>1064</sup> Como uma figura maternal na vida de seus sobrinhos/as, retomamos a mesma relação entre mobilização e condição materna, de cuidadora, da necessidade em defender aqueles/as pelos/as quais se responsabilizavam.

Randall também entrevistou Anita Gámez, registrando uma breve fala da tia-avó de Daisy Zamora no capítulo com o depoimento da vice-ministra, presente no livro *Todas estamos despiertas* (1980). Gámez sentia afinidade com a revolução desde que soube que seus netos,

---

1063 Daisy Zamora *apud* RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaraguense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 140.

1064 Ibidem, p. 141.



sobrinhos, estavam envolvidos, ressaltando o ímpeto e o papel da juventude nicaraguense a partir de seus feitos. A partir daí, colaborou com a Frente escondendo sandinistas em sua casa, em sua maioria meninas jovens, instruídas, educadas em bons colégios, valorizando a disposição que tinham para abandonarem o conforto de sua casa e de sua classe para se dedicarem a um projeto de libertação nacional: “yo me asustaba al verles el valor que tenían. Un coraje único. Aquí se reunían en esta salita, muchas veces siete o ocho, casi todas señoritas que cada una tenía un nombre que no era el de ella.”<sup>1065</sup> Dentre elas, passou por sua casa Bertha Baldizón,<sup>1066</sup> que tinha duas irmãs clandestinas na guerrilha rural, participação para ela exemplificava a capacidade da geração de mulheres jovens do país, as atividades políticas e militares que assumiam, enfrentando os padrões de comportamento esperados:

Le digo, ¿cómo una mujer puede andar enmontañadas? Usted sabe todas las cosas que le permiten ahora a la mujer. ¿Cómo pueden?, decía yo. Qué valor el de esta gente, de aquellas mujeres, de aquellas muchachas porque no eran ni mujeres hechas ni derechas. Eran muchachas, ¡si ninguna tenía ni 20 años! Eran de 15, 16, 17, 18. Hicieron un papel grandioso aquí. No sé cómo lo hicieron.<sup>1067</sup>

A partir da percepção sobre a dimensão da participação feminina e o seu real significado por romper com os padrões de gênero, Gámez defendeu as mulheres como sujeitos com maiores capacidades que os homens, com uma contribuição incomparável, que levou a conquista de um grande papel na sociedade revolucionária, caminhando para o mesmo reconhecimento e valor masculino. Assim como em Cuba, percebemos que, na Nicarágua, valorizavam os obstáculos enfrentados pelas mulheres ao ingressarem na política e na luta armada, como significado do quão dispostas estavam a se sacrificar pela revolução. A tia-avó de Daisy Zamora também relembrou com orgulho ter sido apresentada pela sobrinha à Dora María Téllez, a *comandante dos*, uma forma de elevar sua sobrinha através das relações que tinha no interior da Frente.

Daisy Zamora considerava o ano de 1967 como marcado por seu ingresso no movimento estudantil na Universidade de Manágua, onde estudava psicologia, período em que conheceu Dionisio Marengo, com que compartilhou uma trajetória de luta e a vida pessoal. Para ela, seu envolvimento político vinculava-se com o amadurecimento de sua poesia, que classificava como “poesia social”: “El período del 67 al 74 es de búsqueda: un despertar, una búsqueda

---

1065 Anita Gámez *apud* RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaraguense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 151.

1066 Não encontramos maiores informações sobre Bertha Baldizón.

1067 Anita Gámez *apud* RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaraguense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 152.

marcada por la necesidad de ubicarme políticamente, y los tropiezos producidos de mi origen de clase que hacen difícil una entrega total en esos momentos.”<sup>1068</sup> No início da década de 1970, se mudou com Marengo para um engenho de açúcar em Chinandega, onde passou a lecionar em uma escola destinada aos filhos e filhas dos trabalhadores. Sua presença naquele contexto causou estranhamento, dada sua origem social, pois desafiava as rígidas divisões de classe que tradicionalmente separavam engenheiros e suas famílias dos trabalhadores braçais camponeses.

Para Daisy, esse foi um momento de conflito, pois sentia que sua contribuição não era suficiente, ao mesmo tempo em que não se considerava preparada para agir de outra forma: “En ese período comprendíamos cada vez más lo que iba a ser nuestro camino pero todavía estábamos atados a algunas cuestiones familiares. Nos costaba abandonar todo para dedicarnos directamente a la lucha.”<sup>1069</sup> Com a morte de seu avô, em 1972, sentiu mais facilidade em romper com sua origem burguesa, com esse passado, tendo sido influenciada por ele, afirmou: “Decía que si él estuviera más joven ya hubiera cogido su chamarra y su fusil y se hubiera ido al monte. Me daba a entender que en cierta forma lo estaba defraudando un poco. Que esperaba de mí una participación más directa.”<sup>1070</sup> Foi em 1974, a partir de um contato estabelecido com Marengo, que se integraram formalmente à FSLN, organizando uma célula sandinista no engenho onde viviam, construindo uma rede de apoio financeiro local, transportando e comprando armas através do engenho, transportando militantes clandestinos.

Nesse período, Zamora destacou sua contribuição com o transporte e como correio: “serví de cobertura también para el transporte de armas y compañeros. Sin embargo, a mí ese tipo de trabajo no me satisfacía”<sup>1071</sup>. Ela “servia de cobertura” por seus trejeitos, traços físicos e forma de vestir de uma mulher da elite nicaraguense, o que garantia que não seria interpelada pela Guarda Nacional. Por isso, Zamora, assim como outras militantes, desempenhou papéis de maior circulação. No entanto, ela ansiava por pegar em armas e ter outro tipo de função. Naquele contexto e com o acirramento da repressão, tiveram dificuldade em dar continuidade ao trabalho de apoio que desenvolviam, por isso se mudaram para Managua em 1978, transformando a casa onde viviam em uma casa de segurança.

---

1068 Daisy Zamora Zamora *apud* RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaraguense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 143.

1069 Ibidem, p. 144.

1070 Ibidem, p. 145.

1071 Ibidem, p. 146.

Nessa época atuavam na legalidade, o que fez com que Daisy percebesse melhor a dinâmica e estrutura da FSLN, levando-a a concluir que os homens eram a maioria dentre os/as militantes profissionalizados, identificando certa discriminação de gênero internamente, pois isso significava que valorizavam e davam mais oportunidades para a contribuição masculina, enquanto as mulheres eram mantidas em situações precárias de militância, sobrecarregadas com as diversas funções que iam desde as tradicionais, passando pelo trabalho produtivo e a atuação política. Essa realidade observada por Zamora é relevante para a compreensão da dificuldade das mulheres em se destacarem em cargos de direção ou em grandes ações, visto que tinham menos tempo e condição de se dedicarem à luta e formação política, ao treinamento armado e à preparação geral das ações.

Essa percepção contribuiu para a avaliação negativa de Zamora a respeito de sua própria contribuição, baseando-se na forma como as mulheres eram envolvidas no interior da Frente. Ela sentia que sua capacidade política e militar era subestimada. Por isso, Zamora passou a abordar seu desconforto em reuniões, compartilhando suas inquietudes principalmente com outras mulheres, mas não identificou o problema apontado como um sentimento compartilhado. Essa situação aprofundou sua reflexão acerca de sua condição, concluindo que o que a limitava não era apenas seu gênero, mas sua classe social, que gerava desconfiança. Com Dora María Téllez, ela dialogou sobre o papel da pequena burguesia na insurreição popular, ao mesmo tempo em que expressou sua insatisfação. Ela não queria ficar restrita ao trabalho de logístico e de apoio, demandava estar na linha de frente: “Y realmente fue cuando me fui con el resto de los compañeros a combatir, y abandoné la casa y me integré totalmente a la lucha, que logré superar esa especie de barrera.”<sup>1072</sup>

Em Manágua, Zamora passou a trabalhar decodificando mensagens da GN apreendidas a partir de um interceptor de sinal que mantinha em sua casa. Repassava para a *Organización* as informações sobre presos, ações e investidas da *Guardia* contra a FSLN. Além disso, ela e Marengo escondiam armas e companheiros em sua casa. Em 1978, sua célula revolucionária participou dos preparativos para o ataque ao Palácio Nacional que ocorreu em agosto do mesmo ano, recebendo em sua casa todo o *Comando Rigoberto López Pérez*, responsável pela operação. Dentre eles, estava a direção: Dora María Téllez, Hugo Torres e Edén Pastora, respectivamente

---

1072 Ibidem, p. 149.

*comandante dos, uno e cero*. O fato dela saber qual seria a ação, a dotou de um sentimento de importância, de que estava na “linha de frente”.

Nesse processo, Zamora desempenhou funções práticas e de destaque: foi ela quem disfarçou o caminhão que invadiria o Palácio, que deu a ordem final para saída do *comando* e que ficou ao lado do transmissor ouvindo as mensagens da GN, acompanhando a ação caso algo desse errado. Como Zamora afirmou, sua realidade de militante legal, herdeira da elite nicaraguense, se confundia com sua identidade de militante sandinista, criando uma situação complexa: “Era uma vida dupla e em alguns momentos era difícil de manejar isso, certo?”<sup>1073</sup> Mas que nesse caso contribuiu para o disfarce de normalidade em sua casa, onde se desdobravam os referidos preparativos.

Os acontecimentos de 1978 foram decisivos. Após o assassinato de Pedro Joaquín Chamorro, líder da oposição legal, pelo governo Somoza, uma série de ações se intensificaram: o assalto ao Palácio Nacional e a deflagração da greve geral foram marcos fundamentais para acelerar o desgaste do regime e impulsionar a unificação das forças opositoras. Esses eventos contribuíram para consolidar um forte binarismo — “nós” contra “eles” — que marcou os enfrentamentos e pavimentou o caminho definitivo para a luta armada, culminando na vitória sandinista no ano seguinte:

Al igual que la muerte de P. J. Chamorro había favorecido el auge de una retórica que hacía de Somoza un engendro de la barbarie, y que la operación del Palacio Nacional había elevado a los sandinistas al rango de nuevos héroes, así también los acontecimientos de septiembre harían emerger nuevos matices, en ciernes hasta ese momento, de la lucha entre Somoza y la oposición. [...] De modo que al terminar en 1978 el poder somocista ya no descansa más que en su capacidad coercitiva, y por eso da una impresión de fragilidad, de inestabilidad y, en todo caso, de pronto desmoronamiento.<sup>1074</sup>

Foi em setembro desse mesmo ano que Daisy Zamora recebeu uma orientação da Frente para organizar um esquadrão, a partir da rede de apoio que tinham constituído e que tinha dado suporte aos operativos anteriores. Junto com dez homens deu-se início ao treinamento militar para a ação que ocorreria naquele mês, o ataque simultâneo de treze estações policiais de Manágua, por treze grupos armados da Frente, chamada pelos Terceiristas de “ofensiva

---

1073 “It was a double life and at times it was hard to manage, right? Especially with the repression which was really heavy by then.” Daisy Zamora *apud* RANDALL, Margaret. Daisy Zamora interviewed by Margaret Randall. *Revista earthkeeping/earthshaking*. Heresies #13. Nova Iorque, EUA, 1981, p.68. Tradução nossa.

1074 BATAILLON, Gilles. *Génesis de las guerras intestinas en América Central (1960-1983)*. México: Fondo de Cultura Económica, 2008, p. 164; 170

final”<sup>1075</sup>. Ela se sentia preparada para contribuir em combate, insistindo em participar, pois via essa oportunidade como uma necessidade, uma forma de superar sua condição de militante burguesa, “[...] la única manera de romper con esa barrera de la cual te hablé anteriormente.”<sup>1076</sup> Apesar da discussão a respeito da sua participação ter sido posta por ela como coletiva, observamos que afirmou ter convencido primeiramente seu marido Marengo, antes dos outros membros do grupo, o que demonstra a permanência de certas práticas patriarcais, como a autoridade do marido frente as escolhas da esposa, mesmo que revolucionária.

De toda forma, Zamora reafirmou sua determinação em participar da ação armada, enfatizando que já havia demonstrado seu compromisso e capacidade por meio de um histórico consistente de tarefas cumpridas. Argumentava que executara tudo o que lhe fora atribuído até então, com disciplina e responsabilidade, e não via justificativa para ser deixada de lado naquele momento crucial<sup>1077</sup>. Acabou se impondo e conquistando seu espaço. Ao final da ação seu batalhão foi cercado pela GN, mas como havia outros confrontos simultâneos, conseguiram escapar. Conforme recordou Zamora, passaram a gritar números para que os soldados da GN se confundissem, pensando que eram muitos/as sandinistas, já que se identificavam nas batalhas através de números.

Disciplinada e buscando demonstrar seu valor, Zamora fugiu com o seu grupo para a zona rural da cidade. No processo de fuga, ela desempenhou um papel fundamental. Ao se esconderem na montanha, Zamora assumiu a guarda noturna, além disso, se ofereceu para procurar ajuda, visto que com suas características físicas circulava mais facilmente pela cidade: “Eu passei a noite toda acordada e quando eu vi que estava amanhecendo, eu acordei o resto dos camaradas e sugeri que eu tentasse sair até a estrada. Sendo mulher, eu pensei que talvez poderia dizer que tinha sido pega no meio da batalha da noite anterior, talvez acreditassem em

---

1075 “Durante a segunda semana de setembro de 1978, os guerrilheiros da FSLN organizaram rebeliões em uma série de cidades ao norte e ao sul da capital, incluindo Masaya, Chinandega, Diriamba, León, Jinotepe e Estelí. A Tendência Insurrecional iniciou as ações de setembro, que chamou de a ‘ofensiva final’ contra Somoza. Jovens associados às três tendências lutaram e morreram nesses combates, mas a maioria dos participantes nos confrontos de rua não estava afiliada a nenhuma tendência. Somoza reagiu com mais bombardeios aéreos e ataques da artilharia, matando aproximadamente cinco mil pessoas.” ZIMMERMANN, Matilde. *A Revolução Nicaraguense*. São Paulo: Editora UNESP, 2006, p. 83.

1076 Daisy Zamora *apud* RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaragüense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 157.

1077 “So I told the comrades that I was determined to go, that I had participated in all the tasks assigned to me up that point, that I thought I had shown sufficient discipline and that I didn’t see any reason at all for them to leave me behind. They agreed.” Daisy Zamora *apud* RANDALL, Margaret. Daisy Zamora interviewed by Margaret Randall. *Revista earthkeeping/earthshaking*. Heresies #13. Nova Iorque, EUA, 1981, p. 69. Tradução nossa.

mim.”<sup>1078</sup> Conseguiu encontrar refúgio na casa de um camponês, de onde saiu rumo a cidade se passando por estrangeira, ao lado de outro companheiro com traços brancos, de olhos azuis. Ao chegar na casa de um colaborador, Zamora fez contato com sua mãe, que ajudaria no transporte dos/as companheiros/as que ainda estavam escondidos, contudo, ela havia sido presa pela Guarda Nacional. Em seu relato podemos perceber, mais uma vez, como ela tinha consciência do papel da mulher na sociedade nicaraguense, apropriando-se de seus privilégios de raça-classe-gênero como estratégia revolucionária.

Também notamos no depoimento de Zamora, o recorrente apoio materno à militância das/os filhas/os. Nesse processo, a *Guardia* prendeu também um de seus irmãos. Sobre seus familiares Zamora afirmou: “Ellos no militaban, pero naturalmente eran opositores. Ayudaron em todo, y supieron confrontar la represión cuando se les tocó.”<sup>1079</sup> Ela e sua mãe permanecerem encarceradas por oito meses, o que reconfigurou as relações mãe-filha, momento em que Zamora reconheceu a força e a firmeza de sua mãe, resistindo as agressões psicológicas as quais foram submetidas. Após serem soltas, com o acirramento da repressão, Zamora teve que entrar para a clandestinidade, pois tinha sido “queimada”. A partir daí, viveu em Honduras, Panamá e Costa Rica. Do exterior, passou a trabalhar na retaguarda, ficando novamente insatisfeita os trabalhos meramente operativos. Em Honduras, recebeu instruções para estabelecer um hospital clandestino, onde recebiam feridos da Nicarágua, organizavam aulas e palestras de formação políticas. Seu último trabalho antes do 19 de julho de 1979 foi na *Radio Sandino* preparando a programação e atuando como locutora, onde conduziu um programa chamado *La mujer Saninista*,

[...] en donde hacíamos conciencia, pues del grado de participación de la mujer la lucha. Hablábamos de mujeres a lo largo de nuestra historia, de mujeres que se habían entregado a la lucha como Conchita Alday, Branca Arauz, María Altamirano, Claudia Chamorro, Arlén Siú, Luisa Amanda Espinosa. Es decir, de cómo en diferentes formas la mujer siempre había estado involucrada, ya fuera en la lucha directamente, en el combate o en tareas de apoyo.<sup>1080</sup>

---

1078 “I spent the whole night awake and when I saw that it was getting light, I woke up the rest of the comrades and suggested I try to go out to the highway. Being a woman, I thought I might be able to say I had been caught in the middle of the previous night’s battle, and they might believe me.” Daisy Zamora *apud* RANDALL, Margaret. Daisy Zamora interviewed by Margaret Randall. *Revista earthkeeping/earthshaking*. Heresies #13. Nova Iorque, EUA, 1981, p. 70. Tradução nossa.

1079 Daisy Zamora *apud* RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaragüense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 163.

1080 Ibidem, p. 165.

Quando questionada por Randall a respeito da participação das mulheres no processo revolucionário, Zamora argumentou que era um processo em crescimento, ainda em curso. Afirmou que foi nesse lugar da militância que ela encontrou amigas da juventude, como Nora Astorga, responsável pelo *ajusticiamiento* de “Perro” Pérez Vega. Segundo Zamora, ela contribuiu para tal ação sem saber que atuavam juntas: “Recuerdo que esa noche llegaron a dormir los compañeros a mi casa, y Dionisio me dijo: ‘Participó una compañera, una compañera de la burguesía pero que es miembro del Frente.’”<sup>1081</sup> Segundo Margaret Randall em *Todas estamos despiertas* (1980), o dia 8 de março de 1978, Dia Internacional das Mulheres, foi o dia que a FSLN provocou tal *ajusticiamiento*. “Perro” era um conhecido General da *Guardia Nacional* e Chefe de Escoltas de Anastasio Somoza Debayle, responsável pela tortura de diversos/as militantes. Seu assassinato teve um impacto nacional e internacional, com notícias que divulgaram Nora Astorga como responsável pela ação. Ela tinha sido reconhecida como a mulher que o convidou para sua casa, local onde ele foi morto, destacando-se o seu papel feminino, ao mesmo tempo que violento, na condução da ação.

Randall entrevistou Nora Astorga, após a vitória de 1979, para o livro *Todas estamos despiertas* (1980). Naquele momento, ela tinha trinta e um anos, era a advogada responsável por processar e denunciar mais de 7500 somozistas na justiça popular e revolucionária. Além disso, atuava como fiscal especial de justiça na *Fiscalía Especial*, cujo escritório era na casa de sua família, desapropriada pela revolução. Era mãe de três crianças e estava em sua quarta gravidez. Conforme descreveu Randall: “Sin embargo es una mujer como muchas: con su trayectoria de crecimiento, de golpes, de pequeños triunfos y molestas limitaciones. Una compañera que ha madurado en la medida en que ha tenido que enfrentar disyuntivas de clase, sexo y compromiso.”<sup>1082</sup>

Astorga foi descrita por Randall como uma mulher de origem pequeno-burguesa que, seguindo a tradição latino-americana, esperava-se que seguisse os caminhos dos pais, visto que era a filha mais velha. Como outras sandinistas que tinham nascido na burguesia nicaraguense, Astorga também tinha estudado em colégio religioso comandado por freiras, momento em que passou a reconhecer seus privilégios, questionando a capacidade da caridade cristã em resolver os problemas da sociedade em que vivia. Sua conclusão foi a de que a caridade não alterava o essencial, não transformava a condição econômica das pessoas, colocando-a diante da demanda

---

1081 Ibidem, p. 166.

1082 RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaragüense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 168.

de fazer mais pelo povo de seu país. Mas em seu depoimento, ela afirmou que foi educada para desempenhar funções além do “destino tradicional” da “mulher clássica” de “nuestros países”, em uma filosofia liberal do sucesso individual, que passava por ter uma profissão: “Me hizo saber que ser mujer no era un limitante, simplemente una característica. Eso influyó mucho en mi desarrollo.”<sup>1083</sup> Com essa perspectiva crítica, integrou-se a militância.

Ao recuperar sua trajetória, Astorga lembrou sua primeira experiência política ao aderir ao “Aguerismo”, em 1967, trabalhando na campanha eleitoral de Fernando Aguero, candidato de oposição ao Somoza naquele ano. Com medo da repressão, seus pais a enviaram para estudar nos EUA, o que, segundo ela, interferiu em suas convicções pessoais ao se deparar com a desigualdade naquele país. Posteriormente, estudou direito na *Universidad Católica* da Nicarágua e na Itália. Em 1969, na Universidade, começou a colaborar com a FSLN e a ler literatura política indicada pelos militantes da Frente, adquirindo maior convicção do sandinismo como alternativa, integrando-se ao movimento estudantil. Nesse período, atuou cedendo sua casa para reuniões, como correio e transportando companheiros. Em 1970, quando se casou com um então colaborador da luta antissomozista – ela não cita seu nome – ele buscou colocar limites em sua participação política, o que dificultou sua integração orgânica, que se deu apenas após sua separação, em 1975. Ela considerou esse período como uma época marcada por conflitos entre suas intenções em mudar o mundo, ser militante e a sua realidade de classe média pequeno-burguesa. Por isso, romper com o casamento significou, para ela, romper com “[...] todo un mundo. [...] Me obligué a enfrentarme con mi propia realidad, como mujer, como profesional, y como ente político.”<sup>1084</sup>

Na década de 1970, Astorga tinha uma ampla cobertura social para suas ações, propiciadas por sua condição de gênero-raça-classe. Com essas características, somadas ao fato de advogar e chefiar o RH de uma das maiores construtoras do país, ela circulava livremente em ambientes políticos somozistas, convivendo com ministros do governo e membros da GN. No contexto de fins da década de 1970, preparando-se para a “ofensiva final”, Astorga, assim como a direção da Frente, souberam usar seus privilégios a favor da luta insurrecional, como ficou registrado em um comunicado da FSLN, após a ação de março de 1978:

Nora Astorga de Jenkins, 32 años, madre de dos hijos, abogada, fue un elemento decisivo en la celada que el Frente Sandinista tendió al General Reynaldo Pérez Vega

---

1083 Nora Astorga *apud* RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaragüense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 169.

1084 Ibidem, p. 171-172.



con la intención de secuestrarlo. Pérez Vega, jefe del Estado mayor presidencial de la Guardia Nacional de Nicaragua, tenía una gran debilidad: las mujeres. La señora de Jenkins fingió aceptar las propuestas galantes del general y lo invitó a su casa del barrio Altamira de Managua, la noche del 8 de marzo. Allí lo estaban esperando los comandos del Frente.<sup>1085</sup>

Sua aproximação com “Perro” se deu por demandas da construtora, oportunidade que ela comunicou à direção da Frente. Como ele era conhecido por não respeitar e por assediar as mulheres, ela aproveitou o momento visto por ele como de “fraqueza”, após o seu divórcio, passando a vê-la como “presa fácil”: “Cuando vino mi divorcio, cuando el supo que yo ya estaba divorciada, como el clásico machista latinoamericano, dijo: ‘esta mujer es presa fácil’. Y empezó con una política agresiva de enamoramiento.”<sup>1086</sup> Nessa situação, ela percebeu que teria condição de atraí-lo para um suposto encontro amoroso/sexual, aproveitando da forma como o machismo operava na sociedade em que vivia. O plano inicial era sequestrá-lo para trocá-lo por presos políticos, conforme afirmou Astorga e ficou registrado no comunicado da FSLN, publicado no mesmo 8 de março de 1978:

El ajusticiamiento de Pérez Vega fue un acto de justicia revolucionaria, en momentos en que nuestro pueblo sigue siendo masacrado en las calles por fuerzas represivas, dirigidas y organizadas como si se tratara de un ejército de ocupación, que golpea, hiere y asesina a nuestro pueblo sin ninguna misericordia. [...] Casualmente, Nora Astorga trabajaba en Asovip, una gran empresa de construcción, en la cual el general tenía intereses. Hacía meses él le hacía propuestas galantes a la compañera y las instrucciones que se le dieron fueron que lo mantuviera esperanzado. [...] Nora le dijo entonces que aceptaba, que lo estaba esperando, que viniera sin escolta y que había mandado sus hijos donde unos familiares. [...] Cuando el general entró, los muchachos se le echaron encima. El empezó a gritar y a llamar a su chofer. Trató de sacar la pistola. La compañera se le guindó para impedirlo y los muchachos tuvieron que golpearlo con las culatas. En ese momento, afuera, su chofer arrancó. Eso cambió todo porque podía comunicarse con la Seguridad y no podíamos arriesgarnos. Tuvimos que eliminarlo. [...] Este es el primer acto de ese tipo que hace el Frente. Consideramos que ese tipo de cosas tiene que ver con la etapa preinsurreccional que vive Nicaragua.<sup>1087</sup>

Astorga reforçou a narrativa da Frente no depoimento registrado por Randall, acrescentando que, apesar do apoio que teve para a realização da ação, se sentiu exposta como mulher, suscetível a violência de “Perro”:

---

1085 El ajusticiamiento del general Pérez. “Un operativo de justicia”. *Comunicado da FSLN* em 8 de março de 1978. Disponível em: < [https://cedema.org/digital\\_items/3130](https://cedema.org/digital_items/3130) > Acesso: 1 de março de 2025.

1086 Nora Astorga *apud* RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaragüense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 173.

1087 El ajusticiamiento del general Pérez. “Un operativo de justicia”. *Comunicado da FSLN* em 8 de março de 1978.

[...] pensaba en lo que pudo haberme hecho, y en lo que había hecho indudablemente muchas veces con mujeres tal vez necesitadas – ya sea por dinero o por la libertad de un pariente u otro tipo de favor. Él manipulaba mucho ese tipo de cosa: chantajeaba sexualmente a las mujeres para darles favores. Era uno de sus métodos preferidos.<sup>1088</sup>

A partir daí ela teve que se integrar a luta clandestina. Realizou um curso militar na *Frente Norte*, passou um tempo exilada e, posteriormente, ainda em 1978, somou-se na *Frente Sur*, onde foi responsável política por quatro esquadrões, combatendo e dirigindo a luta armada. Astorga demonstrou consciência de que, ao participar de uma ação dessa envergadura, lidaria com uma ruptura radical em sua vida, incluindo o afastamento de suas duas filhas. Mas, segundo afirmou em seu testemunho, sua intenção de contribuir com a FSLN envolvia, justamente, um compromisso com o futuro de suas filhas, para o qual estava disposta a renunciar a sua vida confortável: “Porque consideraba que de esa forma yo iba a coadyuvar en darles a ellas un mundo mejor. A ellas y a todos los demás niños. Para mí fue una decisión afectivamente dolorosa – por lo de las niñas, sobre todo – pero la tomé con mucha serenidad.”<sup>1089</sup> Duas questões recorrentes aparecem aqui: a compreensão da participação na revolução como parte do compromisso materno; o trabalho de cuidados com os/as filhos/as a cargo de outras mulheres.

Entre o exílio e a vida na montanha, Astorga se envolveu com um “compañero sandinista”. Em um contexto de guerra, em que as relações pessoais eram mais intensas, engravidou de seu terceiro filho. Ao registrar esse acontecimento, ela foi questionada por Randall a respeito da condição da mulher no contexto da guerrilha. Astorga reivindicava uma relação de igualdade entre os “sexos” em um ambiente onde, segundo ela, as diferenças – não apenas de gênero, mas também de classe, profissão e outras – eram superadas. Todos e todas estariam submetidos à identidade de “companheiro/a” e à lógica de solidariedade que organizava as relações sociais naquele contexto.

Fue interesante para nosotras, las mujeres, en el Frente Sur. Uno de repente no era abogada, no era profesional, no era – en la mayoría de los casos – mujer u hombre. Una de las cosas más interesantes, y para una mujer, sobre todo, porque raramente te sucedía en otra situación, era ser compañero nada más. En el entrenamiento esperaban exactamente lo mismo de nosotras que de los hombres. En el combate igual. Pero, digamos, en labores así, normales: cargar algo de un lugar a otro, y así, los compañeros siempre tuvieron un poco de atenciones para con nosotras. No implicaba un menosprecio en cuanto a nuestra calidad de mujeres. Es más, creo que las mujeres que

---

1088 Nora Astorga *apud* RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaragüense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 176.

1089 Ibidem, p. 174.

estuvimos en el Frente Sur fuimos apreciadas y aceptadas como compañeros por todos.<sup>1090</sup>

Nesse discurso, ao mesmo tempo que defende a ausência de desigualdade de gênero na guerrilha, naturaliza ações que reafirmam a diferença física/biológica. Aprofundando nesse ponto, conforme conduziu Randall, ela destacou que o espaço que alcançaram era fruto da contribuição cotidiana das mulheres, que demonstraram na prática, há séculos, o compromisso e capacidade que tinham com o processo de libertação nacional,

La mujer nicaragüense es un ser que siente muchísimo lo que pasa a su alrededor. Nunca ha sido un ser apático. A pesar de que en muchas ocasiones no participaba, siempre fue bien receptiva. Y hay algo más: ella ama entrañablemente a sus hijos. A sus hijos y a la gente. Es decir, nuestra mujer es bien afectiva, y eso mismo muchas veces la lleva a entrar sentimentalmente a comprometerse con algo. Por una vez metida, va creciendo.<sup>1091</sup>

No sentido do sacrifício e da mobilização pela maternidade, Astorga, mesmo grávida, manteve suas tarefas cotidianas na montanha, com exceção de atividades fisicamente desgastantes. Mas, mesmo com sua disposição em mostrar que a gravidez não interferia em suas capacidades, com seis meses de gravidez, teve que se deslocar para Manágua. Ela resistiu a esse encaminhamento, reivindicando o direito de permanecer no acampamento, contudo, foi convencida pela possibilidade de comprometer todo o grupo, caso tivesse alguma complicação ou não conseguisse se deslocar com a velocidade necessária. Na cidade, Astorga ficou responsável pelo manejo do dinheiro e pelo abastecimento da *Frente Sur*.

Apesar da excepcionalidade de Nora Astorga, Randall buscou registrar experiências menos reconhecidas das mulheres na luta armada. Por isso, analisamos outros testemunhos contidos em *Todas estamos despiertas* (1980). Socorro Sirias, conhecida como La China, estava grávida de seu segundo filho e era responsável político-militar pela região onde vivia. Foi uma jovem que, também grávida de sua primeira filha durante a guerra, assumiu o deslocamento de 40 companheiros/as pelas montanhas. Com uma caminhada de catorze horas, em seu depoimento, ela assumiu que pensou que abortaria, diante do esforço físico, ao mesmo tempo em que reafirmou o sacrifício das mulheres nicaraguenses, ao assegurar que não pensara em desistir. Esta caminhada liderada por ela aconteceu em abril de 1979, conhecida como “retirada táctica de Estelí”. Na ocasião, La China conduziu, para um local de segurança, um grupo de

---

1090 Ibidem, p. 178.

1091 Ibidem, p. 179.

peessoas feridas e não-militantes, ou seja, sujeitos que não estavam acostumado/as com as condições impostas pela guerrilha.

Foram as “pessoas comuns”, que não pertenciam a “vanguarda revolucionária” que, segundo seu relato, foram machistas e indisciplinados: “Lo duro en esa situación, como te digo, fue que hubo hombres que no eran militantes y que no tenían la costumbre de reconocer la autoridad tanto del hombre como de la mujer.”<sup>1092</sup> Reforçava, assim, a ideia de vanguarda, sustentada também na diferença do nível de consciência em que conviveram os/as militantes orgânicos/as e a sociedade. Tendo considerado que, os primeiros tinham avançado e eram poucos os que questionavam a autoridade das mulheres: “El militante ya había superado esos prejuicios dentro de la Organización.”<sup>1093</sup> Porém, nós devemos observar essa afirmação de La China desde seu compromisso com a Frente, o que dificultaria que ela expressasse qualquer crítica a *Organización*.

Na reportagem intitulada *Las compas de verde olivo*, publicada no jornal *En Rojo* em 1980<sup>1094</sup>. Margaret Randall reuniu entrevistas e fotografias que retratavam as militantes sandinistas como “guerrilheiras heroicas”, reforçando essa imagem por meio de símbolos como a boina, o uniforme verde-oliva e o rifle em punho. Muitas delas, no entanto, também carregavam uma lixa de unha ou um batom no bolso do uniforme, usavam uma cruz no pescoço ou seguravam um bebê nos braços enquanto amamentavam – elementos que evidenciam a complexidade e a multiplicidade da figura da sandinista, situada entre os mundos da guerra, da fé e da vida cotidiana. Explorando o estereótipo do “guerrilheiro heroico” como ideal de sujeito revolucionário, Randall buscou evidenciar as sandinistas inseridas nesse imaginário, a fim de destacar o nível de integração feminina no processo insurrecional nicaraguense. No capítulo homônimo do livro *Todas estamos despiertas* (1980), Randall colocou como epígrafe uma estrofe da música de Carlos Mejía Godoy, em que apresentou a guerrilheira sandinista como aquela que colocava o compromisso com o povo em primeiro lugar em detrimento dos interesses românticos, rompendo com o padrão histórico de comportamento. Nessa música a “mulher de verdade” era a combatente, não a dona de casa restrita ao lar.

---

1092 RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaragüense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 31.

1093 Ibidem, p. 31.

1094 RANDALL, Margaret. *Las compas de verde olivo*. *Jornal En Rojo*, julho de 1980, p. 2-5. Não identificamos o local de publicação.

Randall contrastou a realidade das nicaraguenses com as cubanas, sendo que as primeiras teriam atuado como soldadas e se envolvido na luta armada com certa naturalidade, aproximando-as das lutadoras vietnamitas. Com os testemunhos desta reportagem, Randall reforçava que essas mulheres não eram exceções, não estavam restritas as destacadas dirigentes revolucionárias, não eram excepcionais, eram “mujeres jóvenes de la ciudad y del campo para quienes la forma lógica de participar ha sido su incorporación a las fuerzas armadas del pueblo”<sup>1095</sup>. Após 1979, a maioria delas foi incorporada ao *Ejército Popular Sandinista*.

Ana Julia Guido foi selecionada por Randall como representante da genuína guerrilheira que atuava, após a vitória sandinista, na área de *Seguridad Personal*, com a guarda dos dirigentes da revolução. Integrante da FSLN desde 1973, quando tinha catorze anos, foi descrita por Randall como fisicamente forte, característica condizente com sua origem camponesa. Para ela, “tomar sus fuziles” foi parte constitutiva de sua atuação como militante, na qual se envolveu devido ao contexto de extrema pobreza em que vivia, revolta potencializada pelas mortes causadas pela *Guardia Nacional* somozista, em especial os assassinatos de Ricardo Morales Avilés e Jonathán González em 1973. Antes de terminar o ensino básico já identificava uma inquietação diante das desigualdades no campo, na produção, na economia, na educação, realidade que percebia em seu cotidiano. Além disso, sua integração teve influência de seu pai, que tinha vínculos estreitos com a FSLN, o que fez com que sua casa vivesse repleta de militantes clandestinos, se reunindo ou se escondendo, inserindo-se, desde criança, nesse ambiente e nos debates políticos da época. Iniciou sua contribuição direta atuando nos bairros, comprando itens de sobrevivência que eram distribuídos na clandestinidade e como correio. Ou seja, em atividades organizativas e de logística, assumindo uma crescente. Em determinado momento - não disse qual ano -, participou de uma ação de assalto a um banco, o que a levou a clandestinidade na guerrilha rural.

Para ela, a vida na montanha foi uma experiência tão marcante que estava registrada em seu corpo, nas manchas deixadas pela “lepra de montaña”.<sup>1096</sup> Na guerrilha, conheceu a *comandante guerrillera* Monica Baltodano que, naquela época, segundo Ana Julia Guido era a única no local em que se integrou. Ali, Guido participou de um curso de formação ministrado por Tomás Borge - um dos fundadores da FSLN - onde estudaram questões políticas, militares,

---

1095 Ibidem, p. 2.

1096 A referência a essa doença comum nos/as guerrilheiros/as é recorrente, se tratando de um tipo de Leishmaniose, conforme cartilha do Ministério da Saúde da Nicarágua, disponível em: < <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-593070>>

culturais e de enfermagem/primeiros socorros, processo em que afirmou ter se formado guerrilheira. Posteriormente, o grupo se dividiu: uma parte permaneceu na montanha, enquanto outros colegas foram destacados para o trabalho urbano, com as organizações das massas nos bairros e no movimento estudantil clandestino. Em seu depoimento ela afirmou que não se sentiu desrespeitada naquele ambiente da luta armada, reafirmando o que disseram outras guerrilheiras daquele espaço como o de solidariedade: “[...] todo eso que decían la gente del hombre y la mujer en la guerrilla, al contrario, hubo una solidaridad inmensa.”<sup>1097</sup> A diferença com os homens era que se armava com equipamentos mais leves, para ter mais agilidade de ação.

Mesmo assim, Ana Julia Guido relatou que, inicialmente, enfrentou dificuldades para se adaptar fisicamente à vida na guerrilha – apesar de sua força, destacada por Randall. Essas dificuldades estavam relacionadas à rotina exaustiva de longas caminhadas e à restrição alimentar. No entanto, esses desafios foram superados em poucos meses, à medida que ela se aclimatava. Ao longo dos dois anos em que permaneceu na guerrilha, alcançou uma relativa estabilidade em suas condições físicas: “Se necesita de un poco de adaptación, nada más. Unos seis meses para que no sientas tanto las lluvias, el hambre, las caminatas. Lo más duro son las caminatas: avanzar días y días con poca comida.”<sup>1098</sup> Seu primeiro combate foi descrito como um momento desesperador e pânico com os tiros ao seu redor, encontrando conforto na solidariedade entre aqueles que estavam ao seu lado. Dentre seu desempenho na luta armada, Randall acrescentou que ela chegou a cobrir a retirada de sua coluna durante um combate, após o comandante Carlos Agüero ter sido morto, salvando a vida de seus companheiros/as.

Esse combate se deu em 1977 e a levou à prisão, junto com parte de seu grupo. Ela era a única mulher entre cinco homens, que havia ficado na retaguarda. Esteve detida por cerca de oito meses, momento em que relatou ter sido duramente interrogada, período que considerou como o mais difícil de sua trajetória, pois, além das violências, restrições, isolamento e péssimas condições materiais, sentia que não estava colaborando com a luta de seu povo da maneira devida. Apesar disso, foi libertada em 1978, a tempo de participar nas últimas batalhas antes da vitória. Na reta final, Guido contribuiu como “[...] responsable de toda la retaguardia que se

---

1097 RANDALL, Margaret. Las compas de verde olivo. *Jornal En Rojo*, Manágua, 4 a 10 de julho de 1980, p.2

1098 Ana Julia Guido *apud* RANDALL, Margaret. Las compas de verde olivo. *Jornal En Rojo*, Manágua, 4 a 10 de julho de 1980, p. 2.

esperaba por Honduras: un área que comprendía parte de los departamentos de León, Chinandega y Estelí.”<sup>1099</sup>

Exercendo suas funções de liderança, afirmou não ter tido sua autoridade questionada diretamente pelos seus subordinados, ao mesmo tempo em que identificou certos desconfortos de alguns homens em obedecer a suas ordens, identificando casos de insubordinação masculina, questão sobre a qual não deu centralidade. Quanto a isso, buscou demonstrar como utilizou esses momentos de conflitos para fazer a disputa sobre os papéis tradicionais de gênero e as transformações que o cotidiano da luta insurrecional possibilitava, enfrentando a situação no diálogo, reivindicando a legitimidade coletiva do lugar que ocupava: “Tuve que hablar con ellos, pues, acerca de eso, para que se dieran cuenta de que la participación de la mujer en la lucha la habíamos ganado, que nosotras mismas ganamos nuestro lugar y que eso había que entenderlo. Realmente puedo decir que los problemas eran mínimos.”<sup>1100</sup>

Yaosca, codinome utilizado por Marlene Chavarría Ruis, era uma combatente de dezenove anos, entrevistada por Randall na mesma reportagem do jornal *En Rojo*. Após a vitória sandinista, ela passou a trabalhar como responsável pela comunicação do *Estado Mayor del Ejército* na fronteira norte, em uma casa de campo que foi expropriada de um latifundiário estadunidense expulso do país. Ela participou de ações armadas durante o período insurrecional, como o assalto ao *Plantel de Carreteras de Ducualí*. Após a vitória da revolução, já no dia 20 de julho de 1979, passou a atuar diretamente com mulheres, sendo designada como responsável por um pelotão feminino em Estelí. Em sua experiência, a vivência no exército era marcada pelo machismo, exigindo dela uma constante reafirmação de que não era um mero objeto masculino, mas sim uma sujeita ativa — uma revolucionária.

Sua trajetória, assim como a de Ana Julia Guido, foi marcada pela dedicação a luta por libertação nacional, pela qual renunciou a sua formação educacional para se integrar às fileiras armadas da FSLN. Atuava Frente desde 1977, devido à influência de um tio que a envolveu em trabalhos de logística e correio. Posteriormente, com o acirramento da luta política e o aumento da repressão, se viu forçada a atuar na clandestinidade. Seus pais, apesar de serem sandinistas, tentaram evitar seu envolvimento político com a *Organización*, pelo medo da repressão e de

---

1099 RANDALL, Margaret. Las compas de verde olivo. *Jornal En Rojo*, Manágua, 4 a 10 de julho de 1980, p. 2.

1100 Ibidem, p. 3.

que fosse assassinada, motivo pelo qual ela não compartilhava com eles o nível e responsabilidade de sua atuação.

Na clandestinidade Yaosca integrou a guerrilha rural, no acampamento dirigido por Omar Cabezas, onde recebeu treinamento militar e foi condecorada como “número 1” da escola militar. Ela não registrou dificuldades físicas com o treinamento e a vida na montanha, o que justificava em suas características de camponesa, mulheres fortes, acostumadas com o trabalho e a vida dura no campo – o que difere da experiência de Guido, que também era camponesa: “Siempre la mujer campesina tiene condiciones físicas. Yo realmente no puedo decir que sentí dura la montaña”<sup>1101</sup> Reafirmando a definição do ambiente da montanha como de solidariedade, argumentou que ali se sentia confortável com suas escolhas de vida. Assim como outras sandinistas, inclusive Ana Julia Guido, Yaosca relatou ter sido a única mulher no acampamento guerrilheiro em que esteve. Essa condição a levou a reivindicar um tratamento sem distinções, exigindo ser vista e tratada com igualdade em relação aos seus companheiros homens. Randall complementou a narrativa de Yaosca, acrescentando que apesar dela ter sido a primeira mulher dessa escola militar/acampamento, posteriormente, outras três mulheres foram incorporadas na etapa final da luta insurrecional. Essa realidade demonstra a permanência da desigualdade na incorporação feminina na luta armada, mesmo diante da excepcionalidade da experiência sandinista. Como vimos, muito desta massiva participação se deu nos anos finais da insurreição, o que demonstra o longo caminho percorrido pelas mulheres para alcançar o reconhecimento de suas capacidades, até atingirem os 30% da guerrilha sandinista.

O espaço da guerrilha, mais do que lugar de treinamento militar e ação de guerra, era de trabalho político e de conscientização de camponeses/as, ressaltando a realidade da exploração a qual estavam submetidos/as. Nesse contexto, a atuação feminina era recebida com mais resistência do que a masculina, causando espanto e questionamentos, como o motivo de terem abandonado suas mães, questionavam se não tinham medo, se preocupavam com o manejo das “necessidades femininas” - especialmente a menstruação. Percebemos nesses questionamentos a forma como era arraigada os estereótipos de gênero e como as guerrilheiras rompiam com esse imaginário. Yaosca percebeu esses momentos como ideais para a aproximação com as camponesas, abordando o tema da realidade e do cotidiano feminino: “entonces yo les explicaba que la mujer también era explotada y que nosotros buscábamos una mejor vida para la mujer

---

1101 Ibidem, p. 3.



también.”<sup>1102</sup> Como no caso do uso das aulas de costura, era a identidade comum, baseada no sexo e no gênero, que as aproximavam.

A guerrilha era também lugar de sociabilidades, de vida cotidiana. Yaosca, por exemplo, se apaixonou e se casou com um companheiro, segundo ela, sem resistência de outros membros ou da direção da FSLN, com uma cerimônia realizada na montanha. Essa prática, divergia da experiência cubana, que tinha uma maior rigidez em se tratando de relações pessoais e amorosas<sup>1103</sup>. O seu casamento foi celebrado por outros membros da guerrilha, que saudaram o casal em formação de guerra e, posteriormente, comemoraram com uma refeição de melhor qualidade do que a que comiam no dia a dia. Essa visão expressa por Yaosca, das relações pessoais no interior das guerrilhas, pode ser contestada na historiografia. Para Matilde Zimmermann,

A FSLN clandestina tinha suas convenções particulares sobre o papel das mulheres, algumas relacionadas a medidas de segurança. As que ficavam nos aparelhos deviam usar calças compridas, não saias, e dormir de botas, para poder escapar prontamente, se necessário. As regras da clandestinidade exigiam que as militantes cortassem os laços com pais e filhos e com maridos e amantes que não pertencessem às fileiras da FSLN, embora os líderes da organização às vezes desobedecessem a tais regras. Prevalecia um código puritano de comportamento, dirigido basicamente contra os homens sandinistas do tipo conquistadores, mas que também podia ser árduo para as mulheres engajadas. Quando um homem e uma mulher, ambos membros da FSLN, queriam viver juntos, exigia-se que pedissem autorização de seu superior na organização.<sup>1104</sup>

Assim, Zimmermann apresentou contradições que não foram apontadas nos depoimentos colhidos por Randall. Ou que ao menos não foram transcritos por ela no material que tivemos acesso. Ambas as opções podem ser compreendidas a partir do compromisso que tanto as entrevistadas, quanto a entrevistadora, tinham com a FSLN e o governo recém-instalado em 1979. Randall acrescentou ao relato de Yaosca que ela teve uma filha durante a guerra, compatibilizando a gravidez e a maternidade com sua participação política e militar na guerrilha, mesmo quando “recém-parida”. O nome que deu a sua filha foi Yaosca, uma homenagem a seu “nome de guerra”. La China, Ana Julia Guido e Yaosca nos apresentam uma outra versão da maternidade sandinista, gestada na gravidez, dotada de um sentido revolucionário, complementar e integrado a atuação política das nicaraguenses.

---

1102 RANDALL, Margaret. Las compas de verde olivo. *Jornal En Rojo*, Manágua, 4 a 10 de julho de 1980, p. 4.

1103 CHASE, Michelle. *Revolution within the revolution*. Women and gender in Cuba, 1952-1962. The University of North Carolina Press, 2015.

1104 ZIMMERMANN, Matilde. *A Revolução Nicaraguense*. São Paulo: Editora UNESP, 2006, p. 56.

As entrevistas do artigo e capítulo do livro *Las compas verde olivo*, foram realizadas no complexo militar *Germán Pomares*, onde Randall inseriu relatos de uma conversa que teve com oficiais da Escola Militar *Carlos Aguero*, a respeito da situação da mulher no *Ejército de Paz*. Esse diálogo foi motivado por sua busca em compreender a diferença de tratamento sobre a participação feminina após o triunfo, resultado das disputas em contexto de instabilidade e de institucionalização, das diferenças entre o que era socialmente aceito em um contexto de guerra ou de paz. Após a vitória, iniciaram o treinamento de homens e mulheres na mesma unidade militar, o que gerou questionamento de alguns militares e levou a uma separação dos batalhões por sexo.

Essa solução foi inicialmente tratada como transitória, sob a justificativa de que era necessário “acalmar os ânimos” das tropas, até que houvesse um nivelamento disciplinar entre os soldados. Mudança que seria viabilizada por um trabalho de consciência e costumes, para que os recrutas passassem a respeitar as mulheres como soldadas, assim como eles. Afirmaram que essa separação ocorria, não por limites das capacidades femininas, mas devido as “falhas dos homens”. Segundo um dos chefes da unidade, muitos nunca tinham combatido com mulheres, eram jovens e tinham dificuldade de considerá-las como combatentes em um nível de igualdade. Essa percepção vai na contramão do que Randall buscou demonstrar a respeito dos avanços de consciência da juventude nicaraguense. Também percebemos, então, que enquanto estavam em guerra, as mulheres descreveram a guerrilha e seu ambiente militar, como local de solidariedade, o que conflituava diretamente com o que aconteceu depois, um certo isolamento de suas contribuições nesse sentido. Para Randall, apesar da manutenção do número de mulheres envolvidas na defesa nacional, essa prática de divisão de soldados e de limitação da atuação feminina no exército em “tempos de paz”, era contradita ao papel feminino na guerra, que fora crucial para a derrota do somozismo.

A fim de compreender esse contexto, Randall apresentou, como contrapartida, um grupo de mulheres que, diante das dificuldades em tratar com os homens, tomou a iniciativa de fundar sua própria companhia armada feminina. Randall visitou e entrevistou o local em que estava o primeiro agrupamento deste tipo, a Companhia de Infantaria *Juana Elena Mendoza*, que contava com 130 mulheres, cuja responsável era Rosa Adelina Barahona, ou Margarita, de 20 anos. A subchefe era María Elisa Navas, ou Magdalena, de 17 anos. Rosa Adelina era de uma família de sete irmãos, em que todos foram integrados a luta pela libertação nacional, além de ter tido vinte primos combatentes. Considerava que toda sua família estava organizada de alguma forma. Ela tinha saído de um colégio religioso – como recorrente - diretamente para

integração na luta armada na guerrilha, em uma escola militar que levava o nome de seu avô, *Juan Gregorio Colindres*, ex-combatente do exército de Sandino.

Elas buscavam “[...] salirle al paso a cualquier tendencia machista dentro del Ejército Popular Sandinista (EPS), y seguir ahondando en esta nueva tradición de mujeres organizadas.”<sup>1105</sup> Retrataram a tomada de consciência feminina, compreenderam o momento de necessidade em que tinham sido integradas à guerrilha e como viveram a contradições da transição do exército revolucionário para a formação do exército regular, após a vitória de 1979. Para María Elisa, a companhia feminina visava, justamente provar a capacidade das mulheres, responder ao desejo que tinham de ser plenamente integradas ao exército, de ocupar um lugar relevante na reconstrução do país. Pois, como afirmou por Rosa Adelina, elas tinham passado por muitos questionamentos sobre suas capacidades, no momento de formação do exército em tempos de paz. Nesse contexto, houve aqueles que defenderam que as mulheres eram delicadas e, conseqüentemente, inaptas ao serviço militar, impondo antigos estereótipos de gênero sobre elas, enquanto elas demandavam o reconhecimento como iguais.

Randall também entrevistou duas integrantes da Companhia de Infantaria *Juana Elena Mendoza*. Juana Galo tinha dezenove anos, era de uma família de trabalhadores/as. Se integrou inicialmente ao *Movimiento Estudiantil de Secundaria* em 1976, posteriormente ao *Movimiento Pueblo Unido* e, por fim, em 1978, à *Juventud Revolucionária Nicaraguense* e à *Juventud Sandinista*. Segundo Randall, com uma integração crescente ao ambiente militar, ela se destacou por suas capacidades de combate, entre homens e mulheres. Na *Juventud*, trabalhou com propaganda; com produção de bombas; com costura de bandeiras da FSLN; com conscientização política. Em 1979, participou do assalto ao Instituto Agrário e do trabalho político através dos *Comités de Defensa Civil*, onde era encarregada das finanças e da propaganda, tomando os bairros com trincheiras e barricadas, na insurreição final do mesmo ano. Quando o responsável pelo território onde atuava morreu em combate, Juana Galo se tornou encarregada por três zonas de batalha, verificando as clínicas de primeiros socorros e acompanhando a situação das trincheiras. Sua coluna contava com cento e vinte cinco mulheres combatentes. Posteriormente, foi enviada a Jinotepe para assumir o quartel local. Após julho de 1979, ela seguiu investindo em sua carreira militar, fez curso de chefe de esquadrão, de pelotão e, no momento da entrevista, fazia treinamento para chefiar companhia e batalhão: “Me encanta

---

1105 RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaragüense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 193.

la vida del ejército. Estando aquí yo apporto lo más que tengo para nuestro proceso, para el pueblo, pues, que es el que todo merece. [...] Hasta que me muera, seré de mi pueblo.”<sup>1106</sup>

Assim, a trajetória de Galo na luta armada nos mostra como algumas mulheres puderam construir uma carreira no serviço militar.

Conforme registrado por Randall, as mulheres eram a maioria dos/as instrutores militares, chegando a 93%, além de chefiarem a Escola Militar, através do trabalho de Adela Tapa Rosa, que havia atuado na guerrilha como “jefe de pieza de un mortero 82”<sup>1107</sup> e ao lado dos “compañeros radistas”. Com a vitória, continuou no exército. Apesar de argumentar que não tinha sido subestimada por ser mulher, alcançando oportunidades na direção militar, ela afirmou que:

Quizás sea producto, si se quiere, de la misma educación tradicional que nosotras las mujeres hemos recibido, que hace que no todas las compañeras alcancen el nivel deseado en esta circunstancia. La educación de los compañeros también falla en este sentido. Y sin embargo sabemos que el papel de la mujer dentro del ejército es fundamental, y es esto, precisamente, lo que determinará nuestros pasos en un futuro. Aquí tenemos mujeres con cargos de mucha responsabilidad.<sup>1108</sup>

Assim, podemos concluir que, apesar da integração das mulheres na luta armada sandinista, realidade apresentada Randall por meio da trajetória de várias mulheres, essa realidade foi atravessada por conflitos e contradições que partiam das categorias de gênero, raça e classe. Essa incorporação se deu em uma crescente, resultado do trabalho desempenhado por elas ao longo do tempo. Como retratado por Ana Julia Guido, havia poucas mulheres na guerrilha rural, realidade que se alterou a partir do momento em que as campesinas foram se incorporando à luta insurrecional, principalmente a partir da segunda metade da década de 1970.

A juventude se destacava quando se trata da presença de mulheres e de mudança nos costumes. Randall, artigo e capítulo homônimo *Las compas de verde-olivo*, mostrou, através dos depoimentos dos/as “sandinistas”, jovens militantes entre doze e catorze anos, “filhos e filhas” de um “momento histórico”, expressaram um comportamento geracional que representava a expectativa que se tinha com o futuro. Essa presença de pessoas com idade tão

---

1106 Juana Galo *apud* RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaragüense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 200.

1107 Armamento soviético de tiro longo, parecido com um canhão.

1108 Adela Tapa Rosa *apud* RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaragüense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 200-201.

reduzida na luta armada, posteriormente se tornou um problema para a Frente, mas em princípio da década de 1980, era usado como argumento para o sucesso do processo revolucionário<sup>1109</sup>.

Nesses testemunhos, percebemos como os/as jovens renunciaram a educação formal para se integrarem ao exército; lidaram com a integração feminina nos diversos espaços da revolução como algo mais natural; assumiram para si a função de, como filhos/as, orientar os pais e mães a respeito da necessidade da luta política e da participação feminina nesse processo. Essa foi a visão de parte da juventude sandinista apontada por Randall. No geral, concordavam que as mudanças em suas vidas, advindas com a revolução, tinham impactado suas relações pessoais, resultando em um amadurecimento coletivo. Argumentaram que, após 1979, havia mais igualdade de gênero, que “antes el hombre era el que mandaba, casi siempre. Ahora la novia opina, ambos opinam...”<sup>1110</sup> Como o processo nicaraguense era protagonizado pela juventude, foi compreendido como contexto ideal para avanços nessa igualdade de gênero e libertação feminina.

Como já observamos - no capítulo 5 e no presente capítulo -, muitas se indignaram com a condição do povo nicaraguense a partir de seus colégios religiosos, da prática da caridade cristã. Ou seja, vínculo da Revolução Sandinista com a Igreja Católica, através dos colégios de freiras e do *Movimiento Cristiano*, foi relevante na trajetória das mulheres que participaram do processo revolucionário nicaraguense. Muitas tiveram seu ingresso na política e na luta armada, propiciados por essa relação. Margaret Randall, em 1983, realizou uma série de entrevistas para a publicação de seu livro *Cristianos en la revolución. Del testimonio a la lucha*, publicado em 1985. Para a análise, selecionamos algumas trajetórias de mulheres que viveram na ilha de Solentiname, onde o então padre e poeta Ernesto Cardenal fundou uma comunidade cristã, artística e revolucionária entre 1966 e 1977, assim como daquelas envolvidas na comunidade eclesial de base fundada por Uriel Molina, na comunidade de Rigüero<sup>1111</sup>.

---

1109 Como afirmamos em nossa dissertação de mestrado (2019, p. 74): com a falta de alistamento necessário em 1983, a partir da determinação do Serviço Militar Patriótico, em 1983, a FSLN recorreu “[...] ao recrutamento de jovens com idade menor que a legal. [...] atingindo fortemente a juventude da classe trabalhadora e do campo, gerando insatisfação popular [...] Para muitos, esse é considerado um dos principais motivos para a derrota dos sandinistas nas eleições de 1990.” Ver: KRUIJT, Dirk. *Guerrilla: guerra y paz en Centroamérica*. Guatemala: F&G Editores, 2009 e ZIMMERMAN, Matilde. *A Revolução Nicaraguense*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

1110 Sandinistas *apud* RANDALL, Margaret. Las compas de verde olivo. *Jornal En Rojo*, Manágua, 4 a 10 de julho de 1980, p. 5.

1111 “O padre Uriel Molina, pároco dos bairros operários cada vez mais extensos do setor leste de Manágua, ofereceu abrigo para os rebeldes clandestinos e rezou para que não houvesse conflitos entre o cristianismo e a revolução armada. [...] Ernesto Cardenal, padre e poeta, fundou uma comunidade religiosa e artística no final dos anos 1960 em Solentiname, um pequeno grupo de ilhas na Região Sul da Nicarágua, perto da cidade de Granada.” ZIMMERMAN, Matilde. *A Revolução Nicaraguense*. São Paulo: Editora UNESP, 2006, p. 70-71.

As mulheres foram proibidas de viver em Solentiname, durante muito tempo, mas algumas daquelas que eram originárias da ilha, tiveram um cotidiano vinculado ao que se realizava nessa comunidade eclesiástica. Olivia Silva foi uma camponesa, nascida e criada no arquipélago, mãe de dois filhos que se envolveram diretamente com o projeto de Cardenal. Ela contribuía na organização, limpeza e alimentação dos religiosos. Após a vitória, Silvia se mudou para Manágua e trabalhou nas oficinas de pintura criadas pelo Ministério da Cultura dirigido pelo mesmo Cardenal. Natalia Siqueira, “comadre” de Olivia, era considerada a médica local, porque tratava das necessidades de saúde de diversas pessoas do arquipélago utilizando de conhecimentos ancestrais sobre ervas naturais, além de parcas recomendações e recursos médicos. Ela era mãe de Elvis, que se envolveu com o projeto de Cardenal e perdeu sua vida no confronto armado do quartel de *San Carlos*<sup>1112</sup>. Para Randall, elas eram: “Madres, ambas, de la pátria que cayó para renacer.”<sup>1113</sup> Em Solentiname, também entrevistou a nicaraguense Nubia Arcia, esposa de Alejandro Guevara, filho de Olivia Silva, que contribuiu com tarefas administrativas e organizativas locais<sup>1114</sup>.

Olivia Silvia ressaltou como em uma comunidade pobre, tradicional, rural, sem acesso a saúde e a educação, a solidariedade era a regra, principalmente entre as mulheres que cuidavam entre si das crianças, trocavam alimentos, acompanhavam umas as outras na hora do parto, ou seja, garantiam a sobrevivência suas, de suas famílias e da comunidade como um todo:

Como era un lugar sin vicio las mujeres allá ni fumábamos ni conocíamos licor. La mujer sólo se entregaba a su pobreza y a su trabajo cotidiano. Había mucho compañerismo. La que tenía un poquito de alimento le ayudaba a la otra que tal vez del todo no tenía. En la misma pobreza, en la misma marginación: así éramos muchos.<sup>1115</sup>

Os tradicionais papéis de gênero eram, segundo Silvia, reproduzidos pelas próprias mulheres na criação de seus filhos. Para Natalia Sequeira, para quem a chegada de Cardenal

---

1112 Parte da ofensiva final coordenada pelos terceiristas em 1977, “[...] en Solentiname y Río San Juan, se iban organizando y entrenando compañeros que formarían el primer núcleo del Frente Sur Benjamín Zeledón. En la madrugada del 13 de octubre de 1977 [...] atacaron el cuartel de San Carlos en el sur de Nicaragua, tomándolo por asalto y dominando a la guarnición después de dos horas de combate. La Guardia Nacional sufrió 25 bajas, en esta acción del FSLN cayeron como héroes los compañeros Elvis Chavarría, Donald Guevara, Roberto Pichardo, Ernesto Medrano y William Torres.” MORENO, José Gerardo. A 47 años de la Gesta Histórica de Octubre Victorioso. *Revista Soberanía*. No.15, Año 2, outubro de 2024, p. 11-19.

1113 Olivia Silvia *apud* RANDALL, Margaret. *Cristianos em la revolución*. Del testimonio a la lucha. Buenos Aires: Editorial Nueva America, 1985, p. 18.

1114 Também entrevistou a colombiana Teresita Builes, esposa de William Aguadelo, que provocou uma mudança na característica “monástica” da comunidade quando foi viver na ilha, onde tiveram três filhos.

1115 Ibidem, p. 34.

significou novas possibilidades de vida, as mulheres, por serem muito religiosas, logo se envolveram com a dinâmica cotidiana da comunidade que se estabeleceu ali. Aos poucos elas se integraram aos debates religiosos e políticos que aconteciam ali, se apropriaram da crítica à ditadura somozista e da necessidade de luta para superação da desigualdade que assolava a Nicarágua. As discussões e interpretações da Bíblia que compartilhavam – posteriormente sistematizadas por Cardenal no livro *El Evangelio en Solentiname* (1976) –, fez com que percebessem a realidade à qual estavam submetidas e as dotaram de desejo de transformação. Assumiram uma postura de resistência a “ritos falsos” de uma “religião alienante” imposta pela Igreja, por isso, segundo Olivia, para elas não foi difícil compreender a revolução: “Yo antes estudiaba la Biblia con mi hija mayor, y entendíamos las cosas diferentes de como decían los sacerdotes. Pero cuando Ernesto llegó yo miré que entendíamos mejor la Biblia. Y entendíamos la revolución.”<sup>1116</sup>

Com o tempo, passaram a ter contato com diversas literaturas políticas: escritos de Fidel, um livro sobre a mulher cubana – que acreditamos ser o livro de Randall, *La mujer cubana ahora* (1972) –, todos lidos e discutidos junto com salmos e passagens bíblicas, intercalando leituras políticas com religiosas, de modo que se complementassem para interpretação do mundo. Sobre essa questão Siquiera considerava que, apesar de sua criação tradicional, que não permitia que ela se manifestasse em público, esse ambiente era receptivo com a fala das mulheres. No grupo de jovens, formado para estudarem o evangelho, muitas pessoas mais velhas não se identificaram com aquela nova forma de viver a religiosidade. Silvia destacou como que, dentre as pessoas que permaneceram, a maior parte era de mulheres e, assim, percebia a maior abertura e potencial de radicalidade feminina: “[...] por lo que dialogábamos nosotros, íbamos viendo el cambio. Viendo la injusticia de los ricos, lo dialogábamos a través de la Biblia, la injusticia de la guardia, las matanzas, los crímenes que se cometían.”<sup>1117</sup>

Cardenal também organizou *talleres* em Solentiname, nos quais as mulheres aprenderam diversas habilidades, como bordar, pintar e escrever poesia, o que, em alguns casos, se tornou uma fonte de renda para aquelas que antes não tinham acesso a nenhuma remuneração. No processo de envolvimento de mulheres na comunidade, e de superação de suas características mais rígidas de monastério, a aproximação com a Frente foi determinante. Segundo Cardenal, ele recebeu orientação para reunir homens e mulheres para participarem do

---

<sup>1116</sup> Idem.

<sup>1117</sup> Ibidem, p. 60.

ataque ao quartel *San Carlos* em 1977. Em seu depoimento, ele reforçou que a FSLN o orientou a recrutar aquelas mulheres dispostas a pegar em armas, a aproximar as camponesas das “questões políticas”. Contudo, relatou ter tido dificuldades em mobilizá-las, justamente pelo afastamento histórico do espaço público e da política, ao qual haviam sido submetidas:

Muchachas, no había muchachas donde escoger. Por su condición de muchachas campesinas, muchas eran apáticas, desinteresadas de toda cosa política, con la excepción de unas pocas. Entonces a Alejandro se le ocurrieron dos de sus hermanas, y su novia. Las dos hermanas de él y su novia fueron las que participaron con los muchachos.<sup>1118</sup>

A visão de Ernesto Cardenal, que apontava dificuldades na integração das mulheres da zona rural à luta revolucionária, entra em conflito com outros relatos que destacam a participação ativa das camponesas na guerrilha. Apesar disso, Nubia e Gloria foram duas dessas mulheres mobilizadas para a luta armada na região. Segundo Nubia, nenhuma mulher se queixava do treinamento militar, no qual não havia distinção nas atividades atribuídas: eram tratadas como combatentes, “igual que el varón”. Contudo, ao discorrer sobre o assalto ao quartel, Nubia fez uma ressalva a esse respeito: teve que se impor para que lhe designassem um rifle com maior capacidade militar. Esse apontamento demonstra uma desigualdade de tratamento entre homens e mulheres, mesmo que não tenha sido admitido por ela. Durante o fracasso da ação, foram as mulheres do povoado de *San Carlos* que disseram para que fugissem, após o responsável pelo comando fugir sem organizar a retirada das tropas. Nubia, como era do povoado e conhecia o caminho pelo rio, levou os/as sobreviventes. Fugiram até a Costa Rica, onde viveram por um tempo com Olivia Silvia em sua casa de segurança, local de circulação de muitos/as exilados/as.

Segundo Silvia, ali ela desempenhou diversas funções, desde as mais tradicionais, vinculadas aos cuidados, até outras mais operativas, como correio. Como seis de seus filhos e seus sobrinhos participaram do assalto ao quartel de *San Carlos* em 1977, o medo da repressão levou-a ao país vizinho. Mas, como outras mães nicaraguenses, ela não condenava o envolvimento de seus filhos, considerava como uma escolha justa, argumentando que a revolução e a religião estavam entranhadas, o que: “para mí, la revolución y la religión van a la par. Para mí son dos cosas iguales, jamás desigual, la revolución de la religión.”<sup>1119</sup>

---

1118 Ernesto Cardenal *apud* RANDALL, Margaret. *Cristianos em la revolución*. Del testimonio a la lucha. Buenos Aires: Editorial Nueva America, 1985, p. 65.

1119 Ibidem, p. 103.



Na segunda parte do livro, intitulada *La comunidad universitaria de Rigüero*, contou com a participação ativa de mulheres, dentre as quais Margaret Randall registrou os relatos da estudante Antonia Cortés, que permaneceu fazendo trabalho de base na mesma paróquia, após a vitória em 1979; da estudante Socorro Guerrero López, apelidada de Coco, uma reconhecida tenente do Exército Popular Sandinista; da freira estadunidense Irmã María Hartman, da congregação de Santa Inês, integrante da Comissão Nicaraguense de Promoção e Proteção dos Direitos Humanos; da *comandante guerrillera* Mónica Baltodano; da militante sandinista Martha Isabel Cranshaw.

Ao reconhecer que a pobreza do povo nicaraguense era uma questão estrutural — e não algo que pudesse ser resolvido apenas por meio da caridade —, Irmã María passou, a partir de 1970, a mobilizar outras religiosas. Conversou com madres superiores e buscou engajar irmãs de diferentes comunidades, com o objetivo de ampliar o trabalho pastoral junto aos bairros populares. Nesse processo, ela conheceu o padre Molina e sua forma alternativa de estudar a Bíblia, que partia da realidade local, com potencial de conscientizar os/as jovens. Para Irmã María, aqueles/as que eram realmente cristãos/ãs, tinham que estar ao lado do justo e, por isso, poderiam ser integrados na luta, motivo pelo qual, em seu depoimento, ela reforçou o quão extraordinário foi o que aconteceu no interior da Igreja na América Latina, através das CEBs e da Teologia da Libertação.

Ela relatou que organizaram marchas em que foram duramente reprimidos/as pela *Guardia*, mas também onde as mulheres demonstraram sua bravura, se impuseram contra essa violência. O resultado da repressão era mais mobilização, mais motivos para continuarem trabalhando pela libertação nacional, “el sufrimiento también era parte de aquello, y la determinación de hacer algo.”<sup>1120</sup> Quando a juventude começou a “desaparecer”, as irmãs passaram a arrecadar dinheiro para tirá-los/as da prisão, momento em que seu envolvimento com a Frente assumiu uma crescente. Se de início era uma colaboradora responsável por conseguir medicamentos, aos poucos ela passou a transportar militantes clandestinos, armas, formou grupos de estudos, encontrou casas de segurança. Nessa dinâmica, destacou os esforços generificados da participação na luta política: os homens colocavam em risco seus empregos, e as mulheres enfrentavam seus maridos.

---

1120 Irmã María *apud* RANDALL, Margaret. *Cristianos em la revolución*. Del testimonio a la lucha. Buenos Aires: Editorial Nueva America, 1985, p. 149.

Outra religiosa foi entrevistada por Randall no livro *Todas estamos despiertas*. A Irmã Marta era uma freira do Colégio Santa Teresita, em Matagalpa, que tinha apoiado os/as sandinistas. Além disso, segundo Randall, ela tinha nascido no mesmo dia que a “heroína sandinista Doris Tijerino”, da qual tinha sido colega de escola na educação básica. Irmã Marta considerava Tijerino como uma amiga e como um exemplo, uma inspiração: “[...] una de las compañeritas que encendió en nosotros ese ardor por la patria, ese amor por los oprimidos.”<sup>1121</sup> Ao mesmo tempo, não se identificava com a luta armada e foi convencida, junto com outras colegas, pelo bispo Carderón y Padilla, de que a luta armada era “lugar de homem”, e que elas poderiam contribuir a partir da atuação como religiosas. Com esse discurso, podemos perceber como o “lugar de mulher” seguia vinculado a ideia de cuidado, de bondade, de carinho, características do trabalho de caridade desenvolvido por grupos religiosos.

Nesse conflito, sobre uma definição de como contribuiria para a transformação de seu país, Irmã Marta resolveu combinar suas duas inquietudes: a luta pelo oprimido desde a política e sua posição cristã, influenciada pelo bispo de Matagalpa que “[...] me dijo que siendo religiosa yo podía luchar también como Doris María: ella en el campo de batalla y yo en la vida religiosa.”<sup>1122</sup> Assim, em um primeiro momento ela não via contradição entre o socialismo e uma vida religiosa, pelo contrário, defendia as ideias socialistas como parte da religião libertadora defendida por Jesus Cristo. Defendia não uma igreja conformista, mas uma Igreja que estivesse ao lado do povo, construindo sua própria história, em que deveriam trabalhar com a revolução, em consonância com o debate da época, feito entre os/as adeptos/as da Teologia da Libertação, por meio das CEBs e das “igrejas populares”.

Na luta insurrecional, Irmã Martha atuou, junto com sua comunidade religiosa, como mediadora entre militantes e o governo somozista; manteve contato com guerrilheiros/as, acompanhando as condições de luta, preocupada em melhorar a capacidade sandinista de enfrentamento através de armamento e da formação bélica. Em 1977, receosas de que a *Guardia* provocasse um massacre, diante do que consideravam um despreparo material dos insurrectos, se integrou a *Cruz Roja*, a fim de obter mais informações sobre as armas que entravam na Nicarágua. Nesse cenário, “[...] formamos una Comisión mediadora: el monseñor Obando y Bravo, el doctor Amador Kud [presidente da Cruz Roja e agora ministro da Saúde Pública], la

---

1121 Irmã Marta *apud* RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaragüense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 204.

1122 Ibidem, p. 205.

madre Pilar y yo, y conseguimos una tregua con el comandante de la Guardia.”<sup>1123</sup> Apesar da GN não ter obedecido a trégua estabelecida, as freiras foram em cada comando revolucionário para ajudar na retirada tática. Além disso, transportou clandestinos/as disfarçados/as de religiosos/as, os/as escondiam em suas casas, no convento e na escola. Segundo seu registro, ao todo enviaram 150 jovens para casas de segurança em comunidades cristãs.

Devido a sua atuação, Irmã Marta passou a ser perseguida pela GN, que chegou a ameaça-la de morte. Além disso, começaram a acusar o Colégio Santa Teresita de reunir grupos de “comunistas marxistas”. Apesar dessas investidas, em seu testemunho afirmou não ter sentido medo, e ter estado o tempo todo disposta a permanecer ao lado da juventude que se rebelava. Assim, chegou a organizar uma outra comissão mediadora, em Estelí, para onde levaram alimentos aos que se refugiavam no colégio cristão da cidade. Diante do acirramento da repressão, foi considerada um “instrumento do comunismo internacional”, momento em que se viu obrigada a partir para o exílio na Costa Rica, em 1978, junto com o padre Julio.

Com roupas comuns, sem os hábitos religiosos, passaram despercebidos pelos soldados somozistas. Da Costa Rica, ela se dedicou ao trabalho de relações-públicas, denunciando a violência da ditadura somozista e promovendo a insurreição popular. Depois, em Honduras, estabeleceu contato com a FSLN através da *Juventud Cristiana Progresista*, trabalhando com solidariedade internacional, arrecadando dinheiro, doações de sangue, dentre outras necessidades. Nesse país, também recebeu orientações do comandante Henry Ruiz, para uma tarefa que, segundo ela, salvou a vida de muitos companheiros, reafirmado sua contribuição<sup>1124</sup>. De toda forma, desde o exílio, permaneceu convivendo com seu sentimento de que fazia pouco, desejando estar ao lado de seu povo naquela reta final.

Questionada por Randall a respeito da participação da mulher na revolução, Irmã Martha afirmou que considerava a sociedade nicaraguense muito machista, que seguia vendo a mulher como objeto de exploração sexual, submetida ao marido, confinada na casa, responsável pelos trabalhos domésticos. Com a revolução, segundo ela, a mulher viu a possibilidade de libertar seu povo, mas também a si mesma enquanto mulher, o processo insurrecional se colocou como uma oportunidade de mudança da condição feminina, explorada em uma sociedade machista. Acreditava que “la Revolución es una tabla de salvación para la liberación de la mujer.”<sup>1125</sup>

---

1123 Ibidem, p. 208.

1124 Ela não explicou qual teria sido essa ação mencionada.

1125 Irmã Marta *apud* RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaragüense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 212.

Usava o exemplo de Maria como portadora de uma mensagem de libertação e a comparava com Doris Tijerino, como registrou em um discurso que proferiu em 1983, transcrito por Randall:

...María no es la mujer acaramelada y mojigata que a veces tratan de pintarnos los cristianos reaccionarios. Ella a sus 15 años – al igual que DORIS MARÍA TIJERINO – supo ser parte activa y dinámica en la liberación y en la historia de su pueblo. [...] Por eso, ante este nuevo amanecer lleno de grandes esperanzas y responsabilidades cristianas y revolucionarias, las mujeres nicaragüenses debemos seguir la senda heroica que comenzó María de Nazaret y Doris María de Matagalpa. Sólo nos queda una alternativa: SER UJERES DE ESPERANZA PARA CONSOLIDAR NUESTRA REVOLUCIÓN.<sup>1126</sup>

Depois da vitória sandinista em 1979, Irmã Martha retornou para Nicarágua e continuou atuando politicamente através de seminários políticos cristãos, buscando disputar a consciência da juventude, um trabalho permanente, uma batalha “no totalmente ganada”, mas sim uma construção diária da revolução, que demandava sacrifícios e um compromisso incondicional. Além disso, trabalhava com a AMNLAE, “[...] predicando sobre todo entre mujeres de tradición religiosa en quienes la contrarrevolución encontraba un caldo de cultivo propicio para sembrar miedos y mentiras.”<sup>1127</sup>

Mulheres em vestimentas civis, hábitos religiosos ou uniformes verde-oliva somaram-se à luta revolucionária desde distintos espaços, inclusive a partir da religião. Neste trabalho, buscamos demonstrar como, entre a década de 1960 e meados de 1980, a participação feminina na Revolução Sandinista atravessou diferentes fases. Inicialmente excluídas nos anos 1960, algumas mulheres conseguiram conquistar espaço na guerrilha rural, destacando-se como militantes. A partir de meados da década de 1970, mudanças estratégicas na Frente Sandinista, bem como transformações no comportamento do povo nicaraguense, manifesto em uma maior integração à luta insurrecional, favoreceram uma ampliação da presença feminina. Na reta final a participação feminina tornou-se massiva. Já em 1980, vivenciaram um novo desafio: o contexto da reconstrução nacional, marcado pela persistência do machismo e da estrutura patriarcal na sociedade nicaraguense.

De toda forma, as mulheres continuaram sendo minoria numérica, especialmente dos postos de poder, apesar da reconhecida contribuição que deram para a derrubada do regime somozista. Importante nos atentarmos aqui, mais uma vez, que essas entrevistas, realizadas logo após a vitória sandinista, refletem uma euforia com a vitória, uma expectativa com o futuro e

---

<sup>1126</sup> Ibidem, p.214-215. Grifos da autora.

<sup>1127</sup> Ibidem, p. 214.

um compromisso com a FSLN e o processo insurrecional. Nesse cenário, as falas das militantes carregavam grande responsabilidade, o que nos convida a refletir sobre a ausência de críticas mais explícitas à atuação dos militantes da Frente nos depoimentos. Assim como Daisy Zamora e Nora Astorga, outras mulheres sandinistas contribuíram a partir de suas formações profissionais, inserções de classe e raça, bem como de suas identidades religiosas. Para compreender a pluralidade dessas formas de participação, destacamos a seguir o papel das poetisas — figuras centrais em um país marcado por forte tradição poética.

## **6.2 Escritoras e revolucionárias: ¿sentarme a escribir una novela o irme a un batallón de reserva?**

Ao longo de 1983, Randall realizou uma série de entrevistas com escritoras e escritores nicaraguenses, publicadas no jornal da FSLN, *Barricada*. Esse trabalho foi feito por sugestão de Rosario Murillo, então editora do suplemento literário do jornal, *Ventana*. Algumas entrevistas saíram em *El Nuevo Amanecer Cultural*, suplemento cultural do jornal independente *El Nuevo Diario*. Esses registros foram também compilados em inglês no livro *Risking a somersault in the air. Conversation with Nicaraguan writers*, publicado pela editora estadunidense *Solidarity Publications*, em 1984, com objetivo de colocar os depoimentos em circulação internacional. Nesse livro, Randall transcreveu as perguntas feitas para as poetisas, então podemos notar como ela buscou traçar a relação que estabeleceram entre a identidade de escritora e de revolucionária, em busca da melhor forma de contribuir na etapa de reconstrução nacional em que se encontravam na década de 1980.

O vínculo entre a militância sandinista e a escrita — especialmente a poesia — era profundamente enraizado na cultura de um país que consagrou o poeta Rubén Darío como herói nacional. Na Nicarágua, a poesia ocupava um lugar central na formação identitária, e a própria revolução foi em parte conduzida por poetisas, como Ernesto Cardenal, além das mulheres cujos testemunhos Margaret Randall transcreveu, revelando como a expressão literária também era uma forma de engajamento político.<sup>1128</sup> Além disso, como vimos no capítulo 3, a cultura, através da oralidade, se configurou como importante instrumento de construção da nova sociedade, dos novos costumes idealizados para a sociedade sandinista e revolucionária. Na fabricação dessa “nova voz poética” que emergia do processo revolucionário, Randall

---

<sup>1128</sup> Desenvolvemos essa discussão em nossa dissertação de mestrado defendida em 2019 na UFF, intitulada *Hasta que seamos libres: feminismo e revolução sandinista nas obras de Gioconda Belli (1972-1993)*.

representou a contribuição feminina através de Michele Najlis, Vidaluz Meneses, Gioconda Belli, Daisy Zamora, Rosario Murillo, Ana Ilce Gómez, Maríantonía Henríquez e Olivia Silva, no jornal *Barricada*. No livro, ela acrescentou a entrevista com Milagros Palma e não traduziu para o inglês os depoimentos das quatro últimas mencionadas. Não sabemos a justificativa da seleção feita e não encontramos os testemunhos de Murillo, Gómez, Henríquez e Silva nos arquivos consultados. Em sua seleção, separou-as por categorias, definidas segundo sua própria opinião, baseando-se no trabalho desempenhado por cada uma delas: Belli encontrava-se entre as melhores escritoras em língua espanhola da época; Najlis, Meneses e Zamora eram, primeiramente, escritoras e, em segundo lugar, “arquitetas da nova sociedade”. Sobre Palma, ela não incluiu em nenhuma categoria e, pelo teor de sua entrevista, não a mencionamos no presente trabalho.

Segundo Randall, essas mulheres tinham adquirido uma força social inédita no país, resultado do novo papel social feminino, conquistado e assumido ao longo do processo revolucionário. Fazendo de sua escrita uma arma da revolução, homens e mulheres artistas iam com as brigadas de defesa para as fronteiras do país, onde permaneciam os conflitos armados. Cada brigada contava com ao menos dois/duas poetas, um/a fotógrafo/a, um/a pintor/a, um pequeno grupo de dança folclórica, músicos, artistas de circo. Em meados de 1980, com a ofensiva contrarrevolucionária, era importante que escritores/as e artistas, ao lado de companheiros e companheiras, mantivessem a revolução viva, preservassem a paz, eram os/as poetas da guerrilha, sujeitos de uma experiência inédita.

Vidaluz Meneses<sup>1129</sup> era de família de classe média. Seu pai era General da *Guardia Nacional* somozista e embaixador da Nicarágua na Guatemala. Por sua relação com ele, por não conseguir odiá-lo, Meneses considerava que sentia mais pesar do que ódio ao inimigo somozista. De início, foi educada em um colégio religioso onde, através da educação cristã e voltada para obras de caridade, identificou o despertar de sua indignação com a desigualdade social no país. Depois, estudou no colégio de classe alta “La Asunción”, junto com Michele Najlis, onde depois esteve Martha Cranshaw. Em Najlis, Meneses identificava a síntese entre religião, revolução e poesia. Já ela mesma, manifestou viver um conflito entre sua relação com Deus e sua identificação com a revolução, o que afirmou ter sido resolvido com o Concílio do Vaticano II (1962-1965) e a possibilidade do movimento social cristão se comprometer com a

---

1129 Entrevista também publicada em: RANDALL, Margaret. Conversando con Vidaluz Meneses. La revolución: no podemos hablar de ella en tercera persona... *Jornal Ventana. Barricada Cultural*. Vol.III, N.117. Manágua, Nicarágua. Maio 1983, p. 6-7; 14.

causa da revolução: “Cuando me liberé de ese conflicto, y me sentí absolutamente segura en mi opción revolucionaria, la poesía también me sirvió con mucho más claridad para manifestar ya esa transformación, esa convicción.”<sup>1130</sup>

A partir dessa mudança, expressa em seu comportamento e em sua poesia, seu envolvimento direto com a revolução se deu, inicialmente, através do mapeamento de casas de segurança. Atuou diretamente na tomada da sede da ONU em 1978, junto com mulheres que organizavam atos em defesa dos/as presos/as políticos e desaparecidos/as. Identificando os padrões do patriarcado, Meneses afirmou que o fato de ser casada facilitou para que sua família, simpatizante de Somoza, em especialmente seu pai, não a impedissem de atuar politicamente. Nos costumes patriarcais, como ela era casada, era responsabilidade de outro homem, seu marido: “[...] mi padre, con su esquema propio de esa sociedad, consideraba a mi marido como mi ‘responsable inmediato’, y si él me permitía esas cosas, pues él lo más que podía hacer era recomendarle; alguna vez le dijo que tuviera cuidado.”<sup>1131</sup>

Vidaluz Meneses foi descrita por Randall como mulher, poeta, irmã, trabalhadora, revolucionária, cristã, bibliotecária, uma mãe que vivera o paradoxo da separação dos filhos pela revolução, uma “mujer de límpida mirada y amores imposibles”. Após o triunfo sandinista, junto com Ernesto Cardenal e Daysi Zamora, fundou o Ministério da Cultura. Apesar disso, optou por atuar como bibliotecária e deixar a escrita em segundo plano, em função de um trabalho prático: “[...] ahora lo que hay que hacer es reconstruir este país que está en el suelo, y mi carrera yo la escogí por una cuestión de servir, por la necesidad de servir al pueblo, una carrera técnica: bibliotecaria.”<sup>1132</sup> Apesar da frustração em se distanciar da escrita, compreendia que tinham exigências maiores, um compromisso com gerações futuras. Para isso, defendia a organização de brigadas voluntárias nas zonas de combates nas fronteiras. Acreditava que a revolução não deveria ser “na terceira pessoa”, não deveria se subordinar a questões individuais, como via a produção intelectual. Nesse sentido, seriam “la generación sacrificada”, apesar de seguirem representando a literatura da Nicarágua.

Ao invés da produção literária individual, ela propunha que fossem as ruas ler, escrever, publicar e compartilhar a literatura com o povo. Ler para as milícia, para os doentes, para os

---

1130 Vidaluz Meneses *apud* RANDALL, Margaret. Conversando con Vidaluz Meneses. La revolución: no podemos hablar de ella en tercera persona... *Jornal Ventana. Barricada Cultural*. Vol.III, N.117. Manágua, Nicarágua. Maio 1983, p. 6.

1131 Ibidem, p. 7.

1132 Idem.

mais velhos, democratizar a cultura. Deveriam dar um outro sentido para o/a escritor/a revolucionário/a, aprofundando o papel do/a intelectual moderno que, após o caso Dreyfus (1898), passara a interferir na esfera pública, “[...] defendendo uma causa, o que implicou em ação e compromisso. Portando, esses intelectuais engajaram-se em uma causa moral, por via de uma ação política”, como explicou Adriane Vidal Costa.<sup>1133</sup>

Michele Najlis,<sup>1134</sup> colega de escola de Vidaluz Meneses, foi descrita por Randall como poeta, crítica, mulher, mãe, uma pessoa surpreendente, “cuya presencia evoca la leyenda y la cotidianidad”. Randall contrastava a Najlis poeta, que conhecera na década de 1960 quando era editora de *El Corno Emplumado*, com a imagem que tinha naquele momento, mais de dez anos depois: não era mais uma mulher de classe média, assumira uma postura de militante, que expressava sua identidade guerrilheira através de sua roupa verde-oliva e uma atitude que transmitia força. Em 1983, ela era responsável de *Inmigración* do novo governo instaurado em 1979, tinha trabalhado na *Dirección de Medios* do MINT e como jornalista no *El nuevo diario*. Antes de assumir seus postos oficiais, ela chegou a trabalhar na *Radio Sandino*, transmitindo notícias sobre os/as militantes sobreviventes. Em 1981, ela foi integrada à *Brigada Omar Torrijos*, uma experiência de treinamento militar que considerou importante, pois demonstrou a capacidade de contribuição e compromisso de intelectuais com a revolução,

Depois de dez dias suando, vomitando, desmaiando e se levantando, um dia o instrutor militar finalmente nos disse: “Apenas os trabalhadores e camponeses vão conseguir... e alguns intelectuais que realmente abraçaram a causa do proletariado.” Eu acho que essa frase foi um grande motivo de orgulho para os 32 camaradas que tinham se juntado à brigada. Nós sentimos que finalmente tínhamos ganhado o respeito daquele camarada, o respeito de alguém que nós mesmos respeitávamos tanto.<sup>1135</sup>

Nos últimos anos antes do triunfo, Najlis esteve exilada na Costa Rica, onde manteve contatos na Universidade e com intelectuais, o que, para ela, significou uma lacuna em seu envolvimento político, provocando um sentimento de que perdera uma parte da história: “una

---

1133 COSTA, Adriane Vidal. *Intelectuais, política e literatura na América Latina*. O debate sobre revolução e socialismo em Cortázar, García Marques e Vargas Llosa (1958-2005). São Paulo: Alameda, 2013, p. 39.

1134 Entrevista também publicada em: RANDALL, Margaret. Conversando con Michele Najlis. Atreverse a dar un salto mortal en el aire... *Jornal Ventana. Barricada Cultural*. Vol.III, N.115. Manágua, Nicarágua. Maio 1983, p. 5-6.

1135 “After ten days of sweating, vomiting, falling down and getting up, one day this guy [the military instructor] finally told us: ‘Only the workers and peasants will make it... and a few intellectuals who embrace the causes of the proletariat.’ I think that frase was a great source of pride to the thirty-two comrades who had joined the brigade. We felt we had finally gained that comrade’s respect, the respect of someone we ourselves respected so much.” Michelle Najlis *apud* RANDALL, Margaret. *Risking a somersault in the air. Conversation with Nicaraguan writers*. São Francisco: Solidarity Publications, 1984, p. 114. Tradução nossa.



etapa que uno quisiera vivir pero que por una serie de circunstancias le tocó quedarse en la retaguardia.”<sup>1136</sup> Quando retornou para Nicarágua, após a vitória de 1979, sentia necessidade de participar e contribuir diretamente com a revolução em curso, por isso, a poesia também ficou em segundo plano em sua vida. Na euforia da vitória, a individualidade, a autorrealização, eram deixadas de lado. Frente ao trabalho solitária da escritora, sentia a necessidade de contribuir coletivamente naquela etapa da revolução.

Em seu depoimento, Najilis afirmou que chegou a sentir inveja de trabalhadores braçais, porque podiam, com suas próprias mãos, produzir bens materiais de necessidade imediata do povo – o que aproxima da ideia de trabalho prático expressado por Vidaluz Meneses. Já o papel intelectual, apesar de considerarem sua relevância para a revolução, remetia a um processo de longo prazo, de reformulação da história oficial, de disputa de consciência, de formação política. Essa necessidade de afirmação da contribuição da/o intelectual, foi encarada por ela como uma crise de identidade vivida por escritores/as, principalmente em um contexto em que eram oriundos/as das camadas médias da população, o que fazia com que se sentissem ainda mais à margem da linha de frente da revolução. A esse respeito, Najlis afirmou: “Nos es más difícil encontrar cuál es nuestro lugar dentro de la Revolución a los escritores que a los demás artistas [...] porque uno mismo se queda pensando a veces: bueno, qué es lo que debo hacer: ¿sentarme a escribir una novela o irme a un batallón de reserva?”<sup>1137</sup> Ao mesmo tempo, considerava que a revolução tinha mudado a condição do escritor/a ao reconhecer sua função como algo socialmente útil, dotando-a de um maior sentimento de responsabilidade.

Essa crise, sobre como poderia de fato contribuir com a revolução, não era exclusiva da trajetória de Najilis, mas era aprofundada por seu gênero. Por ser uma mulher, poeta, de classe alta, considerava que tinham que fazer um esforço a mais para se identificar com as causas do povo, para romper com os estereótipos com os quais fora socializada, para renunciar a seus privilégios e a sua vida confortável. Essa mudança seria um resultado não apenas individual, mas de um grupo social, de gerações, configurando-se como um desafio que deveriam enfrentar naquele momento histórico de libertação de toda humanidade, para transformar o futuro das gerações seguintes, o que incluía ressignificar o papel da mulher:

[...] en el caso de una mujer que provenga de capas medias, que posiblemente hayamos tenido muchos elementos en la vida para identificarnos con la burguesía, que

---

1136 Michele Najlis *apud* RANDALL, Margaret. Conversando con Michele Najlis. Atreverse a dar un salto mortal en el aire... *Jornal Ventana. Barricada Cultural*. Vol.III, N.115. Manágua, Nicarágua. Maio 1983, p. 5.

1137 Ibidem, p. 6.

a pesar de eso andamos haciendo lo imposible para identificarnos con el proletariado, con el campesino, con los sectores revolucionarios, allí los problemas que se plantean son cosas serias. Ya se trata de encontrar una identidad, no sólo como escritora, no sólo como revolucionaria, sino además como mujer, de romper con una serie de lazos fatales por así decir, que se heredaban de generación en generación de mujeres hasta el presente, y de tratar de romper con esa cadena no sólo para hacer felices a nosotras sino para hacer felices a las hijas que vienen detrás, es una cosa bien interesante y bien difícil. Yo creo que es un reto que tenemos las mujeres por delante, y que nos hace comprender aquello de veras que la revolución proletaria va a significar no sólo la liberación como obreros, sino la liberación de toda la humanidad. Y eso implica a la mujer como mujer...<sup>1138</sup>

Segundo Randall, os livros de Najilis apresentam uma poesia sobre sentimentos femininos, o que a poeta contestou ao afirmar que buscava romper certos estereótipos a partir de sua escrita: “[...] pero femenino de veras, no femenino de mujercita frágil para poder ser femenina, sino esse sentimento de bienestar, de sentirse florecida...”<sup>1139</sup> Sobre essa discussão, da função social e política do/a escritor/a na revolução, outra entrevistada de Randall para o livro *Risking a somersault in the air* (1983), a poeta revolucionária Gioconda Belli,<sup>1140</sup> optou por caminhos divergentes ao de Vidaluz Meneses e Michele Najilis. Apesar disso, destacando a importância da função intelectual, ela também considerava aquele momento da revolução, de reconstrução nacional e de enfrentamento a investida contrarrevolucionária, exigia que deixassem a escrita em segundo plano, fazendo de seu trabalho físico, burocrático ou institucional, “o melhor poema que poderia escrever”.

Belli, no momento da entrevista concedida a Randall, afirmou que a “ação concreta” era fundamental naquele momento pós-vitória, em detrimento do “trabalho intelectual”. Na década de 1980, Belli contribuía em diversas outras tarefas políticas, priorizando a construção cotidiana da revolução: “[...] el poema más urgente que necesitábamos escribir todos los nicaragüenses, para poder construir una sociedad justa, para poder crear las bases materiales, las nuevas relaciones de producción que permitieran que surgiera un ‘hombre nuevo’, una ‘mujer nueva’.”<sup>1141</sup> Em 1983, ela era responsável pela *Unidad de Propaganda Exterior* (UPEX). A autora nasceu e cresceu em uma família da classe média alta antissomozista, teve uma formação profissional na Europa e nos Estados Unidos, foi recrutada para a FSLN em 1970 por Camilo Ortega. Assim como diversas outras entrevistadas, Belli também teve referência em sua

---

1138 Idem.

1139 Ibidem, p. 5.

1140 Entrevista também publicada em: RANDALL, Margaret. Entrevista a Gioconda Belli. “...la decision de hacer de mi trabajo el mejor poema que yo pueda escribir”. *Jornal Ventana. Barricada Cultural*. Vol.III, N.122. Manágua, Nicaragua. Julho 1983, p. 11-12.

1141 Idem.

educação cristã e baseada na caridade católica, que despertou sua indignação frente a desigualdade social e a miséria em que vivia grande parte do povo da Nicaragua.

Em seu encontro com a luta política, se deparou com sua voz poética, deu outro sentido a sua existência, descobriu o “verdadeiro sentido da vida”, conheceu outros tipos de pessoas, viveu outras experiências e sentiu vontade de escrever: “[...] fue cantar al gozo de estar viva, de sentirme feliz de ser mujer, de vivir en un tiempo donde estaban pasando cosas que auguraban un tiempo nuevo.”<sup>1142</sup> Para ela, o assombro da sociedade nicaraguense com sua poesia, que rompia os padrões de gênero ao falar sobre o corpo e desejos sexuais femininos, ganhando o título de “poesia erótica”, era uma grande hipocrisia, visto que os homens estavam falando sobre os mesmos assuntos havia séculos. Ressaltou como o que dizia era escandaloso apenas por ser uma mulher, porque rompia com “programações ancestrais”:

[...] que una mujer se atreviera a hablar de su cuerpo y de su sensualidad y, cuando empecé a sentir los efectos del escándalo, al oír los comentarios que se hacían, me di cuenta de que había tocado una ‘zona sagrada’ en una sociedad donde era ‘inmoral’ hablar del amor físico, pero no era inmoral la miseria, la prostitución, el crimen con que los que se escandalizaban convivían tranquilamente.<sup>1143</sup>

Rompendo com os estereótipos de sua classe e de seu gênero, enfrentando os desafios assinalados por Najlis a respeito da integração revolucionária da mulher de classe alta e poeta, Belli considerava a desconstrução de seus valores burgueses como um esforço contínuo. Era o que proporcionava o seu desenvolvimento enquanto ser humano, um ser social que só poderia ser transformado ao se dedicar a um processo de mudança social amplo.

Antes do terremoto de 1972, ela trabalhou como correio para René Nuñez e Eduardo Contreras, deixou de publicar poesia polêmica para não chamar atenção da mídia e da repressão somozista. Ao mesmo tempo, compreendeu que podia usar sua condição social para circular em ambientes do regime de Somoza para coletar informações, semelhante a postura adotada por Nora Astorga. Em 1973, foi identificada como colaboradora da FSLN pela *Seguridad Somozista*, o que lhe deu mais ímpeto de participar, ao mesmo tempo em que sentia medo por suas filhas. Após participar do planejamento da ação de sequestro do embaixador estadunidense, em 1974, partiu para o exílio, ficando a maior parte do tempo na Costa Rica.

---

1142 Ibidem, p. 12.

1143 Idem.

No exterior, usou de sua condição de intelectual e poeta para denunciar o que ocorria na Nicarágua e promover a revolução, trabalho que ganhou outra dimensão após vencer o prêmio de poesia da *Casa de las Américas*, em 1978. Desse momento em diante, ela passou a compreender que “[...] ser poeta también podía ser un arma en la lucha y que era una responsabilidad lograr una calidad que permitiera motivar, transmitir.”<sup>1144</sup> Como afirmou a historiadora Cláudia Gilman, após a Revolução Cubana o “intelectual de esquerda” ganhou espaço concomitante a marginalização do “intelectual reaccionário”, processo sobre o qual desempenhou um papel importante a destacada instituição cultural *Casa de las América*, “centro revolucionário de la cultura latino-americana”<sup>1145</sup>. Assim, os/as “intelectuais progressistas” passaram a ser importantes agentes de transformação social.

Daisy Zamora, outra das poetisas entrevistadas por Randall, já foi apresentada no capítulo 5. Ao descrevê-la para *Risking a somersault in the air*, Randall observou como ela reproduzia, em seu comportamento e imagem, a identidade de uma mulher de classe média, preocupada com sua aparência e seus modos, transmitindo elegância. Para Zamora não havia contradição entre ser poeta e revolucionária, pois compreendia que ser poeta era menos sobre escrever e publicar, e mais sobre a forma de ver e sentir o mundo. Naquele momento, em que estavam constantemente aprendendo durante o fazer revolucionário, acreditava que deveriam definir prioridades. Ao adquirir “consciência revolucionária” e passar um período de transição, os/as poetisas se encontravam em uma situação mais vulnerável, por sua condição, sua extrema sensibilidade, que influenciava na forma como viviam os processos coletivos e individuais. Naquele momento, sua escrita fazia sentido ao proporcionar conforto e ser útil para outros militantes, para camaradas que se encontravam nas montanhas e levavam seus livros, que liam seus poemas nos ônibus: “Esse é o tipo de comunicação que faz valer a pena publicar. É incrível saber como podemos ser úteis dessa forma. Foi o que senti dos poetisas que me nutrem, e adoro ter a possibilidade de fazer o mesmo – mesmo que em menor escala – pelos outros.”<sup>1146</sup>

Com essas experiências podemos perceber que, apesar de não haver um consenso sobre o sentido da poesia no momento após a vitória de 1979, havia uma compreensão geral de que

---

<sup>1144</sup> Idem.

<sup>1145</sup> *passim*.

<sup>1146</sup> “That’s the kind of communication that makes publishing worth it. It’s wonderful to know you can be useful to people in that way. That’s what I felt about the poets who nourish me, and I love having the possibility of doing the same – even if it’s to a much lesser extent – for others.” Daisy Zamora *apud* RANDALL, Margaret. Daisy Zamora, I demand people accept me as a poet. *Risking a somersault in the air. Risking a somersault in the air. Conversation with Nicaraguan writers*. São Francisco: Solidarity Publications, 1984, p. 166-167. Tradução nossa.

deveriam, sem abandonar uma identidade poética, se dedicar ao trabalho braçal e burocrático de reconstrução do país. Essas funções entravam em conflito com um trabalho solitário do/a escritor/a, ao mesmo tempo em que reconheciam a importância da ação da “pluma”, da função da cultura, que deveria caminhar ao lado do “fuzil”, como sugeriu Claudia Gilman.<sup>1147</sup>

### **6.3 Tortura e solidariedade: *guerrillera, campesina-prostituta, obrera-ladrona***

Em um primeiro momento o somozista, ao se deparar com militantes mulheres, demonstrou despreparo, inclusive ao subestimar a contribuição feminina. Posteriormente, desenvolveram formas específicas e generificadas de violência e tortura. Doris Tijerino relatou que, ao ser presa, em fins da década de 1960, ficou em uma prisão mista, porque a prisão feminina não era considerada segura para “presas como ela”. Gladys Báez, ao visitar seu marido preso, em 1956, grávida, identificou a diferença de tratamento dado aos homens e às mulheres na prisão: “[...] la cuestión rudimentaria de las madres, de las esposas, de las hijas. De llevarles el bocado de comida, de ver cómo los trataban y todas esas cosas.” Percebia como as mulheres iam ali para cuidar, alimentar seus maridos e filhos. Ao mesmo tempo, teve contato com a força da organização coletiva, começou explorar a sensibilidade da mulher, das esposas dos comandantes, começaram a se organizar e Báez integrou ao sindicato.

Mónica Baltodano afirmou algo similar ao dizer que, dentre as formas como as diferenças de gênero se manifestavam no contexto da prisão, as mulheres eram mais maltratadas do que os homens. Isso não só na forma com que se praticava a tortura, mas também argumentou que tinham menos acesso a direitos e benefícios, motivo pelo qual tiveram que criar estratégias de sobrevivência: “Os homens prisioneiros tinham uma cozinha coletiva, mesa de *ping-pong*, aparelho de televisão... e nós não tínhamos nada. Nós mal tínhamos condições de nos mantermos sãs.” Eles tinham direito a visita conjugal, algo impedido às mulheres. Essa realidade Baltodano compartilhou com outras mulheres, dentre as quais ela lembrou de Rosa Argentina Ortiz, Margine Gutiérrez, Gloria Campos, Auxiliadora Cruz, Martha Cranshaw, Yadira Baltodano e Carmen Monge. Esses relatos, demonstram como, de certa forma, os espaços de detenção não foram pensados como locais em que estariam as mulheres, por isso, não se organizava com capacidade de atender suas necessidades básicas.

---

<sup>1147</sup> GILMAN, Cláudia. *Entre la pluma y el fusil*. Debates y dilemas del escritor revolucionario en América Latina. Buenos Aires: Siglo XXI Ediciones Argentinas, 2003.

Na prisão Doris Tijerino construiu uma rede de solidariedade e proteção com outras mulheres, “presas comuns”, que a alimentavam e a ajudavam a transportar mensagens, muitas a protegiam, porque ela estava exposta a outro nível de violência por ser uma “presa política”. Mobilizaram o estereótipo da fragilidade feminina para inibir a violência dos guardas, enfrentaram aos oficiais constrangendo-os com discursos de que eles deveriam respeitá-las, pois nasceram de uma mulher. Uma das estratégias utilizadas foi o trabalho voluntário de limpeza dos pátios, para que as “presas comuns” pudessem sair da cela, circular pela prisão e recolher informações que depois eram repassadas entre as “presas políticas” - também repassavam informações aos jornais. Nessa dinâmica de comunicação, as crianças também colaboravam – observamos como as crianças eram detidas no mesmo ambiente que as pessoas adultas.

Doris Tijerino considerou a prisão como um momento crucial em sua formação política e social, ao lhe colocar em contato direto com a realidade da mulher nicaraguense, retirando-a de sua “zona de conforto” de classe média. No livro de Randall, *No se puede hacer la revolución sin nosotras*, ela definiu essa condição através de duas categorias de “presas comuns”: a *campesina-prostituta* e a *obrera-ladrona*. As prostitutas eram majoritariamente oriundas da zona rural, ou trabalhadoras urbanas. No campo, eram “capturadas” ainda jovens, com cerca de treze anos, atraídas para viver com famílias abastadas como “hijas de casa”, “pseudofamiliares”. Essa situação se configurava como numa situação que similar à escravidão, onde faziam o trabalho doméstico sem remuneração, não tinham direitos, fato escamoteado pelo discurso cristão da caridade e a falsa promessa de que, na cidade, teriam acesso à educação.

Tijerino ressaltou que as donas dos prostíbulos, em sua maioria mulheres, tinham acordos com a *Guardia*, estabelecendo um “ciclo de prisões” em que recrutavam mulheres diretamente dos presídios e, quando estas se revoltavam, eram entregues de volta aos soldados. Ou seja: “[...] sacaban a las que les convenían y cuando ya no les reportaba ningún beneficio las volvían a meter en la cárcel acusadas de cualquier cosa, o cuando las mujeres se les rebelaban.”<sup>1148</sup> Nas denúncias feitas nos depoimentos colhidos por Randall, afirmaram como essas mulheres não tinham o controle sobre seus corpos, eram submetidas a medicamentos para que se tornassem estéreis e não menstruassem, para que não perdessem “dias de serviço”, o que diminuiria o lucro que geravam. Se engravidassem, eram submetidas ao aborto forçado.

---

<sup>1148</sup> Randall, Margaret. *No se puede hacer la revolución sin nosotras*. Havana: Casa de las Américas, 1978, p. 98.

Entrevistada por Randall, Melania Dávila tinha 39 anos, morava em uma casa humilde em León, teve alguns filhos/as, um deles morto em combate durante a guerra insurreccional. Prostituíra-se desde os treze anos, um caminho doloroso que tomou por falta de opção. Em sua trajetória, o encontro com a FSLN, em 1972, abriu novas possibilidades para sua vida. Sem perspectiva e filha de mãe solo, ela tinha visto no casamento, aos treze anos de idade, uma alternativa para sua vida. Contudo, passou por dois casamentos conflituosos, primeiro com um soldado da GN que lhe tomou o filho, seguido de outro com um homem que a agredia. Após as duas separações, foi enganada com a falsa promessa do trabalho doméstico e se viu confinada em uma casa de prostituição, da qual não tinha liberdade de ir e vir. Mesmo após conseguir fugir, por falta de emprego a prostituição se manteve como única alternativa para sua sobrevivência. Dávila conheceu a Frente através de duas mulheres, Zaida e Abél, e prontamente transformou sua casa em ponto de correio clandestino, esconderijo de armas, medicamentos, itens de sobrevivência e comida. Ao identificar o impacto da revolução na vida das mulheres, Dávila ressaltou o acesso à educação. Mas tinha consciência de que o trabalho para construção da “nova sociedade” demandaria tempo, porque visava construir um “mundo diferente” que seria vivido pelos “mais jovens”, motivo pelo qual se orgulhava da contribuição de seu filho com a própria vida, e de seu sacrifício por tê-la cedido à revolução.

As presas *obrero-ladronas* eram, em sua maioria, mulheres urbanas submetidas a uma vida de exploração no trabalho. Durante seu tempo na prisão Tijerino registrou algumas de suas histórias. Havia uma passadeira que, por nunca receber o pagamento pelo seu trabalho, ameaçou levar o ferro que utilizava como remuneração. Foi denunciada pelos patrões, membros da elite nicaraguenses, e foi presa como ladra sem prova alguma. Com a ficha suja, ficou condenada a uma maior segregação social e a uma situação de miséria, visto que não conseguia encontrar trabalho. Dessa forma, firmou-se um ciclo de precarização da vida e de encarceramento dessas mulheres.

Randall recordou a trajetória de Magda Narváez, uma operária capturada na rua, acusada de ter estado em uma casa de segurança descoberta pela *Guardia*: “Como era una compañera obrera, no la acusaron como presa política, sino como presa común. La acusaron por vagancia, para humillarla más.”<sup>1149</sup> Narváez, segundo relato de Tijerino, ficou presa por seis meses, período em que foi profundamente humilhada, não recebia visitas, não podia sair da cela e não

---

1149 Doris Tijerino *apud* RANDALL, Margaret. *Somos millones*. Manuscrito: *Margaret Randall Papers*, UNM Center for Southwest Research & Special Collections, 1975, p. 255.

recebia notícias de seus filhos. Esse comportamento, para ela expressava como o regime era mais cruel com as mulheres trabalhadoras, tratavam “[...] estas compañeras como presas comunes con el fin de humillarlas, y para provocar descontento entre nosotros.”<sup>1150</sup> Essa realidade das “presas comuns” representava uma boa síntese da realidade da mulher nicaraguense, do campo ou da cidade, exploradas pelas classes dominantes e pelo imperialismo, uma condição determinada por uma história de dominação colonial “[...] de la mujer de todos nuestros países explotados y oprimidos.”<sup>1151</sup>

Havia também aquelas ladras que nasceram na prisão e não tinham outra perspectiva de vida. Muitas delas, independente se no crime ou na prostituição, tinham que sustentar a família, com pessoas idosas e filhos que demandavam cuidados. Para trabalhar, elas não eram aceitas com suas famílias. As assalariadas, diante dos baixos salários e das práticas abusivas as quais eram submetidas, se viam obrigadas a se prostituir aos finais de semana para completar a renda e alimentar suas famílias:

Estas mujeres son gentes que están bien conscientes de la situación que viven. Estas mujeres se ven sometidas a los mayores ultrajes porque al no ser ellas prostitutas de oficio, como se les llama a las otras, no tienen carnet de sanidad que necesitan en la cantina. Entonces estas mujeres tienen que salir a la calle y ubicarse más o menos en los lugares donde trafican de noche los hombres, turistas y ese tipo de gente. [...] Las capturan a estas mujeres, les quitan el dinero que han ganado, las violan, y les ponen multas muy fuertes.<sup>1152</sup>

Essa realidade demonstra a situação estrutural de opressão e subordinação na qual se encontravam as nicaraguenses antes da revolução de 1979, diagnóstico este, apresentado por Tijerino, é compatível com a realidade da mulher latino-americana apresentado por Randall<sup>1153</sup>. A Nicarágua não era uma exceção. No campo, a situação era ainda pior, porque eram mais exploradas enquanto mão-de-obra, sob o discurso de serem fisicamente menos capazes, como justificativa para o pagamento de salários mais baixos do que o que se pagava aos homens, culturalmente extremamente machista:

Toda esta situación hace que la mujer proletaria cada vez tenga que recurrir más al oficio de la prostitución o al robo. En el campo es peor. Porque allí no se respeta

---

1150 Ibidem, p. 255.

1151 RANDALL, Margaret. *Somos millones*. Manuscrito: *Margaret Randall Papers*, UNM Center for Southwest Research & Special Collections, 1975, p. 182.

1152 RANDALL, Margaret. *No se puede hacer la revolucion sin nosotras*. Havana: Casa de las Américas, 1978, p. 100.

1153 Discutido no capítulo 2.



ningún salario mínimo. Además de que en el campo la discriminación hacia la mujer es mayor. Ellos aducen que la mujer no trabaja igual que el hombre.<sup>1154</sup>

Para Matilde Zimmermann,

A vida das mulheres no campo era especialmente árdua, como na época dos predecessores de Somoza. Ainda na década de 1980, não era incomum encontrar camponesas com menos de trinta anos com aparência de quarenta ou cinquenta, por causa da falta de dentes e da face enrugada, após longos anos carregando água sob o sol e arando o solo, a às gestações precoces, ainda na adolescência. Era comum mulheres e filhos de lavradores serem abandonados pelos homens que deixavam o trabalho nas plantações de algodão ou açúcar, para trabalhar na cidade e nunca mais voltavam. Às vezes, os pais apareciam anos depois, para reivindicar os filhos e levá-los consigo, quando já estavam em idade de trabalhar.<sup>1155</sup>

Tijerino, assim como outras militantes sandinistas encarceradas, aproveitou dessa relação de confiança para fazer trabalho de base. Através de contação de histórias ou do hino da internacional, buscavam provocar reflexão entre elas, “[...] a pensar de la manera en que ellas podían participar en la lucha.”<sup>1156</sup> Essa iniciativa tinha sido de Gladys Baéz, que chegou a organizar uma série de atividades culturais e círculos de estudos na prisão. Nesse ambiente, a solidariedade rompia as divisões de “categorias de delitos” estabelecidas pelos somozistas. Segundo Tijerino:

La situación para nosotras, es decir, para Gladys y para mí, era muy dura, porque esas dos compañeras estaban aisladas, incomunicadas, no les llevaban y no les permitía recibir comida. Teníamos que agenciarnos para conseguir comida para ellas. En esta ocasión, gracias a la solidaridad de las demás presas comunes, logramos por lo menos, ¿no?, asegurarles un tiempo de comida.<sup>1157</sup>

Apesar da proximidade com as “presas comuns”, Tijerino não as considerava como em condições de serem integradas à FSLN como militantes orgânicas:

Porque si bien es cierto que tiene una actitud positiva hacia nosotros y de gran respecto, el delincuente llega a un estado tal de degradación que es difícil rehabilitarlo y no se puede arriesgar la seguridad de una organización por rehabilitar a un hombre. Sin

---

1154 RANDALL, Margaret. *Somos millones*. Manuscrito: *Margaret Randall Papers*, UNM Center for Southwest Research & Special Collections, 1975, p. 190.

1155 ZIMMERMANN, Matilde. *A Revolução Nicaraguense*. São Paulo: Editora UNESP, 2006, p. 78.

1156 RANDALL, Margaret. *No se puede hacer la revolución sin nosotras*. Havana: Casa de las Américas, 1978, p. 96.

1157 RANDALL, Margaret. *Somos millones*. Manuscrito: *Margaret Randall Papers*, UNM Center for Southwest Research & Special Collections, 1975, p. 137.

embargo, ellos pueden llegar a prestar colaboración como informantes por el conocimiento que ellos tienen de la gente, cómo se mueven.<sup>1158</sup>

Outra questão relevante a respeito da experiência feminina nas prisões somozistas diz respeito à violência. Em sua primeira prisão, ao longo de 1967, Tijerino ficou detida por treze dias, período em que não sofreu uma violência física considerada como tortura. Nesse momento o regime não a tinha identificado como Conchita Alday e, por isso, não constatarem seu nível de envolvimento com a Frente. Mesmo assim, ela sofreu ameaças através do uso de seu filho, o que nós inserimos na categoria de tortura psicológica, exercida através da sua identidade materna, de seu dever de proteção para com seu filho: “[...] había un elemento que se ocupaba de llegar a mi celda a cada momento y me empezaba a decir que iban a traer a mi hijo, que entonces tenía un año y 4 meses, para ver si aguantaba a un día en sus manos. Este tipo era el teniente Torres, conocido como el ‘coto Torres’.”<sup>1159</sup> Nesse período, relatou ter presenciado uma companheira ser torturada pelo general Somoza, após ter sido estuprada pelo chefe da *Seguridad Somocista*, Samuel Genie.

Tijerino procurou destacar como a prisão e a tortura atingiram de maneira específica às mulheres ao explorar seu “aspecto sexual”: “Existen ya antecedentes de la bestialidad con que el régimen trata a la mujer. Ellos no hacen tampoco ninguna distinción entre el hombre y la mujer a la hora de torturar, sino que se valen del aspecto sexual de la mujer para humillarla más.”<sup>1160</sup> Em novembro de 1967, ela foi presa outra vez, junto com sua mãe, mantida como refém como forma de encontrarem-na:

La tuvieran como rehén, es decir, con la condición de que yo me entregara, para ponerle en libertad. Sin embargo, esperé porque sabía que no podían tenerla mucho tiempo. Ella fue puesta en libertad 8 o 9 días después, pero no sin haber pasado su mal rato. La trataron muy mal, ella me contaba que había presa cantidad de gente, por cosas como, por ejemplo, una señora que tenía una ventecita, ¿no?, cerca de una casa donde iban los compañeros, un lugar donde vendera comida [...] A esta señora los hijos llevaban comida, entonces, contaba mi mamá que llegaban los guardias y le decían: ‘Miren la diferencia: ¡esta señora se ve que es una señora cristiana, que ha educado bien a sus hijos y le traen comida, se preocupan por ella! Esta otra vieja – refiriéndose a mi mamá – se ve, decían, que lo que parió fue un montón de víboras. Ella es madre de comunistas, por eso ellos no le traen comida, ni nadie viene a

---

1158 Doris Tijerino *apud* RANDALL, Margaret. No se trata de mujeres que militan sino de militantes que son mujeres. Testimonio de Doris Tijerino. *Revista Revolución y Cultura*. n.38, La Habana, Cuba. Octubre de 1975, p. 62.

1159 RANDALL, Margaret. *Somos millones*. Manuscrito: *Margaret Randall Papers*, UNM Center for Southwest Research & Special Collections, 1975, p. 127.

1160 RANDALL, Margaret. *No se puede hacer la revolucion sin nosotras*. Havana: Casa de las Américas, 1978, p. 89.

preguntar por erra, y ella está allí tranquila...' [...] incluso uno de los guardias quiso manosearla.<sup>1161</sup>

Essa passagem reforça o papel da maternidade tanto em relação a mãe quanto à filha. A mãe de Doris Tijerino em sua militância, também demonstra como a maternidade foi utilizada pelos somozistas para justificar e condenar aquelas que haviam aderido a luta armada. O “desvio moral de ser comunista” seria o resultado de uma má-criação e, portanto, uma responsabilidade materna. Foi nesse período que ela conviveu com Gladys Báez na prisão, relatando a tortura sofrida pela companheira, espancada e deixada nua na cela. Outra mulher presa no mesmo período foi Yolanda Nuñez, que estava grávida e havia sido capturada com seu companheiro, aos dezessete anos. Em suas sessões de tortura, foi desnudada e surrada até que sofrer um aborto. Esses relatos de violências específicas contra as mulheres não eram exclusivos de um determinado membro da dinastia somozista, mas era apresentado como uma prática recorrente em todo período em que estiveram no poder. Segundo Tijerino, “se tiene también conocimiento de que antes de la muerte de Somoza viejo, de Somoza García, también fueron violadas algunas mujeres que cayeron presas.”<sup>1162</sup>

Segundo relato de Tijerino, Nuñez também teve seu corpo utilizado como instrumento para torturar o seu companheiro. Para isso, ela foi colocada nua, em posições humilhantes, enquanto era espancada na frente dele, esperando-se que, com isso, ele se pronunciasse. Outra companheira grávida com quem Tijerino dividiu a prisão foi Elba Campos que, apesar de não ser colaboradora direta da Frente, foi presa devido a atuação de seu marido. Sobre isso, Tijerino afirmou que as mulheres foram presas com seus filhos e grávidas, “por el simple hecho de tener relación con algún miembro del Frente, de cualquier tipo: familiar, afectiva, de cualquier índole, encerraban a compañeras totalmente desligadas del hecho.”<sup>1163</sup> Acreditamos que essa prática se fundava na concepção patriarcal das mulheres como objetos de posse masculino que, sem autonomia e agência sobre suas vidas, seguiam seus maridos. Além disso, eram “iscas” para acessar os militantes procurados e para fazer falar àqueles que já estavam presos, e sobre os quais a tortura física não tinha surtido o efeito esperado da delação. Assim, através da vida

---

1161 Doris Tijerino *apud* RANDALL, Margaret. *Somos millones*. Manuscrito: *Margaret Randall Papers*, UNM Center for Southwest Research & Special Collections, 1975, p. 135-136.

1162 Doris Tijerino *apud* RANDALL, Margaret. No se trata de mujeres que militan sino de militantes que son mujeres. Testimonio de Doris Tijerino. *Revista Revolución y Cultura*. n.38, La Habana, Cuba. Octubre de 1975, p. 56.

1163 Doris Tijerino *apud* RANDALL, Margaret. *Somos millones*. Manuscrito: *Margaret Randall Papers*, UNM Center for Southwest Research & Special Collections, 1975, p. 167.

e dos corpos das mulheres, ameaçavam e torturavam os homens, transformando-as em vítimas e instrumentos de tortura.

Apenas quando foi presa em 1968, Tijerino relatou ter sido abusada pelos membros da *Guardia*. Segundo ela, levantaram seu vestido, a agrediram fisicamente, a ameaçaram de estupro coletivo e com objetos. Foi espancada nua por mais de quinze soldados, descreveu uma série de torturas, com choques na vagina e no ânus, com o objetivo que ela sofresse um aborto, pois acreditavam que estava grávida. Objetificando-as, os soldados as humilhavam com posições sexuais vexatórias, enquanto eram mantidas nuas. Apesar de todas essas violências, que hoje consideramos como estupro,<sup>1164</sup> na visão de Tijerino era necessário haver penetração com o falo, para que a violência sexual se configurasse dessa forma:

No llegaron a violarme – era más bien una utilización del sexo como para dañarme psíquica y físicamente. Me manosearon, trataron de meterme la mano en la vagina. Pero, hice lo posible para fajarme con ellos, se masturbaron en frente de mí, y me manosearon mientras se masturbaban.<sup>1165</sup>

Ela afirmou que sua vida só foi poupada porque um jornalista tirou uma foto sua dentro de uma viatura, registrando que tinha sido capturada com vida, o que impossibilitou que a GN a declarasse como desaparecida. Dentre seus torturadores, ela identificou um ex-colega de escola, do *Instituto*, que a ofereceu proteção em retribuição a relações sexuais. Justificam essas violências com o discurso de que “toda comunista era corrompida”. Assim, vinculavam sua (des)humanidade as suas convicções políticas. Eram narrativas patriarcais que desumanizavam, objetificavam e rebaixavam as mulheres. Mas, a resistência de Tijerino à tortura - assim como de outras mulheres - foi motivo de espanto, pelo qual passaram a vinculá-la ao que consideravam uma virtude masculina, afirmando que teriam que procurar por suas genitálias masculinas, “los huevos”:

“Yo le voy a hacer un examen, porque tal vez es hombre y ustedes no se han dado cuenta. Le voy a buscar los huevos, los tiene que tener escondidos...” El me metió la mano entre las piernas y yo se la agarré. Me levanté la capucha y le pude ver la mano, no logré verle la casa, pelo le vía la mano y un anillo. No dije nada en eso momento, pero él me soltó porque se asustó, y entonces al que me estaba cuidando le dijo que mejor se fuera, que yo le podía ‘claviar’, o sea denunciar. El tipo logró meterme dos dedos, indudablemente eso debió rasgarme, y me produjo una hemorragia.<sup>1166</sup>

---

1164 Estupro pode ser entendido como diversos tipos de abuso físico do corpo da mulher sem seu consentimento, não apenas em casos de penetração.

1165 RANDALL, Margaret. *Somos millones*. Manuscrito: *Margaret Randall Papers*, UNM Center for Southwest Research & Special Collections, 1975, p. 174-175.

1166 Ibidem, p. 175.

Ela, assim como outras várias mulheres, resistia, tateava os militares tentando identificá-los. Por isso, acreditava ter distinguidos os filhos de Somoza e o próprio “Tachito”<sup>1167</sup> como parte de seus torturadores e abusadores. Sem medo de serem socialmente condenados, os guardas encontraram segurança na retórica machista que assegurava que, caso fossem denunciados e as mulheres contassem o que tinham sofrido, que homens tinham tocado seus corpos e às violado, essas denúncias não teriam consequência para eles. A moral católica do povo nicaraguense iria condená-las, buscariam na trajetória das mulheres a culpa pela violência que sofreram, encontrando a resposta na opção pelo comunismo. Doris Tijerino buscou demarcar como os somozistas, membros da *Guarda Nacional*, ou seja, agentes do Estado, naturalizavam essas práticas, usando-as como forma de reafirmar seu poder: “Este tipo decía que lo malo no era haber violado a las mujeres, sino que é dice ‘lo malo es joderlas sino que después de que las joden las dejan vivas. Lo que hay que hacer es joderlas y matarlas’. Esta es la actitud de ellos ante este tipo de cuestión.”<sup>1168</sup>

A prática da violência sexual como forma de reafirmar o poder masculino é uma constante na história do Ocidente, conforme demonstrou a filósofa britânica Carole Pateman ao abordar a dominação masculina a partir da perspectiva do “contrato sexual”<sup>1169</sup>. Mas as mulheres reafirmaram sua dedicação e sacrifício para a revolução, assim como sua capacidade militante, a partir da forma como sobreviveram a tortura. Em sua recordação de seu período na prisão, Mónica Baltodano afirmou não ter levado choques como outras companheiras, apesar de terem compartilhado outros tipos de violência e tortura, situação que ela significou como fortalecedora de sua moral militante.

Amanda Pineda, foi descrita por Doris Tijerino como uma jovem militante sandinista, camponesa, estuprada por uma patrulha de quinze homens que, após fazer a denúncia dos atos cometidos contra ela, teve que conviver com um discurso da sociedade que a culpabilizava pela violência sofrida. Pineda foi entrevistada por Randall em *Todas estamos despiertas*. No momento da entrevista ela tinha trinta e seis anos, mãe de muitos/as filhos/as, dentre os quais

---

1167 Como era conhecido Anastasio Somoza Debayle, ditador do país entre 1967-1972 e 1974-1979. Ele era filho de Anastasio Somoza Garcia e irmão de Luis Somoza Debayle, chefes políticos da ditadura somozista entre 1936-1956 e 1957-1963, respectivamente. Tachito também foi chefe da *Guardia Nacional* entre 1945 e 1967, cargo que o colocava como segundo homem mais importante do país, até quando assumiu como presidente-ditador.

1168 Doris Tijerino *apud* RANDALL, Margaret. No se trata de mujeres que militan sino de militantes que son mujeres. Testimonio de Doris Tijerino. *Revista Revolución y Cultura*. n.38, La Habana, Cuba. Octubre de 1975, p. 56.

1169 PATEMAN, Carole. *O contrato sexual*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

poucos sobreviveram aos maus-tratos da vida na zona rural do país. Ela justificava seu envolvimento político pela miséria em que viveu ao lado de seu marido, o que fez com que encontrasse na luta pela libertação nacional a única alternativa para salvá-los. Por isso se envolveu com a luta sandinista desde a década de 1960, por influência dele. Com o acirramento da repressão somozista contra os sindicatos, em meados da década, ela passou a colaborar com suporte aos militantes clandestinos, dando abrigo e alimentando-os. Mas, ao ser identificada pela GN, acabou presa.

Na década de 1960 Pineda era filiada ao *Partido Socialista Nicaraguense*, conhecido também como *Partido de la Segunda Internacional*, e integrava a *Federación Democrática Internacional de Mujeres* (FDIM). Assim como outras mulheres, a militância de Pineda estava vinculada a sua responsabilidade materna, a busca incessante de construção de um mundo melhor para seus filhos e filhas. Por isso, afirmou não se arrepender de suas escolhas, mesmo que afastada dos seus, assumiu os riscos que correu e foi presa, ainda mais motivada com a morte de seu filho, pois reforçava o sentido de seu compromisso revolucionário: “Y cuando a mí me capturan, ya tenía un montón de hombres allí en el monte. [...] Comienza la persecución, se me muere uno de mis hijos: no me queda otro remedio que seguir la lucha.”<sup>1170</sup>

Seu pai foi avisado de sua prisão, mas ela não tinha como fugir e abandonar seus filhos/as, também não tinha com quem deixá-los, visto que seu marido já estava na clandestinidade. Se os deixassem, seriam violentados e capturados pela GN e ela teria falhado com seu dever protegê-los. Quando foi pega pela *Guardia*, deixou suas filhas, uma de três anos e outra de quinze meses, com uma senhora camponesa que estava quando foi capturada, o que demonstra mais uma vez a formação de redes de solidariedade femininas conformadas a partir de suas funções históricas: “‘Dale esa cipota [niña] a esa vieja que está allí’, me dice. Yo no quería aflojar a la niña, porque yo sabía que si aflojaba a la niña me daba. Pero al mismo tiempo, digo yo, mejor la doy, porque si no, van a golpearla y me la pueden matar.”<sup>1171</sup> Segundo seu relato, os guardas afirmaram: “El oficial me dice: ‘Mirá, a mí no me gusta golpear mujeres, que yo soy hijo de mujer. Lo único que queremos es que nos digás todo lo que vos sabés.’”<sup>1172</sup> Portanto, reproduzia a ideia machista de que as mulheres deveriam ser defendidas ou preservadas apenas por serem mães, não por serem um ser humano dotado de direitos.

---

1170 Amada Pineda *apud* RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaraguense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 124.

1171 Ibidem, p. 126.

1172 Ibidem, p. 127.

A prática da violência somozista afetava as mulheres, as crianças e os idosos no campo, por isso para Pineda o que lhe aconteceu não se tratava de uma exceção. Lembrou de María Castil, uma camponesa capturada, torturada e desaparecida, que foi violentada na frente de seus três filhos. Recuperou a história das mulheres de Cua<sup>1173</sup>, capturadas, torturadas e violadas, junto com seus filhos e filhas: “La historia mía no es única. Aquí hay muchas mujeres que pueden contar bestialidades, y muchas que no pueden contar nada porque no sobrevivieron lo que le hicieron.”<sup>1174</sup> Tijerino compartilhava desse seu entendimento:

En la zona Norte, Matagalpa y Jinotega, principalmente hay cantidad de casos en que las mujeres después de violadas masivamente son paseadas desnudas y encapuchadas por las distintas comarcas. [...] Estas compañeras, entre las que se encontraron niñas, fueron violadas y asesinadas. Uno de los casos más recientes de este tipo es el de la campesina Amada Pineda de Arauz, que fue violada por una patrulla completa, de quince hombres. Se denunció, pero no se logró más que el hecho de la denuncia.<sup>1175</sup>

Pineda foi presa, exilada na URSS em tratamento médico contra os traumas da prisão e voltou à Nicarágua para integrar a luta armada na ofensiva final. Ela foi capturada, espancada pela *Guardia*, foi estuprada, prática que ela argumentou ser mais recorrente contra as camponesas que, quanto mais resistiam ao estupro, mais eram violadas e torturadas. Em determinado momento, ela assumiu uma postura de reação contra as violações sexuais que vinha sofrendo, enfrentou os guardas, questionou se a confundiam com uma prostituta, conquistando uma trégua nos abusos. Quando foi solta, a primeira providência que tomou foi procurar um médico, porque não queria ter filhos dos guardas, mesmo sabendo que o filho não teria culpa. Ameaçaram jogá-la de um helicóptero, torturaram os jovens que tinham sido presos com ela em sua frente. Ao final, “¡Tuvieron hasta el descaro de preguntarme si no quería quedarme allí con ellos, a cocinar, a hacer para ellos!”<sup>1176</sup> Quando seu marido foi preso, utilizaram-na como instrumento de tortura contra ele, explorando seu corpo e sua dignidade quando o atacaram ao dizer que ela tinha “passado por todos eles”, que eles tinham lhe transmitido doenças venéreas:

---

1173 Ángela Días Aguilar tem uma breve fala registrada em *Todas estamos despiertas* (1980). Tinha 35 anos e era uma das mulheres de Cua, região sofreu uma forte repressão da GN como resultado da luta local pelo direito a terra encabeçado pelo sindicato. Ela recordou que esteve ali, e foi capturada, ao lado de María Venancia, Petrona Hernández, Saturnina Hernández e Martina, companheira que abortou após ter sofrido uma séria de violências por parte da guarda.

1174 Amada Pineda *apud* RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaraguense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 133.

1175 Randall, Margaret. *No se puede hacer la revolucion sin nosotras*. Havana: Casa de las Américas, 1978, p. 91.

1176 Ibidem, p. 130.

Cuando pudimos estar juntos de nuevo, yo tenía miedo, como le habían hablado tanto en contra mí, yo me imaginé que me iba a comenzar a molestar. Que no le iba a gustar. Pero no. Me dijo: ‘Pero vos sos tonta, si eso le pasa a toda mujer que anda luchando, a toda esposa de un hombre que lucha. Mira el caso de Doris Tijerino’, me dice, ‘y de otras mujeres. No’, me dice, ‘no me explico por qué te sentís avergonzada’. Porque yo me sentía con pena por todo lo que me había pasado, todo eso a mí me causó un trauma. Sentía como que me había quedado un mal olor que no me podía quitar. Y él me ayudó bastante.<sup>1177</sup>

Sobre essa situação, Pineda relatou que em sua perspectiva os homens do campo tinham sido mais compreensivos ao que acontecia com as mulheres capturadas, às suas esposas, lutando com mais coragem depois que eram torturadas e violadas pela GN. Quando as mulheres eram estupradas, quando as casas eram queimadas com as crianças dentro, isso não os assustava, como pensava a GN, mas os dava mais disposição para a luta, ficavam mais mobilizados e procuravam a Frente, buscaram transformar a dor e a revolta em energia para a luta pela libertação nacional, para que aquilo não mais se repetisse. Para ela, a revolução tinha sido importante para transformação do papel da mulher na sociedade, resultado de como demonstraram na prática suas capacidades e conquistaram seu direito de lutar, colocando a integração das mulheres não como um presente dos homens, mas como uma aquisição feminina. Assim, compreendia que a atuação das mulheres tinha sido mais valiosa que a dos homens, tendo em vista o que tiveram que enfrentar para se integrar na luta, necessitando de mais convicção do poder transformador daquele processo:

Todo el tiempo hemos sido marginadas, y ahora más que nunca no queremos serlo más. Queremos luchar. Incluso a veces es necesario luchar en contra del marido de uno. Porque hay veces que el marido quiere tenerle a uno metida en la casa, en medio de cuatro paredes, que uno no salga, que tiene que mirar a los hijos, que tiene que darle de comer a los hijos y a él, lavar ropa, planchar, hacer todo lo que hay que hacer en la casa.<sup>1178</sup>

Dentre a trajetória de outras camponesas que foram registradas por Randall em *Todas estamos despiertas*, há uma breve fala de Nila Mendiola Sequeira, conhecida como Mercedes Hernández, viúva de Bernardino Díaz Ochoa, ex-presidente do sindicato rural. Após seu assassinato, ela desempenhou um papel relevante, denunciando internacionalmente a *Guardia Nacional*. Depois do assassinato de seu marido, ela deixou as fileiras do PSN e se integrou a FSLN. Já Arlen Siú, uma jovem camponesa, teve sua memória recuperada através da canção *María Rural*, escrita por ela, em que abordava a pobreza e dificuldade da mulher das montanhas

---

<sup>1177</sup> Ibidem, p. 131.

<sup>1178</sup> Ibidem, p. 135-136.



nicaraguenses. Siú também foi recordada através a música *El zenontle pregunta por Arlén*, cantada por Carlos Mejía Godoy, com objetivo de evocar o mundo campesino e suas mártires.

Os relatos como o de Pineda, sobre sua prisão e de seu marido, são úteis no sentido de fornecer pistas a respeito da dimensão e profundidade do patriarcado e a forma como eram tratadas as vidas das mulheres. A prática de instrumentalização do corpo feminino reforça a ideia de posse dos homens sobre suas vidas e corpos, que perdiam a humanidade antes e o valor depois de serem violadas e abusadas. Reafirmam como a luta das mulheres contra o somozismo incluía a luta contra os costumes, o que podia envolver a disputa contra seus maridos e familiares. Para avançar nessa superação muitas consideravam que as mulheres tinham que se organizar, por isso defendiam a importância da AMNLAE como instrumento fundamental para que pudessem “organizarnos y trabajar para reconstruir a este sufrido país, y por nuestro propios derechos como mujeres.”<sup>1179</sup> Através da memória construída sobre a experiência feminina na prisão encontramos na narrativa que reconhecia na resistência à tortura uma forma de elevar a moral militante e reforçar o compromisso com o projeto ao qual se dedicavam. Essa questão era ainda mais forte entre as mulheres, considerando a profundidade do enfrentamento que tinham que fazer na sociedade para assumir a sua função social ativa, ao mesmo tempo em que se deparavam com práticas generificadas de violência e a permanência de costumes que buscavam mantê-las distantes dos espaços públicos e de poder.

---

1179 Amanda Pineda *apud* RANDALL, Margaret. *Todas estamos despiertas*. Testimonios de la mujer nicaragüense hoy. México: Siglo XXI, 1980, p. 136.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dos anos de trabalho, esta tese foi atravessada por múltiplos diálogos, com autores/as da bibliografia, com colegas, com as orientações — da profa. Adriane Vidal e da profa. Elizabeth Hutchison —, com interlocutores/as diversos/as, com os arquivos e com própria Margaret Randall. Todos esses diálogos contribuíram na definição das perguntas, das interpretações e dos caminhos metodológicos adotados, sendo resultado de um trabalho coletivo. Como historiadora, entendo que o conhecimento não se encerra em verdades absolutas, mas se amplia e é revisto na medida em que surgem novas questões. Os historiadores e as historiadoras lidam e interrogam novas fontes, quando novos sujeitos se tornam objetos da história em diferentes contextos, marcando importantes renovações historiográficas. Como afirmou Marc Bloch, a história é a ciência do tempo, onde olhamos para o passado a partir das demandas não só do tempo presente, mas a depender de nosso local de enunciação. Assim, mais do que apresentar respostas definitivas, essas considerações finais buscam reconhecer os limites da pesquisa, ao mesmo tempo em que apontam para continuidades e possibilidades de desdobramentos futuros. O compromisso aqui não é com encerrar o debate, mas deixá-lo, em certa medida, em aberto, para tensionar novas questões no presente.

A partir da pesquisa realizada, pudemos comprovar nossa hipótese, considerando alguns limites impostos pela prática historiográfica. Para isso, observamos o uso dos contextos e as diferentes épocas em que o termo feminismo pode ser empregado. Compreendendo o feminismo como um conceito e um movimento localizado no tempo e em territórios específicos, optamos por não classificar as mulheres revolucionárias cubanas e sandinistas como feministas, pela própria recusa que tinham em assumir tal denominação. Essa negação foi debatida na tese, considerando que estas latino-americanas entendiam o feminismo como um projeto liberal, vinculado aos anseios e práticas imperialistas. Essa situação impunha a necessidade em traçar uma linha explícita, que separava os projetos revolucionários e uma agenda promovida pelas mulheres burguesas desde o Norte global. Essa perspectiva se alinhava a um movimento mais amplo das esquerdas do período. Também, dentro de seus próprios países, movimentos e partidos, elas estiveram ausentes dos mais altos postos de comando, o que fez com que estivessem constantemente submetidas aos discursos masculinos a respeito de suas demandas e projetos políticos que, muitas vezes, compreendia as questões de gênero como secundárias.

Nesse sentido, utilizamos o feminismo como categoria de análise, o que nos possibilitou identificar a forma como as mulheres compreenderam os processos revolucionários em curso a

partir de suas realidades, atuando e propondo outros costumes, políticas e formas de organização social que colocavam as mulheres no centro da disputa pela igualdade na “nova sociedade”. Assim, construíram uma agenda política e de concepção revolucionária, estabelecendo alguns diálogos com os feminismos do Norte global e contribuindo para o atual debate e movimento em curso na região. Margaret Randall, em diversos momentos, confirmou uma interpretação de que, se fosse possível, essas mulheres eram sim, feministas.

A esse respeito concluímos que, para as revolucionárias cubanas, e especialmente as sandinistas, a revolução era passo essencial para se alcançar a verdadeira igualdade de gênero e libertação feminina, dessa forma, pautar as questões gerais das revoluções não era incongruente com a centralidade da transformação da vida das mulheres. Para elas, a libertação feminina andaria em conjunto com a libertação e soberania nacional, constituindo o projeto de derrota do imperialismo da “nova sociedade”, o que se daria a partir da construção do “homem novo” e da “mulher nova”.

Ao mesmo tempo, as fontes e o tempo para realização da pesquisa, nos impuseram alguns limites. Como: o recorte em analisar apenas as experiências de Cuba e Nicarágua; o uso do feminismo como categoria de análise. Além disso, percebemos a necessidade, a partir dos debates feitos no campo da História Intelectual, de compreender e localizar Margaret Randall, como passo anterior, fundamental para analisarmos sua obra testemunhal. Por isso, os três primeiros capítulos da tese abordaram sua trajetória; suas concepções sobre feminismos; seu diagnóstico da condição da mulher latino-americana; a função e a prática que deu ao testemunho, visto no limiar entre a história oral e a literatura.

Nos três últimos capítulos, ao aprofundarmos a análise das vozes femininas de Cuba e Nicarágua, Randall se manteve presente, visto que foi ela quem selecionou as mulheres, preparou as entrevistas, elaborou as perguntas, realizou o trabalho de pesquisa complementar, escolheu os recortes dos testemunhos que constariam em seus livros, editorou os depoimentos. Por isso, consideramos imprescindível sua permanência em todo percurso da pesquisa, sendo o seu olhar o orientador na experiência feminina retratada na escrita, a partir da oralidade testemunhal. Por fim, recuperamos que, para alcançar esses objetivos, nos apoiamos em perspectivas teórico-metodológicas consolidadas pela historiografia, dentre as quais destacamos a História Intelectual e História das/os Intelectuais; bem como abordagens teórico-metodológicas que se encontram em constantes disputas e tensionamentos, como os Estudos de

Gênero e a Teoria Decolonial.<sup>1180</sup> Foram essas definições que balizaram a organização e desenvolvimento da presente tese.

No primeiro capítulo “*I never left home: uma poeta transnacional*”, observamos o papel de Randall como intelectual transnacional. Para isso, a revista bilíngue *El Corno Emplumado/The plumed horn*, desempenhou um papel importante em sua entrada e integração na América Latina. No segundo capítulo “*Un problema de la sociedad: feminismo na encruzilhada*”, aprofundamos nossa crítica a tradicional divisão do movimento feminista em “ondas”, compreendendo o movimento de maneira plural, diversa, localizada, o que nos possibilitou perceber as especificidades dos feminismos latino-americanos. Nesse sentido, destacamos a forma como, para as mulheres envolvidas nos processos revolucionários ou em defesa das democracias e soberanias nacionais, a libertação feminina e a luta pela igualdade de gênero, estava imbrincada com as mobilizações por libertação popular e soberania nacional. Por isso, não era incoerente a defesa da revolução, pois esta não estava subordinada à luta pela libertação das mulheres, mas sim, eram lutas que se interseccionavam. Essa concepção é convergente com o diagnóstico da situação da mulher latino-americana, interpretada como aquela que se colocou na política frente a uma realidade de miséria e opressão que atingia de maneira diferenciada às mulheres.

Randall tecia duras críticas ao movimento feminista estadunidense e suas organizações por não abordarem questões como o condicionamento imposto pelos papéis sociais de gênero, estabelecidos na sociedade capitalista. Considerava esses movimentos como reformistas e restritos aos marcos legais, de natureza classista e sem integração com a luta anti-imperialista, como expressou em sua crítica à Betty Friedan, a seu livro *A mística feminina* (1963) e a organização que presidia, a *National Organization for Women* (NOW). Identificava, assim, os limites do direito ao voto e acesso ao trabalho produtivo no capitalismo burguês. São essas características de um feminismo hegemônico estadunidense que, segundo ela, gerou uma desconfiança das mulheres negras, indígenas, camponesas, racializadas, trabalhadoras, latino-americanas, que em um primeiro momento identificaram o feminismo como incoerente com a “naturaleza de sus propias vidas y a la obvia opresión de clase y raza que sufrían”, gerando uma

---

<sup>1180</sup> NAME, L., SPYER, T. Às vezes é feio, mas tá na moda! Potências, adições e limites decoloniais. *VIRUS*, Vol.26, 2003, p. 29-40. Disponível em: <http://vnomads.eastus.cloudapp.azure.com/ojs/index.php/virus/article/view/882> Acesso: 15/09/2025, 10h31.

indisposição no apoio a um que “las separaba de sus hermanos de lucha”<sup>1181</sup>, restringindo o movimento a algo que correspondia as mulheres estadunidense de classe média e brancas.

No contexto da realidade das mulheres latino-americanas apresentado por Randall, as demandas das mulheres brancas e de classe média do Norte global, como o direito ao voto, eram vistas como insuficientes para suas realidades diversas, enxergando pautas como essas como “democrático-burguesas”, que mantinham as normas culturais do *status quo* capitalista. Randall considerava que mesmo as ideologias mais reformistas e progressistas esbarravam nas funções “naturais” dos sexos estabelecidas, entendendo que

En el mundo entero tenemos distintos ejemplos de los conceptos deformados que existen sobre la mujer, y que, consciente o inconscientemente, contribuyen a la persistencia de una normal cultural burguesa, a la explotación económica de una clase por otra, que lleva a la estabilización del statu quo capitalista e imperialista.<sup>1182</sup>

Ela avaliava que, diante do fracasso da “velha esquerda” em transformar a “América” - nesse caso se referindo aos Estados Unidos -, surgiu a “nova esquerda”, a partir da ação e formulação de estudantes, organizações negras, pessoas contrárias a guerra do Vietnam, grupos antibélicos, homens e mulheres que se rebelavam no interior das forças armadas, com significativa participação feminina. Nesse cenário, surgiu o que ela chamou de “nuevo feminismo”, com o qual se identificava, que ganhou força e se estabeleceu em um momento em que pessoas que nunca haviam se envolvido com política, nos EUA e em outros países do mundo, passaram a se integrar ou a defender as lutas por libertação nacional. Uma das principais teóricas desse “nuevo feminismo” era, segundo Randall, a ativista e jornalista estadunidense Gloria Stein.

Randall se aproximou das mulheres organizadas na “Nova Esquerda”. Uma de suas referências foi um artigo de 1968, de Beverly Jones e Judith Brown, em que atacavam as instituições burguesas e seus limites, chamavam as mulheres a se organizarem, criticavam o celibato e questionavam o lugar das mulheres como objeto sexual na sociedade, colocando a “total” libertação das mulheres como prioridade<sup>1183</sup>. Nesse cenário, Randall reivindicava que o

---

1181 RANDALL, Margaret. El nuevo movimiento feminista. ¡La liberación de la mujer!" y sus dos caras. *Sobre la situación de la mujer*. Lima, Peru: Sistema Nacional de Apoyo a la Movilización Social; Centro de Estudios de Participación Popular, 1973, p. 68.

1182 RANDALL, Margaret. No ‘el problema de la mujer’ sino un problema de la sociedad. Examen de la opresión y la liberación de la mujer. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p. 56.

1183 Ver: JONES, Beverly; BROWN, Judith. Toward a Female Liberation Movement. *Roz Payne Sixties Archive*, 1968. Disponível em: < <https://rozsixties.unl.edu/items/show/686> > Acesso: 11 de dezembro de 2024.

feminismo teve influência nos movimentos “terceiromundistas” dentro e fora dos Estados Unidos, principalmente à medida que as mulheres negras e *chicanas* passaram a identificar o machismo que sofriam dentro de seus coletivos e organizações políticas. Adotaram, assim, um feminismo revolucionário, que divergia da agenda política do feminismo hegemônico liberal. Randall considerou significativo o papel das feministas para a crítica ao mito da democracia americana, e no envolvimento de mais pessoas no apoio as lutas por libertação nacional em curso em meados do século XX:

[...] la idea de politizar a la gente sobre la base de su propia opresión, cuando esa esta principalmente sicológica y cultural, no parecía llevar a la revolución. para las mujeres de color y de clase obrera esto era distinto; una vez que se ponían en movimiento, su condición misma las llevaba a una lucha permanente.<sup>1184</sup>

Para Randall, esse movimento fortaleceu a defesa da revolução articulada com a defesa da libertação das mulheres. Mesmo que as vezes ela tratasse ambas as questões como conflituosas, eram complementares e relacionais. Compreendia as relações de gênero como fundantes das relações capitalistas, como a primeira divisão de classe a estabelecer um sujeito opressor e outro oprimido, o que fazia com que as mulheres se aproximassem, devido a sua situação social, cultural e moral, mais do que homens de sua mesma classe social e/ou raça. Por isso, defendia que o fim do machismo era fundamental para a superação de conflitos sociais e raciais, caminhando junto com a superação das classes sociais,

[...] un cambio en la relación entre clase es esencial como un primer paso hacia la libertad de todo el pueblo y que salvaguardar el poder del proletariado en un mundo donde todavía tiene fuerza el imperialismo, con frecuencia implica la existencia de otras prioridades dirigidas a la estricta supervivencia.<sup>1185</sup>

No terceiro capítulo “Mediadora de testemunho: a História Oral e o *testimonio* para Margaret Randall”, a partir da concepção teórico-metodológica do testemunho desenvolvida pela autora, pudemos aprofundar a interpretação da historiografia, da literatura e outras áreas do conhecimento a respeito do *testimonio* como prática de acesso à trajetória e vozes silenciadas pela produção hegemônica dos saberes. Por isso, essa forma de registro histórico ou literário, desempenhou um papel essencial nos projetos revolucionários em curso na América Latina,

---

1184 RANDALL, Margaret. El nuevo movimiento feminista. ¡La liberación de la mujer!" y sus dos caras. *Sobre la situación de la mujer*. Lima, Peru: Sistema Nacional de Apoyo a la Movilización Social; Centro de Estudios de Participación Popular, 1973, p.74

1185 Ibidem, p. 71.

com especial atenção em como esse foi um instrumento utilizado pelas mulheres, tanto como “mediadoras de testemunho”, quanto como aquelas que deixaram seus registros.

Com esses registros, publicados em diferentes países e línguas, Randall objetivava colocar em circulação uma outra narrativa a respeito da realidade latino-americana e dos processos revolucionários em curso. No caso cubano, essa questão é ainda mais latente. Em sua passagem pelo Peru em 1973, a convite do Centro de Estudos de Participação Popular (CENTRO), integrado ao Sistema Nacional de Mobilização Social (SINAMOS) do governo peruano, Randall, em suas conversas com as mulheres, destacou a força desse exemplo cubano e a necessidade que tinham em receber maiores informações a respeito das políticas e do que ocorria na ilha, como forma de avaliarem o que poderiam replicar em sua realidade<sup>1186</sup>. Essa dificuldade de obter informação de Cuba nos mostra a força do boicote ao projeto revolucionário empreendido pelos Estados Unidos, e reforça o significado do papel intelectual desempenhado por Randall. Além disso, ela identificou o bloqueio estadunidense contra a ilha cubana como parcialmente responsável pelas dificuldades de aprofundar as transformações na condição social da mulher desse país. O bloqueio econômico e cultural imposto pelos Estados Unidos foi entendido como responsável por dificuldades enfrentadas pela revolução, incluindo a dificuldade em ampliar as políticas de redistribuição do trabalho de cuidado, e a responsabilização do Estado pelo trabalho reprodutivo. A mudança nas funções sociais dos homens, era uma “tradición insuficientemente desafiada por las campañas ideológicas en el nivel de base.”<sup>1187</sup>

A memória e a construção da História, como já vimos, foi considerada como uma tarefa urgente e fundamental para as revoluções, sentimento compartilhado por Randall, e colocado em prática através de seu trabalho testemunhal. Um de seus movimentos intelectuais e na construção de memória, foi o de recuperar mártires latino-americanas como Tamara Burke, Nora País, Rogelia Cruz, Livia Gouverneur, Lidia Doce, Clodomira Acosta Ferrals, Fé del Valle, dentre outras. Elas passariam a estar nos livros de história quando fosse devolvido ao povo sua “verdadeira história”, “[...] o - más exactamente -, cundo el pueblo se apodere de ella.”<sup>1188</sup> Para reafirmar suas concepções e registrar a realidade das mulheres latino-americanas, Randall

---

1186 RANDALL, Margaret. You can't make a revolution without them! *Lawg Letter*, vol.III, n.2, Canada: Latin American Working Group, dezembro-janeiro 1975/1976

1187 RANDALL; Margaret. *No se puede hacer la revolución sin nosotras*. Havana: Casa de las Américas, 1978, p.129

1188 RANDALL, Margaret. "No "el problema de la mujer" sino un problema de la sociedad. Examen de la opresión y la liberación de la mujer". *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972, p.67

aprofundou esse trabalho através dos “testemunhos gráficos”, como os que foram publicados em *No se puede hacer la revolución sin nosotras* (1978), através dos quais buscou registrar a realidade das mulheres inseridas na atmosfera de uma época. Dessa forma, a partir deste capítulo inserimos Randall em uma tradição latino-americana de produção testemunhal.

No quarto capítulo, “Testemunho das mulheres cubanas: *La revolución en todo su ímpetu*”, ao trabalharmos com os depoimentos das cubanas apontamos como, na década de 1970, a atenção feminina estava voltada para sua integração ao trabalho produtivo, o que compreendia a necessidade de reorganização do mundo do trabalho como um todo, incluindo a redistribuição do trabalho doméstico e com os cuidados com os/as filhos/as; a participação no trabalho voluntário e político, rompendo com o confinamento ao espaço privado e interferindo na esfera pública. Essas questões vieram acompanhadas da discussão sobre a moral revolucionária na constituição do “homem novo” e da “mulher nova”, impondo a necessidade do estabelecimento de novos costumes e práticas. Outro elemento orientador da política cubana colocado pelas mulheres, foi a valorização de políticas de superação da exploração sexual feminina, com foco para o fim da prostituição e a educação formal das mulheres. Ao analisar os testemunhos — e levando em conta o discurso adotado por Randall —, pudemos observar o papel da figura de Fidel Castro nas discussões e práticas relativas às mulheres, o que reforça a imagem do líder de massas e dirigente revolucionário, expondo certa dificuldade dos setores populares em terem autonomia em suas agendas e debates políticos.

No quinto capítulo, “Nicarágua: *para que un día nuestro pueblo sueñe en colores*”, e no sexto capítulo, “Mulheres da Nicarágua, *semilla de Liberación*”, ao trabalharmos com as nicaraguenses, chegamos a algumas conclusões a respeito de sua integração e participação no processo revolucionário sandinista, destacado pelo envolvimento massivo das mulheres na luta armada. Primeiro, chamamos atenção para o papel desempenhado pela juventude no processo nicaraguense, o que teve um impacto feminino em dois sentidos: a capacidade de romper com os estereótipos de gênero demonstrado pelas mulheres jovens que se integraram à luta política e armada; o papel das filhas como mobilizadoras das mães, que se comprometiam com a revolução tanto por se formarem politicamente através dessas jovens, sentindo-se impelidas a contribuir para a construção de um mundo melhor para as novas gerações, ou a partir do sacrifício materno pela revolução, pelo povo e pela nação.

Segundo, como essas questões, em diálogo com a superação da divisão sexual do trabalho, levaram ao debate de novos costumes na construção da “nova sociedade”, também incluindo a emergência da “mulher nova”. Terceiro, destacamos a integração feminina na luta



política e armada como um processo crescente desde os primeiros anos da década de 1960, até seu ápice em fins da década de 1970, incluindo seus conflitos e contradições no “período de paz” e reconstrução nacional na primeira metade da década de 1980. A respeito dessa participação feminina, apresentamos a perspectiva das escritoras e intelectuais, que se viram diante do conflito entre, colaborar desde a sua capacidade de interpretar e dialogar sobre o que acontecia, e o desejo de ter uma contribuição prática e material. Por fim, abordamos a forma como a integração política e armada das mulheres impôs determinados tipos de violência e tortura, aplicadas no contexto revolucionário.

Em comum, as mulheres de ambos os países foram mobilizadas tanto a partir de sua condição tradicionalmente feminina, ligada à maternidade, ao compromisso com os/as filhos/as diante da necessidade de construção de um mundo melhor. Essa condição materna também foi o que as possibilitou reivindicar um maior sacrifício das mulheres pela revolução, ao cederem seus bens mais preciosos em detrimento da libertação nacional: seus filhos e filhas. Essa percepção também ressignifica a maternidade e ao papel tradicionalmente atribuído às mães, rompendo com os mitos burgueses do afeto e do amor. Ao mesmo tempo, essas mulheres foram orientadas pela necessidade de romper e reconfigurar os tradicionais papéis de gênero, demandando a superação da divisão sexual do trabalho.

Essas transformações passavam pelo ingresso feminino sistemático, e não de maneira individual ou excepcional, na política e no trabalho produtivo, estabelecendo a necessidade de políticas de redistribuição do trabalho reprodutivo e de cuidados. Nesse sentido, incluiu-se a reivindicação por uma mudança nos costumes, que implicaria na superação do machismo e do patriarcado capitalista. Concluímos então que, para as mulheres cubanas e sandinistas, a construção da “nova sociedade” revolucionária, aconteceria não com emergência apenas do “homem novo”, mas da “mulher nova”, a partir da inserção das agendas das mulheres nos projetos revolucionários. A visão a respeito da participação militante das mulheres também pode ser percebida a partir dos limites impostos por uma visão do “guerrilheiro heroico”, difundida após os sucessos dos dirigentes cubanos na *Sierra Maestra*, o que teria definido não apenas um senso comum a esse respeito, mas também um olhar sociológico, histórico e político sobre a identidade do verdadeiro militante revolucionário, impondo às outras funções uma condição “secundária”, de menor importância e, conseqüentemente, atribuídas às mulheres.

Um outro elemento comum de ambos processos revolucionários foi a superação do analfabetismo e profissionalização das mulheres, vistas a partir de então como trabalhadoras, como um setor social, cultural e economicamente útil. Essas questões foram demonstradas por

Randall também na tentativa de superar a excepcionalidade de algumas figuras que teriam se destacado nas lutas insurrecionais, apresentando uma diversidade de mulheres. Para isso a estadunidense conferiu especial atenção as diferentes origens de classe e território, objetivando recuperar a participação feminina nas lutas por libertação e soberania nacional desde a resistência a colonização. Através dos testemunhos, Randall questionou a forma com que as revoluções impactaram e transformaram a vida das mulheres cubanas, nicaraguenses e, de maneira idealizada, da América Latina.

A esse respeito, argumentamos que o rompimento com o espaço privado, a integração na vida pública e da política, em conjunto com a imposição de demandas para a superação da divisão sexual do trabalho foram essenciais. Ao mesmo tempo, as contradições também perpassaram esses mesmos elementos. Muitas reconfiguraram o sentido da maternidade, permanecendo o vínculo da identidade feminina com “ser mãe”. No geral, elas se viram sobrecarregadas com uma dupla ou tripla jornada de trabalho, não tendo sido efetiva a mudança nos costumes naquela sociedade que consideravam de transição, mesmo com a melhora imposta pelas legislações e políticas revolucionárias, dificultando a superação do machismo e do patriarcado no projeto da “nova sociedade” e dos/as “novos/as sujeitos”, que emergiriam com a revolução. Mas, o ponto focal do fracasso das revoluções latino-americanas foi posteriormente significado por Randall a partir da ausência das mulheres dos espaços de poder, dificuldade que identificamos residualmente nos depoimentos registrados pela estadunidense, reforçado pelo papel dos líderes e partidos revolucionários – como expressou em seu livro de 1992, *Gathering Rage: The Failure of Twentieth Century Revolutions to Develop a Feminist Agenda*.

Ressaltamos que o compromisso das cubanas e nicaraguenses com projetos em curso pode ter dificultado uma perspectiva crítica por parte delas, a respeito dos processos nos quais estavam integradas. Nesse sentido, o próprio compromisso de Randall com as revoluções pode ter condicionado as perguntas, os recortes e edições feitas nos livros publicados, especialmente considerando que, dentre seus objetivos com tais publicações, estava o colocar essas narrativas a respeito das revoluções em circulação. Se em seus primeiros escritos da década de 1970, Randall dava maior importância a condição de revolucionária, do que de “consciente de seu sexo”, com o passar da década, ela incorporou de forma mais profunda um olhar interseccional, em que compreendia a característica revolucionária como genuinamente feminista, ou não seria de fato transformadora.

A partir de sua experiência na América Latina, Randall percebeu que as relações de raça e classe deveriam ser incorporadas ao debate estruturante da sociedade patriarcal e dos

costumes orientadoras pelo machismo, inclusive nas reflexões sobre a sociedade estadunidense. As latino-americanas teriam, a partir da tomada da consciência da opressão e exploração que sofriam, provocado mudanças profundas no curso da luta na América Latina, mesmo que “su aspecto más reaccionário es sostenido por el sistema como una arma diversionista contra el verdadero cambio social.”<sup>1189</sup> Na luta anti-imperialista, os conhecimentos e hábitos das mulheres foram importantes, como a prática da vida comunal como resistência, colocado em prática em espaços coletivos de militância, mas também na vida privada, da casa, de valores e bens materiais. Em suas produções. Randall, buscou sistematizar a visão da mulher latino-americana, terceiromundista, da relação entre sua luta pela “libertação das mulheres” e a luta pela libertação de seu próprio povo. Notemos que não identificava esse movimento como feminista, apesar de atualmente admiti-las como feministas.

Quase uma década após a publicação do livro de testemunho das mulheres cubanas, *La mujer cubana ahora* (1972), Randall publicou, em 1981, um livro em que se propunha a fazer uma revisão da realidade das mulheres cubanas, intitulado *Women in Cuba: twenty years later* (1981), dedicado à sua filha mais velha, Ximena, como representante do futuro, a saída para as possibilidades e desafios que se impunham; e à Haydée Santamaría e Célia Sanchez, duas das poucas mulheres reconhecidas oficialmente como dirigentes da Revolução Cubana. Na introdução, *Socialism and Feminism Need One Another*, ela reafirmou sua compreensão de que a década de construção da sociedade revolucionária, aprofundou o processo de libertação das mulheres. Em consonância com outros discursos que abordamos, utilizou uma citação de Haydée Santamaría de epígrafe, em que fazia referência a revolução como o processo que devolveu a dignidade aos “seres humanos” e não apenas aos homens, sustentando seu argumento de que “libertação das mulheres” tinha significados distintos na América Latina e nos Estados Unidos.

Apesar de sua proximidade ideológica com o feminismo contra-hegemonico produzido no interior dos Estados Unidos, mantida através de seus diálogos intelectuais, reconheceu que ter voltado a seu país de origem, após dezessete anos de ausência<sup>1190</sup>, a colocou de frente com contradições e particularidades da sociedade capitalista e do debate feminista que se colocava

---

1189 RANDALL, Margaret. El nuevo movimiento feminista. ¡La liberación de la mujer!" y sus dos caras. *Sobre la situación de la mujer*. Lima, Peru: Sistema Nacional de Apoyo a la Movilización Social; Centro de Estudios de Participación Popular, 1973, p.67

1190 Em 1978 vai para os EUA participar de uma conferência intitulada “Does socialism liberate women?”, no Mt. Holyoke College. Depois de 17 anos ela volta aos eua. Com a rede de majoritariamente mulheres, essa viagem se tornou convite de palestras em 70 universidades.

ali que, segundo ela, ou sobrepunha uma mulher cisgênero (branca) sobre outra (as negras, indígenas, *chicanas*, lésbica, transexual etc), ou declarava uma rejeição aos homens. Mesmo assim, ampliou sua rede de contatos com aquelas comprometidas com as lutas latino-americanas e anti-imperialistas, como a poeta lésbica Adrienne Rich, que denunciava a esterilização forçada, assim como outras latino-americanistas que queriam fazer um trabalho de tradução de poetisas latino-americanas até então desconhecidas nos EUA.

Ela percebia o movimento feminista como espaço profícuo de troca, de estabelecimento de relações que superavam a hegemonia imperialista. A partir das histórias apresentadas em seus artigos, que misturavam suas próprias concepções feministas, Randall destacou uma série de coisas. Para ela, a libertação das mulheres não era uma ilusão, mas sim o próximo passo necessário na agenda da História, um movimento global, que deveria ser colocado em curso nos Estados Unidos a partir também de uma concepção socialista, sendo esta a única possibilidade de libertação das mulheres:

Apesar daquilo que tenta nos cooptar disfarçando manipulação como cultura, apesar das manobras da mídia e dos becos sem saída, bem-intencionados ou mal-intencionados, mulheres em todo o mundo estão alcançando uma consciência que pode, em última instância, desenvolver e compartilhar o sonho de toda a humanidade: liberdade para todos os seres. Eu saí dos Estados Unidos, nesta viagem, com uma convicção absoluta – socialismo e feminismo precisam um do outro!<sup>1191</sup>

Partindo dos limites epistemológicos de Randall, consideramos que ao realizar um trabalho de sistematização das “vozes”, trajetória e histórias das mulheres latino-americanas, ela contribuiu para a formulação de um pensamento gestado por elas. Fez isso a partir de uma perspectiva marxista e em diálogo com os debates revolucionários do tempo e território onde se encontrava, conectado com seus diálogos transnacionais já estabelecidos. Para Randall, as mulheres eram entendidas como sujeitas subalternizadas pelos homens, pelo patriarcado – e acrescentamos pela colonialidade pelo racismo, quando pensamos nas mulheres latino-americanas -, eram aquelas que tiveram suas memórias roubadas e silenciadas<sup>1192</sup>. Na sua

---

1191 "In spite of that which would coopt us by passing off manipulation as culture, in spite of media maneuvers and well-meant or evil-intentioned deadends, women all over the world are coming to a consciousness which can ultimately develop and partake of the total human dream: freedom for all beings. I left the United States, this trip, with an absolute conviction – socialism and feminism need each other!" RANDALL, Margaret. Authors introduction: Socialism and Feminism Need One Another. *Women in Cuba: twenty years later*. Nova Iorque: Smyrna Press/ Pella Publishing Co. (manuscrito), 1981, p.6 Tradução nossa.

1192 RANDALL, Margaret; SÁEZ, Gema Palazón [En.]. Revolution doesn't die, it simply changes with the time. Entrevista com Margaret Randall. BLANES, Jaume Peris; SÁEZ, Gema Palazón. [Org.] *Avatares del testimonio en América Latina: tensiones, contradicciones, relecturas*. Número especial de *Kamchatka: Revista de Análisis Cultural*, 2015, p.435-445.

imersão na realidade latino-americana destacou seu aprendizado sobre o neocolonialismo a partir da realidade desses sujeitos e percebeu, a medida em que também aprofundava numa literatura feminista, de que forma problemas que antes ela considerava como individuais eram, na verdade, político-sociais.

Por fim, gostaríamos de indicar algumas questões abertas pela presente pesquisa e que podem ser investigadas e colocadas em diálogo com o que analisamos nesse trabalho - como possibilidades também para outras pesquisadoras/as. Inicialmente, traçar a rede intelectual estabelecida através de *El Corno Emplumado*, assim como os debates artísticos, culturais e políticos estabelecidos ali, o que nos parece fonte profícua para a História Intelectual latino-americana em perspectiva transnacional, capaz de apresentar debates e articulações político-intelectuais de uma época. Para isso, indicamos o uso do arquivo *El Corno Emplumado Archive*, disponível na *Fales Library and Special Collections* da Universidade de Nova York. O arquivo disponível na coleção especial da biblioteca da Universidade de Princeton, *Margaret Randall Materials, 1967-1968* e *Selected correspondence of Margaret Randall*, contribui para interpretação dessas redes e debates conformados na revista, assim como as relações estabelecidas por ela no meio intelectual e político latino-americano e internacional.

Outro ponto que não pudemos desenvolver, diz respeito a análise das fotografias como *testimonios imagéticos*, ideia desenvolvida e defendida por Randall, que pode contribuir para um aprofundamento em seu trabalho; para uma outra perspectiva teórico-metodológica a respeito do testemunho; e como fontes para interpretação das condições e participação feminina nas revoluções. Nesse caso, o material mais consolidado pela estadunidense retrata o contexto vivido na Nicarágua. Esses documentos se encontram disponíveis no *Margaret Randall Photograph Collection* no *Center for Southwest Research* da Universidade do Novo México. Por fim, um olhar para os testemunhos das mulheres cubanas e sandinistas, dedicado a uma melhor compreensão a respeito do papel desempenhado pelas organizações de massas femininas, constituídas no contexto cubano e nicaraguense — a Federação de Mulheres Cubanas e a Associação de Mulheres Nicaraguenses Luísa Amanda Espinoza respectivamente —, pode contribuir para o aprofundamento da participação e agenda das mulheres nos contextos revolucionários.

Sugerimos também um trabalho que procure aproximar e aprofundar na relação entre os testemunhos de Randall e a tradição testemunhal da América Latina, como foi feito no âmbito da Teologia da Libertação e em movimentos de direitos humanos, retomando uma história de

produção testemunhal de disputa de memória, construção de narrativa histórica que não se organiza apenas pelos relatos da barbárie.

Com esses apontamentos gerais sobre a pesquisa realizada e as indicações de caminhos futuros para novas investigações, reafirmamos que a ampliação dos sujeitos históricos tem sido determinante para a formação de uma nova geração de pessoas cidadãs, historiadoras/es. Um esforço contínuo nesse sentido se faz necessário em cada canto que busque uma América Latina livre e soberana.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACEVES-SEPÚLVEDA, Gabriela. Arte, contacultura y política: la Guerra Fría através de El Corno Emplumado / The Plumed Horn 1962-1969. In.: *Revista de Estudios Globales y Arte Contemporáneo*. Vol.05, n.01, 2017, p.29-52.
- AGUILAR CAMÍN, Héctor; MEYER, Lorenzo. *À sombra da Revolução Mexicana: História mexicana contemporânea 1910 – 1989*. São Paulo: EDUSP, 2000.
- AKOTIRENE, Carla. Cruzando o Atlântico em memória da interseccionalidade. In.: RIBEIRO, Djamila (Org). *Interseccionalidade*. Carla Akotirene. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020, p.17-56.
- ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *O ser humano é maior que a guerra*. A guerra não tem rosto de mulher. São Paulo: Companhia das Letras, 2013
- ALMEIDA, Marisangela Lins de. Em legítima defesa: a escrita feminina negra como enfrentamento e transgressão. In. *Revista Teias*, Rio de Janeiro, v.21, n.62, p. 38-49, jul.2020.
- ALMEIDA, Sandra R. G. Prefácio. Apresentando Spivak. In.: SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p.07-22.
- ALTAMIRANO, Carlos. *Intelectuales: Notas de investigación*. Bogotá: Editora Norma, 2006.
- ALVAREZ, Sonia E.; CHUCHRYK, Patrícia; NAVARRO-ARANGUREN, Marysa, STERNBACH, Nancy Saporta. Feministas na América Latina: de Bogotá a San Bernardo. In. *Estudos Feministas*. n. 2, 1994, p. 255-295.
- ANHALT, Diana. El exílio desconocido: expatriados políticos estadounidenses en México (1948-1965). In.: YANKELEVICH, Pablo. *México, país de refugio*. La experiencia de los exiliados en el siglo XX. México: CONACULTA, INAH, 2002, p.167-180.
- ARENDT, Hannah. *Los orígenes del Totalitarismo*. Madrid: Taurus, 1998.
- ARFUCH, Leonor. *Memoria y autobiografía: exploraciones en los límites*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2013.
- \_\_\_\_\_. *El espacio biográfico*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2010.
- ARMANI, Carlos Henrique. Historia Intelectual, contextos de las escrituras y redes. In. COSTA, Adriane; MAÍZ, Cláudio. *Nas tramas da “cidade letrada”: sociabilidade dos intelectuais latinoamericanos e as redes transnacionais*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2018, p.203-216.
- ANZALDÚA, Glória. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. In. *Estudos feministas*. Florianópolis. v. 08, n. 01, p. 229-236. 2000.
- AZEVEDO, Cecília. Sob o signo da Aliança: o Projeto Kennedy e as representações da América. In. *História Revista*, Goiânia, v.2, n.1, 2012. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/historia/article/view/17481>>. Acesso em: 27/04/2025.

BAGGIO, Katia Gerab. *A Questão Nacional em Porto Rico: o Partido Nacionalista (1922-1954)*. São Paulo: FAPESP: Annablume, 1998.

BAIÃO, Fábio Eduardo de Araújo. “*Arautos da revolução*”: Os presidentes mexicanos e os usos da história nacional (1940 – 1994). 2016. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 254f.

BALLESTRINI, Luciana. Feminismos subalternos. In. *Estudos Feministas*. Florianópolis, 25(3), 2017, p.1034-1054.

\_\_\_\_\_. Feminismos Subalternos: contribuições, tensões e limites. In. *Anais*. 39º Encontro anual da ANPOCS - GT 10: Democracia e Desigualdades. 2015, 28p.

\_\_\_\_\_. América Latina e o giro decolonial. In. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, Nº11, 2013, p.89-117.

BALLÓN GUTIÉRREZ, Alejandra. El caso peruano de esterilización forzada: Notas para una cartografía de la resistencia. In. *Aletheia*, Argentina, v. 5, n. 9, p. 1-21, 2014.

BARRANCOS, Dora. *História dos feminismos na América Latina*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

\_\_\_\_\_. *Historia mínima de los feminismos en América Latina*. Cidade do México: El Colegio de México, 2020.

BATAILLON, Gilles. *Génesis de las guerras intestinas en América Central (1960-1983)*. México: Fondo de Cultura Económica, 2008.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BECCARI, Marcos. Namba. O direito de olhar a partir de Foucault, Spivak e Mbembe. In. *Revista ARS*. São Paulo, v.18, n.40, 2020, p.344-388.

BETTO, Frei. *O que é Comunidade Eclesial de Base*. São Paulo: Abril, 1985.

BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. *Feminismo e política: uma introdução*. São Paulo: Boitempo, 2014.

BIROLI, Flávia. O público e o privado. In. BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. *Feminismo e política: uma introdução*. São Paulo: Boitempo, 2014, p.31-46.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BUSQUIER, Lucía. Las “mujeres del Tercer Mundo” en Estados Unidos: control de natalidad y esterilizaciones forzadas (1970-1975). In. *Revista Estudos Feministas*, N. 28, Vol. 1, 2020.

CALEGARI, Ana Paula Cecon. *Trajetória partidária e cultura política dos comunistas em Cuba*. Vitória, ES: Edifes, 2024.



CARDOSO, Ciro Flamarion. *América pré-colombina*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

CASTRO GOMES, Ângela; HANSEN, Patrícia Santos. Intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para delimitação do objeto de estudo. In. CASTRO GOMES, Ângela; HANSEN, Patrícia Santos [org.]. *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2016, p.07-40.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da “invenção do outro”. In. LANDER, Edgar [Org.]. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p.169-186.

CHASE, Michelle. *Revolution within the revolution*. Women and gender in Cuba, 1952-1962. The University of North Carolina Press, 2015.

CHINCHILA, Norma Stoltz. Classe, gênero e soberania na Nicarágua. In. *Revista Estudos Feministas*. Nº2, 1993, p. 321-347.

CIRIZA, Alejandra. Genealogías feministas, radicalización política e izquierdas en la Argentina de los años 70. In.: *Revista Nomadías*. N.29, 2020, p.181-209.

COLLINS, Patrícia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. São Paulo: Boitempo, 2021.

\_\_\_\_\_. *Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. Tradução Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

COSSE, Isabella. Childhood, Love and Politics: The Montonero “Nursery” in Cuba during the Cold War. In. *Journal of Latin American Studies*. N.55, vol. 1, 2023, p. 1-26.

COSTA, Adriane Vidal. Darcy Ribeiro e o Centro de Estudios de Participación Popular (CENTRO) em Lima: redes intelectuais e circulação de ideias. In. COSTA, Adriane Vida; PALTÍ, Elias J. [Org.]. *História intelectual e circulação de ideias na América Latina nos séculos XIX e XX*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2021, p. 84-112.

\_\_\_\_\_. “Uma proposta teórico-metodológica para o estudo de redes intelectuais latinoamericanas formadas nos exílios nas décadas de 1960 e 1970”. In. COSTA, Adriane; MAÍZ, Cláudio. *Nas tramas da “cidade letrada”: sociabilidade dos intelectuais latinoamericanos e as redes transnacionais*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2018, p.153-178.

\_\_\_\_\_. *Intelectuais, política e literatura na América Latina: O debate sobre revolução e socialismo em Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa*. São Paulo: Alameda, 2013.

CRENSHAW, Kimberlé. *Mapeando as margens: interseccionalidade, políticas de identidade e violência contra as mulheres não-brancas*. Tradução de Carol Correia, s/d. Disponível em: < <https://www.geledes.org.br/mapeando-as-margens-interseccionalidade-politicas-de-identidade-e-violencia-contra-mulheres-nao-brancas-de-kimberle-crenshaw%E2%80%8A-%E2%80%8Aaparte-1-4/>> Acesso: 03 de dezembro de 2024.

CURIEL, Ochy. Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial. In. HOLLANDA, Heloísa Buarque de; VAREJÃO, Adriana [et.all.] *Pensamento feminista hoje: perspectiva decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020, p.120-139.

CUSICANQUI, Silvia Rivera. *Ch'ixinakax utxiwa*. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010, p.53-76.

CYPRIANO, Breno. “Construções do pensamento feminista latino-americano”. In. *Revista Estudos Feminista*. Florianópolis, v. 21, n. 1, 2013, p.11-40.

DE FREITAS, Lorena Martoni. A crítica de Spivak à Foucault. In. *Revista Húmus*, v.10, n.29, 2020, p.25-42.

DELPAR, Helen. Exiliados y expatriados estadounidenses en México (1920-1940). In.: YANKELEVICH, Pablo. *México, país de refugio*. La experiencia de los exiliados en el siglo XX. México: CONACULTA, INAH, 2002, p.141-153.

DEL ROIO, Marcos. Gramsci e a emancipação do subalterno. In. *Revista de Sociologia e Política*, n.29, 2007, p.63-78.

DELAP, Lucy. *Feminismos: Uma história global*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

DEVÉS-VALDÉS, Eduardo. *Hacia la constitución de una comunidad intelectual*. Santiago: Instituto de Estudios Avanzados, Universidad de Santiago de Chile, 2007.

DOMINGUES, Ivan. *O intelectual cosmopolita globalizado é um outsider*. Entrevista especial com Ivan Domingues. [Entrevista concedida a]Patricia Fachin. Instituto Humanitas Unisinos, agosto de 2018. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/582040-o-intelectual-cosmopolita-globalizado-e-um-outsider-entrevista-especial-com-ivan-domingues>>.

DOSSE, François. *La marcha de las ideas*. Historia de los intelectuales, historia intelectual. Valência: Universidade de Valência, 2007.

EVARISTO, Conceição. É preciso questionar as regras que me fizeram ser reconhecida apenas aos 71 anos, diz escritora. *Entrevista concedida à Júlia Dias Carneiro*. Rio de Janeiro, BBC Brasil, 2018.

FABBRI, Luciano. *Apuntes sobre feminismos y construcción de poder popular*. Santiago: Proyección editores, Tiempo Robado editoras, 2017.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, 2017.

\_\_\_\_\_. *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2019.

FEINSON, Harris. *Abertura da exposição El Corno Emplumado: Hemispheric Poetry Networks, 1962-1969*. Open door archive. Disponível em: <<https://opendoor.northwestern.edu/archive/exhibits/show/el-corno-emplumado-hemispheric>> Último acesso: 05/09/2022, 16h.

FEMENÍAS, María Luisa. “Esbozo de un feminismo latinoamericano”. In. *Revista Estudos Feministas*, Santa Catarina: UFSC. v. 15, n. 1, 2007, p.11-25.

FERREIRA GONTIJO, Stella. A “democracia popular” da Frente Sandinista de Libertação Nacional: uma breve discussão a partir do debate marxista e da práxis revolucionária. In. *Revista da ANPHLAC*, Vol.20, Nº 28, 2020, p. 110–137.

\_\_\_\_\_.; RIBEIRO, Cristiane. Mulheres intelectuais em trânsito na América Latina nos séculos XIX e XX: Maria Concepcion Gimeno Flaquer e Margaret Randall. In. *Revista Eletrônica Da ANPHLAC*, 21(31), 223–256.

\_\_\_\_\_. *"Hasta que seamos libres": feminismo e Revolução Sandinista nas obras de Gioconda Belli (1972 – 1993)*. Dissertação (Mestrado). Elisa de Campos Borges, orientadora. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019. 209 f. Disponível em: <<https://www.historia.uff.br/stricto/td/2361.pdf>>

FERRERO BLANCO, Maria Dolores. El diseño de las instituciones en el Estado Sandinista (1979-1982): la revolución como fuente de derecho. In. *Revista de Indias*. No. 265, Vol. LXXV, p. 805-850.

FLÔRES, Fernanda Lédo. A atuação da Federação Democrática Internacional de Mulheres em Cuba (1960-1980). In. *Anais XIII Encontro Estadual de História. História e Mídias: narrativas em disputa*, ANPUH, 2020. Disponível em: [https://www.encontro2020.pe.anpuh.org/resources/anais/22/anpuh-pe-eeh2020/1600708617\\_ARQUIVO\\_cb3a308419cbbd9b7589ae9ab213f5ce.pdf](https://www.encontro2020.pe.anpuh.org/resources/anais/22/anpuh-pe-eeh2020/1600708617_ARQUIVO_cb3a308419cbbd9b7589ae9ab213f5ce.pdf) Acesso: 04/04/2025.

FORNÉ, Anna. ‘Una suma de negaciones’: apuntes sobre el género testimonial y el Premio Casa de las Américas (1970-1976). In.: *Kamchatka*. Revista de análisis cultural. Dossiê Avatares del testimonio en América Latina: tensiones, contradicciones, relecturas... (Jaume Peris Blanes e Gema Palazón Sáez, org.), 2015, p.251-267.

FOUCAULT, Michel. *Las palabras y las cosas*, México, Siglo XXI, 2007.

\_\_\_\_\_. Os intelectuais e o poder: conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze. In .MACHADO, Roberto [org.] *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FRASER, Nancy. Mapeando a imaginação feminista: da redistribuição ao reconhecimento e à representação. In. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 15(2):240, 2007, p.291-308.

FRAZIER, Jéssica M. Using the Randall archive: Photography, Poetry, Politics. In. Mesa de debate no evento *Retrieving the real history: exploring the Margaret Randall Archives at UNM*. Universidade do Novo México, 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=meJA4Vp7QBc&t=24s>> Acesso: 04/11/2022.

FREIRE DA SILVA, Danusa Vieira. *Pessoas e plantas em um mundo de pontas: uma crítica feminista e decolonial aos estudos de povoamento inicial das Américas*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pelotas, 2021.

GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1983.

GARCÍA PÉREZ, Gladys Marel. Mujer y Revolución: Una perspectiva desde la insurgencia cubana (1952-1959). In. *Cuadernos de Pensamiento Crítico*. No 3. 2009.

GARGALLO, Francesca. Para pensar cómo deconstruir el feminismo hegemónico en nuestra América. A manera de provocación-reflexión. In. *Revista Encuentros Latinoamericanos*, N.2, 2008, p. 17-29, p. 18.

GARIAZZO, Alicia. La revolución no da la solución. La mujer en la Nicaragua sandinista. In. *Nueva Sociedad*. N.º.113, Maio-Junho 1991.

GILMAN, Claudia. *Entre la pluma y el fusil*. Debates y dilemas del escritor revolucionario en América Latina. Buenos Aires: Siglo XXI, 2003.

GONZALEZ, Lélia. Cultura, etnicidade e trabalho: Efeitos linguísticos e políticos da exploração da mulher. [1979]. In: GONZALEZ, Lelia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Organização Flávia Rios; Márcia Lima. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2020 p.25-44.

GOTT, Richard. *Cuba*. Una nueva historia. Madrid: Ediciones Akal, 2007.

GRADSKOVA, Yulia. La FDIM y los derechos de las mujeres en América Latina: expectativas y alianzas durante la Guerra Fría, 1950-1970. In. *Revista Descentrada*. Revista interdisciplinaria de feminismo y género. No.2, Vol.5, 2021.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Volume 1: Introdução ao estudo da filosofia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

\_\_\_\_\_. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios ao longo do século XVI. In. *Sociedade e Estado*, v.31, n.1, p.25-49, 2016.

HAAN, Francisca. La Federación Democrática Internacional de Mujeres (FDIM) y América Latina, de 1945 a los años setenta. In. VALOBRA, Adriana; YUSTA, Mercedes. *Queridas camaradas Historias iberoamericanas de mujeres comunistas*. Buenos Aires: Milo y Davila, 2017, p. 17-44.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. In. *Cadernos Pagu*. N.05, 1995, p.07-41.

HERRERA, María del Carmen Collado. La guerra fría, el movimiento estudiantil de 1968 y el gobierno de Gustavo Díaz Ordaz: La mirada de las agencias de seguridad de Estados Unidos. In. *Secuencia*: Revista de historia y ciencias sociales, México, n. 98, 2017, p.158-203.

HINER, Hillary. Responsabilidad y desafío: Lucía Hiriart y las mujeres de derecha frente el plebiscito y la constitución de 1980 en Chile. In. *Historia 396*, Valparaíso v. 13, n. 2, pp. 51-82, jul-dic. 2023.

HIRATA, Helena. Gênero, patriarcado, trabalho e classe. In. *Revista Trabalho Necessário*. Ano 16, N.º29 Rio de Janeiro, UFF, 2018.

\_\_\_\_\_. Mundialização, divisão sexual do trabalho e movimentos feministas transnacionais. In. *Cadernos de crítica feminista*. Ano III, N. 2, 2009, p. 80-107.

HIRATA, Helena; ZARIFIAN, Philippe. O conceito de trabalho. In. EMÍLIO, Marli; TEIXEIRA, Marilane; NOBRE, Miriam; GODINHO, Tatau (Orgs.). *Trabalho e cidadania ativa para as mulheres: desafios para as Políticas Públicas*. SP: Coordenadoria Especial da Mulher, 2003.

HOOKE, Bell. Intelectuais negras. In. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v.03, n.02, p. 464-478, dez. 1995.

IBARGUEN, Gabriela Silva. *Texto, contexto e índices de El Corno Emplumado (1962-1969)*. 2017. Dissertação (Mestrado em Literatura Hispanoamericana). El Colegio de San Luis, San Luis Potosí. 481p.

JANSEN, Silvana. Exílio e Historia Reciente: Avances y perspectivas de un campo en construcción. In.: *Revista Aletheia*, Volume 1, n.2. 2011, 22p.

KAMPWIRTH, Karen. *Feminism and the Legacy of Revolution*: Nicaragua, El Salvador, Chiapas. Estados Unidos: Ohio University Press, 2004.

\_\_\_\_\_. *Women & Guerrilla Movements*: Nicaragua, El Salvador, Chiapas, Cuba. Estados Unidos: Penn State University Press, 2003.

KOLONTAY, Alejandra. *La mujer nueva y la moral sexual*. Madrid: Ediciones Hoy, 1931.

KOSS, Zane. El Cono Emplumado and Transnational Domestic Space. In. *Exibição El Corno Emplumado: Hemispheric Poetry Networks, 1962-1969*. 2015, s/p. Disponível em: <<https://opendoor.northwestern.edu/archive/exhibits/show/el-corno-emplumado-hemispheric/transnational-domesticity-koss>> Acesso: 06/09/2022, 13h10.

KRUIJT, Dirk. *Guerrilla: guerra y paz en Centroamérica*. Guatemala: F&G Editores, 2009.

LANDER, Edgardo. *Marxismo, eurocentrismo e colonialismo*. A teoria marxista hoje. Problemas e perspectivas. Buenos Aires: CLACSO, 2007, p.222-260.

LARREA, Maria Isabel O. "Historia y literatura en la narrativa hispano-americana". In. *Documentos Lingüísticos y Literarios*. 2003, s/p.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Organização Jovita Maria Gerheim Noronha. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LERNER, Gerda. *A Criação do Patriarcado: História da Opressão das Mulheres Pelos Homens*. São Paulo: Cultrix, 2019 [1986].

LIDA, Clara Eugenia. *Caleidoscópio del exilio: actores, memorias y identidades*. México: El colegio de México, Centro de Estudios Historicos, 2009.

LOWY, Michael. Marxismo e cristianismo na América Latina. In. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*. No.19. São Paulo, novembro de 1989, p. 5-21.

\_\_\_\_\_. *O que é Cristianismo da Libertação: religião e política na América Latina*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo; Expressão Popular, 2016.

LUGONES, María. Colonialidad y Género. *Tabula Rasa*. Bogotá, Colômbia, No.9: 73- 101, juliodiciembre 2008, p.73 – 101.

MACÍAS AMORES, Joseba. Revolución Cubana: Mujer, Género y Sociedad Civil. In. *Revista Viento Sur*, 2011, s/p.

MARIÁTEGUI, José Carlos. Ponto de vista antiimperialista. In. *Revista Novos Rumos*, No.18/19, ano 5, 1990, p. 64-66.

MARQUES, Rickley Leandro. O papel dos intelectuais na revolução cubana – o caso Padilla. In. *Revista Em Tempo de Histórias*, PPG-HIS/UnB, n.13, Brasília, 2008, p.105-123.

MARRERO, Samantha N. The Final Straw: The Battle for Puerto Rico. In. *Cuny. Academic Works*, 2023. Disponível em: [https://academicworks.cuny.edu/le\\_etds/27](https://academicworks.cuny.edu/le_etds/27) Acesso: 05 de dezembro de 2024.

MATOS, Marlise. Movimento e teoria feminista: é possível reconstruir a teoria feminista a partir do Sul global? In. *Revista Sociologia Política*, Curitiba, v.18, n.36, 2010, p.67-92.

MEJÍA FLORES, Verónica. Análisis histórico: Pasado y presente de Ciudad Sandino. In. *Revista Humanismo y Cambio Social*. No 5, ano 3, Manágua: UNAN, Janeiro-Julho 2015 p. 58-67.

MENDELES, Juan Carlos Vázquez; RUEDA ESTRADA, Verónica. Testimonio nicaragüense: de los Sandinistas a la inclusión de los Contrás. Por una polémica memoria contrarrevolucionaria. In.: *Kamchatka*. Revista de análisis cultural. Dossiê Avatares del testimonio en América Latina: tensiones, contradicciones, relecturas... (Jaume Peris Blanes e Gema Palazón Sáez, org.), 2015, p.463-490.

MICELI, Sergio; MYERS, Jorge. Prólogo: “Le dur désir de durer”. In. *Retratos latino-americanos: a recordação letrada de intelectuais e artistas do século XX*. São Paulo: Edições Sesc, 2019, p.10-47.

MIGNOLO, Walter. A Geopolítica do Conhecimento e a Diferença Colonial. In. *Revista Lusófona de Educação*, n.48, p.187-224, 2020.

\_\_\_\_\_. La descolonialidad del vivir y del pensar: deprendimiento, reconstitución epistemológica y horizonte histórico de sentido. In. QUIJANO, Aníbal. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2019, p.11-46.

\_\_\_\_\_. Border thinking and the colonial difference. In.: *Local histories/Global designs: Essays on the Coloniality of Power, Subaltern Knowledges and Border Thining*. Princeton: University Press, 2012, p.49-90.

\_\_\_\_\_. Desobediência epistêmica: a opção decolonial e o significado de identidade em política. In. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*, n.34, 2008, p.287-324.

\_\_\_\_\_. Novas reflexões sobre “A ideia de América Latina”: a direita, a esquerda e a opção decolonial. In. *Caderno CRH*. Salvador, v.21, n.53, 2008, p.239-252.

\_\_\_\_\_. Después de América Latina: la herida colonial y la transformación epistémica geopolítico-corporal. In. *La idea de América Latina: La herida colonial y la opción decolonial*. Barcelona: Gedisa editorial. 2007, p.117-168.

MIGUEL, Luis Felipe. O feminismo e a política. In. BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. *Feminismo e política: uma introdução*. São Paulo: Boitempo, 2014, p.17-30.

MIÑOSO, Yuderkys Espinosa. Fazendo uma genealogia da experiência: o método rumo a uma crítica da colonialidade da razão feminista a partir da experiência histórica na América Latina. In. HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020, p.96-119.

MIRANDA, Wander de Melo. *A ilusão autobiográfica*. Corpos escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago. São Paula: Editora da Universidade de São Paulo, 1992, p.25-42.

MIRES, Fernando. *La rebelión permanente: las revoluciones sociales en America Latina*. México: Siglo XXI Editores, 2001.

MISKULIN, Sílvia Cezar. As repercussões do movimento estudantil de 1968 no México. In.: *Anais VIII Encontro Internacional da ANPHLAC*. Vitória, 2008, 11p.

\_\_\_\_\_. O ano de 1968 em Cuba: mudanças na política internacional e na política cultural. In. *Revista Esboços*, n.20, UFSC, 2008 p. 47-66.

\_\_\_\_\_. *Os intelectuais cubanos e a política cultural da revolução (1961-1975)*. São Paulo, Alameda, 2009.

\_\_\_\_\_. A política cultural na Revolução Cubana: as disputas intelectuais nos anos 1960 e 1970. In. *Caderno CrH*, v. 32, n.87.

MOHANTY, Chandra Talpade. *Feminism without border: decolonizing theory, practicing solidarity*. Duhram: Duke University Press, 2003.

MOLINEAUX, Maxine. Intereses de la mujer, el Estado y la Revolución: El caso de Nicaragua. In. CORAGGIO; DEERE [Coords.] *La transición difícil: la autodeterminación de los pequeños países periféricos*. México: Siglo XXI, 1986.

MORENO, José Gerardo. A 47 años de la Gesta Histórica de Octubre Victorioso. In. *Revista Soberanía*. No.15, Ano 2, outubro de 2024, p. 11-19.

MORENO, Renata (Org.). *Feminismo, economia e política: debates para a construção da igualdade e autonomia das mulheres*. São Paulo: SOF, 2014.

MURIGUALDAY, Clara. *Nicaragua, revolución y feminismo (1977-1989)*. Madrid: Editorial Revolución, 1990.

MURILLO, Julio García; TATTERSFIELD, Regina. Poetry fate to face with History: Inadvertent Log of Margaret Randall's visit to Mexico. In. *Exibição El Corno Emplumado: Hemispheric Poetry Networks, 1962-1969*. 2015, s/p. Disponível em: <<https://opendoor.northwestern.edu/archive/exhibits/show/el-corno-emplumado-hemispheric/inadvertent-log>> Acesso: 06/09/2022, 13h08.

NAME, L., SPYER, T. Às vezes é feio, mas tá na moda! Potências, adições e limites decoloniais. *V!RUS*, Vol.26, 2003, p. 29-40. Disponível em: <<http://vnomads.eastus.cloudapp.azure.com/ojs/index.php/virus/article/view/882>> Acesso: 15/09/2025, 10h31.

NORA, Pierre. Entre memória e história: A problemática dos lugares. In. *Projeto História*. São Paulo, n.10, 1993, p.07-28.

\_\_\_\_\_. Pierre Nora, ou o historiador da memória. Entrevista concedida a Ana Cláudia Fonseca Brefe. In. *Revista de História Social*, Campinas: SP, n.6, 1999, p.13-33.

NORONHA DE SÁ, Maria Elisa. Apresentação: História intelectual latino-americana: itinerários, debates e perspectivas. In. NORONHA DE SÁ, Maria Elisa (Org). *História intelectual latino-americana: itinerários, debates e perspectivas*. Rio de Janeiro: Ed. Puc Rio, 2016, p.09-22.

OLIVEIRA, Maria da Glória de. A história disciplinada e seus outros: reflexões sobre as (in)utilidades da uma categoria. In: AVILA, Arthur Lima de; NICOLAZZI, Fernando; TURIN, Rodrigo (orgs.). *A História (in)Disciplinada: teoria, ensino e difusão de conhecimento histórico*. Vitória: Editora Milfontes, 2019, p.53-72.

OYEYÚMÍ, Oyèronké. *A invenção das mulheres*. Construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PAGOTTO, Alice Maria. *Forjando a revolução: a cultura política priista (1946-1988)*. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. 2015, 270p.

PARADIS, Clarisse Goulart. *Entre o Estado patriarcal e o feminismo estatal: o caso dos mecanismos institucionais de mulheres na América Latina*. Dissertação. FAFICH (Departamento de Ciência Política), UFMG, Belo Horizonte, 2013.

PAREDES, Alejandro. “De los cuasi-grupos a los colegios invisibles: distintos modos de pensar la interacción entre intelectuales latinoamericanos durante el siglo XX”. In. COSTA, Adriane; MAÍZ, Cláudio. *Nas tramas da “cidade letrada”: sociabilidade dos intelectuais latinoamericanos e as redes transnacionais*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2018, p.19-36.

PAREDES, Julieta. *Hilando fino desde el feminismo comunitario*. La Paz: Cooperativa El Rebozo, 2013.

PATEMAN, Carole. *O contrato sexual*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

PEDREROS, Abel Ricardo López. Empleadas, mujeres de oficina y la construcción de las identidades de media en Bogotá, 1930-1950. In. *Anuario Colombiano de Historia Social y de la Cultura*. N.30, 2003, p. 257-279.

PENNA, João Camillo. Este corpo, esta dor, esta fome: notas sobre o testemunho hispano-americano. In. SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, memória e literatura: O testemunho na era das catástrofes*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003, p.297-350.



PÉREZ, Yasmín Elizabeth Rojas. *El Corno Emplumado / The Plumed Horn: poesía, vida y resistencia*. 2018. Dissertação (Mestrado em Literatura Mexicana). Instituto de Investigaciones Lingüístico-Literarias Universidade Veracruzana, Xalapa, México, 164p.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. “História & literatura: uma velha-nova história”. In. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, n. 6, abr. 2006, s/p.

PINZÓN, Edith. La esterilización femenina forzada en el contexto latinoamericano. Anamnesis. In. *Revista de bioética*. N. 7, agosto-dezembro 2012.

PITA GONZÁLEZ, Alexandra. Introdução. In. PITA GONZÁLEZ, Alexandra. *Redes intelectuales transnacionales em América Latina durante la entreguerra*. Colima: Universidade de Colima. Cidade do México: Miguel Ángel Porruá, 2016, p.05 – 23.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989, p.3-15.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In. LANDER, Edgardo [Org.]. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas*. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, 2005.

RAGO, Margareth. Autobiografia, gênero e escrita de si: nos bastidores da pesquisa. In. AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso. *O que pode a biografia*. São Paulo: Letra e Voz, 2018, p. 205-222.

\_\_\_\_\_. *A aventura de contar-se*. Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2013.

\_\_\_\_\_. “Epistemologia feminista, gênero e história”. In. PEDRO, Pedro, Joana; GROSSI, Miriam. (Orgs.) *Masculino, feminino, plural*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998, p.01-17.  
RAMA, Ángel. La riesgosa navegación del escritor exiliado. In.: *Revista Nueva Sociedad*, n.35, março-abril 1978, p.01-10.

RIBERTI, Larissa Jacheta. La noche de Tlatelolco: literatura de testemunho, construção narrativa e representação do movimento estudantil mexicano de 1968. In. *Revista Contemporânea: Dossiê de História e Literatura*, v. 2, n. 4, 2013, p.01-33.

RICHTER, D. Revisitando Black Mountain College: Ensinando a Transgredir. In. *Revista Farol*, v. 16, n. 23, 2021, p. 212–226.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. São Paulo: Editora UNICAMP, 2007.

RODRÍGUEZ, Belén Amador. Radio Sandino, un ejemplo de propaganda sandinista durante la revolución nicaraguense (1977-1979). In. *Revista Marco*. Vol.6. Espanha: Universidade de Santiago de Compostela, 2020, p. 33-48. Disponível em:  
<<https://revistas.usc.gal/index.php/marco/article/view/6888>>.

RODRIGUES, B. R. A mão visível do Estado: representações dos Comitês de Defesa da Revolução nos discursos de Fidel Castro (1961-1977). In. *Revista Crítica Histórica*, v. 12, n. 23, 2021, p. 361–377.

RONIGER, Luís. Exílio Massivo, Inclusão e Exclusão Política no Século XX. In.: *DADOS: Revista de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, vol. 53, no 1, 2010, p.91-123.

RUEDA ESTRADA, Veronica. *Testimonio y confesion*. Epica y memoria de la Revolucion Sandinista en la Marca del Zorro, Confesion de amor y adios muchachos de Sergio Ramirez Mercado. (Tesis de Maestría). Universidad Nacional Autónoma de México, México, 2005, 276p.

SÁEZ, Gema D. Palazón. Antes, durante, después de la revolución: La lucha continua – Movimiento Feminista en Nicaragua. In. *Revista Lectora*. N.13, 1995, p. 115-131.

SAFFIOTI, Heleieth. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

\_\_\_\_\_. Gênero, patriarcado e violência. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SAID, Edward W. *Representações do intelectual*. As Conferências Reiht de 1993. São Paulo: CIA das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. *Orientalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTAMARÍA, Gema. *Alianza y autonomía: las estrategias políticas del movimiento de mujeres en Nicaragua*. Tese. Instituto Tecnológico Autónomo de México, México, 2005.

SANTANA, Ariane Ribeiro. “De todo modo, era a minha revolução”: Silenciamento de vozes femininas na Geração Beat. Mafuá, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, n. 35, s/p., 2021.

SARTRE, Jean-Paul. *Em defesa dos intelectuais*. São Paulo: Editora Ática, 1994.

SCHACTAE, Andréa M. A construção do herói Che e as masculinidades em Cuba: constituindo um objeto de pesquisa. In: GUILHERME, Willian Douglas. (Org.) *Desafios e soluções da sociologia*. Ponta Grossa: Atena Editora, 2019.

SCHLESENER, Anita Helena. *Hegemonia e cultura: Gramsci*. Curitiba: Ed. UFPR, 2007.

SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. In. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995.

SEGATO, Rita. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. In. *e-cadernos CES* [Online], n.18, 2012, s/p. disponível em: <<https://journals.openedition.org/eces/1533>> Acesso: 04/11/2022.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *A virada testemunhal e decolonial do saber histórico*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2022.

\_\_\_\_\_. História, memória e literatura: O testemunho na era das catástrofes. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In. RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p.231-270.

SPIVAK, Gayatri Chakravorti. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010 [1985].

SOIHET, Rachel. PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero. In. *Revista brasileira de história*. São Paulo, v. 27, n. 54, 2007, p.281-300.

VAN EEUWEN, Daniel. Nicaragua. In. ROUQUIÉ, Alain [coord.] *Las fuerzas políticas en América Central*. México: Fondo de Cultura Económica, 1994, p. 150-210.

VOLPI, Jorge. *La imaginación y el poder*. Una historia intelectual de 1968. México: Ediciones Era, 2006.

WALLERSTEIN, Immanuel. O que era mesmo o Terceiro Mundo? In. *Le Monde Diplomatique*, agosto de 2000, 20p. Disponível em: < <https://fsiufabc.wordpress.com/wp-content/uploads/2015/11/wallerstein-20002.pdf>>.

WEFFORT, Francisco C. Apresentação. In. SARTRE, Jean-Paul. *Em defesa dos intelectuais*. São Paulo: Editora Ática, 1994, p.05-12.

WEINSTEIN, Bárbara. Pensando a história fora da nação: a historiografia da América Latina e o viés transnacional. In. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, n.14, 2013, p.13-29.

WERMUTH, Maiquel; SCHUBERT, Fernanda; NIELSSON, Joice. Direitos sexuais e reprodutivos na Bolívia: uma análise de aspectos do planejamento familiar e da esterilização forçada de mulheres a partir da perspectiva da biopolítica. In. *Revista da Faculdade Mineira de Direito PUC Minas*. V. 26, N. 52.

YANKELEVICH, Pablo. México, tierra de exilios: a manera de presentación. In.: YANKELEVICH, Pablo. *México, país de refugio*. La experiencia de los exiliados en el siglo XX. México: CONACULTA, INAH, 2002, p. 09-16.

ZIMMERMANN, Matilde. *A Revolução Nicaraguense*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

ZOLOV, Eric. *La nueva izquierda en Estados Unidos y América Latina*: miradas de Eric Zolov. Entrevista por Nicolás Dip. Universidade Nacional Autónoma do México, 1 de setembro de 2019 e 31 de agosto de 2020. Disponível em: < [https://www.researchgate.net/publication/343240028\\_La\\_nueva\\_izquierda\\_en\\_Estados\\_Unidos\\_y\\_America\\_Latina\\_miradas\\_de\\_Eric\\_Zolov](https://www.researchgate.net/publication/343240028_La_nueva_izquierda_en_Estados_Unidos_y_America_Latina_miradas_de_Eric_Zolov)> Acesso: 26/04/2025.

## FONTES

### *Fontes primárias*

MONDRAGÓN, Sérgio; RANDALL, Margaret. El corno emplumado / The plumed horn 01-31. *Opeen Door Archive*, 1962 – 1969. Disponível em: <<https://opendoor.northwestern.edu/archive/exhibits/show/el-corno-emplumado-hemispheric>> Acesso: 30/05/2025.

RANDALL, Margaret. *Las mujeres*. Cidade do México: Siglo XXI. 1ª edição. 1970.

\_\_\_\_\_. Una brasileña en la lucha: Adamaris Oliveira Lucena. In. *Comunidad*. Cuadernos de difusión de cultura de la Universidad Iberoamericana. México, vol. VI, n.31, julho 1971.

\_\_\_\_\_. Revolución: testimonios de mujer. Santiago. In. *Revista de la Universidad de Oriente*. N.4, Santiago de Cuba, Cuba, setembro 1971.

\_\_\_\_\_. *La mujer cubana ahora*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 1972.

\_\_\_\_\_. *Sobre la situación de la mujer*. Lima, Peru: Sistema Nacional de Apoyo a la Movilización Social; Centro de Estudios de Participación Popular, 1973.

\_\_\_\_\_. La penetración imperialista y sus consecuencias para la mujer latinoamericana. Santiago. In. *Revista de la Universidad de Oriente*, nº15, julho-setembro de 1974, p. 227-247.

\_\_\_\_\_. Women in Cuba. An interview with Margaret Randall. In. *Plexus*. A bay area women's newspaper. Vol.1, n.10. São Francisco, Estados Unidos, novembro 1974, p. 5.

\_\_\_\_\_. Appendix C: "We need a government of men and women...!" In. *Report on 2nd Congress of the Federation of Cuban Women*, November 1974. Cuba information 1975. Ottawa, Estados Unidos: Ottawa, 1975, p. 25-30.

\_\_\_\_\_. *Somos millones*. *Manuscrito*: Margaret Randall Papers, UNM Center for Southwest Research & Special Collections, 1975.

\_\_\_\_\_. Venceremos: Women in the new Cuba. In. *Canadian Dimension*. Vol 10, No.8. Ottawa, Canadá. junho 1975, p. 49-55.

\_\_\_\_\_. You can't make a revolution without them! In. *Lawg Letter*, vol.III, n.2, Canada: Latin American Working Group, dezembro-janeiro 1975/1976.

\_\_\_\_\_. Introducing the family code. In. *The Other Woman*. Canadian feminist. Special issue, march 8th, vol.4, n.2. Toronto, Canadá, 1976, p.3.

\_\_\_\_\_. Media in Latin America: mass mind control. In. *The Other Woman*. Canadian feminist. Special issue, march 8th, vol.4, n.2. Toronto, Canadá, 1976, p.4.

\_\_\_\_\_. Family code update. Communique from Cuba. In. *The Other Woman*. Canadian feminist. Vol.4, n.3. Toronto, Canadá, maio-junho 1976, p.9.

\_\_\_\_\_. *Postfacio: 1974*. Mujeres en la revolución, entrevistas con Margaret Randall. México: Siglo XXI, 1978, p.357-375.

\_\_\_\_\_. *No se puede hacer la revolución sin nosotras*. Havana: Casa de las Américas, 1978.

\_\_\_\_\_. El pueblo no es solo testigo: la historia de Dominga. In. *Revista Cuadernos Universitários*. Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, Universidade de San Carlos de Guatemala, nº 3, julho-agosto 1979.

\_\_\_\_\_; NÚÑEZ, Víctor Rodríguez. Los días y la sangre de Iverna Codina. In. *Revista Revolución y Cultura*, No.77, La Habana, Cuba, janeiro 1979.

\_\_\_\_\_. Las compas de verde olivo. In. *Jornal En Rojo*, Manágua, 4 a 10 de julho de 1980.

\_\_\_\_\_. *Women in Cuba ten years later*. Nova York: Smyrna Press, 1981.

\_\_\_\_\_. La mujer: Especificidad de su problemática. In. *Ventana*. Barricada Cultural. vol.III, n.64, março de 1982.

\_\_\_\_\_. *Risking a somersault in the air*. Conversation with Nicaraguan writers. São Francisco: Solidarity Publications, 1984.

\_\_\_\_\_. *Testimonios: a guide to oral history*. Toronto, Canadá: Participatory Research Group, 1985.

\_\_\_\_\_. Que es, y como se hace un testimonio? In. *Revista de Critica Literaria Latinoamericana*. Ano XVIII, n.36, 1992 [1979], p.24-47.

\_\_\_\_\_. *Gathering rage: the failure of the twentieth century revolutions to develop a feminist agenda*. [Manuscrito], 1992.

\_\_\_\_\_. No habrá cambio social sin revisar el poder desde el feminismo. In. *Envio*. Universidade Centroamericana de Managua, Nicaragua. Ano 19, n.214-215, janeiro-fevereiro 2000, p.44-51.

\_\_\_\_\_. The Other Face of El Corno Emplumado. In. *Exibição El Corno Emplumado: Hemispheric Poetry Networks, 1962-1969*. 2020, s/p. Disponível em: <<https://opendoor.northwestern.edu/archive/exhibits/show/el-corno-emplumado-hemispheric/other-face-of-el-corno-randall>> Acesso: 06/09/2022, 13h44.

\_\_\_\_\_. Remembering El Corno Emplumado. In. *Exibição El Corno Emplumado: Hemispheric Poetry Networks, 1962-1969*. 2015, s/p. Disponível em: <<https://opendoor.northwestern.edu/archive/exhibits/show/el-corno-emplumado-hemispheric/remembering-el-corno-randall>> Acesso em: 1 ago. 2021.

\_\_\_\_\_. Oral history and memory: A personal journey. In.: *Kamchatka*. Revista de análisis cultural. Dossiê Avatares del testimonio en América Latina: tensiones, contradicciones, relecturas (Jaume Peris Blanes e Gema Palazón Sáez, org.), 2015, p.293 – 303.

\_\_\_\_\_; SAÉZ, Gema Palazón [En.]. Revolution doesn't die, it simply changes with the time. Entrevista com Margaret Randall. In.: BLANES, Jaume Peris; SAEZ, Gema Palazón. [Org.] *Avatares del testimonio en América Latina: tensiones, contradicciones, reelecturas*. Número especial de Kamchatka: Revista de Análisis Cultural, 2015, p.435-445.

\_\_\_\_\_. Foreword: The Thing about Taking Risks. In. : SHAYNE, Julie [org.]. *Taking risks: feminist activism and research in the Americas*. Nova Iorque: Suny Press, 2014, p.xi-xv.

\_\_\_\_\_. *I Never Left Home: Poet, Feminist, Revolutionary*. Durham, EUA: Duke University Press Books, 2020A. E-book.

\_\_\_\_\_. *My Life in 100 Objects*. Nova Iorque, EUA: New Village Press, 2020B. E-book.

\_\_\_\_\_. *Entrevista concedida à Stella Ferreira Gontijo em 08 de novembro de 2023*, Albuquerque, Novo México. EUA.

\_\_\_\_\_. *Entrevista concedida à Stella Ferreira Gontijo em 23 de janeiro de 2024, Albuquerque, Novo México. EUA.*

\_\_\_\_\_. *Entrevista concedida à Stella Ferreira Gontijo em 29 de março de 2024, Albuquerque, Novo México. EUA.*

#### *Fontes auxiliares*

CASTRO, Fidel. *Discurso proferido no comício de homenagem aos mártires do assalto ao palácio presidencial, na escadaria da Universidade de Havana*, em 13 de março de 1962. Disponível em: < <http://www.fidelcastro.cu/pt-pt/discursos/discurso-proferido-pelo-comandante-em-chefe-fidel-castro-ruz-no-comicio-de-homenagem-aos>> Acesso: 14/04/2025.

CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado en la clausura de la V Plenaria Nacional de la FMC, en el Estadio Sandino de Santa Clara*, Las Villa, el 9 de diciembre de 1966. Disponível em: < <http://www.fidelcastro.cu/es/discursos/discurso-pronunciado-en-la-clausura-de-la-v-plenaria-nacional-de-la-fmc>> Acesso: 14/04/2025.

CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado z en el acto clausura del XIII Congreso de la Central de Trabajadores de Cuba*, efectuado en La Habana, teatro de la Central de Trabajadores de Cuba, el 15 de noviembre de 1973. Disponível em: < <http://www.fidelcastro.cu/es/discursos/acto-clausura-del-xiii-congreso-de-la-central-de-trabajadores-de-cuba>> Acesso: 13/04/2025.

CASTRO, Fidel. *O homem novo e a mulher nova em Cuba*. São Paulo: Editora Global, 1979.

DE KOONING, Elaine. *Film Script and Interviews for Randall Documentary*. Entrevista com Elaine the Kooning. Manuscrito, 1990. Disponível em Margaret Randall Papers Archive, CSWR, UNM.

El ajusticiamiento del general Pérez. “Un operativo de justicia”. *Comunicado da FSLN em 8 de março de 1978*. Disponível em: < [https://cedema.org/digital\\_items/3130](https://cedema.org/digital_items/3130)> Acesso: 1 de março de 2025, 12h.

GUEVARA, Che. *Discurso pronunciado en la entrega de Certificados de Trabajo Comunista en el Ministerio de Industrias*, 1964.

GUEVARA, Che. *El socialismo y el hombre en Cuba*, 1965. Disponível em: <[http://www.archivochile.com/America\\_latina/Doc\\_paises\\_al/Cuba/Escritos\\_del\\_Che/escrito\\_sdelche0078.pdf](http://www.archivochile.com/America_latina/Doc_paises_al/Cuba/Escritos_del_Che/escrito_sdelche0078.pdf)> Acesso: 22 de agosto de 2022, 16h.

GUEVARA, Che. Trabajo voluntario y comunismo. In. Lowy, Michael. *El pensamiento del Che Guevara*. México: Siglo XXI editores, 2007

HERRERA, Letícia. Entrevista concedida a Mónica Baltodado em 26 de junho de 1999, intitulada “Las mujeres del Diciembre Victorioso”. Disponível em *Memorias de la lucha sandinista*, site de Baltodano. Disponível em: < [https://memoriasdelaluchasandinista.org/view\\_stories.php?id=28](https://memoriasdelaluchasandinista.org/view_stories.php?id=28)> Acesso: 24/02/2025.

JONES, Beverly; BROWN, Judith. *Toward a Female Liberation Movement*. Roz Payne Sixties Archive, 1968. Disponível em: < <https://rozsixties.unl.edu/items/show/686>> Acesso: 11 de dezembro de 2024.

*Lei Nº 154. Código de las Familias.* República de Cuba, 2022. Disponível em: <<https://www.parlamentocubano.gob.cu/sites/default/files/documento/2022-09/goc-2022-099.pdf>> Acesso: 18/04/2025.

*Ley Nº 1289. Código de la Familia,* Republica de Cuba, 1975. Disponível em: <[https://oig.cepal.org/sites/default/files/1975\\_ley1289\\_cub.pdf](https://oig.cepal.org/sites/default/files/1975_ley1289_cub.pdf)> Acesso: 18/04/2025.

MONDRAGÓN, Sergio. Remembering El Corno Emplumado. In. *Exibição El Corno Emplumado: Hemispheric Poetry Networks, 1962-1969.* 2015, s/p. Disponível em: <<https://opendoor.northwestern.edu/archive/exhibits/show/el-corno-emplumado-hemispheric/remembering-el-corno-randall>> Acesso em: 05/09/2022, 16h32.

ORTEGA, Humberto. *Discurso proferido no encerramento do III Congresso da FMC*, em Havana, em 1980.

PINEDA, Magaly. Introducción. In. RANDALL, Margaret. *...y también digo mujer.* Todas estamos despiertas. testimonio de la mujer nicaraguense hoy. República Dominicana: Ediciones Populares Feministas, 1983, p. 7-12.

RUSSEL, Michelle Gibbs. Introduction. In. RANDALL, Margaret. *Women in Cuba: twenty years later.* Nova Iorque: Smyrna Press/ Pella Publishing Co. (manuscrito), 1981, p.9-11.

VARESE, Stefano. Presentación. In. RANDALL, Margaret. *Sobre la situación de la mujer.* Lima, Peru: Sistema Nacion al de Apoyo a la Movilizacion Social; Centro de Estudios de Participación Popular, 1973, p.1-3.

#### *Videos e entrevistas*

CAPLES, Gorret. City Lights Live. San Francisco, EUA: City Lights Foundations. 30 de novembro de 2021. Entrevista com Margaret Randall. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fT7zctfwfc0>> Acesso: 28/03/2022.

Nicaragua and Cuba with Margaret Randall. The Magnificast (Podcast), 14 de maio de 2021. DE LA GARZA, Amanda; ESCOTO, Daniel. El feminismo, una herramienta para pensar el poder. La batalla del arte feminista. Vindictas. Cidade do México, TV UNAM, 28 de junho de 2020. Programa de televisão/youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cOW4Fnk9ayk>> Acesso: 23/03/2022.

ELIZABETH, Lynne. Margaret Randall conversation. Massachissets, EUA: Belmond Books. 9 de dezembro de 2020.

ESPINOZA, Santiago. La escuela de poesía de Colombia: XIV Festival de Poesía en Pereira. 27 de agosto de 2020. Entrevista com Margaret Randall. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fucO8PPguBI>> Acesso: 05/05/2022.

HUTCHISON, Elizabeth. Discussion with Gioconda Belli and Margaret Randall. University of New Mexico. 28 de outubro de 2020.

KIM, Leslie. A conversation with author, photographer and scholar Margaret Randall with readings from her memoir *I Never Left Home*. Albuquerque, EUA: Albuquerque Museum. 1

de julho de 2020. Entrevista com Margaret Randall. Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=TWbWlzdhrF4>> Acesso: 27/03/2022.

MARGARET RANDALL ON “THE SANDINISTAS: A FEMINIS LENS”. Duke University. 23 de outubro de 2020. Disponível em:  
<[https://www.youtube.com/watch?v=\\_MxnFcbDwoY](https://www.youtube.com/watch?v=_MxnFcbDwoY)> Acesso: 30/03/2022.

SALAZAR, Fernando. La Palabra Compartida. Cidade do México: DGEST Media TV; Revista literária Taller Igtur; Revista de poesía Delirio; Congregación Literária de la Ciudad de México. 12 de maio de 2020. Entrevista com Margaret Randall. Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=220Eq7FXJXU>> Acesso: 27/03/2022.

SIGO, Cedar. Elliot bay book company. 4 de setembro de 2020. Entrevista com Margaret Randall.

STEVENS, Dean. Poetry and Questions: Cuba and Nicaragua. Boston, The Community Church of Boston. 28 de novembro de 2021. Entrevista com Margaret Randall. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1cBrY7UjaaU>> Acesso: 24/03/2022.

Two Poets, Revolutionaries, Two Friends: Gioconda Belli and Margaret Randall Converse. Willard Lecture series. Albuquerque, EUA, UNM University Libraries Chanel. 28 de outubro de 2020. Programa de TV/Youtube. Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=yVXW0HUlzl0>> Acesso: 28/03/2022.

Using the Randall archives: photography, poetry, politics. University of New Mexico. 28 de Outubro de 2020.

VALBUENA, Jorge. Entre amigos. Colômbia, Poetas en Vela; Colectivo Casa Desnuda; Revista Latinoamericana de Poesía la Raíz Invertida. 14 de junho de 2020. Entrevista com Margaret Randall. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WCMBcZCe5bw>> Acesso: 24/03/2022.

\_\_\_\_\_. Entre amigos. Colômbia, Poetas en Vela; Colectivo Casa Desnuda; Revista Latinoamericana de Poesía la Raíz Invertida. 21 de junho de 2020. Entrevista com Margaret Randall Parte 2. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CV12sLvTT58>> Acesso: 26/03/2022.

RANDALL, Margaret. Writing Peace in a Time of War. Lecture Series. Albuquerque, EUA: University of New Mexico, International Studies Institute. Conferência. 9 de novembro de 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=X8Af6g556ro>> Acesso: 27/03/2022.

MIZRAHI, Ana Maria. InfoTNU. Montevideo, TNU Uruguai. 2014. Entrevista com Margaret Randall. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ka1PnZgbHrY>> Acesso: 26/03/2022.

Reading of Margaret Randall. University of Arizona: Gender and Women's Studies SIROW. 13 de fevereiro de 2014.

PRICE, V.B. Inside New Mexico, Mercury's Library. Novo México, EUA: New Mexico Mercury. 18 de julho de 2013. Entrevista com Margaret Randall.



PEPPA's, Paul. UO Today. EUA: University of Oregon. 27 de abril de 2012. Programa de TV. Entrevista com Margaret Randall. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=wOM0Sjhd-LQ&list=PLzLpbVEfdSxn6FrHfGNrhiw1rd26RPoR\\_](https://www.youtube.com/watch?v=wOM0Sjhd-LQ&list=PLzLpbVEfdSxn6FrHfGNrhiw1rd26RPoR_)> Acesso: 20/06/2022.

